**Correspondência latina**

**Autor(es):** Góis, Damião de

**Publicado por:** Imprensa da Universidade de Coimbra

**URL persistente:** URI:http://hdl.handle.net/10316.2/2958

**DOI:** DOI: http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0341-4

**Accessed :** 29-Sep-2015 16:07:57

Portvgaliae

Monvmenta Neolatina

Vol. IX

Damião de Góis

# Correspondência Latina

Imprensa da Universidade de Coimbra

(Página deixada propositadamente em branco)

Portvgaliae
Monvmenta Neolatina

Coordenação Científica

A P E N E L
Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos



A P E N E L

**COORDENAÇÃO CIENTÍFICA**

Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos - APENEL

**DIRECÇÃO**

Sebastião Tavares de Pinho, Arnaldo do Espírito Santo,
Virgínia Soares Pereira, António Manuel R. Rebelo,
João Nunes Torrão, Carlos Ascenso André,
Manuel José de Sousa Barbosa

**COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Maria João Padez de Castro

**EDIÇÃO**

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensauc@ci.uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: http://siglv.uc.pt/imprensa/

**CONCEPÇÃO GRÁFICA**

António Barros

**PRÉ-IMPRESSÃO**

José Manso

**IMPRESSÃO E ACABAMENTO**

Sereer, soluções editoriais

**ISBN**

978-989-26-0006-2

**ISBN Digital**

978-989-26-0341-4

**DOI**

http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0341-4

**DEPÓSITO LEGAL**

299700/09

**OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:**









Programa «Cultura»

Projecto financiado com o apoio da Comissão Europeia. A informação contida nesta publicação vincula exclusivamente o autor, não sendo a Comissão responsável pela utilização que dela possa ser feita.

Portvgaliae Monvmenta Neolatina

Vol. IX

Damião de Góis

# Correspondência Latina

Estabelecimento do texto latino
Introdução, tradução, notas e comentário

Amadeu torres

EACEA
Education, Audiovisual & Culture
Executive Agency

DG Educação e Cultura
Programa «Cultura»

IU
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

(Página deixada propositadamente em branco)

# INTRODUÇÃO

## 1. Damião de Góis e as Sete Partidas

«Entre os homens que representaram Portugal no estrangeiro durante a primeira metade do século XVI, talvez não haja outro que desse maior glória ao nome português» – como nos assevera, com motivações sobejas, Joaquim de Vasconcelos num dos seus estudos (1879), posteriormente republicado. Nesta compilação[1], promete em nota uma monografia intitulada *Damião de Góis e o século XVI*, que afirma concluída mas nunca apareceu. Desta feita, o melhor trabalho biográfico no género continua a ser o de Elisabeth Feist Hirsch (1967), apresentado pela Fundação Calouste Gulbenkian em vernáculo vinte anos depois. Há, não obstante, inúmeros relatos, breves ou longos, desde os primeiros que renomados impressores-livreiros alemães compuseram e divulgaram[2], conscientes ou não de quanto, na exaltação de compatriotas ilustres, por dores de cotovelo ou qualquer esconsa brotoeja, seguimos sempre à ré.

Nasceu Damião de Góis na vila de Alenquer em 1502, corria o mês de Fevereiro. Filho de Rui Dias de Góis e de sua quarta mulher Isabel Gomes de Limi cujo avô, nobre flamengo, terá vindo a este reino por negócios da infanta D. Isabel, filha de D. João I e duquesa de Borgonha, foi o que mais se notabilizou entre os seis irmãos e dois meio-irmãos, um deles Francisco de Macedo, comendador da Ordem de Cristo, cuja cunhada Ana Macedo será a mãe de Luís de Camões, e Frutuoso ou Fruitos de Góis que precedeu a Damião na Corte. Acrescente-se que Antónia de Góis, uma entre os seis, terá na sua

---

[1] Cf. *Archeologia Artistica*, XII, Porto, 1897.

[2] Cf. *De Rebus Hispanicis, Lusitanicis, Aragonicis, Indicis et Aethiopicis* [...], de Arnold Mylius, Colónia, 1602; *Hispaniae Illustratae seu Rerum Vrbiumque Hispaniae, Lusitaniae, Aethiopiae et Indiae Scriptores uarii* [...], de Andeas Schott, Francfort, 1603; *Damiani a Goes Equitis Lusitani Opuscula quae in Hispania Illustrata continentur*, Coimbra, Typ. Academico-Regia, 1791.

descendência Manuel Maria Barbosa du Bocage, nascido em 1765. Quanto aos irmãos Manuel e Ambrósio, ascenderão também a comendadores da citada Ordem[3]. A notabilidade extraordinária de Damião não resultará, porém, de suposta bastardia aventada por Callidius[4] (1581), Vander Straeten[5] (1882) ou Luciano Ribeiro[6] (1961) com relação a D. Manuel, nem por haver percorrido as regiões de África e Ásia qual os dois primeiros autores escreveram, mas de altos méritos próprios arduamente conquistados.

Após 12 anos de vida áulica durante os quais se exercitou nomeadamente na gramática, a latina sem dúvida, então o meio único de aprendizagem da língua pátria, abala em 1523 para Antuérpia como escrivão do famoso entreposto comercial onde era feitor João Brandão e tesoureiro Rui Fernandes de Almada, em breve ocupando a feitoria por sucessão àquele em 1526. Os bons serviços e o prestígio alcançados nos cinco anos iniciais, movem D. João III a indigitá-lo como abalizado mercador e diplomata credenciado com missões régias perante portos da Hansa e as cortes da Polónia e Dinamarca em 1529 e 1531, durante cujos trajectos aproveita para outrossim contactar destacados vultos do humanismo e seus credos religiosos, que sem dificuldade acrescem aos já conhecidos de Antuérpia e Lovaina. Publicada a *Legatio* (1532), que compôs a instâncias dos irmãos Magno Gothus exilados em Danzig, decide visitar Erasmo, sob carta comendatória do seu hospedeiro e mestre de latinidade, Rogério Réscio, aproveitando a deslocação para conhecer Münster, Grineu e Bonifácio Amerbach.

Chamado a Lisboa para tesoureiro-mor da Casa da Índia, despede-se dos amigos, entre eles Cornélio Grapheus, seu mestre de língua latina anterior a Réscio e editor da *Legatio*. O afastamento, contudo, demorou pouco, ao contrário do que pensava. As intrigas e rivalidades à sua volta, rapidamente o convenceram a recusar tão honroso cargo. Pretextando peregrinação a Compostela, retorna em princípios de 1534 às margens do Reno, chegando a Basileia em 9 de Abril e estabelecendo-se como hóspede e aluno de Erasmo, em Friburgo, cerca de quatro ou cinco dias após, até 18 de Agosto, data em que, bastante a contra gosto, parte para a Universidade de Pádua, em consequência das más línguas que, de perto e de longe, o beliscavam e à sua convivência mais próxima. Jamais olvidará, porém, estes saudosos meses, interrompidos apenas em Junho para uma fuga a Antuérpia e Lovaina, ocasião essa que lhe facultou a passagem por Estrasburgo e o encontro com Butzer (Bucero), Koepfel (Capito) e Heid (Hédio).

---

[3] Cf. Guilherme J. C. Henriques, *Inéditos goesianos*: I - *Arquivo de Família*; II – *O Processo na Inquisição*, 2.ª ed. fac-similada, Alenquer, Arruda Editora, 2002; João Nogueira Ramos, *Nos caminhos de Góis*, Lisboa, ed. de Autor, 2001.

[4] Cf. Cornélio Callidius, *Illustrium Germaniae Scriptorum Catalogus*, Mogúncia, 1581 e 1582.

[5] Cf. Edmundo Vander Straeten, *La Musique aux Pays-Bas avant le XIXe siècle*, Bruxelas, 1882.

[6] Vd. *Vida Ribatejana*, n.º esp. de 1961, em que se insinua o mesmo sem alusão a fontes precedentes.

Durante o quadriénio paduano visitou Roma (1535), e Roma e Nápoles em 1538, o que a *Ficção de Polites* de 2 de Abril deste ano exalta comparticipante dos votos dos colegas de estudos Villinger de Schoenenberg, Cristóvão von Stadion e João Paludano de Calais pelo êxito do passeio e feliz regresso. As vertigens, de que se queixava amiúde nas cartas, procurava deste modo curá-las ou aliviá-las, a conselho dos físicos quanto à equitação e vilegiaturas. Latinista formado com o aval de Pádua e dos seus mestres ciceronianos da maior craveira, prenda académica a juntar ao humanista, ao embaixador e diplomata, ao artista na música e na execução instrumental, ao tradutor do *Catam Maior* (1538) e do *Ecclesiastes* (1538), ao cronista da *Legatio* (1532) que a historiografia consagrará quer na língua do Lácio quer na portuguesa, ao cosmopolita convivente e tolerante, ao cristão ecuménico e interventivo, ao político a serviço do Império com voz de acatamento Europa além na expressão autorizada e recentíssima de Rosado Fernandes[7], Damião de Góis casa, nos finais de 1538 ou na entrada do ano seguinte, com Joana van Hargen, da alta nobreza da Holanda, fixando morada em Lovaina, onde, sempre sedento de mais saber, se matricula, agora oficialmente, na Universidade ao lado.

Mais uma vez, contudo, os seus cálculos falharam. Desapreciados o denodo e devotamento, como chefe dos estudantes, no cerco de Lovaina (1542) que redundou no seu cativeiro em França e caro resgate, tal ingratidão, mais gravosa por originada no Senado universitário, esmorecem-lhe os intuitos de ali ficar em definitivo. Tão-só o Conselho da cidade o compreendeu, bem como os estudantes. De qualquer forma, o painel que hoje figura na *Alma Mater* algo quer recordar de simpatia e gratidão. Com efeito, se a *Oratio* goisiana à Universidade nada produziu, nem a *Vrbis Louaniensis obsidio* de Nanninck, ambas de 1543, o certo é que a refundição de tal *Oratio* por parte de Góis em *Vrbis Louaniensis obsidio* (1546) surtiu efeito junto de Carlos V a quem o opúsculo veio dedicado. O imperador, todavia, já anteriormente conhecedor dos factos, agraciou Damião de Góis com novas armas em 1544.

Trouxe ao menos essa consolação no regresso, em 1545, em atenção ao convite de D. João III para preceptor do príncipe, o que não se realiza por interferência da Inquisição, alertada por escrúpulos de Simão Rodrigues que praticara com Góis em Pádua. Reintimado em 1550, Simão depõe novamente, mas o Processo só avança em 1571. Entretanto é nomeado guarda-mor da Torre do Tombo, enquanto António Pinheiro era investido em cronista-mor de nada. Seguiram-se as obras primas em português, a *Crónica de D. Manuel* (1566-67) e a *Crónica do Príncipe D. João* (1567). Sabe-se das correcções a que o obrigaram as prosápias da época. O que é certo é que em 4 de Abril de 1571 entra nos

---

7 Cf. «Um político ao serviço do Império», comunicação no *Congresso Internacional Damião de Góis na Europa do Renascimento*, *Actas*, Braga, Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa, 2003, reunida in Raul Miguel Rosado Fernandes, *Em busca das raízes do Ocidente*, I, Lisboa, Alcalá, 2006, pp. 259-293.

cárceres da Inquisição, tribunal que sempre odiei profundamente pelo asco que me causa, muito embora tente relativizar-lhe as usanças face aos condicionalismos conjunturais. Em 9.XII.1572 proferiu-se a sentença contra o «lutherano e reconseliado em forma», condenando-o a cárcere perpétuo e transferindo-o para o Mosteiro da Batalha, aonde entrou em 16 de Dezembro um luterano que só o foi nos bestuntos turvos e curtos dos inquisidores. Libertado no ano seguinte de 1573, morre em 30 de Janeiro de 1574, talvez em casa, de apoplexia, sentado à lareira como já em 1602 e 1603 escreveram Arnold Mylius e Andreas Schott, até porque a atoarda de assassinato ficou sem base após a confirmação, em 2002, de que o crânio encontrado na sua sepultura não lhe diz respeito.

Aludiu-se atrás a Callidius e a Vander Straeten e às suas opiniões acerca do nascimento de Damião de Góis na Zelândia, província dos Países-Baixos. O erro explica-se porventura através da descendência lá deixada por seu primogénito Manuel que, formado na Universidade de Lovaina e casado com Francisca Duval, não mais regressou a Lisboa. Neste casal se filiam barões, condes e até um cardeal, assim como os *Grafen Goes* austríacos. Hoje a família goisiana encontra-se espalhada pelos continentes.

Em 1938 sentenciava Marcel Bataillon[8] a propósito de Damião de Góis: «Aujourd'hui son étoile semble pâlir». Felizmente enganou-se, confiado na parca vocação de pitonisa. É que, em verdade, o que aconteceu foi precisamente o contrário: um movimento de adesão, de interesse, de investigação, de exaltação e discernimento a alastrar-se sucessivamente até ao fecho do século e mesmo a transpô-lo sem que o vejamos parado no seu impulso. Atente-se apenas isto: a versão dos *Opúsculos* (1945) por Dias de Carvalho; *O Processo de Damião de Góis na Inquisição* (1971), de Raul Rego, sessões e publicações por ocasião do quarto centenário da sua morte (1974), prejudicados com a Revolução coeva, a quem a cultura pouco incomodava; Luís de Matos e a sua tese complementar de doutoramento de Estado (Paris, 1959); a notável perquisição biográfica goisiana de Elisabeth Feist Hirsch (1967); a tese doutoral *Noese e crise na Epistolografia latina goisiana* que defendi em 1980 (Lisboa); os *Estudos biográficos sobre Damião de Góis* (1977) de Leite de Faria; «O Processo de Damião de Góis na Inquisição» de Isaías da Rosa Pereira, in *Anais* da Academia Portuguesa da História, 1975; *Damião de Góis, o historiador* (1976) de J. Veríssimo Serrão; *Inéditos goesianos* (2 vols.) de Guilherme J. C. Henriques, em reedição fac-simil. (2002); um ror de estudiosos cujas obras surgiram nas últimas décadas e me dispenso de citar: Jorge Alves Osório, Luís Filipe Barreto, Cadafaz de Matos, José Fernando Tavares, Agostinho Domingues, José da Felicidade Alves, João Nogueira Ramos; a descoberta invulgar, por Thomas Earle, da versão goisiana do

---

[8] Cf. em *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1974: «Le cosmopolitisme de Damião de Góis», p. 125.

*Ecclesiastes* (1538), em Oxford no ano 2000; o excelente romance-biografia de Damião levada a cabo por Fernando Campos em *A Sala das Perguntas* (1998).

Finalmente nas comemorações do pentacentenário do nascimento multiplicaram-se os colóquios: na Universidade de Coimbra, na Academia Portuguesa da História, na Casa de Góios em Lisboa, na vila de Alenquer que lhe ergue uma estátua, na Universidade de Lisboa que no evento congregou Damião de Góis e Pedro Nunes sob a batuta de Aires A. Nascimento, o autor da nova versão da *Vrbis Olisiponis descriptio* (2002), a melhor que temos. E ainda a reedição do texto *princeps* do *Catam Maior* (1538) por José Alves Dias (2003). Tudo rematado com o magno *Congresso Internacional sobre Damião de Góis na Europa do Renascimento*, organizado no fecho das comemorações pela Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa em 28-31 de Janeiro de 2003, precedido da Exposição Goisiana na Biblioteca Nacional, donde veio para a Biblioteca Pública de Braga e cativou os congressistas, um dos quais bem conhecido e já entusiasmado pela temática, prossegue com a reedição e versão portuguesa dos opúsculos latinos goisianos, de que já saíram dois grossos tomos[9].

É bem tempo de trazer para aqui esta estrofe (Miq. 7, 8) da canção «Ne laeteris», a 3 vozes, que Góis tanta vez entoou, dedilhada a clavicórdio, e Glareano publicou no *Decachordon* (1547, p. 265):

«Não te alegres, minha inimiga, a meu respeito.
Se caí, hei-de levantar-me;
Se estou sentado nas trevas,
O Senhor será a minha luz!»

Luz que muitos tentaram apagar, mas que continua, polifacetada e não empalidecida, a iluminar, através das suas obras, o mundo da cultura, aquém e além fronteiras.

[9] É digna de citar-se igualmente a tese de Doutoramento de Maria Isabel Pestana de Mello Moser, na Universidade Autónoma de Lisboa, em 2004, intitulada *Ecumenismo e irenismo no pensamento de Damião de Góis*, que incluiu a edição diplomática do *Processo* na Inquisição.

## 2. Damião de Góis e a sua obra literária

Registam-se apenas as primeiras edições que dos textos latinos, ou versões do latim, se multiplicaram até cerca de 120 e honraram os prelos de muitas cidades, como Antuérpia, Lovaina, Londres, Veneza, Augsburgo, Genebra, Paris, Lyon, Colónia, Francfort, Rostock, Wittenberg, Basileia, Giessen, Lisboa, Évora; e bem assim dos textos em português, que orçam por 16 reedições, aproximadamente.

Obras latinas ou versões do latim:

- *Legatio Magni Indorum Imperatoris Presbyteri Ioannis ad Emmanuelem Lusitaniae Regem* […], Antuérpia, João Grapheus, 1532.
- *Livro de Marco Tullio Ciçeram chamado Catam maior, ou da velhice, dedicado a Tito Pomponio Attico*. Em Veneza, por Stevão Sabio, 1538.
- *O Livro de Ecclesiastes*, reprod. em fac-símile da edição de Stevão Sabio (Veneza, 1538) por Thomas F. Earle, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- *Commentarii rerum gestarum in India citra Gangem a Lusitanis anno 1538* […], Lovaina, Rogério Réscio, 1539.
- *Fides, religio moresque Aethiopum sub Imperio Preciosi Ioannis degentium* […], Lovaina, Rog. Réscio, 1540.
- *Hispania*, Lovaina, Rog. Réscio, 1542.
- *Aliquot opuscula*, Lovaina, Rog. Réscio, 1544.
- *Vrbis Louaniensis obsidio*, Lisboa, Luís Rodrigues, 1546.
- *De bello Cambaio ultimo comentarii tres*, Lovaina, Servácio Sasseno de Diest, 1549.
- *Vrbis Olisiponis descriptio*, Évora, André de Burgos, 1554.

Obras em português:

- *Chronica do Felicissimo Rei Dom Manuel […] dividida em quatro partes, das quais esta é a primeira*, Lisboa, Francisco Correa, 1566; em 1566, 1567, 1567 saíram as restantes.
- *Chronica do Principe Dom Joam*, Lisboa, Francisco Correa, 1567.
- *Nobiliário de Portugal*, inédito inacabado, o mais estimável depois do do Conde D. Pedro. Conservou-se na Biblioteca Nacional até 1622. Uma cópia estava no século XVIII, em poder de D. António Caetano de Sousa e outra em Madrid. É conhecido pelo nome de *Livro das Linhagens Novas* e há cópia na Biblioteca Nacional.

- A epistolografia engloba 37 cartas latinas, algumas nuncupatórias, e cerca de uma vintena em português, várias delas com função social idêntica. Na investigação daquelas muito trabalharam Joaquim de Vasconcelos e depois Luís de Matos, meus predecessores nestas andanças que, com o seu contributo científico, se me tornaram menos árduas. Aqui lhes presto a minha grata homenagem.

## 3. Critérios editoriais e fixação do texto

Como estão à vista aqueles, ora com base nos manuscritos ora, em simultâneo ou não, nas fontes impressas que, por seu turno, se multiplicam quando importa o registo de variantes, ou se restringem por ausência delas, dispenso-me de explicações supérfluas. No concernente ao texto adoptado, procedeu-se à sua normalização, o que, se por um lado descaracteriza historicamente os autores visados obrigando-os a envergar trajo grafémico à Dior adquirido em lojas inexistentes na época, mas paradoxalmente minimizado pelo aparato crítico; por outro livrará talvez Damião de Góis de um menor apreço derivado do confronto com poligrafias coevas que parecem defeitos ou tergiversações de aprendiz, muito embora nada elucide sobre construções frásicas estranhas à gramática escolar que não raro se rotulam de erros quando afinal andaram sempre abonados por escritores latinos menos comuns que Cícero, Lívio, Vergílio ou Horácio.

Deu-se-me ocasião de o comparar há quase trinta anos[10] na acríbica análise, frase a frase, sintagma a sintagma, da correspondência latina activa, constituída por 37 cartas, trabalho um tanto inglório que pouquíssimos terão resolvido percorrer, atendendo a que não conseguiu o desbanque de ideias feitas e mitos de outiva propalados. Singular excepção é Aires A. Nascimento em obra recente[11], ao pôr bem em foco que certos reparos à escrita goisiana na *Vrbis Olisiponis descriptio* devidos a Raul Machado[12], não são erros, senão construções de outros que não Marco Túlio, também eles com aura e autoridade suficientes na língua do Lácio.

Globalmente, porém, a crítica depreciativa do latim de Damião de Góis, que arregimenta, aquém e além fronteiras, grupos de corifeus acríticos e

---

[10] Cf. *Noese e crise na Epistolografia latina goisiana*: I – *As Cartas latinas de Damião de Góis*, pp. 63-221; II – *Damião de Góis na mundividência do Renascimento*, pp. 145-172 e 307-310. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

[11] Cf. «Damião de Góis, leitor de textos antigos. Um percurso pela *Vrbis Olisiponis descriptio*», in *Pedro Nunes e Damião de Góis – Dois rostos do Humanismo português, Actas do Colóquio do V centenário do nascimento (2002 – 28 de Junho)*, Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Estudos Clássicos, 2002, pp. 155-179.

[12] Cf. *Lisboa de Quinhentos – Descrição de Lisboa*, Lisboa, Livraria Avelar Machado, 1937, pp. 11 ss.

apropriadores superficiais do alheio, originou-se num texto de Marcel Bataillon[13] que neste particular optou pelo radicalismo do tudo ou nada, do oito ou oitenta. De facto, para o grande erasmiano a quem altamente considero e do qual desde há décadas discordo, o nosso Damião «ne fut point styliste en portugais, ne fut pas davantage ciceronian en latin», cujo estudo iniciou «trop tard»; após dois anos de Pádua escapavam-lhe «des fautes dont auraient souri des écoliers de treize ans», palpito que doutra galáxia. E por aí adiante, visto não ter sido um Cícero nem um João de Barros.

O exagero ressalta a olhos nus. Com efeito, se Damião de Góis não curou do estilo nas obras em vernáculo, por que razão o incluiu o insuspeito Rodrigues Lapa nos seus *Textos literários*[14]? «Há também neste domínio rectificações a fazer, reposições a formular», alertou J. V. de Pina Martins[15] em 1982, aliás na sequência do que já anteriormente achara Aubrey Bell. No intuito de sujeitar a experimento esta questão, comparei[16] o autor das *Décadas da Ásia* com o da *Crónica de D. Manuel*, obtendo em resultado uma extraordinária aproximação e similitude de escrita, conquanto a daquele se apresente muito mais alatinada. Afinal, a cantilena da preocupação pela verdade, com que se aureola o ideal do historiador-cronista, obnubilou nos comentadores a luminosidade destoutros requisitos que ele assinala no prólogo da *Crónica do Príncipe D. João*: «alto estylo d'escrever, grande ornato de linguagem, sotil e discreto artificio rhetorico».

A respeito da iniciação goisiana na latinidade, o certo é que ela até foi bem precoce. Bataillon desconheceu o que se lê na *Crónica de D. Manuel* (IV, 84): que este monarca era «tão desejoso da nobreza do Reino ser instruída em letras que mandava aos seus moços fidalgos e de câmara em que para isso havia algum jeito, ouvir cada dia lição de gramática ao bairro dos escolares de Lisboa, onde então estavam os estudos gerais». Não passa, pois, de uma balela a incursão «demasiado tardia» de Góis no latim. E creio até, com mais alguns, que a data de 1529 como a do recomeço do estudo com Grapheus em Antuérpia, deverá porventura antecipar-se, não só porque custa admitir cinco anos de torpor latino (1523-1528) por parte do fogoso moço fidalgo numa sociedade instruidíssima na língua dos humanistas, mas também pelo motivo de que, sem tal antecipação,

---

13 Cf. «Le cosmopolitisme de Damião de Góis», in *Révue de littérature comparée*, XVIII, Paris, 1938, pp. 23-58, recolhido em *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1974², mas já traduzido há muito e prefaciado por Castelo Branco Chaves em *O cosmopotilismo de Damião de Góis*, Lisboa, Cadernos Seara Nova, 1939, 71 pp.

14 Cf. *Textos Literários. Historiadores quinhentistas*, selecção, prefácio e notas de Rodrigues Lapa, Lisboa, Clássica Editora, 1942

15 Cf. o prefácio – «Sob o signo da *latinitas*», in *Noese e crise na Epistolografia latina goisiana*, I, atrás citado.

16 Cf. «Damião de Góis nas crónicas em português: reexame de uma sintagmática e giro periodal subsidiários da *latinitas* renascentista», in Amadeu Torres, *Ao reencontro de Clio e de Polímnia*, Braga, Universidade Católica Portuguesa e Faculdade de Filosofia, 1998, pp. 37-54.

não consegue explicar-se logicamente a extraordinária familiaridade que em 1529 existia entre ambos.

Quanto às faltas ou falhas da escrita que deixariam boquiabertos estudantes imberbes, é força de expressão de quem nunca se debruçou, em pormenor ou detalhes mínimos, sobre essas laudas epistolares com a consciência prévia de que há uma grande diversidade de construções que pode adoptar quem não era nenhum Cícero, como Erasmo não era nem outros muitos apesar da craveira incomum que lhes conhecemos.

Soa entretanto a ligeireza, a afirmação de que Góis excluiu dos *Opuscula* (1544) as onze cartas para Amerbach por as achar imperfeitas, havendo em contrapartida colocado lá as dos seus correspondentes ilustres, vindas dos quatro cantos da Europa. Na juventude, fixei aquela norma lógica de aviso: «o que prova demais, nada prova». Ora esta argumentação é desse teor e a réplica ressalta sem demora. Na verdade, com que intuito, das 6 cartas de Amerbach para ele, Góis só publicou duas? Das 10 de Erasmo e das quatro endereçadas ao roterdamês, nem uma sequer? No entanto, não esqueceu uma larga carta sua ao cardeal Sadoleto, outra longa a Clenardo e uma breve a João Jacob Fugger, as três contendo assuntos de importância para a Igreja ou para a cultura.

No caso vislumbra-se, segundo penso, maior complexidade do que a derivada de falhas para distrair imberbes. Das duas cartas de Amerbach seleccionadas, a primeira responde a uma pergunta feita por Damião a propósito de certo espanhol a contas com a justiça; a segunda, informa-nos da sua abalada para Pádua. A onzena epistolográfica de Damião e as restantes amerbachianas ou são de interesse restrito, ou tratam de câmbios solicitados pelo professor de Basileia ao amigo português, que não se fazia rogado e naturalmente preferiu conservar o facto longe da praça pública. As dez erasmianas e as quatro goisianas expressavam uma invejável relacionação que já havia suscitado maquinações e suspeitas sectárias de parte de «crocodilos, hienas e víboras», inclusive compatriotas, como sublinha Goclénio na carta de 11 de Junho de 1534. O próprio Erasmo o aconselhou a afastar-se de Friburgo e dos linguareiros espiolhantes, sugerindo-lhe a Universidade italiana.

Sem apreço diminuído pelo Mestre parisiense, cada vez me convenço mais de que se torna imperioso reformular o «non plus ultra» que caiu entre nós, e não só, como uma sentença de algum supremo tribunal internacional das Letras acriticamente acatada por, entre outros, Castelo Branco Chaves, Câmara Reis, Mário de Sampaio Ribeiro, Luís de Matos em parte, Elisabeth Feist Hirsch, Odette Sauvage, Albin Eduard Beau[17].

---

[17] Cf. *Noese e crise na Epistolografia latina goisiana*, II, atrás citado: «A *latinitas* goisiana vista de fora» (pp. 145-172); «A *latinitas* goisiana vista de dentro» (pp. 173-258).

## 4. Bibliografia complementar

Além da fundamentalmente constituída, em trabalhos desta índole, pelos manuscritos e obras impressas, e devidamente indicada no lugar próprio. Em geral, não se repetem as registadas no decorrer desta introdução e poucas das que alicerçaram notas e comentários, por prevenção de redundâncias. Chama-se, porém, a atenção para as de índole abrangente, como *Algemeine Deutsche Biographie*, *Bibliographie Nationale Belge*, *Brokhaus Enkyclopädie*, *The Cambridge Modern History*, *Dictionary of National Biographie*, *Nederlandsche Bibliographie* e a conceituada *Wissova*; e para mais algumas que as notas citaram talvez deficientemente:


Johann Albrecht, *Beiträge zur Geschichte der portugiesischen Historiographie der Sechszenten Jahrhunderts*, Halle, 1915.

Maria do Rosário Themudo Barata, *Rui Fernandes de Almada, diplomata português do século XVI*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1971.

Marcel Bataillon, *Erasmo y España – Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI*, 2.ª ed. esp. corrigida e aumentada, México-Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1966.

M. Gonçalves Cerejeira, *O Renascimento em Portugal*. I – *Clenardo e a sociedade portuguesa*; II – *Clenardo, o Humanismo, a Reforma*, 4.ª ed. rev., Coimbra Editora, 1974-1975.

Richard Copley Christie, *Étienne Dolet. The martyr of the Renaissance (1508-1546). A Biography*, 2.ª ed., London, Macmillan and Co., 1899.

J. Sebastião da Silva Dias, *A política cultural da época de D. João III*, I [2 vols.], Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos, 1969.

Des. Erasmi, *Opera omnia*, II – *Adagia*, Leida-Hildesheim, Georg Olms, 1961.

Francisco Leite de Faria, *Estudos bibliográficos sobre Damião de Góis e a sua época*, Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura, 1977.

J. A. Goris, *Étude sur les colonies marchantes méridionales (Portugais, Espagnols, Italiens) à Anvers de 1488 à 1567*, Louvain, Libr. Universitaire, 1925.

Guilherme J. C. Henriques, *Inéditos goesianos*. I – *Arquivo de família*; II – *O Processo na Inquisição*, fac-símile da ed. de 1896-1898, Alenquer, Arruda Editora, 2002.

Luís de MATOS, *Les portugais en France au XVI$^{e}$ siècle*, Coimbra, Acta Univ. Conimbrig., 1952

—, *La correspondance latine de Damião de Góis*, introd., texte et notes. Thèse complémentaire pour le doct. d'État, Paris, Sorbonne, 1959 [dactilog.].

—, *L'Expansion Portugaise dans la littérature latine de la Renaissance*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

Aires A. NASCIMENTO, *Elogio da cidade de Lisboa de Damião de Góis*. Texto latino e trad. port., introd. por Ilídio do Amaral, ed. crítica e comentário por…, Lisboa, Guimarães Editores, 2002.

Ludwig von PASTOR, *Geschichte der Päpste seit dem Ausgang des Mittelalters* (16 vols.), Freiburg-im-Breisgau, 1886-1933; trad. fr.: *Histoire des Papes depuis la fin du Moyen-Âge* (22 vols.), Paris, Plon, 1888-1962.

Amadeu POLET, *Une gloire de l'humanisme belge: Petrus Nannius (1500-1557)*, Louvain, Libr. Universitaire, 1936.

João Nogueira RAMOS, *Nos caminhos de Góis*, Lisboa, ed. do Autor, 2001.

Jeffrey S. RUTH, *Lisbon in the Renaissance. Damião de Góis – A new translation of the «Vrbis Olisiponis descriptio»*, New York, Italica Press, 1996.

Moreira de SÁ, *De re erasmiana. Aspectos do erasmismo na cultura portuguesa do século XVI*, Braga, Faculdade de Filosofia, 1977.

J. Veríssimo SERRÃO, «Damião de Góis, o historiador», in *Memórias da Academia das Ciências, Classe de Letras*, 27, 1976, pp. 207-286.

Amadeu TORRES, *Noese e crise na Epistolografia latina goisiana*. I – *As cartas latinas de Damião de Góis*; II – *Damião de Góis na mundividência do Renascimento*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1982.

Joaquim de VASCONCELOS, «Damiani a Goes epistolae et aliorum uirorum illustrium», in *Archeologia Artistica*, IX, Porto, 1912.

—, *As cartas latinas de Damião de Góis*, sep. de *O Instituto*, 48, 1901, pp. 55-71.

—, *Damião de Góis. No quarto centenário da Índia Portuguesa ou Renascença Portuguesa*. VIII – *Goesiana. Novos Estudos*, vol. XII da «Archeologia Artistica», Porto, 1897.

—, *Goesiana: b) Bibliografia*, fasc. VIII do vol. II da «Archeologia Artistica», Porto, 1879, acrescida por Guilherme J. C. Henriques, *A bibliografia goesiana*, Lisboa, 1911, sep. do «Boletim da Sociedade de Bibliófilos Barbosa Machado», I (1911-1912), Lisboa.

—, *Albrecht Dürer e a sua influência na Península*, 1.ª ed., Porto, 1877; 2.ª ed., Coimbra, 1929.

Francisco Marques de Sousa VITERBO, *Estudos sobre Damião de Góis*, Coimbra, sep. de *O Instituto*, 1902.

Henry de VOCHT, *History of the foundation and the rise of the «Collegium Trilingue Louaniense» 1517-1550*, I-IV, Louvain, Libr. Universitaire, 1951-1955.

## **5.** A PRESENTE EDIÇÃO

Contém ela 147 Cartas, 37 de Damião de Góis e 110 que lhe foram endereçadas ou, pelo menos, com o grande humanista português têm estreita relação, quer por haverem sido trocadas entre admiradores seus, quer por implicarem colaboração especial solicitada ou aludirem ao ambiente cultural em que tão singularmente se distinguiu e plurificadamente deveio compartícipe.

Sabe-se que, além das 37, escreveu muitas mais, porquanto a outras se alude nas que nos restam; mas nem Joaquim de Vasconcelos, nem Luís de Matos nem o meu esforço extraordinário de pesquisa nas mais cotadas bibliotecas europeias, com notório destaque para os lugares onde prolongadamente conviveu ou por onde algumas vez marcou presença. Saíram a lume na edição crítica de 1982, em *Noese e crise na Epistolografia latina goisiana*, acompanhadas de notas e comentários não alheios a problemáticas então pendentes a demandarem esclarecimento. Uma parte continua a tentar alguma solução sobre estas, enquanto outra se resumiu, quiçá por vezes em demasia, mas devido a imposição quanto ao espaço disponível, o que em grau superior é bem deparável em torno da correspondência passiva.

No entanto, esta, que constitui o III volume de *Noese e crise na Epistolografia latina goisiana*, encontra-se no prelo, enriquecida informacional e comentarialmente sem constrangimentos como aconteceu no volume há quase trinta anos. É por essa razão que tal volume aparece citado com grande frequência, normalmente quando o comentário ou a nota pouco diz do muito que havia para dizer, seja na secção da correspondência passiva, seja na anterior, colmatando assim, de algum modo, clarificações que não poucos julgarão excessivamente breves.

De resto, procurou-se estabelecer um texto crítico fiável, ora apoiado nos manuscritos felizmente consultáveis, não obstante um ou outro já bastante degradado como se verificou com o da Biblioteca Estense, de Módena, precioso espécime da carta de Diogo Pires; ora com base em edições primeiras de autoridade ecdótica reconhecida. Espero não destoe, para ninguém, a inclusão de uma carta na língua alemã coeva (**B** CVII) por proximidade temática com as três que a rodeiam (**B** CVI, CVIII e CIX) e não menor com a **A** XXXVII, originalmente escrita em letra humanística por um amanuense, mas autenticada quanto à data, assinatura e endereço pelo punho de Damião de Góis, declaradamente expresso.

## 6. Bibliografia essencial

### 6.1. Manuscritos e suas siglas

A – **G² II 67** – *Epistolae Amerbachiorum et ad Amerbachios*. Oeffentliche Bibliothek der Universität, Basel.

B – **Barb. Lat. 2158** – *Epistolae autographae uirorum eruditorum ad Petrum Bembum*, Biblioteca Apost. Vaticana.

C – **B.U.B D3** – *Conradi Gloclenii Epistolae autographae ad Des. Erasmum Roterodamum*. Oeffentliche Bibliothek der Universität, Basel.

D – **Korespondencja M.** – *Gdanska PoR 1525-300, 53/102*0 *K.5* Wojewódzkie Archiwum Panstwowe w Gdansku, Gdansk.

E – **D5** – *Variorum Epistolae autographe ad Des. Erasmum Roterodamum*. Oeffentliche Bibliothek der Universität, Basel.

F – **B.U.B. CVI a73** – *Bonifacii Amerbachii concepta Epistolarum ad uarios*. Oeffentliche Bibliothek der Universität, Basel.

G – **G II 17** – *Variorum Epistolae ad Amerbachios*. Oeffentliche Bibliothek der Universität, Basel.

H – **B.U.B. G II 13** – *Variorum Epistolae ad Amerbachios*. Oeffentliche Bibliothek der Universität, Basel.

J – **B.U.B. G² II 60** – *Epistolae Principum nobilium ad Bonifacium Amerbachium*. Oeffentliche Bibliothek der Universität, Basel.

K – **B.U.B. Ki.Ar.18a** – *Epistolarum uirorum eruditorum saeculi XVI*. Oeffentliche Bibliothek der Universität, Basel.

L – **Cod. 331** – *Epitolae autographe uirorum eruditorum ad Des. Erasmum Roterodamum*. Universitätsbibliothek, Leipsig.

M – **Madruchius I** – *Corpus Epistolarum Christophori Madruchii Episcopi Tridentini*. Archivio di Stato, Trento.

Mod – **Fondo Estense – Est. Lat. 174 (Alpha 0.6.15).** Biblioteca Estense. Modena.

N – **B. Bodleian Latin misc. C20 (35596)** – *Epistolae autographae Des. Erasmi, Erasmi Scheti et Eustachii Chapuysii*, London.

O – **B.U.B AN III 15** – *Desideriii Erasmi Roterodami Epistolae autographae*. Oeffentliche Bibliothek der Universität, Basel..

P – **B.A.Vat.-Vat.Lat. 6199** – *Epistolae autographae uirorum eruditorum saeculi XVI*. Biblioteca Apost. Vaticana.

Q – **B.U.B. D4** – *Erasmi Scheti Epistolae autographae ad Des. Erasmum Roterodamum*. Oeffentliche Bibliothek der Universität, Basel.

R – **R 254** – *Epistolae uirorum eruditorum ad Des. Erasmum Roterodamum*. Bibliotecka Universitecka we Wroclawiu, Wroclaw.

S – **Rhenanus I** – *Corpus Epistolarum Beati Rhenani Selestadiensis*. Bibliothèque Humaniste et Archives, Sélestat.

St – **Stadt Archiv – A-LXXVIII**, *5.Abschrift*, Köln.

T – **B.M. Addit 38512** – *Desiderii Erasmi Roterodami Epistolae ad uarios*. British Museum.

V – **Vat. Lat. 5967** – *Epistolae uirorum eruditorum saeculi XVI*. Biblioteca Apost. Vaticana.

## 6.2. Impressos e suas siglas

Alb – *Historische Studien herausgegeben von Richard Fester*. VI. Heft – Johannes Albrecht, Beiträge zur geschichte der portugiesischen Historiographie des sechszehnten Jahrhunderts, Halle A. S., Verlag von Max Niemeyer, 1915 [vd. Först].

Alleng – *Opus Epistolarum Des. Erasmi Roterodami*. Denuo recognitum et auctum per P. S. Allen et H. M. Allen [12 vols., Oxford, 1906-1958]. – Tomus X, 1532-1534. Ediderunt H. M. Allen et H. W. Garrod. Oxonii, 1941 [reimpressão litográfica em 1963].

Allenga – Id. – Tomus XI, 1534-1536. Ediderunt H. M. Allen et H. W. Garrod. Oxonii, 1947 [reimpressão litográfica em 1963].

And – Carlos Ascenso André, *Um judeu no deserto. Diogo Pires e a memória de Portugal*, Coimbra, INIC/CECH, 1992.

Angl – *De Rebus oceanicis et Nouo Orbe Decadas tres, Petri Martyris ab Angleria Mediolanensis. Item eiusdem, De Babylonica Legatione, libri III. Et item De rebus Aethiopicis, Indicis, Lusitanicis et Hispanicis, opuscula quaedam Historica doctissima, quae hodie non facile alibi reperiuntur, Damiani a Goes Equitis Lusitani. Quae omnia sequens pagina latius demonstrat. Cum duplici locupletissimo Indice*. Coloniae, Apud Geruinum Calenium et haeredes Quentelios. M.D.LXXIIII. Cum gratia et Priuilegio Caesareo.

Barr – Pars II. *Documenta ab exordio negotiorum pro Lusitanorum ingressu in Habessiniam adusque pro romani Patriarchatus restauratione tentamina sub Ioanne V Portugalliae amplectens* [compil. de J. A. da Graça Barreto, Lisboa, c. 1879; ex. da Academia das Ciências].

Bat – Marcel Bataillon, *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme.* Acta Univ. Conimbrig., Coimbra, 1952; Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1974.

Batt – *Estratto de La Bibliofilía*, diretta da Giuseppe Boffito. Anno XLII – Dispensa 11.ª a – 12.ª. Guido Battelli – Damiano di Goes (1502-74). [Depois do título, p. 2] Un grande umanista portoghese, Damiano di Goes, e la sua corrispondenza col Sadoleto e col Bembo (sep. de «La Bibliofilía», Florença, XLII (1940), pp. 367-377).

Be – Petri Bembi Card. *Epistolarum Familiarium Libri VI. Eiusdem Leonis X Pont. Max. nomine scriptarum Libri XVI.* [...] Venetiis. Ex officina Gualteri Scotti Anno MDLII. Mense Maio.

Bel – *Rerum Hispanicarum Scriptorum tomus posterior: Ex Bibliotheca clarissimi uiri Domini Roberti Beli Angli. Autorum nomina sequens pagina indicabit: in fine uero additus est rerum memorabilium, in utroque tomo contentarum, Index copiosissimus.* Francofurti ad Moenum. Apud And. Wechelum, MDLXXIX.

Bem – Petri Bembi *Epistolarum Leonis Decimi Pontificis Max. nomine scriptarum libri sexdecim. Ad Paulum Tertium Pont. Max. Romam missi.* Impressi Venetiis ab Patauino et Ventusino de Roffinellis [s.d.].

Bemb – Petri Bunelli, Galli praeceptoris, et Pauli Manutii, itali, discipuli, *Epistolae Ciceroniano stylo scriptae. Aliorum Gallorum pariter et italorum Epistolae eodem stylo scriptae.* Anno M.D.LXXXI [Apud Henricum Stephanum, s.l.].

Bembi – Petri Bembi Card. Patricii Veneti *Epistolarum Familiarium libri sex. Et diuersorum in eius mortem Epitaphia. Ex emendatis codicibus, descripta omnia. Item in easdem Epistolas index copiosus.* Coloniae. Apud Gosuinum Cholinum. M.D.LXXXII. Cf. também Cardinalis Petri Bembi., [...] *Omnia quaecumque usque in lucem prodierunt opera* [...], 3 vols. – II - *Epistolarum Leonius X nomine scriptarum libri VI. Epistolarum familiarium libri VI.* Argentorati, sumptibus haeredum L. Zetzneri, 1652.

Bo – *Mores, leges et ritus omnium gentium, per Ioannem Boemum Aubanum, Teutonicum, ex multis clarissimis rerum scriptoribus collecti. Cum Indice locupletissimo.* Lugduni. Apud Ioan. Tornaesium et Guliel. Gazeium. 1561.

Boa – *Mores, leges et ritus omnium gentium, per Ioannem Boemum... Cum Indice locupletissimo.* Lugduni. Apud Ioan. Tornaesium, Typogr. Regium. 1582.

Bob – *Mores, leges et ritus omnium gentium... collecti. Fides, religio et mores Aethiopum, ac deploratio Lappianae gentis Damiano a Goes auctore. De Aethiop. excerpta quaedam ex Ios. Scaligeri libro VII, de emendatione temporum. Cum Indice locupletissimo.* CIↃ.IↃ.XCI [Geneuae], Apud Ioann. Tornaesium Typogr. Regium.

Boc – *Mores, leges et ritus omnium gentium, per I. Boemum... collecti. Ex Nicol. Damasceni historia excerpta quaedam eiusdem argumenti. Item et ex Brasiliana I. Lerij historia. Fides, religio et mores Aethiopum, ac deploratio Lappianae gentis, Damiano a Goes auctore. De Aethiopibus etiam nonnulla ex. Ios. Scaligeri lib. VII de Emendatione temporum. Cum Indice locupletissimo.* [Geneuae], Apud I. Tornaesium, CIↃ.IↃ.CIIII.

Bod – *Mores, leges et ritus omnium gentium... de Emendatione temporum. Cum Indice locupletissimo*. Geneuae, Apud I. Tornaesium, CIↃ.IↃ.CXX.

Bona – *Lazari Bonamici Bassanensis Carmina et Epistolae una cum eius uita a Io. Baptista Verci conscripta. Quibus adduntur Carmina nonnula Faustini Amici et Andreae Nauarini*. Venetiis, typis H. Dorigoni, 1770.

Burm – *Silloges Epistolarum a uiris illustribus scriptarum tomi quinque collecti et digesti*, per Petrum Burmanum [t. II] Leydae, 1727.

Card – *Hieronymi Cardosi Lusitani Epistolarum Familiarium Libellus.* Olysipone. Apud Ioannem Barrerium Typographum Regium. 1556 [Card$_1$ – cópia do século XVIII, Évora].

Carv – «Goesiana. Subsídio para estudo das relações de Damião de Góis com Pierre Nannick e Olah Miklos» de Joaquim de Carvalho, in *O Instituto*, 75, 4.ª série, vol.4, n.º 2, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928.

Clenar – Nic. Clenardi *Epistolarum libri duo. Quorum posterior iam primum in lucem prodit*. Antuerpiae. Ex officina Christophori Plantini. MDLXVI. Cum preuilegio.

Corpus – *Corpus Reformatorum* – III - *Philippi Melanchthonis Opera quae supersunt omnia*. Edidit Carolus Gottlieb Bretschneider. Hallis Saxonum. Apud C. A. Schwetschke et Filium, 1836.

Dri – Ioannis Driedonis a Turnhout Theologiae professoris apud Louanienses, *de ecclesiasticis scripturis et dogmatibus libri 4* [...] Louanii ex officina Rutgeri Rescii, quarto Idus Iunias An. M.D.XXXIII.

Drie – Ioannis Driedonis a Turnhout [...] *a mendis non paucis per Theologos Academiae Louaniensis uindicati, adiectis in margine scripturarum et sanctorum patrum locis a quibus uir ille doctissimus has suas meditationes deprompsit*. [...] Anno Dominicae Incarnationis M.D.XLIII. Coloniae excudebat Iaspar Gennepaeus [in-fol., 315; Lovaina, 1550$^{3}$ e 1556$^{4}$].

Enth – *Briefe an Desiderius Erasmus von Rotterdam. Herausgegeben von Prof. Dr. Ludwig K. Enthoven, Oberlehrer am Prot. Gymnasium zu Strassburg i. Els. Mit I Lichtdrucktafel*. Strassburg, J. H. Ed. Heitz (Heitz und Mundel), 1906. [Na p. 167, n.º 143 estão correcções à Carta XIII de Góis a Erasmo (cf. ms. R), detectadas no confronto do autógrafo de Breslau com o texto da edição de Leida (cf. Erop). de 1703].

Epicl – *Epistolae clarorum uirorum, quibus ueterum auctorum loci complures explicantur, tribus libris a Ioanne Michaele Bruto comprehensae atque nunc primum in lucem editae*. Lugduni. Apud Haered. Seb. Gryphii, 1561.

Epicla – *Epistolae clarorum uirorum collectae de quamplurimis optimae, ad indicandam nostrorum temporum eloquentiam. Nunc demum emendatae, auctae, summaque diligentia excusae*. Venetiis. Ex Typographia Dominici Guerrei et Io. Baptistae, fratrum, M.D.LXVIII.

Epiclar – *Epistolae clarorum uirorum selectae de quamplirimis optimae, ad indicandam nostrum temporum eloquentiam. Nunc demum emendatae, auctae, summaque diligentia excusae*. Coloniae Agrippinae. Apud Ioannes Gymnicum, sub Monocerote. Anno M.D.LXXXVI.

Erasp – Des. Erasmi Roterodami *liber cum primus pius de praeparatione ad mortem, nunc primum et conscriptus et aeditus. Accedunt epistolae aliquot seriis de rebus, in quibus nihil est non nouum ac recens* [...]. Basileae, in Officina Frobeniana per Hieronimum Frobenium et Nicolaum Episcopium Anno M.D.XXXIIII [1534², 1534³].

Erasv – *Vita Des. Erasmi Roterodami ex ipsius manu fideliter repraesentata, comitantibus, quae ad eandem, aliis. Additi sunt Epistolarum quae nondum in lucem aspexerund Libri duo. Quae conquisiuit, edidit, dedicauit S.P.Q. Roterodamo* Paulus G.F.P.N. Merula. Lugduni Batauorum. In officina Typographica Thomae Basson, 1607 [in-4.º, 216 p.].

Erasvi – *Magni Des. Erasmi Roterodami Vita, partim ab ipsomet Erasmo, partim ab amicis aequalibus fideliter descripta. Accedunt Epistolae illustres plus quam septuaginta, quas aetate prouectiore scripsit, nec inter vulgatas in magno volumine comparent*. P. Scriueri et fautorum auspiciis. Lugduni Batauorum. Ex Officina Godefridi Basson, 1615 [in-8.º, 286 p.].

Erasvit – *Magni Des. Erasmi Roterodami Vita* [...] *et fautorum auspiciis*. Lugduni Batauorum. Ex Officina Ioannis Maire, 1642 [in-12, 394 p.].

Ercom – Des. Eras. Roterod. *Compendium Rhetorices, ad Damianum a Goes, Equitem Lusitanum*. Nunc primam in lucem editum. Louanii, Ex officina Rutgeri Rescii Anno 1544. Men. August.

Erepis – Des. Erasmi Roterodami *Epistolarum opus, complectens uniuersae quotquot ipse auctor unquam euulgauit aut euulgatae uoluit, quibus praeter nouas aliquot additae sunt, et praefationes quas in diuersos omnis generis scriptores non paucas idem conscripsit* [...]. Basileae. Ex officina Frobeniana Anno M.D.XXXVIII [in-folio, 1213 p.; 1540[2]; 1642[4]; 1779[5]].

Erepist – Des. Erasmi Roterodami *Epistolarum opus complectens uniuersae quotquot* [...]. Excusum Basileae. In Officina Frobeniana per Hieroninum Frobenium et Nicolaum Episcopium Anno M.D.LVIII.

Erepiste – *Epistolarum D. Erasmi Roterodami Libri XXXI et P. Melanchthonis Libri IV. Quibus adiiciuntur Th. Mori et Lud. Viuis Epistolae. Vna cum indicibus locupletissimis*. Londini. Excudebant M. Flescher et R. Young 1642. Sumptibus Adriani Vlacq [1779[5]].

Erop – Desiderii Erasmi Roterodami *Opera omnia emendatiora et auctiora, ad optimas editiones, praecipue quas ipse Erasmus postremo curauit, summa fide exacta, doctorumque uirorum notis illustrata, opera et studio Joannis Clerici*. Lugduni Batauorum, cura et impensis Petri Vander Aa, MDCCIII [10 ts., Leida, 1703-1706]. – Tomi Tertii Pars Prior [1703]; Hildesheim, Georg Olms, 1961-1962.

Erpur – *De puritate tabernaculi siue Ecclesiae christianae,* per Des. Erasmum Roterod. *cum aliis non nullis lectu non indignis. Noua omnia*. Basileae, in officina Frobeniana. An. M.D.XXXVI. Cum preuilegio Caesareo.

Fer – *Noticias chronologicas da Universidade de Coimbra, dedicadas à Majestade del Rei Nosso Senhor D. João V*. Escritas pelo Beneficiado Francisco Leitão Ferreira, Academico Real do numero. Primeira Parte [...]. Lisboa, Joseph Ant. Silva, 1729.

Ferr – Idem, 2.ª ed. de Joaquim de Carvalho, Univ. Conimbrigensis Studia ac Regesta, Coimbra, 1937.

Fecht – *Historiae Ecclesiasticae seculi A. N. C. XVI supplementum; plurimorum et celeberrimorum ex illo aeuo Theologorum Epistolis ad Ioannem, Erasmum et Philippum, Marbachios, ante hac scriptis, nunc uere ex*

*Bibliotheca Marbachiana primum depromptis, constans. Diuisum in VIII libros*... editum a Jo. Fechtio... Francofurti et Spirae, Impensis Christophori Olffen Bibliopolae. Durlaci, typis Martini Mulleri, Anno MDCLXXXIV.

Först – *Briefe an Desiderius Erasmus von Rotterdam*. Herausgegeben von J. Förstemann und O. Günther, in «Beihefte zum Zentralblatt für Bibliothekswesen», XXVII, Leipsig, Otto Harrassowitz, 1904.

Fried – Walter Friedensburg – *Beiträge zum Briefwechsel der Katholischen Gelehrten Deutschlands in Reformationszeitalter*, in *Zetschrift fur Kirchengeschichte*, XIV. Gotha, 1896.

Gabb – *Epistolarum ab illustribus et claris uiris scriptorum centuriae tres. Quae passim ex autographis collegit ac edidit*. Simon Abbes Gabbema. Harlingae Frisiorum, Ex officina Heronis Galama, 1664.

Gcamb – *Damiani Goes Equitis Lusitani, de bello Cambaico ultimo commentarii tres*. Louanii, Apud Seruatium Sassenum Diestensem. Anno M.D.XLIX. Mense Ianuario. Cum gratia et priuilegio.

Gcom – *Commentarii rerum gestarum in India citra Gangem a Lusitanis anno 1538, autore Damiano a Goes Equite Lusitano*. Louanii, ex officina Rutgeri Rescij, An. M.D.XXXIX. Men. Sep.

Gdescr. – *Urbis Olisiponis descriptio per Damianum Goem Equitem Lusitanum, In qua obiter tractantur nonnulla de Indica nauigatione, per Graecos, et Poenos et Lusitanos, diuersis temporibus inculcata*. 1554. [Cólofon] Eborae, apud Andream Burgensem Typographum... Mense octobri. 1554.

Ge –C. Plinii Secundii Historia Mundi, *denuo emendata, non paucis locis ex diligentia ad peruestusta et optimae fidei exemplaria collatione nunc primum animaduersis castigatisque, quemodmodum euidenter in Segismundi Geleni Annotationibus operi adnexis apparet. Adiunctus est Index copiosissimus*. Apud inclytam Basileam, per H. Frobenium, J. Heruagium et N. Episcopium, Anno M.D.XXXV. Mense Martio.

Gel – C. Plinii Secundi *Historia Mundi libri XXXVII denuo emendata* [...] Basileae, in officina Frobeniana M.D.XXXIX.

Gele – *Index in C. Plinii Secundi Naturalem Historiam ad exemplum Io. Camertis, mutatis quibusdam quae ad hanc meditationem non cogruebant, nonnullis etiam adiectis*. Basileae, per Hieroninum Frobenium et Nicolaum Episcopium, Mense Augusto. Anno M.D.XLV.

Gelen – C. Plinii Secundi *historiae mundi* [...]. Basileae, apud Hier. Frobenium et Nic. Episcopium MDXLIX.

Geleni – C. Plinii Secundi *historiae mundi* [...]. Basileae, per Hier. Frobenium et Nic. Episcopium MDLV.

Gelenii – C. Plinii Secundi *historiae mundi* [...]. Ex Typographia Hieronymi Commelini, 1593.

Gelenio – C. Plinii Secundi *historiae mundi* [...]. Francoforti ad Moenum, impensis Ioan. Feyerabendt M.D.XCIX.

Geleniu – C. Plinii Secundi *Naturalis historiae* [...]. Venetiis. Apud Paulum Manutium. Aldi Filium MDLIX.

Gelenius – C. Plinii Secundi *historiae mundi* [...]. Lugduni. Apud Bartholomaeum Honoratum, sub uase aureo, MDLXXXVII.

Gfid – *Fides, religio, moresque Aethiopum sub Imperio Pretiosi Ioannis (quem vulgo Presbyterum Ioannem vocant) degentium, una cum enarratione confoederationis ac amicitiae inter ipsos Aethiopum Imperatores, et Reges Lusitaniae initae, Damiano a Goes Equite Lusitano autore ac interprete. Aliquot item Epistolae ipsi operi insertae, ac lectu dignissimae Helenae auiae Dauidis Preciosi Ioannis, ac ipsius etiam Dauidis, ad Pontificem Romanum, et Emanuelem, ac Ioannem Lusitaniae Reges, eodem Damiano a Goes, ac Paulo Iouio interpretibus. Deploratio Lappianae gentis, ipso etiam Damiano a Goes autore*. Louanii. Ex officina Rutgeri Rescij, M.D.XL. Men. Sep.

Gfides – Id. *Parisiis*. Apud Christianum Wechelum sub scuto Basiliensi, in uico Iacobaeo: et sub Pegaso in uico Bellouacensi. M.D.XLI.

Ghisp – *Hispania Damiani a Goes Equitis Lusitani*. Louanii. Excudebat Rutgerus Rescius Anno M.D.XLII.

Gleg – *Legatio Magni Indorum Imperatoris Presbyteri Ioannis ad Emanuelem Lusitaniae Regem, Anno Domini M.D.XIII. Item de Indorum fide,*

*ceremoniis, religione, etc. De illorum Patriarcha, eiusque officio. De regno, statu, potentiis, maiestate, et ordine Curiae presbyteri Ioannis per Matthaeum, illius Legatum coram Emanuele rege exposita, ac per Damianum de Gooes Lusitanum, hortatu Ioannis Magni Gothi Archiepiscopi Wpsallensis in regno Sueciae, latine reddita, atque iam primum typis excusa. Item aliquot Cornelij Graphei, ad eundem Damianum Carmina.* [Cólofon] Ioan. Grapheus typis excudebat Anno M.D.XXXII. mense Septemb. Cum Priuilegio Caesareo, ad Triennium.

Glega – *Legatio... Anno Domini M.D.XIII. In qua de Indorum fide, Ceremoniis, Religione, etc. De illorum... officio. De Regno ... Maiestate et ordine Curiae Presbyteri Ioannis, per Matthaeum illius Legatum coram Emanuele Rege pluribus agitur.* Interprete Damiano de Goes Lusitano. Dordraci. Excudebat Iohannes Leonardi Berewout, Anno M.D.C.XVIII.

Gobs – *Damiani Gois Equitis Lusitani urbis Louaniensis obsidio.* Olisipone. Apud Lodouicum Rhotorigium typographum. M.D.XLVI.

Gop – Damiani a Goes Equitis Lusitani *aliquot opuscula. – Fides, Religio moresque Aethiopum. – Epistolae aliquot Preciosi Ioannis Paulo Iouio et ipso Damiano interpretibus. – Deploratio Lappianae gentis. – Lappiae descriptio – Bellum Cambaicum. – De rebus et imperio Lusitanorum ad Paulum Iouium disceptatiuncula. – Hispaniae ubertas et potentia. Pro Hispania aduersus Munsterum defensio. Omnia ab ipso autore recognita. – Item aliquot Epistolae Sadoleti, Bembi, et aliorum clarissimorum uirorum, cum Farragine carminum ad ipsum Damianum.* Louanii. Ex officina Rutgeri Rescij, Anno 1544. Mens. Decemb.

Gops – *Damiani a Goes Equitis Lusitani Opuscula quae in Hispania Illustrata continentur.* Conimbricae. Ex Typographia Academico-Regia. M.DCC. LXXXXI.

Graph – *Ex P. Terentii Comoediis* [...] *colloquendi formulae, ceu flosculi selectissimi* [...]. Ioan. Grapheus excudebat, Antuerpiae [...]. M.D.XXIX.

Hartm – *Die Amerbachkorrespondenz, im Auftrag der Kommission für die Oeffentliche Bibliothek der Universität Basel,* bearbeitet und herausgegeben von Alfred Hartmann [6 vols, Basileia, 1942-1967; o 6.° é de Hartmann-Jenny]. – IV Band. Die Briefe aus den Jahren 1531-1536. Basel, Verlag der Universitätsbibliothek, 1953.

Hirsch – Elisabeth Feist Hirsch, *The Friendschip of the «Reform» Cardinals in Italy with Damião de Goes*, in «Proceedings of the American Philosophical Society», XCVII, 2 (1953), Philadelphia, pp. 173-183.

Horaw – *Briefwechsel des Beatus Rhenanus*, gesammelt und herausgegeben von Adalbert Horawitz und Karl Hartfelder. Leipsig, B. G. Teubner, 1886.

Horst – Iacobi Sadoleti […] *Epistolarum libri sexdecim, nunc multo quam antehac unquam diligentius recogniti atque in lucem aediti. Eiusdem ad Paulum Sadoletum epistolarum liber unus. His insuper adiectus commentarius Antonii Florebelli uitam autoris eleganter declarans* […]. Coloniae Agrippinae excudebat P. Horst, 1580.

Hoynck – *Vita Viglii ab Aytta Zuichemi ab ipso Viglio scripta, Eiusque nec non Ioachimi Hopperi et Ioannis Baptistae Tassii opera historica aliaque analecta ad historiam scissi Belgii potissimum attinentia in sex partes diuisa* […]. Collegit… notisque illustrauit C. P. Hoynck von Papendrecht. I – Hagae Comitum, apud G. Block, 1743.

Magn – *Metropolis Ecclesiae Vpsalen. in regnis Suetiae et Gothiae diligentia Iohannis Magni Gothi Sedis Apost. Legati, primatis et Archiespiscopi eiusdem Ecclesiae Vpsalen. M.D.XXXVI. Gedani obiter collecta* […] Opera et impensis Olai Magni […] Romae, in aedibus Diuae Brigidae uiduae, per Franciscum Mediolanensem de Ferrariis, IX Februarii M.D.LVII.

Magni – *Historia Metropolitanae Ecclesiae Vpsalen. in regnis Suetiae et Gothiae a Ioanne Magno Gotho Sedis Apostolicae Legato et eiusdem ecclesiae Archiepiscopo collecta.* Opera Olai Magni Gothi eius fratris in lucem edita. Romae, ex officina V. Luchini, M.D.LX [é reed. da obra de 1544].

Manl – *Espistolarum D. Philipii Melanchthonis Farrago in partes tres distributa: Quarum Prima uarias materias theologicas continet; Secunda familiares epistolas habet, quibus plures cum domesticae, tum publicae exponuntur; Tertia, ex diuersis doctorum ac praestantium uirorum Epistolis constat, quibus non solum priuata sed etiam ecclesiastica et politica negotia tractantur*: a Ioanne Manlio passim collecta et in communem studiosiorum et historicorum usum nunc primum publicata. Basileae. Per Paulum Queckum M.D.LXV.

Marq –A. H. de Oliveira Marques, *Damião de Góis e os mercadores de Danzig*, in «Arquivo de Bibliografia Portuguesa», ano IV, n.os 15-16, Coimbra, Atlântida, 1958, pp. 133-163; ou separata, pp. 1-32.

Mart – José V. de Pina Martins, *Humanismo e erasmismo na cultura portuguesa do século XVI. Estudo e textos*, Paris, Centro Cultural Português, Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

Mat – Luís de Matos, *Correspondance Latine de Damião de Goes. Introduction, texte et notes.* Thèse complémentaire pour le doctorat ès-lettres, présentée à la Faculté des Lettres de l'Université de Paris, s/d [1959, dactilograf.].

Melan – *Philippi Melanchthonis epistolae, iudicia, consilia, testimonia aliorumque ad eum epistolae quae in Corpore Reformatorum desiderantur. Vndique ex manuscriptis et libris editis collegit et secundum seriem annorum dierumque disposuit.* Henricus Ernestus Bindseil. Hallis Saxonum, Typis sumptibusque G. Schwetschke, 1874 [in-8º, X+614 p.].

Mikl – Oláh Miklos, *Levelezése*, Kozli Ipolyi Arnold, Budapeste, 1875 [in-8º., XL + 639 p.]. In *Diplomataria* XXV, dos *Monumenta Hungariae Historica*.

Mu – *Cosmographiae uniuersalis lib. VI. in quibus iuxta certioris fidei scriptorum traditionem describuntur, Omnium habitabilis orbis partium situs, propiaeque dotes. Regionum Topographicae effigies. Terra ingenia, quibus fit ut tam differentes et uarias specie res, et animatas et inanimatas, ferat. Animalium peregrinorum naturae et picturae. Nobiliorum ciuitatum icones et descriptiones. Regnorum initia, incrementa et translationes. Omnium gentium mores, leges, religio, res gestae, mutationes. Item regum et principium genealogiae.* Autore Sebast. Munstero. Basileae apud Henricum Petri, mense Martio anno Salutis M.D.L.

Mun – *Cosmographiae uniuersalis Lib. VI* […]. Basileae apud Henricum Petri, mense Martio anno Salutis M.D.LII.

Muns – *Cosmographiae uniuersalis Lib. VI* […]. Basileae apud Henricum Petri, mense Septemb. anno Salutis M.D.LIV.

Munst – *Cosmographiae uniuersalis Lib. VI* […]. Basileae apud Henricum Petri, mense Martio anno Salutis M.D.LIX.

Myl – *De Rebus Hispanicis, Lusitanicis, Aragonicis, Indicis et Aethiopicis. Damiani a Goes, Lusitani, Hieronymi Pauli, Barcinonensis, Hieronymi Blanci, Caesaraugustani, Iacobi Teuii, Lusitani, Opera. Quorum*

*seriem, vide lector, pag. sexta. Partim ex manuscriptis nunc primum eruta, partim auctiora edita*. Coloniae Agrippinae. In officina Birckmannica, sumptibus Arnoldi Mylii. Anno MDCII. Cum gratia et priuileg. S. Caesar. Maiestat.

Nol – Pierre de Nolhac, *Erasme en Italie. Étude sur un épisode de la Renaissance, suivi de douze lettres inédites d'Erasme*. Nouvelle édition, Paris, Klincksieck, 1898.

Osori – *De rebus Emmanuelis regis Lusitaniae inuictissimi uirtute et auspicio gestis libri duodecim*. Auctore Hieronymo Osorio Episcopo Syluensi. Olysipone. Apud Antonium Gondisaluum Typographum. Anno Domini M.D.LXXI. Cum previlegio regio.

Osorius – Hieronymi Osorii Lusitani, Siluensis in Algarbiis Episcopi *De rebus Emmanuelis Regis Lusitaniae Inuictissimi uirtute et auspicio, annis sex ac uiginti, domi forisque gestis libri duodecim. Quibus potissimum ea quae in Africa et India bella confecit, explicantur. Adiectus est rerum ac uerborum index*. Coloniae Agrippinae Apud Haeredes Arnoldi Birckmanni M.D.LXXIV.

Pol – *Epistolarum Reginaldi Poli S. R. E. Cardinalis et aliorum ad ipsum Pars III* [a obra consta de 5 partes ou vols., 1744-1757]. *Quae scriptas complectitur annis MDXXX, MDXXXXI, MDXXXXII, scilicet ab exitu Legationis suae Hispanicae usque ad mortem Card. Contareni*… Brixiae. Excudebat Joannes-Maria Rizzardi. 1748. Superiorum approbatione.

Ram – Pedro F. X. de Ram, «Sur les rapports d'Erasme avec Damien de Goès», in *Bulletin de l'Académie Royale de Sciences et Belles-Letres de Bruxelles*, IX, 2.ª Parte, pp.431-436, Bruxelas, 1842.

Roersch – *Correspondance de Nicolas Clénard*. Publié par Alphonse Roersch [3 vols.: I - Texto; II - Notas; III - Cartas de Clenardo vertidas em francês]. Bruxelles, Palais des Académies, 1940-41.

Sab – Georgii Sabini [Georg Schuler] Brandeburgensis *Poemata et numero librorum aucta, et emendatius impressa quam antea fuerunt*. Lipsiae, in officina Valentini Papae. Anno M.D.LVIII [1.ª ed., Myl., Estrasburgo, 1538, sem a carta de Erasmo a Melanchthon].

Sabin –*Poemata* Georgii Sabini Brandeburgensis […]. Lipsiae imprimebat Ioannes Steinman. Anno M.D.LXXXI.

Sauv – Odette Sauvrage, *L'Itinéraire erasmien d'André de Resende (1500-1573)*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1971.

Schard – *Historicum opus, in quatuor Tomos divisum, quorum Tomus I… Tomus II comprehendit ea quae sub imperio Caroli V… acciderunt…* A uiro quodam erudito [Simone Schardio]… collectum… Basileae, ex Officina Henricpetrina, 1574 [a obra abrange 4 t. em 3 vols. in-fol.]. Há uma reedição de 1673, também em 4 tomos, intitulada *Schardius Rediuiuus siue Rerum Germanicarum scriptores uarii*, da tipogr. Seileriana, de Giessen, junto de Francfort, sem variantes registáveis, salvo a preferência pelas letras ramistas, motivo por que não se citará no aparato crítico.

Schot – *Hispaniae Illustratae seu Rerum Urbiumque Hispaniae, Lusitaniae, Aethiopiae et Indiae Scriptores uarii Partim editi nunc primum, partim aucti atque emendati* [4 tomos, de Andreas Schottus, interessando os 2 iniciais, de 1603; o 3.° é de 1606, o 4.° de 1608]. [...] Francofurti. Apud Claudium Marnium et Haeredes Johannis Aubrij. MDCIII. Cum gratia et priuilegio S. Caes. Maiest. ad decennium.

Thörn – *Tvenne Skrifter af den portugisiske riddaren Damianus à Goes: veklagan öfver det Lappska Folkets Nöd och Lapplands beskrifning, i latinsk text,* nu för första gången ofverflyttad till svenska genom Gösta Thornell. […] Stockholm, Föreningen för Bokhandtverk, MCMXV [ex. da Bibl. Real de Estocolmo].

Torq – *Prognosticon Antonij Torquati de Euersione Europae, et alia quaedam, quorum cathalogum sequens docebit pagina*. Antuerpiae. Apud Martinum Nutium, sub intersignio vulpis. Anno M.D.XLIIII.

Torqa – *Antonij Torquati prognosticon de euersione Europae, et alia quaedam, quorum catalogum sequens docebit pagina*. Antuerpiae. Apud Martinum Nutium. M.D.LII. Cum priuilegio Caesareo.

Vasc – *Damiani a Goes Epistolae et aliorum virorum illustrium. Denuo emendatae, auctae summaque diligentia excusae. Cum farragine carminum ad ipsum Damianum. Portucale*. Anno Domini MCMXII. Sumptibus Joaquim de Vasconcelos [até à p. 102 impresso cerca de 1900].

Vels – *Hippocratis Coi de insomniis Liber Claudii Galeni Pergameni de ea quae ex insoniis habetur affectionum dignotione.* Iusto Velsiotta

Hagano Medico Antuerpiensi interprete […]. Antuerpiae Ex officina Mathaei Cromii, 1541.

Velsi –*Vtrum in medico uariarum artium ac scientiarum cognitio requiratur. Oratio longe eruditissima* Iusto Velsio Hagano Medico autore. *Item, Hippocratis Coi de insomniis liber* […]. Basileae, ex officina Ioannis Oporini, Anno Salutis M.D.XLIII. Mense Augusto.

Vivep – Ioannis Ludouici Viuis Valentini *Epistolarum quae hactenus desiderabantur Farrago; adiectis etiam iis quae in ipsius operibus extant*. Antuerpiae, apud Gulielmmi Simonem […]. M.D.LVI [in-8.º, 103 p.].

Vivop – Io. Ludouici Viuis […]. *Opera in duos distincta tomos, quibus omnes lucubrationes quotquot unquam in lucem editas uoluit complectuntur* […]. Basileae, per N. Episcopium iuniorem M.D.LV. [t. II].

Vivope – Ioannis Ludouici Viuis Valentini *Opera Omnia, distributa et ordinata in argumentorum classes praecipuas* a Gregorio Maiancio […] Valentia Edetanorum 1782-1790 [8 vols., VII].

Vocht – *Monumenta Humanistica Lovaniensia. Texts and Studies about Louvain Humanists in the first half of the XVI*$^{th}$ *century. Erasmus, Vives, Dorpius, Clenardus, Goes, Maringus*, by Henry de Vocht. Louvain, Libr. Universitaire, 1934.

## **7.** Sinais críticos convencionais

a. – ante.

c. – circa.

s. fin. – sub finem.

add. – addit, addunt.

om. – omittit, omittunt.

omn. – omnes.

cet. – ceteri, cetera.

ine. – ineunte, ineuntibus.

< > – litteram uel syllabam uel uocabulum originalem restitutum.

[ ] – syllabam uel vocabulum siue ab alio siue a nobis interpolatum.

(Hartm) – parenthesis denuntiat emendationem ab illo cuius symbolum parenthesi ipso cingitur schedae ad calcem, nec in textu, effectam esse.

)Enth( – parenthesis inuersa commonet auctorem hisce signis notatum in ipso epistolae textu emendationes facere.

aut. – litteras autographas dicit.

$aut._1$ – autographa aliqua sub finem, idemque diei appositionem atque urbanam subscriptionem.

$aut._2$ – autographa tantum diei appositionem et cet.

Ftt – transcriptorum textuum fontes.

AMADEU TORRES

# TEXTO E TRADUÇÃO

(Página deixada propositadamente em branco)

# CORRESPONDÊNCIA ACTIVA

**A** I. DAMIANVS A GOES
**Ioanni Magno Gotho**
S.P.D.

[Antuerpiae, c. XI.1531]

Contracta inter nos Dantisci (Deo haud dubie auctore[1]) amicitia, cum illic Regis mei causa agerem, dum crebro congredi[eba]mur[2], incidit nobis sermo de rebus Lusitanicis, nempe de expeditionibus Indicis, Arabicis, Persicis, de itineris ad eas regiones cum longitudine, tum difficultate, de uastissimi[3] oceani discriminibus, de assiduis cum Arabibus, Persis, Indis tam citra quam ultra Gangem proeliis[4], de annuis Turcarum[5] incursionibus, qui ingentibus per sinum Arabicum ad minorem usque Indiam missis classibus, nostros (inuictos tamen) grauiter infestant. Denique ubi multa huiusmodi disseruissemus, commodum admonuisti me de magno Indorum imperatore Presbytero Ioanne, cuius ipse hisce ocullis apud Regem nostrum uidi olim Legatum, cunctaque praesens audiui, quae me de fi de, de caeremoniis[6], de statu regni imperatoris Presbyteri Ioannis astantibus proceribus articulatim disseruit.

Quae quidem cum tibi ordine narrassem, petiisti a me, uti ea omnia (si quando ad Belgas redire mihi daretur) summatim descripta, una cum articulis fidei, caeremoniarum[7], et status imperii illorum ad te mitterem, quod et me sedulo facturum pollicebar. Ad Belgas, itaque per mille itineris discrimina, tandem incolumes reuersi, tuae nobiscum sanctissimae consuetudinis neque unquam neque usquam obliti et iam polliciti memores, cuncta a me (ut uolebas) diligenter descripta, ecce ad te mittimus. Mittimus autem in primis exemplum epistolae, quam magnus ille Indorum imperator Presbyter[8] Ioannes ad Dominum nostrum Lusitaniae Regem scripsit, tum deinde articulos, quibus illorum religionem, caeremonias[9], Imperatoris potentiam, aulae claritatem, Legatus ille summatim perstringens exposuit.

Porro (ut rei ueritas clarius pateat), quomodo ea omnia coram et uiderim et audierim, paucis explicabo.

Adpulit in Lusitaniam anno salutis humanae M.D. XIV[10] Legatus a magno illo Indorum imperatore Presbytero Ioanne eiusque matre Regina Helena, ad

---

**A** I. – **Ftt**: Gleg A2$^{r}$-A4$^{r}$ Glega A2$^{r}$-3$^{v}$ Mat 7-10 Torq E2$^{r}$-E4$^{r}$, pp. 34-36 Torqa 28$^{v}$-30$^{r}$ Barr 127-128 Vasc 104-106

---

**A** I. – **1** auctore *MAT* authore *cet.* **2** congredimur *omn.* **3** uastissima *VASC* **4** proeliis *VASC MAT* praeliis *cet.* **5** Turcarum *VASC MAT* Turcharum *cet.* **6** ceremoniis *GLEGA* caeremoniis *VASC MAT* **7** caeremoniarum *VASC MAT* ceremoniarum *cet.* **8** Presbyterus *VASC MAT* **9** ceremonias *GLEGA* caeremonias *VASC MAT* **10** MDXIII *GLEG TORQ TORQA GLEGA VASC* MDXIV *(BARR) MAT*

**A** I. DAMIÃO DE GÓIS
**a João Magno Gothus**
**envia muito saudar.**

[Antuérpia, c. XI.1531]

Contraída amizade entre nós[1] em Danzig (por certo com a bênção de Deus) quando[2] por aí andava em negócios[3] de meu Rei, ao encontrarmo-nos amiúde, aconteceu falarmos das gestas lusitanas, quer dizer, das expedições à Índia, Arábia, Pérsia; da extensão e dificuldade da rota para essas paragens, dos riscos do oceano vastíssimo, das lutas constantes com os árabes, os persas, os indianos de aquém e além-Ganges; das incursões anuais dos turcos, que com grandes armadas desde o Golfo Arábico até à Índia Menor[4] duramente, embora sem êxito, atacam os nossos.

Depois de sobre muita coisa deste género havermos trocado ideias, chamastes-me a propósito a atenção para o grande imperador das Índias, o Preste João[5], cujo embaixador vira outrora com estes meus olhos na corte do nosso Rei, e presente ouvira quanto ao que, parte por parte, expusera aos nobres ali assistentes a respeito da fé, cerimónias religiosas e estado do reino do mesmo Imperador.

Ora, acabando eu de vos contar isto ponto por ponto, rogastes-me vós que, uma vez porventura regressado à Bélgica, vo-lo enviasse em descrição sumária, juntamente com os artigos da fé, do culto e do estado do seu Império, o que por meu lado prometia diligentemente fazer.

Eis porque, retornado finalmente à Bélgica são e salvo através de mil perigos do caminho, e nunca nem nenhures esquecido de vossas santíssimas relações de amizade comigo, e além disso recordado de tal promessa, vos remeto tudo, cuidadosamente descrito como pretendíeis. Mando desta sorte, em primeiro lugar, a cópia da carta[6] que esse grande imperador das Índias, Preste João, escreveu ao Rei de Portugal nosso Senhor; e seguidamente os trechos em que aponto aquilo que o seu ilustre embaixador indicou, de modo sucinto, acerca da religião, dos ritos, do poder imperial, da' excelência da corte.

E, já agora, vou explicar em poucas palavras como é que vi e ouvi todas estas coisas, a fim de melhor ressaltar a verdade dos factos.

Aportou[7] a Lisboa, no ano da graça de 1514, um embaixador do grande imperador das Índias, Preste João, e de sua mãe a rainha Helena[8], Mateus de nome e arménio de nação, enviado ao rei cristianíssimo de Portugal, D. Manuel. Trazia como companheiro da sua legação um jovenzito nobre, abexim de origem, educado no palácio imperial e chamado Jácome.

Christianissimum[11] Lusitanorum Regem Emmanuelem[12] missus, cui nomen Matthaeo, natione Armenicus: is legationis suae comitem habebat adolescentulum quempiam nobilem, patria Abessinum, in aula imperatoris Presbyteri Ioannis educatum[13], cui nomen erat Iacobo. Ii et festiue et mira cum laetitia[14] a nostro Rege accepti, perpetuum triennium in aula regia manentes, in magno honore habiti, regia sumptu tantisper sunt aliti, dum nobis uale dicto[15] ad dulcem patriam alacres redirent.

Is itaque Matthaeus ubi ea quae in mandatis habuerat, coram Rege nostro declarasset, litterasque[16] Imperatoris sui Regi tradidisset, Rex diebus paucis post iubet eosdem ad se accersi, et coram doctis aliquot, astante procerum corona per interpretem rogari de eorum fide, caeremoniis[17] et Indici regni statu. Id temporis ego duodecim annos natus, unus inter regios pueros quos a lancibus ad regiam mensam ferendis *discophoros*[18] nominant, ubi Regiae Maiestati per biennium in eo munere inseruieram, his omnibus praesens adfui, unaque cum ceteris[19] aulicis cuncta et uidi et audiui, quantumque per aetatem licuit etiam intellexi.

At hic dicas: «Qui tu, tantulae tunc aetatis puer, ea omnia sic litteris[20] memoriaeue commendare potuisti, ut articulatim descripta iam (tanto elapso temporis interuallo) ad nos mittas?» Respondeo: fateor me id per aetatem tunc non potuisse; sed ubi iam decem ferme in meo illo munere perfecissem annos, ille Christianissimus[21] Rex Emmanuel, educator[22] meus, nouo mihi dato officio, me negotiorum[23] suorum causa huc ad Belgas mittit: quo ubi peruentum esset, opportune offendi nominem cum nobilem tum solertem, mei et ordinis et officii consortem, cui nomen Roderico Ferdinando, qui in praesentiarum regiae negotiationis[24] principem (factorem uulgo uocant) hic agit.

Is cum antea a rege Emmanuele[25] legationis munere fungeretur apud imperatorem Maximilianum ac Albertum Bauariae ducem, accepit litteras[26] ab Antonio Carneiro regis Emmanuelis[27] secretario, quibus ille nos articulos quos aliquando coram rege scriptis mandauerat, inclusos miserat. Huius itaque Roderici Fernandi amicitia comparata, ubi iam pridem de nostris utrimque[28] negotiis[29] conferentes, in Germanicam illam suam legationem forte incidissemus, incidimus quoque in rerum Indicarum mentionem; tum ille ait se ab Antonio Carneiro habere cum supra memoratorum[30] articulorum, tum magni Indorum imperatoris Presbyteri Ioannis epistolae ad nostrum Regem exemplar. Id ubi audio, continuo illorum mihi copiam fieri flagito: admittit, accipio, e uernaculo Lusitanico qualicunque[31] stilo Latina[32] facio, tibi dedico, ad te mitto; in quibus

---

**A** I. – **11** christianissimum *omn.* **12** Emmanuelem *TORQ TORQA BARR VASC* **13** aeducatum *GLEG GLEGA* **14** laeticia *VASC MAT* **15** Valedicto *TORQ TORQA VASC MAT* **16** litterasque *MAT* literasque *cet.* **17** caeremonias *VASC MAT* ceremonias *cet.* **18** discophorus *GLEGA* **19** caeteris *omn.* **20** litteris *MAT* literis *cet.* **21** christianissimus *omn.* **22** Emmanuel *MAT* educator *omn.* **23** negotiorum *MAT* negociorum *cet.* **24** negotiationis *MAT* negociationis *cet.* **25** Emanuele *omn.* **26** literas *omn.* **27** Emmanuelis *MAT* Emanuelis *cet.* **28** utrimque *VASC MAT* **29** negotiis *VASC MAT* negociis *cet.* **30** supramemoratorum *GLEG TORQ TORQA GLEGA* **31** qualicumque *GLEGA BARR VASC MAT* **32** latina *omn.*

Recebidos não só festivamente mas com extraordinária satisfação por nosso Rei, permaneceram[9] na corte um triénio inteiro, cercados de grande consideração, vivendo durante todo esse tempo a expensas do soberano, até nos dizerem alegres o adeus do retorno à sua querida pátria.

Pois a este Mateus, declarada inicialmente ante o nosso Rei a missão de que estava incumbido e entregue ao mesmo a carta do seu Imperador, o soberano manda-o vir poucos' dias depois à sua presença[10], mai-lo companheiro, e perante alguns doutos, com a assistência da assembleia dos nobres, interrogá-los, através de um intérprete, acerca da sua fé e ritos, bem como do estado do reino etíope. Tinha eu então doze anos de idade, sendo um dos pagens régios a que, por terem encargo de levar os pratos para a mesa, se chama pagens das iguarias, e nesse ofício servi sua Alteza Real durante dois anos. De modo que presenciei todas estas coisas e, simultaneamente com os restantes cortesãos, vi e ouvi tudo; e, quanto a idade o permitia, também entendi.

«Mas como é que tu – objectará aqui alguém – então menino de tão pouca idade, pudeste todos estes factos passar ao papel ou à memória, de modo a enviar-no-los, tanto tempo após, descritos ponto por ponto?» Confesso, em resposta, que não o pude nessa idade. Mas, dez anos passados já naquele ofício[11], o cristianíssimo Rei D. Manuel, meu protector, dava-me novo cargo mandando-me aqui para a Bélgica, a tratar dos seus negócios. Chegado cá, tive a sorte de encontrar um homem não apenas nobre mas também sagaz, comparticipante da minha ordem e cargo, de nome Rui Fernandes, que aqui desempenha a função de chefe dos negócios régios ou feitor, como vulgarmente se diz.

Exercendo este anteriormente o múnus de embaixador do Rei D. Manuel junto do imperador Maximiliano e do duque Alberto da Baviera, recebeu uma carta de António Carneiro, secretário de D. Manuel, na qual aquele remetera inclusos os artigos que outrora, perante o Rei, confiara à escrita. Ora, alcançada a amizade de Rui Fernandes[12], como desde há muito trocássemos mutuamente impressões a propósito dos nossos negócios e por acaso um dia aludíssemos àquela sua embaixada na Alemanha, veio a talho menção das coisas das Índias, informando-me ele então possuir, por atenção de António Carneiro[13], cópia quer dos textos susoditos quer da carta do grande imperador das Índias, Preste João, ao nosso Rei.

Logo que tal ouvi, imediatamente lhe implorei com instância que mos emprestasse. Atendido, recebo os textos, verto-os de português para um latim qualquer, dedico-os a vós e vo-los mando. Se neles porventura achardes alguma linguagem bárbara, perdoai, por favor, ao homem cortesão e pouco exercitado nas letras, além disso instantemente assoberbado de negócios sem conto. Quaisquer

quidem si barbariem quampiam forte deprehendes, ignosce quaeso homini et aulico et in re Litteraria[33] parum exercitato et plurimis negotiis[34] uehementer impedito. Qualiaqualia[35] autem haec sunt (uero enim ueriora sunt), boni aequique consulas[36] uelim, Praesul ornatissime. Sed iam audi quid magnus ille Indorum Imperator ad Regem nostrum scripserit, audi inquam[37] illius ad Regem nostrum non fucatam, sed ueram et ad uerbum fere ex sermone Chaldaico[38], quo illi praecipue utuntur, in Lusitanicum, deinde in Romanum idioma, quam fidelissime[39] translatam epistolam.

[Epist. epigr.]

Damianus de Goes[40] Lusitanus amplissimo patri, D. Ioanni Magno Gotho, archiepiscopo Vpsalensi[41] in regno Sueciae, S. P. D.

**A** II. [DAMIANVS A GOES **Ioanni Magno Gotho**]

[Antuerpiae, 1.XII.1531]

Memini, ornatissime Praesul, cum apud te essem te mihi rettulisse sub Archiepiscopatus tui dicione[1] esse satis uastam e illam Scythici orbis regionem, quam Pilapiam uocant, ubi neque ulla Dei et Christi cognitio, neque lex, neque ullus humane uiuendi ritus est: res profecto miserrima et a uestris haud Christiane[2] considerata. Accepi autem a uiris cum bonis tum piis uero uerius esse uestros nobiles (proh dedecus ingens!) caussam[3] dare, quo minus gentes illae e beluis mitiores factae, Christianae fiant, quandoquidem ita sibi putant plurimum a turpissimo lucro et consueta rapina, quibus miseros et innocentes illos per insatiabilem auaritiam grauissime premunt, ademptum iri.

Oraui igitur tum te, quemadmodum et nunc quoque te oro atque etiam per Christum obsecro, ac non tantum ego, sed et omnes qui eodem spiritu mecum idem sentiunt, ut pro pastorali tua sollicitudine summo conatu tantum efficias, immo et ex officio tibi a Christo commisso efficere debes, ut foeda illa et nimisquam

---

**A** II. – **Ftt**: Gleg C4$^{r\text{-}v}$ Glega B8$^{r\text{-}v}$ Torq 53$^{r}$-54$^{r}$ Mat 11-12 Torqa 54$^{v}$-45$^{r}$

---

**A** I. – **33** litteraria *MAT* literaria *cet.* qualia *BARR* **34** negotiis *VASC MAT* negociis *cet.* **35** qualia *BARR* **36** consulas *om. BARR* **37** in quam *VASC* **38** Caldaico *GLEG TORQ TORQA GLEGA BARR* **39** quamfidelissime *GLEG GLEGA* **40** Gooes *GLEG TORQ TORQA GLEGA BARR* **41** Vupsalensi *GLEG TORQ TORQA GLEGA MAT*

**A** II. – **1** ditione *omn.* **2** christinae *omn.* **3** caussam *GLEG TORQ GLEGA* causam *cet.* **4** auaritia *MAT* auaricia *cet.*

que sejam, porém, em qualidade (mais verídicos do que a verdade são eles), dignai-vos fazer-lhes bom acolhimento, ilustríssimo Prelado.

E então reparai no que esse grande Imperador das Índias escreveu ao nosso Rei; reparai, repito, na carta dele ao nosso Monarca, não simulada, mas verdadeira e com toda a fidelidade traduzida, quase à letra, da língua caldaica, que eles principalmente usam, para português e finalmente para latim.

[Epígr. da «Carta»]

Damião de Góis, português, ao excelentíssimo Senhor D. João Magno Gothus, arcebispo de Upsala, no reino da Suécia, envia muito saudar.

## **A** II. [DAMIÃO DE GÓIS **a João Magno Gothus**]

[Antuérpia, 1.XII.1531]

Recordo-me[1], distintíssimo Prelado, de me haverdes dito, quando estive entre vós, que sob o domínio do vosso arcebispado se achava aquela assaz vasta região da Cítia[2] chamada Lapónia[3], onde nenhum conhecimento há de Deus e de Cristo, nem lei, nem qualquer padrão de vida dignamente humana, caso sem dúvida tristíssimo e não cristãmente considerado pelos vossos.

Ouvi ainda, da parte de varões bons e piedosos, ser mais que verdade os vossos nobres (oh vergonha imensa!) darem causa a que aquelas gentes, de selvagens tornadas mais civilizadas, se não façam cristãs, porquanto julgam eles deste modo virem a auferir para si muito boa soma do torpíssimo lucro e da costumada rapina com que, por insaciável avareza, esmagam[4] gravissimamente aqueles míseros e inocentes.

Pedi-vos, por tal motivo, nessa ocasião, assim como ainda agora igualmente peço e até suplico por Cristo, e não só eu mas também todos os que com idêntico espírito o mesmo sentem comigo, que, por vossa pastoral solicitude, com sumo empenho tanto diligencieis – e de verdade, por ofício a Vós cometido por Cristo, o deveis fazer – que, rechaçada a avareza dos vossos nobres, condenável e extremamente tirânica, aquelas simplicíssimas almas sejam finalmente atraídas ao conhecimento de Cristo, pagando de futuro aos seus senhores os impostos adequados, tal como os demais cristãos espontaneamente se acostumaram a pagar aos deles.

tyrannica procul nobilium uestrorum auaritia[4], simplicissimae illae animae ad Christi tandem cognitionem alliciantur, pendentes deinceps principibus debita uectigalia, perinde atque ceteri[5] Christiani suis principibus ultro pendere sunt soliti. Proinde uideant nobiles illi uestri quid agant, ne cogant tantam perditarum ouicularum multitudinem olim coram Iudice Christo iustissimum aduersus tantam illorum auaritiae[6] tyrannidis[7] ingluuiem postulare iudicium.

Tu uero, Praesul optime, cura ut hanc rem in portum ducas; quod si facis, uide quam gloriam, quam mercedem a Deo, quam uero laudem, quod praeconium habiturus sis[8] ab hominibus. Reliquum est, Praesul ornatissime, ut et quam diutissime et quam felicissime[9] ualeas.

Arbitror me breui aut ad Lusitaniam ad Dominum nostrum Regem, aut ad Germanias hinc profecturum. Vbiubi autem me futurum esse contigerit, semper ex animo tuus ero. Fratrem tuum Olaum Magnum Gothum mihi amicum multo suauissimum meis uerbis iterum atque iterum[10] saluere iubeas[11] uelim.

Antuerpiae, ex publicis Lusitanicae nostrae nationis aedibus. Calendis Decembribus[12], anno MDXXXI.

**A** III. DAMIANVS A GOES

**Bonifatio[1] Amerbachio**

[Louanii, 18.V.1533]

S.P. Etsi pro tuis in me meritis ab officio[2] potius quam a litteris[3] incipiendum erat, tamen cum iam idoneus tabellarius[4] oblatus esset, nolui mihi deesse quin ad te has darem litteras[5]: primum ut de mea salute intelligas[6], qua te credo non uelle me infelici frui; secundo quod uelim te meminisse hunc habere Damianum tibi in amore coniunctissimum.

Inter multas et non profanas confabulationes quae Basileae inter nos inciderunt, memini te de quodam Hispano narrasse[7] qui istic[8] propter monnullas[9] altercationes habitas aduersus plebeios[10] contionatores[11] fuit expulsus. Hunc pridie quam inde discederem aiebas adesse citra magistratus consensum, quod

---

**A** III. – **Ftt**: G 317[r-v] aut. Vasc 120 Hartm 218 Mat 15-16

---

**A** II. – **5** caeteri *omn.* **6** auaritiae *MAT* auariciae *cet.* **7** tyranidisque *TORQA* **8** habiturus sic *GLEGA* **9** quamfelicissime *GLEG TORQ TORQA GLEGA* **10** atque iterum om. *GLEGA* **11** iubias *TORQ* **12** Decembribus *MAT om.* Decemb. *GLEG GLEGA* Decem. *TORQ TORQA*

**A** III. – **1** Bonifacio *omn.* **2** offitio *G HARTM* **3** litteris *VASC MAT* literis *cet.* **4** tabelarius *G HARTM* **5** litteras *VASC MAT* literis *cet.* **6** intelligas *VASC MAT* inteligas *G HARTM* **7** narasse *G HARTM* **8** istic *MAT* isthic *cet.* **9** nonnulas *G HARTM* **10** plebeos *G HARTM* **11** contionatores *MAT* concionatores *cet.*

Reparem, por conseguinte, esses vossos nobres naquilo que praticam, não coagindo tamanha multidão de ovelhinhas perdidas a demandarem um dia, perante Cristo Juiz, uma justíssima sentença contra a tão grande voracidade da avareza tirânica daqueles.

Quanto a Vós, mui bondoso Prelado, curai de levar isto a bom termo. Se o fizerdes, atentai na glória e retribuição que lograreis da parte de Deus, e por certo no louvor e fama da parte dos homens. De resto, Prelado distintíssimo, desejo-Vos a mais prolongada e a mais feliz saúde.

Penso que breve partirei daqui, ou para Portugal, para junto do Rei nosso Senhor, ou para a Alemanha[5]. Onde quer que, no entanto, me aconteça de vir a estar, sempre serei vosso de coração.

Dareis, por favor, as minhas iteradas saudações a vosso irmão Olau Magno Gothus, meu amigo entre os mais caros.

Antuérpia, da casa da Feitoria de Portugal, 1 de Dezembro de 1531.

**A** III.

DAMIÃO DE GÓIS
**a Bonifácio Amerbach**
**muita saúde.**

[Lovaina, 18.V.1533]

Embora, pelas tuas[1] atenções para comigo, eu devesse começar preferivelmente por um serviço em vez de por uma carta, contudo, oferecida a oportunidade de correio idóneo, não quis deixar de te escrever esta, antes de mais para que fiques inteirado da minha saúde, que acredito desejas seja feliz, em segundo lugar porque queria te recordasses da grande amizade que te consagra este Damião.

Entre muitas e não profanas conversas que ambos travámos em Basileia[2], lembro-me de haveres falado de um certo espanhol[3] que, em consequência de algumas altercações aí tidas com pregadores populares, fora expulso da cidade.

Na véspera de eu daí partir, dizias-me tu que ele estava aí de novo contra a vontade do magistrado, sendo já a terceira vez que repetia a façanha, razão por que devia recear pela própria vida em perigo. Rogo-te, se te não custar, o favor de me informares sobre o caso, bem como do seu nome e apelido de família, com o que muito me penhorarás.

Se quiseres responder-me, através do senhor Erasmo poderás conseguir que a tua carta me chegue às mãos. Adeus.

Lovaina, 18 de Maio do ano da Salvação de 1533.

iam tertio[12] fecerat; qua de causa erat illi formidandum de uita periclitanti. Oro (si tibi non erit molestum) de hac re deque nomine illius proprio gentilicioque[13] me certiorem reddere uelis, quod si feceris mihi rem perquam gratam feceris. Si ad me rescribere uoles, per manus domini Erasmi possis[14] efficere ut ad me tuae ueniant litterae[15]. Vale.

Louanii, XVIII Mai anno Salutis 1533.

Oro ut meis uerbis uelis salutare dominum oratorem serenissimi ducis Sabaudiae qui istic[16] agit in diuersorio (ni fallor[17]) Ciconiae. Is una nobiscum ibidem cenauit[18].

Tuus, Damianus de Goes, Lusitanus.

[Nom. inscr.]

Iuris[19] utriusque consultissimo D. Bonifatio[20] Amerbachio[21], apud inclitam[22] Basileam. Basileae.

**A** IV. DAMIANVS A GOES

**Desiderio Erasmo Roterodamo**

[Antuerpiae, 20.VI.1533]

S. Vnas dedi tibi per manus Erasmi Scheti litteras[1], ex quibus et de reditu meo Louanium et de aduentu[2] pueri tui eodem, puto intellexisse[3] te. Is puer nulla quidem ratione potuit induci ut quacunque mea uteretur opera, quae uerecundia num ab eo an abs tuo iussu profecta sit nescio. Scire tamen te uelim et te et tuos omneis[4] totis nobis citra uerecundiam posse uti.

Mi Erasme, quandoquidem te habeo mihi carissimum[5], nolo te celare[6] fortunas meas. Serenissimus rex Lusitaniae, dominus meus multo optimus, postquam[7] in eiusdem negotiis perpetuum fere decennium Germaniae, Sarmatiae[8], Daciae

**A** IV. – **Ftt**: L aut. perd. Först 222-4 Alb 97-9 Alleng 252-5 Vasc 107-10 Mat 20-23.

N. B. – Perdido o original sem ninguém haver assinalado as abreviaturas, torna-se agora impossível apontá-las, o que aliás é de relevância mínima.

**A** III. – **12** tercio *G HARTM* **13** gentilitioque *MAT* **14** posis *G HARTM* **15** litterae *VASC MAT* literae *cet.* **16** istic *MAT* isthic *cet.* **17** falor *G HARTM* **18** cenauit *MAT* caenauit *G HARTM* coenauit *VASC* **19** Iuris ... Basileae *om. VASC HARTM* **20** Bonifacio *omn.* **21** Amorbachio *G MAT* **22** inclytam *omn.*

**A** IV. – **1** litteras *VASC MAT* literas *cet.* **2** adentu *L* **3** intelexisse *L* **4** omnes *MAT* **5** carissimum *MAT* charissimum *omn.* **6** caelare *L FÖRST* **7** postquam is *VASC* **8** Sarmatiae et Daciae *MAT*

Peço-te que apresentes as minhas saudações ao senhor embaixador do sereníssimo Duque de Sabóia[4], que aí demora, se não me engano, na estalagem da Cegonha. Lá mesmo ceou juntamente connosco.

Teu, Damião de Góis[5], português.

[End.]

Ao Snr. Bonifácio Amerbach, peritíssimo em ambos os Direitos, na ínclita Basileia. Basileia.

**A** IV.

DAMIÃO DE GÓIS
**a Erasmo de Roterdão**
**saúde**.

[Antuérpia, 20.VI.1533]

Mandei-vos[1] uma carta por Erasmo Scheto[2], através da qual julgo haverdes-vos inteirado quer do meu regresso a Lovaina, quer da chegada cá do vosso criado[3]. Este, afinal, por razão nenhuma consegui convencê-lo a dispor de mim à vontade, acanhamento que não sei se nasceu dele se de ordens vossas. Entretanto desejava persuadir-vos de que sem receio podeis a nós absolutamente recorrer, tanto vós como todos os vossos.

Meu Erasmo, visto que me sois caríssimo, não quero minha situação ocultar-vos: o sereníssimo Rei de Portugal, meu senhor e excelso benfeitor, depois de ter eu percorrido durante quase um decénio contínuo, em negócios do mesmo e por seu mandato as terras da Alemanha, Sarmácia[4] e Dácia, e regressado finalmente à Bélgica, chama-me por carta a Portugal para seu tesoureiro-mor, sem eu nem isto nem qualquer coisa semelhante haver jamais solicitado ou pensado sequer, o que, sendo uma prova da benevolência régia para comigo, pode com certeza mover os amigos a justamente me darem parabéns.

Deixada, portanto, Lovaina, já viemos para Antuérpia, donde partiremos[5] daqui a dez dias para Portugal. De lá, se Deus permitir que cheguemos sem

provincias eius iussu peragrauerim iamque ad Belgas tandem redierim, reuocat me per litteras[9] in Lusitaniam, ut scilicet sim illi primus a thesauris, cum neque hoc aut quid simile unquam ambiuerim, ac ne cogitarim quidem, quo regis erga me amoris indicio procul dubio[10] amici possunt non iniuria gratulari mihi. Relicto igitur iam Louanio Antuerpiam migrauimus, inde post dies decem Lusitaniam repetituri, quo si Deus ille Optimus Maximus nos incolumes peruenire concesserit, cum tibi in primis tum amicis uberius inseruire et poterimus et ex animo ad id parati erimus.

Pro tuis in me officiis uisus mihi extra leges amicitiae facere, si tibi non indicarem[11] ea quae Louanii de te audiui, praesertim[12] cum causa sit tam ardua et male suspiciosa. Aiunt enim te in diuortio illo anglicano consentire. Quod cum audirem non potui satis mirari, cum scirem me ex tuo ore Friburgi[13] contra audiuisse. Quare pro mea uirili coepi[14] obstare; ac tandem eo uentum est ut meis ratiunculis amouerim eorum aduersus te suspicionem. Oro igitur te mihi significare uelis quid respondendum erit si quando eiuscemodi nugamenta[15] ad aureis[16] nostras forte peruenerint, siquidem nihil dubito quin (cum in Lusitaniam uenerim) inciderit sermo de te coram Rege et de tua in diuortium istud opinione.

Memini me tibi istic[17] libellum de Presbyteri Ioannis suorumque subditorum fide ac moribus obtulisse, in[18] calce cuius est nostra quaedam exhortatio ad Ioannem Magnum Gothum, archiepiscopum Vpsalensem[19], de Pilapia siue Laponia, Scythicae plagae prouincia[20] satis uasta, bona parte sub dicti archiepiscopi dioecesi[21] sita, quam Iacobus Zieglerus in sua *Scondia* seu *Sconlandia* (ex relatione eiusdem archiepiscopi) scite descripsit, ubi neque lex neque ulla de Christo seruatore eiusque beneficiis notitia[22] extat, res profecto egregie impia[23] et pio pectori multum deploranda. Me autem in primis ea res simplicissimae gentis commiseratione supra modum urget sollicitumque reddit, siquidem accepi et pro certo compertum habeo (dum apud Dacos Prutenosque et Liuonios[24] agerem), ex plerisque[25] probis mercatoribus, qui illic mercimoniorum suorum causa uersantur, Lapones illos homines esse nimisquam simplices et innocentes, ac brutarum ritu nulla sub lege agere; unde credendum est illas ad Christi euangelium accipiendum[26] facile posse induci, si reges principesue (de Christianis[27] laquar) qui illis per imposita uectigalia imperitant, illis de isdem[28] uectigalibus, turpissimae scilicet exactionis lucro, nonnihil remitterent. Hac dico ob id, quod certo scio[29], nobilitatem illam haudquaquam[30] permittere ut

**A** IV. – **9** literas *omn.* **10** proculdubio *VASC* **11** iudicarem *ALB* **12** presertim *FÖRST* **13** Frisburgi *VASC* **14** caepi *L FÖRST ALB* **15** nugumenta *L FÖRST ALB VASC* **16** aures *MAT* **17** istic *MAT* isthic *cet.* **18** in calce eius *VASC* **19** Vpsalensem *ALB VASC* Unpsalensem *FÖRST* Vupsalensem *MAT* **20** prouicia *L* **21** dioecsi *omn.* **22** noticia *MAT* **23** impia] imoia *MAT* **24** Liuonios] Liunios *MAT* **25** plaerisque *L ALLENG* **26** accepiendum *L* **27** christianis *omn.* **28** iisdem *MAT* **29** certo scis *VASC* **30** haud quanquam *L FÖRST ALB* haudquaquam *ALLENG MAT* haud quamquam *VASC*

novidade, não só poderemos servir-vos melhor, a vós em primeiro lugar e bem assim aos amigos, como também de coração estaremos a isso dispostos.

Pelas vossas atenções para comigo, pareceu-me ir contra as regras da amizade não vos falar do que a respeito de vós ouvi em Lovaina, sobretudo sendo o assunto tão árduo e de má suspeição. Dizem, com efeito, que aprovais aquele divórcio inglês[6], asserção de que não pude admirar-me bastante, porquanto sabia ter ouvido da vossa boca o contrário em Friburgo. Em razão disso comecei por meu lado a impugnar, até que alcancei finalmente, com minhas humildes alegações, desviá-los de suspeita contra vós. Peço-vos consequentemente me queirais indicar o que há-de responder-se se algum dia bagatelas deste jaez chegarem aos nossos ouvidos, pois estou certo de que perante o Rei, uma vez eu em Portugal, surgirá conversa acerca de vós e da vossa opinião relativamente a tal divórcio.

Lembro-me de vos haver aí oferecido o opúsculo[7] acerca da fé e costumes do Preste João e de seus súbditos, no fim do qual se encontra uma exortação nossa a João Magno Gothus, arcebispo de Upsala, a propósito da Pilápia ou Lapónia, província bastante extensa da Cítia[8], em boa parte integrada na diocese do dito arcebispo, a qual Jacob Ziegler na sua *Schondia* ou *Schonlandia*[9], por referências do mesmo prelado, esclarecidamente descreveu, e onde não há nem lei nem qualquer notícia de Cristo Salvador ou de seus benefícios, o que por certo é notoriamente impiedoso e lastimável por parte de um bom coração.

Tal estado de coisas a respeito de gente simplicíssima, antes de mais encheu-me extraordinariamente de comiseração e solicitude, dado que ouvi dizer e reputo como certo (enquanto andava entre os Dacos, Prutenos e Livónios[10]), contado por grande número de mercadores probos que ali demoram por causa das suas mercancias, serem tais homens lapões extremamente simples e inocentes, e viverem à maneira dos irracionais, sem lei alguma; pelo que é de crer que facilmente se podiam induzir a aceitar o Evangelho de Cristo, se os reis ou príncipes (falo dos cristãos) que os dominam por imposição tributária, desses mesmos tributos que são o lucro duma torpíssima exacção, perdoassem alguma coisa. Digo isto pela razão, que ao certo sei, de que aquela nobreza não permite de modo nenhum que quaisquer pregadores cristãos se aproximem francamente deles para lhes anunciar o Evangelho.

Receiam, com efeito (por demasiado cônscios da sua tirânica avareza), que, uma vez de simples e rudes tornados mais esclarecidos pela pregação do Evangelho e convivência com homens cristãos, justamente lhes recusem depois suportar tão indevidas imposições tributárias. Uma miséria como esta é evidentemente impossível de tolerar por parte de consciências rectas.

Rogo-vos, pois, e suplico-vos[11], não só em atenção a mim, mas também àqueles desgraçados e ao próprio Cristo, vos digneis ou escrever algo sobre este

quiuis sincere[31] Christiani[32] contionatores[33], euangelii nuntiandi[34] gratia, ad illos accedant. Timent enim (nempe nimisquam tyrannicae suae auaritiae[35] conscii) ne, si simplices et bruti illi, per euangelicam contionem[36] et Christianorum[37] hominum frequentiam facti prudentiores, iure deinde recusent tam indebita ferre uectigalium imperia. Tanta profecto miseria piis neutiquam est toleranda conscientiis. Te igitur per Christum oro atque obsecro ut non mea tantum sed et miserorum illorum, sed et ipsius Christi causa, aut de[38] hac re tam misera nonnihil scribere, aut ad illam nostram exhortationem[39] commendatitiam epistolam adiungere uelis, ut tandem tuis praeclaris[40] scriptis ad Suecios Gothosque et alios id genus homines perlatis, illiusmodi tyranni[41] et animicidae pietate aliqua moti ex tanta incuria expergiscantur, ne miserorum Laponum animae eorundem culpa tam negligenter pereant. Id si feceris, rem profecto et Christo et toti[42] Christiano[43] orbi gratissimam[44] feceris, et tibi laudem inde non modicam paraueris.

Vt mei discedentis nonnullum tibi relinquam mnemosynon, mitto tibi dono per manus Erasmi Scheti munusculum pro tua dignitate satis tenue, nempe argenteum poculum inauratum, quo si quando tibi utendum erit, integri huius tui amici memineris. Ego quidem, ubicunque me fore contigerit, par pari referam, id est semper tui meminero; tu uero hoc nostrum qualecunque[45] munusculum aequi bonique facito. Quod cum tui certe non sit capax, accipe[46] pectus amici huius tui sane erga te apertum, amici inquam[47] tui quem usque ad ultima nostra suspiria in tua amicitia firmum inuenies.

Quascunque litteras[48] ad me in Lusitaniam dare uoles, eas per Erasmum Schetum tuto mittes; sum cum eodem de ea requutus. Quam mox in Lusitaniam appulero, de me statuque meo certiorem te reddam. Vale, amice candidissime.

Antuerpiae, XII Calend.[49] Iulias 1533.

[Epist. epigr]

Damianus a Goes Erasmo, Domino suo S.

[Nom. inscr.]

Desiderio[50] Erasmo Roterodamo, Domino suo. Friburgi.[51]

---

**A** IV. – **31** syncere *omn.* **32** christiani *omn.* **33** concionatres *L* concionatores *cet.* **34** nunciandi *omn.* **35** auaritiae *MAT* auariciae *cet.* **36** concionem *omn.* **37** christianorum *omn.* **38** aut hac re *VASC* **39** exhotationem *L* **40** preclaris *omn.* **41** tiranni *MAT* **42** toto *L VASC* **43** christiano *omn.* **44** gratissmam *L* **45** qualecumque *VASC* **46** arripe *VASC*] accipe **47** in quam *VASC*] inquam *cet.* **48** litteras *MAT* literas *cet.* **49** calend. *omn.* **50** Desyderio *L* **51** ffriburgi *L*

assunto tão triste, ou acrescentar à nossa exortação uma epístola comendatória, a ver se finalmente, através de vossos preclaros escritos levados até junto dos Suecos e Gotos e de outros homens assim, esses tais tiranos e animicidas, imbuídos de alguma piedade, acordam de tanta incúria, para não perecerem tão negligentemente, por culpa dos mesmos, as almas dos infelizes lapões. Se o fizerdes, praticareis realmente uma acção gratíssima a Cristo e a todo o orbe cristão, e com ela granjeareis para vós não pequeno louvor.

A fim de vos deixar, agora que vou partir, alguma recordação minha, envio-vos de oferta, por mãos de Erasmo Scheto, um pequeno presente, insignificante de mais para a vossa dignidade, um copo de prata dourada[12] que vos recordará um íntegro amigo vosso, ao vos servirdes dele alguma vez. Eu, por certo, onde quer que adregue de estar, do mesmo modo procederei, isto é, sempre me lembrarei de vós. E qualquer que seja o valor do nosso humilde presente, apreciai-o da melhor maneira: se em verdade não é digno de vós, tornai o coração deste vosso amigo, realmente para vós aberto, digo deste amigo que até ao último suspiro encontrareis firme na vossa amizade.

Qualquer carta que queirais endereçar-me para Portugal, com segurança a enviareis por Erasmo Scheto, com quem já falei a esse respeito. Logo que chegue a Portugal, dar-vos-ei informes meus e da minha situação.

Adeus, meu muito leal amigo.

Antuérpia, 20 de Junho de 1533.

[Epígrafe]

Damião de Góis a Erasmo, seu Senhor, saúde.

[Endereço]

A Desidério Erasmo de Roterdão[13], seu Senhor. Em Friburgo.

**A** V. DAMIANVS A GOES

**Bonifatio[1] Amerbachio**

[Basileae, 9.IV.1534]

S. P. Amice optime Bonifati[2], tuus Damianus en tibi adest in diuersorio Ciconiae. Cupit[3] ad te uenire, modo sciat te domi manere; aut, si libet, te orat ad cenam[4] conuiuam[5]. Vale.

Tuus, Damianus de Goes.

[Nom. inscr.]

Bonifatio[5] Amerbachio, amico candidissimo.

**A** VI. DAMIANVS A GOES

**Bonifatio[1] Amerbachio**

[Friburgi, 4.VII.1534]

Salutem plurimam. Litteras[2] reddidit mihi Gisbertus tuas[3]. Nondum demissis ocreis, mox abrepto calamo, uti prima occasione hae nostrae ad te transferrentur, rescribo.

Tu si identidem modo duplices cupis[4] habere ducatos ut nuper, significato; sunt mihi adhuc ferme uiginti, quibus, et quidquid meum est, possis[5] uti. Ego totus sum tuus et cupio tibi plane (pro mea facultatula) inseruire.

Vale, amice candidissime.

Friburgi, IV Iulii anno 1534.

Tuus ex animo, Damianus Gois.

[Nom. inscr.]

Iuris[6] utriusque consultissimo D. Bonifatio[7] Amerbachio. Basileae.

---

**A** V. – **Ftt**: G 329$^{r-v}$ aut. Vasc. 128-129 Hartm 264 Mat 39
**A** VI. – **Ftt**: G 318$^{r-v}$ aut. Vasc 121 Hartm 281 Mat 47-8

---

**A** V. – **1** Bonifacio *omn.* **2** boniffaci *G HARTM* **3** cupet *G HARTM* **4** cenam *MAT*, caenam *cet.* **5** comuiuam *G* **6** Bonifacio *G HARTM MAT* Bonifatio ... candidissimo *om. VASC*

**A** VI. – **1** Bonifacio *omn.* **2** litteras *VASC MAT* literas *cet.* **3** tuas] tuus *VASC* **4** cupes *G HARTM* cupies *VASC HARTM* **5** posis *G HARTM* **6** Iuris ... Basileae *om. VASC HARTM* Basileae *om. MAT* **7** Bonifacio *G HARTM*

**A** V. DAMIÃO DE GÓIS

**a Bonifácio Amerbach**
**muito saudar.**

[Basileia, 9.IV.1534]

Meu óptimo amigo Bonifácio, o teu Damião ei-lo que demora na estalagem da Cegonha[1]. Deseja ir ter contigo[2], desde que saiba que estás em casa; ou, se te apraz, convida-te para a ceia[3]. Adeus.

Teu, Damião de Góis.

[End.]

A Bonifácio Amerbach, ilustríssimo amigo.

**A** VI. DAMIÃO DE GÓIS

**a Bonifácio Amerbach**
**muito saudar.**

[Friburgo, 4.VII.1534]

Gilberto[1] entregou-me a tua carta. Antes mesmo de tirar as botas, logo travei da pena para responder, a fim de que esta nossa siga na primeira ocasião.

Se, de igual modo que há tempos, desejas presentemente ter os duplos ducados[2], avisa-me. Ainda possuo cerca de vinte, dos quais poderás servir-te, assim como de quaisquer outros meus préstimos. Sou todo teu e anelo ser-te prestável dentro das minhas reduzidas possibilidades.

Adeus, ilustríssimo amigo.

Friburgo, 4 de Julho do ano de 1534.

Teu de coração, Damião de Góis.

[End.]

Ao Snr. Bonifácio Amerbach, peritíssimo em ambos os Direitos. Basileia.

**A** VII. DAMIANVS A GOES

**Bonifatio**[1] **Amerbachio**

[Friburgi, 18.VII.1534]

S.P. Ea die[2] qua huc appuli, ab Gisberto tuas[3] accepi litteras; mox illi tradidi responsum. Quod an uel non tibi sit redditum, sane ignoro. Scribebam me adhuc habere ferme duplices ducatos uiginti, quibus, si tibi opus esset[4], uti posses[5]. Quidquid in hac re uolueris, faciam.

Cogor consilio quorundam amicorum a D. Erasmo diuelli, quod haud sine maerore maximo facio. Scribunt Germaniam passim suspectam esse; quamobrem hinc me Patauium[6] conferam, ad quem locum mitendae[7] sunt mihi sarcinulae aliquae. Hic nullus est mercator qui apud Patauinos Venetosque notitiam[8] habeat, nec aurigae hinc illuc commeant. Opinor Basileam[9] omnibus his abundare; quapropter te oro ut in hac re mihi auxilio sis et scire coneris[10] ab aliquo mercatore quonam pacto hoc effici posset[11]. Ea sola de causa hunc[12] mitto tabellarium[13], per quem me certiorem[14] reddere posses[15]. Et si modum per te hoc transmittendi[16] nanciscor, cuperem[17] scire ad quam diem[18] et si commodius in uase aliquo an in sarcinulis, quod audio currus[19] Lucernae deponere onera[20] sua, quae ibidem in mulis[21] reposita Venetiam[22] transportantur.

Vale et nos[23] ama.

Postridie festum Margaritae anno 1534.

De hoc etiam ad Frobenium scribo.

Tuus totus, Damianus Góis.[24]

[Nom. inscr.]

Iuris[25] utriusque consultissimo D. Bonifatio[26] Amerbachio, plurimum obseruando. Basileae.

---

**A** VII. – **Ftt**: G 319$^{r-v}$ aut. Vasc 123 Hartm 284-285 Mat 50-51

---

**A** VII. – **1** Bonifacio *omn.* **2** die] dies *G* **3** tuis ... literis *G HARTM* tuas ... litteras *VASC MAT* **4** esset *MAT*] esse *G VASC HARTM* **5** possis *G HARTM* posis *VASC MAT* **6** Patauiam *HARTM* **7** mitende *G HARTM* **8** noticiam *G HARTM* **9** Basilea *G HARTM* **10** conneris *G HARTM MAT* **11** poset *G HARTM* **12** hunc *G VASC*] nunc *HARTM MAT* **13** tabelarium *omn.* **14** cerciorem *G HARTM* **15** poses *G HARTM* possis *VASC* posses *MAT* **16** transmittendum *omn.* **17** cupirem *VASC* **18** quem diem *HARTM* **19** curros *G HARTM* a carros *MAT* **20** onnera *G HARTM* **21** in millis *G HARTM* **22** Veneciam **23** nos ama *G VASC MAT* me ama *HARTM* **24** Damianus Góis *omn.* **25** Iuris ... Basileae *om. VASC HARTM* **26** Bonifacio *omn.*

**A** VII. DAMIÃO DE GÓIS
**a Bonifácio Amerbach**
**muito saudar.**

[Friburgo], 18.VII.1534

No dia em que aportei cá, recebi de Gilberto[1] a tua carta, e a ela pelo mesmo respondi logo. Se te foi entregue ou não, é que ignoro. Escrevia-te eu que ainda tinha quase vinte duplos ducados, dos quais podias servir-te caso precisasses. Farei o que quiseres, neste particular.

A conselho de uns certos amigos sou obrigado a separar-me do senhor Erasmo, o que faço não sem a mais profunda mágoa[2]. Escrevem que a Alemanha é suspeita por toda a parte[3], razão por que me irei daqui para Pádua, para onde preciso de enviar alguma ligeira bagagem.

Por cá não há nenhum mercador que tenha conhecimentos entre os patavinos ou venezianos, nem daqui para lá circulam cocheiros. Julgo que em Basileia não falta desta gente. Peço-te, pois, me ajudes neste caso e te empenhes em saber, de algum mercador, como poderia isto fazer-se. É o único motivo por que mando este correio, através de quem me poderias informar[4].

Se por teus ofícios encontrar meio de transporte, desejaria saber o dia e se será mais cómodo nalguma mala ou 20 em pacotes pequenos. É que ouço dizer que os carros deixam a carga em Lucerna[5], sendo daí levada a dorso de mulas para Veneza.

Adeus e honra-nos com a tua amizade.

No dia seguinte à festa de Santa Margarida (18 de Julho) do ano de 1534.

Acerca disto escrevo também a Froben.

Todo teu, Damião de Góis.

[End.]

Ao Snr. Bonifácio Amerbach, peritíssimo em ambos os Direitos, com muita consideração. Basileia.

**A** VIII.

DAMIANVS A GOES

**Bonifatio[1] Amerbachio**

[Friburgi, 21.VII.1534]

S.P. Quod tuarum nouissimarum litterarum[2] prompte tu a me non acceperis responsum, in causa fuere tabellarii, qui quando uolumus[3] imparati sunt, quando nolumus[4] ultro se offerunt.[5]

Duplices ducati[6] hic indicantur singuli pretio[7] quadraginta[8] et quinque baconum, quos non pluris sed adhuc minoris, si uelis, a me accipies. Quod ais de his commutandis moneta uel renensibus, si non esset mihi migrandum, monetam potius eligerem[9]. At si possis coronatos habere, mihi[10] gratius erit; si non, renensium erit permutatio, aut quoquo modo uelis, quando sum tuus.

Quod nostrae[11] profectioni tempus certum scire uelis, erit (Deo adiutore) paulo ante festum Adsumptionis[12] beatae Virginis aut mox postea, et per Basileam constituo petere Italiam, ut consulis[13]. De Bebelio nihil indico[14]; erit illi incommodum tamdiu [ex]spectare[15], mihi etiam properare.

Vale et nos ama.

Friburgi, XXI Iulii anno Salutis 1534.

Tuus ex animo, Damianus a Goes.

[Nom. inscr.]

Iuris utriusque consultissimo D. Bonifatio[16] Amerbachio[17], plurimum obseruando. Basileae.

---

**A** VIII. – **Ftt:** G 320$^{r-v}$ aut. Vasc 121-122 Hartm 286 Mat 53

---

**A** VIII. – **1** Bonifacio *omn.* **2** litterarum *VASC MAT* **3** uolimus *G HARTM* **4** nolimus *G HARTM* **5** oferunt *G HARTM* **6** ducatos *omn.* **7** precio omn. **8** quadragintae *G* **9** elligerem *G HARTM* **10** mihic *G HARTM* **11** nostra profeicione *G HARTM* nostrae profectionis *VASC* nostrae profectioni *MAT* **12** apsuncionis *G HARTM* assumptionis *VASC MAT* **13** consules *G HARTM VASC* **14** indico *G HARTM* iudico *VASC MAT* **15** spectare *omn.* **16** Bonifacio *omn.* **17** Amorbachio *G MAT*

A VIII. DAMIÃO DE GÓIS

**a Bonifácio Amerbach**

**muito saudar.**

[Friburgo, 21.VII.1534]

A culpa de não haveres recebido prontamente resposta à tua carta[1] última foi dos correios que, quando nós queremos, não estão preparados, quando não queremos oferecem-se espontaneamente.

Aqui os duplos ducados[2] avaliam-nos a quarenta e cinco *Batzen* cada um. Recebê-los-ás de minha parte não mais caros, antes até, se quiseres, mais baratos. Quanto à tua sugestão de trocá-los por moeda ou renenses, se eu não tivesse de mudar de terra preferiria a moeda. Mas se puderes ter coroados, mais contente ficarei. Caso contrário, cambiam-se por renenses ou como tu queiras, pois sou todo teu.

No respeitante a desejares saber ao certo o tempo da nossa partida, será, com a ajuda de Deus, pouco antes da festa da Assunção da Santíssima Virgem ou logo depois. E estou resolvido a dirigir-me[3] a Itália por Basileia, como aconselhas.

Acerca de Bebélio[4] nada adianto. A ele ser-lhe-á incómodo esperar tanto tempo; a mim, por outro lado, apressar-me.

Adeus e honra-nos com a tua amizade.

Friburgo, 21 de Julho do ano da Salvação de 1534.

Teu de coração, Damião de Góis.

[End.]

Ao Snr. Bonifácio Amerbach, peritíssimo em ambos os Direitos, com muita consideração. Basileia.

**A** IX.

DAMIANVS A GOES

**Bonifatio[1] Amerbachio**

[Patauii, 31.X.1534]

S.P. Litterae[2] quas ad Alciatum, uir ornatissime doctis<simeque>, per me dare uoluisti[3], nondum sunt redditae, qu<oniam> uolens Papiam petere, fama de obitu pontificis exorta est, qua non tutum erat uagari. Qua<mob>rem Como Patauium recta me contuli[4]; eas p<er> certum ad eum mittam nuntium.

De me meisque studiis nihil habeo quod scribam, nisi quod aedes philosophicas conduxi, quas o<rnare> cogor; quod cum[5] perfecero, plane litteris[6] incu<mbam>[7] et tibi uberius scribam. Vale.

Patauii, prid<ie> Calendas[8] Nouembris[9] anno 1534.

Tuus ex animo, Damianus a Goes.

[Nom. inscr.]

Iurisconsultissimo[10] D. Bonifatio[11] Amerbachio. Basileae.

**A** X.

DAMIANVS A GOES

**Bonifatio[1] Amerbachio**

[Patauii, 23.VI.1535]

S.P. Eo animo eram, ut nullas ad te darem litteras[2], nisi prius ad meas, quas ad te huc ueniens misi[3], respondisses; sed Sigismundo ciui Basiliensi[4] (quem bonum uirum uideo esse ac tibi deditissimum[5]) urgente[6] hoc scribo, ut intelligas me (Dei beneficio) ualere et ad omnia quaeuis[7] tibi paratissimum esse. Vale, amice ornatissime ac candidissime.

---

**A** IX. – **Ftt**: G 321[r-v] aut. Vasc 122 Hartm 296 Mat 61

**A** X. – **Ftt**: G 322[r-v] aut. Vasc 124 Hartm 356 Mat 74

---

**A** IX. – **1** Bonifacio *omn.* **2** litterae *VASC MAT* literae *cet.* **3** uoluisti] -te *G HARTM* **4** conttuli *G* **5** quod cum] *om.* quod *VASC* **6** literis *G HARTM* **7** incubam *MAT* **8** calendas *omn.* **9** Octobris *omn.* **10** Iurisconsultissimo ... Basileae *om. VASC HARTM* **11** Bonifacio *omn.*

**A** X. – **1** Bonifacio *omn.* **2** literas *G HARTM* **3** missi *G HARTM* **4** Basilienssi *G* **5** deditissmum *G* **6** urgenti *omn.* **7** queuis *G HARTM* quae uis *MAT*

**A** IX. DAMIÃO DE GÓIS

**a Bonifácio Amerbach**

**muito saudar.**

[Pádua, 31.X.1534]

A carta que quiseste confiar-me, varão ilustríssimo e doutíssimo, para Alciato[1], ainda não foi entregue. Tencionava dirigir-me a Pavia; mas não era seguro andar por ali, uma vez surgida a notícia da morte do Pontífice. Por isso, de Como cortei directamente para Pádua. Mandá-la-ei por mensageiro de confiança.

A respeito de mim e dos meus estudos nada tenho a escrever, salvo que aluguei uma pequena casa, que me vejo obrigado a preparar. Logo que acabe, atirar-me-ei a sério à correspondência e escrever-te-ei carta mais longa.

Adeus.

Pádua, 31 de Outubro do ano de 1534.

Teu de coração, Damião de Góis.

[End.]

Ao Snr. Bonifácio Amerbach, peritíssimo em Direito. Basileia.

**A** X. DAMIÃO DE GÓIS

**a Bonifácio Amerbach**

**muito saudar.**

[Pádua, 23.VI.1535]

Andava resolvido a não mandar nova carta[1] antes de responderes à que te enderecei ao vir para cá. A instâncias, porém, do cidadão de Basileia Segismundo[2] (que vejo ser pessoa de bem e muito teu afeiçoado), escrevi isto, a fim de que saibas que estou de saúde, graças a Deus, e na melhor disposição para tudo o que quiseres.

Adeus, mui distinto e mui leal amigo.

Patauio[8], 9. Calendas[9] Iulii anno 1535.
Tuus ex animo, Damianus a Goes.

[Nom. inscr.]

Nobilissimo[10] ac doctissimo uiro, D. Bonifatio[11] Amerbachio. Inclitae Basileae.

**A** XI.

DAMIANVS A GOES
**Bonifatio[1] Amerbachio**

[Patauii, 28.IX.1535]

S.P. Quanquam diu silentium tuis imposuisses litteris[2], persuasum mihi semper habui hoc abs te factum[3] [non] amicitiae nostrae acedia esse, quae ita ut est sancta atque indubitata, identidem[4] [nec] blanditiis nec fucatis sermonibus indiget. Compertum[5] nae habeo te modis omnibus mihi deditissimum esse; quae securitas tui in me candoris circa pectus uersatur atque animum meum, quibus in locis soliti sumus solummodo reponere ea quae nobis multo sunt carissima[6].

Angustia temporis cogor tecum parcissime agere; alias uberius scribam. D. Erasmum[7] apud uos agere propter eius salutem laetor[8]. Scio aerem Basiliensem multo commodiorem ei esse Friburgensi; cui te oro per caritatem[9], ut exigit eius doctrina atque aetas, inseruire. Vale.

Patauii, pridie Michaelis anno 1535.
Tuus, Damianus a Goes.

[Nom. inscr.]

Ornatissimo[10] doctissimoque Bonifatio[11] Amerbachio, iurisprudentia[12] candidato. Basileae.

---

**A** XI. – **Ftt**: G 323[r-v] aut. Vasc 124-125 Hartm 376-377 Mat 83

---

**A** X. – **8** Patauii *VASC* **9** calendas *omn.* **10** Nobilissimo... Basileae *om. VASC HARTM* **11** Bonifacio *omn.*

**A** XI. – **1** Bonifacio *omn.* **2** literis *G* **3** factum amicitiae *G VASC* ] factum [non] amicitiae *HARTM MAT* **4** identidem blandiciis *G VASC* ] identidem [nec] blandiciis *HARTM MAT* blanditiis *MAT* **5** Comperto *G VASC HARTM* ] Compertum *MAT* **6** carissima MAT charissima *G VASC HARTM* **7** D. Erasmum *G VASC HARTM* **8** letor *G HARTM* **9** charitatem *omn.* **10** Ornatissimo... Basileae *om. VASC* **11** Bonifacio *G HARTM MAT* **12** iurisprudentia *MAT* iurisprudencia *G VASC HARTM*

Pádua, 23 de Junho do ano de 1535.
Teu de coração, Damião de Góis.

[End.]

Ao nobilíssimo e doutíssimo varão, Snr. Bonifácio Amerbach, na ínclita Basileia.

**A** XI. DAMIÃO DE GÓIS
**a Bonifácio Amerbach**
**muito saudar.**

[Pádua, 28.IX.1935]

Embora delongado silêncio houvesses talvez imposto à tua carta, estou sempre na persuasão de que isto não aconteceu de teu lado em prejuízo da amizade nossa, que, assim como é sagrada e incontestável, não requer, de ordinário, nem blandícias nem artificialismo de palavras. Tenho efectivamente a certeza de que de todos os modos me és dedicadíssimo. Esta garantia da tua benevolência para comigo anda-me no coração e no espírito, nesses escaninhos onde nos acostumámos a guardar aquelas coisas que nos são mais caras.

Por dificuldade de tempo sou obrigado a usar de mui grande parcimónia contigo; mas escreverei carta mais longa, noutra ocasião.

Folgo por se encontrar entre vós, a curar da saúde, o senhor Erasmo[1]. Sei que os ares de Basileia lhe são muito mais convenientes que os de Friburgo. Rogo-te por caridade lhe assistas com teus cuidados, como o seu saber e idade o exigem. Adeus.

Pádua, vésperas de S. Miguel [28 de Setembro], do ano de 1535.
Teu, Damião de Góis.

[End.]

Ao distintíssimo e doutíssimo Bonifácio Amerbach, formado em jurisprudência. Basileia.

**A** XII. DAMIANVS A GOES

**Desiderio Erasmo Roterodamo**

[Patauii, 22.XII.1535]

S.P. Iampridem per negotiatores Lucae Rem ad te dedi litteras[1] quas timeo ad te non perlatas esse, cum quia pestis adhuc grassatur Augustae, tum maxime quia eundem Lucam Rem apud thermas audio propter apoplexim agere. Misi una cum ipsis litteris[2] supplicii[3] ordinem Thomae Mori, quod si accepisti, quaeso ut significes. Erant etiam ad Bonifatium[4] Amerbachium[5], Frobenium, Heruagium, Sigismundum atque Gisbertum[6] litterae[7] tuis inclusae, quae si ad eos nondum peruenerunt, saltem cuperem eos scire me in respondendo negligentem non fuisse.

Iam nulla alia scribendi ratio mihi est, nisi quod de tua salute intelligere cupio: quae mihi sane multis de causis maxima uidetur, quas, prolixe ne agam, hic supprimo, praesertim[8] quia in alio loco atque tempore erunt dicendae; de qua salute atque statione tua me, si non graueris[9], scribendo certiorem oro ut facias.

Hic nullas alias nouitates habemus nisi de Caesare nostro atque Turcarum[10]: de nostro, quod Romae exspectatur[11] post festum Natiuitatis, cuius ingressum Neapolim Italico[12] idiomate ad te mitto una cum aliquot Latinis[13] carminibus in eiusdem laudem exhibitis[14]; de Turcarum[15] tristia, tristia inquam Turcis[16] et iis qui eorum imperio bene cupiunt. Is multis et spoliis et praeda[17] onustus a Thauris domum[18] constituerat redire. Iter suscipit, lente conficit, quod tantus exercitus, tot impedimenta, tantus hostium metus, festinandi commoditatem praeripuisset; ecce tertiodecimo Octobris de prima uigilia quindecim milia Persidarum hominum selectorum irrumpunt in eius castra: quadraginta milia Turcarum[19] desiderati sunt, quatuor milia perducuntur ad seruitutem; Persidarum ingens multitudo quae ad captiuorum miserias deducta erat, uelut postliminio libertati restituta est; ipse Turca[20] uix cum reliquo milite fuga salutem suam tutari potuit, et quicquid machinarum bellicarum habebat una iacturam fecit. Haec ita uera sunt ut Apollinis oraculum.

---

**A** XII. – **Ftt**: E 8$^{r-v}$ aut$_1$ A 60$^r$-61$^r$ ap Allenga 261-2 Mat 89-91

---

**A** XII. – **1** litteras *MAT* literas *E A ALLENGA* **2** litteris *MAT* literis *E A ALLENGA* **3** supplitii *omn.* **4** Bonifatium *E ALLENGA* Bonifacium *cet.* **5** Amorbachium *E ALLENGA* **6** Gilbertum *ALLENGA* Gisbertum *cet.* **7** litterae *MAT* literae *E A ALLENGA* **8** presertim *E* **9** graueris *E A*] grauareris *cet.* **10** Turcharum *E A ALLENGA*] Turcis *MAT* **11** exspectatur *MAT* expectatur *E A ALLENGA* **12** italico *omn.* **13** latinis *omn.* **14** exhibita *E*] -tis *cet.* **15** de Turcarum *E A ALLENGA*] Turcis *MAT* **16** Turchis *omn.* **17** preda *E* **18** domum] comum *MAT* **19** Turcharum *omn.* **20** Turcha *E A ALLENGA* Purca *MAT*

**A** XII. DAMIÃO DE GóiS

**a Desidério Erasmo de Roterdão**
**muita saúde.**

[Pádua, 22.XII.1535]

Já há muito que vos mandei uma carta[1] por intermédio dos mercadores de Lucas Rem[2], a qual receio não vos haja sido entregue, não só porque ainda grassa a peste em Augsburgo, mas sobretudo porque ouço dizer estar o mesmo Lucas Rem nas termas em consequência da apoplexia. Juntei à dita carta a ordem de suplício[3] de Tomás More. Também inclusas na missiva vossa iam cartas para Bonifácio Amerbach, Froben, Hervágio, Segismundo e Gilberto[4]; se ainda não lhes chegaram às mãos, pelo menos desejaria eles soubessem que não fui negligente em responder.

Nenhuma outra razão tenho agora para escrever, senão o desejo de saber da vossa saúde. E em verdade, parece-me razão máxima esta, por muitos motivos que, para não ser prolixo, omito aqui, especialmente porque deverão dizer-se noutro lugar e tempo. Dessa saúde e imobilidade vossas peço me informeis epistolarmente, se não achardes excessivo.

Aqui nenhumas outras novidades há, salvo acerca do nosso César e do dos turcos[5]: do nosso, aguardado em Roma após a festa da Natividade, envio-vos o seu ingresso em Nápoles, em idioma italiano, juntamente com algumas poesias latinas apresentadas em louvor do mesmo; do dos turcos coisas tristes, tristes repito, para os turcos e para os que bem querem ao seu império. Este, carregado de muitos despojos e presa dos tauros, resolvera regressar à pátria. Lança-se ao caminho, avança lentamente porque tamanho exército, tantas bagagens, tanto medo dos inimigos teriam obstado à conveniência de apressar-se. A 13 de Outubro, no decurso da primeira vigília, quinze mil homens persas escolhidos irrompem sobre o seu acampamento: quarenta mil turcos perderam a vida, quatro mil são feitos cativos; a ingente multidão dos persas que fora reduzida às misérias do cativeiro, por assim dizer por efeito do direito de regresso à pátria, foi restituída à liberdade. O próprio Sultão, com o resto do exército, mal pôde, pela fuga, escapar ileso, perdendo conjuntamente quanta maquinaria bélica possuía. Estas coisas são tão verdadeiras como o oráculo de Apolo.

Envio-vos aqui fragmentos acerca da morte do Rofense[6], conseguidos de um inglês amigo. Tão constante foi no próprio martírio que, a meio do caminho enquanto era conduzido ao suplício, a certo monge que lho pedia, explicou algumas passagens do Novo Testamento nas quais desde há muito firmemente acreditava, exprimindo-se de tal modo que parecia aos circunstantes ouvirem um anjo do Céu.

Fragmenta mortis Roffensis[21] quae ab amico Anglo nactus sum, ad te hic mitto. Tam constans fuit in ipso agone ut in media uia, dum adsupplicium[22] duceretur, cuidam monacho roganti interpretatus[23] sit ex sacris Noui Testamenti aliqua in quibus diu haeserat[24]; quae ita declarauit ut omnibus circunstantibus uideretur angelum de caelo audire.

*Contionator*[25] tuus apud nos iam extat, opus dignum te, in quo non temere tam diu laborasti. Ioanni Georgio Paungartnero, filio Ioannis Paungartneri, quo hic utor familiariter, hasce tradidi litteras[26], quem spero curaturum ut maiori diligentia ad te perferantur. Bonus atque cordatus est adolescens et de te bene meritus.

A uertigine semper male crucior[27], nec frigoribus nec caloribus possum me accommodare ipsa urgente; ut uideo, migrandum mihi erit semper cum gruibus.

Vale et de te me redde certiorem.

Patauio, undecimo Calendas Ianuarias Anno MDXXXV.

Quod manu propria non scribo morbo condona, qui uix permisit[28] primum exemplum conficere[29]. Iterum uale.

Tuus[30] ut scis, Damianus a Goes.

[Nom. inscr.]
Desiderio[31] Erasmo Roterodamo.

**A** XIII. DAMIANVS A GOES

**Desiderio Erasmo Roterodamo**

[Patauii, 26.I.1536]

S.P. Dolentem tuam lacrimis[1] deleui sche<dam>[2]; ne[c][3] satis credere posses quam aegre om<nes> tui ferant[4] amici illud malum extre<mae spinae> quod ad uetus accessit. Sed quoniam Chris<tus> expiationem languoribus[5] et cruciatibus praesentis[6] saeculi[7] delictorum tuorum exigit, qui nihil temere facit,

**A** XIII. – **Ftt**: R 203-206 aut Fecht 856-8 Erop cols. 1771-2 )Enth( 167 Allenga 270-1 Vasc 84-6 Mat 93-7

**A** XII. – **21** Ruffensis *omn.* **22** supplicium *MAT* supplitium *cet.* **23** interpraetatus *E MAT* **24** heserat *E* **25** Contionator *omn.* **26** litteras *MAT* literas *cet.* **27** crutior *E ALLENGA* **28** permisit] permist *E* **29** conficere] perficere *A* **30** Tuus… Goes *om. A* **31** Desiderio… Roterodamo *om. ALLENGA*

**A** XIII. – **1** lachrymis *omn.* **2** schedam *VASC* schedam *cet.* **3** nec] c *addidi* **4** ferant, amice, illud *VASC*] ferant amici illud *cet.* **5** langoribus *R ALLENGA*] languoribus *cet.* **6** praesenti *R FECHT* praesentis *cet.* **7** seculi *omn.*

O vosso *Concionator*[7] já entre nós se encontra, obra digna de vós em que seriamente trabalhastes tanto tempo.

Confiei esta carta a João Jorge Paungartner[8], filho de João Paungartner, com quem aqui mantenho familiaridade, esperando que com maior diligência cuidará de vo-la fazer chegar. É um adolescente bom e cordato, honrado em vos servir.

A vertigem atormenta-me de contínuo e, quando aperta, nem a frios nem a calores me posso acomodar. Ao que vejo, terei sempre de migrar com os grous.

Adeus e dai-me informes vossos.

Pádua, 22 de Dezembro do ano de 1535.

Perdoai não escrever de mão própria, por causa da doença, que mal me permitiu fazer o rascunho original. Outra vez, adeus.

Vosso como sabeis, Damião de Góis.

[End.]

A Desidério Erasmo de Roterdão.

**A** XIII. DAMIÃO DE GÓIS
**a Desidério Erasmo de Roterdão**
**muita saúde.**

[Pádua, 26.I.1536]

Com lágrimas destruí vosso doloroso bilhete[1]; e não lograríeis suficientemente imaginar quanto a todos os vossos amigos custa esse padecimento da extremidade da coluna, que ao antigo acrescentar-se veio. Mas já que Cristo vos exige, por doenças e tormentos deste século, a expiação de vossos pecados, a Ele, que nada faz em vão, se deve todo o acatamento, sobretudo de vós, a quem o mesmo Deus se dignou comunicar tal cópia de exímia doutrina.

Bembo e Bonamico[2] saúdam-vos e desculpam-vos. Gesto idêntico terá Célio[3], desde que inteirado da vossa doença. Este vive em Ferrara, como sabeis.

O vosso *Ecclesiastes*[4] está entre nós e, consoante o notei na missiva precedente, não sem grande honra.

Vi o que escrevestes contra Cúrsio[5], assim como Lázaro Bonamico que, embora se não deleite em coisas desta espécie, contudo louvou altamente isso e leu com prazer.

bene consulendum est, praesertim tibi, cui ipse Deus tantum eximiae doctrinae dignatus est impertiri.

Bembus et Bonamicus te salutant atque excusat<um> habent; id faciet Caelius[8], modo de tua ualetudi<ne> sciat; agit is Ferrariae, ut scis.

*Ecclesiastes* apud nos est tuus et, ut ad te superioribus scripsi litteris[9], non sine magno honore. Ea quae in Cursium scripsisti, uidi simul cum Lazaro Bonamico qui, quanquam[10] rebus huiusmodi non delectetur, tamen illud magnopere laudauit atque cum uoluptate legit.

Valeat Gilbertus cum suo canonicatu, si te reliquit nolentem[11]; scio eum tibi fuisse usui. Adolescens, quem tibi commendaui, factus[12] canonicus Maguntinus[13], illic residet.

Quod aedes uendidisti Friburgi[14] atque supellectilem[15] distraxisti non[16] infeliciter, plane gaudeo, solet id passim secus accidere.

Habeo tibi gratiam pro Thomae[17] Mori mortis explanatione[18]; fuit donum nobis gratissimum. Amici tui, quos hic habes plurimos et eruditos, quorum consuetudine familiariter utor, mirantur quod mortem tam cari[19] ac intimi amici scriptis non celebres tuis. Nonnulli dicunt mentionem, quam in prologo *Ecclesiastis* de eo atque Roffensi[20] facis, dignam non esse tantis uiris, quod prolixius debebas, aiunt, in materiam tam dignam procedere. Tu scis quid[21] sis facturus, ego tamquam[22] amicus moneo.

Ita corripior[23] amore tuo, ut in omnibus integrum atque immaculatum cupiam officium tuum manere. Quapropter saepius reuolui atque in animo singulis diebus reuoluo, si Deus mihi tantum uitae concesserit[24], ut post obitum tuum omnia opera simul meo sumptu imprimantur tua, ad quod opus castius[25] conficiendum duco multum esse in rem[26] tuam, si illum laborem accipere uelles, ut mihi ordinatim catalogum tuorum describeres[27] librorum, tam profanorum[28] quam ecclesiasticorum; deinde si aliquot libri sunt, quos suppressos[29] cupis aut seorsum[30] imprimendos, possis[31] etiam hoc significare. Et quoniam nullus est, qui gloriae[32] non sit cupidus, ardeo etiam incredibili[33] desiderio, ut uita a me describatur tua, quod facere[34] non possum, nisi adiutus ab aliquo uiro docto doctissimoque; quippe uolo eam eo stilo[35] describere, ut in posterum non tantum ipsa uita sit commendanda tua, uerum etiam ipsum filum exordiumque orationis,

---

**A** XIII. – **8** Caelius Celius *R FECHT ALLENGA*] Coelius *MAT* Caelius *cet.* **9** literis *VASC* **10** quamquam *VASC MAT* **11** nolentem *ALLENGA MAT*] nolente *cet.* **12** factus canonicus *R FECHT ALLENGA MAT*] factus est canonicus *cet.* **13** Maguntinus *R ALLENGA* Moguntinus *cet.* **14** Friburgi *om. MAT* **15** supelectilem *R* supellectilem *cet.* **16** non] no *R* **17** Thome *R* **18** explanationem *R FECHT*] -one *cet.* **19** cari ac intimi *R*] cari et intimi *cet.* **20** Rofensis *R* Ruffensi *MAT* Rofensi *FECHT ALLENGA* **21** qui sis facturus *R*] quid *cet.* **22** tanquam *VASC* **23** coripior *R* **24** concesserit] concederit *R ALLENGA* concederet *cet.* **25** castius *R ALLENGA MAT*] rectius *cet.* **26** in rem tuam] in re tua *omn.* **27** describeris *R*] describeres *cet.* **28** profanorum *VASC* **29** suppresos *R* **30** seorsum *R ALLENGA*] seorsim *cet.* **31** posis *R* posses *MAT* **32** gloria *R*] gloriae *cet.* **33** incredibli *R* incredibili *cet.* **34** fieri non posum *R ALLENGA*] facere non possum *cet.* **35** estilo *R ALLENGA*

Pois passe por lá muito bem Gilberto mais o seu canonicato, se é que vos deixou mau grado vosso. Sei haver-vos ele sido de utilidade.

O mancebo[6] que vos recomendei, nomeado cónego de Mogúncia, ali reside.

Quanto a terdes vendido a casa em Friburgo[7] e a retalho os trastes passado com vantagem, sinceramente folgo. Costuma isso a cada passo suceder doutra guisa.

Agradeço-vos o relato da morte de Tomás More[8]; foi ele um dom gratíssimo para nós. Vossos amigos, que aqui haveis muitos e eruditos, e com os quais mantenho boas relações, admiram-se de que em escritos vossos não celebreis o desaparecimento de tão caro e íntimo amigo. Alguns dizem que a menção que deste e do de Rochester consignais no prólogo do *Ecclesiastes*[9], não está em conformidade com tão excelentes varões, pois que devíeis, afirmam eles, proceder mais desenvolvidamente em assunto tão digno. Vós sabeis o que heis-de fazer; eu apenas aviso, como amigo que sou.

E a tal modo me sinto preso de afeição por vós, que almejo em tudo a vossa memória permaneça íntegra e imaculada. Por isso, já bastas vezes tenho matutado comigo mesmo e ainda dia a dia cismo em, se Deus me facultar vida bastante, imprimir, depois de vosso passamento e a expensas minhas, todas as vossas obras conjuntamente, – objectivo para cuja mais feliz assecução creio que muito vos interessava, caso esse incómodo aceitar quisésseis, arranjardes-me um catálogo ordenado dos vossos livros[10], tanto profanos como religiosos; além de que, se alguns tendes que desejais suprimir ou editar em separado, poderíeis também significar-mo.

Com efeito, como ninguém há descobiçoso da glória, ardo outrossim no anseio incrível de enarrar a vossa vida, o que possível me não é executar senão mediante o auxílio de algum varão douto, e até doutíssimo, por isso que exará-la quero num estilo tal que não só a vida mesma deva ser no futuro recomendada, mas de igual jeito o próprio fio e urdidura do discurso, coisa esta que calculo não vos ser desonrosa, na verdade. A enucleação de tal currículo afixá-la-ei no princípio dos vossos escritos.

E então, visto me assistirdes ainda, impetrar-vos desejaria que de boa vontade fôsseis servido de fornecer-me, a modos de apontamentos, a sua exposição desde o começo; ou, no caso que prefirais vós em pessoa escrevê-la completa e sumariamente e assim ma confiar, bem mais recomendável ficará para os vindouros. Se concordais, não vos serei ingrato por este trabalho. E a tal me quererdes conceder e julgardes que, comigo na vossa companhia, melhor podeis conversar sobre esta matéria, eu próprio irei aí no mês de Maio ou Junho, ou até mais cedo em vos parecendo bem.

quod <quidem> tibi dedecori[36] non esse duco qua<m> narrationem[37] eius uitae tuae princip<io> tuorum scriptorum affigam. Et <quo>niam mihi superstes es, hoc cum gra<tia> cuperem impetrare[38], ut eius rationem a principio mihi uelles instar commentariorum tradere; aut si mauis eam absolute et compendiose[39] tu ipse scribere et eam mihi ita tradere, multo commendatior[40] erit posteritati. Quod[41] si facis, de tuo labore non ero tibi ingratus.

Et si id mihi concedere uelis[42] et credas me[43] praesenti mecum de hac re posse te melius conferre, ipse ad te in mense Maio uel Iunio ueniam, uel citius si uisum fuerit. Et non uerearis ad me aperte scribere, timens posse me in ipso itinere[44] facere sumptus, qui maiores[45] non erunt quam[46] ii quos hic quotidie facio, nec tales; et si excellant[47], mihi propter meum suauissimum Erasmum, in cujus gratiam[48] nihil non sum facturus, erunt[49] gratissimi. Postremo hoc exoratum uolo, ut de hac re nemo intelligat; quippe si res in effectum uenerit[50], nolo rationem nostri consilii cuipiam reuelatam[51] esse.

Memini Gilbertum[52] mihi ostendisse chartam[53] membranam[54] in qua Heluetia diligenter erat manu designata, quam aiebat esse tuam. Ego etsi[55] impudenter faciam, tamen quoniam scio tibi non esse usui, cuperem ut eam mihi concederes, atque[56] per Bebelium mitteres; quod si facis, id accedet ad cumulum tuorum in me officiorum. Aut si isdem de causis quas superius dico[57], ad te uelis[58] me uenire, possis eam in aduentum mei seruare et praesens[59] praesenti tradere, quam si aliquis erit istic qui depingere huiusmodi res sciat, curabo interpretandam[60], ut te non defraudem.

Vale et, quam cito poteris, rescribe. Iterum uale, praeceptor amantissime.

Patauio[61], postridie conuersionis Pauli, anno 1536.

Tuus ex animo, Damianus[62] a Goes.

[Nom. inscr.]

Desiderio[63] Erasmo Roterodamo. Basileae. Propria manu[64].

---

**A** XIII. – **36** dedecoris *R ALLENGA*] dedecori *cet.* **37** narationem *R* **38** impetrare *omn.*] petrare *VASC* **39** compendiosse *R* **40** commendaciorem *R*] commendacior *ALLENGA*] -tior *cet.* **41** quod si facis, de tuo labore *R*] quod si facis de tuo labore, *cet.* **42** uelis et credas] uelis et credes] *omn.* **43** me praesenti *R ALLENGA*] prope praesentem *cet.* **44** itineri *R ALLENGA*] -nere *cet.* **45** magores *R ALLENGA* **46** quam eos *R ALLENGA*] quam ii *cet.* **47** et si excelerent *R*] etsi excellerent *FECHT ALLENGA MAT* et si excederent *cet.* **48** gratia *R*] gratiam *cet.* **9** erunt] [non] erunt *add. ALLENGA* **50** uenerit *R FECHT ALLENGA*] ueniret *cet.* **51** reuelatam *R ALLENGA MAT*] -tum *cet.* **52** Gilbertus mihi ostendiset *R*] *ENTH* Gilbertum mihi ostendisse *FECHT EROP VASC MAT* memini quod Gilbertus rnihi ostendisset *ALLENGA* **53** chartam *VASC MAT* **54** membranam] membranaceam *ALLENGA* **55** si impudenter *R ALLENGA* etsi impudenter *FECHT EROP )ENTH( MAT* etsi imprudenter *VASC* **56** utque per *VASC*] atque per *cet.* **57** dico *R ALLENGA*] dixi *cet.* **58** uelis] uelles *omn.* **59** praesens praesenti] praesens *om. MAT* **60** interpretandam *R ALLENGA MAT*] -dum *cet.* **61** Patauio 26. Ianuarii. Anno 1536 *VASC*] Patauio postridie conuersionis Pauli, anno 1536 *cet.* **62** Damiano *VASC*] Damianus *cet.* **63** Desiderio ... manu *om. FECHT EROP VASC* Desyderio *R ALLENGA* **64** [In ms. «Propria manu» *subsequitur* nominis inscriptionem, nec subscriptionem].

Por certo não temereis escrever com franqueza, no receio de' que eu venha a efectuar despesas com a viagem, as quais não serão superiores às que aqui tenho quotidianamente, nem tão grandes. E se o forem, tornar-se-me-ão agradabilíssimas por causa do meu suavíssimo Erasmo, em prol de quem tudo eu hei-de cometer.

Desejo, em último lugar, pedir-vos muito que ninguém disto se aperceba, porque, se o negócio chegar a seu termo, não quero que a natureza do nosso propósito tenha sido revelada a pessoa alguma.

Lembra-me de Gilberto[11] me haver mostrado um mapa em pergaminho, onde estava a Suíça desenhado à mão, e que ele me disse ser vosso. Eu, ainda que atrevidamente agindo, contudo porque sei que vos não é de utilidade, anelaria mo cedêsseis por Bebélio[12]; o que a fazerdes, mais acrescerá ao cúmulo dos vossos favores para comigo. Ou então, se pelas mesmas causas que mais acima digo, quiserdes que eu vá aonde a vós, podereis conservá-lo até à minha chegada e entregar-mo pessoalmente; o qual, em alguém aí estando que saiba desenhar coisas deste género, mandarei trasladar, para vos não privar dele.

Adeus; e, tão breve possais, respondei. Adeus outra vez, preceptor amantíssimo.

Pádua, no dia seguinte à conversão de S. Paulo [26 de Janeiro], do ano de 1536.

Vosso de coração, Damião de Góis, por sua mão.

[End.]

A Desidério Erasmo de Roterdão. Basileia.

**A** XIV. DAMIANVS A GOES

**Desiderio Erasmo Roterodamo**

[Norimbergae, 15.VII.1536]

S.P. Nescio quid aegrius acriusue[1] ferendum aliquis putet quam [si][2], post multos labores multaque itinerum discrimina, ad id quo[3] tendimus (quamuis pro foribus pateat) peruenire non concedatur.

Suscepi[4], amantissime Erasme, illud iter de quo saepius ad te scripsi; et quoniam reliquas Germaniae ciuitates perlustraueram praeter Norimbergam[4], constitui eam prius uidere quam ad te uenissem, ut finito apud te negotio propter quod ueniebam[6], recta in principio autumni in Italiam redissem[7]. Veni tandem huc, ubi de bello Heluetico tanta feruntur, ut non solummodo ii qui istuc proficisci[8] uolunt terreantur[9], at etiam ii qui ex foco lareque admouere pedem nolunt.

Tamen, si haec incerta, ut saepius rumoribus contigit, essent[10], non dubitassem[11] in sententia[12] procedere. Sed addunt[13] ii a quibus omnia haec et multa alia accepi, quendam Dominum de Rus[14] Atrebatum[15], Caesaris[16] oeconomum[17], quem optime noui[18], manum XX milium militum[19] apud Ormatiam[20] Vlmamque collegisse, cum quo atque Burgundo[21] milite[22] euasurus ex Burgundia[23] est Heluetiam, si Heluetii[24] suppetias[25] Gallo dent, quas[26], affirmatur, iam[27] XX milium militum[28] misissent; unde, credo, apud uos exortae maximae turbationes.

Et tamen[29], si haec audiebam, in mea procedere uolebam sententia[30]. Amici (quos hic habeo) orabant atque pro Dei fide obtestabant ne facerem: quippe [dicebant][31] non solum in Burgundia[32] esse militem[33], sed etiam in Brisgoia atque Elsatia; ex quo nullo itinere Basileam uenire posse aliquem nisi maximo periculo, praesertim hominem peregrinum, qui omnibus suspectus uidetur semper, maxime eos qui habent unde iacturam facere bonorum possent, quae semper ambiuntur praecipue a militibus, quod genus hominum minime semper diuitiis[34]

---

**A** XIV. – **Ftt**: E 10r-11v aut. A 61v-63v Allenga 339-340 Mat 101-5

---

**A** XIV. – **1** acriusue *E ALLENGA*] acriusque *cet.* **2** si *add. ALLENGA* **3** quod tendimus E] *om.* quod *A* quo tendimus *cet.* **4** Sucepi *E ALLENGA*] Suscepi *cet.* **5** Norimbergam *A*] Norombergam *cet.* **6** ueniebam] uenibam *MAT* **7** reddissem *E ALLENGA*] rediissem *cet.* **8** proficisi *E ALLENGA* **9** tereantur *E* **10** esent *E* **11** dubitasem *E* **12** scententia *E ALLENGA* **13** adunt *E* **14** Rus *E ALLENGA*] Pus *A* Rous *MAT* [*ALLENG*A *legit* Rous *in E, sed non recte*] **15** Atrebatum *E ALLENGA MAT*] Astrebatem *A* **16** Caesaris] Regis *A* **17** iconomum E] Yconomum *ALLENGA* oeconomum *cet.* **18** nogui E] noui *cet.* **19** Ormatiam *E ALLENGA MAT*] Wormatiam *A* **20** millitum *E ALLENGA* **21** Brugundo *E ALLENGA MAT*] Burgundo *A* **22** millite *E ALLENGA* **23** Brugundia *E ALLENGA MAT*] Burgundia *A* **24** Heluecii *E ALLENGA* **25** supetias *E* **26** quas affirmatur, ... misissent E] quos affirmatur ... milia militum misisse *cet.* **27** ia *E*] iam *cet* **28** millitum *E ALLENGA* **29** tamen si *E*] tametsi *A ALLENGA MA* **30** scententia *E ALLENGA* **31** dicebant *addidi* **32** Brugundia *E ALLENGA MAT*] Burgundia *A* **33** millitem *E ALLENGA* **34** deuiciis *E* diuiciis *ALLENGA*

**A** XIV. DAMIÃO DE GÓIS
**a Desidério Erasmo de Roterdão**
**muito saudar.**

[Nuremberga, 15.VII.1536]

Não sei que coisa alguém julgará[1] mais custosa ou mais dura de suportar do que, depois de muitos trabalhos e muitos riscos de caminhos, não lhe ser concedido chegar ao objectivo proposto (embora se lhe patenteie em face).

Lancei-me, amantíssimo Erasmo, àquela viagem acerca da qual bastantes vezes vos escrevi. E como havia percorrido as restantes cidades da Alemanha excepto Nuremberga, decidi visitar esta antes de seguir para vossa casa, no intuito de, concertado o negócio[2] que aí me levava, estar de regresso directo a Itália, no início do outono.

Cheguei finalmente aqui, onde tanto se conta da guerra na Suíça[3] que não somente andam aterrados os que para aí querem partir, mas ainda os que da sua casa e lar não querem mover pé. Entretanto, se estas coisas fossem incertas como mais vezes acontece aos boatos, não teria hesitado em prosseguir no meu intento. Acrescentam, porém, aqueles de quem ouvi estas e muitas outras novas, que um certo senhor[4] de Russ, de Arrás, intendente do Imperador, e que muito bem conheço, reunira em Worms e Ulm um exército de vinte mil soldados, com o qual acompanhado de tropas borgonhesas ia avançar da Borgonha sobre a Suíça, caso os helvécios dêem ajuda ao Francês, afirmando-se já lha terem enviado em trinta mil soldados. Donde as maiores perturbações surgidas por aí, creio eu.

Não obstante ouvir isto, queria prosseguir no meu intento. Os amigos (que aqui tenho) rogavam e conjuravam-me pelo nome de Deus o não fizesse, visto não só na Borgonha haver tropas, mas também na Brisgóvia e na Alsácia; pelo que por nenhum caminho podia alguém ir para Basileia senão com grandíssimo perigo, sobretudo um homem estrangeiro, que parece sempre suspeito a todos, e muito especialmente aqueles que estão na contingência de sofrer perda de bens, ambicionados de contínuo nomeadamente pelos soldados, género de gente sempre em apuros de bolsa. Movido por tais advertências e conselhos, desisti de ir até junto de vós, o que tanto me custa, como Deus sabe. Contudo, se me não é lícito gozar agora da presença de tão caro e devotado amigo, resarçamos isto, na ausência, com a amizade e laços mútuos com que Cristo estreitissimamente nos uniu e epistolarmente compensemos este sacrifício.

Escrevestes na última carta, Mestre ilustríssimo, à qual de Pádua, crendo estar para voar sem demora até junto de vós, respondi deveras laconicamente,

abundat. Quibus monitis atque consiliis impulsus, ad te destiti[35] tendere, quod tam[36] aegre fero[37], ut Deus scit. Tamen si praesentia tam cari atque ardentis amici frui modo non licet, mutuo in absentia[38] amore atque conexu quo Christus nos artissime[39] coniunxit[40], hoc sarciamus[41] et litteris[42] hanc iacturam compensemus.

Scripsisti superioribus litteris[43], ornatissime praeceptor, quibus Patauio credens me ad te mox uolaturum perquam breuiter respondi, catalogum tuorum librorum[44] uelle in ordine mihi[45] concedere, ex quo gratiam habeo maximam. Si id feceris, rem te dignam facies atque posteritati commodam[46]. Et quod de uita recusas, non est quod omnia scriptis commendes; scribes ea quae tibi honori[47] erunt, reliqua transmitte[48]. Possis[49] uitae morumque rationem ampliare, progeniei leniter[50] attingere. Erit profecto in rem[51] tuam suscipere[52] hunc laborem, quoniam non dubito [quin][53], postquam ad tuum diem discesseris[54], multi tibi amici atque etiam inimici tuam diligenter descripturi sint uitam. Quae scripta, si alia exeant quam deceat oporteatque, obscurare possimus iis [commentariis][55] quos[56] mihi reliqueris a te compositos eo artificio atque ornamento quo in omnibus aliis tuis operibus semper usus es. Quam uitam tuam cum catalogo tuorum librorum[57], ita ut antea ad te scripsi, in principio tuorum operum (quae meo sumptu curabo imprimi) affigam. Hic habes, amicissime[58] Erasme, de hac re iudicium meum. Tu cui multarum rerum notitia[59] conceditur, possis de hoc melius discernere; quidquid constitueris, modo in rem sit tuam[60], mihi gratissimum[61] erit. Tamen si efficies ut huic tuo Damiano aliquid gloriolae ex hoc accedere posset, non indigne facies. Scis quam ardenter te amem.

Ingolstadii[62], ubi biduo egi, accepi a quibusdam scholasticis amicis meis, antea quidem mihi intime cognitis, esse quosdam tumidos doctores qui de te coram populo studiosisque mira in suggestis[63], circulis priuatisque confabulationibus praedicant. Aiunt te migrasse Basileam ut sectam Suinglianam liberius amplecti posses, in qua te semper uersatum fuisse addunt[64]; et multa alia quae prolixum erit narrare[65]. Volui eos conuenire, ut eis indicarem quam alienus sis a sectis et ostenderem eorum stultitiam insaniamque. Non potui, quippe propter uacationes quae iam inceperant, abiuerant rusticatum. Tamen, quantum potui, oraui amicos omnes ut eos uellent monitos habere ne pergant amplius insanire, scientes Erasmum esse alium quam praedicant. Non dubito quin Germania atque bona pars Christianorum habeat[66] multos qui te de hac re arguant, aduersus quos tuae prudentiae committo an liceat declamare.

---

**A** XIV. – **35** destiti] destitui *omn.* **36** tam] tamen *ALLENGA* **37** ferro *E*] fero *cet.* **38** ausentia *E* **39** arctissime *omn.* **40** congunsit *E* **41** sarciamur *E ALLENGA*] sarciamus *cet.* **42** litteris *MAT* literis *cet.* **43** literis *omn.* **44** tuorum librorum] librorum tuorum *MAT* **45** mihi] me *MAT* **46** comodam *E ALLENGA* **47** honoris *E* **48** transmitte *E A ALLENGA*] omitte *MAT* **49** posis *E* **50** leniter *E*] leuiter *cet.* **51** in re tua *omn.* **52** subcipere *E ALLENGA*] suscipere *cet.* **53** quin *add. MAT*] *om. cet.* **54** discesseris] discederes *omn.* **55** commentariis *addidi* **56** quos … compositos *E A ALLENGA*] quae … composita *MAT* **57** tuorum librorum *om. A* **58** amitissime *E ALLENGA* **59** noticiam *E* noticia *cet.* **60** in re sit tua *omn.* **61** gratissimum erit] *om. MAT* **62** Inglostadii *E ALLENGA MAT*] Ingolstadii *A* **63** sugestis *E* **64** adunt *E* **65** narare *E* **66** habat *E*

quererdes entregar-me, ordenado, o catálogo[5] dos vossos livros, pelo que vos confesso o maior reconhecimento. Se isso fizerdes, praticareis acção digna de vós e proveitosa à posteridade. Quanto à recusa da biografia própria, não há que exarar tudo no papel: escrevereis aquilo que vos honra, deixando de lado o resto. Podereis alongar-vos no relato da vida e costumes, tocando ao de leve no da progenitura[6].

Ser-vos-á por certo vantajoso aceitar este trabalho, porquanto não duvido de que, porventura chegado o vosso dia de nos deixar, muitos amigos vossos e até inimigos irão diligentemente descrever-vos a vida. Ora tais escritos, supondo que saiam fora do que é conveniente e necessário, poderemos nós rebatê-los através dos que me confiardes, preparados por vós com aquela arte e ornato de estilo que sempre empregastes em todas as outras obras. Essa biografia vossa, junto com o catálogo dos vossos livros, inseri-la-ei, como anteriormente vos escrevi, no princípio das vossas obras (que a expensas minhas me encarregarei de imprimir). Eis, meu amicíssimo Erasmo, o que penso sobre este assunto. Vós, a quem é concedido o conhecimento de muitas coisas, podereis a este respeito discernir melhor. Seja qual for o que resolverdes, ser-me-á gratíssimo desde que no interesse vosso. Entretanto se fizerdes com que a este vosso Damião algum renomezito possa disto advir, não procedereis imerecidamente. Sabeis quão ardentemente vos quero.

Em Ingolstadt, onde permaneci dois dias, ouvi de alguns estudantes meus amigos, desde tempo atrás comigo familiarmente relacionados, haver uns túmidos doutores[7] que de vós proferem mirabolâncias diante do povo e dos estudiosos, nas tribunas, nas assembleias e em conversas particulares. Dizem que mudastes para Basileia a fim de mais à vontade poderdes seguir a seita de Zuínglio, acrescentando que sempre nela estivestes. E muitas outras coisas que será prolixo narrar. Quis encontrar-me com eles para lhes explicar quanto vos achais alheio a seitas e mostrar-lhes a sua estultícia e insânia. Não pude, pois que, em consequência das férias já começadas, tinham partido para o campo. Contudo roguei o possível a todos os amigos. que tivessem a bondade de adverti-los para não continuarem em tais sandices, cônscios de que Erasmo é diverso do que proclamam. Não duvido de que na Alemanha e entre boa parte dos cristãos haja muitos que vos acusam disto. Cometo à vossa prudência se será conveniente replicar-lhes.

O mapa da Suíça[8], se poderdes encontrá-lo, peço que mo envieis; ser-me-á extraordinariamente de proveito. Eu voltarei daqui directamente para Pádua, dentro de três ou quatro dias. Podereis escrever com segurança; vossa carta ali me encontrará.

Chartam[67] Heluetiae, si possis nancisci[68], oro ut mittas; erit mihi mire commoda. Ego hinc recta repetam Patauium, intra triduum[69] uel quatriduum. Possis[70] tute scribere; inuenient me tuae litterae[71] istic.

Vale et me ama, credens me nihil magis desiderare quam meum Erasmum nonnunquam iterum uidere, quod quidem adhuc spero (Deo adiutore[72]) fore. Iterum uale.

Norimbergae[73], XV Iulii anno 1536.

Tuus[74] ex animo, Damianus a Goes.

[Nom. inscr.]

Desiderio[75] Erasmo Roterodamo. Basileae.

[Iuxta inscriptionem, inter Erasmi nomen ciuitatisque, atque ipsius Amerbachii manu exaratum]: Redditae pridie Bartholomei, missae per Beatum Rhenanum.

**A** XV. DAMIANVS A GOES

**Bonifatio[1] Amerbachio**

[Patauii, 31.VIII.1536]

S.P. Nec parentum nec fratrum mors mihi, carissime[2] Bonifati[3], maestior unquam fuit quam nostri suauissimi[4] Erasmi, quem semper tanquam heroidem amplexus osculatusque sum, quod[5] quidem iniuria nunquam fecisse scio: habui semper indubitatum suum in me candorem amoremque, quo Christus Iesus nos coniunxerat[6] his artibus[7] conexisque ut sola huius uitae discessio[8] hoc[9] ligamen fraternae amicitiae, nemo[10] alius, dissoluere potuisset. At tamen dissolutum non credo, quando is iam uiuet ubi procul[11] dubio nos ad constitutum conuictores [ex]spectat[12]. Etsi haec certo sciam, nequeo[13] satis dolere, quod tam intempestiue mihi ablatus sit (ipsi non; cupiebat, ut crebrius[14] mihi rettulerat, dissolui). Conueneramus praesentes de certis rebus, quas litteris[15] postea confirmauimus,

---

**A** XV. – **Ftt**: G 324r-325v aut. Vasco 125-126 Hartm 437-438 Mat 108-9

---

**A** XIV. – **67** cartam omn. **68** nancisi *E* **69** tridurn *E* **70** posis *E* **71** litterae *MAT* **72** adiuctore *E ALLENGA* ] adiutore *cet.* **73** Norombergi XV *E ALLENGA* ] Norombergae XV *MAT* Norimbergae XI *A* **74** Tuus ... Basileae *om. A* **75** Desyderio *E ALLENGA*

**A** XV. – **1** Bonifacio *omn.* **2** carissime *MAT* **3** Bonifaci **4** suauissime *G HARTM* **5** quod quidem iniuria *G HARTM* ] quem quidem iniuriam *VASC* quod quidem iniuriam *MAT* **6** coniunserat *G HARTM* **7** arctibus *omn.* **8** discesio *G HARTM* **9** hunc ligamen *G HARTM* **10** nemo aliud *G HARTM* **11** proculdubio *G HARTM* **12** exspectat *(HARTM)* ] spectat *cet.* **13** naequeo *G HARTM* **14** crebius *G HARTM* **15** litteris *VASC MAT*

Adeus e honrai-me com a vossa amizade, acreditando que nada anseio mais do que nalguma oportunidade tornar a ver o meu Erasmo, o que em verdade ainda espero aconteça (se Deus quiser). Outra vez, adeus.

Nuremberga, 15 de Julho do ano de 1536.

Vosso de coração, Damião de Góis.

[End.]

A Desidério Erasmo de Roterdão. Em Basileia.

[No endereço, entre o nome de Erasmo e o da cidade, escrito pela mão de Amerbach]: Entregue na véspera de S. Bartolomeu, enviada por Beato Renano.

**A** XV. DAMIÃO DE GÓIS
**a Bonifácio Amerbach**
**muita saúde.**

[Pádua, 31.VIII.1536]

Nem a morte de pais nem de irmãos me causou alguma vez maior consternação, caríssimo Bonifácio, do que a do nosso suavíssimo Erasmo, a quem sempre rodeei de veneração e afectuoso respeito como a um herói e, realmente, sei que nunca o fiz sem razão. É que sempre considerei incontestáveis a sua benevolência e afeição para comigo. Jesus Cristo nos juntou com tais vínculos e laços que só o seu passamento desta vida, e ninguém mais, poderia dissolver estas relações de fraterna amizade. Não as acredito, porém, dissolvidas quando ele já vive onde, sem dúvida, nos espera, como convivas para a hora aprazada[1].

Apesar de bem convencido disto, não posso lamentar bastante o facto de tão intempestivamente me haver sido arrebatado (a mim; não a si próprio, que desejava morrer, como amiúde me confiara). Tínhamos combinado um com o outro acerca de determinados assuntos, que depois epistolarmente confirmámos e em consequência dos quais eu acordava em voltar a Basileia[2]. Tal plano e decisão, porém, reputo-os perdidos, uma vez que só Erasmo, julgo eu, me poderia neles ser útil.

Aqui contam-se miríficas coisas a respeito da sua morte[3] e teor do testamento. Sabemos, entretanto, que foste seu universal herdeiro. Por isso, rogo-te em nome

quibus Basileam repetere tenebar; quod quidem consilium atque decretum amissum[16] facio, quoniam de ea re solum Erasmum mihi prodesse[17] potuisse [opinor][18].

Hic feruntur mira de eius morte atque testamenti ratione; tamen scimus tibi omnia esse testata. Quamobrem te per[19] nostram amicitiam [oro] atque per eam quam mihi iam ratione Erasmi debes, ut tuis litteris[20] mihi omnia nuntiare uelis[21].

Postremis litteris[22] quas ab ipso accepi, scribebat (tamen meo hortatu) se uelle ad me mittere catalogum suorum scriptorum tam ecclesiasticorurn quam profanorum[23]; quo catalogo aiebat uelle[24] ipsum eligere et reprobare eos libros qui[25] sibi placerent seu a quibus abhorreret. Qua de causa te oro ut diligenter uideas an hoc perfecerit[26] (scio opus ab eo fuisse inceptum), quippe postremae litterae[27] quas ab ipso accepi, scriptae fuerunt in principio Aprilis, ipse mortuus[28], ut fertur, XI Iulii.

Quod amplius scribam, carissime[29] Amerbachi, non habeo, nisi quod bene nosti ut sim ex toto pectore tuus. Quaeso ut, quam primum poteris[30], ad me rescribas. Litteras[31] mitte Augustam ad quendam mercatorem nomine Lucam[32] Rem[33]; is diligenter curabit eas ad me perferendas. Vale millies.

Patauii, pridie Cal.[34] Septembris, anno 1536.

Tuus ex animo, Damianus a Goes.

[Nom. inscr.]

Iuris[35] utriusque consultissimo D. Bonifatio[36] Amerbachio. Basileae.

[Iuxta inscriptionem, inter Amerbachii nomen ciuitatisque, atque ipsius Amerbachii manu forsan exaratum]: Damianus a Goes Lusitanus.

---

**A** XV. – **16** amisum *G HARTM* **17** prodese *HARTM* **18** potuisse [opinor] *VASC MAT* **19** per nostram amicitiam [oro] *VASC MAT*] *om.* [oro] *cet.* amiciciam *HARTM* **20** litteris *VASC MAT* **21** veles *G HARTM* **22** literis *omn.* **23** prophanorum *omn.* **24** elligere *G HARTM* **25** qui *VASC MAT*] quae *cet.* **26** perfecerit (*HARTM*)] prefecerit *G* praefecerit *VASC MAT* **27** postremae litterae *MAT*] postremas litteras *VASC* postremas literas *cet.* **28** mortus *G* **29** carissime *MAT* charissime *cet.* **30** poteres *G HARTM*] potueris *VASC MAT* **31** litteris *VASC MAT* literis *cet.* **32** Lucas *omn.* **33** Rem] Pern *HARTM* **34** cal. *omn.* **35** Iuris… Basileae *om. VASC HARTM* **36** Bonifacio *omn.*

da nossa amizade e daquela que, em razão de Erasmo, me deves agora, te dignes em carta pôr-me ao corrente de tudo.

Na última que dele recebi, escrevia, a exortação minha, querer remeter-me o catálogo dos seus escritos, tanto os eclesiásticos como os profanos, acrescentando que pretendia ele próprio seleccioná-los e pôr de parte respectivamente os que lhe aprouvesse ou não lhe agradassem. Por tal motivo, peço-te que examines diligentemente se levou a cabo este trabalho (sei que o começou). É que a derradeira, carta dele, por mim recebida, fora escrita no princípio de Abril, tendo o mesmo morrido, segundo consta, em 11 de Julho.

E nada mais tenho a dizer, caríssimo Amerbach, salvo que bem conheces a minha profunda estima para contigo. Por favor responde-me o mais depressa que possas. Manda a carta para Augsburgo, a um tal mercador chamado Lucas Rem, que cuidadosamente se encarregará de ma fazer chegar.

Mil vezes adeus.

Pádua, 31 de Agosto do ano de 1536.

Teu de coração, Damião de Góis.

[End.]

Ao Snr. Bonifácio Amerbach, peritíssimo em ambos os Direitos. Basileia.

[No endereço, entre o nome de Amerbach e o da cidade, decerto escrito pela mão daquele]: Damião de Góis, português.

**A** XVI.

DAMIANVS A GOES
**Bonifatio**[1] **Amerbachio**

[Patauii, 24.IX.1536]

S.P. Nuper tibi scripsi, candidissime Bonifati[2], atque litteras[3] ad Frobenium Glareanumque commisi, quas credo fideliter redditas esse. Orabam meis illis litteris[4] te, utpote Erasmum nostrum amasti atque a me amari certum semper habuisti[5], identidem de sua morte atque huius uitae migrationis testatione me certum redderes, quod[6] quidem iam per Lucam Rem[7] mercatorem Augustensem, cui litteras[8] illas credidi, te fecisse ferme indubitato mihi persuadeo; noui animum atque officium in amicos tuum.

Iam quod residuo[9] epistolae erit, eius hunc latorem (cui Deus tantum dotis gratiaeque[10] dignatus est largiri, ut [inter][11] omnes Galliae poetas tantum excellat[12], quantum urbs Romae, Virgilio nostro auctore[13], [inter] reliquas[14] alias ciuitates) nomine Clementem[15] Marot, tibi commendo; atque oro ut, si quid dignum istic est uisu, ei ostendere cures; atque idem in reliquis rebus tuum officium non desit, quod si facis[16], rem te dignam facies mihique[17] gratissimam.

Vale, amice optime, et ad nos rescribe. Frobenium atque Sigismundum saluta.

Patauii, XXIV Septembris anno 1536.

Tuus ex animo, Damianus a Goes.

[Nom. inscr.]

Vtriusque iuris consultissimo D. Bonifatio[18] Amerbachio, amico incomparabili. Inclitae[19] Basileae.

---

**A** XVI. – **Ftt**: G 326$^{r-v}$ aut. Vasc 126-127 Hartm 446-447 Mat 110-111

---

**A** XVI. – **1** Banifacio *omn.* **2** Bonifaci *omn.* **3** litteras *VASC MAT* literas *cet.* **4** litteris *VASC MAT* literis *cet.* **5** habuisti]-te *G HARTM* **6** quod quidem te iam ... te fecisse *G HARTM MAT*] quod quidem iam ... te fecisse *VASC* **7** Rem] Pern *HARTM* **8** litteras *VASC MAT* literas *cet.* **9** residuo *G*] residuum *cet.* **10** graciaeque *VASC* **11** [inter] omnes] inter *addidi* **12** excelat *G HARTM* **13** autore *omn.* **14** reliquias alias *VASC* [inter] reliquas] inter *addidi* **15** Clemente *VASC* **16** facis] facies *VASC* **17** mihicque *G*] millies *HARTM* **18** Bonifacio *omn.* **19** Inclytae *omn.*

**A** XVI. DAMIÃO DE GÓIS
a Bonifácio Amerbach

[Pádua,24. IX.1536]

Escrevi-te há pouco, ilustríssimo Bonifácio, e também mandei cartas para Froben[1] e Glareano, as quais creio terem fielmente sido entregues.

Nessa minha carta rogava-te que, assim como dedicaste amizade ao nosso Erasmo e de minha parte sempre como certa a consideraste, de igual modo me informasses acerca da sua morte e do testemunho da sua partida deste mundo, do que quase com certeza me persuado o fizeste já através do mercador de Augsburgo, Lucas Rem, a quem confiei aquelas. Conheço os teus sentimentos e dedicação para com os amigos.

E agora, por remate desta, recomendo-te o seu portador, de nome Clemente Marot[2] (a quem Deus se dignou conceder tanto talento e espírito que excede aos poetas de França quanto a cidade de Roma, no dizer do nosso Virgílio, a todas as outras cidades). Peço lhe mostres o que aí achares digno de ver-se; e quanto ao resto não lhe faltarão os mesmos bons ofícios teus. Assim procedendo, praticarás acção digna de ti e a mim gratíssima.

Adeus, óptimo amigo, e responde-nos. Saúda Froben e Segismundo[2].

Pádua, 24 de Setembro do ano de 1536.

Teu de coração, Damião de Góis.

[End.]

Ao Snr· Bonifácio Amerbach, peritíssimo em ambos os Direitos, amigo incomparável. Na ínclita Basileia.

**A** XVII. DAMIANVS A GOES
**Bonifatio**[1] **Amerbachio**

[Patauii, 14.XII.1536]

S.P. Superioribus diebus accepi tum per studiosos quosdam Germanos, tum per quendam mercatorem binas tuas litteras[2] eiusdem tenoris atque argumenti, quibus obitum nostri amantissimi Erasmi mihi depinxisti; ad quas responsum hactenus non feci, quippe prius scire uolui an ad uos peruenerant meae, quas per Lucam Rem[3] Augustensem[4] transmiseram. De[5] quo uestris litteris[6] certus factus respondebo, sed breui[7], quoniam caput, a quo semper crucior, non sinet prolixe agere; et tamen[8] quod de eo quod scire uis, ad Frobenium late scribo.

Doleo quod Erasmus non potuit ante huius uitae discessum, catalogum suarum lucubrationum ad me mittere, ut suis epistolis erat mihi pollicitus, atque commentarios uitae eius, quos maxime cupiebam. Quod si fecisset[9], non defuissem meis promissis[10]; fecissem[11] meo sumptu omnia ea quae in suo catalogo probasset[12], typis commendari. At ipso mortuo haec cum sint infecta, ut ad Frobenium scribo, non duco mihi honori[13] fore, si mea opera imprimantur.

Quaeso, mi candidissime Amerbachi, si apud te est charta[14] in qua descriptam Heluetiam[15] habebat Erasmus manu, quam mihi pollicitus[16] erat per Bebelium in Italiam se missurum, ut eam ad me mittere uelis[17]; quod si facis, ipse numerabo tantum quantum ab alio quopiam habere posses. Et si uendita est, maxime oro ut efficias ut habeam unum exemplar et castigatum; et omnia quae[18] exposueris uel istic, uel Venetiis[19], uel Augustae, uel Antuerpiae numerabo, quod si facis nihil mihi quicquam[20] gratius facere posses. Et si[21] inter monimenta Erasmi aliquid istius generis amplius est, oro ut ad me tua opera ueniat; et quidquid tibi uisum fuerit, numerabo.

Reliquum est ut te oratum uellem, nulla occasione praetermissa[22], semper ad me scribas. Respondebo sane. Erit mihi gratissimum semper audire de tam caro amico.

---

**A** XVII. – **Ftt**: G 327$^{r}$-328$^{v}$ aut. Vasc. 127-128 Hartm 464-465 Mat 113-4

---

**A** XVII. – **1** Bonifacio *omn.* **2** litteras *VASC MAT* literas *cet.* **3** Rem] Pern *HARTM* **4** Augustensem ad uos transmiseram *HARTM* **5** De quo] Ex quo *VASC* **6** litteris *VASC MAT* literis *cet.* **7** breui] breue *omn.* **8** et tamen quod *G VASC MAT*] et [tamen] quod *HARTM* **9** feciset *G HARTM* **10** promisis *G HARTM* **11** fecisem *G* **12** probaset *G HARTM* **13** honori *G VASC MAT*] honore *HARTM* **14** Carta *omn.* **15** Helveciam *G HARTM* **16** policitus *G HARTM* **17** uelis] uelles *omn.* **18** omnia que G. HARTM **19** Veneciis *G HARTM* **20** quicquam *MAT*] quiquam *cet.* **21** Et si *G HARTM MAT*] Etsi *VASC* **22** preterrnissa *G HARTM*

**A** XVII.

DAMIÃO DE GÓIS
**a Bonifácio Amerbach**

[Pádua, 14.XII.1536]

Em dias precedentes recebi, quer da mão de certos estudantes alemães quer ainda de um certo mercador, duas cartas tuas[1] do mesmo teor e assunto, em que me descreveste a morte do nosso amantíssimo Erasmo e às quais até hoje não respondi por desejar primeiramente saber se te havia chegado a que enviei por intermédio de Lucas Rem, de Augsburgo. Inteirado do caso por tua carta, responderei, não obstante com brevidade, dado que a cabeça, cujas dores continuamente me afligem[2], não me deixará proceder com mais delongas; e por outro lado, quanto ao que pretendes saber, escrevo em pormenor a Froben.

Lamento Erasmo não ter podido, antes da morte, enviar-me o catálogo[3] das suas obras, qual em cartas me prometera, assim como as notas que eu muitíssimo desejava sobre a sua vida. A havê-lo feito, não faltaria por minha parte ao prometido: a expensas próprias me encarregaria de dar à estampa tudo o que no seu catálogo incluísse. Uma vez falecido, porém, sem tal levar a cabo, não acho que viesse a ser-me honroso o imprimi-las à minha custa.

Meu ilustríssimo Amerbach, se em teu poder tens um mapa de Erasmo em que estava a Suíça desenhada à mão, e que ele prometera enviar-me para Itália por Bebélio, peço-te o favor de mo remeteres; eu o pagarei, caso o faças, pela quantia que de outrem pudesses receber. Se já foi vendido, com o maior empenho te rogo me consigas uma cópia sem defeitos; e tudo o que expuseres à venda, seja aí, seja em Veneza, Augsburgo ou Antuérpia, eu o comprarei. Nada mais agradável me poderias fazer do que permitir-me isso. E se no espólio de Erasmo há algo mais desse género, rogo-te te interesses por que me chegue às mãos e eu comprarei tudo o que achares bem.

De resto, queria-te solicitado a não desperdiçares nenhuma oportunidade de me escrever. Por minha parte não deixarei de responder-te, pois me é gratíssimo receber novas de tão caro amigo.

Vale et Gryneum de meliore nota saluta eique dic ut aliquando ad nostras barbaras litteras[23] dignetur respondere. Iterum uale.

XIV Decembris anno Salutis 1536, Pataui.

Tuus ex animo, Damianus a Goes.

[Nom. inscr.]

Omnium[24] disciplinarum ornamento D. Bonifatio[25] Amerbachio. Basileae.

**A** XVIII. DAMIANVS A GOES

**Iacobo Sadoleto cardinali**

S. P.

[Patauii, 1.VII.1537]

Petrus Bechimius, uir antiquae nobilitatis e regno Bohemiae atque inuiolatae fidei, tuas ad me, uigilantissime Praesul, litteras[1] pertulit, quibus etsi[2] antea quidem semper ab initio mores doctrinamque tuam, ex quo liberalibus studiis natu grandis admodum (prout sors[3] mea atque aulica negotia[4] permiserunt) incumbere coepi, maxime amplexus sum, tamen nunc certe cum mihi homini tibi nomine tenus tantum cognito, ultro litteras[5] dare dignatus sis, magis magisque me in amorem tuum non modo coniecisti, uerum plane etiam deuinctum reddidisti.

Quod sane genus humanitatis usque adeo a nostra iampridem Republica Christiana profligatum est, ut permultos etiam uidere liceat ex eorum numero qui se Christi ecclesiae columnas praedicant ac protectores, qui neminem infra se humili fortunae loco constitutum admittant, nisi precibus[6] impulsi fuerint aut lucro seruitii extimulati. Quem errorem exemplo splendoreque uitae tuae spero tandem ab illis tanquam[7] in speculo tuam Christi imitationem contemplantibus, propediem labefactatum[8] iri. Quamobrem te oro ut ab incepto ne desistas[9], tuoque tam pio ac sacrosancto proposito felicem exitum ac finem imponere digneris. Quod si feceris, procul dúbio nobis eris maximae spei aduentantis Reipublicae salutis. Sed ne forte hic adulationis nota insimulari queam, a qua semper natura abhorrui maxime, relicto in medium praefationis longioris exordio ad tuam epistolam me conuertam.

**A** XVIII. – **Ftt**: Gop dii$^{r}$-diii$^{v}$ Vasc 21-23 Batt 374-375 Mat 120-122

**A** XVII. – **23** literas *omn.* **24** Omniurn ... Basileae *om. VASC HARTM* **25** Bonifacio *omn.*

**A** XVIII. – **1** litteras *MAT* literas *cet.* **2** et si VASC **3** fors *BATT* **4** negotia *VASC MAT* negocia *cet.* **5** literis *omn.* **6** praecibus *BATT* **7** tamque in speculo *BATT* **8** labefactum iri *BATT* **9** desistas] desinas *VASC*

Adeus. Saúda da melhor maneira a Grineu e diz-lhe que se digne finalmente dar resposta à nossa bárbara carta. Outra vez, adeus.

Pádua, 14 de Dezembro do ano, da nossa Salvação, de 1536·

Teu de coração, Damião de Góis.

[End.]

Ao Snr. Bonifácio Amerbach, ornamento de todas as artes. Basileia.

**A** XVIII. DAMIÃO DE GÓIS

**ao cardeal Tiago Sadoleto**

**muito saudar.**

[Pádua, 1.VII.1537]

Trouxe-me, vigilantíssimo Prelado[1], uma carta vossa Pedro de Bechim[2], varão da antiga nobreza do reino da Boémia e pessoa de inviolada fé. Sem embargo de já antes - desde o início, em idade assaz adulta, dos estudos liberais a que comecei a dedicar-me consoante a minha condição e os negócios áulicos o permitiram - eu ter sempre estimado muitíssimo os vossos costumes e doutrina, todavia agora, que de moto próprio endereçar carta vos dignastes a quem apenas de nome conhecíeis, realmente que não só me atraístes mais e mais à vossa afeição, como por igual me deixastes em absoluto preso a vós.

Porque de facto o conceito de bondade há muito que pela nossa Cristandade foi desvirtuado, a modos de ser até possível ver tantos e tantos, dentre os por si mesmos denominados colunas e protectores da Igreja de Cristo, que não dão audiência a quenquer constituído abaixo deles em nível humilde de fortuna, senão a preço de bastas rogativas ou na mira do lucro da demanda: um erro este que espero há-de em breve, com vosso exemplo e integridade de vida, acabar por desaparecer da mente daqueles que em vós, qual em espelho, contemplam uma imitação fiel de Cristo. Por isso vos rogo não desistais do empreendimento e hajais por bem avançar caminho até ao feliz resultado e término de vosso tão pio e sacrossanto propósito, já que, em tal fazendo, indubitavelmente nos trareis os melhores augúrios de salvação próxima para a Cristandade.

Mas, interrompido a meio o exórdio de uma conversa mais longa, torno à vossa carta, não suceda porventura cair-me em cima o apodo de adulador, o que de meu natural sempre detestei em toda a linha.

A homem tão fraco para tamanha empresa e indigno de tal honra, pedis e implorais auxílio para a Cristandade, como podendo nós atender com medicamento

Postulas implorasque auxilium Christianae Reipublicae a me homine tanto oneri impari[10], honoreque indigno; utpote quando publica desunt remedia nos illi pharmaco priuato subueniamus. Equidem, praestantissime Praesul, quanquam[11] ex regia Principis mei abhinc[12] triennio, animaduertens inibi ministerio non posse nisi abuti meo, me subduxerim, atque in totum a tractandis negotiis[13] aulicis, quatenus fieri posset, memet abdicarim, tamen hac[14] in re, quia ad fidei ea nostrae salutem animorumque conseruationem pertinet, modo absque omni fuco technisque aut[15] cauillationibus fieri possit, libenter operam meam (quantulacunque[16] sit) offero, Christi Iesu auxilio fretus. Potero quidem aliquid (ni fallor) pro mea ingenii tenuitate apud eos qui se Euangelicos profitentur, cum quibus negotia[17] Regis mei gerens, per totam Germaniam atque Belgicam spatio quatuordecim annorum non mediocrem amicitiam contraxi.

Epistolam quam ad Philippum Melanchthonem mitti postulas, postridie quam eam accepi[18], per certum tabellarium Augustam Vindelicorum transmittendam curaui. Inde Wittenbergam perferretur bona fide, et quicquid Philippus responderit Tuae Celsitudini, per me tuto committetur[19]. Haec nostra epistola opera Petri Caroldi consulis Lusitanorum Venetiis ad te perueniet[20], cui si respondeas, litteras[21] tuas pari ratione ad eundem destinare possis. Is enim eas, ubiuis gentium fuerim, ad me curabit transmittendas. Cogor equidem consilio medicorum propter capitis aegritudinem, in quam incidi, ex quo otio[22] isto litterario frui coepi, calores[23] Patauinos fugere, quibus exactis Deo adiutore huc reuertar.

Superiore quadragesima nactus sum orationem de parando concilio, cuius auctor[24] tua eximia prudentia fuit. Eam mox ad Melanchthonem misi, ut tuam pietatem amoremque in Christi ecelesiam ex illa cognosceret. Postea ex Germania a quodam amico accepi orationem quae exhibita est in comitiis Smalcaldiensibus de refutando concilio Mantuano, quam credo apud uos esse; tamen quia Petrus Bechimius affirmauit nullam eius istic[25] mentionem factam fuisse, obiter eam litteris[26] meis adiunxi.

Reliquum erit, ornatissime Praesul, ut te orem ne Pontificem Maximum atque collegium Cardinalium instigare desinas, ita ut incepisti, ad Ecelesiae concordiam, quae procul dubio in uestris manibus est. Deus Optimus Maximus tuam dignitatem seruet, uti tandem aliquando Reipublicae Christianae multos iam annos adflictae dilacerataeque perpetua tranquillitas et salus tuis consiliis restituatur.

Patauii, Cal. Iuliis anno Salutis 1537.

---

**A** XVIII. – **10** impari] impare *omn.* **11** quamquam *VASC MAT* **12** ab hinc *VASC* **13** negotiis *VASC MAT* negociis *cet.* **14** hac in re] in hac re *MAT* **15** *om.* aut *BATT* **16** quantulacumque *BATT MAT* **17** negotia *MAT* negocia *cet.* **18** accepi] recepi *BATT* **19** committeretur *BATT* **20** perueniet *GOP* ] peruenit *VASC MAT* **21** litteras *MAT* literas *cet.* **22** otio... litterario *MAT* ocio... literario *cet.* **23** calores Patauii nos fugere *VASC MAT* **24** autor *omn.* **25** istic *MAT* isthic *cet.* **26** litteris *MAT* literis *cet.*

privado na míngua de remédios públicos. Pois, eminentíssimo Prelado, eu, conquanto retirado me tenha, há três anos, da corte do meu Príncipe, advertindo que lá não podia ocupar-me senão do meu ofício, e totalmente abdicado, na medida do possível, de tratar de negócios palacianos, no entanto, visto como esta tarefa respeita à integridade da nossa Fé e à salvação das almas, em tudo o que fazer se logre sem qualquer disfarce, dolos ou cavilações, de boa vontade oferto o meu contributo por diminuto que seja, esperançado que fico na ajuda de Cristo Jesus. A menos que em ilusão labore, poderei decerto, dentro da minha escassez de engenho, alguma coisa entre os que se confessam Evangélicos, com os quais, ao tratar de interesses de meu Rei, através de toda a Alemanha e Bélgica, pelo espaço de quatorze anos, contraí não medíocre amizade.

A carta que me requereis remeta para Filipe Melanchthon, cuidei de transmiti-la por correio fidedigno para Augsburgo, no dia seguinte ao da recepção. Dali será conscienciosamente levada para Vitemberga; e o que Filipe responder a Vossa Eminência, eu vo-lo mandarei em segurança.

Esta nossa missiva chegar-vos-á através de Pedro Caroldo[3], cônsul de Portugal em Veneza, a quem podeis por igual razão confiar carta; no caso de resposta dardes; onde quer que eu seja, ele se encarregará de ma pôr nas mãos. É que por conselho médico, em virtude de ter contraído uma moléstia de cabeça, e consequentemente principiado a fruir o presente ócio literário, vejo-me obrigado a fugir destes calores de Pádua, findos os quais regressarei, se Deus quiser.

Na quaresma passada adquiri o discurso[4] sobre a preparação do Concílio, cujo autor é vossa exímia prudência. Enviei-o logo a Melanchthon, a fim de que através dele conhecesse a piedade e amor vossos à Igreja de Cristo. Ulteriormente recebi da Alemanha, de certo amigo, o que foi apresentado nas reuniões de Esmalcalda no intuito de recusar o concílio Mantuano. Creio que o possuís; mas, como Pedro de Bechim me asseverou nenhuma menção aí se haver feito dele, apensei-o de caminho à minha carta.

Restar-me-á, excelentíssimo Prelado, rogar-vos que, assim como principiastes, não renuncieis a estimular o Sumo Pontífice e o colégio dos Cardeais à concórdia da Igreja, a qual fora de dúvida está nas vossas mãos.

O bom Deus todo poderoso conserve Vossa Senhoria, para que ao fim e ao cabo, à Cristandade aflita e dilacerada há já tantos anos, seja com os conselhos vossos restituída perene tranquilidade e bem-estar.

Pádua, 1 de Julho do ano da Salvação de 1537.

**A** XIX.

DAMIANVS A GOES
**Nicolao Clenardo**
S. P. D.

[Patauii, 19.VIII.1537]

Litterae[1] tuae, quae quidem scriptae fuere ipso Christi natali, vix tandem ad nos mense Augusto senio confectae peruenerunt, quibus, candide Clenarde, etsi docte mecum planeque Attice[2] agas, et ego contra Laconice[3] imperiteque responsioni subseruiam, rem tamen gratam admodum mihi fecisti, quod de studiis Diui Henrici Lusitaniae Infantis, Regisque potentissimi nostri fratris ea polliceris quae tantum principem et ad exemplum uitae aliis praebendum, et ad Rempublicam gerendam decent. Nunquam quenquam[4] eius probitatis opinio fefellit, nunquam etiam fallere possit.

Rumor hic sparsus de canonicatu in te collato nobis gratus fuit. Quod autem euanuit dolemus. Mihi tamen multo iucundior fuit tua animi temperantia, qua ut ais curam animarum, quibus praeesse ob linguae imperitiam non poteras, recusasti. Vtinam multos haberemus tibi hac in re pares, aut saltem non multo inferiores.

Flagitas a me ob meam in Linguam Lusitanicam Ciceronis *De Senectute* uersionem rationes temporum Romanorum consulum. Scito deprauata exemplaria multos in errorem induxisse. Quod ipsum Theodorus Gaza uir disertissimus uidens, cum rem inextricabilem iudicaret, nomina consulum ubi de Liuio Andronico legitur in sua Graeca interpretatione omisit. Quo in loco pro Cethego et Tuditano lege: «C. Claudio Centone et M. Sempronio Tuditano[5] conss.» et rem luce clariorem habebis. Fuerunt hi consules An. 513. ab urbe condita, P. autem Sempronius Tuditanus[6] et Marcus Cornelius Cethegus consules fuerunt anno ab urbe condita 550 quo tempore Cato quaesturam[7] obtinuit, trigesimum annum agens. Porro de duabus negationibus quod scribis, in ipso *Catone* una et altera in *Oratore,* quibus ademptis sensum ipsum clarius apparere iudicas, ego contra non modo[8] in alia sum opinione, sed nec sine illis orationem filum habere, aut sententiam constare posse affirmo. Difficultas autem apud *Oratorem* est in uerbo *refero* male intellecto[9], pro quod si accipias *repraesento,* nullam inuenias obscuritatem, ueluti si dicas cum Cicerone: «ut igitur in formis et figuris est aliquid perfectum et excellens, cuius ad excogitatam speciem imitando referuntur (id est,

---

**A** XIX. – Gop diiij$^{r}$-e$^{v}$ Vasc 23-6 Roersch 136-8 Mat 124-7

---

**A** XIX. – **1** Litterae *MAT* Literae *cet.* **2** attice *omn.* **3** laconice *omn.* **4** quemquam *VASC* **5** Tuditano *ROERSCH MAT*] Tudetano *cet.* **6** Vd. nota 5. Tudetanus *GOP VASC* **7** quaesturam *ROERSCH MAT*] praeturam *cet.* **8** non modo] nõ. mõ *GOP* **9** intellecto] intellectum *omn.*

**A** XIX. DAMIÃO DE GÓIS
**a Nicolau Clenardo**
**manda muita saúde.**

[Pádua, 19.VIII.1537]

A vossa carta[1], que fora escrita no próprio dia de Natal, recebi-a enfim, já deteriorada pelo tempo, no mês de Agosto. Com ela, amigo Clenardo, bem que escrevais de maneira douta e perfeitamente ática, e eu ao contrário vos responda lacónica e imperitamente, originastes-me não pouca satisfação, porquanto acerca dos estudos de D. Henrique[2], infante de Portugal e irmão de nosso Rei mui poderoso, me pressagiais aquelas coisas que tanto convém a um príncipe, a fim de tornar-se exemplo de vida aos outros e sabedor na pública governação. Nunca a opinião da sua probidade enganou alguém, nem jamais será capaz de enganar.

Regozijou-nos o rumor, aqui difundido, a respeito da vossa ascensão ao canonicato[3], e a custo suportamos haja sido boato apenas. Muito maior júbilo, porém, me causou a inteireza de carácter com que, segundo dizeis, recusastes a cura de almas, às quais não podíeis assistir por desconhecimento da língua. Quem dera bastos contássemos iguais a vós neste campo, ou sequer não grandemente inferiores!

Pedis com instância, em consequência da minha tradução portuguesa do *De Senectute*[4] de Cícero, a indicação das datas dos cônsules romanos. Olhai que exemplares degenerados induziram em erro muita gente! O varão disertíssimo que é Teodoro Gaza, apercebendo-se disso mesmo e julgando a questão inextricável, omitiu na sua versão grega, onde se fala de Lívio Andronico, os nomes dos cônsules. Pois nesse lugar, em vez de Cethego e Tuditano, lede «C. Cláudio Centão e M. Semprónio Tuditano, cônsules», e aclarar-se-vos-á tudo mais do que a luz. O consulado destes verificou-se no ano de 513 da fundação de Roma; o de P. Semprónio Tuditano e Marco Cornélio Cethego em 550 item, no tempo em que Catão exerceu a questura[5], andando pelos trinta anos.

Quanto ao que escreveis acerca das duas negações[6] – uma no *Cato Maior*, outra no *Orator* –, suprimidas as ‘quais entendeis mostrar-se mais óbvio o significado do texto, não só sou de diverso parecer, como outrossim afirmo que sem elas nem o discurso tem ligação nem o sentido pode manter-se. A dificuldade, entretanto, no *Orator*, é da parte do verbo *refero* mal interpretado, pois que, se se tomar na acepção de *representar*, já nenhuma obscuridade se lobrigará, como dizendo-se com Cícero: «Do mesmo modo, pois, que nas formas e figuras algo há de perfeito e excelente através de cuja espécie inteligível é reproduzido (isto é, representado), por imitação, aquilo que os olhos não

*repraesentantur)* ea quae sub oculos ipsa non cadunt, sic perfectae eloquentiae speciem animo uidemus, effigiem auribus quaerimus». In *Catone* ablata (ut uis) negatione, ipsum sensum auferas et senectuti imponas, si uacaret muneribus iis quae posset sine uiribus sustinere. Fateor enim legibus institutisque liberari senectutem a laboribus illis quos sine robore et uiribus assequi non possumus; nec tamen ob id est soluta ab illis negotiis[10] quae ingenio, ratione, coniecturis, cognitione multarum rerum, consilio possit efficere. Quibus si uacaret plane esse[11] tollenda, nec illi committenda ducerem negotia[12] publica, sed iuuentuti; unde ipsum Ciceronem mendacissimum redderemus, qui inibi ait multas Respublicas euersas consilio iuuenum, quae senum postea in libertatem restitutae fuere.

Iam uides, mi Clenarde, negationes nullo pacto adimendas esse, sed potius aureis characteribus exprimendas, ne quis in errorem eiusmodi forte incidere imprudens possit. Te tamen in hac sententia nunquam fuisse arbitror, sed eiusmodi ad me scripsisse puto, ut periculum de meis studiis faceres, quae si non interrupta essent aerumnosa hac mea uertigine, non tam tenuiter fortasse suos progressus (ut hactenus) fecissent. Verum utcunque id abs te factum sit, ingentes tibi pro tuo in me animo[13] habeo atque ago gratias.

Monitio tua mihi et gratissima et iucundissima fuit, posthac meditatius scribam.

Inuida me spatiis natura coercuit[14] artis[15]
Ingenio uires exiguasque dedit.

Sum praeterea natura e ipsius iniquitate usque adeo extemporaneus, ut saepius litteras[16] claudam non incastigatas modo, sed nec semel lectas, praesertim eas, quas ad amicos illos mitto, qui meorum nouerunt studiorum radices ac processus. Ceterum[17] illud, quo nihil in hac uita difficilius maiusque est, etsi certandum cum natura ipsa sit, amplius non faciam.

Fragmenta tuorum carminum magna cum uoluptate legi quidem, sed maiori alacritate de institutis cum Nigritis tuis studiis descriptionem ex litteris[18] Joachimi Politae accepi, a quo si quae forte desint in meo hoc epistolio, plenius reliqua omnia es intellecturus.

Vale, amicissime doctissimeque Clenarde, et nos ama.

Patauii, 14. Cal. Septembris[19]. Anno 1537.

**A** XIX. – **10** negotiis *VASC MAT* negociis *cet.* **11** esset *omn.* **12** negotia *VASC MAT* negocia *cet.* **13** in meo animo *MAT* **14** cohercuit *GOP* **15** arctis *omn.* **16** litteras *MAT* literas *cet.* **17** Caeterum *omn.* **18** litteris *MAT* literis *cet.* **19** Septembris] Augusti *omn.*

captam, assim temos no espírito a ideia da eloquência perfeita e com os ouvidos buscamos a representação sensível».

No *Cato Maior*, eliminada, como quereis, a negação, corria-se com o significado próprio e redundava num desprezo da velhice ela ser dispensada daqueles cargos que sem forças poderia desempenhar. Acordo em que realmente a idade avançada está isenta, à face das leis e instituições, dos trabalhos que não logramos executar senão com robustez e forças; nem por isso, no entanto, resta privada daqueles negócios que, graças ao engenho, bom senso, juízos prudentes, notícia de muitas coisas e conselho pode efectuar. Aliás a achar-se exclusa destes, concluiria eu que tinham de ser-lhe totalmente proibidos e não cometidos, mas sim à juventude, os negócios públicos; e nessa ocasião mui trapaceiro faríamos Cícero que ali mesmo declara muitos Estados, subvertidos pelos planos dos novos, terem sido restituídos à liberdade pelos dos anciãos.

Já vedes, meu Clenardo, que de forma alguma as negações devem ser proscritas; bem ao revés, expressas em caracteres de ouro, não adregue de algum desavisado resvalar para erro semelhante. Ademais, penso que nunca a vossa opinião foi tal, visto crer que dessa maneira me escrevestes no objectivo de a exame sujeitardes meus estudos, os quais, a se não haverem interrompido em razão desta agoniadora vertigem[7] minha, decerto não teriam granjeado tão fracos progressos como até agora. Qualquer, porém, que haja sido a tenção de vosso lado, confesso-me muito obrigado pela dedicação vossa para comigo e protesto-vos rendidos agradecimentos.

A vossa advertência foi-me não só imensamente grata, mas também agradabilíssima. Doravante escreverei com mor reflexão.

> «*Pôs-me a ínvida natura apertados limites,*
> *E exíguas forças deu ao meu engenho*»[8].

Além disso, sou, por fragilidade do meu próprio ser, de tais repentes que as mais das vezes fecho uma carta sem a corrigir e até lhe passar rápida leitura sequer, em especial as que envio aos amigos que têm conhecimento das origens e processos da minha instrução. E depois, embora seja forçoso lutar contra a nossa natureza, não registarei melhoria naquilo em cuja comparação nada há mais difícil e duro nesta vida.

Li, na verdade com grande prazer, os fragmentos de vossos versos; no entanto, com maior regozijo a descrição das lições que encetastes com os vossos Negrinhos, recebida, através da carta de Joaquim Polites[9], – de quem, a algo porventura faltar nesta curta epístola, haveis de todo o resto mais cabalmente saber.

Adeus, amicíssimo e doutíssimo Clenardo, e guardai-nos um lugar na vossa afeição.

Pádua, 19 de Agosto do ano de 1537.

**A** XX.

DAMIANVS A GOES
**amico cuidam suo**
S. P.

[Patauii, 27.VIII.1537]

Pridie Calend. Ianuarii ad me, uir amantissime, dedisti litteras[1], quas tandem diuturna mora itineribus interceptis, ob ingruentes undique bellorum strepitus, mense Augusto ex Germania reuersus accepi. Mirabere fortasse quod, singulis prope aestatibus, ultro citroque me gruum more uagari audias. Id quidem morbi ex ueteri primum consuetudine peregrinandi mihi est contractum, sed eum postea confirmauit uertigo (qua perpetuo affligor), usque adeo ut ei cruciatui nullum promptius aut praesentius adhibere possim pharmacum quam equitationis.

De carminibus tuis iudicium doctorum uirorum meumque requiris, quo nomine immensas tibi ago gratias, quod tam amice scilicet amico res tuas aperire non dedigneris. Ego quid alii promiscue mecum sentiant, referam. Aiunt procul dubio tua carmina nec inuentione carere, nec omnino Musis displicere, sed perinde atque principi totam regiam quae, quanquam[2] multis ministeriis suffulciatur omniaque placeant in ea et in suo genere approbentur, tamen qui in primo illo uersantur ordine, quiue in prima uel secunda mensa recumbunt, magni habentur; alii uero qui in quarta ab illo ordine ueluti orchestrae cauea locum obtinent, in nonnulla etiam dignitatis parte constituuntur; reliqui autem omnes ad coquos usque et obsoniorum structores, quamuis obscurum satis gradum occupent, necessarii tamen sunt, quia seruilia illis negotia[3] et laboriosa officia incumbant[4] quae, quanquam grauissima sint, in momento temporis tamen delentur extinguunturque. Tu in regia quidem uersaris, at in quo loco difficile fuerit discernere aut iudicare. Haec sunt ex communi sententia quae habui de tuis carminibus dicere.

Venio ad meam peculiarem de te opinionem, quae profecto magna est, sed eam (quoniam Laconice[5] semper apud amicos ob ingruentem capitis dolorem agere cogor) paucissimis absoluam, teque oro amice ex amico pectore procedentem ut accipere digneris. Doctus Cicero primum sane locum soluta oratione inter Latinos obtinet, nec eius genio[6] quicquam derogatum fuit, propterea quod carmina eius salibus non essent condita. Sed ab eo tamen scriptorum genere, quum ne sibi quidem ipsi satis placeret (quatenus potuit) se abstraxit. Quid si pari ratione et tu, qui tibi ipsi quoque (ut profiteris) displices, Ciceronis exemplum sequaris, cuius non iniuria sectator felicissimus esse iudicaris? Habes certe auream plane

**A** XX. – **Ftt**: Gop e$^{v}$-eii$^{v}$ Vasc 26-7 Mat 127-9

**A** XX. – **1** litteras *MAT* literas *cet.* **2** quamquam *VASC MAT* **3** negotia *VASC MAT* negocia *cet.* **4** incumbunt *VASC MAT* **5** laconice *omn.* **6** genio *GOP VASC* ingenio *MAT*

**A** XX.

DAMIÃO DE GÓIS
**a certo amigo seu**
**muita saúde.**

[Pádua, 27.VIII.1537]

Mandaste-me, caríssimo amigo[1], no dia 31 de Dezembro, uma carta. Interrompidos contudo largo período os caminhos, devido ao tumultuante estrépito de guerras por toda a parte, só me veio às mãos em Agosto, quando eu regressava da Alemanha.

Surpreender-te-ás talvez de ouvires que quase sempre, em cada estio, ando errante de um para outro lado, à laia dos grous. De facto, esta doença contraí-a primeiro pelo meu velho hábito de viajar; mas depois a vertigem[2], que constantemente me atribula, ratificou-a de um jeito que nenhum remédio posso usar mais pronto e eficaz para este tormento do que o da equitação.

Solicitas em referência aos teus versos o juízo dos homens doutos e o meu, atenção que agradeço penhoradíssimo por tão afectuosamente não desdenhares de a um amigo mostrar as coisas tuas. Eis, indiscriminadamente com a minha, a opinião deles. Dizem que na verdade as tuas poesias nem carecem de invenção nem no geral desagradam às musas, porém de igual forma que a um rei o conjunto da sua corte. Esta compõe-se de muitos ministérios e tudo nela lhe agrada e no seu género é aprovado. Não obstante, os cortesãos que ocupam a primeira ordem de lugares ou comem na primeira ou segunda mesa são tidos como nobres; outros, que hão sede na quarta a contar daquela ordem, tal como a orquestra do teatro, ainda se acham constituídos nalguma dignidade; mas os restantes todos, até aos cozinheiros e encarregados das vitualhas, com estarem em situação assaz obscura, não deixam todavia de ser necessários, porquanto se desempenham dos trabalhos servis e ofícios laboriosos, que, mau grado duríssimos, passam e se extinguem em curto lapso de tempo. Tu também resides lá entre os da corte; em que lugar porém, difícil será discernir ou julgar. É isto o que, de harmonia com o sentir comum, me cumpria dizer dos teus versos.

No atinente ao meu conceito particular acerca de ti, sem discussão elevado, sintetizá-lo-ei em brevíssimas palavras (com os amigos, por causa da dor de cabeça que me persegue, sou obrigado a usar sempre de laconismo); e peço te dignes aceitá-las de boa mente como vindas de um coração amigo.

Ao douto Cícero é evidente que compete a precedência entre os latinos como prosador, e que em nada ficou diminuída a sua personalidade pelo facto de nos seus versos não haver condimentos de bom gosto; de resto, afastou-se até, quanto pôde, de obras desta espécie, pois nem sequer consigo mesmo estava assaz contente. Que admira se por razão igual tu que, como confessas, identicamente te não sentes satisfeito contigo próprio, imitas o exemplo de Cícero, de quem não sem fundamento és reputado felicíssimo discípulo? Tens concerteza um estilo verdadeiramente áureo e tuliano na prosa, e semelhante

et Tullianam in soluta oratione uenam, in carminibus autem Alcumisticae[7] Veneri similem. Et scis quam molestum sit, uersari inter communes atque[8] plebeios[9] complexus. Quapropter te oro huic sententiae meae obtemperes, nempe ut optimum tibi locum concedi inter Ciceronianos patiaris.

Quod de libris Aldinis mittendis ad me scribis, fecissem equidem libens, sed illa officina nihil noui amplius (ut solebat) dat studiosis. Si quid interea boni emerserit, id quod uis, ·effectum reddam. Vale.

Patauii 6. Cal. Sept. Anno 1537.

**A** XXI. DAMIANVS A GOES

**Petro Bembo cardinali**

S. P. D.

[Louanii, c. IX.1539]

Quid tibi pro tua assidua[1] erga me, dignissime Cardinalis, humanitate[2] gratiarum referam reperire nequeo, nec[3] praesens tempus facultatem adfert, sed pensabimus aliquando pro nostra facultate. Nunc uero mitto id, quod gratum scio tibi fore, historiaeque nobilissimae Reipublicae Venetae, quam cum maxima in futurum[4] gloria, in manibus habes, forsan etiam non incommodum[5]. Quantum delecteris gestis nostrorum Lusitanorum non me fugit, praesertim illis, quae pro bono sacrosanctae fidei nostrae geruntur. Id sane quod facis, ut[6] bonus fidusque patricius Venetus facis, non ignorans antiqua nostratium cum uestris foedera, amicitias et beneficia hinc inde uicissim collata. Vtinam ceteri[7] Christiani homines in tuam sententiam irent, et ex animo magis rebus nostris, quam faciunt, fauerent ac[8] opitularentur; quin, ut omittamus opitulationem, saltem non officerent, ac tantum quod Rex nostrique cupiunt, otiosos[9] se spectatores praeberent[10], interim dum nostri cum Mauris Turcisque strenue depugnant. Sed[11] absint querimoniae

---

**A** XXI. – **Ftt**: Gcom Aii[r-v] Gop O[r-v] Angl 528-9 Myl 270 Schot2 1319 Gops 113-4 Batt 373-4 Mat 141-2

---

**A** XX. – **7** Alcumisticae *GOP MAT* Alcumistica *VASC* **8** atque *GOP VASC* ac *MAT* **9** plaebeios *GOP*

**A** XXI. – **1** assidua tua *GCOM* ] in me *GCOM* erga me *cet.* **2** humanitate in literis tuis proxime ad me missis ostensa referam, huius temporis non est, dabitur aliquando iuxta nostram tenuitatem *GCOM* **3** nec praesens] me praesens *BATT* **4** tua adfutura *GCOM* ] in futurum *cet.* **5** cooptabile *GCOM* ] non incommodum *cet.* **6** tanquam *GCOM* ] ut *cet.* **7** caeteri *omn.* **8** atque utinam non opitularentur, modo ne officiant, sed quod *GCOM* ] quin… ac tantum quod *cet.* **9** otiosos *SCHOT GOPS MAT* ociosos *cet.* **10** praebeant *GCOM* ] praeberent *cet.* **11** Caeterum quoniam haec magis uidentur congruere declamationibus, quam epistolis, epistolam hanc, quam ad te scribere nitimur, iamiam aggrediemur, ad eamque nos omnino conferemus *GCOM* ] Sed absint… tractemus *cet.*

à Vénus Alquimística na poesia. E sabes o que custa a gente andar no meio de vulgares e plebeus. Rogo-te, pois, obedeças a este meu parecer, isto é, permitas que um lugar muito honroso te seja concedido entre os Ciceronianos.

Quanto à remessa dos livros Aldinos, de que falas em carta, com todo o gosto a teria realizado certamente, mas aquela oficina, contra o que costumava, já não dá nenhuma novidade aos estudiosos. Se porém, neste comenos, algo de útil sair a lume, executarei as tuas ordens.

Adeus.

Pádua, 27 de Agosto do ano de 1537.

**A** XXI. DAMIÃO DE GÓIS
**ao cardeal Pedro Bembo**
**manda muita saúde.**

[Lovaina, c. IX.1539]

O meu testemunho de reconhecimento, digníssimo Cardeal[1], por vossa constante amabilidade para comigo não topa com a conveniente expressão nem o tempo presente é propício, mas retribuiremos qualquer dia dentro das nossas possibilidades.

Agora, porém, remeto-vos aquilo[2] que a vós mesmo e à história da nobilíssima República de Veneza, a qual para vossa mui grande glória futura tendes entre mãos, sei que vai ser agradável e talvez até não inoportuno.

Não ignoro quanto vos deleitais com as gestas dos nossos portugueses, principalmente com as praticadas em prol da nossa sacrossanta Fé. Procedeis assim, como bom e devotado veneziano, conhecedor das antigas alianças de nossos compatrícios com os vossos, das amizades e benefícios de parte a parte outorgados.

Oxalá os restantes homens cristãos[3] fossem de vosso parecer e de coração favorecessem e auxiliassem mais as nossas coisas do que fazem. Vá lá, e omitindo o auxílio, pelo menos não levantassem obstáculos; antes, qual o Rei e os nossos desejam, se portassem apenas como espectadores neutros, enquanto os nossos estrenuamente batalham com mouros e turcos.

et infaustae ominibus[12], et praesenti negotio[13] incongruae, ac quod in manibus est tractemus.

[Epist. epigr.]

Damianus a Goes, Eques Lusitanus, Petro Bembo, sacrosanctae Ecclesiae Romanae Cardinali, S. P. D.

**A** XXII. DAMIANVS A GOES

**Petro Bembo cardinali**

[Louanii, 13.IX.1539]

S.P. Bellum apud Gedrosos anno superiore gestum in lucem ob Christianorum gloriam duxi esse dandum, idque tibi, Amplissime Cardinalis, quem semper intrinsecus[1] amabo, dedico ac mitto. Tu autem ad errata nostra (uti pius es) quae plurima erunt, fac ut coniueas[2]. Ceterum[3] sciat Tua Amplitudo, me tibi ad quaeuis[4] perpetuo paratissimum esse. Id quoque uxor, mei aemulatrix, te scire uult: quae fetum[5] quem modo confert, tibi, peinde atque ego *Bellum,* consecrat.

Petrus Nannius, huius Louaniensis Academiae Linguae Latinae, cum maxima gloria ac studiosorum frequentia professor[6], qui carmen quod in calce epistolae nostrae affiximus, in tui laudem condidit, uir est optimus, clericusque bonus ac religiosus. Is cum ut studiis uberius incumbat, quibus profecto multa praestare[7] possit, tum maxime, ut imbecilli[8] atque languenti ualetudini[9] inseruiat, qua summopere[10], me teste, caret, cupit ab iugo[11] horularum, quas singulis diebus ob ueterum iustitutum cogitur obmurmurare, dissolui[12]; id quidem si per te obtinere poterit, nobis rem gratam facies. Possum coram Deo ac sanctissimorum Cardinalium collegio testare, si aliquis mortalium est qui hoc priuilegio indigeat, Nannium unum ceteris[13] omnibus eo magis indigere.

Vale, Amplissime Cardinalis et de tua ualetudine, et de nostris precibus[14] non graueris ad nos scribere.

---

**A** XXII. – **Ftt**: B 151$^{r-v}$ aut. Vocht 694-5 Mat. 142-3

---

**A** XXI. – **12** ominibus] omnibus *BATT* **13** negocio *ANGL SCHOT* negotio *cet.*

**A** XXII. – **1** intrinsecus] -sicus *B VOCHT* **2** connuieas *B VOCHT* **3** ceterum *MAT* caeterum *cet.* **4** quaeuis] queuis *B VOCHT* **5** foetum *omn.* **6** Profesor *B VOCHT* **7** prestare *B VOCHT* **8** imbecilli] imbicili *B VOCHT* **9** ualetudine *omn.* **10** sumopere *B VOCHT* **11** iugo] iuguo *B VOCHT* **12** dissolui *MAT*] dissoluere *cet.* **13** ceteris *MAT* caeteris cet. **14** praecibus *omn.*

Mas deixemo-nos de queixumes, não só infaustos a presságios como também desapropriados a este trabalho, e vamos ao que temos em mãos.

[Epígr. da «Carta»]

Damião de Góis, cavaleiro português, a Pedro Bembo, cardeal da Sacrossanta Igreja Romana, manda muita saúde.

**A** XXII

DAMIÃO DE GÓIS
**ao cardeal Pedro Bembo**
**muito saudar.**

[Lovaina, 13.IX.1539]

Tive para mim que, para glória dos cristãos, importava trazer-se à luz o opúsculo[1] sobre a guerra no passado ano travada com os gedrósios: a vós, eminentíssimo Cardeal, a quem sempre tributarei uma afeição profunda, o dedico e envio. Por vossa parte porém, indulgente como sois, não deixeis de vista grossa fazer perante os nossos erros, que em grande cópia haverá. De resto, saiba Vossa Eminência que continuamente me encontra na melhor disposição para tudo; e de outro tanto minha esposa[2] e émula vos quer inteirado, a qual, tal como eu o opúsculo, a vós consagra o feto agora em gestação.

Pedro Nanninck[3], professor de língua latina, com a mais alta nomeada e frequência de alunos, nesta Universidade de Lovaina, e que em vosso louvor compôs a poesia[4] que no final da nossa epístola ajuntamos, é um óptimo varão e um clérigo bom e religioso. Por um lado para com maior desenvolvimento se entregar aos estudos, em que de facto muito útil pode ser, e sobretudo para não descurar a debilidade e enfraquecimento de uma saúde que, como noto, bem graves cuidados acarreta, deseja ver-se quite da obrigação das horas, que todos os dias, segundo a antiga usança, lhe incumbe rezar. Se acaso de vossa intervenção lograr isto obter, uma coisa agradável nos concedereis. Posso diante de Deus e do colégio dos mui venerandos Cardeais testificar que, a algum mortal haver que deste privilégio necessite, Nanninck, ele só, em maior precisão se acha que todos os demais.

Adeus, eminentíssimo Cardeal; e decerto não achareis excessivo escrever-nos acerca da vossa saúde e da nossa petição.

Louanii, Idibus Septembribus[15] anno a Christo nato 1539.
Tuus, Damianus a Goes.

[Nom. inscr.]

Illustris. Petro Bembo, Romanae Ecclesiae Cardinali.

**A** XXIII. DAMIANVS A GOES

**Paulo III Pontifici**

S. P. D.

[Louanii. c. VIII.1540]

Nulla[1] haud dubie est res, in qua uberius niti debeamus, quam ut totus terrae orbis (si id aliter fieri non poterit) labore, sumptu, martyrio ac omnium nostrum cruciatibus, ad Christi fidem alliciatur, allectusque ut sub unum ordinem et uiuendi ritum redigatur. Cuius rei cura tibi, Paule Pontifex Maxime, qui ut primus Episcopus et Christi Vicarius, eius Vniuersali Ecclesiae praesides, ceteris[2] nobis omnibus magis debetur.

Quamobrem tuum est officium (quod etiam iam cum magna spe omnium incepisti[3]) calamitatibus[4] quotidie ipsius Christi ouili occurrentibus mederi, et opera et studio tuo efficere ut ipsi[5] soli Christo totus mundus pareat ac credat; cum uero crediderit, ut tibi monitisque tuis, ueluti Petri successori, in omnibus quae ad salutem animarum spectant, oboediat[6]. Quod cum euenerit, dicemus, te auctore[7], prophetiam unius pastoris et ouilis adimpletam esse. Cuius rei palmam si obtinueris, quis profecto Pontificum te uel honore, uel felicitate, uel merito anteibit? uel cui triplicem ti aram maiori[8] iure concedemus, quam tibi? Quam ut consequaris, tempora, licet alioquin infelicia, magnas tibi occasiones nunc praestant; infelicia inquam, ob eas calamitates quas in Europa medendas habes. Quae[9] ut uicinae maiori certe periculo Ecclesiae imminent. A nemine acrius[10] impetimur, quam a uicino hoste.

---

**A** XXIII. – **Ftt**: Gfid Aiir-Aiii$^v$ Gfides aiir-aiii$^r$ Gop Aii$^r$-Aiii$^v$ Bo 2-5 Angl 451-3 Boa 2-5 Bob 376-9 Myl 155-8 Schot$_2$ 1288-9 Boc 408-11 Bod 408-11 Barr 168-9 Gops 161-7 Vasc 87-9 Mat 166-9 Mart 223-5

---

**A** XXII. – **15** Septembris *MAT* Septembribus *cet.*

**A** XXIII. – **1** Nulla est res, in qua *GFID GFIDES BO BOA BOB BOC BOD BARR MAT* **2** caeteris *omn.* **3** incoepisti *BOA BOC BOD* **4** calamitatibus quibus quotidie opprimitur, mederi, *GFID GFIDES BO BOA BOB BOC BOD BARR MAT* **5** uni soli Christo *GFID GFIDES BO BOA BOB BOC BOD BARR MAT* **6** obediant *SCHOT MART* **7** te auctore *BOC BOD GOPS VASC MAT MART* ] te authore *ANGL* **8** maiore *BARR VASC MAT MART* **9** Quae ut uicinae… imminent *om. GFID GFIDES BO BOA BOB BOC BOD BARR MAT* **10** A nemine enim acrius *GFID GFIDES BO BOA BOB BOC BOD BARR MAT*

Lovaina, 13 de Setembro do ano de 1539, do nascimento de Cristo.
Vosso, Damião de Góis.

[End.]

Ao ilustríssimo Pedro Bembo, cardeal da Igreja Romana.

**A** XXIII. DAMIÃO DE GÓIS
**ao Papa Paulo III**
**envia muito saudar.**

(Lovaina, c. VIII.1540]

Nenhuma[1] coisa há, sem dúvida, em que mais amplo esforço devamos despender do que em à fé de Cristo atrair, se doutra sorte não for possível, mediante o labor, dispêndio, martírio e sofrimento de todos nós, o orbe inteiro, para que, então, sob uma só ordem e modo de viver se conduza, cuidado esse que, mais do que a nós-outros todos, a Vós incumbe, Sumo Pontífice Paulo[2], como primeiro Bispo, Vigário de Cristo e Chefe da sua Igreja universal.

Dever vosso é, pois (que, de resto, com grande esperança de todos encetastes já), atender às calamidades que quotidianamente embaraçam o redil do mesmo Cristo, e pelo próprio trabalho e empenho cuidar de que o mundo inteiro se lhe sujeite e n'Ele creia unicamente; e crendo, a Vós obtempere e a vossas instruções, como ao sucessor de Pedro, em tudo o que respeita à salvação das almas. Quando isto acontecer, exclamaremos estar cumprida por vosso intermédio a profecia de um só pastor e rebanho. E se tal palma obtiverdes, que Pontífice na realidade Vos sobrelevará em honra ou felicidade ou mérito, ou a qual deles com maior justiça concederemos a tríplice tiara do que aVós? Para a conseguirdes, os tempos, embora infelizes por uma parte, dão-Vos presentemente altos ensejos. E digo infelizes, em virtude dessas desgraças a que na Europa tendes de levar remédio, as quais, próximas como estão, com certeza mais perigosamente ameaçam a Igreja. De ninguém somos com mor dureza atacados que de vizinho inimigo.

Mas agora, por não falarmos nestas molestíssimas preocupações (que estão, eu o sei, constantemente no coração vosso), venhamos a outras mais suaves e que consigo trazem belos auspícios de que outro e em certa maneira novo Mundo reconheça, com a fé em Cristo, a majestade e dignidade de Vossa Santidade. Se este assunto por vossa prudência assim tratardes de modo a que, convosco por piloto, a Igreja quer na Europa quer na Etiópia, evitados os riscos e naufrágios,

Nunc uero ut has molestissimas curas, quae tibi (ut scio) perpetuo cordi sunt, omittamus[11], ad alias mitiores ueniamus, quae cum magna spe coniunctae sunt ut alter et nouus quodammodo orbis, cum Christi fide, Tuae Sanctitatis maiestatem et dignitatem[12] agnoscat. Quas[13] si pro tua prudentia ita tractaueris ut, te quasi gubernatore, Ecclesia tum Europaea tum Aethiopica, uitatis periculis et naufragiis, in portum salutis ueniat, de te canemus illud propheticum *Sapientiae* canticum: «Penetrabo omnes inferiores partes terrae, et inspiciam omnes dormientes, et illuminabo omnes sperantes in Domino[14]. Videte, quoniam non soli[15] mihi laboraui, sed omnibus exquirentibus ueritatem».

Ad quae[16] omnia perficienda adest iam demum tempus hoc, in quo huiusmodi uaticinia per te adimpletum iri confidimus. Adsunt[17] hic modo Aethiopes, gens magna et Christi auidissima, cuius sanctissimus Imperator amicitiam Europaeorum Christianorum cupiens, ad te et ad inuictissimos Reges Lusitaniae legatos misit, per quos, ut[18] ex eius epistolis apparet, non tantum sibi Christianam amicitiam et caritatem cupit a Principibus Europaeis impertiri, uerum etiam eosdem (quos assidue in acerbissimis discordiis nouit uersari) ad Christianam concordiam pientissime adhortatur. Res sane ob quam omnes pudore affici debemus.

Surrexit[19] uero iam Regina Saba et uocat[20] nos in iudicium. errata nostra reprehendens. Adimplentur Christi Prophetiae, et quos ipse elegit[21], paulatim ab ipsius[22] consortio dilabuntur, eiusque praecepta et promissa deuoluuntur ad eos qui Ethnici et a Christo alieni reputabantur. Is enim Aethiopum Imperator, cum omnibus suis regnis, ut ex nostra enarratione apparebit, sub tua disciplina uiuere cupit, nec quicquarn magis optat. Nec etiam ignorat ex Apostolorum doctrina, quam in octo libris digestam habet, Episcopo Romano omnium Episcoporum totius orbis principatum deberi, cui plane sancteque parere uult, ab eoque in Christi Ecclesiae institutis bene et sancte instrui, et[23] ad id insuper uiros doctos sibi dari orat atque exorare auide affectat. Nec eo contentus, ut suarum etiam postulationum in posterum extet memoria, petit ut huius rei fides maneat in Pontificum Annalibus, ut sic ab historia Ecclesiastica eius epistolae ac piissima optata illuminentur, et posteritas intelligat quo tempore, sub quoque Pontifice haec gesta fuere.

Viros autem doctos, sacrarumque[24] litterarum[25] disciplina et aliarum artium bene instructos, non dubito quin Tua Sanctitas iam ad eum transmiserit, aut

**A** XXIII. – **11** ommittamus *VASC* **12** magestatem *GOPS VASC* et imperium *GFID GFIDES BO BOA BOB BOC BOD BARR MAT* et dignitatem *cet.* **13** Quapropter si haec negotia ita tractaueris *GFID GFIDES BO BOA BOB BOC BOD BARR MAT*] Quas ... tractaueris *cet.* **14** Dominum *ANGL MYL VASC* **15** solum *GOPS VASC MART*] soli *cet.* **16** Ad quae ... uaticinia *GOP ANGL MYL SCHOT GOPS MART*] Adest nunc demum tempus in quo hanc prophetiam *cet.* **17** Adsunt... Aethiopes *om.* modo *GFID GFIDES BO BOA BOB BOC BOD BARR MAT* **18** ut ex eius *om.* ex *MYL SCHOT GOPS VASC MART* **19** Surrexit uero *om.* uero *GFID GFIDES BO BOA BOB BOC BOD BARR MAT* **20** uocat nos *om.* nos *BO SCHOT GOPS VASC MART* **21** elegit *GFID GFIDES GOP BO BOA BARR MAT*] eligit *cet.* **22** ipso *GFID MAT* eius *GFIDES BOBOA BOB BOC BOD BARR*] ipsius *cet.* **23** Ad quod *GFID BO BOA BOC BOD BARR MAT*] ad quos *GFIDES BOB* et ad id insuper *cet.* **24** sacrarum *MYL GOPS VASC MART* **25** litterarum *GOPS MAT* literarum *cet.*

alcance o porto da salvação, de Vós entoaremos aquele cântico profético[4] da Sabedoria: «Penetrarei todas as partes inferiores da Terra, e lançarei os olhos por todos os que dormem, e iluminarei a todos os que esperam no Senhor. Vede que não trabalhei só para mim, mas para todos os que buscam a verdade».

A fim de todas estas coisas se levarem a cabo, é finalmente chegado já este tempo, em que confiamos tais vaticínios se vão através de Vós realizar. Estão agora aqui abexins, povo numeroso e avidíssimo de Cristo e cujo santíssimo Imperador, desejoso da amizade dos cristãos da Europa, a Vós e aos invictíssimos Reis de Portugal endereçou como embaixadores[5], pelos quais, consoante de suas cartas se observa, não só anela que os príncipes europeus o façam partícipe da amizade e caridade cristãs, senão ainda também (porquanto os sabe a cada passo em dissenções tremendas) os exorta[6] mui piedosamente à cristã concórdia, facto que por certo nos deve a todos cobrir de vergonha.

Mas eis que ressuscitou a Rainha de Sabá[7] e nos chama a juízo, increpando os nossos erros. Realizam-se as profecias de Jesus: vão-se pouco a pouco desgarrando do seu convívio os que Ele próprio escolheu, e os preceitos seus e promessas são entregues àqueles que eram considerados pagãos e alheios a Cristo[8]. Com efeito, este imperador dos Etíopes aspira a com todos os seus reinos, conforme da nossa exposição ressaltará, viver sob a jurisdição vossa, nada ambicionando com maior ardor; nem por outro lado ignorando que, segundo a doutrina dos Apóstolos, que ele distribuida tem em oito livros, o principado de todos os bispos da Terra é devido ao Bispo de Roma, a quem absoluta e santamente quer submeter-se e por quem santa e rectamente ser instruído nos ensinamentos da Igreja Católica. Neste intuito solicita, além disso, se lhe enviem homens sabedores, e tal visa ardentemente alcançar por suas súplicas. Não contente disto e no objectivo de que outrossim à posteridade se legue memória destas suas pretensões, roga fique menção desta ocorrência nos Anais pontifícios, afim de que deste modo as suas cartas e pientíssimos desejos sejam revelados pela História eclesiástica, e os vindouros saibam em que tempo e sob que pontífice tais factos se passaram.

Não duvido, porém, de que Vossa Santidade já lhe tenha feito chegar ou mandar vá finalmente varões doutos, bem instruídos nas letras sagradas e nas outras artes, pela doutrina e zelo dos quais, e ao mesmo tempo com a palavra e trabalho de alguns que os sereníssimos Reis de Portugal, Manuel e seu filho João[9] já enviaram, conseguirá que todos os cristãos que vivem na Etiópia e na Índia, paulatinamente se venham à obediência das leis e ensinamentos dos Bispos de Roma (que eles não arreceiam confessar como Vigários de Cristo). Uma vez a nós enfim ligados, por obra vossa, através da Religião verdadeira e unidos a

omnino sit missura. Quorum doctrina et industria, simul cum sermone et labore nonnullorum quos iam serenissimi reges Lusitaniae Emmanuel[26] et Ioannes eius filius miserunt, facies ut omnes Christiani in Aethiopia et India degentes, sensim legibus[27] et institutis Romanorum Episcoporum (quos Christi uicarios non reformidant fateri) pareant. Quibus tandem tua opera nobiscum per ueram religionem coniunctis, ac in uno ouili simul et sub uno pastore Christo congregatis, intelligemus super nos omnes Domini misericordiam confirmatam, et eius regnum omnium saeculorum[28] et dominationem eius omnium generationum esse; et tunc omnis caro benedicet nomini sancto eius in saecula[29].

Et ne prolixior sit exhortatio mea quam oportet, praesertim ad eum cuius uitae ac doctrinae omnes imitatores[30] sumus[31] et esse debemus, ad exordium enarrationis me conferam, quam aliquantulo altius repetam, ut sic clarius os tendam quibus principiis haec sanctissima Pretiosi[32] Ioannis et Regum Lusitaniae amicitia et foedera inita sint, sperans me, dum quae uera et legitima sunt enarro, animos legentium incendere posse et ad huiusmodi munera allicere, quo Christi fides uberius in omnibus terrae angulis propagetur, praedicetur[33], colaturque.

[Epist. epigr.]

Damianus a Goes, Eques Lusitanus, Paulo Pontifici Romano Tertio S.P.D.

**A** XXIV. [DAMIANVS A GOES
**Paulo III Pontifici]**

[Louanii, 1.IX.1540]

Non indignum puto, Pontifex Maxime, in calce huius nostri opusculi, quoniam ad fidem et unionem Ecclesiae haec quoque spectant, Ioannis Magni Gothi, Archiepiscopi Vpsaliae in Regno Suetiae (ut ab eo ad miserandam Lappianam. gentem ueniamus) aliquam mentionem facere.

---

**A** XXIV. – **Ftt**: Gfid N$^{r}$-Niiii$^{v}$ Gfides fiiii$^{r}$-gii$^{r}$ Gop Ni$^{r}$-Niii$^{v}$ Bo 86-90 Angl 522-6 Boa 86-90 Bob 460-4 Myl 247-52 Schot$_2$ 1313-14 Boc 492-6 Gops 287-93 Vasc 90-3 Thörn 72-88 Mat 161-3 Mart 276-8

---

**A** XXIII. – **26** Emmanuel *SCHOT GOPS VASC MAT MART* Emanuel *cet.* **27** regibus *VASC MART*] legibus *GFID GFIDES BO BOA BOB BOC BOD BAR R MAT* legibus et institutis *cet.* **28** saeculorum *GFID GFIDES GOP GOPS BARR MAT* **29** saecula *GFID GFIDES GOP GOPS BARR MAT* **30** aemuli *GFID GFIDES BO BOA BOB BOC BOD BARR MAT*] imitatores *cet.* **31** simus *BOB*] sumus *cet.* **32** Preciosi *omn.* **33** praediceturque *BO BOA BOB BOC BOD*

Cristo num só ovil ao mesmo tempo que sob um pastor único, reconheceremos confirmada sobre todos nós a misericórdia do Senhor, e o Seu reino ser de todos os séculos e o Seu domínio de todas as nações; e então toda a carne bendirá o Seu santo nome para sempre.

Mas porque não seja a minha exortação mais prolixa do que convém, especialmente àquele de cuja vida e doutrina todos somos e devemos ser imitadores, reportar-me-ei ao exórdio da história, que um tanto de mais longe retomarei, para, assim, com maior clareza manifestar os princípios em que assentaram esta santíssima amizade e estas alianças entre o Preste João e os Reis de Portugal. E tenho esperança de que, enquanto estas coisas conto que são verdadeiras e legítimas, me seja possível os ânimos entusiasmar dos leitores e atraí-los a estes serviços[10], a fim de que mais largamente a fé de Cristo se dilate, pregue e pratique em todos os cantos da terra.

[Epígr. da «Carta»]

Damião de Góis, cavaleiro português, ao Pontífice romano Paulo III envia muito saudar.

**A** XXIV. [DAMIÃO DE GÓIS
**ao Pontífice romano Paulo III]**

[Lovaina, 1.IX.1540]

Não reputo indigno, Sumo Pontífice, no final deste, nosso opúsculo, atento que também isto concerne à fé e união da Igreja, alguma alusão fazer de João Magno Gothus[1], arcebispo de Upsala, no reino da Suécia, para dele chegarmos à miseranda gente lapónia.

É este João Magno Gothus descendente de pais óptimos e abastados, invulgarmente perito nas letras sacras, respeitadíssimo pela integridade de vida e a ponto devotado à Igreja romana que, por mor disso perdeu, juntamente com a herança paterna, o amplíssimo arcebispado Upsalense, de réditos orçantes pelos quarenta mil ducados de ouro[2]. Achado, com o esbulho da dignidade e dos bens, à mercê das vicissitudes da fortuna, ocultou-se na Prússia, vivendo durante largo tempo e precariamente em Danzig[3], onde entrementes (pois me impendiam

Is autem Ioannes Magnus Gothus, uir est optimis parentibus ac diuitibus natus, sacrarum litterarum[1] non uulgariter peritus, probitate uitae spectatissimus, Ecclesiae Romanae ita addictus, ut eius causa amplissimum Vpsaliae Archiepiscopatum cum prouentibus plus minus quadraginta millium aureorum in singulos annos, una cum fundo paterno, amiserit: cuius dignitatis ac bonorum iactura, ab fluctibus fortunae agitatus, in Prussia, Gedani diu tenuiter uictitans, delituit. Vbi[2] interim (quod[3] mihi regis mei negotia in illis Germaniae partibus tractanda erant) cum eo, ac cum Olao Magno Gotho, eius fratre, indissolubilem contraxi amicitiam.

Hos inopinate postea Vincentiae[4] reperi, multo tenuius quam antea degentes, quem locum ex illis ultimis terrarum oris, propter promulgatum Concilium, ex quo nonnihil spei sibi ac suis calamitatibus conceperant, adeundum esse proposuerant. Concilio tandem intermisso, ii boni uiri iam a suis facultatibus plane destituti, quibus, dum ampliores essent, saepius in aquilonaribus illis partibus pro Romana Ecclesia pugnauerant, et adhuc (si res successisset) pugnaturi essent, Venetias emigrant, uel aliena liberalitate[5], uel suis laboribus, praesertim docendo ac instituendo, uictum quaesituri, nullis enim aliis subsidiis niti poterant, nisi quod in Numinis auxilio totam spem reposuerant. Quo cum peruenissent, solum ab Hieronymo Quirino, Patriarcha Veneto, in ipso Patriarchatu humanissime accepti hospitantur, ubi ad hunc usque diem dilatum Concilium expectantes haerent.

Sub huius Vpsaliensi Archiepiscopatu, pars illius uastae Lappianae prouinciae habetur, cuius indigenae Christi Seruatoris nostri leges minime norunt, id quidem ut a multis tum bonis, tum fide dignis uiris, dum in illis prouinciis uersarer, ob turpissimum praelatorum et nobilium quaestum ac auaritiam[6] accidere intellexi. Nam si Christiani essent, liberi essent ab illis uectigalibus et tributis, quibus ipsi, ut ethnici, multantur, nobilitas contra cum Episcopis ditescit. Vetant igitur eos Christianos fieri, ne subditi suaui iugo Christi, aliquid lucelli eorum tyrannidi et rapacitati subducant, et aliquid ex uectigalibus decrescat, quibus gens illa miseranda ab ipsis Monarchis turpiter et insatiabiliter premitur et torquetur: qui impatientissime ferunt, si illi, Christiani facti, non longe plus uectigalium ipsis penderent, quam ceteri[7] Christiani suis Principibus pendunt, ac proinde deformem istum et sacrilegum quaestum fidei ac religioni Christianae, contempta tot animarum salute, anteponunt, uere habentes claues, quibus nec ipsi intrant, nec alios intrare sinunt.

Auaritiam[8] sane inexplebilem, et impietatem intolerabilem, ac a piis pectoribus armis et scriptis, denique totis uiribus expugnandam, quam procul dubio sopitam hoc tempore habuissemus, si hic bonus uir in pristinum suum honorem restitutus esset; nihil enim magis cupit, nihil acrius meditatur, quam quo pacto haec gens

---

**A** XXIV. – **1** litterarum *SCHOT MAT* **2** Vbi interim (quod] Vbi (quod interim *GOPS VASC MART* Vbi (interim quod *cet.* **3** quod mihi regis mei negotia] *om.* regis mei *VASC* **4** Vicentiae *BO BOA BOB BOC* **5** libertate *SCHOT GOPS VASC MART* **6** auariciam *GFID GOP THÖRN* **7** Caeteri *cet.* **8** auariciam *GFID GOP THÖRN*

negócios a tratar nessas partes da Alemanha) uma amizade indissolúvel se me principiou com ele e com Olavo Magno Gothus[4], seu irmão.

Encontrei-os depois, inopinadamente, em Vicenza[5], a braços com muito mais precária situação que antes: para ali tinham resolvido dirigir-se, desses últimos confins da terra, por causa da convocação do Concílio, de que algo de esperança para si e suas desventuras haviam concebido. Interrompida afinal a assembleia e destituídos como de todo o ponto estavam· de seus recursos – com os quais, se mais copiosos foram, muito mais tinham naquelas regiões aquilonares pugnado pela Igreja de Roma, e ainda, a haver o caso resultado bem, a pugnar continuariam –, estes bons varões lá emigram para Veneza, à cata de, por munificiência alheia ou pelos seus trabalhos, sobretudo ensinando e educando, angariarem a subsistência, já que em nenhuns outros meios podiam estribar-se senão em depositado terem no auxílio de Deus a sua confiança. Uma vez ali chegados, recebeu-os com extrema bondade, apenas Jerónimo Querini[6], patriarca de Veneza, o qual os hospedou no próprio patriarcado, onde residem aguardando até hoje o delongado Concílio.

Demora, na arquidiocese Upsalense[7] daquele, parte dessa vasta província da Lapónia, cujos habitantes nenhum conhecimento têm das leis de Cristo nosso Salvador, o que em verdade é sequela do torpíssimo interesse de prelados e nobres conforme da boca de muitos probos e fidedignos homens ouvi, enquanto por essas províncias andava. Efectivamente, se cristãos fossem, estariam isentos daqueles impostos e tributos com que, como pagãos, são onerardos; e graças aos quais a nobreza e bispos se locupletam. Proíbem-lhes, por isso, que se tornem cristãos, - não esquivem eles, súbditos do suave jugo de Cristo, algum lucrozinho à sua tirania e rapacidade, e algo diminua dos impostos com que esse infeliz povo é ignóbil e insaciavelmente oprimido e torturado pelos próprios monarcas, que se indignam extraordinariamente se aqueles, feitos cristãos, lhes não pagarem muito maior soma de impostos do que os restantes cristãos pagam aos seus príncipes; e eis porque à fé e religião cristã antepõem esta ganância sórdida e sacrílega, desprezando a salvação de tantas almas e possuindo verdadeiramente umas chaves com que nem eles mesmos entram nem deixam entrar os outros.

Oh avareza realmente insaciável e intolerável impiedade, digna de pelas almas pias ser combatida com armas e escritos, e até com todas as forças! Sem dúvida que já a teríamos hoje extinto, se este homem de bem fora reconduzido no seu antigo cargo. Nada, com efeito, mais anseia, em nada mais aturadamente medita do que na maneira por que esta gente possa ser encaminhada à fé de Cristo; nada deplora em mor tristeza do que o facto de por seu intermédio (como bastas vezes lhe viera ao espírito) estas desgraçadas ovelhas não terem, em consequência da religião ímpia, entrado, pela profissão da fé cristã, no redil

ad Christi fidem reduci possit; nihil flebilius deplorat[9] quam quod se auctore[10] (id quod saepe animo uoluerat[11]) hae miserandae pecudes adhuc, propter impiam religionem, per Christianam fidem Christi oues factae non sint. Nec tam queritur se ab Archiepiscopatu, uel bonis auitis depulsum, quam quod careat neruis, auxilio et facultatibus, quibus hanc Lappianam plagam et medicari, et sub Christi iugum mittere, et Romanae Ecclesiae coniungere possit .

Id quidem postea mihi saepius per litteras[12] confirmauit, quibus, nondum ipse placatus, acrem huius negotii, in fine illius primae Pretiosi[13] Ioannis legationis, (quam ipsi Ioanni Magno Gotho consecraui) mentionem feci; ne[14] tum quidem mihi ipsi in hoc negotio[15] satisfeci, sed cum Erasmo Roterodamo meis litteris[16] egi, ut causam istius rei scriptis commendaret. Postmodum in illius contubernio agens, quod[17] mihi cum eo Friburgi Brisgoiae ad quinque menses fuit, praesens cum praesente[18] uerba super eodem negotio feci. Quibus rebus impulsus constituerat de hac re iustum uolumen emittere, mortis tamen interuentu, operis materia, quam iam congesserat, dissoluta est. Nihilominus in suo *Ecclesiaste* tam nefandam impietatem non obticuit, quae sane talis est, ut omnes Christianos, quibus potentia et doctrina a Deo concessae sunt, posset quodammodo reos facere, et ab eis in ultimo iudicio coram Christo iusto[19] iudice uindictam petere.

Videant[20] iam Christianorum Monarchae quam rationem, quem calculum tantarum perditarum animarum in nouissimo die ad Christi tribunal, ubi nec gratiae nec indulgentiae locus est, nec blandimenta nec assentationes recipiuntur, reddituri sint. Tu tamen, Pontifex Maxime, is iam solus es qui huic morbo mederi potes. Tu iam is es qui huic genti uias Domini demonstrare potes, et ut recte in iis ambulent, dirigere. Tu solus eas de inferno inferiore redimere ualebis, per te paruulis Christum accedere licebit, et in uirtute dexterae tuae a daemonum catenis ac insidiis liberari, et copiosa Christi in hoc et in alio saeculo[21] redemptione frui. Vide: quam palmam obtinebis si messis illa multa, te operario, in horreum Christi comportetur! Nec dubium est quin comportabis, modo incipias.

Sunt hodierno die cum Gostauo Suetiae[22] et Gothiae rege aliquot Magnates, ab Ecclesia Romana recisi. Sunt in ipsis quoque regnis qui omnino ex diametro dissentiunt. Possis ad utrosque litteras[23] pro tua dignitate et pastorali officio dare, eosque[24] per Christi plagas (hunc enim omnes, quanquam[25] ab ipsa Romana Ecclesia dissentiunt, filium Dei et Seruatorem nostrum fatentur) obtestari, ut hanc orientalem, et occidentalem Lappiam, cum Fimmarchia, Scricfinia et Biarmia amplissimis prouinciis quarum maior pars Christum non nouit, ad eius suauissimum iugum uenire permittant, ab eisque tantum aucupentur et

---

**A** XXIV. – **9** deplorat, quod *SCHOT VASC* **10** auctore *BOC BOD GOPS VASC MAT MART* autore *cet.* **11** uoluerat [de uolo] *VASC* **12** litteras SCHOT MAT MART **13** Preciosi *omn.* **14** et ne tum quidem *GOPS VASC MART* **15** negocio *ANGL* **16** litteris *SCHOT MAT* literis *cet.* **17** quid mihi cum eo *BO BOA BOB* **18** presente *GOP* **19** iusto Christo iudice *GFID GFIDES BO BOA BOB BOC BOD MAT* **20** Videant ergo *GOPS VASC MART* **21** secuIo *BO BOA BOB BOC BOD* **22** Gustauo Suediae *ANGL* Gostawo Suetiae THÖRN Gustauuo Suetiae *cet.* **23** litteras *SCHOT GOPS MAT MART* **24** eousque *GOP ANGL* **25** quaquam *VASC MAT THÖRN*

de Cristo. E não se queixa tanto do seu arredamento do arcebispado ou dos bens de seus avós, quanto de carecer de energias, auxílio e recursos com que alcance atender a esta região lapiana[8], submetê-la ao jugo de Cristo e uni-la à Igreja de Roma.

Isto mesmo me confirmou ele amiúde em cartas posteriormente, por influxo das quais eu próprio emocionalmente ainda não refeito lavrei menção acre deste assunto no fim daquela primeira embaixada do Preste João (que consagrei ao dito João Magno Gothus), nem sequer então me havendo dado por satisfeito no caso, senão que epistolarmente me entendi com Erasmo de Roterdão para que recomendasse tal causa nos seus escritos. Pouco depois, na sua intimidade durante cerca de cinco meses[9] em Friburgo de Brisgóvia pessoalmente lhe falei da questão, àcerca da qual, por estas razões impulsado, ele tinha resolvido editar volume conveniente, mas cujas achegas, que já acumulara, se dispersaram com o advento da sua morte. Apesar disso não calou, no seu *Ecclesiastes*[10] impiedade tão nefanda, que realmente é de molde a todos os cristãos, a quem Deus concedeu o domínio e a doutrina, poder de certa maneira tornar réus, a um tempo que sobre os mesmos vingança reclamar no julgamento derradeiro, diante de Cristo, justo Juiz.

Considerem, pois, os soberanos cristãos que relação e conta, de tão grande número de almas que se perdem, hão-de no último dia ministrar perante o tribunal de Cristo, onde nem graças nem indulgências têm lugar, nem lisonjas ou protecções se recebem. E entretanto Vós, Sumo Pontífice, sois agora o único que pode curar esta enfermidade; sois Vós quem é capaz de mostrar a este povo os caminhos do Senhor, e fazer com que neles ande rectamente; só Vós conseguireis livrá-lo do inferno; por Vós será dado aos pequeninos aproximarem-se de Cristo, e por virtude de vossa dextra libertarem-se das cadeias e insídias do demónio, e bem assim gozarem, neste e no outro mundo, da superabundante redenção do Senhor. Vede: que palma obtereis[11], se aquela extensa messe, convosco por operário, for recolhida no celeiro de Cristo! E não há dúvida de que alcançareis tal, contanto que comeceis.

Há presentemente ao lado de Gustavo, rei da Suécia e da Gótia[12], alguns magnates separados da Igreja romana; e há também nos seus reinos quem absolutamente divirja deles[13]. Por vossa dignidade e ofício pastoral, podíeis enviar cartas a ambas as facções, a suplicar-lhes pelas Chagas de Cristo (que todos eles, embora discordando da Igreja de Roma, confessam ser Filho de Deus e nosso Salvador) permitam que esta Lapónia oriental e ocidental, com as províncias extensíssimas da Finnmark, Escricfínia e Biármia[14], a maior parte das quais ignora a Cristo, venha ao seu jugo suavíssimo; e que delas somente cobrem e arrecadem quanto os demais príncipes cristãos se acostumaram a dos seus súbditos exigir por direito ou obter por exacções precárias. Além disso, parece que não só cartas

extorqueant, quantum alii Christiani Principes a suis subditis uel iure postulare, uel precariis exactionibus obtinere consueuerunt. Ad id non tantum litterae[26], sed uiri quoque docti et sanctitate uitae probati mittendi uidentur, ut hae prouinciae Romanae Ecclesiae per Christi fidem coniungantur.

Quibus per te, una cum Aethiopica gente, ad ueram Christi legem adductis, etsi populi irascantur, Dominus sedens super Cherubim regnet, et terra moueatur, ipsaque exultet, et insulae multae laetentur.

Vale, Pontifex Maxime in Ohristo Iesu. Amen.

Ex Louanio, Calendis[27] Septembribus. Anno1540.

**A** XXV. DAMIANVS A GOES

**Reginaldo Polo cardinali**

[Louanii, 12.X.1540]

S.P. Nan puto[1], Amplissime Cardinalis, te nostri non reminisci, neque obliuione aut itinerum interuallo nostram memoriam apud te dilapsam esse. Quo amore, quo studio te semper sim[2] prosecutus, Deus, qui omnia nouit, scit, eodemque te semper prosequemur: cuius rei testimonio mihi[3] sunt omnes, quos cognoui Anglos, apud quos semper testatus sum pietatem et sinceritatem tuam, quorum uel unus Ricardus Moryzinus fuit, dum Patauii uixi; erat enim mihi perquam familiaris. Is autem, quem Venetiis (ut scio) aluisti, pro beneficio tibi contumelias ac[4] famosos libellos retulit. Res sane ob quam non tantum maerorem[5], sed etiam odium eius, in quo tantum ingratitudinis uersatur, concepi; quod uitium tam sceleratum ac nefarium est ut nec a Diis nec ab hominibus tolerandum esse uideatur.

Nunc[6] uero causae, cur ad te scribo, ne mireris. Audeo enimuero id tentare, quod scio te non aegre laturum ut scilicet lucubrationes nostras legas et censeas, praesertim cum de Fide et Religione nostra loquantur, cuius tu columna es. Quapropter, fisus humanitate tua, librum rerum Aethiopicarum, quem Paulo Pontifici Tertio dedicaui, ad te mittendum esse duxi, ad quem legendum te oramus animum inducas, ut intelligas quousque Fides Christi (in dies iam apud nos deficiens) aliis in locis propagetur.

---

**A** XXV – **Ftt**: V $23S^{r}$-$336^{v}$ $aut_{2}$ Pol 37-8 Bat 142-3 Mat 170-1

---

**A** XXIV. – **26** litterae *SCHOT GOPS MAT MART* literae *cet* **27** Calendas Septembris Anno MDXL *MAT* Septem. Anno M. D. XL *GFID BO BOA BOB BOC BOD* Sept. *SCHOT* Sept. Anno MDXXXX *GOPS MART* Sep. Anno MDXXXX *VASC*

**A** XXV – **1** S. P. Non puto *V BAT MAT*] S. P. *om. POL* **2** sum prosecutus *V* **3** mihi sunt *V BAT MAT*] mihi *om. POL* **4** ac famosos *V MAT*] et famosos *POL BAT* **5** moerorem *omn.* **6** Nunc uero causae] causa *V* causam *POL BAT MAT*

devem de ser mandadas, mas outrossim varões doutos e recomendados pela santidade de vida, a fim de que estas províncias se agreguem, pela fé em Cristo, à Igreja romana.

Uma vez por Vós conduzidas, ao mesmo tempo que o povo da Etiópia, à verdadeira lei de Cristo, – embora os povos se conturbem, reine o Senhor que está sentado sobre querubins, e se mova a Terra e exulte, e se alegrem as ilhas numerosas.

Adeus, Pontífice Supremo em Cristo Jesus. Amém.

De Lovaina, em 1 de Setembro do ano de 1540.

**A** XXV. DAMIÃO DE GÓIS

**ao cardeal Reginaldo Pole**

**muita saúde.**

[Lovaina, 12.X.1540]

Não creio, eminentíssimo Cardeal[1], que de nós recordação não mantenhais, nem que por esquecimento ou pela distância se haja em vós nossa memória dissipado. Com que amizade e afecto vos tenho acompanhado sempre, e jamais de fazê-lo cessarei, sabe-o Deus que tudo conhece e testemunhá-lo podem todos os ingleses com quem travei relações, junto dos quais sempre atestei a piedade e sinceridade vossas. Um deles foi até Ricardo Morison[2], enquanto vivi em Pádua; era-me de facto muito familiar. Este porém, que (como sei) em Veneza aboletastes, o benefício vos retribuiu com contumélias e libelos difamatórios, coisa que na realidade não só grande pesar me causou, como ainda também náusea por quem assim em ingratidão se excede, esse vício tão odioso e execrável que nem Deus nem os homens parece deviam suportar.

E agora não vos admireis da razão de mandar carta. Na verdade isto fazer ouso por estar ciente de que vos não ides mostrar rogado em ler e apreciar as nossas lucubrações, máxime atendendo a que da nossa fé e Religião falam de que vós sois coluna: motivo por que em vossa vontade confiado, na obrigação me julguei de vos endereçar o livro[3] das coisas da Etiópia, que dediquei ao Pontílfice Paulo III, o qual vos rogamos percorrer queirais para verificardes até que ponto a Fé cristã (ora se amortecendo entre nós dia a dia) noutras paragens se propaga.

De resto, ouvimos dizer que escrevestes[4] alguns mui doutos livros contra o Rei de Inglaterra, dos quais por cá não existe qualquer espécime além de um daí enviado de oferta a determinado franciscano inglês, varão probo e bom,

Ceterum[7] accepimus te aduersus Angliae Regem aliquot doctissimos libros conscripsisse, quorum apud nos nullum extat exemplar, praeter unum, istinc dono ad quendam franciscanum Anglum, uirum probum et bonum, Antuerpiae agentem, missum, quod (ut audio) cum in manus cuiusdam oratoris ipsius Angliae Regis incidisset, cui monachus id commodato dederat, igne concrematum est. Te uero iam, cuius semper studiosus a suscepta nostra amicitia fui, quaeso unum exemplar ad me, per manus oratoris Regis Portugalliae, qui has tibi est traditurus litteras[8], transmittere digneris; quod si feceris, nobis rem gratissimam faeies. Et ualebis, Amplissime Pole[9], quem, si in meis auguriis aliquid ueri est, adhuc Regem Angliae uidebimus; quod cum euenerit, fac ut memor sis nostri et prophetiae nostrae.

Louanii, duodecimo Octobris. Anno millesimo quingentesimo quadragesimo.

Tuae[10] Amplitudini deditissimus,

Damianus a Goes.

[Nom. inscr.]

Reinaldo Polo[11], Sacrosanctae Ecclesiae Romanae Cardinali. Romae.

**A** XXVI. DAMIANVS A GOES

**Petro Bembo cardinali**

[Louanii, 14.X.1540]

S.P. Iure posset silentium meum reprehendi[1], Amplissime[2] Cardinalis, nisi quidquid iaculorum mereretur mea negligentia, id liber iste de moribus et fide Aethiopum, suo intercessu, quasi hyperaspistes aliquis, a corpore nostro depelleret. Hic enim mea tempora omnia occupata habuit, maxime autem cum tuae litterae[3] aduenere: tum enim in partu eram, nec placebat ad tua elegantissima scripta respondere nisi edito[4] hoc fetu[5], quem comitem meis ad te litteris[6] coniungere uolebam, quo diuturna taciturnitas, quae iam reciderat in speciem acidiae, in eo uel excusatorem, uel deprecatorem culpae haberet. Quem librum, quoniam de fide et religione nostra non uulgariter tractat, Paulo Pontifici, ut ei qui in cathedram Petri successit, dedicaui. Id sane, non quod ab eo, ut ferme omnis

**A** XXVI – **Ftt:** B 153r-154v $aut_2$ Vocht 695-8 Mat 172-4

**A** XXV – **7** Caeterum *omn.* **8** litteras *MAT* literas *cet.* **9** Pole *BAT MAT* Polle *cet.* **10** Tuae Amplitudini ... Romae *om. POL BAT* **11** Pollo *V*

**A** XXVI – **1** repraehendi *B VOCHT* **2** Amplissme *B VOCHT* **3** litterae *MAT* literae *cet.* **4** aedito *B VOCHT* edito *MAT* **5** foetu *omn.* **6** litteris *MAT* literis *cet.*

assistente em Antuérpia, e que (segundo ouço), havendo caído nas mãos de certo embaixador do mesmo Rei anglo, ao qual o frade o tinha emprestado, terminou por acabar no lume. Peço por isso vos digneis, vós a quem desde o começo da nossa amizade sempre fui afecto, remeter-me um exemplar por intermédio do embaixador do Rei de Portugal, que estas letras vos entregará; se o fizerdes, com uma dádiva agradabilíssima nos penhorareis.

E adeus, eminentíssimo Pole, a quem, a algo de real andar em meus augúrios[5], ainda veremos soberano de Inglaterra! Quando tal suceder, não deixeis de acordar-vos de nós e da nossa profecia.

Lovaina, 12 de Outubro do ano de 1540.

De Vossa Eminência dedicadíssimo,

Damião de Góis.

[End.]

A Reginaldo Pole, cardeal da Sacrossanta Igreja Romana. Roma.

**A** XXVI. DAMIÃO DE GÓIS
**ao cardeal Pedro Bembo**
**muita saúde.**

[Lovaina, 14.X.1540]

Com direito pudera ser repreendido o meu silêncio, eminentíssimo Cardeal[1], se os dardos que mereceria a minha negligência, este livro acerca dos costumes e fé dos Etíopes, por sua interposição, os não arredasse, tal como um escudo, do nosso corpo. Foi ele na verdade que ocupados me manteve todos os instantes, sobretudo quando chegou vossa epístola: encontrava-me eu então de parto e não parecia bem a vossos eloquentíssimos escritos responder senão dado à luz este feto que eu queria por companheiro associar à minha carta, para que a prolongada taciturnidade, que já descaído havia em uma espécie de desleixo, nele tivesse um escusador ou intercessor frente à culpa.

O dito livro, por isso que de maneira não comum se ocupa da nossa Fé e Religião[2], dediquei-o ao Pontífice Paulo, como àquele que na cátedra sucedeu de Pedro: não, seguramente, porque dele, consoante quase toda a turbamulta de escritores se acostumou a fazer, algum lucrozito ou dadivazinha ambicione, mas para lhe manifestar que piedoso me devoto de coração ao incremento de Sua Majestade e da Fé Cristã, e ao mesmo tempo para o emprego do meu terúncio, por

scriptorum uulgus facere consueuit, aliquid lucelli aut munusculi ambiam; sed ut illi me deuotum et incrementis illius Maiestatis et Christianae fidei, ex animo studere declararem, simulque ut teruncii[7] mei usum, a Christo donatum, non inertem et sine ullius usurae fecunditate[8] sterilem sinerem. Attamen, ne plane muneris ali quo nostri labores careant, id impetratum per te apud Sanctitatem ipsius optarem, ut librum, in quo solummodo de eius pastorali officio agitur, et ex dogmatibus barbarorum Africanorum et Asiaticorum hominum non uulgariter de eadem re disceptatur, dignetur in corona prudentium uirorum recitandum dare, ut intelligat quid in hac re sibi faciendum pro ipsius officio, in hoc saeculo ac in alio ad Christi tribunal respondendum sit.

Librum autem ad te per manus oratoris Regis Lusitaniae mitto, quem pro Christi fide ac etiam amicitia nostra te oro, ei nostro nomine una cum epistola quoque nostra praebeas: non aegre id ferentem quod baiulo nostrarum lucubrationum te utamur, cum haec maxime ad fidem et Christianam religionem spectent, cuius tu cardo superi et inferi liminis es.

Quod me mones ad gesta nostrorum Lusitanorum scribenda, non frustra mones, cum id mihi multo tempore in animo sit. Si Deus nobis uitam longiorem concedere dignabitur, tentabimus ostendere facta nostratium nec Graecorum nec Romanorum[9] rebus gestis inferiora esse; ac plus discriminis esse inter ingenia scribentium, quam magnitudinis in ipsis rebus actis.

Doleo Petrum Nannium[10] obtinere non potuisse id quod maxime cupiebat. Sed postquam talia nulli homini simili de causa, ut scribis, conceduntur, contenti esse debemus hac repulsa. Nec is est qui sua causa uellet leges Romanorum[11] Pontificum infringi. Pro tuo officio tibi gratias magnas ago. Agit quoque Nannius[12], qui tuam uoluntatem promptissimam in se, gratissimam habet. Id autem obiter de eo indico, eum pauperem, doctum et sanctitate uitae uirum probatum esse. Cui si aliquod beneficium, quo possit se alere, ab Pontifice in his regionibus impetraueris, rem piam et Christiana caritate[13] plenam feceris.

Vxor, quam in tuis litteris[14] amantissime salutas, te pari modo, iam mater masculae prolis effecta, resalutat.

Vale, Amplissime Cardinalis, et tuum Damianum eo amore, quo semper fecisti, prosequere.

Louanii, pridie Idus Octobris, anno millesimo quingentesimo quadragesimo.

Tuae Amplitudini deditissimus, Damianus a Goes.

[Nom. inscr.]

Petro Bembo, Sacrosanctae
Romanae Ecclesiae Cardinali. Romae.

---

**A** XXVI. – **7** teruntii *B VOCHT* **8** foecunditate *B VOCHT* fecunditate *MAT* **9** Rhomanorum *B VOCHT* **10** Nanium *B VOCHT* **11** Rhomanorum *B VOCHT* **12** Nannius *omn.* **13** charitate *omn.* **14** litteris *MAT* literis *cet.*

Cristo outorgado, não deixar inerte nem estéril sem a fecundidade de qualquer rendimento. No entanto, porque aos nossos trabalhos não mingúe absolutamente alguma benesse, desejaria que junto de Sua Santidade conseguísseis se digne dar o livro – em que tão-só se trata do seu múnus pastoral e sobre o mesmo assunto, em face dos dogmas dos homens bárbaros da África e da Ásia, de modo não vulgar se discreteia – a ler em assembleia de esclarecidos varões[3], a fim de que verifique o que neste ponto, segundo seu ofício, lhe impende neste século realizar e, no outro, responder perante o tribunal de Cristo.

Envio-o por mãos do embaixador do Rei de Portugal, e rogo-vos pela fé de Cristo, e também pela amizade comum, que em nosso nome lho entregueis[4] juntamente com a nossa epístola, não levando a mal o facto de vos tornarmos moço de recados das nossas lucubrações, já que estas sobremodo à Fé e Religião Cristã dizem respeito, da qual vós sois o quício da soleira e da verga.

Quanto a admonirdes-me a relatar os feitos dos nossos portugueses, não o fazeis embalde, pois que desde há muito me anda isso no ânimo. Se Deus servido for nos conceder vida um pouco longa, tentaremos mostrar que as gestas dos nossos não são inferiores às façanhas dos gregos nem romanos, e que mais diferença existe entre os talentos dos seus redactores do que grandeza nos próprios factos sucedidos.

Lamento que Pedro Nanninck não tenha logrado alcançar o que sobremaneira apetecia[5]. Mas uma vez que, como escreveis, tais coisas por semelhante razão a ninguém se concedem, devemos quedar-nos contentes com esta recusa; nem ele é quem por sua causa quisesse infringidas as leis dos pontífices romanos. Dou-vos muitas graças pelo vosso serviço; e o mesmo faz Nanninck, reconhecidíssimo pela vossa vontade prontíssima para com ele. Uma coisa, porém, indico de passagem a seu respeito: é uma pessoa pobre, douta e estimada pela santidade de vida. Se acaso algum benefício, de que sustentar-se possa, obtiverdes para ele do Pontífice nestas regiões, havereis praticado uma acção pia e repleta de caridade cristã.

Minha esposa, que na vossa carta com muito apreço saudais, em igual medida, e de há pouco já tornada mãe de masculina prole[6], vos retribui.

Adeus, ilustríssimo Cardeal, e prossegui na mesma afeição de sempre ao vosso Damião.

Lovaina, 14 de Outubro do ano de 1540.

De Vossa Eminência muito dedicado,

Damião de Góis.

[End.]

A Pedro Bembo, cardeal da Sacrossanta Igreja Romana. Roma.

**A** XXVII. DAMIANVS A GOES

**Beato Rhenano**

[Louanii, 24.X.1540]

S.P. Anno superiore litteras[1] et *Tertullianum* et oppugnationem Diensem a nobis in lucem editam ad te misimus, mi amantissime[2] Rhenane[3], sed tu nobis respondere minime dignatus es. Nihilo minus, etsi tam negligenter nobiscum agas, non desinam epistolis meis te impetere, donec rescribas.

Quamobrem ad te iam mittimus libellum, quem de fide et moribus Aethiopum circuncisa narratione modo composuimus. Eum quaeso legas, ut inde prospicias, quam sancte ab barbaris hominibus Christi fides seruetur. Et quoniam timeo nostram Diensem oppugnationem ad te non esse perlatam, eandem libello isto adiungere uolui, uti uideas, quomodo Thraces[4] a nostris apud Gedrosiam accepti fuerunt[5]. Vale et rescribe.

Louanii XXIII Octobris anno 1540.

Totus tuus, Damianus a Goes.

[Nom. inscr.]

Viro erudito Beato Rhenano[6]. Seleidestatae.

[Iuxta inscriptionem statimque infra, atque a Beato Rhenano]: Redditae mihi 12 Maii An. 1541. Selestadii.

**A.** XXVIII. DAMIANVS A GOES

**Petro Nannio**

S. D.

[Louanii, c. XI.1541]

Cum saepenumero rerum Hispanicarum mentio inter nos, amantissime Nanni, incidisset, multis argumentis cognoui te, nondum iisdem satiatum, ampliorem

---

**A** XXVII. – **Ftt**: S 74r-v aut. Horaw 467-8 Mat 175
**A** XXVIII. – **Ftt**: Ghisp Aiiir Gop Tv Angl 615-16 $Bel_2$ 1235 Myl 1 $Schot_1$ 1160 Gops 49 Vasc 93 Mat 197

---

**A** XXVII. – **1** litteras *MAT* literas *cet.* **2** amantissime *S* ] beatissime *HORAW MAT* **3** Rhenane] Rennane *S HORAW* **4** Traces *S HORAW* Thraces *MAT* **5** fuerunt *S HORAW MAT* **6** Rennano *S HORAW*

**A** XXVII.

DAMIÃO DE GÓIS
**a Bild Rheinauer**
**muito saudar.**

[Lovaina, 24.X.1540]

No ano transacto, meu caríssimo Rheinauer[1], mandei-vos uma carta, assim como o *Tertuliano* e o *Cerco de Diu* por nós publicado, mas vós de nenhum modo vos dignastes responder. Sem embargo, apesar de vos portardes tão negligentemente connosco, não desistirei de em minhas cartas vos incomodar até que por vossa parte respondais.

Eis porque vos remetemos agora o opúsculo[2] que há pouco compusemos, em reduzida narrativa, acerca, da fé e costumes dos etíopes. Lede-o, por favor, para que verifiqueis, através dele, quão santamente é conservada por homens bárbaros a fé de Cristo. E porque receio que o nosso *Cerco de Diu* não vos haja sido entregue, quis juntar o mesmo a este opúsculo, a fim de verdes como os tracos foram recebidos pelos nossos na Gedrósia[3]. Adeus e respondei.

Lovaina, 24 de Outubro do ano de 1540.

Todo vosso, Damião de Góis.

[End.]

Ao erudito senhor Bild Rheinauer. Em Sélestat.

[Logo a seguir ao endereço e da mão de Rheinauer]: Entregue a 12 de Maio de 1541. Sélestat.

**A** XXVIII

DAMIÃO DE GÓIS
**a Pedro Nanninck**
**saúde.**

[Lovaina, c. 20.XI.1541]

Como frequentes vezes, caríssimo Nanninck[1], acontecido houvesse, entre nós menção das coisas hispânicas[2], muitos indícios captei de que tu, ainda não das mesmas saciado, aguardavas, de escritos nossos, uma mais ampla notícia delas.

earum notitiam[1] e scriptis nostris expectare. Quamobrem optatis tuis parentes, haec tali lege tibi cudere uoluimus ut, si arriserint, legas amicisque tuis huiusmodi rerum notitiam[2] cupientibus communices; sin minus, Vulcano tradas. Vale.

[Epist. epigr.]

Damianus a Goes, eques[3] Lusitanus, Petro Nannio, Latino apud[4] Louanienses Professori dignissimo amicoque non uulgari, S. D.

**A** XXIX.

DAMIANVS A GOES
**Ioanni Iacobo Fuggero**
S.

[Louanii, 14.IV.1542]

Ex tuis litteris, amantissime Iacobe, cognoui te febri correptum fuisse, ab eademque modo liberatum: quod nuntium[2] etsi mihi satis aegrum fuerit, inde quod morbum tam taetricum[3] sustinueris, tamen gratum[4], cum intellexi te penitus ab eius tyrannide[5] euasisse.

Quod autem ais me parum amice in Munsterum hominem mihi utcunque[6] cognitum debacchatum esse, te iudicem in hac causa eligo; et quid, cum laudes et ubertatem Germaniae, uti nos Hispaniae scripturus esses, in eum, tibi dicendum esset[7] cogita, qui nulla causa[8] urgente, Hispanos famelicos, de alieno semper saturos, in peregrinos homines duros, feroces ac immanes, nec non imperitos, ingenio infelices, arrogantes iactabundosque uocasset, quibus notis Munsterus gentem nostram inuasit.

Ego uero contra, dum nostros defendo, quid[9] feci aut commisi? Germanos profecto et Gallos non in genere, ut ipse Hispanos, laedo, sed in specie tantum, et in harum prouinciarum famulos et Gnathones[10] solum quasi ioco ludens, meam defensiunculam emisi, ipsumque Munsterum uirum bonum praedico; quem tantum moneo, ut posthac cautius scribat, et ea quae comperta habuerit, solum typis mandet. Quod si fecisset, non tot mendacia et de sua quoque Germania

---

**A** XXIX. – **Ftt**: Gop Kii$^{v}$-Kiii$^{r}$ Myl 49-50 Schot$_{2}$ 827-8 Gops 107-9 Vasc 58-9 Mat 203-5

---

**A** XXVIII. – **1** noticiam *GOP* **2** noticiam *GOP* **3** eques *om. MYL SCHOT GOPS VASC* **4** apud Louanium *GHISP MAT* apud Louanienses *cet.*

**A** XXIX. – **1** litteris *MAT* literis *cet.* **2** nuncium SCHOT GOPS **3** tetricum *omn.* **4** gratum] ratum *GOPS* **5** tyranide *MYL* **6** utcumque *VASC MAT* **7** esset *om. GOPS* **8** caussa *SCHOT* **9** qui feci *MAT* **10** gnathones *omn.*

Eis porque, em anuência aos teus desejos, nos aprouve engendrar isto[3] para ti, sob a condição de, se agradar, o leres e compartilhares com os teus amigos que anelem o conhecimento de coisas deste género; e se não, o entregares a Vulcano. Adeus.

[Epígr. da «Carta»]

Damião de Góis, cavaleiro português, a Pedro Nanninck, muito digno Professor de Latim em Lovaina e amigo invulgar, deseja saúde.

**A** XXIX. DAMIÃO DE GÓIS
**a João Diogo Fugger**
**saúde.**

[Lovaina, 11.IV.1542]

Soube pela tua carta, Diogo[1] amantíssimo, que caíras com febre e da mesma há pouco te libertaste, notícia que conquanto me tenha sido assaz penosa porque enfermidade tão grave suportaras, não deixou no entanto de ser agradável, por ter verificado já te achares plenamente escapo da sua tirania.

Quanto a dizeres que me atirei pouco amigavelmente contra Münster[2], em todo o caso homem meu conhecido, instituo-te juiz nesta questão. E tu pondera no que deveras chamar àquele que, estando por tua parte para descrever as excelências e produtividade da Alemanha, como eu da Hispânia, houvesse, sem motivo algum, apodado os alemães de famélicos, sempre fartos à custa do alheio, duros, ferozes e desumanos com os forasteiros, inábeis, mesquinhos de engenho, arrrogantes e jactanciosos, labéus estes com que Münster se arreganhou[3] contra a nossa gente!

Pelo contrário, ao defender os nossos que é que eu fiz ou cometi? Em boa verdade aos alemães e franceses não os agravo a todos em geral, conforme ele aos hispanos, mas tão-só a alguns; e, dessas nações, unicamente contra os servos e parasitas[4] apresentei, como que gracejando, a minha humilde defesa. Ao próprio Münster o proclamo uma pessoa de bem, com a advertência apenas de que para o futuro escreva mais cautelosamente e não mande aos prelos senão o que conhecer averiguado[5]. A assim ter ele procedido, não houvera, com o seu *Ptolomeu*[6], espalhado tantas mentiras, até mesmo sobre a sua Alemanha; e omito outros livros acerca da fé cristã e por ele publicados, os quais no juízo de muitos não passam de adulterinos é falso, coisa que, a ser verdadeira, não é piedosa bastante nem digna de homem[7] cristão.

suo *Ptolomeo*[11] inseruisset. Omitto alios libros de Christi fide loquentes, quos ipse euulgauit, qui adulterini et ficticii[12] a multis iudicantur, res sane si sic est non admodum pia, nec Christiano homine digna.

Haec omnia tibi, amantissime Ioanne[13] Iacobe, retuli, ut scias me latius in Munsterum stomachari potuisse, quod sane fecissem nisi esset homo Germanus in Germaniaque natus, quam gentem et prouinciam ego tanquam[14] numen semper ueneratus sum, et in qua eximios amicos habeo, quorum amicitiam sanctissime inuiolatam mihi et uolo et perpetuo seruatam cupio.

Ceterum[15] quod ad librum Lusitanicum attinet, uidi quae scribis, pro quibus tibi gratias ago maximas. Librum enim egomet apud Peutingerum uidi et truncatim legi, qui re uera ei cum linguam nostram ignoret, minime usui est. Quare te[16] iterum atque iterum oro ut uel librum ipsum mihi[17] impetres, uel eiusdem exemplar unum; quod si feceris, historiae nostrae, quam in manibus de rebus Indicis habemus, magnum adferes adiumentum, et nobis facies rem[18] pro qua tibi perpetuo deuincti erimus.

Vale et nos, ut facis, ama. D. Antonium Fuggerum nostro nomine saluta.

Louanii 11. Aprilis, Anno 1542.

[Epist. epigr.]

Damianus[19] a Goes lo. lacobo Fuggero salutem.

**A** XXX. DAMIANVS A GOES

**Beato Rhenano**

[Louanii, 1.VI.1542]

S. P. Accepi, uir litteratissime[1], binas tuas litteras[2], quarum primarum latorem nec uidi nec quis fuerit scio. Secundas autem mihi compater tuus tradidit, cui ego pro in me olim collato beneficio et uetere inter uos necessitudinis uinculo totum meum officium obtuli et offero.

Quod Tertulliani librum a me tibi missum acceperis, maximopere laetor. Eram huius rei anxius, cum nihil litterarum[3] a te nec a Frobenio, cui eum tibi tradendum

---

**A** XXX. – **Ftt**: S $73^{r-v}$ $aut_2$ Horaw 485 Mat 208-9

---

**A** XXIX. – **11** Ptolomaeo *GOPS* **12** fictitii *GOP MYL SCHOT GOPS VASC* **13** Ioan. *GOP* ] Io. *cet.* **14** tamquam *VASC MAT* **15** Ceterum *GOPS* Caeterum *cet.* **16** te … oro] te iterum oro *VASC MAT* **17** himi *VASC* ] mihi *cet.* **18** rem] gratam *add. GOPS* **19** Damianus … Fuggero S. *GOP VASC MAT* ] Epistola Damiam a Goes ad Io. lacobum Fuggerum pro defensione Hispaniae *cet.*

**A** XXX. – **1** literatissime *omn.* **2** litteras *MAT* literas *cet.* **3** litterarum *MAT* literarum *cet.*

Expus-te isto tudo, caríssimo João Diogo, para que saibas que eu podia ter-me agastado mais ainda com Münster, e naturalmente o houvera feito, se ele não fora alemão e nascido na Alemanha[8], povo e território que sempre venerei qual a uma divindade e onde conto amigos preclaros cuja estima não só quero santissimamente inviolada, como outrossim conservada perpetuamente.

Pelo que respeita ao livro português[9], tomei atenção no que escreves e por tudo te rendo as maiores graças. De facto, eu mesmo o vi em casa de Peutinger[10] e li aqui e além. A este, é evidente, de nada lhe serve a obra, dado que ignora o nosso idioma. Por isso, uma e outra vez te rogo mo consigas[11], ou o próprio livro ou uma cópia dele. Se o fizeres, grande serviço prestarás à história das coisas da Índia que nos anda entre mãos; e outorgar-nos-ás um favor pelo qual para sempre te ficaremos grato.

Adeus e, como fazes, continua-nos com a tua amizade. Dá recados nossos ao senhor António Fugger.

Lovaina, 11 de Abril do ano de 1542.

[Epígr. da «Carta»]

Damião de Góis a João Diogo Fugger, saúde.

**A** XXX. DAMIÃO DE GÓIS
**a Bild Rheinauer**
**muito saudar.**

[Lovaina, 1.VI.1542]

Recebi, varão sapientíssimo, duas cartas[1] vossas: da primeira nem vi nem sei quem foi o portador; a segunda, porém, trouxe-ma o vosso compadre, a quem eu, em atenção a um favor que algum dia me fez e ao velho vínculo de amizade entre vós, ofereci e ofereço todos os meus préstimos.

Folgo muitíssimo por haverdes recebido o livro[2] de Tertuliano que vos enviei. Estava inquieto, uma vez que desde há muitos dias não recebia nenhuma carta, nem vossa nem de Froben a quem o confiara para vo-lo fazer chegar às mãos. O mesmo *Tertuliano*, revisto por vós sem demora, aguardam-no com grande ânsia muitos doutos varões. Não traiais, pois, a espectativa de pessoas tão ilustres.

De resto, quanto a terdes lido os nossos opúsculos sobre as coisas da Índia e da Etiópia[3] e ao agradecimento que expressais pelos mesmos, antes de mais isso foi um prazer para mim. Mas de preferência devia eu expressá-lo a vós

commiseram, a multis diebus accepissem. Eundem *Tertullianum* propediem a te repurgatum multi uiri docti auidissime exspectant[4]. Quare fac uti tantorum uirorum spem ne fallas.

Ceterum[5] quod nostra de rebus Indicis Aethiopicisque opuscula legeris et pro eisdem mihi gratias agas, uolupe id imprimis fuit, atque id potius a me tibi praestandum erat, qui talia, nec re uera digna quae tua grauissima[6] studia interpellarent, dignatus es legere. Quare quando me sic amas, ut hac in re [nec][7] laboribus nec legendi taedio parcas, audebo *Hispaniam,* quam modo ludens euulgaui, ad te mittere. Quam cum legeris, caue credas me quicquam sinistre de Germania sentire. Est enim Germania prouincia quam ego meis omnibus elogiis ad astra semper tuli, in qua magnam selectorum amicorum copiam habeo, quos tanquam numen aliquod ueneror et deosculor, quorum amicitiam mihi sanctissime et constanter et cupio et uolo seruatam continuo esse. Nec Germaniam[8] (uti uidebis) laedo, sed tantummodo in eius atque Galliae Gnathones[9] et famulos iocose garrio atque ludo idque feci, non quod uitia eorum reprehendere[10] unquam optauerim, sed ut Munsteri erroneo[11] de rebus Hispaniae iudicio obuiarem, et hominem mihi utcunque[12] cognitum et amicum monerem ut cautius posthac res suas euulget.

Porro scire te uolo quod, ut uideo, ignorabas, me sedem Louanii propter otium litterarium[13] fixisse, ubi Deo uolente uitam degere constitui. Quare iam certe et tute huc litteras tuas, si aliquas ad me scribere uelis, mittere possis. Tu interim uale, et officio nostro, dum tibi usui erit, utitor.

Louanii, Calendis Iunii anno millesimo quingentesimo quadragesimo secundo.

Tuus, Damianus a Goes.

[Nom. inscr.]

Incomparabili et erudito uiro, D. Beato Rhenano amico non uulgari. Selestadii.

---

**A** XXX – **4** exspectant *MAT* expectant *cet.* **5** Caeterum *omn.* **6** grauissima *S MAT*] gratissima *HORAW* **7** [nec] *addidi* **8** Nec Germaniam *S MAT*] Nec in Germaniam *add. HORAW* **9** gnathones *omn.* **10** repraehendere *S* **11** erroneo *S MAT*] erronea *HORAW* **12** utcumque *MAT* **13** litterarium] literarium *S* literarum *HORAW MAT* **14** litteras *MAT* literas *cet.*

que vos dignastes ler tais coisas, em verdade não dignas de interromper vossos mui nobres estudos. Já que assim sois amigo que neste caso não vos poupais a canseiras nem ao tédio da leitura, ousarei remeter-vos a *Hispania*[4], que há pouco publiquei por brincadeira. Quando a lerdes, não fiqueis a pensar que guardo ressentimentos contra a Alemanha.

É esta uma terra que sempre exaltei com os maiores elogios, na qual conto grande número de amigos selectos a quem, como a uma divindade, venero e respeito, e cuja amizade com toda a pureza e constância desejo e quero ininterruptamente manter. Eu não ataco a Alemanha, como vereis, mas apenas tagarelo e brinco divertidamente a propósito dos parasitas e criados[5] dela e da França. E fi-lo não porque alguma vez pretenda repreender os defeitos de ambas, mas para obviar ao juízo erróneo de Münster sobre as coisas da Hispânia e admoestar o homem, aliás meu conhecido e amigo, a fim de que de futuro divulgue as suas obras com mais cautela.

Finalmente quero que saibais o que, segundo vejo, ignoráveis: ter eu fixado, por causa do ócio literário, residência em Lovaina[6], onde resolvi viver, se Deus quiser. Podereis, pois, com certeza e segurança mandar carta para cá, se alguma quiserdes escrever-me. Entretanto tende saúde e servi-vos dos nossos préstimos no que vos for útil.

Lovaina. 1 de Junho do ano de 1542.

Vosso, Damião de Góis.

[End.]

Ao incomparável e erudito varão, Snr. Bild Rheinauer, amigo invulgar. Sélestat.

**A** XXXI. DAMIANVS A GOES
**Christophoro Madruchio Cardinali**

[Louanii, 15.VII.1543]

S. P.[1] Reuersus ex Gallia cum iam essem, tibi, Amplissime Patrone[2] scripsi, litterasque[3] per manus Ioannis Iacobi Fuggeri transmisi. Modo quid scribam, cum Splinterus ad te proficiscatur qui ore tenus[4] tibi res meas explicabit, nihil aliud erit nisi quod scire te uellem[5] negotia mea felicius nunc, quam e tempore quo ad te scripsi succedere. Nihilo[6] minus, bona mea, cum[7] fama, quam pluris faciebam, minime iam laborem, ad octo milia aureorum coronatorum multantur[8].

Reliquum[9] erit, id quod non ignoras, ut tibi denuo in mentem redigam[10] me totum esse tuum, quo experientia si opus erit disces.

Vale, inclite[11] Princeps, et nos ama. Louanii, 5 Iulii anno 1543.

Amplitudini Tuae deditissimus,

Damianus a Goes.

[Nom. inscr.]

Amplissimo D. Christophoro Madruchio
Episcopo Tridentino et Brixiensi[12], patrono suo. Tridenti.

**A** XXXII. DAMIANVS A GOES
**Carolo Quinto Augusto**

[Olisipone, c. VI.1546]

Ea est, Caesar Auguste, multorum hominum natura, ut potius obtrectandi studio quam referenda gratia delectentur. Ac habet quidem humana natura multa et magna uitia, sed nullum tamen grauius neque intolerabilius quam illam obliuionem gratiae, coniunctam cum laceratione et oppressione uirtutis alienae. In quo crimine, id etiam inest mali, quod qui eo obstricti sunt, uitia quae a natura habent, artificio quodam malitiae[1] condiunt. Quicumque enim ingratus esse uult, ut ingratus esse possit, eleuat beneficia in se collocata famamque illorum arrodit

---

**A** XXXI – **Ftt**: M 45r-46r aut. Hirsch 182 Mat 218
**A** XXXII. – **Ftt**: Gobs Aiir-Aiiir Schard, 1869-70 Mat 224-6

---

**A** XXXI – **1** S.P. *M MAT*] Serenissime Princeps *HIRSCH* **2** litterasque *MAT* literasque *cet.* **3** orethenus *M HIRSCH* **4** uellem *M HIRSCH* **5** Nihil nimis *MAT*] Nihilo minus *cet.* **6** cum *M*] ut *HIRSCH* et *MAT* **7** mulctantur *omn.* **8** Reliqum *M HIRSCH* **9** redigem *MAT* **10** inclite *MAT* inclyte *cet.* **11** Brixinensi *M HIRSCH*] Brixienensi *MAT*

**A** XXXII. – **1** maliciae *GOBS SCHARD*] malitiae *MAT*

**A** XXXI. DAMIÃO DE GÓIS
**ao cardeal Cristóvão Madruzzi**
**muito saudar.**

[Lovaina, 5.VII.1543]

Já regressado de França, escrevi-vos, eminentíssimo Senhor[1], havendo confiado a carta a João Diogo[2] Fugger. Pouco escreverei agora, dado que Splinter[3] parte para junto de vós e oralmente vos explicará quanto me diz respeito. Aliás nada há, salvo o desejo de informar-vos dos meus negócios, que sucedem agora com mais felicidade do que desde o tempo em que vos escrevi. Apesar de tudo, nos meus bens, pois quanto ao bom nome, o que eu mais estimava, já nada há de mal, incide a sanção[4] de cerca de oito mil coroados de oiro.

Resta-me novamente recordar-vos que sou todo vosso, o que vós não ignorais e verificareis se necessário.

Adeus, ínclito Príncipe, e distingui-nos com a vossa amizade.

Lovaina, de Julho do ano de 1543.

De Vossa Eminência dedicadíssimo, Damião de Góis.

End.]

Ao eminentíssimo D. Cristóvão Madruzzi, bispo de Trento e de Bréscia, seu senhor. Trento.

**A** XXXII. DAMIÃO DE GóiS
**ao imperador Carlos V.**

[Lisboa, c. VI.1546]

A índole de muitos homens é tal, augusto César[1], que antes se deleitam no vezo de denegrir do que em agradecer. E tem por certo muitos e graves vícios a natureza humana, mas no entanto nenhum mais grave e intolerável do que esse esquecimento do favor, acrescido à laceração e opressão da virtude alheia. Em tal crime há ainda este mal: é que os que por ele estão dominados condimentam com um certo artifício de malícia os vícios que possuem por natureza. Realmente todo o que quer ser ingrato, para poder sê-lo, eleva os benefícios que depara em si próprio, abocanhando e minando a fama daqueloutros no intuito de nada ou muito pouco parecer dever-lhes. Mas se há alguma ciência da virtude, se algum culto da sabedoria existe, não deveriam os que isto professam abusar de tais processos para prejudicar a fama e a dignidade de homens bons e da parte deles merecedores de reconhecimento.

E quando isto não convém a nenhum mortal, muito menos aos lovanienses[2], a respeito de quem pública e privadamente constavam tantos serviços meus

et carpit, ut uel nihil uel perquam pusillum debere uideatur. Sed si est aliqua disciplina uirtutis, si ullum studium sapientiae extat[2], non deberent qui haec profitentur, eiusmodi artibus, ad bonorum uirorum, beneque de se meritorum, famam dignitatemque laedendam abuti.

Quod cum nemini mortalium, multo tamen minus Louaniensibus id conuenit, in quos publice priuatimque tam multa mea merita constabant, quorumque periculum et discrimen, periculo capitis fortunarumque mearum grauissimis temporibus ciuitatis auerteram[3]. Quorum pro beneficiis meis maleficia, pro studiis odia, pro salute ciuitati data perniciem prope redditam, sacra tua Maiestas paucis cognoscere ne grauetur.

Cum summa semper nescio qua litterarum[4] admiratione olim[5] tenerer, neque tamen ob aulica negotia in quibus a puero paene[6] enutritus uersabar, operam eis liberam impendere ualerem, non remittente se interim affectu, coepi cogitare mecum quomodo tandem iis uacare possem. Nec defuit consilio successus. Louanium enim Antuerpia relicta (ubi tum ob negotia regis agebam) me contuli. Sed hoc in loco cum septem ferme menses coluissem mansuetiores musas, ab inuictissimo Ioanne huius nominis Tertio Lusitanorum rege (apud quem a pueritia[7] educatus fueram) ultro delata mihi orientalium Indiarum quaestoria dignitate, in aulam asciscor. Qua de causa reuersus in patriam, cum magis magisque litterarum[8] amore flagrarem, quaesturam uix initam deposui, ac deinde peragratis, perlustratisque aliquandiu uariis regionibus et academiis, cum inter ceteras[9], Brabantia tua, Caesar Augustissime, impensius mihi commendaretur, Louanium cum uxore quam in Hollandia rege assentiente duxeram[10], studiorum gratia commigraui. Quod quidem oppidum, multis antea et maximis beneuolentiae argumentis, semper edocui mihi intime carum[11] et iucundum fuisse.

Quae autem ibi uitae meae, quae instituendae alendaeque familiae ratio, quae coniunctio non solum cum optimatibus Academiae, uerum etiam cum decurionibus ac nobilitate muncipii fuerit, quam denique illustri gratia tum studiosorum, tum ciuium floruerim, ab illis potius te, Caesar inuicte, quam ex me cognoscere malo. Etsi enim defloruit gratia memoriaque nostrorum beneficiorum una cum detrimento fortunarum mearum, quibusque ante obsidionem carissimus[12] eram, iisdem post liberationem urbis, ne quidquam[13] debere mihi uiderentur, grauis esse coepi, spero tamen testimonium publicum innocentiae pietatisque meae nequaquam mihi denegatum iri.

[Epist. epigr.]

DAMIANI GOES Equitis Lusitani de captiuitate sua, et de iis quae ad Louanium a Longouallio Gallorum duce acta sunt, ad Carolum Quintum Augustum uera narratio.

---

**A** XXXII. – **2** exstat *MAT*, extat *cet.* **3** auerterem *MAT* **4** litterarum *MAT* literarum *cet.* **5** olim *MAT* **6** pene *omn.* **7** puericia *GOBS* **8** litterarum *MAT* literarum *cet.* **9** ceteras *MAT* caeteras *cet.* **10** duxerem *MAT* **11** carum *MAT* charum *cet.* **12** carissimus *MAT* charissimus *cet.* **13** quicquam *SCHARD*

prestados e cujo perigo e situação crítica, em gravíssima conjuntura da cidade, eu afastara com risco de morte e dos meus bens. Os malefícios por estes benefícios meus, os ódios pelas dedicações, a ruína quase retribuida pela salvação dada à cidade, não se dedigne Vossa Sacra Majestade de conhecer em resumo.

Como desde há muito me sentisse sempre possuído de não sei que suma admiração pelas letras e todavia não pudesse a estas livremente dedicar-me por causa dos afazeres áulicos[3] em que, adestrado quase desde criança, me ocupava, não enfraquecendo entretanto esta paixão comecei de pensar a sós comigo em como poderia finalmente entregar-me a elas. E não faltou sucesso à deliberação.

Efectivamente, deixada Antuérpia (onde então me encontrava por motivo de negócios do Rei), dirigi-me a Lovaina. Tendo, porém, cultivado aí durante quase sete[4] meses musas mais tranquilas, oferecido espontaneamente pelo invictissimo rei de Portugal D. João[5], o terceiro deste nome (junto de quem fora educado desde a infância) o cargo de tesoureiro da Casa da Índia, sou chamado à corte. Por esta razão regressado à pátria, dado que cada vez mais ardia no amor pelas letras, renunciei à função questorial apenas iniciada e, em seguida, percorridas e observadas durante bastante tempo várias regiões e academias[6], como entre as demais me fosse sobremodo recomendado, César augustíssimo, o vosso Brabante, estabeleci-me em Lovaina por causa dos estudos, na companhia da esposa com quem na Holanda casara[7] não sem o assentimento de meu Rei. A esta cidade sempre mostrei anteriormente, através de muitas e das maiores provas de benevolência, ter-me sido ela intimamente cara e aprazível.

Quanto à norma de vida que aí adaptava, ao modo de educação e sustentação da família, às relações amigas não só com os membros egrégios da Universidade[8], mas também com os senadores e a nobreza do município; enfim, quanto à distinta consideração de que gozei[9] quer da parte dos estudantes quer dos cidadãos, prefiro, César invicto, o saibais antes por eles do que por mim. Apesar de realmente haverem murchado a consideração e a memória dos meus benefícios de envolta com o detrimento da minha fazenda e, em relação àqueles para quem antes do cerco eu era caríssimo, para esses mesmos depois da libertação da cidade, a fim de que parecesse nada me deverem, eu ter começado a ser incómodo, espero contudo que de forma alguma me será negado um testemunho[10] público da minha inocência e devotamento cívico.

[Epígr. da «Carta»]

Narrativa verdadeira de Damião de Góis, cavaleiro português, acerca do seu cativeiro e do que em Lovaina foi praticado por Longueval, comandante dos franceses, – ao imperador Carlos V.

**A** XXXIII.

DAMIANVS A GOES
**D. Ludouico Infanti**
S. D. P.

[Olisipone, c. XI.1548]

Mirum est quam semper cum aetate accrescant labores et, defieientibus paulatim uiri'bus, maiora negotia[1] incumbant. Siue id arcano quodam naturae motu numinisque imperio contingat, siue uoluntate nostra id ultro suscipiatur, uix certum constitui potest. Mihi certe euenire uideo, quo propior ad senectutem uergo, eo plura offerri quae scriptis ad aeternitatem commendari debeant. Ea enim sunt facta praeclara nostrae gentis, ea magnitudo uarietasque rerum, ea nouitas insularum climatumque, ut si denuo aliquis Homerus exsurgeret[2], posset non incommode ex rebus Lusitanicis et *Iliados* et *Odysseae*[3] argumentum non fabulose, sed ex uero componere.

Sed haec fortassis alias tentabimus. Nunc quae proxime acta sunt ad Gangem[4] in tuenda arce Diensi describere propositum est. Ex quo enim tua humanitas, Princeps clarissime, et in bello gerundo Dux strenuissime, nobis recitauit litteras[5] Ioannis Mascaregnae Diensis arcis praefecti, laureatas et triumphorum argumentis plenas, non potui mihi imperare quin, arrepto calamo otioque[6] excusso, eius rei commentarios conficerem. Quem laborem merito, fortasse ob nonnullas lucubratiunculas, subterfugere potuissemus, quippe qui iam pridem emiserimus (quod mihi non ad iactantiam ingenii, sed ad testimonium laboris dictum uelim) priorem illam Diensem oppugnationem, ubi in fine opusculi adiuncta est nonnulla disceptatiuncula[7] cum Paulo Iouio uiro disertissimo. Deinde fidem, mores, potentiamque Aethiopum, qui sub Ioanne Pretioso[8], siue (ut nunc loquimur) sub Ioanne Presbytero[9] degunt, scripto prodidimus[10]. In quo libello, uice coronidis, deplorandam Pilappiorum[11] ad glacialem Oceanum degentium calamitatem Paulo tertio Pontifici proposuimus. Praeterea Hispaniarum uires, opes, fecunditatemque[12] libro complexi sumus.

Hisce commentatiunculis, licet quasi fatigatus rudem mihi, etsi non in perpetuum, saltem ad tempus postulare possem, tamen ubi noua gloria nostrae gentis de Turcis parta meum animum denuo accendisset, in re noua nouum uegetumque animum ad scribendum indui. Quod si nobis pro animi alacritate par ingenii uis et eloquentiae copia suppeteret, melius sese proderet hominibus rerum gestarum amplitudo, quam fortasse alius alias praestabit. Nos contenti

---

**A** XXXIII. – **Ftt**: Gcamb Aij[r-v] Angl 563-5 Myl 311-13 $\text{Schot}_2$ 1328 Gops 297-8 Vasc 96-7 Mat 230-2

---

**A** XXXIII. – **1** negotia *GOPS VASC MAT* **2** exsurgeret *SCHOT GOPS VASC MAT* exurgeret *cet.* **3** Odisseae *omn.* **4** Gangen *GCAMB* **5** litteras *GOPS MAT* literas *cet.* **6** otio *GOPS VASC MAT* ocio *cet.* **7** diseptatiuncula SCHOT **8** Precioso *omn.* **9** Praesbytero *GCAMB* **10** prodimus *SCHOT GOPS VASC* ] prodidimus *cet.* **11** Lappiorum *SCHOT GOPS VASC* ] Pilappiorum *cet.* **12** foecunditatem *omn.*

**A** XXXIII. DAMIÃO DE GÓiS
**ao Infante D. Luís**
**envia muito saudar.**

[Lisboa, c. XI.1548]

De admirar[1] é como a par da idade acrescem sempre os trabalhos, e, a energias que paulatinamente afrouxam, negócios incumbem maiores. Tal resulte por qualquer arcano movimento da natureza e sob divina inspiração, ou de talante nosso espontaneamente se assuma, mal pode definir-se com acerto. O que a mim na realidade vejo acontecer-me é que, quanto mais a velhice se aproxima, mais coisas se me oferecem que em escritos devam sinalar-se para a eternidade, quais com certeza esses actos preclaros da nossa gente, essa magnitude e variedade de empresas, essa descoberta de ilhas e de climas, a ponto que, se acaso de novo algum Homero[2] surgira, sem esforço alcançara nas gestas lusitanas encontrar argumento de não fabulosas, antes reais *Ilíada* e *Odisseia*.

Mas isto talvez o tentemos noutra ocasião[3]. Por agora o objectivo nosso foi descrever os factos ultimamente ocorridos junto ao Ganges, na defensão da praça de Dio, porquanto, Príncipe ilustríssimo e mui zeloso na condução da guerra, depois que vossa bondade nos citou de João de Mascarenhas[4], capitão-mor da fortaleza dioense, uma laureada epístola repleta de provas de triunfos, não pude coibir-me de, tomada a pena e afastado o descanso, compor as memórias desta proeza.

A tal serviço, atendendo quiçá a alguns opúsculos, houvéramos com razão podido esquivar-nos, uma vez que, de facto, já noutro tempo demos a lume (e queria frisá-lo não por jactância de engenho, senão para testemunho do labor) aquele primeiro *Cerco de Diu*, opúsculo[5] no fim do qual se ajuntou uma singela contestação ao mui diserto varão Paulo Gióvio. Narrámos depois a fé, os costumes e o poder dos Etíopes, que vivem sob João Precioso ou (como ora dizemos) o Preste João, num livro em que, à guisa de remate, expusemos ao Pontífice Paulo III a lamentável desventura dos lapões, que demoram cerca do Oceano Glacial Árctico. Além disso, compendiámos em livro o valor, recursos e fertilidade[6] das Espanhas.

Não obstante, defesso a bem dizer com estes pequenos tratados, jus me assistisse de para mim exigir dispensa, quando não perpétua, ao menos temporária, todavia, como nova glória da nossa gente, alcançada contra os turcos, outra vez houvesse incendido o meu ânimo, a mesma novidade me insuflou novo e végeto anseio de escrever. E se ao entusiasmo nosso correspondesse igual força de engenho e cópia de eloquência, melhor aos homens se patenteara a vastidão destas façanhas heróicas, o que outrem, por certo, noutra ocasião conseguirá. Nós dar-nos-emos por satisfeitos em relatar com suma fidelidade este caso, de modo a que o leitor, se de nós não ouvir quanto em esplendor e grandeza avulta essa vitória, ao menos no espírito o conceba e de alguma forma o imagine.

erimus ut summa fide rem tradamus, ut, si lector non audiat ex nobis quanta sit claritas magnitudoque istius uictoriae, animo saltem concipiat et utcunque[13] imaginetur.

Ceterum[14] hoc, quicquid est libelli, tibi dicatum uoluimus, Princeps inclite[15], cuius felici consilio bellica haec negotia[16] domi forisque rectissime tractantur. Quod sane iam antea satis te declarasse in Tunetensi expugnatione omnibus copertum est, ubi Carolo Quinto, cognato et sororio tuo, in difficilioribus negotiis[17] praesto semper adfuisti, et praesens tuam animi excellentia, uirtutem, et rerum bellicarum peritiam uniuerso orbi innotescere uoluisti. Quum igitur id et a te, et a clarissimis fratribus tuis Ioanne Tertio, inclitissimo[18] Rege nostro, et Henrico Cardinale reuerendissimo agatur, ut aeternum in India sit Lusitanorum imperium, non putaui hunc librum de rebus Indicis, tibi iniucundum futurum, praesertim si in mentem ueniat, ut inter legendum necessum est uenire, quam fortunam auspicium Regis, quas uires tua in bellis peritia, quid tutelae Cardirialis in prouidendo sagacitas, ad hanc uictoriam contulerit, et quid in posterum iisdem effici et sperari posset.

Accipias igitur sereno placidoque uultu hanc nostri deuoti pectoris operam, quod te facturum pro tua humanitate nequaquam addubito. Vale.

[Epist. epigr.]

Serenissimo Principi Ludouico, Lusitaniae Infanti, Damianus Goes[19] S.D.P.

**A** XXXIV.

DAMIANVS A GOES

**D. Henrico cardinali**

S. P. D.

[Olisipone, c. X.1554]

Indicarum rerum historiam in lucem ut darem, cum crebis doctorum hominum epistolis diu urgerer, eam ex exemplaribus colligere atque disponere pridem coeperam: id quidem mihi effectum iri posse, tunc pollicebatur otium meum literarium[1], quo eo quidem tempore laute et citra publicorum negotiorum onera utebar. Sed cum mecum perpenderem mihi id modo deesse, quod summe in historia scribenda requiritur, ab incepto[2] destiti.

**A** XXXIV. – **Ftt**: Gdescr aii$^{r\text{-}v}$ Myl 53-4 Schot$_2$ 878 Gops XIX-XXI Vasc 98-9 Mat 239-40

**A** XXXIII. – **13** utcumque *GOPS VASC MAT* **14** Ceterum *SCHOT GOPS* Caeterum *cet.* **15** inclyte *omn.* **16** negotia *GOPS VASC MAT* negocia *cet.* **17** negotiis *GOPS VASC MAT* negociis *cet.* **18** inclytissimo *omn.* **19** Damianus Goes *GCAMB MAT* ] Damianus a Goes *cet.*

**A** XXXIV. – **1** literarium *omn.* **2** incoepto *GOPS VASC MAT*

De resto, seja o opúsculo o que for, quisemo-lo, ínclito Príncipe, dedicado a Vós, por cujo feliz conselho estes empreendimentos guerreiros são dirigidós com toda a justeza, cá dentro e lá fora. Na verdade, de todos é conhecido o que assaz demonstrastes anteriormente na expugnação[7] de Tunes, onde em bem difíceis negócios assististes sempre a Carlos V, vosso parente e cunhado[8], e assim, presente, quisestes a vossa excelência de ânimo, virtude e perícia nas artes bélicas manifestar ao mundo inteiro. Visto, por conseguinte, isto ser levado a efeito por Vós e vossos muito ilustres irmãos o invictíssimo Rei nosso, Dom João III, e o reverendíssimo Cardeal Dom Henrique[9], no intuito de que na Índia eternamente perdure o domínio dos Portugueses, julguei que este livro acerca das coisas da Índia Vos não havia de ser desagradável, em especial se se recordar, como o leitor necessariamente recordará, a fortuna que a esta vitória trouxe a protecção de El-Rei, a força que lhe ministrou vossa perícia nas guerras, a tutela que lhe dispensou a sagacidade do Cardeal em providenciar, e bem assim o que no futuro pode através dos mesmos ser obrado ou esperado.

Aceitareis, pois, com sereno e plácido semblante, este preito do nosso devoto afecto; o que, por vossa benignidade, nem um momento duvido de que ireis fazer. Adeus.

[Epígr. da «Carta»]

Ao sereníssimo príncipe Dom Luís, infante de Portugal, Damião de Góis envia muito saudar.

**A** XXXIV. DAMIÃO DE GÓIS
**ao cardeal D. Henrique**
**envia muito saudar.**

[Lisboa, c. X.1554]

Como[1], durante largo período, instado fosse, por numerosas cartas de homens doutos[2], para lançar ao prelo a história dos feitos da Índia, principiara eu desde há muito a coligi-la dos originais e a ordená-la: o ócio literário de que ao menos por essa altura, lautamente desfrutava e sem o peso dos negócios públicos, esperançava-me então de que isso podia de facto vir a realizar-se. Mas, em comigo próprio reflectindo me escassear agora o que sumamente se requer para história se tratar, desisti do projecto.

Com efeito, àquele que se propõe escrever história justa e acabada, em primeiro lugar deve conceder-se-lhe tempo livre e vago; em seguida, quietude de espírito e isenção de todos os cargos; logo em pós, o favor dos grandes Príncipes, com cujas recompensas se estimulem o empenho e labor dos estudos.

Nam ei qui iustam et absolutam historiam scribere uult, in primis liberum et uacuum tempus tribuendum est; deinde animi quies et omnium munerum uacatio[3]; postmodum magnorum[4] Principum fauor, quo industria et labor studiorum praemiis adaugeantur.

Quocirca (praesertim cum neque cura neque negotio carere possem) succisiuis[5] tantum dierum horis id quod continenti temporum decursui[6] destinaram, concedere et tribuere proposui, et curriculo mearum lucubrationum currens, Olisiponis[7] urbis descriptionem hoc tantum[8] tempore componere institui, eamque tuo duntaxat[9] nomine illis, inquam, ipsis euulgare decreui, qui a nobis id flagitare nusquam destiterunt. In qua
sane descriptione, quidquid ad ipsius urbis originem et ornamentum inuestigare ualuimus[10], faciliori quam potuimus penicillo depinximus.

Ceterum[11] opusculum hoc[12] quale qualecunque fuerit, sub tua protectione emittere consulto proposuimus, ut quae nostro huic labori desunt, nam forte multa deerunt, quae nos assequi non potuimus[13], ea tua animi celsitudine et eximia doctrina sic foueantur proteganturque, uti ab alieno rum laborum mordacibus temereque calumniantibus, nullo alio adminiculo suffulta[14] sese tueri defendereque possint. Vale.

[Epist. epigr.]

Inclito[15] Principi Domino[16] Henrico, Portugalliae Infanti[17], sacrosanctae Ecclesiae Romanae, tituli sanctorum quatuor Coronatorum Cardinali meritissimo, Damianus Goes[18], Eques Lusitanus, S.P.D.

**A** XXXV.

DAMIANVS A GOES
**Hieronymo Cardoso**
S. P. D.

[Olisipone, c. XI.1554]

Eodem ipso puncto, quo iuuenis ille cui epistolam tuam mihi reddendam commisisti ingressus est cubiculum nostrum, efffigiem magni illius[1] Erasmi

**A** XXXV. – **Ftt**: Card Iiii$^{r-v}$ ou fl. 79$^{r-v}$ Card$_1$ 89$^v$-90$^r$ Vasc 119 Mat 242-3

**A** XXXIV. – **3** uacatio *SCHOT VASC MAT* ] uocatio *cet.* **4** maiorum *GOPS VASC* ] magnorum *cet.* **5** successiuis *GOPS VASC MAT* **6** decursu *MYL SCHOT GOPS VASC MAT* **7** Olysiponis *GOPS VASC MAT* **8** tantum *om. GOPS VASC* **9** dumtaxat *VAS MAT* **10** uoluimus *MAT* **11** Ceterum *MAT* Caeterum *cet.* **12** hoc qualecumque *GOPS VASC MAT* **13** non potuimus] non *om. GOPS VASC* **14** suffultae *omn.* **15** Inclito *MAT* Inclyto *cet.* **16** Domino D. Henrico *VASC* **17** Infanti *om. GOPS VASC* **18** Damianus a Goes *GOPS VASC*

**A** XXXV. – **1** illius *CARD* illi *cet.*

Por estas razões (maximamente porque não poderia estar forro de cuidado e trabalho), assentei destinar e repartir por horas de descanso intercalares aquilo que estabelecera para um decurso continuado de tempo; e, entrando na liça das minhas vigílias, decidi-me a, nesse tempo apenas, compor uma descrição da cidade de Lisboa[3], a qual debaixo somente da tutela vossa determinei trazer a lume, para aqueles, digo, para os mesmos que em parte alguma desistiram de no-lo pedir. Nesta exposição, tudo o que investigar alcançámos respeitante à origem e ornamento da própria urbe, reproduzimo-lo em forma simples bastante, como pudemos.

De resto, qualquer que seja o valor deste opúsculo, assim nos resolvemos a editá-lo sob a vossa protecção, no intuito expresso de que as coisas que faltam a este nosso trabalho, em que decerto muito faltará que nós conseguir não lográmos, a ponto se achem por essa magnanimidade e exímia doutrina de vosso espírito favorecidas e protegidas, que, em nenhum outro arrimo apoiadas, guardar-se possam e defender-se dos zoilos e temerários caluniadores[4] dos empreendimentos alheios.

Adeus.

[Epígr. da «Carta»[5]]

Ao ínclito príncipe D. Henrique, infante de Portugal, cardeal meritíssimo da Santa Igreja Romana, do título dos Quatro Santos Coroados, Damião de Góis, cavaleiro português, envia muito saudar.

**A** XXXV. DAMIÃO DE GÓIS

**envia muito saudar.**

**a Jerónimo Cardoso**

[Lisboa. c. XI.1554]

No mesmo instante precisamente em que no nosso aposento entrou esse jovem a quem confiaste a tua carta[1] para mim, tinha eu nas mãos o retrato daquele grande Erasmo de Roterdão[2] por Alberto Dürer[3], gravador exímio entre os alemães do seu tempo. Mal começava a contemplá-lo e em êxtase me arrebatava a recordação de varão tão ilustre, meu atenciosíssimo hospedeiro[4] outrora, quando eis que tu, repentinamente como se numa emboscada, quiseste com a tua carta acrescentar a esta nossa consolação uma satisfação nova.

Por Castor que a li com agrado, em verdade mais pela beleza do estilo do que pelos louvores[5] das minhas obras, espalhados por quase toda ela e com os

Roterodami per Albertum Direrum[2], suae aetatis inter Germanos eximium exculptorem, in manibus habebam. Eamque cum contemplari coepissem, et tanti uiri, hospitis[3] quondam felicissimi mei recordatio me in sublime sensuum meorum arripuisset, eoce de repente tu quasi ex insidiis, huic nostro solatio tua epistola nouum gaudium adiicere uoluisti. Quam, ecastor[4], ego cum suauitate legi, id quidem potius ob styli leporem, quam propter mearum lucubrationum laudes, quibus ferme uniuersa ipsa epistola effluebat et a quibus meum ingenium plane abhorret. Nam non tam nescius sum, quin ignorem quam humili orchestrae assideam.

Quamobrem, mi Hieronyme, te obsecro ut de aliis hominibus cum laudes dixeris, dicas continue id quod tua humanitas et candor cunctis bonis solita est tribuere. De me autem, si tua eruditione affari cupis, id tantum asserere debes quatum ego (agnoscens mei ingenii tenuitatem) mihimet ipsi semper assueui concedere. Vale[5].

[Epist. epigr.]

Damianus Gois[6], Eques Lusitanus, uiro disertissimo Hieronymo Cardoso S. P. D.

**A** XXXVI. DAMIANVS A GOES

**Christophoro Madruchio Cardinal**

[Olisipone. 2.III.1555]

S.P.[1] Cum certo sciam Tuae Amplitudini gratum fore quidquid honesti laboris a me profectum fuerit, hanc meam lucubratiunculam[2], qua situm et figuram urbis Olisiponis euulgare uolui, tibi mittendam esse duxi. Nec id ea sola de causa feci, sed etiam ut intelligas[3] quid tuus Damianus ualeat, qui in quocunque[4] statu egerit, tibi is semper erit, qui ab initio[5] nostrae necessitudinis fuit.

Ceterum[6] Deus nobis praeter unam feminam, sex masculas proles dignatus est dare, quem thesaurum ego super omnes Croesi[7] gazas extollo, quarum duas

---

**A** XXXVI. – **Ftt**: M 296-297 aut. Hirsch 182-3 Mat 244

---

**A** XXXV. – **2** Albertum Direnum *CARD CARD₁ VASC* Durerum *MAT* **3** hospitis quondam *CARD* ] hospitisque quondam *CARD₁ VASC* hospotosque quondam *MAT* **4** Aecastor *omn.* **5** Vale *om. VASC MAT* **6** a Goes *VASC* ] Gois *cet.*

**A** XXXVI. – **1** S. P. *M MAT* ] Serenissime Princeps *HIRSCH* **2** lucubratiunculam *M* ] membratiunculam *HIRSCH* **3** intellegas *HIRSCH* **4** quocumque *MAT* **5** inicio *M HIRSCH* **6** Ceterum *MAT* Caeterum *cet.* **7** coeresi *M* Coeresi *HIRSCH* ] Croesi *MAT*

quais o meu carácter absolutamente não concorda. De facto não sou tão néscio que ignore em quão humilde lugar da orquestra[6] me assento.

Eis porque, meu Jerónimo, te suplico que, quando louvares outros; homens, digas sempre o que a tua benevolência e sinceridade se acostumaram a atribuir a todas as pessoas que o merecem. De mim, entretanto, se por tua erudição falar desejas, deves tão-somente afirmar quanto eu, consciente de meus parcos dotes, sempre me habituei a conceder a mim próprio[7].

Adeus.

[End.]

Damião de Góis, cavaleiro português, ao mui diserto varão Jerónimo Cardoso envia muito saudar.

**A** XXXVI. DAMIÃO DE GÓIS
**ao cardeal Cristóvão Madruzzi**
**muita saúde.**

[Lisboa, 2.III.1555]

Sabendo com certeza que será agradável a Vossa Eminência[1] qualquer labor honesto saído de minhas mãos, achei que devia remeter-vos este opusculozito[2] em que pretendi dar a conhecer a posição e configuração da cidade de Lisboa. E não o faço apenas por esse motivo, senão também para que vos apercebais de como vai o vosso Damião. Seja qual for o estado em que se encontre, ele será sempre para vós o mesmo que foi desde o início da nossa amizade.

Quanto ao mais, Deus dignou-se dar-me, além de uma menina, seis filhos varões[3], tesouro que eu aprecio mais do que todas as riquezas de Creso[4]. Os dois mais velhos mandei-os de cá, o ano passado, para junto de meu cunhado Splinter van Hargen[5], vosso educando, a fim de que em Lovaina se dediquem às sagradas letras.

masculas maiores natu anno superiore hinc ad sororium meum Splinterum ab Hargen, alumnum tuum, misi, ut Louanii sacris litteris[8] incumbant.

Vale et rescribe. Quippe, quod certum est, nulla dignitas, quamuis[9] maxima, impedire possit quin uerus amicus, amico quamuis[10] tenui non respondeat.

Olisipone[11], secunda die Martii[12] anno 1555.

Tuae Amplitudini deditissimus,

Damianus Goes.

[Nom. inscr.]

Viro Amplissimo Domino Christophoro Madruchio,
Cardinali tridentino.
Tridenti.

**A** XXXVII. DAMIANVS A GOES
**Senatui Gedanensi**

[Olisipone, 24.VI.1567]

S.P. Munus quod totius uestri senatus consulto mihi uiri amplissimi mittere decreuistis, a Ioanne Pelken conciue uestro accepi. Et si hoc, me ne cogitante quidem, a uobis animorum uestrorum excellentia[1] compulsis praeter mea merita facere constitutum fuerit, adnitar post hac, oblatis occasionibus omnibus, ut cognoscatis me tum apud regem, tum apud huius nostrae urbis senatum cunctis rebus uestris, quatenus potuero, egregium fautorem fore.

Ceterum[2] uiri incliti ualete, et me tamquam omnium uestrum gentilem amate.

Olisipone, XXIV Iunii anno Domini 1567.

Mea manu[3].

Vester

Damianus Goes[4].

[Nom. inscr.]

Inclito[5] Senatui Regiae ciuitatis Gedanensis.

**A** XXXVII – **Ftt**: D aut$_2$ Marq 160

**A** XXXVI. – **8** litteris *MAT* literis *cet.* **9** quam uix *M HIRSCH* **10** quamuix *M HIRSCH* **11** Olisiponae *M HIRSCH MAT* **12** marcii *M HIRSCH*

**A** XXXVII – **1** excelencia *D MARQ* **2** Caeterum *omn.* **3** manu *D* ] manum *MARQ* **4** Damianus *D* ] Damiannus *MARQ* **5** Inclyto *omn.*

Adeus e respondei. De facto, uma coisa é certa: nenhuma dignidade, ainda que muito alta, poderá impedir a um amigo autêntico de dar resposta a outro amigo, por humilde que este seja.

Lisboa, 2 de Março do ano de 1555

De Vossa Eminência dedicadíssimo,

Damião de Góis.

[End.]

Ao varão eminentíssimo D. Cristóvão Madruzzi, cardeal tridentino. Trento.

**A** XXXVII. DAMIÃO DE GÓIS
**ao Senado de Danzig**
**muita saúde.**

[Lisboa, 24.VI.1567]

Recebi[1], excelentíssimos Senhores, através de vosso concidadão Johann von Pelken, a dádiva[2] que por consenso geral do vosso Senado resolvestes remeter-me. E se isto tereis determinado fazer sob o impulso da excelência de vossos corações, para além dos meus méritos e sem tal coisa sequer imaginar, de futuro esforçar-me-ei por que, em todas as ocasiões que se ofereçam, conheçais que hei-de ser, quer junto do Rei quer do Senado desta nossa cidade, na medida do possível, defensor[3] especial de todos os vossos interesses.

Finalmente, ilustres Senhores, passai bem e querei-me como a um dos vossos concidadãos[4].

Lisboa, 24 de Junho do ano do Senhor de 1567.

Por minha mão.

Vosso, Damião de Góis.

[End.]

Ao egrégio Senado da real cidade de Danzig.

(Página deixada propositadamente em branco)

# CORRESPONDÊNCIA PASSIVA

**B** I. CORNELIVS GRAPHEVS

**Damiano a Goes**

[Antuerpiae, 1. VII. 1529]

Instituturus liberos quos mihi summus ille omnium genitor ex mea Ariadne donare dignatus est, multum diuque mecum haesitabundus cogitaui, optime Damiane, quonam pacto efficere possem ut statim a primis litterarum elementis Latinius[1] loqui assuescerent. Solet enim rudis puerorum aetas difficile auelli ab imbibita materni idiomatis imitatione, usque adeo ut etiam aetate prouectiore id uitii ita comitari soleat, ut omnis eorum oratio nonnihil maternae culinae redoleat; quod cum a compluribus quotidie conqueri audio, tum ipse subinde experientia comperio.

Eius autem rei causam ut partim a natura esse nemo dubitat, ita et a nobis nostra culpa bona ex parte proficisci certum est. Primum, uel quod docendi initio potius nostra, quae necessario idiotismum sapiunt, imitanda proponimus quam ueterum, idque optimorum scriptorum dicendi exempla non parum siquidem interest, e fonte ne haurias, an ex riuulis lacunosis[2]. Deinde, quod ex inepte uernaculis inepte Latina potius quam bene uernacula ex bene Latinis facere consueuimus.

Itaque cum tibi pridem elegantissimas P. Terentii comoedias, qui poeta citra ullam controuersiam omnium ferme eruditorum calculo, inter Latinos scriptores ad formandam puerilem linguam in primis idoneus habetur, praelegerem, commodum in mentem uenit operae pretium me facturum esse si communi puerorum causa ex huiusmodi comoediis quotidiani sermonis formulas, uel, ut ex amoenissimo quodam prato, selectissimos quosque flosculos decerperem, quibus male gratum idiotismi odorem facile superatum iri posse arbitrabar.

Quod cum audacius attentassem plenisque iam manibus auidius colligere coepissem, ostendi eam praedam amiculis eruditis nonnullis; arrisit conatus, omnes (inter quos tu uel paecipuus) ad editionem hortabantur. Ego, qui neque hortantibus renuere neque utilitati publicae deesse uolui, neque etiam debui, dedi Ioanni fratri id operis typis excudendum; quod tibi in primis inscriptum dicatumque esse ac sub tui nominis auspicio euulgatum iri cupio, ut uel cuius insigni uirtuti plurimum debeo, uel qui (cum Terentii sis studiosissimus) tum perficiendi, tum euulgandi stimulum addidisti.

Sunt autem optimae ita et copiosissimae dicendi formulae. Nihil enim in quotidiano colloquio ferme accurrere potest quod non per eas aptissime dici

---

**B** I. – **Ftt** : Graph $A_1^v$-$A_2^v$ Mat 1-3

---

**B** I. – **1** latinius *omn.* **2** lacunosis] lacunisue *MAT*

**B** I. CORNÉLIO GRAPHEUS
**a Damião de Góis**

[Antuérpia, 1.VII.1529]

Para a formação dos filhos com que o supremo Criador de tudo se dignou presentear-me através da minha Ariadne, muito e por largo tempo hesitante pensei, meu óptimo amigo Damião, de que jeito poderia alcançar-se que, logo a partir das primeiras letras, se habituassem a exprimir um tanto correctamente em latim. Na verdade, resulta dificultoso subtrair a inculta idade juvenil à natural imitação do linguajar materno, a ponto de, mesmo volvidos anos, tal defeito se manter num grau que não inibe a fala de certo sabor doméstico expressional, facto de que ouço muitos quotidianamente queixarem-se; e eu próprio, não raro, experiencio.

É claro que, se ninguém duvida da origem, em parte, natural desta situação, também não se nega em boa quota a culpa nossa. Em primeiro lugar, porque no início da docência propomos antes os modelos do que nos é peculiar e necessariamente sabe a idiotismo, do que daquilo que vem dos antigos, exemplos de linguagem realmente de muito bons escritores que interessam, sobretudo quando se haurem da fonte e não de textos lacunosos. Em segundo lugar, porque nos acostumámos a traduzir do mau vernáculo para o mau latim, em vez de do bom latim para o bom vernáculo.

Por isso, ao leccionar-te, há já algum tempo, as elegantíssimas comédias de Terêncio, que é considerado, sem qualquer controvérsia na opinião quase geral dos eruditos, especialmente idóneo entre os escritores latinos para o exercício da aprendizagem infantil, veio-me a propósito à mente valer a pena, em prol dos jovens alunos, eu coligir das comédias as expressões elocutórias comuns tal como de um ameníssimo prado bem seleccionadas flores, mediante as quais julgava conseguir facilmente superar o desagradável odor dos idiotismos.

Havendo-o empreendido com certa audácia e impacientemente realizado em pleno tal recolha, mostrei o achado a alguns amigos eruditos. O esforço agradou: todos (entre os quais tu, principalmente) exortaram a uma edição. Como não quis nem devia ir contra os que aconselhavam nem falhar num caso de utilidade pública, entreguei para os prelos a meu irmão João a obra que desejo especialmente a ti endereçada e dedicada, para vir a divulgar-se sob os auspícios do teu nome como de alguém a cujas insignes qualidades muito devo e que (apaixonado como é por Terêncio) me aportou um estímulo em ordem ao seu acabamento e publicação.

Com efeito, abundam ali as melhores e mais copiosas formas de expressão. Na verdade, quase nada pode ocorrer no falar quotidiano que, através delas, não se alcance expressá-lo com toda a propriedade. E se a criança avançar na sua percepção correcta, proveito duplo lhe advirá daí. Por um lado, assim como

queat; quas si puer probe intelligendo ediscere pergat, duplex commodum inde percipiet. Principio, ut Latinius[3], purius, elegantius, ita et longe certius ac puerorum uulgus solet (se etiam ignorante) loqui assuescet. Ad hoc, cum Terentius ex integro praelegendus erit, ille tum et facilius intelligetur; et auidius acceptus, lectu erit iucundior. Porro ut diligens puer hasce formulas cum ipso auctore facile conferre queat, et ne quis male suspiciosus sycophanta non uere Terentianas esse calumnietur, singulis uersibus singulos adiecimus numeros.

Vale et me, ut facis, ama.

Antuerpiae, Calendis Quintilibus, Anno MDXXIX

[Epist. epigr.]

C. Cornelius Grapheus uiro optimo omnigenisque uirtutibus insigniter[4] claro, Damiano a Goes Regis Lusitaniae in Antuerpiensi emporio a rationibus S. P.

**B** II. CORNELIVS GRAPHEVS

**Damiano a Goes**

[Antuerpiae, 19. XII.1530]

Concelebrabant olim Veteres festa Saturnalitia[1] ad XIV. Calendas Ianuarias, quibus (cetera[2] paetereo), amicus amiculo mutua missitabat[3] munera. Xenia, Apophoreta, Strenas nominabant, qui mos apud nos quoque antiquitatis suae quaedam reliquit uestigia.

Is ipse hodie nobis agitur dies. Ipse itaque amicus tibi amico et quidem summo Saturnalitia[4] haec mitto Xenia, nempe tuam ipsius imaginem, non perituro[5] quidem terrenae materiae colore, non ex animalium caudis collecto penicillo[6] sed immortali carminum[7] deliniatura[8], quali quali[9] uides arte, nostrae Camoenae manibus depictam.

Nam quid aptius, quam tibi teipsum mittere potui? Id (precor)[10] fausti sit ominis, tibique gratum; ingratum autem esse non debet, sancta Cronosolonis lege qua iubetur quicquid ab amiculo mittitur, qualecunque[11] sit, id magnum duci debere.

---

**B** II. – **Ftt**: Gleg $D_8^{r-v}$ Gop $K_1^v$ Vasc 103 Mat 3-4

---

**B** I. – **3** latinius *omn.* **4** insigneter *MAT*

**B** II. – **1** saturnalia GLEG *MAT* ad XIIII. Kal. Ian. *GLEG* ante diem XIII Calendas Ianuarii *MAT* ad 14. Calend. Ianuar. *GOP* **2** caetera *omn.* **3** missitabant *GLEG GOP VASC* missitabat *MAT* **4** Saturnalicia *MAT* Saturnalitia *cet.* **5** perituro] periturae *GLEG* **6** penicillo] peniculo *VASC* **7** carminum] carminis *GLEG* **8** deliniatura] delineatura *VASC MAT* **9** qualiquali *GLEG* **10** Id precor *GLEG* **11** qualecumque *VASC MAT* qualecunque id sit, magnum duci debere *GLEG*

se habituará a falar mais latina, pura e elegantemente, assim também muito mais apropriadamente do que o comum dos alunos (com ignorância ainda de si próprios). Além disso, não só Terêncio será leccionado por inteiro, como outrossim assimilado mais facilmente e, aceite com maior empenho, de leitura mais agradável. Finalmente no intuito de o estudante aplicado poder estas fórmulas comparar, sem estorvo, com o próprio autor; e de qualquer sicofanta não lhes lançar a calúnia de terencianamente inautênticas, numerarei cada um dos versos.

Adeus e continua meu amigo, como até agora.

Antuérpia, nas Calendas de Julho do ano de 1529.

[Epígrafe da «Carta»]

Cipriano Cornélio Grapheus[1] ao varão óptimo e insignemente ilustre em todo o género de virtudes, Damião de Góis, escrivão do Rei de Portugal na Feitoria de Antuérpia, muitas saudações.

## **B** II. CORNÉLIO GRAPHEUS **a Damião de Góis**

[Antuérpia, 19.XII.1530]

Muitas saudações!

Realizavam em seu tempo os antigos as festas saturnalícias pelo 19 de Dezembro, durante as quais (passo adiante o resto) um amigo não raro presenteava outro amigo querido com regalos entre si, a que chamavam *presentes*, *ofertas*, *dádivas* de bom augúrio, costume que entre nós deixou também certos vestígios da sua anciania.

Pois é hoje esse dia mesmo. Por isso eu próprio, como amigo e realmente muito grande, te mando estas lembranças saturnais, em concreto o teu retrato, não em cor perecível de terrena matéria, não traçado por uma pluma colhida de caudas de animais, mas na delineação imortal de um poema tal qual o vês artisticamente debuxado pelas mãos da nossa musa.

Efectivamente, que coisa mais acomodada poderia eu fazer do que enviar-te em efígie a ti mesmo em pessoa? Peço, pois, te seja faustamente auspiciosa e agradável a oferta[1], não passível afinal de deixar de o ser, de acordo com a santa lei de Cronosólon[2] em que se estabelece que tudo aquilo que se recebe de um bom amigo, não importa o quê, é digno de grande consideração.

Mas recolho as velas. É que igualmente existe a lei que proíbe a prolixidade na escrita e diz assim: «As dádivas acompanhem-nas as palavras mais simples e em número o menor possível». Portanto, adeus!

Sed contraho uela[12]. Alia siquidem lex est quae prolixius[13] scribere uetat; ea sic inquit: «De muneribus quam modestissime simul et quam paucissima uerba fiunto». Igitur, uale.

Antuerpiae,[14] e nostro Musaeo[15] pridie Thomae Apostoli, hoc est, ipsis Saturnalibus, 1530.

[Epist. epigr.]

Cornelius Scribonius Grapheus Damiano suo S. P. D.

**B** III. [CORNELIVS GRAPHEVS **Damiano a Goes**]

[Antuerpiae, c. 1531]

Mitto ad te, optime Damiane, hunc dialogum, *Amoris insaniam*. Argumentum dedit aliquando meus ille compater Adrianus Herberius[1], praeclarissimus huius urbis Antuerpiensis pensionarius. Nollem enim illum tantula hac sua fraudare gloria.

Eum dialogum diligenter legas uelim; uidebis quanta et quam insana[2] sit stulte amantium insania, quo exemplo intactus adhuc animus multo acerbissimam eius mali pestem facilius[3] euitare queat. Vale.

[Nom. inscr.]

Cursuali caret inscriptione

**B** III. – **Ftt**: Gleg E[r] Mat 5

**B** II. – **12** uela] uaela *GLEG* **13** prolixius] prolixis *VASC* **14** Antuerpiae… 1530 *GOP VASC* XIIII. Kal. Ian. an. M.D.XXX. *GLEG* XIIII. Kalendis Ianuariis. Anno M.D.XXX. *MAT* **15** musaeo *omn.*

**B** III. – **1** Herberius *GLEG* **2** quam insania sit *MAT* **3** facilius] *MAT* facilus *GLEG*

Em Antuérpia, da nossa biblioteca, nas vésperas do Apóstolo S. Tomé, por outros termos, nas próprias Saturnais[3].

[Epígrafe da Carta]

Cornélio Grapheus ao seu caro Damião de Góis muitas saudações.

**B** III. CORNÉLIO GRAPHEUS

**a Damião de Góis**

[Antuérpia, c. 1531]

Envio-te, caríssimo Damião, este diálogo – *A insânia do Amor*[1]. O argumento deu-mo um dia o meu ilustre compadre Adriano Herbério[2], pensionário desta cidade de Antuérpia. Não queria, em verdade, defraudá-lo nesta sua pequenina glória.

Agradeço que leias diligentemente o diálogo. Verás quão descabida é, desarrazoadamente, a insensatez de quem ama. Por tal exemplo tocado, possa enfim o espírito evitar com maior facilidade a peste, acerba mais que todas, deste mal. Adeus!

[End.]

Não tem endereço algum.

**B** IV. ERASMVS ROTERODAMVS
**Andreae Resendio**

[Friburgi, 8. VI. 1531]

Quum a me dimitteretur istuc Quirinus amanuensis meus, Resende carissime[1], sic eram delassatus et epistolarum negotiis[2] et curis quibusdam domesticis, ut aegre tueri licuerit corpusculi ualetudinem. Quibus rebus factum est, ut carmen tuum sane quam elegans tantum degustarim, respondere autem nullo pacto uacarit. Verum simulatque datum est a negotiorum[3] tumultu respirare paululum, mox carmen tuum et attente et auide perlegi: in quo nihil mihi non magnopere placuit, nisi quod uideretur breuius, meque adhuc famelicum ac sitientem reliquerit.

Sed obsecro te, quis deorum aut quae dearum immisit tibi istum tam flagrantem Erasmi amorem? Nam quum in me nulla uideam philtra quae uel mediocriter animum in me tuum inflamare possint, ista tam singularis erga me beneuolentia θεόπνευστος sit oportet. Suspicor tamen arcanam quampiam esse geniorum nostrorum cognationem, quae nos conciliat. Quo magis aueo te propius etiam cognoscere, quamquam ingenium et indolem tuam ex uersibus tuis mihi uideor satis habere perspectam. Illud tibi uidendum est, ut et istum animi candorem, et eloquii uenam bene colloces. Mihi quidem uehementer iucundum est abs te uel amari uel paedicari, sed doleo nihil esse in me tuis dignum affectibus.

Longum illum Stentorem quem mihi quidem pulchre[4]deliniasti[5], sed ipse se ipsum in suo libello non minus indocto, quam infante; sic omnibus expressit coloribus, ut nullum speculum certiorem cuiusquam reddere possit imaginem, non potui non ridere. Quid illi uenit in mentem, ut homo tragicam gerens personam, se pueris deridendum[6] propinaret? Non me clam est ab illis aliquid monstri ali clanculum. Hinc ista confidentia, de successu uiderit Deus. Tibi uero, mi Resende, lubens auctor[7] fuerim, ne quid istam excetram in te prouoces. Fuit olim regnum Assyriorum, Graecorum, Medorum, Romanorum: quid, si deus aliquis nunc uelit esse regnum monachorum aut stultorum? Habeant et illi uices suas, si ita uisum est satis. Tu te Musis tuis oblecta.

Ceterum[8] illud tibi persuadeas uelim et indolem istam9 et animum mihi cum primis non modo carum[10] esse, uerum etiam iucundum. Scio nihil exactius Goclenii, nec ille quenquam[11] temere praedicare solet. Porro, sic amo uirum

---

**B** IV. – **Ftt**: Erop 1191 Alleng 275-276 Vasc 99-100 Sauv 175

---

**B** IV. – **1** carissime *VASC* **2** negotiis *VASC* **3** negotiorum *VASC* **4** pulcre *ALLENG SAUV* **5** deliniasti] delineasti *VASC* **6** deridendum] diridendum *VASC* **7** auctor *VASC* **8** Caeterum *omn.* **9** istam] iustam *VASC* **10** carum *VASC* **11** quemquam *VASC*

**B** IV. ERASMO DE ROTERDÃO
**a André de Resende**

[Friburgo de Brisgóvia, 8.VI.1531]

Como, Resende caríssimo, tivesse aí enviado o meu amanuense[1] Quirino, achava-me tão fatigado quer com negócios de cartas quer também com certos cuidados domésticos, que a custo se me deveio possível manter a saúde deste pobre corpo; do que resultou haver eu apenas degustado a vossa poesia, mui elegante por sinal, e me não ter de forma alguma surdido ocasião de responder. Sem embargo, tanto que dado me foi aliviar-me um momento do tumulto das ocupações, logo percorri atenta e avidamente o carme vosso, no qual tudo me agradou sobremaneira, à excepção de que parecia assaz breve e me deixou ainda faminto e sequioso.

Ora, mas dizei-me: Que deus ou deusa vos impeliu a afeição assim intensa por Erasmo? Na verdade, pois que em mim nenhuns filtros descubro capazes, sequer em grau medíocre, de vosso ânimo, esta tão singular benevolência para comigo deve ser *inspiração divina*. Em todo o caso, qualquer misterioso parentesco dos nossos génios suspeito exista a conciliar-nos: pelo que mor ânsia guardo de a revezes vos conhecer mais à beira, conquanto nos vossos versos se me afigure ter com suficiência apreendido vosso engenho e índole. Numa coisa curareis de empenhar-vos, e é em a bom render pôr esta beleza de espírito e vigor de discurso.

Com certeza que, em ser querido e encomiado de vós, me sinto profundamente honrado. Pesa-me, no entanto, nada em mim enxergar digno de vossos afectos.

Não pude deixar de sorrir àquele longo Estentor[2] que me delineastes, pulcramente sem dúvida. Mas ele a ponto a si mesmo se retratou com todas as cores, no seu não menos inculto que infantil opúsculo, que nenhum espelho o vence em reflectir imagem mais fiel de alguém. Do que lhe havia de lembrar: de, encarnando uma personagem trágica, se propinar a ser escarnecido das crianças!

Não me é oculto algo de estranho andar por eles a alimentar-se às escondidas. Daqui esta confidência; do bom êxito isso é com Deus. Seja-vos eu, porém, meu Resende, de boa mente conselheiro: não provoqueis em nada esta víbora contra vós! Houve outrora o reino dos Assírios, dos Gregos, dos Persas, dos Romanos: que admirar, se a algum nume agora aprouver que exista o reino dos monges ou dos estultos? A ele chegue igualmente a sua vez, se destarte pareceu bem. Vós recreai-vos com as musas.

Com tudo isto, desejo vos persuadais do que a vossa bela índole e espírito não menos me são caros entre os primeiros, senão também jucundos. Sei que nada há mais exacto do que Goclénio; nem ele costuma elogiar inconsideradamente alguém. Além disso, assim quero a este varão, que até, só pelo facto da sua amizade, sou obrigado a estimar quenquer; e tanto ao seu juízo atribuo, que, depois dele, nenhuns mais argumentos reclamo.

ut uel solo illius affectu cogar amare quemlibet: tantum illius tribuo iudicio, ut paeterea nihil requiram argumentorum. Bene uale.

Datum[12] apud Friburgum Brisgoiae. Festo Eucharistiae. M.D.XXXI.

[Epist. epigr.]

Erasmus Roterodamus Angelo Andreae Resendo Lusitano S.

**B** V. PAVLVS SPERATVS

**Damiano a Goes**

[«Marienwerder», 12.IX.1531]

Vellicabat mihi sub hesternam uesperam nescio quis genius auriculam, quo primum te aspexi, Damiane a Goes, ex incognitis amantissime, sed cui notior esse cuperem.

Verum tempori obsequendum. Tu arduis Regis[1] tui negotiis inhias; ergo festinato abeundum tibi, proinde alter ab altero diuidimur. Hoc tamen me beat, quod in hac barbara terra semel hominem uidi qui hominis nomen prae barbaris istis meretur.

Vale, me tuum esse sinito. Haec celeri manu. Vtinam Dominus sit dux et redux tuus in patriam dulcem tuam. Iterum uale.

12. Septembris[2]. Ano 1531

[Epist. epigr.]

Paulus Speratus, Episcopus Prusssiae Pomezaniensis, Damiano a Goes Equiti Lusitano[3] S. P. D.

---

**B** V. – **Ftt**: Gop c$^{v}$ Vasc 13 Mat 6

---

**B** IV. – **12** Datum apud Friburgum Brisgoiae 18 Junii, Anno a Christo nato 1531. *VASC*

**B** V. – **1** Regis *GOP MAT* regis *VASC* **2** XII Septembris *MAT* **3** lusitano *omn.*

Passai bem.
Dada em Friburgo de Brisgóvia, em 18 de Junho de 1531, Festa do Corpo de Deus.

[Epígrafe da Carta]

Erasmo de Roterdão a Ângelo André de Resende, português, saudações.

**B** V. PAULO SPERATUS
**a Damião de Góis**

[«Marienwerder», 12.IX.1531]

Não sei que génio, sob a tarde de ontem, me a orelha mordiscava, a ensejar-me o encontro primeiro convosco, Damião de Góis, o meu mais prezado entre os desconhecidos, mas a quem anelara me conhecesse melhor[1].

Urgia porém o tempo. Assoberbado como andais com árduos negócios de vosso Rei, não vos era lícito condescender em delongas; pelo que de novo nos achamos ambos separados.

Em todo o caso, uma consolação me fica: a de haver, nesta atrasada terra, deparado finalmente com um varão a quem, mais do que a estes incultos, quadra o nome de homem!

Adeus e consenti-me por vosso amigo.

Esta é à pressa.

O Senhor vos guie e reconduza à vossa doce pátria.

Adeus outra vez.

12 de Setembro do ano de 1531.

[Epígrafe da Carta]

Paulo Speratus, bispo da Prússia pomeraniana, ao cavaleiro português Damião de Góis envia muito saudar.

**B** VI. CORNELIVS GRAPHEVS

**Ioanni Grapheo**

[Antuerpiae, 13. VIII.1532]

Ter nobilis ille Damianus Goes[1] Lusitanus, amicus meus summus, cum iampridem Regis sui causa apud Scythas ageret, rogatus a Ioanne Magno Gotho, archiepiscopo Vpsalensi[2], hanc Indicam Legationem, cum inde rediens se huc contulisset, e Lusitanico[3] idiomate Latinam fecit.

Eam, ut est et eleganti natura et omnigena uirtute et generoso sanguine ingenuus, atque ob id Thrasonica[4] procul audacia subuerecundus, hactenus apud se latentem occuluit, nimirum mallens edendae[5] illius fumum alteri cuipiam quam sibi dari. Ego libellum nactus atque ab eo uelut extortum ad te mitto, lepidissime frater, ut eum typis tuis excusum, sub uulgi ora emittas. Id erit et mihi uehementer gratum et illi non indecorum, et aequis lectoribus non iniucundum. Vale.

Idibus Augustis[6], M.D.XXXII.

[Epist. epigr.]

Cornelius Grapheus Ioanni Grapheo fratri, typographo, S. P.

**B** VII. ERASMVS ROTERODAMVS

**Bonifatio**[1] **Amerbachio**

[Friburgi, 5.V.1533]

S. Mea facilitate numquam es abusus; sed tua bonitate quidam abuti conantur. Illud risi, quod Heruagio de *Oratore* respondisti; protinus enim uenit in mentem Terentianum illud «non istas, quod sciam». Poteras simpliciter dicere: nihil est missum utcumque promissum est.

Si Lusitanus tibi fuit molestus, doleo. Id ne esset, nolui hominem commendare; quamquam uidetur uir bonus nec illiberalis.

---

**B** VI. – **Ftt**: Gleg A$^{v}$ Glega A$^{v}$ Vasc 107 Mat 13
**B** VII. – **Ftt**: O 48$^{r-v}$ aut. Erep 89 Alleng 217, n.º 2805 Hartm 214 Mat 14

---

**B** VI. – **1** Gooes *GLEG GLEGA* **2** Uupsaleñ *GLEG GLEGA* Uupsalensi *MAT* **3** e Lusitanico] et Lusitanico *MAT* **4** thasonica *omn.* **5** aedendae *GLEG GLEGA VASC* **6** Idib. Aug. *GLEG GLEGA VASC* Idibus Augusti *MAT*

**B** VII. – **1** Bonifacio *omn.*

**B** VI. CORNÉLIO GRAPHEUS

**a João Grapheus**

[Antuérpia, 13.VIII.1532]

O caro Damião de Góis, português três vezes ilustre, meu grandíssimo amigo que há tempos andou a mando do seu Rei entre os Citas, a pedido de João Magno Gothus, arcebispo de Upsala, verteu para latim esta *Legação Índica*[1] quando do seu regresso aqui.

Como se trata de uma pessoa, quer de nativa simpatia e primor de qualidades quer de nobreza de sangue e, por isso, de uma modéstia bem distante do comportamento trasónico, ocultou-a até agora, preferindo certamente outorgar a outra pessoa os fumos da edição e não a si próprio.

Ora, tendo eu encontrado e quase lhe extorquido o opúsculo, envio-to, meu habilíssimo irmão, a fim de que o componhas na tua oficina e o lances dos prelos. Será um gesto de especial agrado para mim, de honra para ele e de prazer para os benevolentes leitores. Passa bem!
13 de Agosto de 1532.

[Epígrafe da Carta]

Cornélio Grapheus ao seu irmão João Grapheus, tipógrafo, muito saudar.

**B** VII. ERASMO DE ROTERDÃO

**a Bonifácio Amerbach**

[Friburgo, 5.V.1533]

Nunca abusastes da disponibilidade minha, mas muitos tentam abusar da vossa bondade. Fez-me ver o que respondestes a Hervágio[1] acerca do *Orator*, vindo-me logo à mente aquela passagem de Terêncio: «Não essas, que eu saiba»[2]. Podíeis dizer simplesmente que nada foi enviado, independentemente do modo como se prometeu.

Lamento se o português vos foi molesto. Para que o não fosse, é que não quis recomendá-lo, embora pareça homem bom e liberal.

A respeito do tal caso extraordinário ouvireis longa narrativa, mas presencialmente, o que oxalá aconteça em breve, sem incómodo vosso. Entretanto, fique em silêncio o que escrevi. Com ninguém desejarei menos entrar em discussão do que com ele[3], *em que nada existe de sensato.*

De indomito illo audies prolixam fabulam, sed coram, quod utinam breui tuo fiat commodo. Interim, quod scripsi maneat in sinu. Cum nullo ingenio minus cupiam conflictari quam cum illo, in quo prorsus οὐδὲν ὑγιές. Theologus quidam e grege Navarrae profitetur auditorio epistolas Pauli, subinde me perstringens, ex indoctis et rixosis collationibus Titelmanni Franciscani, cui pridem respondi breui libello, qui Antuerpiae[2] excusus est. Eum si potes istic[3] nancisci, rogo ut ad me mittas; nam ipse nullum inuenio. Bene vale.

Friburgi, 5. die Maii.1533.

Erasmus Rot.

[Nom. inscr.]

Clarissimo[4] uiro D. Bonifatio[5] Amerbachio LL. doctori. Basileae.

**B** VIII. IOANNES DRIEDO

**Ioanni III Regi**

[Lovanii, 9. VI.1533]

Libros quos pro Christiana religione nimium temporibus nostris perturbata conscripseram, Rex inuictissime, cum emittere in publicum suadentibus id amicis statuissem, faciendum putaui ut principi alicui uiro nominatim dedicarem, ut hac uidelicet uia auctoritatem[1] simul et gratiam aliquam ipsis compararem apud eos qui contemnere alioqui possent ut lectioni indignos. Vetus enim hic iam mos est et consuetudo studiosorum hominum, hoc modo opuscula sua lectoribus commendandi.

Cum igitur sperassem, Dei praesertim auxilio fretus, multa me in libros istos congessisse quae utile esset cognoscere, maxime si animo simplici legerentur et eo quo me scripisse confido, putaui et ego simili consilio utendum mihi esse. Inter multos autem Tua in primis Maiestas occurrit, qua ad publicam hominum utilitatem commodissime uti me posse cum bona tua uenia crederem, atqua hoc multis sane de causis.

Primum, quod decentissimum esse iudicabam ut opus instaurandae Christianae religioni conscriptum, eius etiam Regis nomen praefixum gereret cuius pene hereditarium[2] officium est Christianam religionem propagare. Nullum autem in

**B** VIII. – Dri a2$^v$-a3$^r$ Drie a2$^r$ Mat 16-17

**B** VII. – **2** Antuuerpiae *ALLENG* **3** isthic *omn.* **4** Clarissimo… Basileae *om. EREP HARTM* **5** Bonifacio *omn.*

**B** VIII. – **1** authoritatem *omn.* **2** haereditarium *omn.*

Certo teólogo do grupo de Navarra anda a expor aos seus irmãos as Epístolas de S. Paulo, com aflorações críticas ocasionais à minha pessoa, a partir das colações indoutas e querelentas do franciscano Titelmans[4], a quem há tempos respondi num breve opúsculo impresso em Antuérpia. Se acaso o puderdes encontrar aí, peço-vos que mo envieis, pois não vejo nenhum por cá. Boa saúde!

Friburgo, 5 de Maio de 1533.

Erasmo de Roterdão

[End.]

Ao ilustríssimo varão Senhor Bonifácio Amerbach, doutor em ambas as Leis. Basileia.

**B** VIII. JOÃO DRIEDO

**ao Rei D. João III**

[Lovaina, 9.VI.1533]

Tendo resolvido, Rei invictíssimo, a conselho de amigos publicar os livros que escrevera[1] a respeito da Religião cristã grandemente perturbada em nossos tempos, considerei que devia fazê-lo mediante dedicatória a um príncipe em concreto, a fim de, naturalmente, por esta via lhes proporcionar autoridade e alguma atenção em face daqueles que porventura pudessem condená-los como desprovidos de interesse. Com efeito, é já uma velha prática e costume dos estudiosos recomendar desta forma aos leitores as suas obras.

Enquanto não me determinava por uma solução, e sobretudo confiado no auxílio de Deus, achei que muitas coisas havia recolhido nestes livros cujo conhecimento deviria de utilidade, nomeadamente quando lidos de ânimo simples e segundo aquele que confio haver-me guiado na escrita; e, por outro lado, que devia pôr em execução semelhante propósito. Ora, entre muitos ocorreu-me antes de mais ninguém Vossa Majestade, sob a qual acreditava poder, com a vossa benevolência e para proveito do público em geral, mui oportunamente colocar-me. E isto por três motivos.

Primeiramente, porque julgava quadrar à maravilha que duma obra composta em prol da restauração da religião cristã a protegesse também o nome, como que predeterminado, daquele Monarca cuja missão quase hereditária é prolongá-la. Mas na Europa inteira, já há alguns séculos que nenhum reino existiu no qual tantos sucessivamente hajam trabalhado por expandir os limites da Cristandade quantos os desse vosso povo lusitano, sem dúvida nobilíssimo por esta mesma motivação.

tota Europa regnum iam saeculis[3] aliquot fuit in quo tot reges ordine inuicem succedentes dilatandis finibus Christianis operam dederint, quot fuerunt in tuo isto Lusitanico regno, hanc ipsam ob causam certe nobilissimo. Neque uero tantummodo curae uobis fuit ut terras nouas et peregrinas diciones[4] imperio uestro adiiceretis, sed magis laborastis homines ipsos Christo lucrifacere, tradita ipsis et per idoneos uiros praedicta fidei nostrae uerissima professione. Qua laude certe maxime Tu antecessoribus etiam Tuis antecellere contendis, maxima diligentia procurans ut ad infideles nationes regno Tuo subiectas e Lusitania proficiscantur homines docti et in Catholicae fidei rebus bene exercitati. Atque hoc demum uere est Christianae religionis fines ac terminos dilatare: siquidem de terris ipsis et dicionibus[5] non est curae ipsi Christo, sed de animabus. Has quicunque fide Christiana recte atque legitime imbuendas curat, is reuera dici meretur Christianae religionis propagator, coronam sine dubio consequuturus a Christo Deo immortalem.

Accedit praeterea causa alia. Nam et alioqui unice faues omnibus quidem honestis studiis, sed praecipue tamen theologicis, uere ac prudenter cogitans hoc potissimum modo principatui Tuo uerum ornamentum Te allaturum si quamplurimos habeas in regno uiros excellenter doctos. Ac propterea non solum in Tua ac finitimis Academiis Tuo sumptu benignissime alis plurimos studiosos, uerum etiam[6] Parrhisiis atque Louanii, tanto licet locorum interuallo a Lusitania dissiti. In quorum numero est doctissimus uitaque integerrimus uir, in praesentiarum conuictor meus Iacobus a Murtia S. Theologiae professor eximius, quem omnino confido magno usui tibi breui futurum et patriae ipsi ornamento. Neque uero ista facis quia ita fieri consuetum est etiam ab aliis, sed Tua ipsius incitatus uoluntate et iudicio. Aut nulli enim aut perquam pauci hoc saeculo[7] reges erga studia similiter sunt affecti. Vtinam autem episcopos saltem multos huiusmodi habeamus, quos in primis tamen decebat tales curas suscipere. Verum quo minus suscipiunt, in causa est quod de studiis non ut aequum est sentiant. Sentirent autem et de ipsis, ut aequum est, si libris et litteris[8] a prima sua aetate ex animo uacassent et proprio experimento (quo nullum efficacius magisterium est) didicissent quantus fructus et utilitas ex studiis redire ad Christianam rempublicam posset.

Quo magis Tibi gratulandum est, Rex serenissime, quod Emmanuelis[9] patris Tui optimi optimeque de religione nostra meriti, et propterea inter Christianos reges famatissimi, cura contigerit Tibi pueritiae Tuae annos in litterarum[10] studio consumere, uocatis ad hoc e longinquis etiam nationibus praeceptoribus doctissimis.

Sic enim narrare apud nos solet generosus uir ac litterarum[11] cultor fautorque, candissimus Damianus Goes, puer olim in aula regia diu sub patre uersatus[12]

---

**B** VIII. – **3** seculis omn. **4** ditiones *omn.* **5** ditionis *omn.* **6** ueremetiam *omn.* **7** seculo *omn.* **8** literis *omn.* **9** Emanuelis *omn.* **10** litterarum *MAT* literarum *cet.* **11** literarum *omn.* **12** uersatus, ac nuper… reuocatus] ac… reuocatus *om. MAT*

É que não somente vos empenhastes em acrescentar novas e estrangeiras Nações ao vosso Império, mas outrossim vos esforçastes em ganhar para Cristo as gentes, mediante a veríssima profissão da nossa Fé a elas transmitida e pregada por idóneos varões. Neste louvor é certo que em altíssimo grau vos esforçais por ultrapassar os antecessores vossos, procurando com a maior diligência que para junto das nações infiéis a Vós sujeitas partam de Portugal homens doutos e bem exercitados nas matérias da Fé católica cuja dilatação de fronteiras e termos é afinal o verdadeiro objectivo, porquanto a Cristo não importam terras e países, mas almas. Quem quer que recta e legitimamente tenta imbuí-las de tal Fé, é que realmente merece cognominar-se arauto da mesma e, sem dúvida, candidato à coroa imortal que Cristo lhe reserva.

Acresce, porém, outra causa. É que além disso favoreceis a um nível sem igual todos os estudos liberais, principalmente os teológicos, acertada e prudentemente pensando que, sobretudo desta forma, com um precioso ornamento assinalareis o vosso reinado se no país tiverdes um bom número de pessoas excelentemente instruídas. Nesse intuito, não somente na Vossa e vizinhas Universidades mantendes, benignamente a expensas do erário, numerosos estudantes, mas também em Paris e Lovaina, embora a tanta distância de Portugal. Neste cômputo se insere o doutíssimo varão, de vida integríssima e meu conviva no momento, Diogo de Murça[2], exímio professor de Teologia Sagrada, que plenamente confio vos será em breve de grande utilidade e renome para a própria pátria, sendo óbvio que não procedeis deste modo por acontecer assim da parte de outros, mas incitado pela vontade e discernimento Vossos.

Na verdade, nenhuns monarcas ou muito poucos neste século se mostram igualmente preocupados com tais estudos. Oxalá tivéssemos ao menos muitos bispos deste género a quem, antes de mais, ficavam bem tais encargos. Todavia a dificuldade em aceitá-los vem de não sentirem pelos estudos o que era de esperar. Senti-lo-iam, contudo, naturalmente se aos livros e às letras se tivessem dedicado a sério desde os primeiros anos e pela experiência (que é o magistério de maior eficácia) houvessem aprendido quão grande fruto e utilidade poderiam, em benefício da Cristandade, redundar de tais estudos.

Por isso, mais congratulações vos são devidas, Rei sereníssimo, já que por solicitude de Vosso óptimo Pai D. Manuel, extraordinário benemérito da nossa Religião e, por tal motivo, famosíssimo entre os monarcas cristãos, não Vos faltou o ensejo de aplicar ao estudo das Letras os anos da infância, com mui doutos preceptores chamados até de nações afastadas.

Assim nos costuma realmente contar o nobre varão, cultor e fautor das mesmas, o ilustríssimo Damião de Góis, adolescente outrora vivendo muitos anos na corte de Vosso Pai e há pouco convidado a retornar à mesma outrossim por Vossa Alteza, a fim de aí desempenhar funções junto de Vós.

Por estas razões é que eu fui levado a que não hesitasse em dedicar estes livros especialmente ao Vosso Nome, confiando que não serão desagradáveis

ac nuper ad eandem a Tua etiam Celsitudine reuocatus, amplissimo[13] functurus apud Te munere.

His igitur rationibus adductus sum ut libros hos Tuo potissimum nomini dicare non dubitauerim, confidens non ingratos Maiestati Tuae futuros, si non alio, certe pietatis et Christianae fidei respectu.

Bene vale in Christo Iesu, qui Te diu reipublicae Tuae Christianaeque fidei tuendae ac augendae conseruet incolumen.

Louanii, quinto Idus Iunias. Anno M.D.XXXIII

[Epist. epigr.]

Illustrissimo ac potentissimo principi Ioanni Tertio Lusitaniae et Algarbiorum citra et ultra mare in Africam Regi, domino Guineae et expeditionis, nauigationis ac commercii Athiopiae, Arabiae, Persidis ac Indiae, etc. Ioannes Driedo S. P. D.

**B** IX.

LVDOVICVS VIVES
**Damiano a Goes**

[Brugis, 17.VI.1533]

Quod epistolae tuae nondum responderim, mi Damiane, non uoluntas in causa fuit, quae est erga te, ut potuisti cognoscere, profecto summa, sed ualetudo aduersa mea, quae per[1] ingentes dolores tum corporis, tum animi mei uires ualde afflixit; neque nunc scriberem, nisi uererer ne quid tu de immutata mea erga te uoluntate secus suspicarere quam[2] res habet, et ego uellem. Cupio enim ut intelligas me in ratione ista amicitiae paria tecum facere, et tantopere amantem non mediocriter redamare.

Munus istud regium opto tibi felicissime euenire, ut in eo diutissime et cum summa gratia, atque animi tranquillitate uerseris.

Quod te scripturum ex patria recipis, rem utique feceris mihi multo gratissimam, iter tibi prosperum precor.

Fac, quaeso, ut per occasionem Regi tuo[3], atque adeo beneficio illius in me, meo quoque, salutem dicas meis uerbis reuerentissime, atque officiosissime; et

---

**B** IX. – **Ftt**: Gop c1$^{v}$-c2$^{r}$ Vivep 102$^{v}$-103$^{r}$ Vivop 978 Vivope 198 Erepiste 115-116 Erop 1471 Vasc 13-14 Mat 18-19

---

**B** VIII. – **13** amplissimo] simo *MAT*

**B** IX. – **1** per ingentes dolores tum corporis, tum amimi mei *om. VIVEP VIVOP* uires *om. MAT* **2** quam res] quae res *VASC* **3** Regi tuo … meo quoque, atque … in me salutem dicas *VIVOPE*

a Vossa Majestade, se não por outro respeito, certamente pelo da piedade e da Fé cristã.

Boa saúde em Cristo Jesus, que Vos conserve incólume por muitos anos para o Vosso reino e para defesa e expansão desta mesma Fé.

Lovaina, a 9 de Junho do ano de 1533.

[Epígrafe da «Carta»]

Ao Ilustríssimo e Poderosíssimo Príncipe D. João III, Rei de Portugal e dos Algarves de Aquém e de Além-mar em África, Senhor da Guiné e da Expedição, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia, etc. João Driedo envia muito saudar.

**B** IX. LUÍS VIVES

**a Damião de Góis**

[Bruges, 17.VI.1533]

Não me foi a vontade, meu Damião, que a teu respeito, como tens podido verificar, mui afectuosa é por certo, o motivo do adiamento até hoje da resposta às letras tuas, – mas sim a doença, a qual através de bem grandes aflições já do corpo já do espírito, muito me há depauperado as forças[1]. Nem agora escreveria porventura, se, no referente à constância de meu sentir, acaso não temesse algo suspeitasses diverso da realidade das coisas e do anseio que efectivamenteguardo de que reconheças que nesta questão de amizade corro parelhas contigo, não correspondendo com frouxa dedicação a quem tanto me quer.

Apeteço-te os maiores sucessos nesse cargo régio, de modo a que o desempenhes por tracto longuíssimo e com sumo crédito e tranquilidade de ânimo.

Quanto à promessa formulada de missiva de Portugal, trar-me-ás sem dúvida imensa satisfação com isso. Desejo-te uma feliz viagem.

Em surdindo ocasião, faz-me o obséquio de ao teu Rei (e até meu também, pela mercê que me outorgou) apresentar minhas saudações mui respeitosas e em meu nome protestar altíssimo reconhecimento pela dádiva magnífica com que no ano transacto me presenteou, o que em aperto sucedeu tal do meu viver que não poderá ela deixar de parecer máxima e extraordinariamente aprazível[2].

Darás outrossim bons recados ao senhor Bispo de Viseu[3].

gratias pro me agas de amplissimo congiario quo me superiore anno prosecutus est, quod eo rerum mearum articulo contigit, ut non potuerit non et maximum et multo iucundissimum uideri.

Salutabis[4] item mihi D. Episcopum Veseuiensem.

Hedioni non rescribam nunc propter meam ualetudinem; quin et[5] multum deliberabo quando ac quemadmodum scribam, propter tempora et hominum suspiciones.

Gratulor tibi profectum in litteris[6]. Non possum mouere manum in scribendo. Vale.

Brugis, 17. Iunii. 1533

[Epist. epigr.]

Ludouicus Viues[7] Damiano Goesio suo S.

**B** X. ERASMVS ROTERODAMVS
**Damiano a Goes**

[Friburgi, 25.VII.1533]

S.P. Quod famulus meus praeter falutem nihil ad te pertulit, Damiane clarissime, nihil aliud in causa fuit, nisi quod non suspicabar te tam mature absoluta tam longa periodo tua (dicebas enim, si recte memini, te uelle lustrare Germaniam et Galliam) redisse in Brabantiam.

Quum me reliquisses, diu mecum ipse rixatus sum, quod tam candidum amicum tam frigide excepissem. Primum in nomine tuo peregrinabar, tamquam[1] per somnium recordans nomen illud in aliquorum ad me litteris[2] extare. Nullus est ferme dies, quo non accipiam aliquas epistolas, interdum uno plures uiginti. Accedebat languor, qui me compluribus iam mensibus nimium urget familiariter.

His rebus factum est ut noctu demum renouata memoria, uno tantum colloquio unaque cena[3] tam amico hospite frui licuerit. Nec in libello quem reliquisti, sciebam quicquam esse tuum, priusquam te profecto per otium inspicerem. Et

**B** X. – **Ftt**: Erasp 144-152 Erepis 1084-1087 Erepist 1084-1087 Erop 1471-1474 Alleng 272-276 Vasc 68-73 Mat 24-31

**B** IX. – **4** Salutabis item mihi] *GOP* Salutabis mihi *cet.* **5** quin et] *om.* et *EROP* **6** literis *omn.* **7** Ludouicus Viues] *GOP* Ioannes Ludouicus Viues *cet.*

**B** X. – **1** tanquam *MAT* **2** literis *omn.* **3** coena *omn.*

A Hédio[4] não respondo agora, devido à minha saúde; e ainda reflectirei muito sobre quando e de que modo escrever, em consequência dos tempos e das suspeições dos homens. Felicito-te pelo aproveitamento nos estudos[5].

A mão nega-se-me a movimentar a pena. Adeus!

Bruges, 17 de Junho de 1533.

[Epígrafe da Carta]

Luís Vives ao seu caro Damião de Góis, saudações.

**B** X. ERASMO DE ROTERDÃO

**a Damião de Góis**

[Friburgo, 25.VII.1533]

Muitas saudações. O motivo, Damião ilustríssimo, de mais nada o meu servo ter levado além de meus cumprimentos, não consistiu noutra coisa senão em que não suspeitava de que, finda depressa viagem tão longa, vos achásseis já de volta para o Brabante, porquanto dizíeis, se bem lembro, que tencionáveis visitar a Alemanha e a França.

Depois de despedido vos terdes, eu próprio briguei comigo largo tempo, por com tamanha frieza haver albergado tão belo amigo. De um lado, sentia-me estrangeiro ao vosso nome, recordando, como que a sonhar, existir ele nas cartas de alguns a mim endereçadas: que quase não passa dia nenhum sem que várias receba e, em certas ocasiões, mais de vinte num só; por outro, acrescia o cansaço, que desde há bastos anos me importuna demasiado frequentemente.

Estas as razões por que aconteceu de, reavivada finalmente a memória de noite, uma única conversa e ceia me ter sido lícito fruir em companhia de tão caro hóspede. Nem, no opúsculo por vós deixado[1], conhecia que algo vos pertencesse, – antes de, já vós partido, lhe lançar os olhos sossegadamente; e neste particular acarretou-me dano a vossa modéstia. Do colóquio do repasto depreendi serdes, qual outrora observavam os romanos, varão probo, livre, e amante do bem e da virtude.

Na carta para Amerbach não sucedeu qualquer menção de vós; e a razão foi que tinha sido escrita e selada antecedentemente à vossa passagem por cá. Este, porém, mais sagaz que eu, logo se advertiu dos dotes do vosso espírito, protestando-me o

hac in parte mihi damno fuit tua modestia. Ex cenae[4] coloquio sensi te esse uirum bonum, ut olim loquebantur Romani, liberum, rectique ac pietatis amantem. In litteris[5] ad Amerbachium nulla erat tui mentio: scriptae enim fuerant et obsignatae priusquam huc uenires. Is tamen me sagacior statim sensit ingenii tui dotes, egitque mihi gratias quod talem ad ipsum misissem. Addebat sibi uisum uirum bonum et integrum. Quam facile conciliantur congnata ingenia!

Adeunt me interdum qui miram prae se ferunt beneuolentiam, quum aliquot interdum comperiam longe alios animo quam fronte. Ea res in causa est, ut nonnunquam frigidior sim in accipiendis peregrinis salutatoribus.

Sed de te quum mei puderet, mihique ipse succenserem, commodum superuenerunt duae epistolae tuae, quibus me consolaris meque mihi reconcilias, etiam pro singulari humanitate, si diuis placet, gratias agens; nec hoc contentus, istius insuper animi pignus ac monumentum apud Erasmum Schetum reliquisti, quod nondum uidere contigit; sed qui uidere, praedicant esse Rege dignum. Ceterum[6] quo tu prolixius declaras humanitatem tuam, hoc magis me pudet inhumanitatis meae. Quid igitur superest, nisi ut quod hactenus cessatum est, iuxta Graecorum Prouerbium, posterioribus officiis sarciamus? Id uero, clarissime iuuenis, sic a me curabitur, ut intelligas omnia potius mihi defuisse, quam studium ac propensam uoluntatem.

Quo ais Louanii iactatum a nescio quibus, me ab his stetisse, qui probant ἀποστάσιον βασιλικόν quaerisque quid sit talibus respondendum: quid aliud respondeas, optime Damiane, quam illud e Psalmis, *Dentes eorum arma et sagitae, et lingua eorum gladius acutus?* Quamqam[7] satis scio tibi nequaquam istud a uiro graui fuisse auditum, sed a σπερμολόγω, quopiam et ἀκριτομύθω rabula, quo pestilentissimo hominum genere nunc undique scatet mundus. Nullus unquam mortalium ullam syllabam ex me audiuit approbantem aut improbantem hoc factum. Hoc apud omnes ingenue prae me tuli, mihi non uulgariter molestum esse Principem alioqui felicissimum in eum labyrinthum incidisse, cui cupiebam cum Caesare per omnia conuenire, quod intelligerem id ad publicam orbis tranquillitatem summopere conducere. Quae fuisset autem mea non dicam temeritas sed amentia, si nec postulatus, nec rogatus de re tam ardua pronuntiassem[8], de qua tot eruditi apud eam gentem episcopi, atque ipse adeo legatus apostolicus Laurentius Campegius, uir utriusque iuris callentissimus, ferre sententiam cunctabantur[9]. Merito amo τὸν μονάρκην, ut cuius animum semper[10] propitium ac fauentem sum expertus. Quamquam[11] ab eo tempore quo coepit hoc negotium agi, nihil ab eo beneficii accepi praeter animi beneuolentiam. Τὴν ἀυτοῦ σύνοικον multis de causis diligebam ac diligo, idque, ni fallor, cum bonis omnibus, quam arbitror nec ipsi βασιλεῖ inuisam esse.

**B** X. – **4** coenae *omn.* **5** literis *omn.* **6** Ceterum *MAT* Caeterum *cet.* **7** quanquam *MAT* **8** pronunciassem *omn.* **9** cunctabantur] *EROP VASC MAT* contabantur *cet.* **10** sempre *VASC* **11** quanquam *MAT*

seu agradecimento por lhe ter enviado tal homem, e acrescentando que lhe parecera um bom e íntegro cavalheiro. Quão sem dificuldade se entendem almas afins!

De onde em onde abeiram-se de mim pessoas que fazem alarde de espantosa benevolência; e, no entretanto, a diversas delas descubro-as eu muito outras no coração que na cara. Daqui nasce a causa de por vezes ser um pouco retraído, ao acolher os forasteiros saudadores.

Mas andava eu ruborizado de vós e em indignação contra mim, – quando eis que duas epístolas vossas sobrevieram, em que me consolais e reconciliais comigo próprio, e até mesmo graças dais pela minha – Deus me perdoe! – singular humanidade. E não satisfeito com isto, mais deixastes a Erasmo Scheto[2] uma caução e lembrança destes sentimentos, a qual não tive ainda a felicidade de ver, mas os que já o fizeram proclamam digna de rei. No fim de contas, quanto em maior profusão me patenteais vossa bondade, tanto mor pejo sinto da grosseria minha. Que resta pois, senão, nos termos do provérbio grego, com bons ofícios futuros ressarcir o que até ao presente se deu? Nisso por sem dúvida me desvelarei, meu ilustríssimo jovem, e de modo a que experimenteis que antes quero perder tudo, do que este afecto e dedicação.

Quanto a afirmardes espalhado, por não sei quais em Lovaina, que eu enfileirei ao lado dos que aprovam a apostasia régia, e inquirirdes da resposta a dar-lhes, qual há-de ser, meu óptimo Damião, além daquela dos Salmos: «Os seus dentes são armas e setas, e a sua língua um gládio penetrante»[3]? Embora bem saiba não haverdes de forma alguma escutado isto de cavalheiro sério, mas a qualquer truão ou rábula inconsiderado[4], género de indivíduos pestilentíssimo de que, hoje em dia, por toda a parte o mundo exameia.

Nunca nenhum dos mortais me ouviu sílaba alguma aprovando ou desaprovando este facto. O que candidamente manifestar costumo a todos, é trazer-me não vulgar desgosto que o Príncipe, felicíssimo aliás, haja caído naquele labirinto, ele a quem eu ambicionava em tudo acordasse com o Imperador, por reconhecer que isso conduziria extraordinariamente à tranquilidade pública do orbe. Teria, porém, sido não digo já temeridade mas demência minha se, nem intimado nem rogado me houvera pronunciado sobre tão árdua coisa acerca da qual tantos eruditos bispos desse povo e ainda o próprio legado apostólico, Lourenço Campeggio[5], varão peritíssimo no Direito Canónico e Civil, hesitavam em emitir juízo. Amo com razão o monarca, bem como experiência tenho de seu ânimo sempre propício e favorável, mau grado desde quando principiou a tratar-se este negócio, nenhum benefício dele tenha recebido afora a benevolência. A sua consorte, por muitos títulos a prezava e prezo, e isto, excepto me engane, com todos os homens de bem; de resto suponho que nem ao próprio rei ela é odiosa.

Ao Imperador, meu Príncipe, a quem prestei juramento de conselheiro e que brilhantemente me tem favorecido e aos estudos meus, – se porventura não me reconhecesse devedor de tudo, ou seria insensato varrido ou estolidamente ingrato. Ora donde me nasceria pensamento assim tão louco de me envolver espontaneamente em tão odiento caso, que eu, mesmo rogado ou instado, haveria recusado de mãos e pés?

Caesari Principi meo, cui iuratus sum Consiliarius, praeclare de me studiisque meis merito, nisi me agnoscam omnia debere aut uehementer stolidus sim aut insigniter ingratus. Vnde igitur mihi mens tam laeua, ut ultro me tam inuidioso negotio inuoluerem, ad quod si fuissem uel rogatus, uel flagitatus, manibus pedibusque fuerim recusaturus?

Nullus unquam Principum super hoc argumento meam requisiuit sententiam. Tantum ante annos duos adierunt me duo ex Aula Caesaris nobiles, uno atque altero colloquio urgentes me ut quid de ea causa sentirem, exponerem. Respondi id quod erat res, me nunquam ad eam quaestionem intendisse animum, de qua uiderem summos tum auctoritate tum eruditione uiros tot annis ambigere. Facillimum esse pronuntiare[12] quid ego optarem; at pronuntiare[13] quid ius diuinum atque humanum concederet, negaretue, non modo multorum dierum considerationem requirere, uerum etiam circumstantiarum causae cognitionem. Illi professi se nihil ex mandato Caesaris agere, discesserunt. Paeterea, nemo mortalium me super hoc interpellauit negotio. Ergo cum sit impudentissimum mendacium quod nugator ille, quisquis fuit, ad te pertulit, suspicor tamem unde arripuerit occasionem, ut iuxta Prouerbium, *Malis praeter occasionem nihil deest, ad quoduis audendum facinus*.

Ei, quem ὁ βασιλεῦς dicitur socerum adsciscere, dicaram *Psalmum vigesimum secundum*, idque ante annos complures, ut id facerem ab ipso rogatus. Est enim uir, ut uno ore praedicant omnes, unus prope inter nobiles eruditus, animoque plane philosophico. Hoc officium meum grato amplexus animo, petiit ut aliquid ederem in Symbolum quod dicitur Apostolorum. Feci quod uoluit, eoque lubentius, quod res ad omnium utilitatem facere uideretur. Hic nullum uerbum est, quo ad τοῦ ἀποστασίου causam attinet, cuius tamen uir ille, ut accipio, nec auctor[14] nec instigator fuit, utpote quietis quam opum aut honoris amantior. Quum Caesar et Franciscus Galliarum Rex bellis inter se conflictarentur, utrique dicaui meas lucubrationes, neque quisquam exstitit qui clamitaret me ab hoste Caesaris stare. Quanto minus habuit frontis, qui calumniam istam fabricatus est?

Sed hoc de nugamento plus satis. Venio nunc ad eum epistolae tuae locum quo pio affectu deploras Pilapianae gentis exitium quae per Christianos Principes spoliatur externis bonis, nec sinitur[15] internis bonis ditescere; premitur humano iugo, nec docetur suaui Christi iugo colla submittere. Proceres enim illi, qui uictorias praeda metiuntur, malunt imperare belluis quam hominibus. Ea res in causa est, ut pauciores gentes, quae Christum ignorant, ad Ecclesiae consortium semet adiungant, uidentes sese[16] non ad Christianismum, sed ad rapinam ac miseram seruitutem peti, et quicquid est malorum morum insignius esse in uita Christianorum. Multo aliud est negotiari, aliud pietaris negotium agere. Itaque uictorias ducis illius egregii quidem ac fortunati, qui tot urbes litorales spoliauit,

---

**B** X. – **12** pronuntiare *MAT* pronunciare *cet.* **13** pronunciare *omn.* **14** author *omn.* **15** nec sinitur internis bonis *om. EROP VASC* **16** sese] se *VASC*

Jamais qualquer dos Príncipes requereu a minha opinião sobre esta matéria. Apenas há dois anos me vieram cá dois nobres da corte imperial, insistindo, num ou dois encontros, para que expusesse o que sentia em relação a este assunto. Respondi o que era verdade: que nunca me atirara a considerar tal questão, a respeito da qual via varões sumos, quer em autoridade quer em jurisdição, estarem irresolutos durante tantos anos; que se tornaria facílimo manifestar-me sobre o que eu optava; porém, que declarar o que o direito divino e humano concederiam ou negariam, não somente exigiria muitos dias de ponderação, como outrossim conhecimento das circunstâncias da causa. Eles, tendo protestado não agir de maneira nenhuma por ordem do Imperador, lá se foram de volta.

À parte estes, nenhum outro mortal me interpelou sobre tal negócio; sendo, por consequência impudentíssima mentira o que esse velhaco, quem quer que é, vos contou. Mas, ainda assim, suspeito donde terá engendrado pretexto, atento que, segundo o provérbio, «aos maus nada falta, a não ser ocasião para praticar qualquer crime»[6].

Ao que se diz o rei tomar por sogro[7], dedicara eu há já muitos anos, o Salmo XXII, consoante pedido que aquele mesmo me tinha formulado: é com efeito, entre os nobres, como em uníssono proclamam todos, quase o único homem erudito e de autêntica mentalidade filosófica, havendo apreciado de coração grato este meu obséquio; pediu-me alguma coisa editasse sobre o Símbolo dito dos Apóstolos; ao que eu anui, e de tanto melhor vontade quanto me parecia trabalhar para vantagem de todos. Aqui nenhuma palavra há com respeito ao caso de apostasia, que nem por outro lado creio esse grande varão ter sido o autor ou instigador da balela, uma vez que mais ama a quietude de que o poder ou as honras. De resto, quando o Imperador e Francisco, rei de França, travavam hostilidade entre si, a ambos[8] dediquei as minhas elucubrações, sem que por essa razão alguém aparecesse a vociferar que eu combatia pelo inimigo do primeiro. Quão pouco siso cabe a quem forjou uma calúnia destas!

Mas de ninharia assim, já mais que bastante.

E venho agora à parte da vossa carta onde com piedoso afecto lamentais a desgraça da gente lapónia, que por príncipes cristãos se vê esbulhada dos bens externos e privada de enriquecer-se com os internos, oprimida sob o jugo humano e não ensinada a submeter o colo ao jugo suave de Cristo. Na verdade, esses próceres, que as vitórias mensuram pela tomadia, preferem governar animais a homens. E por isso é que menos povos ignorantes de Cristo se adjugem ao grémio da Igreja, pois vêem que são levados não ao Cristianismo mas à rápida e mísera servidão, e que tudo quanto há de pior, em maus costumes, se encontra na vida dos cristãos. Uma coisa é tratar de negócio de religião, outra coisa muito diferente é negociar. E, assim, os triunfos desse chefe, sem dúvida egrégio e afortunado, que pilhou tantas cidades do litoral e lançou ao mar os para cujo transporte as naus eram insuficientes, não foi sem dor que os li, para vos confessar ingenuamente a realidade.

Mas de coisa militar, precipuamente daquela à roda de que pouco conhecimento hei da qualidade e circunstância, será preferível não me pronunciar. Direi de modo geral: na avareza e cobiça de mandar, não reside a causa mínima de a

coniectis in mare quibus uehendis naues non sufficiebant, ut ingenue quod res est fatear, non absque dolore legi. Sed de negotio militari, praesertim eo cuius qualitatem et circumstantias[17] parum cognitas habeo, satius[18] fuerit me non pronuntiare[19]. Illud in genere dicam: auaritiam, et imperandi libidinem non minimam esse causam cur religio Christiana in has sit contracta angustias. Mansuetudine ac beneficientia cicurantur et ad manum ueniunt etiam ferae, saeuitia ac maleficiis efferantur et illa quae natura mansueta sunt. Quod autem hac in re per me cupis fieri, per quam lubens obiero. Vereor tamen ut possim hisce nundinis. Sero rediit ex Anglia famulus meus, et qui hic adest typographus unus mecum totam languit[20] aestatem. Adnitar tamen.

Quod famulus meus perpelli non potuit ut uel opera uel pecunia tua uteretur, nihil illi mandaram, nisi ut ubique uitaret omnem petacitatis speciem, meminissetque illius uetusti prouerbii, οὔτε πᾶντα οὔτε πάντης οὔτε πὰρα πάντων. Curaram autem ne quid illi posset deesse.

Oppidum de quo tibi narratum est, Germanicis dicitur Schiltach: abest a Friburgo octo millibus Germanicis bene magnis, de quo an omnia uera sint quae uulgo iactantur, non ausim affirmare. Illud nimis uerum est, totum subito conflagrasse mulierem confessam suplicio affectam. Conflagratio accidit quarto Idus Aprilis, qui dies erat Iovis ante Pascha, anno a Christo passo[21] M.D.XXXIII. Quidem eius oppidi ciues apud huius urbis magistratum rem ita gestam pro comperto narrarunt, quemadmodum mihi retulit Henricus Glareanus, quantum meminisse possum: Daemon sibilo signum dedit e quadam aedium parte; caupo suspicans esse furem adscendit, neminem reperit. Sed idem sigum rursus ex altiore cenaculo[22] redditum est. Et huc conscendit caupo furem persequens. Quum nec illic quisquam[23] appareret, sibilus auditus est e fastigio fumarii. Illico tetigit cauponis animum, esse daemoniacum quiddam: iubet suos esse praesenti animo. Acciti sunt sacerdotes duo, adhibitus exorcismus. Respondit se esse daemonem. Rogatus quid illic ageret, ait se uelle exurere oppidum. Minitantibus sacrificis, respondit se pro nihilo ducere minas illorum, quod alter esset scortator, uterque fur. Aliquanto post, mulierculam quicum habuerat consuetudinem annis quatuordecim, quum interim illa quotannis et confiteretur et acciperet eucharistiam, sustulit in aerem, imposuitque fumarii fastigio. Tradidit ollam, iussit ut inuerteret. Inuertit, et intra horam totum oppidum exustum est. An daemon indignatus ob inductum riualem cauponis filium, et oppidum perdiderit et mulierem prodiderit, certum non audiui: non est tamen ueri dissimile. Huius facti uicini tam constans est fama, ut fictum[24] uideri non queat. Feruntur et alia huius generis, sed non libet aures tuas uulgi fabulis remorari[25].

---

**B** X. – **17** circunstantias *MAT* circunstancias *cet.* **18** satius] satis *MAT* **19** pronunciare *omn.* **20** languit] languet *EROPIST ALLENG MAT* **21** passo] nato *VASC* **22** caenaculo *omn.* **23** quicquam apparet *VASC* quisquam appareret *cet.* **24** fictum] pectum *VASC* **25** remorari] memorare *VASC*

Religião Cristã se debater nestas angústias. Com brandura e beneficência domam-se e vêm a nós as próprias feras; com crueldade e malefícios enfurecem-se até os que por natureza são menos.

O que entretanto desejais eu faça nesta matéria, da melhor vontade tomarei a peito. Receio todavia não aguentar com estes quefazeres. Veio tarde de Inglaterra o meu servo; e o único tipógrafo que aqui se acha, manteve-se fraco, como eu, durante o Verão. Esforçar-me-ei contudo.

Quanto a não ter podido aquele resolver-se a usar vosso serviço ou dinheiro, nada lhe ordenara, salvo que em toda a parte evitasse qualquer espécie de pedincha, lembrado do vetusto provérbio: «Nem tudo, nem em tudo, nem a todos»[9]. Havia entrementes providenciado para que de nada viesse a carecer.

Ao ópido de que vos falaram, chamam os alemães Schiltach; e dista de Friburgo oito milhas germânicas bem medidas. Se há verdade em tudo o que a cada canto se ouve, não ousarei afirmá-lo. Uma coisa é assaz verdadeira: tê-lo súbita e completamente incendiado uma mulher declarada condenada ao suplício.

O incêndio aconteceu no dia dez de Abril, quinta-feira antes da Páscoa do ano, do nascimento de Cristo, de 1533. Determinadas pessoas dali, perante o magistrado cá da cidade, como certo narraram haver o facto sucedido antes (quanto recordar posso do que bastante em pormenor me relatou Henrique Glareano[10]).

O demónio deu sinal, com um sibilo, de determinado aposento da casa. O estalajadeiro, suspeitando fosse ladrão, subiu, não encontrando ninguém. O mesmo indício, porém, se repetiu do andar superior, aonde o homem trepou em perseguição de gatuno. Como nem aí aparecesse nada, o sibilo ouviu-se agora do coruto da chaminé.

Nisto veio à mente do estalajadeiro que seria arte diabólica. Manda aos seus não percam a coragem; chamados dois sacerdotes, recitaram-se os exorcismos. Respondeu que era demónio. Interrogado sobre o que fazia ali, disse que queria abrasar o ópido; ameaçando-o os sacerdotes, retorquiu que nenhum receio lhe causavam as suas ameaças, porquanto um deles era um dissoluto e ambos ladrões.

Pouco tempo empós levantou no ar, colocando-a no cimo da chaminé, uma mulherzita com a qual tivera relações no decurso de catorze anos, e que, não obstante, a todos eles se confessava e recebia a Eucaristia. Entregou-lhe uma panela, impondo-lhe que a invertesse. Fê-lo, e dentro de uma hora a cidade inteira estava em cinzas.

Se foi de indignação por causa do filho do estalajadeiro, tornado rival, que o demónio perdeu o ópido e desmascarou a mulher, não ouvi com certeza; não sendo contudo inverosímil.

É tão constante a fama deste vizinho acontecimento, que não pode parecer figurado. Correm ainda outras histórias deste género; mas não dá prazer maçar-vos os ouvidos com frioleiras do vulgacho.

Bonifácio Amerbach[11] tem a vossa carta. Proponho-vos este imutável e eterno amigo, – que também servidor leal e diligente, a algo quererdes por seus ofícios.

Bonifatius[26] Amerbachius habet epistolam tuam. Hunc tibi polliceor constantem et perpetuum amicum, atque adeo ministrum fidelem iuxta ac diligentem, si quid[27] per eum fieri uoles. Vnum hunc, ut praesens dicebam praesenti, habet Germania uere aureum ac gemmeum, aut si quid his est pretiosius[28]. Talis autem ingenii ad quamlibet pretiosas[29] opes nulla est comparatio. An tamen Germani nomine censeri debeat ignoro, certe[30] Glareanus non pateretur. Rauracorum est Basilea, et habet ea ciuitas peculiaris cuiusdam ciuilitatis non obscura uestigia e Synodo uniuersali relicta, quae illic sedecim annis durasse fertur.

Efficiam[31] autem ut plures et norint et ament Damianum, quod mihi bonum erit atque commodum, quippe qui non mediocri nominis mei lucro sum id facturus. Tam splendidum munus ultro ab inuictissimo Lusitaniae Rege oblatum ex animo tibi gratulator, atque ut faustum felixque sit precor. Si quando inciderit opportunitas, rogo excuses illam praefationem meam in *Chrysostomum*. Eram multis uerbis diligenter instructus a Lusitano quodam, sed mendose. Hic casus mihi parum felix poterit alio farciri officio.

Si quid scribes ad Hieronymum Frobenium, tuto ad me perueniet. Moliebar redditum in Brabantiam, sed quum aliae res multae, tum Iupiter perpetuo infensus, et ualetudo caeli asperioris impatiens cogunt hic durare, usque ad Zephyros et nouam hirundinem.

Bene uale.

Datum[32] Friburgi Brisgoiae, VIII Calendas Augusti. Anno M.D.XXXIII.

[Epist. epigr.]

Desiderius Erasmus Roterodamus clarissimo uiro Damiano a Goes, inuictissimi Lusitaniae Regis thesaurario primo S.

**B** XI. CONRADVS GOCLENIVS

**Erasmo Roterodano**

[Lovanii, 26.VII. 1533]

S. P. Oblectauit sese superiore tota hebdomade regina Hungariae studio uenationis[1] in nemore Zoniano. Interim mihi cum Domino Olao quotidiana fuit uitae consuetudo. Inter omnia nihil mihi fuit iucundius auditu quam quod de

**B** XI. – **Ftt**: C10[r]-11[v] aut A 78[r]-79[r] cop. Alleng 278-281 Mat 32, ls. 14-17, 39-43

**B** X. – **26** Bonifacius *omn.* **27** si quid] si quidem *VASC* **28** preciosius *omn.* **29** preciosas *omn.* **30** certe] certo *VASC* **31** Efficiam autem] autem *om. VASC* **32** Datum Friburgo… 1533 *EROP VASC* Datum Friburgi Brisgoiae VIII calendas Augusti. Anno M.D.XXXIII *cet.*

**B** XI. – **1** uenationis] uen [en] ationis *ALLENG*

A Alemanha, como vos dizia quando por cá passastes, só este único conta verdadeiramente de ouro e pedraria, se porventura não é mais excelente até. De tal engenho, porém, a quaisquer riquezas preciosas nenhuma equiparação há. Se entretanto deva ser chamado pelo nome de alemão, ignoro-o; naturalmente que Glareano não toleraria. Basileia é dos Rauracos[12]; e no seu viver, de certa civilização peculiar, há vestígios não obscuros deixados pelo Concílio universal, que se refere ter ali durado dezasseis anos.

Empenhar-me-ei em que muitos conheçam e estimem o Damião, o que me será bem e de proveito, porquanto o vou abraçar com não pequeno lucro para meu nome.

Por tão esplêndido múnus de livre alvedrio oferto pelo mui invicto Rei de Portugal, felicito-vos do coração, formulando outrossim votos de que seja próspero e venturoso. Em alguma vez se dando oportunidade, rogo-vos desculpeis aquela minha prefação ao *Crisóstomo*[13]: tinha sido com diligência e muitas palavras instruído por certo português; contudo de modo defeituoso. Este acaso pouco feliz para mim, poderá ser reparado mediante outro serviço.

Se algo escreverdes a Jerónimo Froben, cá me chegará seguramente às mãos.

Projectava o regresso para o Brabante. Mas já outras muitas coisas, já principalmente a atmosfera de contínuo adversa e bem assim a saúde, que não tolera um céu mais áspero, obrigam-me a permanecer aqui até aos zéfiros e torna das andorinhas. Passai bem.

Dada em Friburgo de Brisgóvia, a 25 de Julho do ano de 1533.

[Epígrafe da Carta]

Desidério Erasmo de Roterdão ao varão ilustríssimo Damião de Góis, Tesoureiro-mor do invictíssimo Rei de Portugal, saudações.

## **B** XI. CONRADO GOCLÉNIO **a Erasmo de Roterdão**

[Lovaina, 26.VII.1533]

Gozou de férias, no bosque Zoniano, durante toda a semana passada, a Rainha da Hungria[1] no exercício da caça. Entretanto o meu convívio quotidiano decorreu com o senhor Olah[2]. E o que gostei mais de ouvir foi a respeito da certíssima esperança do vosso regresso, porquanto a missão de Levino Panaghato[3] não tinha outra motivação senão a de vos trazer de novo. Desejo que seja fausto e feliz. De resto, nada de sinistro posso imaginar, retirados quase todos os que se agitavam em incurável ódio contra vós e alguma responsabilidade tiveram em concitar contra a boa causa os ânimos de uma multidão ignorante. […]

reditu tuo certissimam spem afferebat, misso Leuino Panagatho nullam aliam ob causam quam ut te reduceret. Opto ut sit faustum et felix. Nec quicquam sinistri possum augurari, sublatis fere omnibus qui immedicabili odio contra te aestuabant, quique auctoritatis aliquid habuerunt in animis imperitae multitudinis aduersus bonam causam concitandis. [...]

Damianus Goes a rege suo reuocatus est in Lusitaniam ut praesit thesauris. Promisit se breui certo aliquo pignore declaraturum summam erga te suam beneuolentiam. [...]

Quid Beddae apud Parisienses[2] acciderit, tametsi te non putem latere, misi tamen quid ad me illinc de ea re sit perscriptum. Spero me breui uisurum diem, ut Erasmus superata inuidia omnium portentorum uictor omnium ore celebretur, quanquam iamdudum id (exceptis paucis quorum animus ad recta indocilis est) ita ut nemo alius inter mortales es consequutus.

Augurium tuum de exitu litis meae Antuerpiensis spero uanum fore. Res est in ipso cardine. Nec licet aduersariis diutius tergiuersari, qui sese in tot rerum species mutarunt ut Proteus prae illis non fuerit Proteus. Cupiunt iam mecum pacisci, oblata non contemnenda portione[3]. Sed mihi infixum est illud, ut uelim ultima experiri, ut sim iuxta prouerbium Βασιλεὺς ἢ ὄνος. [...]
Reliqua, ut spero, breui coram agemus; oroque Deum ut incepta tua omnia secundet, teque nobis uegetum et totius orbis unum et unicum ornamentum.

Louanii, septimo Calendas Augusti. Anno Domini M.D.XXX tertio. Tuus quantulus est

Conradus Goclenius

[Nom. inscr.]

Omnis eruditionis principi D. Erasmo Roterodamo. Friburgi.

**B** XII. BONIFATIVS[1] AMERBACHIVS
**Damiano a Goes**

[Basileae, 1.IX.1533]

Nihil est, clarissime Damiane, quod praesenti exhibui. Quid enim potuissem non nisi unum diem hic agenti? Verum quod hoc in tuis ad me litteris[2] officii titulo insignis, humanitatem tuam intelligo, ex pulice quod aiunt, elephantem facientem; cui sane sicubi mea oppela quicque praestare possum utroque dignum, nihil pro uirili detrecto.

---

**B** XII. – **Ftt**: Gop c2$^{r-v}$ Vasc 14-15 Hartm 237 Mat 33-34.

---

**B** XI. – **2** Parisienses] Parisiensis *ALLENG* **3** porcione *omn.*

**B** XII. – **1** Bonifacius omn. **2** litteris *MAT* literis *cet.*

Damião de Góis foi chamado a Portugal para chefiar a Tesouraria. Prometeu que em breve comprovaria, através de determinada prenda a suma consideração por vós. [...]

Quanto ao que entre os Parisienses tenha sucedido a Beda[4], embora creia não desconhecerdes, enviei o que acerca disso me foi detalhadamente exposto. Espero brevemente raie o dia em que, superada com aplauso geral a inveja de todos os mostrengos, Erasmo seja aclamado vencedor, conquanto isso mesmo (exceptuando uns poucos cujo espírito é refractário à rectidão) já o tenhais alcançado como nenhum outro entre os mortais.

O vosso augúrio concernente ao resultado da minha contestação espero não venha a acontecer. O caso está no ponto crítico. E não é lícito aos adversários tergiversar por muito tempo, eles que já se transformaram em tanta espécie de coisas que Proteu, em face de tais indivíduos, não teria sido Proteu. Já pretendem a paz comigo mediante a oferta de uma parte considerável. Resolvi, porém, esperar até ao fim, para ser, segundo o provérbio, ou rei ou burro.

Quanto ao mais, espero o trataremos em presença.

E rogo a Deus favoreça todos os vossos projectos e mantenha rijo e fero, para nossa alegria, aquele que é um e único ornamento do orbe inteiro.

Lovaina, 26 de Julho do ano do Senhor de 1533.

O teu bem humilde

Conrado Goclénio[5]

[End.]

Ao príncipe de toda a erudição, Senhor Erasmo de Roterdão. Friburgo.

## **B** XII. BONIFÁCIO AMERBACH **a Damião de Góis**

[Basileia, 1.IX.1533]

Nada é, Damião ilustríssimo, aquilo de que vos dei provas ao tempo da presença vossa. De facto, em que haveria eu sido capaz de obsequiar a quem aqui se demora um dia apenas? Verdadeiramente, pois que, a título de uma obrigação cumprir, tal realçais na carta a mim escrita, reconheço a vossa bondade, que duma pulga faz um elefante, como sói dizer-se; bondade a que, por minha parte, cousíssima nenhuma recuso, se no meu exíguo préstimo puder ser útil em algo digno dos dois.

Acerca do Hispano, tendes razão. Duas vezes proscrito já, o mesmo lhe tornara a suceder, havendo acabado por contrair, em alguns meses de cárceres e devido

De Hispano recte tenes: iam bis proscriptus, tertium redierat; aliquot mensibus in carceribus detentus, ex situ et tenebris nescio quid uitii dementiaeue contraxerat. Id ubi magistratus resciuit, adhibito medico curatus est ex publico; et tandem rectius ualens dimissus, cogitabat is tum[3] Italiam.

Verum an in instituto perstiterit, nondum scire potui. Christophoro[4] illi nomen erat, gentilitium ignoro. Litteris[5] si quas aliquando ad me scripsit, inter crucem adpictam notas aposphragismatis loco subiiciebat S.M.S.C.H. Vir nisi multum fallor praeter uitae integritatem pius ac Reipublicae Christianae optime cupiens.

Clarissime Damiane, si quid praeterea sit in quo tibi morigerari possim, me tuum esse scias, et quidem ex animo.

Bene uale, clarissime uir.

Praepropere Basileae, Calend.[6] Septemb. anno 1533.

[Nom. inscr.]

Bonifatius[7] Amerbachius clarissimo uiro Damiano a Goes.

**B** XIII. ERASMVS ROTERODAMVS

**Erasmo Scheto**

[Friburgi, 23.I.1534]

S.P. Vtinam fasciculus quem ad Titelmannum misisti, uenisset paulo tempestiuius. [...]

Scripsi ut mittas poculum Damiani, cui adiunges munus uxoris, cui nescio quo pacto sim repositurus gratiam.

Haec scripsi per nuntium[1] Coloniensem. Cetera scribam per Hieronymum.

Si uenerit ad te Quirinus Hagius, quodam famulus meus, nulla illum humanitate dignaberis. Est susurro fucatissimus. Vale.

Friburgi, 23 die Ianuarii. Anno a Natali 1534

Erasmus Roterodamus[2] [P.S.]

[Nom. inscr.]

Eximio uiro D. Erasmo Scheto. Antuerpiae[3]

---

**B** XIII. – **Ftt** : T 84$^{r-v}$ aut. Alleng 344-346 Mat 34, ls. 3-5

---

**B** XII. – **3** tum Italiam] tum in Italiam *add. HARTM* **4** Christophoro] Christophorus *VASC MAT* **5** Litteris *MAT* literis *cet.* **6** Calendis Septembris *MAT* Calend. Septemb. *Cet* **7** Bonifacius *omn.*

**B** XIII. – **1** nuncium *omn.* **2** Erasmus Roterodamus] Eras. Rot. *T ALLENG* **3** Antwerpiae *T ALLENG*

à escuridão ou ao lugar, não sei que espécie de falha ou demência. Tanto que o magistrado veio ao conhecimento disso, foi-lhe chamado médico e, a expensas do erário, subministrado tratamento; adquiridas melhoras e deixado por fim em liberdade, alimentava então tenções de partir para Itália. Se todavia manteve o seu propósito, ainda não se me facultou saber.

Chamava-se Cristóvão[1]; o apelido de família ignoro-o. As cartas, que algumas noutro tempo chegou a mandar-me, subscrevia-as com as siglas S.M.S.C.H., colocadas, em lugar de sinete, entre o traçado da cruz. Era, ou grandemente me engano, um homem íntegro de costumes, piedoso e de óptimo interesse pelo bem da Cristandade.

Mui ilustre Damião, a nalguma coisa mais adregar de poder servir-vos, crer-me-eis vosso dedicado de todo o coração.

Adeus, varão ilustríssimo.

À pressa, em Basileia, a 1 de Setembro de 1533

[End.]

Bonifácio Amerbach ao varão ilustríssimo, Damião de Góis.

**B** XIII. ERASMO DE ROTERDÃO
**a Erasmo Scheto**

[Friburgo, 23.I.1534]

Muitas saudações. Oxalá o fascículo que mandastes[1] a Titelmans[2] houvesse chegado um pouco mais cedo. [...]

Escrevi que envieis o copo[3] de Damião, ao qual acrescentareis o presente da esposa, perante quem ignoro de que forma terei ganho consideração.

Esta segue pelo carteiro de Colónia. O resto irá por Jerónimo[4].

Se vier ter convosco Quirino de Haia[5], anteriormente fâmulo meu, não lhe dispenseis qualquer atenção. É um alcoviteito de marca.

Passai bem!

Friburgo, 23 de Janeiro do ano do Natal do Senhor de 1534.

Erasmo de Roterdão, por mão própria.

[End.]

Ao excelente varão Senhor Erasmo Scheto. Antuérpia.

**B** XIV. ERASMVS ROTERODAMVS

**Erasmo Scheto**

[Friburgi, 11.III.1534]

S. P. Per D. Tilmannum a Fossa duos fasciculos abs te recepi. [...] Posterior nihil habebat tuarum litterarum[1], tantum habebat epistolam Graphii[2] non longam et duas e Lusitania, quarum alteram scripserat Damianus a Goes, alteram alius quidam. Praeterea nonnullas alias habebat ille fasciculus. [...]

Ex quo nos reliquit Viglius nihil de illo licuit cognoscere, uiuatne an perierit. Discessit hinc media bruma eaque asperrima. Cupio a te certior fieri si quid illi, quod nolim, accidit.

Si inciderit oportunitas, significa Quirino Talesio epistolam quam tibi commisit una cum linteo quod uxor misit, mihi esse reditam.

Vtor manu aliena, quum molestissima chiragra, aut aliud malum illi simillimum sic occupauit dextrum bracchium[3] ut ne lineolam quidem calamo possim ducere.

Gratum est quod Graphio cito numeraris id quod iussi, quanquam miror eam pecuniam nondum ad manus tuas peruenisse.

De rebus nouis communibus ac priuatis accipies schedam generalem. Carissimae[4] uxori dulcissimisque liberis precor omnia prospera.

Friburgi Brisgoiae[5], quinto Idus Martias anno a Natiuitate Domini M.D.XXXIIII.

Post triduum intumuit manus. Dolor aegre[6] concessit ut subscriberem.

Erasmus Rot.

[Nom. inscr.]

Honorabili uiro D. Erasmo Scheto negociatori Antuerpiensi[7], amico praecipuo. Antuerpiae.

---

**B** XIV. – **Ftt** : T 86r-87v aut$_2$ Alleng 364-366 Mat 35, ls. 2-7, 26-27

---

**B** XIV. – **1** litterarum *T ALLENG MAT* **2** Graphii] *T ALLENG MAT* **3** brachium omn. **4** Charissimae *omn.* **5** Brisgoae *T ALLENG MAT* **6** aegre] egre *T ALLENG* **7** Antwerpiensi … Antwerpiae *T ALLENG*

**B** XIV. ERASMO DE ROTERDÃO
**a Erasmo Scheto**

[Friburgo, 11.III.1534]

Através do Senhor Tilmano de Fossa[1] recebi os dois fascículos que enviastes. No segundo nada se continha de cartas vossas, mas havia uma de Grapheus[2] e duas de Portugal, uma escrita por Damião de Góis e outra por outrem. E ainda estavam nele mais algumas [...].

Desde que Viglio[3] nos deixou, nada me foi possível saber acerca dele, se está vivo ou terá falecido. Foi-se embora de cá a meio de um inverno muito áspero. Desejo que me certifiqueis se algo, oxalá que não, lhe aconteceu.

Se houver oportunidade, informai a Quirino Talésio[4] de que a carta que vos confiou me foi entregue, juntamente com a toalha de linho que a esposa mandou.

Sirvo-me de mão alheia porque molestíssima quiragra ou outro mal muito similar me prendeu de jeito tal o braço direito que nem uma linhazita consigo traçar.

Agradeço haverdes pago sem tardança a Grapheus aquilo que mandei, conquanto me admire que tal quantia não tenha ainda chegado às vossas mãos.

A respeito de novidades, quer comuns quer particulares, recebereis uma resenha geral. Para a vossa caríssima esposa e muito amados filhos peço a Deus todas as prosperidades.

Friburgo de Brisgóvia, a 11 de Março do ano da Natividade do Senhor de 1534.

P.S. – Há três dias inchou-me a mão. A dor dificilmente permitiu que assinasse.

Erasmo de Roterdão

[End.]

Ao muito honrado varão, Senhor Erasmo Scheto, mercador antuerpiense, especial amigo. Antuérpia.

**B** XV. ERASMVS ROTERDAMVS

**Damiano a Goes**

[Friburgi, 11. III.1534]

Gaudeo meam epistolam ad te perlatam, ornatissime Damiane, tibique res aulicas esse ex sententia[1]. Tuam[2] et illius alterius, qui tuo iussu ad me scripsit idque amantissime, seposui in hoc ut responderem, sed hactenus noluerunt ad manus uenire; et interim sic dextram occupauit chiragra, ut ne iota quidem possim[3] ducere[4]. Et tua erat eius generis ut non expediret respondere. Non putaui igitur multum operae[5] in scribendo sumere, dubitans an meae litterae[6] sint te istic[7] offensurae. Alteri scribam breui simul atque dextra mihi reddita fuerit.

Vehementer scire cupio ubi degat et quid agat Resendus noster, quo homine uix umquam expertus sum quicquam candidius, quum de eo nihil sum meritus nec uideo quid umquam mereri possim. Legi carmen quo describit pompam Bruxellae actam ob prolem masculam Regi tuo natam, in quo sic rem omnem depingit et ob oculos ponit, ut multo plus uiderim in poemate quam si praesens adfuissem. Relegi illius epistolam, quam scripsit ex Ratispona, cui tum non respondi, quia motoriam agebat tabulam[8]. Si sciam ubi agat et reddita fuerit dextra, scribam ad illum copiose.

Grapheus adhuc queritur de aduersa ualetudine, cui in solatium iussi illi de meo numerari quinquaginta florenos caroleos. Vir dignus est meliore tum fortuna tum ualetudine.

Bonifatius[9] Amerbachius hodie fuit apud me, sed iam accinctus ad iter. Is iussit ut te suo nomine salutarem et diligenter et amanter. Tuus est ex animo, quemadmodum et Henricus Glareanus, qui an ad te scripturus sit nescio; est enim in musarum negotio[10] occupatissimus.

Bene vale.

Friburgi Brisg., quinto idus Martias anno 1534.

De Pylaepiis[11] facturus eram quod uolebas, sed me fefellit typographus, non in hoc tantum[12]; quod tamen[13] licuit feci: epistolam tuam ad Episcopum curaui uertendam Germanice[14] et addendam libello Germanico[15] uerso qui narrabat oboedientiam[16] regis Aethiopum Pontifici exhibitam.

---

**B** XV. – **Ftt:** T88$^{r-v}$ aut$_2$ Ram 5-7 Alleng 366-367 Vasc 110-111 Mat 36-37

---

**B** XV. – **1** ex sententia] sententia *om. RAM* **2** Tuam] Tua *RAM* **3** possim *om. MAT* **4** ducere] dedurere *RAM* **5** operae] opere *T RAM* **6** literae *omn.* **7** isthic omn. **8** tabulam] fabulam *VASC MAT* **9** Bonifacius *omn.* **10** negotio *VASC MAT* negocio *cet.* **11** Pylaepiis] pylepiis *RAM* Pylapiis *MAT* **12** tantum] tamen *RAM* **13** tamen] tunc *RAM* **14** germanice *omn.* **15** germanico *omn.* **16** obedientiam *nom.*

**B** XV. ERASMO DE ROTERDÃO
**a Damião de Góis**

[Friburgo, 11.III.1534]

Folgo por haverdes recebido a minha carta, prendadíssimo Damião, e por vos correrem de feição as coisas na Corte. Pus à parte a vossa carta e a daqueloutro[1] que, a mandado vosso, mui afectuosamente me escreveu, para lhes dar resposta, mas até agora não quiseram vir-me às mãos; e entretanto a gota atacou-me de tal sorte a direita que nem sequer um jota poderia traçar. Não pensei, aliás, dar-me grande pressa a redigi-la, pela dúvida de que ela vos vá aí encontrar. Ao outro escreverei em breve, logo que a mão direita se restabeleça.

Anseio veementemente saber onde demora e o que faz o nosso Resende, homem em face do qual nunca, a bem dizer, experimentei algo mais caloroso[2], apesar de nada haver merecido dele nem palpitar que algum dia possa tal merecer.

Li a poesia em que descreve os festejos[3] magníficos levados a cabo em Bruxelas pelo nascimento de um filho do vosso Rei, na qual em modos pinta tudo e o coloca diante dos nossos olhos que muito mais vi nesses versos do que se estivera presente.

Reli a carta dele, vinda de Ratisbona; não lhe respondi então porque andava sem mesa fixa. Se souber onde pára e a minha direita se refizer, escrever-lhe-ei delongadamente.

Grapheus[4] ainda se queixa da saúde debilitada. Para alívio, dei-lhe ordem de tirar da minha conta cinquenta florins carolinos. É uma pessoa digna de melhor fortuna e saúde.

Bonifácio Amerbach[5] esteve hoje aqui, mas já apressado para lançar-se ao caminho. Mandou-me que, em seu nome, diligente e amavelmente vos saudasse. É vosso de coração, como também Henrique Glareano[6] que não sei se vos escreverá, pois anda ocupadíssimo com o negócio das musas.

Passai bem!

Friburgo de Brisgóvia, 11 de Março do ano de 1534.

P.S. – A respeito dos Lapões ia fazer o que pretendíeis, mas o tipógrafo faltou-me à palavra e não somente neste particular; contudo, fiz o que era possível: tratei de verter para alemão a vossa carta ao Bispo[7], e de acrescentar, outrossim traduzido, o opúsculo que narrava a obediência do Rei dos Etíopes prestada ao Pontífice.

Chiragra hactenus se remisit, ut aegre potuerim subscribere.

Erasmus Rot. mea manu

[Nom. inscr.]

Clarissimo uiro D. Damiano a Goes Lusitano, S.mi Regis thesaurario. In regia Lusitaniae.

**B** XVI. ERASMVS ROTERODAMVS

**Cornelio Grapheo**

[Friburgi, 13.III.1534]

Damianus exhilarat me, nuntians te et animo et corpore melius habere, atque etiam fortunam esse commodiorem. Me discruciat nouum malum podagra, seu panagra uerius. Adeo pertentat omnes artus, aliunde alio migrans, ut uix unquam detur respirare. Negant esse podagram, sed sui generis esse malum quo nunc hic laborent complures. Vulgo *Such* appellant. Tot cruciatibus tot modis fractum senile corpusculum non poterit diu esse par.

Maxime opus esset aliquo fideli famulo nostrate; nam Germani, sicut poetae, ἀνεύθυνον γένος. Mallem prouectiorem quam adolescentem. Eruditionem nihil moror, modo sciat Latine[2] et scribat utcumque. Dein nullo morbo sit obnoxius, scabiei aut comitiali. Non superstitiosum ferre possum; addictos sectis non fero. Dabitur salarium quantum tu praescripseris, uiginti aut uiginti quatuor floreni Carolei in singulos annos. Pro uestitu huc ut ex liberalitate spontanea aliquid accedat, in ipso situm erit. Quod si mihi aliquid acciderit humanitus, efficiam ut non male collocarit officia sua. Veniat sumptu meo; et si illi forsitan displicebunt omnia, remittetur sumptu meo. Hac de re poteris communicare cum Scheto.

Damianus uidetur, recusato officio quod Rex offert, ad nos reuersurus. Spero illum prudenti usurum consilio.

Tu cura ualetudinem tuam, cui cum uxore et liberis precor omnia laeta.

Datum Friburgi, 3 Idus Martias, anno a Virginis partu 1534.

[Epist. epigr.]

Erasmus Roterodamus eruditissimo uiro Cornelio Grapheo, Antuerpiae, S. P.[3]

---

**B** XVI. – **Ftt**: Erasv 121-122 Erasvi 262-263 Erasvit 362-364 Erepist 1952-1953 Erop 1491-1492 Alleng 269-370 Mat 38, ls. 1-2, 22-28

---

**B** XVI. – **1** nuntians *MAT* nuncians *cet.* **2** latine *omn.* **3** S.P.] S.D. *Erepist*

A gota retornou até agora, de sorte que a custo pude assinar.

Erasmo de Roterdão, por mão própria.

[End.]

Ao ilustríssimo varão Senhor Damião de Góis, português, tesoureiro do Rei sereníssimo. Na Corte de Portugal.

**B** XVI. ERASMO DE ROTERDÃO
**a Cornélio Grapheus**

[Friburgo, 13.III.1534]

Damião alegrou-me ao anunciar que estais melhor de alma e corpo e numa situação[1] um tanto mais cómoda. A mim atormenta-me o novo mal da gota ou podagra, verdadeiramente uma panagra. Invade de tal forma as articulações, vinda lá não sei donde, que por vezes mal me dá ocasião de respirar. Negam que seja a gota, mas um mal peculiar de que agora muitos se queixam por aqui. Vulgarmente chamam-lhe *such*. Com tantas dores e de tantos modos fragilizado, um pobre corpo senil não poderá aguentar por muito tempo.

Haveria a maior urgência de um fâmulo fiel, que fosse da nossa gente, porque alemães, de acordo com o poeta, são *descuidados em contas*[2]. Preferiria pessoa de mais idade a um simples adolescente. Não me interessa a erudição, desde que saiba latim e, naturalmente, escrever[3].

Além disso, não afectado de qualquer enfermidade, nomeadamente a sarna ou a epilepsia. Não consigo suportar um supersticioso nem inscritos em seitas. Dar-se-lhe-á salário na quantia que houverdes ordenado, vinte ou trinta florins carolinos por ano. De vestimenta, é comigo; aqui se tratará pessoalmente, para que algo acresça por minha espontânea liberalidade. E se algo suceder na minha vida, farei com que não sinta por mal empregado o seu serviço. Venha ele à minha custa. E se porventura lhe não aprouver isto, será facultado o regresso, também a expensas minhas. Sobre o caso, podeis falar com Scheto[4].

Damião parece que, recusadas as funções que o Rei lhe oferecia, vai tornar para junto de nós. Espero venha a disfrutar de resolução prudente.

Vós cuidai da saúde e, com a esposa e filhos, Deus vos conceda todas as venturas.

Friburgo, 13 de Março do ano do Parto da Virgem de 1534.

[Epígrafe da Carta]

Erasmo de Roterdão ao eruditíssimo varão Cornélio Grapheus, em Antuérpia, muitas saudações.

**B** XVII. BONIFATIVS[1] AMERBACHIVS
**Basilio Amerbachio**

[«Basileae», 10.IV.34]

Salve, frater.

Libellus Argentoratensis nondum aduenit; simul atque uenerit, mittam.

Cur nunc non libellum Erasmi *De morte* accipis, Dn. Damianus de Goes, regis Lusitaniae thesaurarius, in causa est, qui me hodie per totum diem detinuit, ut etiam haec aegre scribam Munsterhanso nunc ad nauim properante; nec enim ullum exemplar domi habeo.

Hieronymus Frobenius adnuntiat[2] Lutherum acerbissime scripsisse contra Erasmum Latine[3] et eum identidem Arrii filium nominare et seductorem. Libellum non uidi. Cetera cras alio nuntio[4].

Veneris ante Quasimodo Anno 1534

Tuus frater[5]

Bonifatius[6] Amerbachius [P. S.]

[Nom. inscr.]

Basilio[7] Amerbachio fratri carissimo[8]

**B** XVIII. ERASMVS ROTERODAMVS
**Bonifatio[1] Amerbachio**

[«Friburgi», 11.IV.1534]

S. De ualentudine uiderit Dominus. De offensione omitte, quaeso[2], ἀνεμώλια.

Citius mihi diffiderem quam tibi. Sunt quae in tuum aduentum differo.

---

**B** XVII. – **Ftt:** H160$^{r-v}$ cop. Hartm 264 Mat 39-40, ls. 1-9, 14-17
**B** XVIII. – **Ftt**: O 57$^{r-v}$ aut. Alleng 374-375 Hartm 265 Mat 40, ls., 5-10

---

**B** XVII. – **1** Bonifacius *omn.* **2** adnunciat *omn.* **3** latine *omn.* **4** nuncio *omn.* **5** tuus fr. Bonif. Amerb. *H HARTM* **6** Bonifacius *omn.* **7** Basilio… carissimo *om.* HARTM **8** carissimo *MAT* charissimo *cet.*

**B** XVIII. – **1** Bonifacius *omn.* **2** quaeso] queso *O ALLENG*

**B** XVII. BONIFÁCIO AMERBACH
**a Basílio Amerbach**

[«Basileia», 10.IV.1534]

Viva, meu caro irmão![1]

O opúsculo de Estrasburgo[2] ainda não chegou; logo que chegue, enviá-lo-ei.

O facto de não receberes agora o de Erasmo *Acerca da morte*[3] deve-se ao Senhor Damião de Góis, tesoureiro do monarca português, que hoje me deteve durante o dia inteiro, de sorte que a custo é que escrevo estas coisas, com Munsterhans[4] cheio de pressa para o barco, e além disso não tenho nenhum exemplar em casa.

Jerónimo Froben[5] informa que Lutero escreveu, em latim, durissimamente contra Erasmo, a quem não pára de chamar filho de Ario e sedutor. Não vi o libelo. O resto amanhã, por outro correio.

Sexta-feira antes do Quasímodo, no ano de 1534.

Teu irmão

Bonifácio Amerbach, por mão sua.

[End.]

Bonifácio Amerbach a seu irmão caríssimo.

**B** XVIII. ERASMO DE ROTERDÃO
**a Bonifácio Amerbach**

[«Friburgo», 11.IV.1534]

Passai bem! Quanto à minha saúde, o que Deus quiser. A respeito do encontro, por favor omite *as vacuidades*. Mais rapidamente desconfiaria de mim do que de vós. Há assuntos que adio para a vossa chegada.

As dores estão passadas, o estômago enlanguesce. Isto não é novidade.

Cruciatus absunt, stomachus languet. Hoc nouum non est.
Damianus istic[3] adest. Cetera coram. Vale.
Mox a prandio. XI. Aprilis Anno 1534.

Erasmus uere tuus [P. S.]

[Nom. inscr.]

Clarissimo[4] D. Bonifatio[5] Amerbachio. Basileae

**B** XIX. ERASMVS ROTERODAMVS

**Damiano a Goes**

[Friburgi, 11.IV.1534]

Prandenti oblatae sunt tuae litterae, uir amicissime. Mox a prandio scripsi praeter solitum, properante nuntio[1]. Quod tam magnifica reliqueris, precor ut sit felix faustumque. Ego totus sum tuus.

Valetudo est afflicta, cui seruire[2] cogor. Tradam tibi partem domus satis elegantem ac semotam, ubi uiuas uitam anachoreticam. Quod si mea non placebit, comites a Renneberg fecerunt partem domus uacuam, in qua prius habitaui. Habebis Erasmum paratum ad omnia. De uestibus non magni refert, istic[3] noues an hic. Cetera[4] coram. Vale, uir amicisime.

Friburgi, 11. Aprilis, Anno[5] 1534.

Bibemus de poculo tuo, quod perendie aduehetur.

Quandocumque uenies, inuenies paratum locum. Opinor te nolle alere equos. Stabulum[6] habemus elegans, sed occupatum. Etiam atque etiam uale.

[Epist. epigr.]

Erasmus Roterodamus clarissimo iuueni Damiano a Goes Lusitano S.P.

**B** XIX. – **Ftt**: Erasv 122-123 Erasvi 263-264 Erasvit 364-365 Erepist 1953 Erop 1492 Vasc 74-75 Alleng 374 Mat 41

**B** XVIII. – **3** isthic *omn.* **4** Clarissimo… Basileae *om. HARTM* **5** Bonifacio *omn.*

**B** XIX. – **1** nuntio *MAT* nuncio *cet.* **2** servirer *VASC* **3** istic *MAT* isthic *cet.* **4** cetera *MAT* caetera *cet.* **5** Anno *om. MAT* **6** Stabulum *om. ERASV.*

Damião[1] encontra-se aí. O resto em presença. Adeus.
Logo após o almoço, em 11 de Abril do ano de 1534.

Erasmo verdadeiramente vosso, por mão própria.

[End.]

Ao ilustríssimo Senhor Bonifácio Amerbach. Basileia.

**B** XIX. ERASMO DE ROTERDÃO
**a Damião de Góis**

[Friburgo, 11.IV.1534]

Vossa carta, amigo caríssimo, encontrou-me no almoço. Findo este e contra o costumado, escrevo já, que aperta o correio.

Faço votos por que seja feliz e venturoso o haverdes deixado tão magníficas coisas.

Eu sou todo vosso. A saúde está abalada, e vejo-me obrigado a atender-lhe. Ceder-vos-ei a parte asseada bastante, e retirada, da casa, onde leveis vida anacorética. E em vos não agradando a minha, os condes de Rennenburg[1] puseram disponível a secção do palácio em que eu antes habitei. Tereis Erasmo preparado para tudo.

No atinente a vestes não interessa sobremaneira. Renová-las-eis lá ou aqui.

O resto à vista.

Adeus, prezadíssimo amigo.

Friburgo, 11 de Abril do ano de 1534.

P.S. – Beberemos pelo vosso copo[2], que vai chegar depois de amanhã. Quando quer que venhais, achareis pronto o lugar. Presumo não quererdes conservar os cavalos. Bela estrebaria temos, mas ocupada. Uma e muitas vezes: Passai bem!

[Epígrafe da Carta]

Erasmo de Roterdão ao ilustríssimo jovem Damião de Góis, português, muitas saudações.

**B** XX. [ERASMVS ROTERODAMVS
**Erasmo Scheto]**

[Friburgi, 23.IV.1534]

Vxoris tuae benignitas mihi magnam iniecit solicitudinem quae me tam splendido munere donarit. Vtinam licuisset istic[1] accipere. Veneram in bonam spem ad Calendas Apriles. Verum hic aestus praeposterus ac perpetuus me grauius afflixit quam brumale frigus, nec me solum sed alios complures. Vix praeterierint decem dies, quum sceleratus cruciatus inuasit laeuam partem capitis, colli, umerum[2] et bracchium[3], ibique haeret[4] quasi permansurus. Si Brabantia non abesset longius quam itinere quatridui, vel lectica curarem me istuc[5] deportandum. Adeo me taedet[6] huius regionis.

Sunt istic[7] a quibus putant mihi cauendum. Verum hic plus imminet periculi. Sentio capitaliter in me conspiratum. Luterus uelut tubicen huius belli emisit epistolam omnibus furiis furiosiorem et plus quam parrricidiale odium spirantem, refertam calumniis ac mendaciis. Spes est in armis. Et interim Caesar uenatur in Hispania. Qui nisi redeat in Germaniam, periculo est ne uideamus hic funestam rerum faciem. [...]

Remitto ad te epistolam tuam ad Comites a Renneberg, quod nescio ubi nunc sint. Discesserant octo diebus priusquam uenirent tuae litterae[8]. [...]

Cupio te cum omnibus tibi caris[9] quam prosperrime ualere, amicorum sincerissime[10].

Datum Friburgi, 23 die Aprilis 1534.

Erasmus Rot. tuus.

Agit apud me in aedibus[11] meis egregius iuuenis Damianus a Goes, sed ob infirmam ualetudinem meam diuidimur mensa. Quo nomine praecipue irascor morbo meo.

[Nom. inscr.]

[Cursuali inscriptione haec epistola caret]

**B** XX. – **Ftt:** T 90$^{r-v}$ aut. Alleng 377-8 Mat 42, ls., 24-31

**B** XX. – **1** isthic *omn.* **2** humerum *omn.* **3** brachium *omn.* **4** haeret] heret *T ALLENG* **5** isthuc *omn.* **6** taedet] tedet *T ALLENG* **7** istic *T ALLENG* isthic *cet.* **8** littere *T ALLENG* **9** charis *omn.* **10** syncerissime *omn.* **11** edibus *omn.*

**B** XX. [ERASMO DE ROTERDÃO
**a Erasmo Scheto**]

[Friburgo, 23.IV.1534]

A benignidade de vossa esposa suscitou-me grande comoção por me distinguir com oferta tão esplêndida. Oxalá eu pudesse tê-la recebido aí. Chegara eu a boas expectativas pelas Calendas de Abril. Mas aqui o calor intempestivo e continuado incomoda-me mais do que o frio de inverno, e não só a mim como a muitos outros. Mal terão passado dez dias quando a dor malvada invadiu o lado direito da cabeça, pescoço, ombro e braço, fixando-se ali quase permanentemente. Se o Brabante não distasse acima de quatro dias de caminho, até de liteira eu cuidaria de me fazer transportar, a tal ponto me aborrece esta região.

Há aí quem julgue dever acautelar-se de mim. Aqui, porém, maior perigo me ameaça. Sinto que conspiraram tirar-me a vida. Lutero, como trombeteiro desta luta, lançou uma carta mais furiosa que todas as fúrias e trasvasante de ódio mais que parricidial, repleta de calúnias e mentiras. A esperança está nas armas. Entretanto César caça em Espanha. A não ser que regresse à Alemanha, há o perigo de vermos a face funesta das coisas. […]

Remeto-vos a vossa carta aos condes de Rennenburg[1], pois ignoro onde se encontram agora. Saíram oito dias antes de a mesma cá chegar. […]

Desejo-vos a melhor saúde, na companhia de todos os que vos são caros, ó meu mais leal dos amigos.

Dada em Friburgo, a 23 de Abril de 1534.

Vosso, Erasmo de Roterdão.

P.S. – Vive aqui em minha casa o preclaro jovem Damião de Góis; contudo, devido à minha saúde precária, a mesa nos separa. Uma razão para sobremodo me irritar com esta doença.

[End.]

Não tem qualquer endereço.

**B** XXI. ERASMVS ROTERODAMVS

**Erasmo Scheto**

[Friburgi, 11.V.1534]

S. P. Accepi litteras quas ad me ac Damianum e Colonia misit famulus tuus. Eodem die eadem de re recepimus ambo litteras e Lutetia.

Libellos tam sero ad te uenire doleo. Luterus plane uidetur uersus in furorem. Non pudet illum tam manifesta mandacia per orbem spargere. [...]

Tibi cum omnibus tibi caris[1] precor omnia laeta[2].

Datum apud Friburgum Brisg. XI die Maii 1534.

Erasmus Rot. mea manu.

[Nom. inscr.]

Ornatiss. uiro Erasmo Scheto negotiatori[3]. Antuerpiae

**B** XXII. BONIFATIVS[1] AMERBACHIVS

**Damiano a Goes**

[ «Basileae», c. 4.VI.1534]

S.P. Clariss. Damiane. Si ducatos Hispanos habes, quos alioqui in usum cottidianum exponere cogeris, ut quindecim aut sedecim duplices, aut quot uolueris, ad me mittere ne graueris rogo, qui eo ualore, quo istic[2] exponis, moneta nostra aut, si mauis, florenis Rhenensibus redimere paratus sum, dum[3] quanti aestimes, hoc nuntio[4] significaueris; sed et eidem si numeraueris, mea fide esse iubeo.

Ego quidem his usurus non sum, sed socer meus, cuius nomine scribo per hunc suum famulum; per quem si miseris, ut summa, missae respondens, bona fide et quam primum ad te redeat curabo. Tu modo indicaturam et aurone[5] an

**B** XXI. – **Ftt**: T 92$^{r}$ aut. Alleng 384-385 Mat 43, ls. 1-3, 7-10
**B** XXII. – **Ftt**: F 177 cop. Hartm 281 Mat 43-44

**B** XXI. – **1** caris *MAT* charis *cet.* **2** leta *T ALLENG* **3** negotiatori *MAT* negociatori *cet.*

**B** XXII. – **1** Bonifacius *omn.* **2** isthic *omn.* **3** dum quanti aestimes] dum indicaturam et quanti aestimes *add HARTM MAT* **4** nuncio *omn.* **5** auro ne *F HART MAT*

**B** XXI. ERASMO DE ROTERDÃO
**a Erasmo Scheto**

[Friburgo, 11.I.1534]

Muitas saudações! Recebi as cartas que para mim e Damião de Góis enviou de Colónia o vosso fâmulo. No mesmo dia e sobre o mesmo assunto, recebemos ambos cartas de Paris[1].

Lamento os opúsculos terem-vos chegado tão tarde. Lutero parece completamente atacado de fúria. Não se envergonha de espalhar pelo mundo tão patentes mentiras. […]

Desejo-vos e a todos os que vos são caros todas as venturas.

Dada em Friburgo de Brisgóvia, a 11 de Março de 1534.

Erasmo de Roterdão, por mão sua.

[End.]

Ao prendadíssimo varão Erasmo Scheto, mercador. Antuérpia.

**B** XXII. BONIFÁCIO AMERBACH
**a Damião de Góis**

[«Basileia», c. 4.VI.1534]

Muitas saudações. Ilustríssimo Damião, se tendes ducados hispânicos[1] que, de resto, sois obrigado a despender na vida quotidiana, peço-vos que não vos seja pesado remeter-me quinze ou dezasseis duplos, ou quantos quiserdes, os quais eu estou preparado para cambiar pelo valor com que aí deles dispondes, em moeda nossa[2] ou, caso prefirais, em florins do Reno. Indicareis a este correio em quanto os avaliais; mas, se a ele os entregardes, mando que seja à minha responsabilidade.

Eu não vou realmente servir-me deles, mas o meu sogro, em cujo nome escrevo por este seu fâmulo, através de quem, se os mandardes, procurarei que a soma correspondente à enviada vos seja entregue em segurança e sem demora. Vós agora explicai se quereis fazer o câmbio em ouro ou prata, e até em pequenas moedas. Se porventura não sentirdes necessidade destas trocas, então não peço nada.

argento et uel in paruis permutare uelis, rescribito. Nisi alioqui permutaturus esses, non peto.

Bene uale et de Amerbachio tibi nihil non pollicetur[6].

[Nom. inscr.]

[Inscriptione caret cursuali]

**B** XXIII. GILBERTVS COGNATVS
**Bonifatio[1] Amerbachio**

[Friburgi. 4. VI. 1534]

S.P. Pro litteris[2] ad me tuis, clarissime doctor, gratiam habeo maximam.

Dominus Erasmus aliquot iam dies meliuscule ualet, cuius ad te litteras[3] tuis responsum nunc mitto. Damianus autem statim a tuo discessu hinc peregre abiit, sed breui rediturus[4]. Qui ubi redierit, per me ilico Excellentiae tuae epistolam recipiet. Epistolam uero ad Comites tuam proximo[5] nuntio[6] primum una cum Erasmi litteris[7] sub communi tunica Coloniam curaui perferendam.

Mitto ad te libellum Iammetii in regulas iuris ciuilis, si forte noui aliquid uidere cupis. Fasciculum litterarum[8] ad doctissimum uirum D. Grynaeum Triblemanno commisi; quem non satis is nosse uidebatur. Quare etiam atque etiam rogo ut per famulum tuum D. Grynaeo significes, Triblemanno in manibus esse ad ipsum litteras[9].

Hic quotidie audimus tympana, tubas et bombardas, nec quisquam satis nouit quid agatur. Exitum Deus nouit.

Bene uale, praeceptor[10] doctissime et domine animo meo carissime[11]; Cognatumque tuum amare perge.

Datum Friburgi; IIII. die Iunii, Anno a Ressurrectione Christi M. D. XXXIIII.

Totus tuus tuique amantissimus seruulus Gilbertus Cognatus Noserenus.

Commenda me diligenter D. Grynaeo[12], quaeso.

[Nom. inscr.]

Ornatissimo[13] doctissimoque domino D. Bonifatio[14] Amerbachio, Iurisprudentiae professori, praeceptori ac patrono suo plurissimum obseruando. Basileae.

---

**B** XXIII. – **Ftt**: K 132$^{r-v}$ Hartm 274-5 Mat 44-45. ls, 1-7, 21-30

---

**B** XXII. – **6** pollicetur *MAT* pollicetor *cet.*

**B** XXIII. – **1** Bonifacio *omn.* **2** litteris *MAT* literis *cet.* **3** litteras *MAT* literas *cet.* **4** redditurus *K* **5** proximo nuncio primum una cum *K* [primum] *HARTM* **6** nuncio *omn.* **7** literis *cet.* **8** litterarum *MAT* literarum *cet.* **9** litteras *MAT* literas *cet.* **10** preceptor *K HARTM* **11** charissime *omn.* **12** Gryneo *K HARTM* **13** Ornatissimo… Basileae *om. HARTM* **14** Bonifacio *omn.*

Passai bem e do vosso Amerbach tudo se vos promete.

[Epígrafe da Carta]

Bonifácio Amerbach a Damião de Góis, muitas saudações.

**B** XXIII. GILBERTO COGNATO
**a Bonifácio Amerbach**

[Friburgo, 4.VI.1534]

Muitas saudações! Gratíssimo fico[1], ilustríssimo Doutor, pela vossa carta.

O Senhor Erasmo, de quem agora envio carta de resposta à vossa, encontra-se desde já há dois dias um pouco melhor de saúde. Damião, porém, imediatamente após a vossa saída, partiu daqui em passeio, mas regressará em breve. Logo que cá torne, receberá sem demora a carta de Vossa Excelência. Quanto à carta para os condes, essa curei, antes de mais, de que fosse levada por recente correio, juntamente com uma de Erasmo e sob a mesma envoltura, para Colónia.

Envio o opúsculo de Jamécio[2] sobre as regras do Direito Civil, se acaso algo de novo desejar ver. Um facísculo de cartas para o homem doutíssimo que é o senhor Grineu[3] confiei-o a Triblemann, a quem este parecia não conhecer muito bem. Por isso, uma e mais vezes vos rogo que pelo vosso fâmulo informeis o senhor Grineu de que Triblemann tem em seu poder cartas para ele.

Aqui todos os dias ouvimos tambores, tubas e bombardas e ninguém sabe a sério do que se trata. O fim sabe-o Deus.

Passai bem, doutíssimo preceptor e senhor meu caríssimo; e continuai a distinguir afectuosamente o vosso Cognato.

Dada em Friburgo, a 4 de Junho do ano da Ressurreição de Cristo de 1534.

Todo vosso e humilde servo afeiçoadíssimo, Gilberto Cognato Nozereno.

P.S. – Recomendai-me diligentemente, por favor, ao senhor Grineu.

[End.]

Ao preclaríssimo e doutíssimo senhor D. Bonifácio Amerbach, professor de Direito, seu preceptor e patrono digno da maior consideração. Basileia.

**B** XXIV. CONRADVS GOCLENIVS

**Damiano a Goes**

[Louanii, 10.VI.1534]

Sicine[1] tu, mi Damiane humanissime, te proripis e Friburgo uelut canis e Nilo? Et Erasmum nostrum, qui te non minore omnium disciplinarum cultu ornare potuit quam ipse Nilus totam Aegyptum fecundat[2], tam repente deserere in animum inducis, praesertim cum sitim discendi nondum expleueris? Quid autem tota Italia tibi praestare poterit, quod non multo cumulatius suppeditet unus Erasmus?

Nec te aliud iudicare certo scio, ac animo sanequam[3] dolente causam mutandae sedis tibi iucundissimae[4] intellexi. Dii autem superi et inferi malis exemplis perdant illos crocodilos, hyaenas[5] et aspides, qui uirulentis linguis a tam optata condicione[6] quam per tot pericula petiuisti, te extrudunt.

Patauii neminem habeo cui te uelim commendare. Quod si apud Patauios te ulla commendatione indigere arbitraris, est tibi ad manum nostri saeculi[7] Liuius, qui te non solum Patauinis, sed quotquot sunt per uniuersum orbem uiris doctis facile commendatissimum efficere possit.

Porro gratiam habeo maximam, ac pro indubitato coniunctissimi animi interpretor argumento, quod me de rebus tuis omnibus certiorem reddere uoluisti. Gratius ex ipso fonte bibuntur aquae. In ceteris[8] non dubito quin ita sis attemperaturus studia tua, ne de nihilo condicionem[9] apud florentissimum Regem, ut uulgus putat beatissimam et multis tam optatam philologiae et sapientiae amore, deseruisse uidearis.

Oroque, ut si quando dabitur opportunitas, me etiam de reliquo peregrinationis tuae certiorem facias. Item si quid boni habes de Resendio nostro, nihil maiore cum uoluptate audiemus. Bene vale.

Louanii, 10. Iunii, Anno 1534.

[Epist. epigr.]

Conradus Goclenius Damiano a Goes S.P.

---

**B** XXIV. – **Ftt**: Gop $c_2^v$-$c_3^v$ Vasc 15-16 Mat 45-46

---

**B** XXIV. – **1** Siccine *omn.* **2** foecundat *omn.* **3** sanquam *GOP MAT* saneque *VASC* **4** iucundissime *VASC* **5** hyenas *omn.* **6** conditio *omn.* **7** saeculi *MAT* seculi *cet.* **8** ceteris *MAT* caeteris *cet.* **9** conditionem *omn.*

**B** XXIV. CONRADO GOCLÉNIO
**a Damião de Góis**

[Lovaina, 10.VI.1534]

Então tu, meu bondosíssimo Damião, escapulires-te de Friburgo que nem um cão no Nilo? Mete-se-te na cabeça desamparar assim de repente o nosso Erasmo, que ganharia prover-te de uma cultura de todas as ciências não inferior ao mesmo Nilo, que fecunda o Egipto inteiro, e tanto mais quando não havias saciado ainda a tua sede de aprender? Que alcançará dar-te a Itália toda que Erasmo, sozinho, não consiga e em muito maior abundância?

Aliás eu sei bem não ser outra a condição tua, da mesma forma que, de coração sem dúvida pesaroso, à maravilha entendi a razão de me ires trocar domicílio. Os numes do céu e dos infernos punam rudemente esses crocodilos, hienas e víboras, que com a virulência de suas línguas te expulsam de uma tão desejada situação, adquirida à custa de tantas dificuldades.

Em Pádua não tenho ninguém a quem possa recomendar-te. Mas, se vês necessitar de qualquer recomendação junto dos paduanos, está-te à mão o Lívio do nosso século[1], o qual é capaz de arranjar-te isso facilmente e com o melhor resultado, não só entre os dessa cidade, senão também entre os demais varões doutos que conta o mundo universo.

Com tudo isto, agradeço penhoradíssimo, interpretando-o em sinal indubitável da mais estreita amizade, o haveres querido informar-me sobre todas as tuas coisas. De mor prazer se bebe água na própria fonte.

Quanto ao resto, convencido me fico de que vais aos estudos aplicar-te de maneira a que não pareça que de nada aproveitou a tua condição junto do Rei florentíssimo, a qual, deveras feliz, como o vulgo a reputa, é de muitos cobiçada por amor da literatura e da ciência.

E finalmente peço-te que, em uma ou outra vez acontecendo sazão, me faças sabedor dos mais eventos das tuas andanças. Também, caso tenhas do nosso Resende algo de interesse, nada ouviremos com deleite maior.

Adeus.

Lovaina, 10 de Junho do ano de 1534.

[Epígrafe da Carta]

Conrado Goclénio a Damião de Góis, muito saudar.

**B** XXV. ERASMVS ROTERODAMVS

**Erasmo Scheto**

[Friburgi, 11.VI.1534]

S.P. Paulo commodior nunc est ualetudo, ac propemodum ausurus eram me itineri committere, ni Germaniae principes hanc fuissent orsi fabulam; quae cuiusmodi sit exitum habitura Deus nouit.

Litteras[1] quas Damiani causa miseras accepi. Ego semper putaui illum cum bona gratia suorum reliquisse patriam. Suasi tamen ut obtemperet amicorum consiliis, quod facturus est. [...]

Hanc epistolam oro ut lectam concerpas. Nam monstrum illud minitatur actionem ubi redierit. Vale.

Friburgi, XI. die Iunii. 1534

Agnoscis manum uere tui.

[Nom. inscr.]

Egregio uiro D. Erasmo Scheto, amico et patrono meo singulari. Antuerpiae[2].

**B** XXVI. BONIFATIVS[1] AMERBACHIVS

**Damiano a Goes**

[Basileae, «c. 17.VII.1534»]

S.P. Singularis tui in me candoris geminum unis littris[2] edidisti, et quod Friburgum reuersus ad primam occasionem etiam ocreatus adhuc responderis, et quod petenti morem gerere non dedignaris, quorum alterutro[3] quid me (sicubi tua causa interpeller) facere conueniat edoceor. Si certe mea opella quid possum aut ualeo, pari studio et uoluntate nihil detrecto.

Itaque sedecim duplices ea lege peto, si alioqui in penum atque adeo usum cottidianum expositurus es; nec enim ego eos tibi uenales facere uolo. Proinde

**B** XXV. – **Ftt**: N 47$^{r-v}$ aut. Allenga 4-5 Mat 47, ls. 5-8, 11-15
**B** XXVI. – **Ftt**: F 117$^{r}$ cop., 216$^{r}$ cop. Mat 48-49

**B** XXV. – **1** Litteras *MAT* literas *cet.* **2** Antwerpiae *N*

**B** XXVI. – **1** Bonifacius *omn.* **2** litteris *MAT* literis *cet.* **3** alterutro] alter utro *F MAT*

**B** XXV. ERASMO DE ROTERDÃO
**a Erasmo Scheto**

[Friburgo, 11.VI.1534]

Muitas saudações! A saúde anda, ao presente, um pouco mais a jeito e quase ia acometer-me ao caminho se os príncipes da Alemanha não houvessem originado esta trapalhada, cujo fim que virá a ter só Deus sabe.

Recebi a carta que enviáreis por causa de Damião[1]. Eu sempre supus que ele tivesse deixado a pátria com boa graça dos seus. Aconselhei-o, no entanto, a obedecer aos conselhos dos amigos, o que aliás vai fazer. [...].

Peço-vos que, após a leitura desta carta, a destruais. É que esse monstro ameaça agir, logo que esteja de volta.

Friburgo, 11 de Junho de 1534.

P.S. – Conheceis a mão do verdadeiramente vosso.

[Endereço]

Ao varão egrégio, senhor Erasmo Scheto, meu amigo e protector singular. Antuérpia.

**B** XXVI. BONIFÁCIO AMERBACH
**a Damião de Góis**

[Basileia, <c. 17.VII.1534>]

Muitas saudações!

A vossa singular deferência para comigo produziu duplo efeito com uma só carta, por um lado porque, regressado a Friburgo, respondestes logo, mesmo sem tirar os grevas[1]; por outro, porque não vos dedignastes de atender ao peticionário, a cada um dos quais (se por vossa causa for eu interpelado) fico advertido do que convém fazer. Se, na verdade, em meus poucos préstimos, algo posso ou valho, em nada faltarei com igual dedicação e vontade.

Nesta ordem de ideias, solicito dezasseis duplos ducados na condição de abrirdes mão deles para alimentação e até para o uso quotidiano, porquanto não quero forçar-vos a vendê-los. Por isso, ser-me-á grato que epistolarmente me ponhais inteirado a respeito do câmbio, isto é, qual o preço de cada um; e se preferis permutá-los por florins de ouro ou por moeda corrente. É que

indicaturam, hoc est, quanti singulos aestimes et florenisne[4] aureis an moneta currente permutare malis, litteris[5] tuis intellexisse propterea gratum erit, quod intra decem aut quatuordecim dies dominum Erasmum inuisurus pecuniam ipse mecum adferre institui, qua eos abs te in numerato redimere possim.

Bene uale, clarissime uir, et per hunc (quod sine molestia tua fiat) rescribo. Basileae.

[Epist. epigr.]

Bonifatius[6] Amerbachius Damiano a Goes S. P.

**B** XXVII. BONIFATIVS[1] AMERBACHIVS

**Damiano a Goes**

[«Basileae. c. 19.VII.1534»]

S. P. Iuuenem tuum domi meae retinuissem, si eum nominatim a te huc missum in tempore intelligere potuissem. Verum lectis tuis litteris iam ad Frobenium properuit[2], apud quem, ut audio, etiam inuitatus manere noluit.

Ceterum quod ad ea quae scribis pertinet, principio ad litteras tuas priores ductu Gilberti missas respondi nudiustertius. Respondi me, si alioqui ducatos duplices expositurus es, petere sedecim, quos auro uel moneta abs te redempturus sum, modo indicationem, hoc est, quanti singulos aestimes[3], cognouero. Et quia dom. Erasmum inuisurus sum, de aestimatione[4] admonitus mecum pecuniam accipere institueram, qua Graeca[5] fide, hoc est in numerato, tibi pro his satisfacerem. Verum cum interim solum uertere cogeris atque istinc proficiscendi consilium inieris, puto te hic transiturum. Id si ita instituisti, expectabo te hic. Sin huc iturus non es, rescribe quaeso, ut profectionem meam istuc accelerare possim. Consultius autem puto et ex re tua, si huc ueneris, cum propter itineris commoditatem, tum quod quidam mihi iam promiserint odoiporicum[6], quo instructus quam commodiss<im>e Patauium uenire possis.

Proinde de sarcinis allocutus sum Bebelium, qui frequenter libros Venetias mittit et nunc propediem, ut dicit, missurus est. Allocutus sum et alios. Consulunt

---

**B** XXVII. – **Ftt:** F 216$^{v}$ cop Hartm 285 Mat 51-52

---

**B** XXVI. – **4** florenisne] florenis ne *F MAT* **5** litteris *MAT* literis *cet.* **6** Bonifacius *omn.*

**B** XXVII. – **1** Bonifacius *omn.* **2** properaui F **3** estimes *F HARTM* **4** estimatione *F HARTM* **5** graeca **6** odeporicum *F HARTM*

tencionando eu visitar, dentro de dez a catorze dias, o Senhor Erasmo, resolvi levar tal quantia comigo para os poder pagar.

Passai bem, varão ilustríssimo. Respondo por este correio (o que oxalá não seja em desagrado vosso).

[Epígrafe da Carta]

Bonifácio Amerbach a Damião de Góis, muito saudar.

## **B** XXVII. BONIFÁCIO AMERBACH **a Damião de Góis**

[«Basileia», c. 19.VII.1534]

Muitas saudações! Teria demorado o moço vosso em minha casa se houvera percebido que em boa ocasião o mandastes designadamente para cá. Contudo, mal li a carta que enviastes, apressou-se logo em direcção a Froben[1], junto de quem, segundo ouvi, apesar de convidado também não quis ficar.

De resto, pelo que toca àquilo que escreveis, antes de mais já respondi anteontem à vossa primeira carta trazida por Gilberto[2]. Nela escrevi que, se acaso ides abrir mão dos duplos ducados, eu solicitava dezasseis que saldaria em ouro ou moeda[3], desde que fosse inteirado do câmbio, isto é, de em quanto avaliáveis cada um. E porque vou visitar o senhor Erasmo, tinha resolvido levar comigo a quantia com a qual à laia grega, isto é, em dinheiro de contado vo-los pagaria. Como, porém, sois obrigado entretanto a mudar de terra e resolvestes partir daí, suponho que passareis por cá. Se assim decidistes, aqui vos aguardarei; caso contrário, respondei-me, por favor, a fim de eu acelerar para aí a minha deslocação. Julgo no entanto mais aconselhável e do vosso interesse se por cá vierdes, quer pela comodidade do trajecto quer pela promessa que certos me fizeram de um guia para a viagem, através de cujas instruções possais caminhar até Pádua o mais confortavelmente possível.

Nesse sentido, falei acerca das bagagens com Bebel, que frequentemente manda livros para Veneza e agora, segundo diz, vai mandar em breve. Falei ainda com outros. São todos de opinião que acondicioneis as coisas numa só mala mediana ou, se não conseguirdes, em duas. Protestam todos a sua ajuda e preocupação a fim de que possam chegar a Veneza.

omnes ut in unum uas mediocre aut, si non possis, in duo mediocria componas[7]. Testantur omnes operam suam, sese curaturos ut Venetias peruenire possint.

Sed et ipse Bebelius intra dies quinque aut sex [Campidunum] profecturus itineris partem conficiet, nempe Campidunum usque, si interim tua conclamare potes. Promittit se tibi comitem.

[Epist. epigr.]

Bonifatius[8] Amerbachius Damiano a Goes S. P.

**B** XXVIII. VLRICVS ZASIVS

**Erasmo Roterodamo**

[«Friburgi», 27.VII.1534]

Sese commendat. Quia minuit praesentia famam et ultro mihi[1] compluria sint negotia, simul et ualetudine solita infestor, fac, si, me amas, adulescentem ne me uisitet. Domi contineto.

Denique, cum ualetudo aurium in dies magis gliscat, quid lucri faceret si cum multa mecum loqueretur, ego non nisi per interpretem respondere possem?

Vale. De nuntio[2] Augustano, si quis appetierit, curabo.

Ex aedibus[3] et adeo ex mensa, crastina post Annae[4] etc. Anno etc. XXXIIII.

Tuus Zasius.

[Nom. inscr.]

Ad magnum Eras., dominum et praeceptorem obseruantiss.

---

**B** XXVIII. – **Ftt**: L 25$^r$ aut. Först 251 Allenga 18 Mat 54

---

**B** XXVII. – **7** compones *F HARTM* **8** Bonifacius *omn.*

**B** XXVIII. – **1** mihi] michi *L FÖRST ALLENGA* **2** nuntio *MAT* nuncio *cet.* **3** edibus *L FÖRST ALLENGA* **4** Anne *L FÖRSTEM ALLENGA*

Mas mesmo o próprio Bebel[4], dentro de cinco ou seis dias, vai realizar parte da viagem, isto é, até Kempten[5], se é que entretanto podeis aprontar tudo. Promete ser companheiro vosso.

[Epígrafe da Carta]

Bonifácio Amerbach a Damião de Góis, muitas saudações.

**B** XXVIII. ULRICO ZÁSIO
**a Erasmo de Roterdão**

[«Friburgo», 27.VII.1534]

Recomenda-se. Visto que a presença diminui a fama e, além disso, me vejo rodeado de numerosos afazeres, com as limitações da costumada precariedade da saúde, fazei, se me quereis bem, por que o jovem[1] me não visite. Fique aí em casa.

Afinal, atendendo ao estado dos meus ouvidos, dia a dia de mal a pior, que lucro é que tirava de larga conversação comigo que tão-somente por intérprete poderia responder-lhe?

Passai bem. Quanto ao correio de Augsburgo, se algum por aqui passar, estarei atento.

Da sua casa e até da mesa, no dia seguinte a Santa Ana, do ano de 1534.

O vosso Zásio.

[End.]

Ao grande Erasmo, senhor e preceptor da maior consideração.

**B** XXIX. ERASMVS ROTERODAMVS

**Erasmo Scheto**

[Friburgi. 30.VII.1534]

S. P. Fasciculum litterarum quem Argentoratum miseras per Conradum Ioannem[1] accepi. Damiano suas tradidi. Is nunc ad iter Italicum accinctus est, bonis ut spero auibus.

Me in hoc aestu sic impetiit morbus meus ut finem sperauerim. Sed Deo nondum ita uisum est. Dominus est. Faciat quod bonum est in oculis ipsius. Qui nisi dederit aliam ualetudinem, etiamsi tantum iter esset bidui, non auderem hoc corpusculum profectioni committere. Imo uix semel intra tres menses licet prodire domo. [...]

Optimae coniugi tuae dulcissimisque liberis salutem plurimam.

Datum Friburgi 3 Cal. Augusti 1534.

[Nom. inscr.]

Eximio uiro D. Erasmo Scheto, negotiatori[2].
Antuerpiae[3].

**B** XXX. ERASMVS ROTERODAMVS

**Petro Bembo**

[Friburgi 16.VIII.1534]

Vereor ne iam dudum frontem in me desideres, Bembe doctissime, qui te toties interpellem petacibus litteris meis. Nuper pudore in impudentiam incidi. Dum enim uereor typographis commendationem ad te flagitantibus negare obsequium, apud te factus sum inuerecundus. Tametsi nihil aliud petebam nisi ut, si quem forte nosses cui esset *T. Livius* manu descriptus, indicares.

Facit autem hoc tui nominis claritas atque etiam singularis quaedam in omnes humanitas, ut quisquis Patauinam adit scholam cupiat tibi studiorum principi commendari. Inter quos est hic Damianus a Goes, iuuenis domi nobilis, qui florentissimam aetatis partem obeundis Regis sui negotiis[1] impendit, obiter tamen quod potuit otii[2] studiis suffuratus.

---

**B** XXIX. – **Ftt:** N 54$^{r–v}$ aut. Allenga 18-20 Mat 55, ls. 1-4, 12-15
**B** XXX. – **Ftt**: B 114$^{r–v}$ aut, 113 $^{r–v}$ cop. Nol 131-132 Allenga 27-8 Mat 55-56

---

**B** XXIX. – **1** Ioannem *MAT* Iohanem *cet.* **2** negotiatori *MAT* negociatori *cet.* **3** Antwerpiae *N ALLENGA*

**B** XXX. – **1** negotiis *MAT* negociis *cet.* **2** otii *MAT* ocii *cet.*

**B** XXIX. ERASMO DE ROTERDÃO

**a Erasmo Scheto**

[Friburgo, 30.VII.1534]

Muitas saudações! Recebi o feixe de cartas que enviáreis por Conrado João[1] para Estrasburgo. Entreguei a Damião a sua. Ele está a preparar a ida para Itália, com bons auspícios como espero.

A mim, neste verão, atacou-me tanto o meu mal que receei chegado o fim. Contudo, não pareceu ainda tal a Deus. É o Senhor. Faça o que é bom a seus olhos. Se me não trouxer outro estado de saúde, embora a viagem fosse apenas de dois dias, não me atreveria a meter este pobre corpo ao caminho. Pelo contrário, dificilmente nestes três meses se me permite sair, uma vez que seja, de casa. […].

Para vossa óptima esposa e filhos caríssimos, muitas saudações.

Dada em Friburgo, em 30 de Agosto de 1534.

[Endereço]

Ao preclaro varão senhor Erasmo Scheto, mercador. Antuérpia.

**B** XXX. ERASMO DE ROTERDÃO

**a Pedro Bembo**

[Friburgo, 16.VIII.1534]

Receio que desde longa data franzas a testa contra mim, doutíssimo Bembo[1], por tanta vez te interpelar epistolarmente com pedinchas. O pudor de há pouco fez-me cair na impudência. Enquanto me sinto apreensivo em negar um favor aos tipógrafos que solicitam recomendação para vós, junto da vossa pessoa tornei-me um desorganizado. Embora nada mais rogasse senão que me indicásseis se conhecíeis porventura alguém detentor de um *Tito Lívio* manuscrito.

Origina isto, porém, a excelência do vosso nome e ainda uma certa humanidade singular para com todos, de tal sorte que qualquer candidato à Escola de Pádua ambiciona ser-vos recomendado como a um príncipe dos estudos. Entre eles está Damião de Góis, jovem nobre em seu país, que ocupou a parte mais brilhante da vida a tratar de negócios do seu Rei, mas tendo-se dedicado nos tempos livres, de passagem como pôde, aos estudos.

É português de nação, muito são de engenho e costumes honestíssimos. O Rei ofereceu-lhe espontaneamente uma notável função na Corte em que desde

Est autem natione Lusitanus, ingenio minime sordido moribusque candidissimis. Rex illi ultro obtulit egregium in aula munus, in qua a puero est educatus, uidelicet ut esset ipsi primus a thesauris. At hic maluit thesaurum meliorem in animo recondere. Me uero auctore[3] Patauinam scholam ut omnium florentissimam delegit. Abs te nihil petit officii nisi quod citra tuum incommodum praestare potes, qualia nulli soles negare. Consule hospiti, quam domum aut quod contubernium magis conueniens possit eligere. Mihi uidetur consultius ut cum Gallis aut Germanis aliquot nobilibus domum ac mensam habeat communem. Est enim assuetus uitae lautiori, tametsi sobrius est.

Opto te quam prosperrime ualere.

Datum apud Friburgum Brisgoiae, postridie Virginis Assumptae 1534.

Erasmus Rot. mea manu.

[Nom. inscr.]

Clariss. doctiss<imo>que uiro Petro Bembo patricio Veneto. Patauii.

**B** XXXI. LVDOVICVS BER

**Hieronymo Aleandro**

[Friburgi, 16.VIII.1534]

Vt prioribus litteris[1] meis, R.$^{me}$ in Christo pater, gratulatus sum praeclarissimae[2] tuae[3] ad Venetos legationi, ita non possum de tam felici tuae dignitatis statu non mihi plurimum gaudere, abs tua R.$^{ma}$ Dom. et litteris[4] iterum et Viglii LL doctoris uiua uoce ad Tuam Magnificentiam inuitatus, quo tuae felicitatis et ego particeps efficiar.

Quod si desiderio[5] meo successus responderint, Deo duce breui uisurus sum Tuam Amplitudinem corpore quidem a nobis iam distantiorem, uerum praesentissimam in quottidiano colloquio cum Erasmo nostro Roterodamo, qui ut eximiae[6] Tuae Excellentiae semper meminit honorificentissime, ita et tuae dignitati et plurimum gratulatur, et ut eius nomine salutem adscriberem petiit, cum dixissem litterarum[7] aliquod me ad Tuam Celsitudinem daturum, clarissimo

**B** XXXI. – **Ftt**: P 98$^{r–v}$ aut. Fried 483-484 Mat 57-58, ls. 8-23, 32-40

**B** XXX. – **3** auctore *MAT* autore *cet.*

**B** XXXI. – **1** literis *omn.* **2** preclarissime *P FRIED* **3** Tue [passim] *P FRIED* **4** literis *omn.* **5** desyderio *P FRIED* **6** eximie… excellentie *P FRIED* **7** literarum *omn.*

criança fora educado, isto é, a de seu tesoureiro-mor. Mas Ele preferiu resguardar em seu espírito um tesouro melhor. E por sugestão minha escolheu a Escola de Pádua, a mais ilustre de todas. Nenhum favor pede, a não ser o que, sem incómodo vosso, podeis prestar e a ninguém habitualmente recusais. Ajudai-o como hóspede que é a poder encontrar uma casa ou alojamento mais apropriado. A mim parece-me preferível que tenha com alguns franceses ou alemães nobres habitação e mesa comum. Está acostumado a vida um tanto lauta, apesar de ser sóbrio.

Desejo-vos a mais perfeita saúde.

Dada em Friburgo de Brisgóvia, um dia após a Assunção da Virgem, de 1534.

Erasmo de Roterdão, por mão sua.

[Endereço]
Ao ilustríssimo e doutíssimo varão Pedro Bembo, patrício de Veneza. Pádua.

**B** XXXI. LUÍS BER
**a Jerónimo Aleandro**

[Friburgo, 16.VIII.1534]

Assim como na carta anterior, Rev.$^{mo}$ Pai em Cristo, vos felicitei pela vossa maravilhosa Legação[1] a Veneza, assim não posso deixar de folgar muito com respeito a tão feliz estado dignitário vosso, em que por V.ª Rev.$^{ma}$ Senhoria e por carta, e por viva voz do Doutor em ambos os Direitos que é Viglio[2], estou convidado para junto de Vossa Magnificência, tornando-me desta feita participante de vossas venturas.

Se as circunstâncias corresponderem aos meus desejos, brevemente, querendo Deus, irei ter com Vossa Eminência, mais distanciada de nós quanto ao corpo mas presentíssima na conversa quotidiana com o nosso Erasmo que, tal como deferentemente lembra sempre Vossa Exímia Excelência, de igual forma não somente se congratula com a dignidade vossa, senão também pediu acrescentasse eu uma saudação em seu nome quando lhe dissera que algo epistolarmente mandaria a Vossa Alteza pelo varão ilustríssimo Damião de Góis, tesoureiro do Rei de Portugal e afeiçoadíssimo a Erasmo de Roterdão, que para aí partiu, para Veneza, a fim de durante certo tempo ficar em Pádua a estudar Direito Civil[3].

Quanto a Erasmo, está bom de saúde, nunca ocioso e, conforme suponho, pronto a editar a obra – *Da arte da Pregação*[4].

uiro Damiano a Goes, Lusitaniae regis thesaurario, Erasmi Rot. studiosissimo, istuc Venetias profecto[8] ac aliquamdiu permansuro Patauii pro iure ciuili capessendo.

Erasmus autem recte ualet, nunquam otiosus[9] et, ut arbitror, *De ratione concionandi* opus propediem editurus.

Ego in exilio uersor cum ecclesia Basiliensi, dubius reuera ubi tandem mihi persistendum apud Germanos, passim gliscentibus in dies haereticorum[10] sectis atque ita ut eorum uesaniae[11] non tam doctrina aut ulla ratione quam uirga ferrea obsisti posse uideatur. Prohibeat Dominus ne iam dormitent orbis Christiani monarchae[12].

Quam felicissime ualeat R.ma T. Paternitas, Ludouici sui memor.

Friburgi Brisgoiae[13], 16 Augusti 1534

[Epist. epigr.]

Reuerendissimo in Christo patri ac domino Domino Hieronymo Aleandro Archiepiscopo Brundusino etc. Ludouicus Ber S. D. P.

[Alia manu exarata] D. Lud. Ber 1534. E Friburgo Brisgoiae 16 Augusti. Venetiis 6 Octobris.

[Nom. inscr.]

Reuerendissimo Domino Hieronymo Aleandro Archiepiscopo Brundusino ad Venetos Legato Apostolico, domino suo. Venetiis.

**B** XXXII. ERASMVS ROTERODAMVS

**Damiano a Goes**

[Friburgi, 25.VIII.1534]

Doleo tibi istud iter parum ex animi sententia succedere. Tua causa nihil non alacriter facturus est Erasmus. Scio quid tibi debeam.

Si tuus Mathaeus caret contagiosa scabie Gallica, a qua ego semper non secus atque a morte abhorrui, tota haec domus illi seruiet[1]: sin decus, nec illi expedierit hic esse, nisi haberet famulum proprium. Melius fuerit ut, donec conualescat,

**B** XXXII. – **Ftt**: Erasv 123 Erasvi 264-265 Erasvit 365-366 Erepist 1953-1954 Erop 1493 Vasc 75-76 Mat 58-59

**B** XXXI. – **8** profecto] profecturo *MAT* **9** otiosus *MAT* ociosus *cet.* **10** hereticorum *P FRIED* **11** uesanie *P FRIED* **12** monarche *P FRIED* **13** Brisgoie *P FRIED*

**B** XXXII. – **1** seruiet] seruiret *VASC*

Eu cá me encontro no exílio quanto à igreja de Basileia, duvidoso naturalmente acerca de onde devo finalmente permanecer entre os alemães, em face das seitas heréticas dia a dia a aumentar em todo o lado e de tal jeito que a esta vesânia não parece que possa obstar-se tanto pela doutrinação ou quaisquer razões quanto por férreo castigo. Deus proíba que dormitem os monarcas do mundo cristão.

Passe o melhor possível V.ª Rev.ma Paternidade, recordada do seu Luís.

Friburgo de Bisgóvia, 16 de Agosto de 1534.

[Epígrafe da Carta]

Ao Reverendíssimo Pai e Senhor em Cristo, D. Jerónimo Aleandro, Arcebispo de Bríndisi, etc. Luís Ber apresenta muitas saudações.

[De mão alheia]

Senhor Luís Ber, 1534. De Friburgo de Brisgóvia, 16 de Agosto. Veneza, 6 de Outubro.

[Endereço]

Ao Rev.mo Senhor seu, D. Jerónimo Aleandro, Arcebispo de Bríndisi e Legado Apostólico junto dos venezianos. Veneza.

**B** XXXII. ERASMO DE ROTERDÃO

**a Damião de Góis**

[Friburgo, 25.VIII.1534]

Entristeceu-me esta viagem vos suceder pouco de vontade. Por amor de vós tudo Erasmo há-de alegremente fazer. Sei o que vos devo.

Se acaso o vosso Mateus se achasse livre da contagiosa sarna gálica, a qual sempre detestei não menos que a morte, toda esta casa lhe serviria; assim, nem tão pouco conviria aqui estar, excepto com criado próprio. Será preferível até à convalescença permanecer junto do médico. Não o deixarei carecer de dinheiro; e, como quer que for, diligenciar-se-á por que seja bem tratado.

Estas duas epístolas enviou-mas Tomás Blaurer[1], que salvareis em Constança, se aí aportardes; é um varão probo e membro do senado. A causa de elas haverem demorado muito no caminho, esteve nele, a quem Melanchthon as

sit apud[2] chirurgum. Non sinam illum egere pecunia. Vtcumque fuerit, dabitur opera ut bene curetur.

Has duas epistolas ad me misit Thomas Blaurerus[3], quem salutabis Constantiae, si illuc appulleris. Est uir probus, et unus e senatu. Quod litterae diu haeserunt in itinere, in causa fuit is cui Melanchthon eas commisit. Ad me uenerunt 22 die Augusti, quum tu quatriduo ante discessisses. Volitarunt per[4] manus multorum fortassis resignatae, ut fit. Mihi redditae sunt per publicum nuntium[5] Schaffhusiensem.

De domo paranda Pataui, nemo tibi melius consulet quam Anselmus Ephorinus et fortassis non grauabitur tecum ire Patauium. Bononiae roga, num uiuat Paulus Bombasius.

Consultissimum est ut de sectis neque bene neque male loquaris, quasi ista non cures neque intelligas. Variae sunt hominum simulationes. Nec multum erit in rem tuam, si crebrae epistolae inter Malanchthonem aut Grinaeum[6] et te commeent.

Bene uale, patrone et amice incomparabilis.

Friburgi 25. Augusti, Anno 1534.

[Epist. epigr.]

Erasmus Roterodamus nobili uiro D. Damiano a Goes Lusitano S. P.

**B** XXXIII. GILBERTVS COGNATVS

**Bonifatio[1] Amerbachio**

[Friburgi, 11.IX.1534]

S.P. Paucis ante diebus quam tuas litteras[2] acciperem, Dñe et patrone optime max., *Emblematum* duo exemplaria e Lutecia a Philippo Montano acceperam, quorum unum ego tum statim D. Erasmo dedi, alterum primo quoque nuntio[3] constitueram ad te mittere. [...]

Montanus scripsit Bedam adhuc esse in carcere et Hollandos in gremium Romanae ecclesiae rediisse; deinde illic *De praeparatione ad mortem*, *Declarationes* et plures alios Erasmi libros esse excusos, praeterea nihil. Porro

---

**B** XXXIII. – **Ftt**: K 133^r-v^ aut. Hartm 290-291 Mat 60, ls. 11-14, 24-35.

---

**B** XXXII. – **2** sit apud] si apud *ERASV* **3** Blaureros *omn.* **4** per] pro *ERASV ERASVIT* **5** nuntium schapfhusiensem *MAT* nuncium schapffhusiensem *cet.* **6** Grineum *MAT*

**B** XXXIII. – **1** Bonifacius *omn.* **2** literas *omn.* **3** nuncio *omn.*

cometeu. Chegaram-me a 22 de Agosto, quatro dias após a saída vossa. Andaram por mãos de muitos, quiçá violadas, como acontece. Foram-me entregues pelo mensageiro público de Schaffhausen.

Quanto a arranjar casa em Pádua, ninguém poderá atender-vos melhor do que Anselmo Eforino[2], que decerto se não molestará de ir convosco à cidade.

Em Bolonha perguntai se ainda é vivo Paulo Bombásio[3].

A respeito dos separados é de suma prudência não faleis nem bem nem mal, qual se disso não cuidando nem percebendo; são várias as simulações dos homens. Nem de muita vantagem vos será a troca frequente de missivas entre vós e Melanchthon ou Grineu[4].

Passai bem, protector e amigo incomparável.

Friburgo, 25 de Agosto do ano de 1534.

[Epígrafe da Carta]

Erasmo do Roterdão ao nobre varão português, senhor Damião de Góis, muita saúde.

**B** XXXIII. GILBERTO COGNATUS

**a Bonifácio Amerbach**

[Friburgo, 11.IX.1534]

Muitas saudações!

Poucos dias antes de receber a vossa carta, Senhor e Protector de suma bondade, recebera eu de Paris, de Filipe Montano, dois exemplares dos *Emblemas*, um dos quais entreguei logo ao senhor Erasmo, havendo decidido remeter o outro, também pelo primeiro correio, para vós. [...].

Montano escreveu que Beda[1] ainda estava na prisão e que os holandeses retornaram ao grémio da Igreja Romana; além disso, que os livros *Acerca de preparação para a morte*, *Declarações* e outros de Erasmo haviam sido impressos. E mais nada. Por outro lado, Vives[2] informou a Erasmo que Vergara, com o irmão e alguns eruditos, se encontravam detidos. Melanchthon escreveu ultimamente, mas nada de novo, salvo acerca de Damião. Recebeu há pouco de Alciato[3] uma carta em que não dissimula o seu arrependimento por haver deixado a França. É completamente um Róscio, mas no Ticino não tem teatro digno de si. [...]

Viues D. Erasmo significauit Vergaram cum fratre aliisque aliquot doctis in uinculis detineri. Melanchthon nuper scripsit, sed nihil noui, tantum de Damiano. Ab Alciato pridem accepit litteras[4], in quibus non dissimulat se paenitere relictae Galliae. Ille plane Roscius est, sed Ticini non habet theatrum se dignum. [...]

Ceterum[5] quid D. Erasmus ualeat agatque scire cupis. Illi quatriduum grauis lucta fuit cum calculo, quem postea eiecit; hinc pancratica ualetudo sequuta est, quam ut Deus uelit esse perpetuam etiam atque etiam precor. Is ad *Ecclesiastem* suum rediit et iam primum ac secundum librum absoluit, tertium agressus est. [...]

Bene uale, dñe et patrone incomparabilis, et Gilbertum, quaeso, tui amantissimum tua beneuolentia non dedignare.

Datum Friburgi Brigoiae[6] plus quam ex tempore, id quod e manu facile erit uidere, tertio idus Septembris Anno a Christo nato M. D. XXXIIII.

Doctiss. Dño Gryneo S.P.

Tuorum clientum minimus, sed tui studiosissimus et amantissimus Gilbertus Cognatus Noz.

[Nom. inscr.]

Doctissimo[7] et candidissimo domino D. Bonifatio[8] Amerbachio, sacratissimarum littearum[9] professori eximio, domino et praeceptori suo multis nominibus colendo. Basileae.

**B** XXXIV. ERASMVS ROTERODAMVS

**Philippo Melanchthoni**

[Friburgi, 6.X.1534]

Litterae[1] tuae et hospitis tui serius ad me perlatae sunt incuria[2] illius cui eas commiseras. Damianus a Goes iam quatriduo hinc discesserat, sed paulo post ex itinere remisit ad nos alterum e famulis qui coeperat[3] aegrotare Thermopoli una cum Sabaudo deductore conducto. Per hunc mox recurrentem misi Damiano tuas et hospitis tui litteras[4]. Verum hoc uix a nobis digresso rediit ipse Damianus sollicitus de puero suo; cui tradidi tuas ad me litteras[5], ex quibus rem omnem

---

**B** XXXIV. – **Ftt**: Sab 8$^{r-v}$ Sabini 396 Erop 1484 Allenga 43-44 Mat 62, ls. 1-14, 19-22

---

**B** XXXIII. – **4** litteras *MAT* literas *cet.* **5** Caeterum *omn.* **6** Brisgoie *K HARTM* **7** Doctissimo … Basileae *om. HARTM* **8** Bonifacio *omn.* **9** litterarum *MAT* literarum *cet.*

**B** XXXIV. – **1** Literae *omn.* **2** incuria *ALLENGA MAT* iniuria *cet.* **3** coeperat *MAT* ceperat *cet.* **4** literas *omn.* **5** literas *omn.*

Desejais, por fim, saber como passa de saúde o senhor Erasmo e o que faz. Durante quatro dias incomodou-o gravemente um cálculo, que depois libertou; daqui seguiu-se um restabelecimento atlético que eu peço continuamente a Deus seja duradoiro. Retornou ao seu *Ecclesiastes*, cujos primeiro e segundo livros já findou, andando no terceiro [...].

Passai bem, senhor e protector incomparável; e não vos dedigneis, peço-vos, por vossa benevolência de Gilberto, a vós muito afeiçoado.

Dada em Friburgo de Brisgóvia, com muita pressa, o que pela escrita é fácil constatar, em 11 de Outubro do ano do Nascimento de Cristo de 1534.

P.S. – Muitas saudações ao doutíssimo senhor Grineu[4].

O mínimo dos vossos clientes, mas muito afeiçoado Gilberto Cognato Nozereno.

[Epígrafe da Carta]

Gilberto Cognato a Bonifácio Amerbach muitas saudações.

[Endereço]

Ao doutíssimo e ilustríssimo senhor D. Bonifácio Amerbach, exímio professor de Santíssimas Letras, seu senhor e protector por muitos títulos venerando. Basileia.

## **B** XXXIV. ERASMO DE ROTERDÃO **a Filipe Melanchthon**

[Friburgo, 6.X.1534]

As cartas vossas e a do vosso hóspede chegaram-me um tanto atrasadas, por incúria daquele a quem as confiastes. Damião de Góis saíra daqui havia já quatro dias, mas pouco depois reencaminhou para cá um dos criados, que começara a ficar doente em Baden, na companhia de Sabaudo, guia contratado. Por este, que se pôs logo a caminho, mandei para Damião a vossa carta e a do vosso hóspede. Mal porém este nos deixava, surgiu, solícito do seu moço, o próprio Damião a quem entreguei a vossa carta para mim, pela qual deveio inteirado de tudo. Reencetada a viagem, recebeu em Schafhausen, através do dito Sabaudo, a carta vossa. Desde essa ocasião, nenhuma correspondência me chegou dele. Palpita-me que já está em Itália. [...]

Comprei em triplicado os vossos *Comentários* a S. Paulo: ofertei um volume ao Bispo de Augsburgo, outro a Sadoleto, Bispo de Carpentras, reservando

cognouit. Rursus a nobis digressus Schafhusiae per dictum Sabaudum accepit litteras[6] tuas; post id temporis nihil ab eo litterarum[7] accepi, nisi quod arbitror illum iam esse in Italia. [...]
*Commentarios* tuos in Paulum ter emi: unum codicem misi Episcopo Augustano, alterum Sadoleto Episcopo Carpentoractensi, tertium mihi seruaui. De eo quid sentiam, fortassis alias indicabo. Bene uale.

Friburgi, pridie Nonas Octo. An. M.D.XXXIIII.

[Epist. epigr.]

Erasmus Roterodamus Philippo Melanchthoni S. P. D.

**B** XXXV. PETRVS BEMBVS

**Erasmo Roterodano**

1

[Patauii, 11.XI.1534]

Binas a te litteras[2] accepi, alteras[3] iampridem, quibus mihi Frobeniorum curam et diligentiam, tum uero etiam petitionem Liuianis libris imprimendis commendabas, ad quos cum rescripsissem (ad me enim scripserant), respondere tuis litteris[4] distuli; proxime alteras, quarum priore pagina te purgas de illa ipsa Frobeniorum commendatione tua, posteriore me rogas, ut Damiano Lusitano Patauium uenienti ad ludum litterarum[5] ne desim.

Ego uero cum illum libenter uidi (est enim quemadmodum scribis, atque ut ex duobus eius congressibus et sermonibus elicui), optimis moribus et omni elegantia et suauitate sane praeditus, itaque lucrum mihi uideor fecisse ex tuis litteris[6], qui iuuenem mirificum ut cognoscerem effecisti, tum me ei largiter obtuli, petiique ut meis rebus omnibus meque ipso suo iure uteretur. Sed adhuc usus non est homo permodestus. Domum etiam conduxit me ignaro, sed domum plane bonam.

De purgatione, quae altera erat pars in tuis recentioribus litteris[7], nihil dicam, nisi te nimis parce nimisque subtimide tibi ipsi de me polliceri. Vellem fidentius atque prolixius a me omnia expectares coniunctissimi hominis officia, utque id in animum inducas tuum, magnopere abs te peto.

---

**B** XXXV. – **Ftt**: Gop c 3v-c 4r Be 322-323 Bem 682-683 Bembi 293-4 Erop 1497 Vasc 16-17 Allenga 48-49 Mat 63, ls. 1-20, 36-38.

---

**B** XXXIV. – **6** literas *omn.* **7** literarum *omn.*

**B** XXXV. – **1** S. P. D. *om.* GOP VASC **2** litteras *MAT* literas *cet.* **3** alteras] unas *BE BEM BEMBI EROP* **4** literis *omn.* **5** literarum *omn.* **6** literis *omn.* **7** literis *omn.*

o terceiro para mim. A respeito do que penso do livro, di-lo-ei talvez noutra ocasião. Passai bem!

Friburgo, 6 de Outubro de 1534.

[Epigrafe da Carta]

Erasmo de Roterdão a Filipe Melanchthon apresenta muitas saudações.

**B** XXXV. PEDRO BEMBO
**a Erasmo de Roterdão**

[Pádua, 11.XI.1534]

Recebi duas missivas vossas: uma, vai há muito, em que me recomendáveis o cuidado e diligência dos Froben[1], e além disso o pedido de impressão dos livros Livianos, – tendo eu já respondido a carta que os mesmos escreveram e por tal razão retardado a resposta a esta: outra[2], há pouco chegada, na primeira página da qual vos penitenciáveis da recomendação dos Froben e na segunda orais não recuse o meu auxílio ao Damião lusitano, de partida para Pádua a frequentar a Universidade.

De boamente estive já com ele: é na verdade, segundo frisastes e de dois encontros e conversas suas depreendi, dotado de óptimas maneiras, de toda a elegância e lhaneza; pelo que se me afigura haver eu lucrado da vossa epístola, a qual a conhecer me trouxe um homem admirável. E também lhe ofertei já, liberalmente, meus serviços, rogando-lhe dispusesse, por seu direito próprio, de mim mesmo e de todos os meus préstimos; homem todavia mui modesto, ainda nada me requereu. A casa alugou-a até sem eu saber, mas é boa realmente.

Sobre as desculpas, a parte prima da vossa última carta, direi tão-só que me propondes a vós mesmo com excessiva parcimónia e demasiada timidez. Desejaria que mais confiada e largamente de mim esperásseis todos os obséquios de um varão amicíssimo; e em instância peço vos bem disto convençais.

Aos Froben, e destarte respondo em derradeiro lugar à primeira missiva vossa, não alcancei ser de proveito no que solicitavam, pois não tínhamos quaisquer livros Livianos manuscritos, superiores em probidade aos impressos por Aldo[3],

Frobeniis ut ad antiquiores tuas litteras postremo respondeam, in eo quod petebant esse usui non potui. Neque enim Liuianos libros habebamus ullos manu scriptos, qui non minus probi essent quam ab Aldo impressi, qui sunt in omnium manibus. Sed de tota re non dubito quin te illi certiorem fecerint.

Haec scripsi manu mea, ut parte aliqua tibi uicem rederem, qui tuas ad me litteras[9] amantissime tua manu semper conficis. Valetudinem tuam, qua te audio admodum imbecilla uti, curabis diligenter, nosque diliges. Vale.

3. Id. Nouemb. 1534. Patauii.

[Epist. epigr.]

Petrus Bembus Erasmo Roterodamo S. P. D.

**B** XXXVI. SIGISMVNDVS GELENIVS

**Damiano a Goes**

[Basileae, 1.I.1535]

Haud facile erat, Damiane optime, post Hermolaum super historia Pliniana annotanti, impudentiae arrogantiaeue[1] opinionem euadere, si primus tale aliquid attentassem. Nunc posteaquam eruditorum aliquot in hoc genere lucubrationes magno applausu exceptas uideo, non opinor ullis apologiis opus, quod[2] quae pro parte uirili animaduerti ipse quoque studiosis communico. Et tamen etiamsi alius nemo post illum annotasset, dicere poteram: manere illi mansuramque suam gratiam, quod labore suo nos maxima parte laboris leuarit. Qui ut primus hanc uiam ingredientibus muniuit, ita neminem quo minus eiusdem industriae successionem capesseret uetuit, modo suis uestigiis insistere studeret; et fortassis quaedam quae uir ille restituit, post eius obitum a librariis denuo uitiata sunt. Quin et gloria illi manet illibata per nos quotquot aliquid castigationibus Plinianis adiecimus: neque enim statim doctior est qui posterior aliquid deprehendit, sed saepenumero felicior.

Equidem quamuis cupide arripuerim conferendi exemplaria munus, quod partim iam expertus essem, id publico studiosorum commodo me facturum: annotationes tamen inuitus adieci, nec nisi doctissimorum amicorum auctoritate[3]

---

**B** XXXVI. – **Ftt**: Ge aaaa$^r$ Gel aaaa$^r$ Gel aaaa$^r$ Gele aaaa$^r$ Gelen aaaa$^r$ Geleni aaaa$^r$ Geleniu aaaa$^r$ Gelenius aaaa$^r$ Gelenii aaaa$^r$ Gelenio aaaa$^r$ Vasc 62-64 Mat 64-67

---

**B** XXXV. – **8** literas *omn.* **9** literas *omn.*

**B** XXXVI. – **1** arrogantiae *VASC* arrogantiaeue *MAT* **2** quod] quae *VASC* **3** autoritate *omn.*

os quais andam nas mãos de todos. Mas não duvido de que vos hajam a preceito informado do assunto.

Esta escrevi-a de meu punho, para nalguma forma vos retribuir em igual moeda, já que sempre deste modo procedeis, caríssimo, com as cartas vossas.

Velareis diligentemente pela saúde, que ouço dizer estar bastante débil, e dispensar-nos-eis a vossa amizade.

Adeus.

Pádua, 11 de Novembro de 1534.

[Epígrafe da Carta]

Pedro Bembo a Erasmo de Roterdão envia muito saudar.

**B** XXXVI. SEGISMUNDO GELÉNIO
**a Damião de Góis**

[Basileia, 1.I.1535]

Não era fácil, meu óptimo amigo Damião, depois das anotações de Hermolau[1] à história Pliniana, escapar à opinião de impudência ou arrogância se fora eu o primeiro a haver tentado algo similar. Agora, após observar alguns trabalhos de eruditos neste género recebidos com grande aplauso, não reputo necessárias quaisquer apologias, porquanto aquilo a que por minha parte prestei atenção, isso mesmo dou também a conhecer aos estudiosos. E embora depois dele nenhum outro o houvesse anotado, podia dizer que lhe pertence e há-de pertencer-lhe este favor, pois com o seu trabalho nos libertou da mor parte do nosso. Assim como foi o primeiro que esta estrada apetrechou aos transeuntes, assim também não proibiu qualquer outrem de se apoderar da sucessão da mesma actividade, desde que se esforçasse por caminhos sobre as suas pegadas e porventura sobre aquelas que ele próprio restaurou, e após a sua morte foram de novo viciadas pelos copistas. Sem dúvida, porém, que a sua glória permanece-lhe ilibada através de quantos de nós acrescentamos algo às correcções plinianas, porquanto não é mais douto quem posteriormente faz anotação, mas ordinariamente mais feliz.

Na verdade, embora com empenho haja assumido o múnus de coleccionar os exemplares, trabalho que em parte já havia comprovado ir levar a cabo para público interesse dos estudiosos, todavia acrescentei contra vontade as anotações tão-só compelido pela autoridade de amigos doutíssimos a quem não era decente recusar qualquer coisa quando eu sabia constar-lhes a razão do seu conselho. Não digo isto por querer deste modo assacar-lhes a culpa; melhor, não alego

compulsus; quibus neque quicquam pernegari decebat, et illis sciebam consilii sui rationem constare. Nec haec dico quod hoc modo uelim culpam in illos translatam, imo non deprecor arrogantiae crimen, nisi in his annotationibus euicero, me nihil temere, nihil superuacanee mutasse, sed tamen libentius Persiorum quam Laeliorum iudicio staturus, quantumuis diuersam ipse Plinius iudicum reiectionem[4] habeat, idque non sine causa.

Nam ille sua per modestiam extenuare[5] maluit: nos non nostra in medium proponimus, sed Pliniana ex uetustissimis archetypis reuocata adferimus. Namque eam castigandi rationem secutus sum, quam omnium certissimam usu comperi. Quid enim certius quam duo peruetusta exemplaria inter se consentientia[6] sequi: alterum longe integerrimum, deprauatius alterum, ita tamen ut sincerioris lectionis manifesta etiam nunc uestigia retineat, maxime si phrasin quoque Plinianam diligenter obserues. Me certe hic oculatiorem fecit cum diuturna in ceteris[7] Latinis scriptoribus exercitatio, dum eo attentius in his uersor, quod non mihi solum caueo, sed et his qui Frobenianos codices euoluunt prospectum cupio: tum hic ipse auctor[8] plus minus decies non oscitanter[9] perlustratus ac proinde iam familiarior.

Et in prima quidem editione quaedam non exigui momenti restituimus, parcius tamen, quia ultro et a nemine dum demandata ea prouincia: at in secunda accuratius idem egimus, sed tum quoque ob angustiam temporis saltuatim duntaxat, prout ad singulos scrupulos res poscere uidebatur, exemplaria consulendo. Nunc postremo nactus plusculum ocii[10], a capite usque ad calcem totum opus contuli: tantumque erratorum sublatum est, quantum superesse non eram crediturus, nisi[11] ipse periculum fecissem, non solum eius generis quae sensum uitiant, sed etiam[12] quae orationis uenustatem deformant, maiora pleraque quam pro litterarum[13] numero.

Dicet aliquis: tune igitur postulas, ut quicquid quomodocunque[14] mutasti, pro sincera lectione recipiamus, quod nemo ante te postulauit, quantumuis doctior. Hic quisquis est non aliud responsum feret, quam diuersam esse meam atque illorum castigandi rationem. Illi homines ingeniosi, etiam sicunde se non satis explicabant, uel ex auctorum[15] quos citat Plinius collatione uel alioqui coniecturis probabilibus, interdum uariis, adiutare lectorem pro sua benignitate conati sunt. Ego secutus consensum probatae fidei codicum, quoties inueni manifesto ueriorem lectionem, eam in contextum reposui: sicubi haesi, quod sane praeterquam in nomenclatura herbarum, perraro incidit in tanto archetyporum praesidio, locum aliis disquirendum reliquere malui quam frustra uexare.

---

**B** XXXVI. – **4** reiectionem] relectionem *VASC* **5** extenuare *VASC* **6** consentientia] concinentia *GELENI* **7** caeteras *omn.* **8** autor *omn.* **9** oscitanter] oscitantes *VASC* **10** ocii *omn.* **11** ni] nisi *GELEN GELENO GELENIUS GELENII GELENIO* nec non *GELE GELEN GELENIU GELENIUS* **12** etiam quae orationis] *om.* etiam *GELENI* **13** literarum *omn.* **14** quomodocunque] quocumque *GEL VASC* **15** autorum *omn.*

como crime de ignorância, se nestas anotações não colher êxito, que nada mudei sem reflexão, nada sem utilidade, como que a decidir-me com mor agrado pelo juízo dos Pérsios do que dos Lélios, não obstante o próprio Plínio mostre diversa rejeição de juízes e não sem motivo.

Efectivamente, aquele preferiu por modéstia simplificar os seus exemplares; nós não propomos em público os nossos, mas apresentamos os Plinianos recuperados segundo vetustíssimos arquétipos. É que adoptei o método de correcção que achei mais acertado, de acordo com o procedimento de todos. Na verdade, que mais correcto do que seguir dois bem antigos exemplares convergentes entre si, um de longe integérrimo, o outro bastante depravado, de forma todavia a reter ainda agora vestígios manifestos da lição mais rigorosa, sobretudo se outrossim se observar a frase pliniana? Neste particular, sem dúvida, pôs-me de olhos mais abertos, por um lado, diuturna exercitação nos restantes escritores latinos enquanto por isso com maior atenção me ocupo deles, pois não somente tomo cautelas comigo como também desejo ter em conta os que manuseiam os códices frobenianos; por outro lado, esse mesmo autor foi cerca de dez vezes diligentemente analisado, sendo-me por isso bastante familiar.

Com efeito, na primeira edição restituímos certas passagens de não exígua importância, bastante moderadamente porém, porque de próprio parecer e sem recomendação de ninguém; na segunda, fizemos o mesmo com maior cuidado, mas então, outrossim por escassez de tempo, apenas de forma salteada conforme a cada dificuldade o caso parecia exigir mediante a consulta de exemplares. Agora finalmente, conquistado um pouco mais de descanso conferi toda a obra de princípio ao fim e tantos erros se corrigiram quantos eu não ia acreditar que restassem se não procedera a uma análise, quer dos daquela espécie que vicia o sentido quer dos que deformam a beleza da frase, a maior parte maiores do que o número das letras.

Dirá alguém: Vós, portanto, exigis que tudo o que de qualquer sorte mudastes o recebamos como genuína lição, exigência que ninguém, embora mais douto, antes impôs. Qualquer que este seja, não levará outra resposta senão a de que é diferente o meu método de correcção e o deles. Esses engenhosos senhores de qualquer coisa não se explicavam suficientemente; ou por colação dos autores que Plínio cita ou então por conjecturas prováveis, mesmo várias, esforçavam-se por, em sua benignidade, prestar ajuda ao leitor. E, tendo seguido o consenso dos códices de fé provada, sempre que encontrei manifestamente lição mais credível, introduzi-a no contexto. Se em qualquer parte me fixei, o que afinal, além de na nomenclatura das plantas, mui raramente sucede em tão grande reduto de arquétipos, preferi deixar aos outros oportunidade de investigarem do que maltratá-los em vão.

Porque, porém, devia ingenuamente confessar-se que alguns permanecem também hoje depravados, se alguém quiser dar-se ao labor de os restaurar ou ainda remanusear os já abordados, um pedido se formula: abstenha-se de

Quoniam uero ingenue fatendum erat nonnulla hodieque deprauata manere, si quis eis quoque restituendis operam impendere uolet, aut etiam a nobis attacta retractare, unum orabitur, a diuinationibus non semper feliciter cadentibus abstineat, et ea demum adferat, quae non solum speciem sinceritatis prae se ferant, uerum etiam alicuius ex tam multis manu scriptis[16] codicibus testimonio fulciri possint.

Meam uero opellam ideo tibi uir integerrime dedicaui, quod et te hoc genus studiis cum primis delectari animaduerti, et affectionis erga te meae, quam degustata tua humanitas excitauit, pignus aliquod esse uolui, simul ut per te hic meus conatus innotescat Italis quoque, apud quos nunc uiuis, quorumque exacta iudicia demiror, et candorem exosculor.

Vale. Basileae Calendis[17] Ianuarii, Anno. M.D.XXXV.

[Epist. epigr.]

Clarissimo uiro Domino Damiano a Goes Sigismundus Gelenius S. P. D.

**B** XXXVII. ERASMVS ROTERODAMVS

**Damiano a Goes**

[Friburgi, 11.I.«1535»]

Accepi tres epistolas tuas per Lucam Remium, quod tamen ignoraturus eram, nisi tu significasses. Quid actum sit de ceteris[1] epistolis quas tibi commendaram abeunti, non liquido noui. Botzemus accepit suam. Sed an Io. Comes Primus et Alciatus acceperit suas nescio.

Miror e Lusitania nihil uenire responsi.

Nescio an expediat Lazarum grandaeum magnaeque auctoritatis[2] onerare domesticis professionibus. Magis conueniret tibi iuuenis, qui te domi exerceret tuaque scripta corrigeret. Debes honorare studia, ut illa uicissim honorent[3] te. In Italia turpe non est etiam canos audire publice profitentes.

Si mihi capitalis esses inimicus, non poteras[4] quicquam facere inimicius, quam si schedas[5], quas uni tibi notaui, patiaris excudi. Quare cura ne fiat, magno mei nominis dedecore.

---

**B** XXXVII. – **Ftt**: Erasv 124 Erasvi 265-266 Erasvit 366-367 Erepist 1954 Erop 1820-1821 Vasc 73-74 Allenga 60 Mat 67-68

---

**B** XXXVI. – **16** manuscriptos *VASC* **17** calendis *omn.*

**B** XXXVII. – **1** caeteris *omn.* **2** autoritatis *omn.* **3** honorent] ornent *ERASV* **4** poteras] potes *ERASVI ERASVIT EREPIST* **5** scedas *omn.*

adivinhações ocorrentes, nem sempre felizes, e atenha-se àqueles que não só apresentam aparência de genuinidade, mas também possam apoiar-se no testemunho de algum entre tantos códices manuscritos.

Quanto à minha obrita, dediquei-a a Vós, varão integérrimo, porquanto me apercebi de que, por um lado, vos deleite entre os principais estudos este género; por outro, quis fosse um penhor da minha afeição por vós que uma apenas aflorada amabilidade acendeu; e ao mesmo tempo, para que este meu esforço, por vosso intermédio, devenha conhecido também dos italianos entre os quais agora viveis, cujas exactas apreciações considero e cuja franqueza estimo.

Passai bem. Basileia, em 1 de Janeiro do ano de 1535.

[Epígrafe da Carta]

Ao ilustríssimo varão senhor Damião de Góis, Segismundo Gelénio apresenta muitas saudações.

## **B** XXXVII. ERASMO DE ROTERDÃO **a Damião de Góis**

[Friburgo, 11.I.«1535»]

Recebi três cartas vossas, por bom ofício de Lucas Rem[1], o que entrementes eu havia de ignorar, se me não tivéreis indicado.

Que seja feito das restantes a vós encomendadas ao partirdes, não descubro claramente. Botzheim[2] recebeu a dele; mas se João Primo dei Conti[3] e Alciati[4] receberam as suas, é que ignoro.

Admira-me nenhuma resposta vir de Portugal.

Não sei se ficará bem onerar Lázaro[5], longevo e de grande reputação, com lições particulares. Mais vos conviria um jovem que vos exercitasse em casa e corrigisse vossos escritos. Deveis honrar os estudos, para que estes por seu lado vos honrem. Em Itália não é ignóbil os próprios velhos escutarem os que ensinam publicamente.

Se fôreis meu figadal inimigo, não podíeis fazer-me coisa pior do que deixardes imprimir as folhas que só para vós redigi. Vede portanto não aconteça, para grande opróbrio de meu nome[6].

Dai muitas saudações a Pedro Bembo[7]. E todo folgo, por dele serdes estimado.

Petro Bembo salutem plurimam, cui profecto te carum esse gaudeo. A Natali Domini grauissime decumbo, nec per caeli inclementiam possum respirare. Haec aegre scripsi in lecto semiuiuus.

Friburgi undecimo die Ianuarii.

[Epist. epigr.]

Erasmus Roterodamus nobilissimo uiro D. Damiano a Goes[6], Lusitano S.P.

**B** XXXVIII. ERASMVS ROTERODAMVS

**Erasmo Scheto**

[Friburgi, 21.II.«1535»]

Pergratum mihi fuit, uir optime, quod tua diligentia litteras ex Anglia missas ante nundinas recepi. Receperam et ante tuas de exitu Clauthi: quem tamen multo ante resciueram ex litteris cuiusdam Reyneri ex Anglia missis ad Simonem Gryneum.

Quod Clauthus periit nihil est detrimenti, meo incommodo perisse doleo. Erat merus fucus, nec quicquam minus habebat in animo quam mihi inseruire. Nihil aliud quam praedam uenabatur. Mox ut huc uenerat, prima uox erat ecquem essem missurus in Angliam. Grapheo tria notaram, ut mitteret qui non grauaretur inseruire aegroto[1], dein qui esset prospera ualetudine, postremo qui esset alienus a sectis; neque negabat se super his rebus a Grapheo praemonitum.

Venit huc male affectus ex itinere. Aegrotabam[2] et ipse. Itaque collocaui eum in mensa Damiani a Goes dies complures. Is enim sub eodem tecto uiuebat, at non utebatur eadem mensa, nisi iussissem. Vbi iam conualuisset Clauthus, uocaui ad colloquium et humanissime praefatus sum ut mecum aperte loqueretur, quo nostra amicitia[3] posset esse firmior. [...]

Venimus igitur ad tertium articulum, an esset purus a sectis. Affirmabat. Ita dimisi illum adhuc aliquot dies apud Damianum. Post uocaui illum ad mensam meam. In conuiuio nec apud Damianum loquebatur nisi interrogatus: tum respondebat duobus uerbis, ita pipiens ut eum non intelligerem. Quum uellem illum mittere in Angliam, reuocaui eum ad secretum colloquium, ac de tribus illis articulis accuratius egi. Quum ille ad omnia commode respondisset, rogaui num

**B** XXXVIII. – **Ftt:** N 61- 62 aut. Allenga 71-74 Mat 69, ls. 6-7, 16-22, 24-40

**B** XXXVII. – **6** a Goes *om. ERASV*

**B** XXXVIII. – **1** egroto *N ALLENGA* **2** Egrotabam *N ALENG* **3** amicicia *N ALLENGA*

Desde o dia de Natal que jazo de cama, gravissimamente enfermo; devido à inclemência do tempo, nem respirar consigo.

Esta escrevi-a a custo, semivivo no leito.

Friburgo, 11 de Janeiro de 1535.

[Epígrafe da Carta]

Erasmo de Roterdão ao varão nobilíssimo senhor Damião de Góis, português, muito saudar.

**B** XXXVIII. ERASMO DE ROTERDÃO

**a Erasmo Scheto**

[Friburgo, 21.II.«1535»]

Foi-me muito grato, varão óptimo, ter por diligência vossa recebido de Inglaterra uma carta nove dias antes enviada. Chegara-me também anteriormente a vossa a respeito da morte de Clautho[1], de que muito antes soubera por carta de um certo Reyner[2] endereçada da Inglaterra para Simão Grineu.

Quanto ao falecimento de Clautho, nada de mal no caso; lamento haver perecido, pelo incómodo que me causou. Era um intriguista que com coisa alguma se importava menos do que com servir-me. Andava unicamente à caça por mor da presa. Pouco depois de para cá vir, a primeira palavra da sua boca era se havia alguém que eu fosse enviar a Inglaterra. A Grapheus[3] sobre três pormenores tinha já chamado a atenção: que me mandasse quem não fizesse reparo em servir a uma pessoa doente; quem estivesse gozando de boa saúde; quem não andasse ligado a seitas. Ele mesmo não negava estas advertências de Grapheus.

Veio para aqui tocado da viagem. Eu próprio achava-me também enfermo. Por isso, durante vários dias o coloquei na mesa de Damião de Góis. Vivia, naturalmente, sob o mesmo tecto, mas não se sentava à mesma mesa senão quando eu ordenava. Logo que Clautho convalesceu, chamei-o para uma conversa e muito amavelmente comecei por dizer-lhe que falasse abertamente comigo a fim de que a nossa amizade lograsse ser mais firme.

Chegámos assim à terceira cláusula: se era estranho a seitas. Desta sorte, mantive-o ainda alguns dias junto a Damião, chamando-o depois para a minha mesa. No convívio, nem sequer com Damião falava, a não ser interrogado. Então respondia em duas palavras, tão baixo que não o entendia. Querendo enviá-lo a Inglaterra, chamei-o novamente para conversa particular e retornei com mais interesse àquelas três cláusulas. Havendo respondido convenientemente a tudo, perguntei se estava animado para se dirigir a Inglaterra. Riu-se. Escrevi as cartas, dei-lhe o dinheiro para a viagem. Em casa disse-me que ia depositar o excedente

esset animatus ad petendam Angliam. Hic risit. Scripsi epistolas, dedi uiaticum. Apud me dixit se depositurum superuacuam pecuniam apud famulum meum, ne periret in itinere. In cena[4] addidi illi 12 batzones, tantundem dederat Damianus. A cena[5] sensi fucum hominis.

Adiit famulum mentiens me iusisse ut mutaret sibi monetam in aurum. Famulus credidit et mutabit. Vbi praeter spem rescissem hominis uanitatem, succensui. Ille tremulo mento iracunde se non esse puerum, posse seruare pecunias suas. At me non mouebat pecunia, sed impudens medacium. Iratus abii in cubiculum meum; ille tremens ne reciperem litteras, postridie mane, dum adhuc dormirem, insalutato me proripuit se. [...]

In litteris quas commiseram Clautho nulla erat syllaba quae quenquam posset offendere. Nec Moro nec Roffensi quicquam scripsi, posteaquam resciui illos esse in custodia. Quanquam nec alias soleo ad amicos Anglos scribere quod non posset ab omnibus legi. Quare pone istam sollicitudinem[6]. [...]

A Natali Dominico per totum Ianuarium me crudelissime torsit podagra. Nec adhuc sum liber ob caeli[7] incomoditatem. Hic simili malo complures decumbunt, quidam etiam moriuntur. [...]

Opto te cum omnibus tuis caris[8] quam rectissime ualere.

Datum apud Friburgum Brisgoiae, 21. die Febr.

Erasmus Rot. mea manu.

[Nom. inscr.]

Ornatissimo uiro D. Erasmo Scheto negotiatori. Antuerpiae[9].

**B** XXXIX. PHILIPPVS MELANCHTHON

**amicum cuidam**

[Vitenbergae, 21.III.1535]

Vtinam amicitia tua frui possem, optime Strati[1]. Animaduerti enim ad ceteras[2] animi pulcherrimas dotes et ad doctrinam egregiam te addidisse summam humanitatem. Quid autem fingi aut perfectius[3] aut amabilius hac coniunctione et societate potest? Quare uelim tibi persuadeas, te a me ualde amari, et fieri plurimi.

---

**B** XXXIX. – **Ftt**: Manl 477-478 Corp 867-868 Mat 70, ls. 15-28

---

**B** XXXVIII. – **4** caena *omn.* **5** cena *N ALLENGA* coena *cet.* **6** solicitudinem *N ALLENGA* **7** coeli *omn.* **8** charis *omn.* **9** Antwerpiae *N ALLENGA*

**B** XXXIX. – **1** optime Strati] mi amice *MANL* **2** caeteras *omn.* **3** perfectius] perspectius *MANL*

junto do meu fâmulo, não fosse perder-se pelo caminho. Na ceia, acrescentei-lhe doze bázios[4], que outro tanto dera a Damião. No final desta, senti o intriguista que ele era.

Foi ter com o meu fâmulo, mentindo que eu lhe dera ordem de trocar a moeda por ouro. O fâmulo acreditou e fê-lo. Logo que desiludido descobri a vaidade do homem, fiquei irritado. Ele, de queixo a tremer, objecta-me irado que não era uma criança, que podia guardar o seu dinheiro. Claro que não era este que me movia, mas a mentira impudente. Irado, virei para o meu quarto, enquanto ele, receoso de que eu lhe retomasse as cartas, na manhã seguinte, ainda eu dormia, pisgou-se sem de mim se despedir.

Nas cartas que confiara a Clautho nenhuma sílaba havia que pudesse ofender alguém. Nada escrevi nem a Moro nem ao Rofense[5], após saber que estavam presos, conquanto de resto nada costume escrever aos amigos ingleses que não possa ser lido por todos. Por isso, fica descansado. […]. Desde o Natal do Senhor até finais de Janeiro torturou-me crudelissimamente a gota. E ainda não estou livre, por causa da inclemência do tempo. Aqui, muitos se queixam de idêntico mal e alguns também morrem. […]

Desejo-vos a mais perfeita saúde, na companhia de todos os que vos são caros.

Dada em Friburgo de Brisgóvia, em 21 de Fevereiro.

Erasmo de Roterdão, por mão própria.

[Endereço]

Ao prendadíssimo varão senhor Erasmo Scheto, mercador. Antuérpia.

## **B** XXXIX. FILIPE MELANCHTHON
## **a um certo amigo**

[Vitemberga, 21.III.1535]

Oxalá pudesse fruir da vossa amizade, óptimo Stratius[1]. Apercebi-me, com efeito, de que aos restantes dotes bem excelentes do espírito e à egrégia cultura acrescentastes vossas sumas qualidades humanas. Na verdade, que pode imaginar-se de mais perfeito e amável do que esta única e inter-relacionação? Eis por que queria vos persuadísseis de que me sois muito caro e vos estimo muito. Esta disposição comprová-la-ia realmente se lograsse com um favor mostrá-la, para que conhecêsseis a minha especial dedicação e afecto para convosco. Estou por minha parte persuadido de que sou por vós muito estimado. Por isso vos rogo conserveis a memória da nossa amizade em qualquer lugar do mundo.

Hunc animum si possem officio aliquo declarare, profecto efficerem, ut eximium[4] et studium et amorem erga te meum cognosceres. Mihi quoque persuasi, me tibi carissimum[5] esse. Quare te rogo, ut amicitiae nostrae[6] memoriam conserues, ubicunque[7] gentium eris. Fortassis et literae nostrae[8], si erunt tempora nobis aequiora, testabuntur, me praeclare de tua uirtute sensisse.

Scripsit ad me tuus Hieronymus Papiensis de itinere Italico. Hunc ut comitem adiungas, etiam atque etiam rogo. Scis illud Cyri apud Xenophontem: *cum*[9] *bonis uiris tutiorem esse nauigationem*. Ita et ille te expetit comitem, et fausti ominis ducem; tu quoque talis uiri eximia probitate, fide, prudentia et doctrina praediti consuetudinem expetas. Habet Patauii amicum Damianum, ad quem proficisci decreuit. Hunc talem uirum esse scito, ut neminem unquam[10] ei paelaturus sis. Nec tibi Hieronymus oneri erit[11].

Quaeso ut respondeas.

Bene uale[12].

Die Palmarum, 35.

Phil. Mel[13].

[Epist. epigr.]

Philippus Melanchthon ad amicum quemdam.

**B** XL. ERASMVS ROTERODAMVS
**Damiano a Goes**

[Friburgi, 21.V.1535]

Vtinam in re tuam esset, Damiane carissime, his aedibus uel nunc tuo uti arbitrio. Nunquam mihi uisae sunt neque tutiores neque ornatiores, quam te hospite. Saepius tamen scripsi quam semel, sed non semper perfertur quod traditur. Negotiatores grauate recipiunt litteras[1] studiosorum.

Lucae Remo[2] gratias egi, et ille pollicetur operam suam prolixe. Non dubitabam an tu bona fide commisisses litteras[3] meas famulo tuo, sed an ille

**B** XL. – **Ftt**: Erasv 129-131 Erasvi 273-6 Erasvit 377-381 Erop 1500-1501 Vasc 76-78 Allenga 132-135 Mat 71-74

**B** XXXIX. – **4** eximium] exiguum *MANL* **5** charissimum *MANL* **6** nostrae] meae *MANL* **7** ubicunque] ubique *MANL* **8** literae *omn.* **9** cum … nauigationem] cum bonis uiris esse nauigationem tutiorem *MANL* **10** unquam] usquam *MANL* **11** oneri erit] erit oneri *MANL* **12** Bene uale *om. MANL* **13** Phil. Mel. *om. MANL*

**B** XL. – **1** literas *omn.* **2** Raemo *ERASV* **3** literas *omn.*

Porventura até a nossa correspondência, se os tempos devierem mais propícios, atestará preclaramente a consideração que sinto por vós.

Escreveu-me o vosso Jerónimo de Pavia[2] acerca da viagem a Itália. Que o recebais como companheiro, rogo-vos com grande empenho. Conheceis aquela passagem de Xenofonte: *a navegação é mais segura com bons pilotos*[3]. É que ele não só vos anseia como colega, senão também como guia de fausto augúrio, do mesmo modo que vós esperais a camaradagem de tal varão, dotado de exímia probidade, lealdade, prudência e cultura. Tem em Pádua o amigo Damião, para junto de quem resolveu partir. Ficai sabendo que este senhor é dos que jamais ireis preferir alguém a ele. E Jerónimo não vos será penoso.

Peço que respondais. Passai bem!

Domingo de Ramos de 1535.

Filipe Melanchthon.

[Epígrafe da Carta]

Filipe Melanchthon, a um certo amigo.

**B** XL. ERASMO DE ROTERDÃO

**a Damião de Góis**

[Friburgo, 21.V.1535]

Quem dera de vossa utilidade fosse, Damião caríssimo, ainda agora vos servirdes, à discrição, desta casa! Nunca ela me pareceu nem mais segura nem mais adornada do que convosco por hóspede.

Escrevi-vos, entretanto, já mais que uma vez; mas nem sempre, o que é entregue, chega ao seu destino. Os comerciantes aceitam de má vontade as cartas dos estudiosos. Agradeci a Lucas Rem[1], e esse promete-me com liberalidade os seus serviços.

Não duvidava de que houvésseis efectivamente cometido ao vosso criado as minhas epístolas; punha em dúvida, sim, e ainda hesito um pouco, sobre se as teria ele entregado todas. Escrevi, por seu meio, a Scheto[2] e Utenhovius, e nenhum sinal posso depreender de que as hajam recebido.

Admira-me muito, nada vos vir de Portugal[3].

A minha saúde vai de mal a pior. A alma aparelha-se para emigrar deste triste domicílio, o que oxalá aconteça com o favor de Cristo. Alguns amigos

omnes reddidisset dubitabam, et adhuc subdubito. Scripsi per eum ad Schetum et Utenhouium. Nullo uestigio deprehendere possum eas esse redditas.

E Lusitania nihil ad te redire ualde miror.

Mea ualetudo semper uergit in peius. Animus meditatur ex hoc misero domicilio emigrare; quod utinam fiat fauente Christo. Aliquot amici nos praecesserunt in Brabantia: Viandulus, egregie doctus; Martinus Dauidis, hospes quondam meus, Bruxelae; Petrus Aegidius, Antuerpiae[4], et Franciscus Delfus; hic Botzemus. Perierunt et senes aliquot mense Aprili. Multae grauidae abortierunt. Ego grauiter discruciatus sum, ita ut iam uultures aliquot excitarim.

Arbitror uertiginem tuam iam abisse. A lectione temperandum est. Multum discitur litteratis[5] confabulationibus.

De schedis supprimendis habeo gratum, et ut pertendas rogo.

Sigismundus Gelenius tuo nomini dicauit *Annotationes in Plinium*, iam tertio ab ipso castigatum. Sed mire imposuit illi codex manu descriptus, in quo sciolus aliquis e suo capite mutauit quicquid libuit, et quodam modo nouum Plinium nobis dedit. Admonui ne fideret illi exemplari, sed auditus non sum. Hermolaus non ausus est mutare lectionem Plinianam. Gelenius se putat rem mirificam praestitisse, ego censeo crimen esse inexpiabile.

*Ecclesiastes* meus iam excuditur nondum dedolatus, sed quum flagitaretur, hoc malui quam posthumum esse partum, non ignarus qua fide tractentur opera defunctorum. Libris quatuor absoluetur[6].

Itali passim in me debacchantur maledicis libellis. Romae excusa est *Defensio Italiae adversus Erasmus*, dicata Paulo III. Rixa nata e duobus uerbis meis non intelectis. Ea sunt in proverbio *Myconius*[7] *calvus, Veluti si quis Scytham dicat eruditum, Italum bellacem*. Hoc interpretantur, quasi notarim Italos quod sint imbelles, quum his uerbis Italia laudata sit, non uituperara. Edere, bibere, loqui[8], uerba sunt media; edacem, bibacem ac loquacem esse, sonant in uitium. Ita bellacem esse, non est laudis, sed uituperii. Scythae ob barbariem et naturae immanitatem contemmunt omnes disciplinas liberales, ad arma tantum intenti. Itali colunt philosophiam, disciplinas et eloquentiam, quae pacis alumnae sunt, Scytharum ex diametro dissimiles. Vides egregiam apologiae materiam.

Prodiit et alius libellus, cui titulus *Cicero relegatus et Cicero ab exilio reuocatus*, qui tamen me non magnopere petit. In eo Cicero odiosissime laceratur, frigide defenditur. Et alius paratus, cui titulus, *Bellum ciuile inter Ciceronianos et Erasmicos*, quasi ego sim hostis Ciceronis. Aiunt et Doletum quendam in me scribere. Minitatur nescio quid et Iulius Scaliger. Sunt aliquot iuuenes male feriati, qui conspirarunt in Italiam et Ciceronis hostem. Nec desunt artifices, qui instigant partim odio mei, partim ut aliena fruantur insania. Romae sparserunt epistolam

---

**B** XL. – **4** Antuerpiae *MAT* Antwerpiae *cet.* **5** litteratis *MAT* literatis *cet.* **6** absoluetur] absoluitur *ERASVIT* **7** Myconius] Mysonius *VASC*

nos precederam no Brabante: Viândulo[4], egregiamente douto; o meu hóspede de outrora, Martinho de David[5], em Bruxelas; Pedro Gilles e Francisco Delfus[6], em Antuérpia; aqui, Botzheim[7]. Faleceram também alguns velhos, no mês de Abril. Muitas grávidas abortaram. Eu estou duramente atormentado, a ponto de já excitado haver alguns abutres.

Cuido que vos terá passado a vertigem. É preciso absterdes-vos da leitura. Muito se aprende em conversas eruditas.

Confesso-me grato pela destruição das folhas, e rogo tal leveis a cabo.

Segismundo Gelénio dedicou à vossa pessoa as «Anotações» ao *Plínio*[8], o qual ele corrigiu a terceira vez já. Contudo iludiu-o grandemente um códice manuscrito em que qualquer sabichão mudou a capricho quanto lhe apeteceu, assim nos forjando de certo modo um novo *Plínio*. Admoestei-o de que não se fiasse naquele exemplar, mas fui desatendido. Hermolau[9], não ousou alterar o texto Pliniano; e Gelénio pensa ter feito uma admirável coisa, quando eu julgo haver sido um crime inexpiável.

O meu *Ecclesiastes*[10] já está a imprensar-se, ainda incastigado; todavia, como apertassem comigo, preferi isto a um parto póstumo, não esquecido da consciência com que são tratadas obras de defuntos. Ficará em quatro livros.

Os italianos a cada passo se arreganham contra mim, em opúsculos maléficos. Em Roma foi imprensa a *Defesa da Itália contra Erasmo*[11], dedicada a Paulo III. A rixa nasceu de duas palavras minhas não entendidas e que estão nesta máxima: *Micónio calvo, é como dizer cita erudito ou italiano belicoso*[12], – as quais eles interpretam como tendo eu censurado os italianos por serem pacíficos, quando a verdade é que nesta expressão a Itália foi louvada e não vituperada. Comer, beber, – são vocábulos médios; comilão, beberrão, palrador – toam como vício. De igual maneira, ser belicoso não traduz louvor, que sim exprobação. Os citas, por seus costumes bárbaros e selvagens, desprezam todas as disciplinas liberais, inclinados só para as armas; os ítalos, esses cultivam a filosofia, as artes e a eloquência, que são fomentadoras de paz, diametralmente contrárias por isso às daqueles. Eis excelente matéria de defensão.

Saiu ainda um opúsculo com o título – *Cícero banido e Cícero repatriado*[13], o qual todavia não investe muito contra mim; nele é Cícero odiosissimamente lacerado, friamente defendido. Outro se aprestou, denominado *Guerra civil entre Ciceronianos e Erasmianos*, qual se eu fora hostil a Cícero. Diz que igualmente um certo Dolet[14] escreve em meu desfavor. Alveja-me não sei com que ameaças também Júlio Escalígero[15]. Enfim, uns quantos jovens ociosos, que conspiraram contra a Itália e contra o adversário de Cícero. Nem maquinadores faltam que os instiguem, em parte por aversão a mim, em parte para gozarem da alheia insânia. Divulgaram em Roma uma epístola como sendo escrita por mim, cheia de motejos facetos.

Entendo que vistes as nénias monacais de Agostinho Eugubino[16]. Eu nem leio isso.

quasi a me scriptam, plenam iocis scurrilibus. Augustini Eugubini monachales naenias arbitror te uidisse. Ego ista nec lego.

Lutherus iam nihil edit, in quo non perstringit. Erasmum papistam et Christi aduersarium. Homo simpliciter furit, concepitque parricidiale odium.

Salutem dixi quibus iusseras, excepto Bero, qui Romae agit: cuius reditum expectamus hoc mense. De Bombarda[9] scribet ipse Gilbertus.

Mihi si uiuere uelim, in totum abstinendum est a scribendo, immo[10] a studiis omnibus, quamquam[11] mihi sane non uidetur uita, uiuere sine commercio studiorum et in assiduis cruciatibus. Sed Dominus est, in cuius manu sumus omnes[12].

Ex litteris[13] Beri cognoui te lustrare Italiam. Cupio te quam prosperrime ualere, Damiane carissime.

Friburgi 21. Maii. Anno 1535.

De Plinio deprauato ideo admonui, ne sinas eum auctorem edi rursus ad hoc exemplar: alioqui bene uolo Gelenio, ut promeretur.

Erasmus Rot. mea manu.

[Epist. epigr.]

Erasmus Roterodamus clarissimo uiro D. Damiano a Goes S.P.

**B** XLI. BONIFATIVS[1] AMERBACHIVS
**Damiano a Goes**

[Basileae, 31.VII.1535]

Quod ad priores illas tuas litteras[2] non responderim, nulla obliuione tui, sed nuntiorum[3] raritate factum est, ne quid tibi quoque imputem, identidem locum mutanti.

Equidem mi generosiss. Damiane, eo in te sum animo quo praesenti fui praesens. Fui autem omnium deditissimo, ac nihil aeque atque tibi morigerari desiderante. Itaque si quid mea opera uelis, praesto est: omnia uolo a me et postules et expectes, officiis tuas etiam cogitationes uincere, pro uirili, parato, id quod tam tibi persuasum esse cupio quam quod est persuasissimum. Parce si parcius tecum ago.

---

**B** XLI. – **Ftt**: Gop $c_4^{r-v}$ Vasc 18 Hartm 367 Mat 75-76 $c_4^{r}$-$c_4^{v}$

---

**B** XL. – **8** loqui *om. VASC* **9** Bombarda *ERASVIT* bombarda *cet.* **10** immo *MAT* **11** quanquam *MAT* **12** sumus omnes. De Plinio… promeretur. Ex litteris … *MAT* **13** litteris *MAT* literis *cet.*

**B** XLI. – **1** Bonifacius *omn.* **2** literas *omn.* **3** nunciorum *omn.*

Lutero já nada edita em que não ataque Erasmo papista e inimigo de Cristo. O homem anda simplesmente doido, e concebe-me um ódio parricida.

Apresentei respeitos a quem indicáveis, excepto a Bero, que está em Roma e cujo regresso aguardamos neste mês.

Acerca de Bombarda[17], escrever-vos-á o próprio Gilberto.

Eu, a querer conservar-me, tenho de a todo o ponto me abster de correspondência e até de quaisquer estudos, embora me não pareça realmente vida o viver sem o comércio literário e em contínuas dores. Mas quem manda é o Senhor, em cuja mão estamos todos.

Conheci, pela carta de Bero, que percorreis a Itália. Desejo-vos a mais feliz saúde, caríssimo Damião.

Friburgo, 21 de Maio do ano de 1535.

P.S. – Sobre a corrupção de *Plínio*, avisei-vos – na intenção de que não permitais que este autor seja dado novamente à estampa segundo tal exemplar. De mais a mais quero bem a Gelénio, como muito merece.

[Epígrafe da Carta]

Erasmo de Roterdão ao varão ilustríssimo, senhor Damião de Góis, muita saúde.

## **B** XLI. BONIFÁCIO AMERBACH **a Damião de Góis**

[Basileia, 31.VII.1535]

Não foi por esquecimento, senão por haverem rareado os correios, que deixei sem resposta aquela vossa anterior carta; isto para de algum modo vos não lançar culpa a vós também, que de tempos a tempos mudais de pouso.

Na verdade, meu nobilíssimo Damião, as minhas disposições para convosco são as mesmas de quando aqui vos achastes, isto é: uma dedicação suma, que a nada aspira tanto como a servir-vos. Por isso, se algo pretendeis da minha parte, aqui me tendes: quero que exijais e de mim aguardeis tudo, pois preparado estou, quanto me diz respeito, para vencer com meus bons ofícios, as vossas cogitações mesmas; do que mui desejo fiqueis tão persuadido como de nenhuma outra coisa. Reservai-vos, se acaso vos trato mais reservadamente.

Escrevo esta embaraçado pela estreiteza do tempo, em virtude de ontem à tarde, enquanto me dispunha a cumprimentar o nosso Erasmo ultimamente de abalada, por alívio de espírito, até onde a mim, Gilberto[1] me ter avisado da vossa partida para a cidade e simultaneamente do correio que para aí segue amanhã.

Scripsi haec angustia temporis exclusus. Nam dum Erasmum nostrum, nuper huc mecum animi causa profectum heri sub uesperam salutare instituerem, a Gilberto tuae in urbem profectionis, simul et nuntii[4] cras mane istuc iter ingredientis admonitus sum. Volui occasione commodum oblata, uel tribus uerbis te compellare, cui de meliore nota etiam atque etiam commendatus esse cupio. Bene uale uir clariss.

Pridie Cal. August. Anno 1535. Basileae.

Erasmus, quatenus per ualetudinem licet, totus est in *Concionatore* absoluendo, quem nobis proxim. Septemb. typis Frobenianis procusum[5] dabit.

[Epist. epigr.]

Bonifatius[6] Amerbachius iurisconsultus Damiano a Goes S.P.

**B** XLII. ERASMVS SCHETVS

**Erasmo Roterodamo**

[Antuerpiae, 17.VII.1535]

S. P. Harum lator detulit mihi unam abs te epistolam cum plerisque aliis, quas his quibus directe uenerant mox transmisi. [...]

Non tam male erat Rufensi et Moro ex relatu Maruffi Genuen., qui proficiscens ex Anglia patriamque petens te uisit, quin longe peius his successerit. Vterque nam postea ex Regis ira securi percussus est: quam culpam habuerint adhuc non sum edoctus, nec est qui scribat ex Anglia uel audeat scribere. Videntur mihi et huic ut quondam, orbi non deesse carnifices. Dominus ferat sibi talium hominum innocentiam et patientiam acceptam. [...]

Quae de libellis socero Regis Lusitaniae[1] dicatis scribis, non intelligo. Regis socerum non scio, fratrem Infantem habet magnanimum et doctum, Damiani amantissimum. Si forsan per hunc et illius instinctu quid illi dedicaueris direxerisque nescio. Displicet mihi si quid istinc per praedones ereptum est tibi.

Editio *De ratione concionandi*, ut scribis, Basileam te transtulit, sed, ut intelligo, tuae ualetudinis incommodo. Optarim et animo et corpori tuo prosperrimam quietem et ualetudinem. Dum sic uisum est Domino ut nequeas transferri[2] nec

**B** XLII. – **Ftt**: Q $43^v$-$44^v$ Allenga 204-206 Mat 76, ls. 14-20, 28-31

**B** XLI. – **4** nuncii *omn.* **5** procusum] excusum *HARTM* **6** Bonifacius *omn.*

**B** XLII. – **1** Lusitaniae] Lusutaniae *omn.* **2** transferre *ALLENGA* transtuli *Q*

Mas é que queria, oferecida a propósito ocasião, asinha endereçar ainda estas três palavras a uma pessoa a quem almejo com empenho ser cada vez mais recomendado.

Adeus, varão ilustríssimo.

P.S. – Erasmo, na medida em que a saúde lho permite, está todo entregue à ultimação do *Concionator*[2], que nos dará em Setembro próximo, impresso na tipografia Frobeniana.

[Epígrafe da Carta]

Bonifácio Amerbach, jurisconsulto, a Damião de Góis muita saúde.

**B** XLII. ERASMO SCHETO

**a Erasmo de Roterdão**

[Antuérpia, 17.VII.1535]

Muitas saudações!

O portador desta entregou-me uma carta vossa, com diversas outras que logo fiz chegar directamente àqueles para quem vieram.

Não era tão grave a situação do Rofense[1] e de Moro, segundo o relato de Maruffo Genebrino, que partindo de Inglaterra e retornando à pátria, vos visitou; mas bem ao contrário, acontecera-lhes muito pior. Ambos, na verdade, foram depois passados à espada pela ira do Rei. Ignoro ainda a culpa que lhes assacaram e não há quem escreva de Inglaterra ou ouse escrever. Parece-me a mim e a este que, como outrora, não faltam no mundo carniceiros. O Senhor se digne aceitar a inocência e a paciência de tais pessoas. [...]

Quanto ao que escreveis sobre opúsculos dedicados ao sogro do Rei, não percebo. Sogro do Rei, não conheço; tem um irmão Infante, magnânimo e douto, grande amigo de Damião. Se acaso, através deste e indicação daquele algo lhe tereis dedicado e dirigido, não sei. Desagrada-me se alguma coisa vos foi daí roubada por salteadores.

A edição *Acerca do método da Pregação*, como dizeis, deslocou-vos para Basileia; mas, ao que entendo, com incómodo de saúde. Prefiriria o vosso prospérrimo descanso e bem-estar de corpo e de espírito. Mas como assim

ferre uectationem, opus est te dedere loco quo forsan non in uanum te constituit Dominus. [...]

Vale, mi[3] Domine Erasme carissime[4].
Ex Antuerpia[5] XVII.ª Augusti 1535

Ex animo et uere tuus
Erasmus Schetus

Nom. inscr.]

Summae doctrinae et sapientiae[6] uiro Domino Erasmo Roterodamo[7]. Friburgi

**B** XLIII. ERASMVS ROTERODAMVS
**Damiano a Goes**

[Basileae, 18.VIII.1535]

Accipe ad singulas epistolae tuae satis prolixae partes, sed carptim ac breuiter. Ex postremis litteris[1] tuis, quas pridie Idus Iulii scriptas, ex Augusta Videlicorum recepi, coniicio tibi meas esse redditas, quas Patauium miseram, quum tu iam Patauio discesseras. Lucas Remus, uir humanissimus ut scribunt amici, paralysi tactus alterum corporis latus gerit[2] exanime, lingua tamen, nam et hanc morbus ademerat, est reddita: spero rem rumore mitiorem esse. Is mira fide nostras epistolas perferendas curat.

A Friburgo depulsus, non est quod magnopere doleas, qui Italia Germaniam, et Erasmum Bembo ac Bonamico felicius permutasti quam Diomedes aerea commutauit aureis.

Et epistola Georgii Coelii perspicio famulum tuum, de cuius fide subdubitabam, in reddendis litteris[3] suo functum officio. Resendum nihil scribere demiror: suspicor illi praeclaram aliquam dignitatem obtigisse. Coelius subinuidet illi prolixam illam epistolam, quum ipse perbreuem acceperit. Videor ambos offendisse, alterum epistola uerbosiore, alterum breuiore.

---

**B** XLIII. – **Ftt**: Erpur 107-112 Erepis 1106-1107 Erepist 1106-1107 Erop 1506-1507 Vasc 78-82 Allenga 206-209 Mat 77-82

---

**B** XLII. – **3** mi] my *Q ALLENGA* **4** carissime *MAT* charissime *cet.* **5** Antuerpia] Andouerpia *Q ALLENGA MAT* **6** sapienciae *Q ALENGA* **7** Rotterodamo *Q ALLENGA*

**B** XLIII. – **1** literis *omn.* **2** gerit] gessit *VASC* **3** litteris *MAT* literis *cet.*

pareceu ao Senhor que não possais mudar de lugar nem suportar transporte, é necessário que aceiteis aquele em que não em vão o Senhor vos estabeleceu. [...].

Adeus, meu caríssimo senhor Erasmo.

De Antuérpia, a 17 de Agosto de 1535.

Verdadeiramente vosso e de coração,

Erasmo Scheto.

[Endereço]

Ao senhor Erasmo de Roterdão, varão de suma cultura e sabedoria. Friburgo.

**B** XLIII. ERASMO DE ROTERDÃO
**a Damião de Góis**

[Basileia, 18.VIII.1535]

Atendei lá, segundo cada parte da assaz longa epístola vossa, mas em separado e brevemente.

Pela última carta que escrevestes a catorze de Julho e eu recebi de Augsburgo, conjecturo ter-vos sido entregue a que mandei para Pádua, já quando de lá havíeis retirado.

O varão bondosíssimo que é Lucas Rem[1], tocado, ao que escrevem os amigos, de paralisia, ficou exânime de um lado do corpo; a língua porém que a doença atingira, está livre. Espero a realidade seja mais consoladora do que a notícia. Este com admirável dedicação cuida de levar as nossas cartas.

Apesar de afastado de Friburgo, não vos assiste a razão de grande mágoa, – a vós que trocastes a Alemanha pela Itália, e Erasmo por Bembo[2] e Buonamico, com mais felicidade do que Diomedes ao permutar cobre por ouro.

Reconheço, pela missiva de Jorge Coelho[3], que vosso criado, de cuja fidelidade eu desconfiava um tanto, cumpriu o seu ofício de portador das cartas.

Espanta-me Resende não escrever nada. Suspeito lhe haja caído em sorte alguma preclara dignidade. Coelho inveja-lhe um pouco aquela extensa epístola, por isso que recebeu uma tão abreviada. Parece-me que ofendi a ambos; àquele, com carta demasiado prolixa; a este, com carta em excesso lacónica.

Oxalá se digne o Senhor chamar-me deste mundo desvairado ao seu descanso, tão longe estou de optar pela longevidade que me apeteceis. Se a alguém os meus escritos foram de proveito, rejubilo; de fama não me interessa, e quem dera lhe não sentisse o peso.

Vtinam Dominus dignetur me ab hoc furente saeculo[4] in suam requiem euocare. Tantum abest ut longaeuitatem, quam mihi precaris, desiderem. Si cui mea scripta profuerunt ad pietatem, gaudeo; de fama nihil laboro, qua[5] utinam non essem oneratus.

Miror unde ista uertigo capitis in iuuene. Habet Italia insignes medicos, quorum consilio possis hoc incommodum pellere. Ab attenta lectione cauendum, praesertim post prandium et cenam[6]; pro lectione sit litteratorum[7] hominum confabulatio.

Times hiemem[8] in Italia tepida? Quid faceres apud Pilapios? Quod si serio times, recurre huc ad hypocausta; calebis quantum uoles. Vel dono dabo tibi aedes, quas habeo Friburgi. Sum adhuc Basilea, ob editionem *Concionatoris* mei, ac ualde sum animi dubius an expediat Friburgum repetere. Adeo multa suadent, multa deterrent.

Gelenius pro sua doctrina non uulgari, proque morum sinceritate dignus est lautiore fortuna, diuitias uix ausim illi optare. Quid periculi inquis? Ne segnior fiat ad prouehendam rem litterariam[9]. Multos πενία ad industriam stimulat.

Quod de perpoliendis lucubrationibus meis admones, ut facis tu quidem amice, ita frustra facis, etiamsi non admoneres fero. Natura sum extemporalis, et ad recognitionem mire piger. Et scis quam difficile sit pugnare cum natura, praesertim seni. Quid, quod illa non scripsimus Italis, sed crassis Batauiis ac rudibus Germanis, idque saeculo[10] non perinde felici atque nunc est? Iam quaedam argumenta non recipiunt accuratam orationis politiem. Neque illa M. Tullii myrothecia conueniunt iis, quae uel ad docendum parata sunt, uel religionis negotium tractant. Prioris generis sunt Adagia, posterioris Paraphrases, Annotationes, aliaque permuta, quibus si coneris addere Tullianae phraseos nitorem, nescio quo pacto frigescunt apud uerae pietatis studiosos, qui spiritus δείνωσιν quaerunt, non uerborum lenocinia. Caelestis illa philosophia ut habet suam sapientiam ab humana diuersam, ita suam habet eloquentiam. Mystica postulant suum quoddam dictionis genus.

Quem, obsecro, ad pietatem accendit Lactantius, atqui[11] nihil eo nitidius? Dicas Christianum[12] Ciceronem loqui, quamquam ille non tractat Scripturas, sed cum Ethnicis digladiatur. Ipse Melanchton in *Commentariis*, quibus enarrat Epistolam ad Romanos studio deiicit stylum, quum illic affectet maxime uideri theologus. In eandem tres libros edidit illud eximium huius aetatis decus Iacobus Sadoletus, admirabili sermonis nitore, et copia plane Ciceroniana, nec deest affectus episcopo Christiano[13] dignus. Fieri non potest quin tale opus a tali uiro profectum bonorum omnium suffragiis approbetur, uereor tamen ne apud complures ipse phraseos nitor nonnihil hebetet aculeos ad pietatem.

---

**B** XLIII. – **4** seculo *omn.* **5** qua] quo *VASC* **6** coenam *omn.* **7** literatorum *omn.* **8** Hyemem *omn.* **9** literarium *omn.* **10** seculo *omn.* **11** atqui] a qui *VASC* **12** christianum *omn.* **13** christiano *omn.*

Admira-me donde virá essa vertigem de cabeça, num jovem! A Itália tem médicos insignes, a cuja consulta podíeis submeter esse incómodo. Deveis acautelar-vos da leitura aplicada, mormente depois do jantar ou ceia; substituindo isso por conversas com homens doutos.

Temeis o inverno na tépica Itália? Que faríeis junto dos lapões? Contudo, se seriamente arreceais, andai cá para a fogueira: aquecer-vos-eis quanto quiserdes; eu vos darei de presente a casa que em Friburgo possuo. Estou ainda em Basileia, por causa da edição do meu *Concionator*[4], e muito de ânimo hesitante sobre se valerá a pena voltar para Friburgo. Bastas razões me persuadem, bastas me dissuadem.

Gelénio[5], pelo seu invulgar saber e irrepreensibilidade de costumes, digno era de melhor sorte; a custo, porém, ousaria eu anelar-lhe riquezas. Que perigo há? – direis. Para que se não torne mais lento em avançar no labor literário. A muitos a penúria estimula a diligência.

Pelo que respeita ao limiar das minhas elucubrações, o advertirdes-me, com ser realmente de amigo, nem por isso é infrustrâneo, pois que, mesmo sem admonição vossa, o procuro já. Sou extemporâneo por natureza e mirificamente preguiçoso quanto a revisões; e sabeis como é difícil pugnar contra a natura, sobretudo a um velho.

Ademais não escrevemos aquelas coisas aos ítalos, senão aos crassos holandeses e rudes germanos, e num tempo menos feliz que o de hoje. Depois, alguns assuntos não suportam o cuidadoso esmero formal; nem essas maravilhas de M. Túlio convêm àquilo que foi preparado para o ensino ou trata de assuntos de religião. No primeiro caso estão os *Adágios*; no segundo as *Paráfrases*, *Anotações* e muitíssimos outros, aos quais, se forcejardes em trazer ao brilho da frase Tuliana, não sei por que modo os acham frios os dedicados à verdadeira piedade, e que buscam a força do espírito e não as louçainhas das palavras. Essa filosofia celeste, assim como tem a sua sabedoria diversa da humana, assim também a sua eloquência. As coisas místicas exigem um género peculiar de expressão.

Ora notai-me: A quem excitou Lactâncio à piedade, com um estilo tão brilhante como ninguém? (Diga-se embora que o Cícero cristão, que aliás não trata das Escrituras, escreve mas é combatendo o paganismo). O próprio Melanchthon, nos comentos em que expõe a *Epístola aos Romanos*, de indústria descurou a forma, já que ambiciona ali parecer teólogo sobretudo. À volta da mesma editou três livros esse exímio lustre da nossa época, Tiago Sadoleto, com admirável elegância de fraseado e perfeita riqueza ciceroniana; nem lhe minguando sentimento digno de um bispo cristão. Uma tal obra, vinda de homem assim, não pode desmerecer o aplauso de todos os bons; no entanto, a muitos receio eu que a própria nitescência expressional algo embote os arroubos da piedade.

Para quê memorar aqui Longólio[6], que tanto se aplicou a imitar Cícero? Não se houve mal na empresa, mas, apesar disso, quanto mais frio é do que ele mesmo, naquilo em que pugna contra os dogmas de Lutero! Que imaginais vós lhe aconteceria, se não combatesse e sim explanasse os mistérios da divina Escritura?

A esse varão, assim como a morte prematura o subtraiu a todos os estudiosos, de igual jeito muitos parecem recusar à Holanda a glória do seu nome. Efectivamente,

Quid hic commemorem Longolium qui totus in hoc incubuit, ut Ciceronem exprimeret, nec infeliciter cessit conatus? At hic quanto se ipso frigidior est in is, in quibus pugnat aduersus Lutheri dogmata? Quid futurum censes si non pugnasset, sed enarrasset mysteria diuinae scripturae? Eum uirum ut praematura mors omnibus studiosis inuidit, ita nominis gloriam nostrae Holladiae multi uidentur inuidere: nam propemodum in illo euenit, quod olim in Homero, de cuius ortu septem urbes inter se decertasse feruntur. Ita Longolium hinc Galliae sibi uendicant, hinc Mechlinia sibi asserit, quum re uera fuerit purus putus Hollandus, prognatus e patre Hollando, in oppido celebri Hollandiae, cui hortorum[14] pulchritudo nomen dedit Schoonhouia. Hic ne quis mihi protinus obstrepat, quod dico patruus ipsius Petrus Longolius uir apprime doctus mihi narrauit. Non arbitratus sum committendum, ut hoc decoris Hollandiae praeriperetur: et ipsius Longolii gloriam illustrat, quod in ea regione natus tantus euaserit. Sed haec παρέργα ad id quod institueram redeo.

Illud tu iudicato, mi Damiane, an aequum faciant qui postulant a nobis ut melius dicamus quam possumus. Habuit et Italia in quorum scriptis desideratur illa ad unguem exacta polities, Petracham, Poggium, Guarinum, Philelphum, Leonardum ac Franciscum Aretinos[15], aliosque permultos, quos nos cum candore[16] legimus, ad errata conniuentes. Et isti nihil concedunt Batauis? Iam si fastidiemus omnes scriptores qui M. Tullio sunt dissimiles, qui tandem nobis erunt reliqui? Me candor Tullianae phraseos in allis ualde delectat, ipse nec adspernor, nec anxie affecto. Si quid erroris deprehendo in libris meis, praesertim ad bonos mores aut ad religionem pertinens, sedulo corrigo: de fama per orbem peruagatura, deque iudicio posteritatis uiderit Dominus.

Verum, haec utcumque habent, mihi gratissima fuit admonitio tua, quam scio ab amicissimo animo profectam. Spero te consuetudine doctissimorum hominum eam politiem feliciter assequuturum, ad quam me hortaris. Ad quam laudem nisi uiderem te sponte currentem, non pigeret exstimulare: uidelicet ut hoc decus uelut egregiam gemmam tuis stemmatibus et imaginibus adderes, atque hanc palmam si non primus, certe cum primis tuae referres Lusitaniae, in dies magis ac magis eflorescenti.

Quas Berus pertulit litteras[17] accepi, priores illas abs te Romae scriptas non accepi, nec eas, quas Berus eodem tempore misisse se significat. Longa est via: *Multa cadunt inter calicem supremaque labra*.

Berus mihi non reddidit sed transmisit litteras[18] a Bembo, cui tamen non scripseram, et a Lazaro Bonamico: nondum enim cum Bero sum colloquutus. Bembi litterae[19] non egent responsi; Lazaro, cuius epistola mihi fuit gratissima, nunc respondere non uacat. Antea diligebam hominem ob eximiam eruditionem, nunc longe mihi carior factus est, quod te complectitur.

---

**B** XLIII. – **14** hortorum] portorum *VASC* **15** Aretinos] Aretinus *VASC* Aretinum *MAT* **16** candore] laudare *VASC* **17** literas *omn.* **18** literas *omn.* **19** literae *omn.*

acontece-lhe pouco mais ou menos o que outrora a Homero, cuja naturalidade se reza ter sido disputada por sete cidades. Tal com Longueil, que ora as Gálias reclamam para si, ora seu o afirma Malines, – quando em verdade ele não é senão um holandês de pura gema, nascido de pai batavo no célebre ópido da Holanda ao qual a beleza das enseadas deu o nome de Shoonhoven.

O que aqui digo, não venha de caminho alguém contradizer, foi-me contado por seu tio paterno, Pedro Longólio, varão mui douto. Achei bem não dever consentir que este ornamento da Holanda fosse arrebatado: e ilustra a memória do próprio Longólio o facto de, oriundo dessa região, se haver tornado tão grande.

Mas isto são divagações e eu regresso ao que tinha principiado. Julgai, meu Damião, se coisa razoável se propõem os que nos exigem que digamos melhor do que podemos. A Itália também teve Petrarca, Poggio, Guarini, Filelfo, Leonardo e Francisco Aretino e muitos mais, em cujas obras essa esmeradíssima polidez é desejada, e dos quais, ao querermos louvá-los, fechamos os olhos aos dislates. E então esses nada aos batávios concedem? Além de que, a aborrecermos todos os escritores que são diferentes de M. Túlio, quais os que afinal nos restarão? Verdade que me deleita subidamente nos outros o esplendor da frase Tuliana; quanto a mim nem a desprezo nem a busco em ansiedade. Sempre que algum erro depreendo nos meus livros, sobretudo com respeito aos bons costumes ou à religião, corrijo diligentemente; da fama a espalhar pelo orbe e do juízo da posteridade, isso é com o Senhor.

Mas, como quer que tudo seja, foi-me gratíssima a advertência vossa, que conheço dimanada de um coração amicíssimo. Espero que com o convívio desses sapientíssimos varões, haveis de felizmente alcançar a elegância a que me exortais. A tal honra se vos não percebesse de livre vontade correndo, me não cansaria de incitar-vos, isto é, a que esta glória, qual gema egrégia, às vossas grinaldas e retratos acrescentásseis, e esta palma, se não como primeiro, ao menos entre os primeiros, oferecêsseis a vosso Portugal, de dia em dia mais e mais florescente.

Recebi a carta que Bero trouxe, mas não aquela primeira por vós escrita de Roma, nem a que Bero informa ter enviado na mesma ocasião. É longo o caminho:

> «Entre o elevar da taça e o contactar dos lábios
> Muita coisa acontece»[7]

Bero[8] não me entregou mas mandou entregar a epístola de Bembo, a quem no entanto não havia escrito, e a de Lázaro Buonamico. De facto, ainda não falei com Bero. A missiva de Bembo não carece de resposta; a Lázaro, cujas letras me foram agradabilíssimas, mingua-me vagar para dar-lha nesta altura. Antes estimava-o pela sua erudição exímia; agora, altamente mais benquisto se me tornou pela amizade que vos dispensa.

Também por cá se fala muito das coisas de África; temo contudo que a África nos gere mais depressa algo de novo que de favorável. Eu ligo pouco a historietas mendazes.

De rebus Africae et hic multa iactantur, uereor ne Africa nobis aliquid noui pariat citius quam laeti. Ego talibus[20] fabulis leuiter commoveor. Interim inferior Germania tota perditur ab Anabaptistis, Monasterium expugnatum est. Occisi quotquot excesserant annum duodecimum, si uera est fama. Rex Galliae reuocat nobiles, qui metu profugerant. Meditatur aliquam moderationem. Melanchtonem euocauit ad colloquium, nondum tamen profectus est. Wittembergae saeuit pestilentia, item Augustae, Argentoracti coepit serpere.

Rex Angliae saeuit in quosdam monachos, Episcopum Roffensem, Thomam Morum iampridem habet in carcere. Haec nimium uera. Qui e Brabantia ueniunt, narrant de utroque sumptum capitis supplicium: eum rumorem optarem esse uanum.

Bene uale. Bembo et Bonamico, et, si datur opportunitas, Caelio Calcagnino ueteri amico salutem de nota meliore.

Datum Basilea 18. Augusti, Anno 1535.

[Epist. epigr.]

Desiderius[21] Erasmus Roterodamus clarissimo[22] uiro Damiano a Goes Lusitano[23] S.D.

**B** XLIV. QVIDAM ANGLVS
**Damiano a Goes**

[«c. X.1535»]

Vehementer a me contendis Ruffensis[1] interitu; paulo copiosius scribam. Hodie rem didici melius.

Nosti mores, opinor, qui legum loco in iudiciis apud nos sunt. Duodecim uiri plerumque neque docti neque prudentes, nonnunquam etiam indigni, quorum iudicio uel sericis salus periclitetur, criminibus omnium omnibus praeficiuntur.

Sed quandoquidem hoc priuilegii reis[2] concessum[3] est ut, si quem ex his suspectum habeant, eum reiiciant, Ruffensis[4], cum duodecim illi coram essent, rogatus si quem ex his contra se nollet pronuntiare: «Contra me», inquit, «neminem

**B** XLIV. – **Ftt**: E 12$^{r-v}$ cop. A60$^{r}$- 61$^{r}$ cop. Allenga 262-263 Mat 84-85

**B** XLIII. – **20** talibus] falsibus *VASC* **21** Desiderius *ERPUR ALLENGA* **22** clarissimo uiro *ERPUR ALLENGA* **23** Lusitano *ERPUR ALLENGA*

**B** XLIV. – **1** Ruffensis *E ALLENGA MAT* Roffensis *A* **2** regis *MAT* reis *cet.* **3** Consessum *ALLENGA MAT* comissum *A* **4** Roffensis *A*

Entretanto toda a Alemanha inferior cai nas mãos dos Anabaptistas. Münster foi expugnada e mortos quantos excediam os doze anos, a ser verdade o que se diz.

O monarca francês chama os nobres que o medo desterrou. Dispõe-se a certa moderação. Convidou Melanchthon para uma entrevista, mas ele ainda não partiu.

Em Vitemberga assanha-se a pestilência, bem como em Augsburgo; em Estrasburgo começou a espalhar-se.

O rei de Inglaterra perseguiu alguns monges e tem desde há muito no cárcere o bispo de Rochester[9] e Tomás More. Estas coisas são assaz verdadeiras. Os que vêm do Brabante narram que ambos sofreram a pena capital. Preferiria fosse falso este rumor.

Passai bem. A Bembo e Buonamico e, em se dando oportunidade, a Célio Calcagnini[10], velho amigo, apresentai meus recados com empenho.

Dada em Basileia, a 18 de Agosto do ano de 1535.

[Epígrafe da Carta]

Desidério Erasmo de Roterdão ao ilustríssimo varão Damião de Góis, português, saudações.

**B** XLIV. UM CERTO INGLÊS
**a Damião de Góis**

[«c. X.1535»]

Insistis veementemente comigo por causa da morte do Rofense. Escreverei com um pouco mais de pormenor. Hoje soube melhor do caso.

Conheceis os hábitos, imagino eu, que em lugar das leis estão em vigor, entre nós, nos julgamentos. Doze varões, geralmente nem doutos nem prudentes, por vezes indignos, por cuja decisão ou vestimentas de seda a salvação se mantém periclitante, são postos em face de todos os crimes de quem quer que seja.

Mas, visto ser concedido ao réu o privilégio de rejeitar algum dos jurados se o considerar suspeito, o Rofense[1], na presença daqueles doze, interrogado sobre se se opunha a que algum deles fizesse pronúncia contra si, respondeu: «Contra mim não quereria pronunciar ninguém, senão quem souber que isso eu o mereci». «Portanto», diz o chanceler[2], «nenhum desses julgas dever ser rejeitado?» «Julgo que devem ser advertidos», respondeu; «pois não é justo condenar um inocente para agrado do Rei. Se é dever de cada um agir segundo a consciência não importa onde, então muito mais o é quando vai proferir-se uma sentença

uelim pronuntiare nisi qui norit id meritum esse me». «Ergo[5]», inquit cancellarius, «ex istis neminem reiiciendum esse censes?» «Admonendos omnes», inquit, «puto tutum non esse in Regis gratiam innocentem condemnare. Quemque animae suae negotium agere ubique cum decet, tum maxime cum contra alium sententiam dicturus sit. Ego cur istos metuam non uideo qui semper in lege Dei mei uersatus sim, ac Regi nostro probi consilii auctor perpetuo extiterim». «Non ista», inquit cancellarius, «abs te nunc postulantur. Accerseris ut quid leges nostrae uelint intelligas, non ut rationem consiliorum tuorum prolixius exponas». «Itane», inquit, «ais? Indefensa causa succumbendum est? Ergo accipite eum et iudicate secundum nostram legem».

Memineris, mi Damiane, hominem hunc casum suum non grauiter tulisse, sed causa Christi nonnihil commotum fuisse. Cupiebat rem disputasse, neminem recusans aduersarium, non uitae suae sed religionis consulturus. Verum cancellarius dixit rem satis diu disceptatam esse, nunc nisi uellet palinodiam canere in iudicium uenire[6].

Adsunt duodecim. Miseret me, pudet me patriae duodecim fuisse repertos in una insula qui talem uirum morti adiudicarint. Iudex pronuntiat abducendum ad Turrim, carnifice[7] securim praeferente hinc educendum, postremo caput ceruicibus auellendum esse.

Nosti reliqua, quomodo carnificum nimia festinatio <non[8] obstiterit quin >monacho rem gratam fecerit: qui perpetuo in sacris litteris[9] uersabatur, moriturus interpretem agit.

[Epist. epigr.]

Epigraphe et cursuali inscriptione caret.

**B** XLV. ERASMVS ROTERODAMVS

**Damiano a Goes**

[Basileae, 15. XII. 1535]

Amice magne, scheda[1] addita litteris[2] meis suppeditabit causam iustiorem quam uellemus[3], qua me excuses egregiis illis litterarum[4] heroibus Bembo, Bonamico, et Caelio[5], quos ego toto pectore suspicio uenerorque.

**B** XLV. – **Ftt**: Erasv 134 Erasvi 279-280 Erasvit 385-388 Erepist 1959-1960 Erop 1515 Vasc 82-83 Allenga 259-260 Mat 86-87

**B** XLIV. – **5** Ergo … censes *om. A* **6** uenire] ueniret *ALLENGA* **7** carnifice] carfice *E* **8** non obstiterit quin *add. ALLENGA* **9** literis *omn.*

**B** XLV. – **1** sceda *omn.* **2** literis *omn.* **3** uellemus] vellumus *VASC* **4** literarum *omn.* **5** Caelio] Coelio *VASC*

contra outrem. Eu não vejo razão para temer esses senhores, porquanto sempre me tenho comportado dentro da lei de Deus e fui sempre conselheiro probo do nosso Rei». «Não se te pedem neste momento tais declarações», avisa o chanceler. «Sois intimado sobre como entendeis o que estatuem as nossas leis e não a expor, com pormenores, o teor dos vossos conselhos». «É, pois, assim que falais?», retorquiu. «Deve sucumbir-se sem defesa de causa? Então tomai-me e julgai-me segundo a nossa lei».

Lembrareis, meu caro Damião, que este homem não suportou com gravame o seu caso, mas ficou um tanto emocionado em relação a Cristo. É que ambicionava ter entrado em disputa, sem recusa de qualquer adversário, não para atender à sua vida mas à da religião. Contudo o chanceler sublinhou haver-se já debatido o assunto por tempo demasiado; só queria agora a leitura do processo e a emissão do juízo.

Presentes estão os doze. Sinto pena, sinto vergonha da minha pátria por se haver encontrado numa ilha quem tal varão julgou digno de morte. Sentencia o juiz que deve ser conduzido à Torre, precedido do carrasco empunhando desde aqui o machado, e finalmente posto no cepo.

Estais inteirado do resto, de como a pressa do carrasco não obstou a que, a instantes da morte, fizesse de intérprete a um monge que toda a vida dedicou às sagradas letras.

[Endereço]

Não tem epígrafe, nem endereço, nem data certa.

## **B** XLV. ERASMO DE ROTERDÃO
## **a Damião de Góis**

[Basileia, 15.XII.1535]

Grande amigo: A folha acrescida à minha carta subministrará razão mais justa do que quiséramos para minhas desculpas apresentardes a esses egrégios heróis das Letras, – Bembo, Buonamico e Célio[1], que eu de todo o coração respeito e venero.

Recebi vossa carta, por obséquio de Lucas Rem[2]; mas com bastante atraso: no dia quinze de Dezembro. Não por culpa deste, que sim do correio.

De Resende não posso admirar-me bastante. Passe por lá muito bem esse tão rusticamente ingrato.

Creio que o *Ecclesiastes*[3] já se encontra aí ao público. Foram impressos dois mil e seiscentos exemplares. Por agora saiu em formato um pouco reduzido.

Epistolam tuam accepi per Lucam Remum, sed serius 15. die Decembris: non ipsius culpa, sed nuntii. De Resendo[6] non possum satis mirari. Valeat ille tam rustice ingratus.

*Ecclesiastes* iam opinor istic[7] prostat. Excusa sunt duo millia uoluminum et sexcenta. Nunc denuo[8] excusus est minore forma.

De *Commentariis* Iacobi Sadoleti mihi tale quiddam praesagiebat animus. Admonui illum litteris quatenus licuit tantum admonere Praesulem. Insumpsit in hoc opus immensos labores. Audio nec a Sorbonicis probari.

Gelenio, uiro bono ac docto, optarim fortunam aliquando commodiorem. Diuitias uix optarim. Nunc πενία adigit illum ad honestos labores.

Adolescens, quem mihi commendas, nondum me adiit: curabo, ut accipiat epistolam suam. Gilbertus me reliquit, iam Canonicus. Cantabit missam.

Aedes uendidi ac supellectilem[9] distraxi, non magno lucro meo, nec tamen prorsus infeliciter.

Italice non intelligo, sed curabo uertendum, quod uertit Polus. Mitto uicissim historiam bonae fidei, in qua qui ex Anglia[10] redeunt, et actis interfuerunt, negant quicquam esse falsi: nisi quod pauciores Carthusiani fuerunt affecti supplicio.

Cupiebam tecum pluribus agere, amicorum dulcissime, sed uix credas quam haec aegre pararim. Vale et saluta amicos.

Basileae[11], 15. Decembris, anno 1535.

[Epist. epigr.]

Erasmus Roterodamus nobili uiro Damiano a Goes S. P.

**B** XLVI. ERASMVS ROTERODAMVS

**Damiano a Goes**

[«Basileae c. 15.XII.1535»]

Vltra mensem iam perpetuo lecto sum affixus, cruciatu uix credibili, certe intolerabili. Nec spes est recreandae ualetudinis eius, ob urgentem hiemem. Non horreo mortem, sed opto magis, si Domino placeam.

**B** XLVI. – **Ftt**: Erasv 135 Erasvi 278 Erasvit 384 Erepist 1959 Erop 1821 Vasc 84 Allenga 260 Mat 88

**B** XLV. – **6** Resendo *EROP VASC MAT* Rensendo *cet.* **7** isthic *omn.* **8** denuo] demo *VASC* **9** suppellectilem *omn.* **10** anglia *omn.* **11** Basilea *EROP VASC*

Sobre os *Comentários* de Tiago Sadoleto[4], o meu espírito pressagiava já qualquer coisa assim. Adverti-o epistolarmente, tanto quanto é lícito admonir um prelado. Despendeu nesta obra imensos esforços. Ouço dizer que nem os Sorbónicos a aprovam.

Ao varão recto e douto que é Gelénio[5], optaria eu fortuna um bocado melhor; dificilmente lhe desejara riquezas. Agora a penúria compele-o a labores honestos.

O adolescente que me recomendais, ainda não veio ter comigo. Curarei de que receba a sua carta.

Gilberto[6] deixou-me já cónego. Cantará missa.

Vendi a habitação e a retalho os trastes, não com grande lucro nem por outro lado com inteira infelicidade.

Não entendo o italiano, mas empenhar-me-ei em traduzir o que Pole[7] verteu.

Remeto-vos por meu turno uma relação fidedigna, na qual os que de Inglaterra voltam e assistiram aos acontecimentos, negam que algo seja falso, à excepção de que número menor de Cartuxos foi supliciado.

Mais coisas cobiçava dizer-vos, ó amigo caríssimo entre todos; mas dificilmente imaginareis quanto me custou a preparar esta!

Adeus e saudai os amigos.

Basileia, 15 de Dezembro de 1535.

[Epígrafe da Carta]

Erasmo de Roterdão ao nobre varão Damião de Góis muitas saudações.

## **B** XLVI. ERASMO DE ROTERDÃO
## **a Damião de Góis**

[«Basileia, c. 15.XII.1535»]

Passa já de um mês que me encontro invariavelmente de cama, numa tortura incrível, de facto intolerável, e sem esperança de enxergar restabelecimento desta saúde, devido ao rude inverno que faz[1]. Não tenho horror à morte, antes até a desejo, se essa é a vontade do Senhor.

Ao velho mal que a intervalos costuma reaparecer, acresceu a ulceração do extremo da coluna vertebral, – sobre que sou obrigado a estar, quer deitado quer sentado. Nenhum remédio há para este crudelíssimo tormento; pelo que mister é estar sempre sobre a própria ferida.

Ad uetus malum[1], quod ex interuallis solet recurrere, accessit exulceratio extremae spinae, cui cogor iucumbere, siue iaceam, siue sedeam. Huic crudelissimo dolori nullum est remedium, quod oporteat ipsi uulneri semper iucumbere. Vtinam cruciatus sint tolerabiles, sed Dominus est, hic secet atque urat, modo parcat in aeternum.

[Epist. epigr.]

Erasmus Roterodamus nobili cum primis et omni uirtutum genere perpolito uiro, D. Damiano a Goes, Lusitano, S.P.

**B** XLVII. [PHILIPPVS MELANCHTHON **Damiano a Goes]**

[«Vitenbergae, c.XII.1535»]

Hieronymum nostrum initio propter tuam commendationem libenter complexus sum, nam cum te propter eximiam prudentiam et humanitatem tuam plurimi facerem (saepe enim, cum de nostro congressu cogito, tuas laudes hoc Homeri uersiculo describere soleo ὁ ξεῖνος μάλα μοι δοκέει πεπνυμένος εἶναι), cupiebam tibi in tuendo amico tuo uoluntatem et studium erga te meum probari. Postea cognoui singularem esse prudentiam Hieronymi et fidem ac sanctitatem egregiam, ad quam adiunxit optimarum artium doctrinam et uerae philosophiae studium.

Quare et iudicium tuum in amicis deligendis ualde laudans, et tibi me debere multum iudicaui, quod talem ad nos hospitem misisses, facileque in intimam familiaritatem admisi, nec cum ullo libentius de multis magnis rebus, de optimuis artibus, de republica, de priuatis consiliis, colloqui solitus sum, quam cum ipso. Itaque cum magnae mihi uoluptati eius consuetudo fuerit, inuitus eum a me auelli passus sum. Sed tamen cum uiderem eum magis tui desiderio, quem tot iam annis non uidit, quam ulla cupiditate alia incensum esse, tandem hoc iter suscipere et hunc animum ipsius probaui et profectione dissuadere nolui.

Precor itaque ut ipsi iter faustum et felix sit, et ut mutuo amore uobis feliciter frui contingat. Non arbitrabar autem ambitiosa ipsi commendatione ad te opus esse, nam et uetus amicus est, et tibi fides eius et in omni officio moderatio perspecta est. Scio autem utrumque magnam uim apud te habere, quem in

**B** XLVII. – **Ftt:** Melan 499-500 Mat 92-93

**B** XLVI. – **1** malum] malem *VASC*

Oxalá as dores se tornem suportáveis. Mas Deus é quem manda. Ele dilacere e abrase, contanto que me poupe eternamente.

[Epígrafe da Carta]

Erasmo de Roterdão ao varão português, nobre como os que o são e ornado de todo o género de virtudes, Damião de Góis, muitas saudações.

**B** XLVII. FILIPE MELANCHTHON
**a Damião de Góis**

[«Vitemberga, c. XII.1535»]

Graças à vossa recomendação, comecei de bom grado com um abraço ao nosso Jerónimo[1], porquanto muito vos estimando por vossa exímia prudência e simpatia (costumo, de facto, quando penso no nosso encontro repassar-me os louvores vossos com este hexâmetro de Homero – «O hóspede muito me ensina a ser um homem prudente»[2]), almejava ao proteger um vosso amigo, comprovar a minha vontade e dedicação para convosco. Depois, conheci em grau singular a prudência de Jerónimo, e bem assim a lealdade e integridade egrégia de costumes, à qual acrescentou o cultivo das letras humanas e a aplicação à verdadeira filosofia.

Por isso, deveras louvando por um lado o vosso discernimento na escolha dos amigos, reconheci por outro estar em grande dívida convosco por me terdes enviado tal hóspede, razões estas a facilitarem a sua admissão a uma íntima familiaridade objectivada em conversas a que não me habituei mais com alguém do que com ele, acerca de muitos assuntos importantes das boas artes, da coisa pública, de conselhos particulares. Na verdade, foi contrariado que aceitei este afastamento, após o grande prazer que me trouxe o seu convívio. No entanto, ao senti-lo mais inflamado de saudades de vós, a quem já há tantos anos não vê, do que de outro qualquer desejo, acabei por aprovar a sua resolução de se pôr a caminho e não quis dissuadi-lo da partida.

Peço, pois, que o percurso lhe decorra fausto e feliz e vos suceda venturosamente fruir desta mútua amizade. Não julgava, porém, que necessitasse de especial recomendação junto de vós, tratando-se de um velho amigo no qual vos está patente a confiança e a justa medida em todo o seu serviço. Sei

amicitia grauitatem et constantiam in primis animaduerto praestare et in amicis deligendis solam uirtutem spectare.

Illud tamen te oro ut propter testimonium meum ad beneuolentiam erga ipsum tuam addas aliquid studii. Hactenus ita amanter de me sentire uisus est, ut mihi persuaserim meas litteras[1] apud te magnum pondus habere. Quod si exstaret[2] aliquod illustre specimen mei erga te amoris, liceret mihi audacius uelut reposcere officium. Sed tamen ut Hieronymus testis est meae erga te uoluntatis et si erunt nobis mitiora tempora, efficiam ut exstet[3] testimonium mei de tua uirtute iudicii.

Itaque te oro et Hieronymum et propter humanitatem tuam et propter ipsius uirtutem, adde, et propter meam commendationem complecti et tueri uelis. Bene uale.

[Epist. epigr.]

Et epigraphe desideratur et cursualis inscriptio

**B** XLVIII. ERASMVS ROTERODAMVS

**Gilberto Cognato**

[Basileae, 11.III.1536]

Accepi litteras tuas duodecimo Calend. Martias datas, accepi autem tertio Calend. Martias, ex quibus perspicio meas posteriores tibi nondum fuisse redditas. […]

Venio ad tuum negotium[1]. Si tibi mea consuetudo tam felix uidetur quam tu uerbis exaggeras, ciuilius quam uerius, scito tibi eam nunc quoque patere. Nullum acciui praeter Lambertum, optimis moribus iuuenem, mihique ad obsequia cubicularia commodissimum. Post intermissam consuetudinem uterque alteri futurus est iucundior. Tibi minus erit laboris, et te iam istoc animo in amici locum recipiam, sentiesque meam liberalitatem aliquanto largiorem. Quod si quid mihi acciderit humanitus, curabitur ut tibi cedat aliqua portio non contemnenda.

Tu uide quid per parentes et negotia[2] liceat. Parentes suum potius quam tuum agunt negotium[3]. Quaerunt columnam in quam domus inclinata recumbat. Et hic

**B** XLVIII. – **Ftt**: Erepis 1114-1115 Erepist 1566 Erop 1519 Allenga 295-297 Mat 97-98, ls. 4, 25-30, 36-38.

**B** XLVII. – **1** litteras *MAT* literas *cet.* **2** exstaret *MAT* extaret *cet.* **3** exstet *MAT* extet *cet.*

**B** XLVIII. – **1** negotium *MAT* negocium *cet.* **2** negocia *omn.* **3** negocium *omn.*

que uma e outra tendes em grande estimação, pois estou persuadido de que na amizade interessam sobretudo a seriedade e a constância, e na afeição entre amigos olha-se apenas à virtude.

Uma coisa, porém, vos peço, que de acordo com o meu testemunho acrescenteis algum devotamento à dedicação que por ele tendes. Pareceu até agora tão amavelmente me considerar, que fiquei convencido ter a minha carta um grande peso para vós. Se acaso estivesse em foco alguma prova da minha amizade para convosco, ser-me-ia permitido, com certa audácia, reclamar, por assim dizer, vossos bons ofícios. Mas entretanto Jerónimo é testemunha de como vos considero; e se os tempos forem mais propícios, farei com que surja uma comprovação da minha apreciação das vossas qualidades humanas.

Portanto rogo vos digneis abraçar e proteger a Jerónimo por vossa bondade e pelos seus méritos; mais, por força da minha recomendação.

Passai bem!

## **B** XLVIII. ERASMO DE ROTERDÃO **a Gilberto Cognato**

[Basileia, 11.III.1536]

A tua carta[1] de 18 de Fevereiro recebi-a em 27, e por ela percebi que ainda te não fora entregue a minha última. [...]

Vou ao teu assunto. Se a tua convivência comigo te parece tão feliz quanto por palavras exageras, mais prolixa que verdadeiramente, saberás que agora essa mesma se patenteia. Não fiz vir ninguém para cá, além de Lamberto[2], jovem de óptimos costumes e a mim prestantíssimo nos serviços cubiculares. Após estabelecida a familiaridade, cada um se vai agradar mais do outro. Tu terás menos trabalho, com esse espírito te receberei já no lugar de amigo e sentirás a minha liberalidade um tanto mais larga. E se alguma coisa me acontecer humanamente falando, uma porção não negligenciável dos bens será apontada para que te caiba.

Tu vê o que será possível, em face dos teus pais e negócios familiares. Os pais tratam antes do seu interesse do que do teu. Procuram uma coluna a que se encoste a casa inclinada. E este é de ordinário o afecto dos progenitores idiotas. Empurram algum dos filhos para a cogula ou para o sacerdócio, persuadidos de que tudo está seguro se consagram a Deus quem ore por eles. Entretanto, porém, arranjam por vezes quem lhes reze pela pele. [...]

est fere affectus parentum idiotarum. Protrudunt aliquem e liberis in cucullam aut sacerdotium, persuadentes sibi tuta omnia, si quem Deo dedicent qui pro se oret. At interim interdum sibi parant qui ipsis male precetur. […]

Si animus rapitur ad hoc religionis genus, obtempera spiritui tuo; sin abhorret ante iustam aetatem, nec tibi libet aut licet ad nostrum remigrare contubernium, poteris apud Damianum a Goes sat commode uacare studiis. Si quid mea commendatio uel apud illum uel apud alios tibi prodesse potest, scias numquam defuturum. […]

Habes simpliciter expressum et meum erga te animum, et consilium absque fuco. Reliqua tui erunt iudicio, quod precor ut tibi Dominus quam prosperrimum suggerat. Me in omnibus experieris amicum ex animo. Bene uale.

Basileae XI. die Martii, Anno millesimo quingentesimo trigesimo sexto.

[Epist. epigr.]

Erasmus Roterodamus Gilberto Cognato Nozereno

**B** XLIX. NICOLAVS CLENARDVS

**Ioachimo Politae**

[Eborae, 22.IV.«1536»]

Semper tu quidem, Ioachime doctissime, litteris[1] tuis insignem indolem testaris, nec umquam desinis eximium quendam erga me amorem ostendere, quem etsi parum agnosco ubi sim meritus, magis tamen ob id pudore suffundor, quod tot amantissimis epistolis tam maligne antehac responderim. […]

Ecce autem aliquot postea mensibus rursus meus Polites profectionem ornat in Italiam, cum ego quotidie litteras[2] expectarem e Patauio; quin et quasi istic ageres D. Episcopi D. Marci Vigerii consanguineos tibi commendaui. Is dum hic legatum ageret, tuas litteras[3] ad me uidit ac summopere expetiuit ut tibi suscipiendae condicionis[4] auctor essem; at nihil, ut uideo, ad te perlatum est.

Feci postea tui mentionem apud nostrum Damianum,

… et amicum Goea musis,
Goea musarum comitem, cui carmina semper.
Et citharae cordi numerosque extendere neruis,

**B** XLXL. – **Ftt**: Clenar 68-74 Roersch 81-87 Mat 98-99, ls. 7-42.

**B** XLXL. – **1** literis *omn.* **2** literas *omn.* **3** literas *omn.* **4** conditionis *omn.*

Se te sentes atraído para este género de vida religiosa, obedece ao teu espírito; se pelo contrário lhe repugna e não te agrada, ou não é permitido retornar ao nosso convívio, poderás junto de Damião de Góis dedicar-te com bastante comodidade aos estudos. Se achas útil a minha recomendação para ele ou para outros, fica sabendo que ela nunca faltará. […].

Tens aqui expressa com clareza a minha atitude para contigo e um conselho sem ambages. O resto será de decisão tua, a qual peço Deus te sugira felicíssima. Quanto a mim, em tudo me terás como amigo de coração. Passa bem!

Basileia, 11 de Março do ano de 1536.

[Endereço]

Erasmo de Roterdão a Gilberto Cognato Nozereno.

**B** XLIX. NICOLAU CLENARDO
**a Joaquim Polites**

[Évora, 22.IV.«1535»]

Nas tuas cartas, doutíssimo Joaquim[1], dás sempre testemunho de uma índole admirável e nunca deixas de mostrar para comigo uma singular estima que, por pouco reconhecer onde estará o mérito, mais me enche de vergonha, visto como a tantas cartas afectuosíssimas tão desajeitadamente respondi até agora. […]

E eis que, poucos meses volvidos, de novo o meu caro Polites prepara partida para Itália, não obstante eu andasse, dia após dia, a aguardar carta de Pádua; mais ainda, e como se aí já estivesses recomendei-te os parentes do senhor bispo D. Marco Vigério[2]. Este, enquanto foi legado cá, viu a correspondência que me endereçaste e expressou o mais vivo desejo de que eu fosse o autor de tu entrares ao seu serviço. Contudo, pelo que observo, nada te foi comunicado.

Fiz depois menção de ti ao nosso Damião,

> … o Góis também das musas um amigo,
> Góis o colega delas cujos versos sempre
> Com as cordas da cítara os ritmos alongam;

na verdade, também a mim é lícito formar *Goea*, tal como Vergílio formou *Crethea*[3]. Se a minha carta em algo contribuiu para chegares a estreita amizade

licet enim mihi idem torquere in Goea quod dixit Vergilius in Crethea[5]. Si litterae[6] meae causam ullam dederunt ut in humanissimi uiri familiarem amicitiam uenires, equidem gaudeo, non uestri modo causa, uerum etiam mei. Ita enim futurum confido, ut posthac crebro de rebus tuis audiam; suspicor tamen hic mihi nihil deberi, quando ille me tam diuturni accuset silentii. Vtcumque sit, bene cecidit, quod tam inter uos[7] coniuncti uiuitis:

*animae quales neque candidiores*
*Terra tulit neque queis me sit deuinctior alter.*

Cur enim non utar Horatio, cui sic deditum esse Damianum scribit Houerius? [...]

De te hactenus. Restat noster Campensis, qui, cum Patauii minimum XI commoratus sit dies (ita enim collatis tuis litteris[8] cum Damiani colligo), ualde miror cur utrique negotium salutandi dederit, nec ipse tantillum otii habuerit, ut me suo appellaret calamo. [...]

Vale, optime Ioachime [...]

Eborae, XXII. Aprilis.

[Epist. epigr.]

Litterato[9] uiro Ioachimo Politae amico singulari

**B** L. CONRADVS GOCLENIVS

**Damiano a Goes**

[Louanii, 12.VII.1536]

Tuis litteris[1], mi Damiane, nihil potuit neque optabilius neque iucundius accidere, quae ueluti oculis subiecerunt, mihi iam olim perspectum animi tui candorem, quo haud scio an unquam in uita repererim quicquam magis exosculandum.

Verum illud unum mihi fuit acerbissimum, quod tibi rem honestissimam postulanti obsecundare ac morem gerere non potui, cum nulli mortalium aeque cupiam gratificari, uel potius pro ingentibus beneficiis referre gratiam, quam

**B** L. – **Ftt**: Gop $e_4^v$-$d^v$ Vasc 19-20 Vocht 607-608 Mat 100-101

**B** XLXL. – **5** Cretea *omn.* **6** literae *omn.* **7** uos *CLENARD ROERSCH MAT* nos *cet.* **8** literis *omn.* **9** Literato *omn.*

**B** L. – **1** litteris *MAT* literis *cet.*

com um varão humaníssimo, folgo muito, não só por vossa causa mas ainda por minha. Tenho fé venha a acontecer que daqui em diante receba frequentemente notícias tuas; suspeito, porém, neste caso nada me ser devido, quando aquele me acuse de tão prolongado silêncio. Como quer que seja, foi bom, por viverdes tão familiarmente:

*almas quais nem mais excelentes*
*Na terra existem, nem outrem delas mais afeiçoado que eu.*

Por que razão, afinal, não citarei Horácio[4], ao qual Hovério[5] escreve andar Damião todo entregue? […].

E a teu respeito é tudo. Quanto ao nosso Campense[6], que demorou em Pádua pelo menos onze dias (assim depreendo ao comparar a tua carta com a do Damião), muito me admiro por que motivo encarregou os dois de me saudarem e ele próprio nem uma nesga de vagar achou para me contactar com a sua pena. […]

Passa bem, meu óptimo amigo Joaquim. […].

[Évora, 12 de Abril].

[Epígrafe da Carta]

Ao ilustrado varão Joaquim Polites, singular amigo.

## **B** L. CONRADO GOCLÉNIO **a Damião de Góis**

[Lovaina, 12.VII.1536]

Nada podia sobrevir, caro Damião, nem mais desejável nem mais complacente do que a tua carta, a qual como que me avultou diante dos olhos a beleza, há muito manifesta, do teu espírito, em cuja comparação não sei se alguma vez na vida descobri coisa mais digna de ternamente se oscular.

Mas, por outro lado, este acúleo acerbíssimo me punge: o de não haver, num negócio justíssimo, alcançado prestar-me, dando satisfação ao teu pedido. De facto, a nenhum dos mortais eu anseio tanto dar gosto, melhor, fazer sentir a minha gratidão por importantes favores, como a ti, cuja amizade costumo recordar entre os maiores bens. Obstam, no entanto, a isso os contratos ajustados desde começo com a Universidade, nos quais se estabelece um número definido de alunos que a todo o ponto nos não é lícito ultrapassar.

Francisco Hovério[1], porém, parecia mais inclinado por Barlando do que pelo nosso Rogério[2], depois de cônscio da inexistência de vaga entre nós. Nada tive a

uni tibi, cuius amicitiam inter prima bona soleo commemmorare. Obstant pacta nobis a primordio cum Academia inita, quibus certus numerus conuictorum praescribitur, quem egredi nobis nullo modo licet.

Franciscus autem Houerius ad Barlandum quam ad Rutgerum nostrum uidebatur propensior, posteaquam apud nos non erat locus; in qua re non habui cur illi repugnarem, praefertim cum diceret se agere e tuo praescripto.

Accersam interim aliquoties tuum nepotem ad me, ut uideam quid promoueat in litteris[2], additis calcaribus si uideatur indigere, quanquam in ea re Barlandum suo officio reor non defuturum. Ego tamen nullam occasionem declarandi gratissimi animi mihi omittendam existimo, id quod cumulatissime intelliges si quid unquam a me petas quod in meo uersetur foro.

Splinthero et Politae conuictum tuum ex animo gratulor, ὡς αἰεὶ τὸν ὅμοιον ἄγει θεὸς ὡς τὸν ὅμοιον. Tua grauitate, modestia ac singulari prudentia spero illis non mediocre incrementum ad naturae industriaeque studium, quo ad optima quaequam contendunt, tua consuetudine et exemplo accessurum. Si tantum spatii dabit nuntius[3], scribam etiam ad illos; sin minus, tu obsecro in amicis salutandis mihi esto loco epistolae, ac feliciter uale.

Louanii, Iulii 12. Anno 1536.

[Epist. epigr.]

Conradus Goclenius Damiano a Goes S.P.D.

**B** LI.

BEATVS RHENANVS
**Bonifatio[1] Amerbachio**
S.D.

[Selestadii, 20.VIII.1536]

Mitto praefationem ieiunam ac rudem, quam pro arbitrio tu et Sigismundus expoliatis et, si uisum fuerit, extendatis aut etiam abbreuietis. [...]

Misi litteras[2] nescio a quo scriptas ad Erasmum; nec enim sigillum agnosco. Hic mihi quidam reddidit afferens eas ex Argentorato.

---

**B** LI. – **Ftt**: K 23$^{r-v}$ Horaw 429-430 Allenga 3132 Hartm 430-431 Mat 105, ls. 4-9

---

**B** L. – **2** litteris *MAT* literis *cet.* **3** nuntius *MAT* nuncius *cet.*

**B** LI. – **1** Bonifacio *omn.* **2** literas *omn.*

objectar-lhe neste particular, maiormente atendendo à sua afirmação de que agia de acordo com ordens tuas.

Entretanto chamarei cá teu sobrinho de quando em vez, para inferir do seu progresso nas letras, estimulando-o se topar necessário. Posto acredite que Barlando cumprirá esta sua obrigação, julgo contudo não dever permitir nenhuma ocasião de te demonstrar o meu mui grado reconhecimento; o que absolutamente compreenderás, em um dia me requerendo algo que esteja adentro de minha alçada.

Felicito do coração Splinter[3] e Polites, pelo teu convívio:

«Como sempre, junta Deus, o semelhante, ao semelhante»[4].

Da tua gravidade, circunspecção e singular inteligência espero lhes advirá, com a intimidade e exemplo teus, não mediano incremento no zelo da sua índole e da cultura, com o que eles caminham para tudo o que há de melhor. Escrever-lhes-ei também, caso o correio venha com intervalo bastante; de contrário, suplico-te a atenção de exerceres o ofício dessa carta, recomendando-me aos amigos.

Passa felizmente de saúde!

Lovaina, 12 de Julho de 1536.

[Epígrafe da Carta]

Conrado Goclénio a Damião de Góis deseja muita saúde.

## **B** LI. BEATO RHENANUS **a Bonifácio Amerbach**

[Sélestad, 20.VIII.1536]

Envio o prefácio, descarnado e rude, que à vontade aperfeiçoeis vós e Segismundo[1] e, se vos parecer bem, desenvolvais ou torneis mais breve. [...]

Enviei uma carta, escrita não sei por quem, pois não reconheço a chancela. Entregou-ma alguém aqui, trazida de Estrasburgo.

Adeus, varão ilustríssimo.

De Sélestad, 20 de Agosto de 1536.

Vale, uir clarissime.
Ex Selato cursim. 13 Kal. Septembr. an. 1536

Beat. Rhenanus t.[3]

[Nom. inscr.]

Clarissimo uiro d. Bonifatio[4] Amerbachio LL. doctori ac earundem ordinario professori in academia Basiliensi, amico obseruando.

**B** LII. BONIFATIVS[1] AMERBACHIVS
**Damiano a Goes**

[Basileae, 29.VIII.1536]

Clariss. Damiane. Ab incomparabilis uiri Dni. Erasmi Roterodami morte binas tuas ad illum accepi litteras[2]; quas non temere sed pro iure mihi tanquam supremae suae uoluntatis uindici concesso aperui.

Amisimus uirum optimum et inter praecipma saeculi[3] nostri decora connumerandum. Nam quantum in omni disciplinarum genere praestiterit, posteritatem appello, quando nunc temporis aliquot oboriuntur iniqui admodum lucubrationum suarum aestimatores, ne quid de ingratis dicam pro perca, uti prouerbium habet, scorpium reddentibus.

Vt uixit sanctissime, ita non minus sancte quinto Id.[4] Iul., cum dysenteria uiginti et amplius dies laborasset, mortus est, eximia pectoris uere Christiani inter exhalandum animam signa edens. Et sane uitae tam pie ac innocenter actae testamentum suum aposphragisma haud iniuria appellabitur. In quo me heredem[5] de bonis suis in usus pauperum aetate aut ualetudine infirmorum, in puellas nupturas, quarum pudicitiae uidetur offectura paupertas, et in studiosos bonae spei adolescentes distribuendis fidei commisso grauauit. O institutum ad exemplum pertinens omnibusque sui ordinis uiris imitandum! Quanto Christianius[6] est in uiua Dei templa quam in saxa, quod moriens reliqueris, colocasse!

Litteras[7] tuas nouissimas Norembergae[8] XV Iul. scriptas sub finem Augusti pridie Bartholomei Beatus Rhenanus ex Selestadio misit. In quibus cum inter cetera[9] lucubrationum Erasmicarum tuis sumptibus excudendarum memineris,

**B** LII. – **Ftt**: J 199$^{r-v}$ cop. Hartm 436-437 Mat 106-107

**B** LI. – **3** Beatus Rhenanus tuus *om.* HORAW **4** Bonifacio *omn.*

**B** LII. – **1** Bonifacius *omn.* **2** litteras *MAT* **3** seculi *omn.* **4** Eid.Iul *J HARTM* **5** heredem *J HARTM* haeredem *cet.* **6** christianius *omn.* **7** literas *omn.* **8** Noremberge *J HARTM* **9** caetera *omn.*

[Epígrafe da Carta]

Beato Rhenano saúda Bonifácio Amerbach.

[Endereço da Carta]

Ao ilustríssimo varão senhor Bonifácio Amerbach, doutor em ambas as Leis e das mesmas professor ordinário na Universidade de Basileia, respeitável amigo.

**B** LII. BONIFÁCIO AMERBACH
**a Damião de Góis**

[Basileia, 29.VIII.1536]

Ilustríssimo Damião: Desde a morte do varão incomparável, senhor Erasmo de Roterdão[1], recebi duas cartas vossas para ele que, não irreflectidamente mas de acordo com o direito a mim concedido como guardião da sua última vontade, abri.

Perdemos uma óptima pessoa, digna de contar-se entre os principais ornamentos do nosso século. Com efeito, apelo à posteridade em quão tão alto grau se assinalou em toda a espécie de disciplinas, porquanto neste tempo se levantam alguns apreciadores das suas obras absolutamente iníquos que, como lembra o provérbio, dão em retorno um escorpião por uma perca.

Assim como santissimamente viveu, assim não menos santamente partiu em 11 de Julho, após vinte e mais dias de desinteria, expressando extraordinários sinais de um coração verdadeiramente cristão na hora da morte. E de facto o seu testamento será chamado, com razão, a chancela de uma vida passada piamente e sem mancha. Nele me constituiu herdeiro com o fideicomisso de distribuir os seus bens pelos pobres tocados pela idade ou pela doença, pelas moças casadoiras cuja penúria parece ser obstáculo ao pudor e pelos jovens estudantes esperançosos. Oh modo de agir exemplar e digno de imitação pelos varões da sua classe! Quanto mais cristão é haver destinado, o que por morte se deixar, a templos vivos de Deus do que a pedras!

A última carta vossa, escrita a 15 de Julho em Nuremberga, enviou-ma em finais de Agosto, na véspera de S. Bartolomeu, o Beato Rhenano, de Sélestad. Visto como nela aventais, entre outras coisas, a impressão a expensas próprias das obras de Erasmo, pensei fazer algo que valia a pena se fôsseis avisado da resolução de Froben, que a mesma ideia tem em mente, e da possibilidade de concorrerdes para o custo da edição por vossa parte ou de pessoas similares

putaui me operae pretium[10] facere, si de instituto Frobenii admonerere, qui idem animo agitat, si tuis aut tui similium Erasmo bene cupientium auspiciis adiuuaretur. Verum quando is omnem tibi animi sui sententiam litteris[11] proponere instituit, non est cur pluribus ego tecum agam.

Illud tantum, uir clariss., moneo ad te non minimum gloriae peruenturum, si lucubrationibus tanti uiri imprimendis te auctorem praebueris[12]. Nec enim solum ob eam rem Erasmi manes sed et eruditi cum studiosi ubique gentium tibi plurimum debebunt, quin et pii et candidi quique tam piam tuam ac candoris plenam in defunctum amicum adfectionem pro se quisque plena manu in astra tollent.

Ceterum[13] quod ad me attinet, ille idem sum qui ante, nempe ex animo tuus. Bene uale, nobiliss. ac generosiss. Damiane

III Cal. Septembr. Anno M.D.XXXVI. Basileae.

[Epist. epigr.]

Bonifatius[14] Amerbachius Damiano a Goes S.P.

**B** LIII. BONIFATIVS[1] AMERBACHIVS

**Damiano a Goes**

[Basileae, 12.XI.1536]

Iam tot ad te dedi litteras[2], generosiss. Damiane, ut in animum inducere non possim, uel unas ex his redditas [non][3] esse. Qui enim fieri posset, ut uel nouissimas[4] studiosis quibusdam Germanis recta istuc studiorum[5] causa iter ingressis commissas non accepisses?

Eam ob causam de incomparabilis ac omnibus saeculis[6] admirandi uiri D. Erasmi morte cum ad te semel atque iterum satis fideliter scripserim, non est cur denuo eadem inculcem.

Satis sit uno uel[7] altero verbo repetisse alterum, quod scire orabas de morte: eum et pie et Christiane[8] mortuum, praesentissimo[9] christiani[10] pectoris post

**B** LIII. – **Ftt**: J 198r cop Hartm 458-459 Mat 111-112

**B** LII. – **10** precium *J HARTM* **11** litteris *MAT* literis *cet.* **12** prebueris *J HARTM* **13** caeterum *omn.* **14** Bonifacius *omn.*

**B** LIII. – **1** Bonifacius *omn.* **2** litteras *MAT* literas *cet.* **3** non *add. HARTM* **4** nouissimas] notis *J* **5** studiorum] studiosorum *J* **6** seculis *omn.* **7** uel *HARTM* et *J MAT* **8** christiane *omn.* **9** presentissimo *J HARTM* **10** christiani *omn.*

que a Erasmo querem bem. No entanto, dado que este resolveu propor-vos epistolarmente todo o desígnio do seu espírito, não há por que adiante mais convosco.

De uma coisa apenas, varão ilustríssimo, vos advirto, e é que não pouca glória advirá se vos apresentardes como editor das obras de tão importante varão. E não somente ficais, por essa razão editor de Erasmo, mas outrossim os eruditos e estudiosos, onde quer que seja, vos ficarão devendo muitíssimo; mais ainda, todas as pessoas pias e rectas aplaudirão até aos astros, cada um por si às mãos cheias, o gesto tão tocante e pleno de simpatia em relação ao amigo defunto.

E agora, pelo que a mim respeita, sou aquele mesmo que antes, isto é, vosso do coração. Passai bem, Damião nobilíssimo e generosíssimo.

29 de Agosto do ano de 1536. Basileia.

[Epígrafe da Carta]

Bonifácio Amerbach a Damião de Góis muitas saudações.

**B** LIII. BONIFÁCIO AMERBACH

**a Damião de Góis**

[Basileia, 12.XI.1536]

Já vos enderecei tantas cartas, generosíssimo Damião, que não posso convencer-me de que nem uma sequer vos haja sido entregue. Como poderia acontecer que até a última não houvésseis recebido, confiada por mim a certos alemães que para aí se dirigiam pela boa causa dos estudos?

Atendendo a que já vos escrevi, com bastante pormenor e mais que uma vez, a respeito da morte do senhor Erasmo, varão incomparável e digno de em todos os tempos ser admirado, não vejo razão para me repetir.

Bastará agora, em poucas palavras, renovar a informação que pedíeis acerca da morte: que ele faleceu piedosa e cristãmente, tendo deixado após si uma demonstração inesquecível do seu coração de crente (porquanto, excepto alguns legados, a totalidade dos seus bens declarou no testamento fosse distribuída em favor dos pobres); a outra informação é que, quanto a catálogo dos seus livros, como rogáveis, depois de examinados todos os papéis nada se encontrou capaz de satisfazer ao que pretendíeis. Nem mesmo há vestígio de trabalho começado; aliás, varão óptimo entre os demais e para mim digno de especial atenção, com prazer me teria empenhado no seu envio.

se relicto documento (siquidem exceptis legatis aliquot bona sua uniuersa in pauperum usus distribuenda testamento nuncupauit); alterum, quod[11] de suorum librorum catalogo petieras, excussis omnibus schedis nihil inuentum esse quod tuae expostulationi satis fieri possit. Nec enim uel uestigium inchoati laboris extat; alioqui tibi, uiro omnium optimo et mihi de meliore nota obseruando, in transmittendo eo libenter morem gessissem.

In nouisssimis tuis litteris[12] abhinc decem dies redditis Clementem Marot, totius Galliae praestantissimum[13] poetam, mihi commendas. Cui tuarum litterarum[14] praerogatiua[15] in hospitii[16] iuribus hic exhibendis nusquam defuissem; uerum litteras[17] mihi tuas Gryneus reddidit, eum mutato consilio non huc uenturum significans.

Tu, si sine molestia tua fieri possit, ut ad litteras[18] priores meas de lucubrationibus Erasmi simul edendis respondere ne graueris rogo.

Bene uale, generosissime, ornatissime, nobilissime Damiane.

Basileae, postridie D. Martini. Anno M.D.XXXVI.

[Epist. epigr.]

Bonifatius[19] Amerbachius Damiano a Goes S.P.

[Nom. inscr.]

Generosissimo domino Damiano a Goes Lusitano, Domino et amico omnibus modis obseruando. Patauii.

**B** LIV NICOLAVS CLENARDVS

**Francisco Houerio**

[Eborae, 15.XII.1536]

Itane, carissime[1] Houeri, tibi uisum est redire in patriam, priusquam diuitias degustasses Lusitanicas? Saltem partem lustrasses Hispaniae, si non ob aliud, certe ut re ipsa disceres quanta commoditas sit in diuersoriis.

---

**B** LIV. – **Ftt**: Clenar 56-58 Roersch 91-93 Mat 115-116, ls. 1-20, 27-37.

---

**B** LIII. – **11** quod *J MAT* quo *HARTM* **12** litteris *MAT* literis *cet.* **13** prestantissimum *J HARTM* **14** literarum *omn.* **15** prerogativa *J HARTM* **16** hospitii] hospitiis *J* **17** litteras *MAT* literas *cet.* **18** literas *omn.* **19** Bonifacius *omn.*

**B** LIV. – **1** charissime *omn.*

Na última carta vossa há dez dias chegada, recomendais-me Clemente Marot[1], prestantíssimo poeta de toda a França. Por mor dessa missiva, em nenhuma ocasião eu teria deixado de mostrar aqui os direitos de hospitalidade; mas Grineu[2], o portador dela, afirmou que aquele, havendo mudado de ideias, não passaria por cá.

Peço-vos, se sem incómodo próprio o podeis fazer, que não punhais dificuldade em responder à minha primeira carta sobre a edição geral das obras de Erasmo.

Passai bem, generosíssimo, prestantíssimo e nobilíssimo Damião.

Basileia, no dia a seguir a S. Martinho, do ano de 1536.

[Epígrafe da Carta]

Bonifácio Amerbach a Damião de Góis, muitas saudações.

[Endereço]

Ao generosíssimo senhor Damião de Góis, português, senhor e amigo a todos os títulos respeitável. Pádua.

## **B** LIV. NICOLAU CLENARDO **a Francisco Hovério**

[Évora, 15.XII.1536]

Então, Hovério[1] caríssimo, aprouve-te retornar a penates antes de degustares as iguarias lusas? Ao menos terias percorrido a Espanha, se não por outro motivo, seguramente para experimentares quanta comodidade há nas estalagens.

Acabo de receber carta do Damião e juntamente do Joaquim Polites. Dizem que te enviaram aquela em que me deu no goto contar um oráculo profético do Damião. Espero que gostes e não desfaças nas nossas brincadeiras, de sorte a achar que perdi o tempo. Claro que não atraímos espectadores, mas de qualquer forma vingámos da mentira um amigo.

Não pude conter as lágrimas quando Damião me anunciou como certa a morte de Erasmo. Oxalá pudesse ter vivido algum tempo mais, a fim de submeter

Accepi modo litteras[2] a Damiano, simulque a Ioachimo. Aiunt ad te missam epistolam, in qua propheticum Damiani oraculum satis aperte narrare mihi uisus sum. Sapies spero, nec iocos nostros sic effutias, ut mihi fraudis sit. Non enim gentem traducimus, sed modis omnibus amicum uindicamus a mendacio. Lacrimas[3] tenere non potui, cum certo Damianus Erasmi mortem obnuntiaret[4]. Vtinam licuisset tantisper uiuere, donec operibus limam adhibuisset; nam ea gratia senem concessisse intellexeram Basileam. Sed maiorum uirium est, mortem uiri iustis lamentis et ueris encomiis prosequi. Ego tecum dicam: "Deus illius clementer misereatur". [...]

Vidistine Romae Campensem? Quid accidit homini, quod tam superbe silentium agat? Prouocatus a me ante biennium, necdum respondit. Conqueritur eadem de causa Polites noster. An iam est semicardinalis? Nullisne Arabicantibus locus est? An solis mercatoribus? [...]

Vale, mi Houeri. Salutabis ex me D. Craneueldium.

Eborae, Anno M.D.XXXVI. XVIII Calend. Ianuarias.

[Epist. epigr.]

Nicolaus Clenardus Francisco Houerio suo S.D.

**B** LV. NICOLAVS CLENARDVS
**Ioachimo Politae**

[Eborae, 27.XII.1536]

Ergo acceptis Damiani tuisque litteris[1], omnia quae in manibus habebam abieci, et totus in lacrimas[2] solutus sum. Domi, foris ubicunque agerem, ob oculos mihi uersabatur Erasmus, nec me tenere potui quin multos doloris mei testes adhiberem. Principio paruam elegiolam effudi ad Resendium, cuius haec fuit coronis:

Spirantem uulgus quod non tolerauit Erasmum,
Defuncto sero quaeret habere senem. [...]

Missurus est ad Damianum Resendius carmen, quale cudere potuit homo aetatem omnem in Parnaso uersatus. Sed nihil ad nostra haec, quae non humano studio, sed repentino instinctu eduntur, ut Musis uisum fuerit [...]

---

**B** LV. – **Ftt**: Clenar 74-89 Roersch 97-111 Mat 116-117, ls. 1-32.

---

**B** LIV. – **2** literas *omn.* **3** Lacrymas *omn.* **4** obnuntiaret *MAT* obnunciaret *cet.*

**B** LV. – **1** litteris *MAT* literis *cet.* **2** lacrymas *omn.*

à lima as suas obras, pois ouvira eu dizer que com este fito o ancião se retirara para Basileia. Mas está nas nossas forças assinalar tal perda com justos lamentos e merecidos encómios. Eu direi contigo: «Deus em sua clemência se amerceie dele». […]

Viste em Roma o Campense? Que é que sucedeu ao homem, para guardar tão desdenhosamente silêncio? Provocado por mim próprio há dois anos, não respondeu até agora. O nosso Polites queixa-se do mesmo. Será ele já um semicardeal? Não há lugar para nenhuns arabicantes? Ou somente para os mercadores? […].

Passa bem, meu caro Hovério! Saudarás em meu nome, o senhor Cranevelt[2].

Évora, 15 de Dezembro de 1536.

[Epígrafe da Carta]

Nicolau Clenardo saúda o seu amigo Francisco Hovério.

**B** LV. NICOLAU CLENARDO
**a Joaquim Polites**

[Évora, 27.XII.1536]

[…] Assim, pois, recebidas as cartas de Damião e a tua[1], pus de lado quanto tinha entre mãos e achei-me todo debulhado em lágrimas. Em casa, fora, onde quer que andasse, sempre a imagem de Erasmo perante os meus olhos, pelo que me foi impossível evitar que muitos outros deviessem testemunhas da minha dor. Primeiro, expressei-me em minúscula elegia para Resende, com este fecho:

«O vulgo que assanhado criticou a Erasmo
Tenta, enfim, tardo honrar o velho morto. […].

Resende[2] vai mandar a Damião um poema, qual forjar pôde um homem a vida inteira habituado ao Parnaso. Mas isto nada tem a ver com os nossos, produto não de aturado estudo, senão da veia repentina ao capricho das musas. […].

Todos os artistas evoluem com o tempo e cada região adopta em determinada época modas peculiares. Uns anos atrás andando eu de passeio por Paris, parecia-lhes que eu levava na cabeça um ninho de cegonha, tamanho era o

Opifices omnes cum saeculis[3] mutantur; immo[4] singulae regiones peculiarem quondam rationem sequuntur. Cum ante annos aliquot excurrere licuisset Lutetiam, uidebar illis in capite gestare nidum ciconiae, tam uastus erat pileus, quam illic nostratium more seruabam. Postea, usus minore et Parisiensi; cum redissem Louanium, Goclenius rogabat num peregre caput perdidissem. Tu, Ioachime, cantilenas istas uulgares nosti, et te cum Damiano subinde oblectas. […]

Gratularis mihi canonicatum trecentorum ducatorum. Historiam omnem audies ex Damiano, quamquam quod ad ternarium numerum attinet, rem acu tetigisti, simulque uerum fecisti adagium: «Thesaurus carbones erant». […]

Rursum uale. […]

Eborae, die Ioannis in Decembri, anno M.D.XXXVI.

[Epist. epigr.]

Nicolaus Clenardus Ioachimo Politae S. D.

**B** LVI. IACOBVS SADOLETVS

**Damiano a Goes**

[Romae, 17.VI.1537]

Petrus Bohemus praestanti uir et nobilitate et doctrina, idemque et morum et partium optimarum, cum aliquot horas fuisset mecum, multa de te mihi narrauit, quae ego medius fidius cognouisse gaudeo. Non enim ulla oratio meis auribus est iucundior, quam quae absentium uirtutibus laudis testimonium dat, quod ille sane apte atque constanter apud me de te fecit.

Nam et de ingenio, deque nobilitate tua, nec non de studiis artium optimarum, de rerum usu, de prudentia, de humanitate sic copiose locutus est, ut non solum fidem mihi fecerit eius predicatio plena auctoritatis, sed me in amorem quoque tui compulerit.

Itaque illi ad uos redeunti nihil ad te dare litterarum[1] non potui, hac tantum de causa, ut scires quod minime sorte expectabas, me te inscio et inopinante factum esse tuum. Ac noster quidem amor hoc initio ingressus, futurus etiam est par inter nos et mutuus, non enim diffido gratam hanc tibi meam uoluntatem futuram.

---

**B** LVI. – Ftt: Gop $d^v$-$d_2^r$ Vasc 20-21 Mat 118-119

---

**B** LV. – **3** seculis *omn.* **4** imo *omn.*

**B** LVI. – **1** litterarum *MAT* literarum *cet.*

carapuço que, à maneira da minha terra, ali usava. Servi-me, depois, de um mais pequeno e parisiense. Quando regressei a Lovaina Goclénio perguntava se, no meu peregrinar, havia perdido a cabeça. Tu, Joaquim, conheces essas cantilenas populares e com elas, mais o Damião, te divertes. [...]

Felicitas-me pelo canonicato de 300 ducados. Ouvirás a história toda da parte do Damião, embora hajas acertado em relação ao número ternário e em cheio[3], confirmando o adágio de que «o tesouro eram carvões»[4]. [...]

Adeus, outra vez! [...]

Évora, dia de S. João em Dezembro do ano de 1536.

[Epígrafe da Carta]

Nicolau Clenardo saúda Joaquim Polites.

**B** LVI. TIAGO SADOLETO
**a Damião de Góis**

[Roma, 17.VI.1537]

Pedro Boemo[1], homem distinto pela nobreza e saber, e o mesmo pelos costumes e altas funções suas, como houvesse estado comigo algumas horas, muitas coisas me enarrou acerca de vós, as quais, assim Deus me ajude, eu folgo de haver escutado, já que nenhuma linguagem me é mais aprazível do que aquela que dá testemunho de louvor às virtudes dos ausentes, o que ele mui ajustada e convictamente fez a vosso respeito.

Na realidade, falou com tanta eloquência do vosso talento e nobreza, do vosso empenho no exercício do bem, da vossa experiência, humanidade e prudência, que não só me convenceu a sua pregação cheia de autoridade, como ainda me impeliu a afeiçoar-me a vós. Por mor do que não sofri, a ele que para aí voltava, deixá-lo sem algumas letras – nesta única finalidade de a conhecer vos dar o que menos esperáveis certamente: que eu estou tornado amigo vosso, antes de tal saberdes ou suspeitardes. E até há-de outrossim devir para entre os dois e mútua esta nossa estima de tal modo iniciada, porquanto não creio em que na presente vontade minha vos vades descomprazer.

Os assuntos, porém, muitos e variados que entre nós abordamos, referentes, segundo julgo, a utilidade comum, Pedro em pessoa vo-los comunicará, de sorte a em meu nome procurar também a vossa colaboração, no objectivo de se aprestarem e meterem por obra. Rogo-vos, meu Damião, nisso vos mostreis

Sed quae inter nos sumus collocuti uaria et multa, spectantia ad communem (ut ego arbitror) utilitatem, Petrus ipse ita tibi communicabit, ut tuum quoque ad ea conficienda et promouenda meis uerbis requirat auxilium. In quo rogo te, mi Damiane, ut te ardentem promptumque exhibeas, conferasque te in eam curam, ut Christianae afflictae periclitantique Reip. aliquid a nobis priuati auxilii, quando adhuc publica[2] desunt remedia, afferatur.

Non te fugit pro sapientia tua, hanc unam esse actionem hoc tempore magno uiro dignam. Quid est autem quod nobis tantopere debeat esse propositum, quam dignitas, quae a nobis uel uitae iactura retinenda est, una porro illa ratio dignitatis solida est, quae Deum secum et Christianam habet pietatem coniunctam.

Sed ne multa. Petrum ipsum audies mea tibi consilia et cogitata explicantem, meque mutuo amabis. Vale.

Romae 15. Cal.[3] Iulii. 1537.

[Epist. epigr.]

Iacobus Cardinalis Sadoletus Damiano a Goes S. P. D.

**B** LVII. IACOBVS SADOLETVS

**Philippo Melanchthoni**

[Romae, 17.VI.1537]

Carpentoracti cum essem, quo in loco statutum habere me credens domicilium perpetuum[1] uitae fortunarumque mearum omnium, repente tamen[2] inde decedere et Romam redire[3] iussu Pontificis Maximi sum coactus. Sed cum ibi essem, accidebat mihi ferme quotidie, ut aliquid nanciscerer de scriptis tuis, quae ego et propter excellens ingenium tuum et propter elegantiam styli atque[4] orationis libentissime legere solebam.

Id cum saepius facerem magnaque[5] in legendo delectatione afficerer, sensi paulatim mihi incendi animum[6] ad quandam beneuolentiam nominis tui, usque eo quidem, ut miro quodam studio tecum ineundae amicitiae tenerer. Etsi enim nonnulla erat inter nos opinionum dissensio, ea tamen animorum[7] dissidium apud ingenue[8] eruditos minime faciebat.

---

**B** LVII. – **Ftt**: Manl 413-415 Corpus 379-383

---

**B** LVI. – **2** publica desunt remedia] *om.* desunt *VASC* **3** XV calendas *MAT*

**B** LVII. – **1** perpetuum] perpetuae *MANL* **2** tamen] tum *MANL* **3** redire] ire *MANL* **4** atque] et *MANL* **5** magnaque in legendo delectatione] et magna delectatione in legendo *MANL* **6** animum] animum usque *add.* *MANL* **7** animorum] amicorum *MANL* **8** ingenue] ingenuos *MANL*

fervente e pronto, e a esse cuidado vos dediqueis, a fim de à Cristandade angustiada e periclitante conseguirmos algum privado auxílio subministrar[2], já que o público não existe ainda.

Por vosso bom senso não se vos escapa ser esta, hoje, uma acção digna de grande cavalheiro. Com efeito, que valor devemos tomar em tão subida conta como a nossa dignidade, a qual nos é indispensável conservar intacta, mesmo à custa da própria vida? Ora, razão sólida de dignidade é aquela que tem consigo a Deus, e a que anda associada a piedade cristã.

Mas, por não alongar-me, ouvireis pessoalmente a Pedro, na exposição de meus desígnios e pensamentos; e consagrar-me-eis amizade recíproca.

Adeus.

Roma, 17 de Junho de 1547.

[Epígrafe da Carta]

Tiago Sadoleto, cardeal, a Damião de Góis deseja muita saúde.

**B** LVII. TIAGO SADOLETO

**a Filipe Melanchthon**

[Roma, 17.VI.1537]

Estando eu em Carpentras[1] onde acreditava ter estabelecido domicílio permanente de vida e de todas as minhas ocupações, de repente fui obrigado a sair dali e voltar a Roma por ordem do Sumo Pontífice. No entanto, quando lá morava, quase quotidianamente sucedia recolher alguma coisa dos vossos escritos que eu, quer pelo excelente engenho vosso quer pela elegância do estilo e da frase, costumava ler com o maior agrado.

Havendo-o feito muita vez e experimentado grande prazer na leitura, pouco a pouco tomei consciência de inflamar-se-me o espírito em ordem a uma certa simpatia pela vossa pessoa, até ao ponto de ser movido por especial inclinação para estabelecer amizade convosco. Com efeito, apesar de existir entre nós alguma divergência de opiniões, esta não provocava absolutamente um dissídio de espíritos em eruditos leais.

Já tinha deliberado escrever-vos abrindo as primeiras portas da amizade quando subitamente, como principiara a dizer, mandado vir a Roma e por causa do Concílio a aproximar-se e dos assuntos a tratar e a consultar que nele logo seria necessário apresentarem-se, chamado aqui da minha igreja onde permanecera durante dez anos fui por juízo tácito do Sumo e Prudentíssimo Pontífice, admitido,

Iamque erat mihi[9] deliberatum scribere ad te, primasque aperire amicitiae fores, cum subito, ut dicere coeperam, ad urbem accersitus, et per causam appropinquantis Concilii, earumque rerum tractandarum et consultandarum, quas mox in Concilio agi oporteret[10], e mea Ecclesia, ubi decennio manseram, euocatus, Pontificis huius optimi et prudentissimi iudicio tacito, inscius atque imprudens in amplissimum ordinem S. R. E. Cardinalium cooptatus sum. Haec res effecit, ut meae uoluntati in dandis ad te litteris[11] obsequerer tardius. Non enim dici potest, ut ex illa pristina, pacata atque felice uita, in hanc tumultuosam et plenam strepitus traductus sum, quot solicitudines, quam multae et graues curae, eaedemque permolestae me exceperint. Quod quidem mihi necesse fuit accidere.

Hanc enim[12] ego uitam et prius iudicio fugeram, et alteram illam item iudicio fueram persecutus. Quarum nunc utraque cum mihi contra animi sententiam ceciderit[13], nec laetari possum habere me quod noluissem[14], et necessario doleo amisisse[15] quod diligebam. Sed quoniam Deo parendum est de nobis sic statuenti, dabimus nos operam, quantum per eius auxilium opemque licebit, ut honorem hunc recte integreque administremus.

Quod autem nostrae institutae est scriptionis, non est passus meus, mi Philippe, in te animus, diutius hoc a me officium differri, quin ut primum e turba et molestiis animus emergere coeperat[16], litteras[17] ad te darem, ut pignus meae propensae in te uoluntatis, et inuitamentum in me tuae. Si tamen id quod ego in te amando meae existimationi de tuis eximiis uirtutibus tribuo, tu humanitati tuae, ut me pari beneuolentia complectaris, esse dandum duxeris. Quod quidem te rogo uti facias, neque me sitientem familiaritatis tuae deseras. Non enim ego is sum, qui, ut quisque a nobis opinione dissentit, statim eum odio habeam. Arrogantis est hoc et elati animi, non mansueti et comis, quas me potius ad partes natura mea uocat. Sed faueo ingeniis, uirtutes hominum colo, studia litterarum[18] diligo. In quibus tu[19] ut doctrinae et ingenii, sic amoris mei[20] non mediocres partes possides; nec dubito quin tu eadem mente et uoluntate sis praeditus. Isto enim animo, qui tam liberaliter artibus ingenuis expolitus[21] sit, nihil agreste neque asperum inesse potest. Quo etiam maiorem mihi spem uirtus tua facit, meas hoc apud te ponderis litteras[22] habituras, ut, qui locorum spatiis disiuncti sumus, animis tamen et beneuolentia coniungamur. Quod ego maxime aueo expetoque, tibique prorsus persuasum[23] cupio, in numero eorum, qui te diligunt et florentem cupiunt, quorum magna est profecto, pro tui nominis celebritate, multitudo, me principem locum appetere, nihilque uehementius cupere, quam dari mihi locum probandi tibi reipsa et declarandi amoris erga te mei. In quo[24]

**B** LVII. – **9** erat mihi] mihi *om. MANL* **10** oporteret] oportet *MANL* **11** literis *omn.* **12** Hanc enim] enim *om. MANL* **13** ceciderit] acciderit *MANL* **14** noluissem] nolebam *MANL* **15** amississe *om. MANL* **16** coeperat] coepit *MANL* **17** literis *omn.* **18** literarum *omn.* **19** In quibus tu] tu *om. MANL* **20** amoris mei] mei *om. MANL* **21** expolitus] perpolitus *MANL* **22** literas *omn.* **23** persuasum] persuadeas *MANL* **24** In quo tu] tu *om. MANL*

sem o saber e com surpresa, no magnífico colégio dos cardeais da Sacrossanta Igreja Romana. Deste facto resultou que com maior atraso atendesse à minha vontade de vos escrever. Realmente não é fácil dizer-se quantas solicitudes, quantas preocupações graves e bem molestas tomaram conta de mim logo que daquela vida antiga, pacata e feliz me mudaram para esta, tumultuosa e cheia de ruído. Claro que foi inevitável tal me acontecer.

Com efeito, desta vida não somente por convicção eu tinha fugido uma primeira vez, mas também, igualmente por convicção, eu havia prosseguido aqueloutra. Agora que ambas contra o meu parecer me caíram em cima, nem posso alegrar-me de possuir o que não teria querido, nem necessariamente lamento haver perdido aquilo que amava. Mas porque se deve obedecer a Deus assim dispondo a nosso respeito, esforçar-nos-emos, quanto depender do seu auxílio e apoio, por desempenhar recta e integralmente esta honrosa função.

Quanto ao que concerne à nossa correspondência epistolar, meu caro Filipe, não suportaram os meus sentimentos para convosco adiar este serviço, sem que, uma vez começado o espírito a libertar-se da turba e dos aborrecimentos, vos endereçasse uma carta como penhor da minha consideração para convosco e convite à vossa para comigo. Entretanto nesta amizade por vós aquilo que eu fomento na minha estima pelas vossas exímias virtudes, vós disporeis ser assumido por vossa bondade, a fim de me distinguir com igual benevolência. Isto vos rogo que façais, não me deixando sequioso da vossa familiaridade.

De facto, eu não sou daqueles que, quando alguém diverge de opinião, logo o odeiam. Isso é próprio de um temperamento arrogante e orgulhoso, não do manso e compreensivo, qualidade a que a natureza me inclina. Não obstante, favoreço os engenhos, cultivo as virtudes humanas, tal como os estudos das letras. Relativamente a tudo isto, possuís vós dotes nada comuns, seja de cultura e engenho, seja de amizade por mim, pois não duvido que possuais igual pensamento e vontade.

Com tal modo de ser que as artes liberais tão dilucidamente poliram, nada pode coexistir de agreste e áspero. Pelo que maior esperança me traz a vossa virtude de que a minha carta vai ter em vós tal impacto que, apesar de espacialmente separados, nos encontramos juntos no espírito e na benevolência.

Eis o que eu maximamente anseio e espero, almejando que no número daqueles que vos querem bem e desejam brilhantes êxitos, os quais, em face da celebridade do vosso nome, constituem sem dúvida uma grande multidão, vos persuadais plenamente de que aspiro ao primeiro lugar e nada mais veementemente apelo do que ser-me dada oportunidade de, por obras, comprovar e declarar a minha amizade por vós. Se me proporcionardes algum ensejo ou ocasião de realizar este meu desiderato, haver-me-ei por grandemente recompensado.

E quando sentir que é do vosso agrado, executá-lo-ei, com tamanha dedicação e diligência que ninguém possa fazê-lo com fidelidade maior nem benignidade.

tu si ansam mihi aliquam occasionemue meae explendae huiusce cupiditatis praebueris, magno me abs te beneficio affectum arbitrabor.

Omnia quidem[25], quae tibi grata esse[26] sensero, tanto studio ac diligentia exequar, ut nec fide quisquam exequi maiore nec beneuolentia possit. Sicut et mea natura officii inprimis colens[27], et susceptus iam erga te amor, et perpetuum meum erga doctos uiros[28] studium postulat.

Vale, mi doctissime Melanchthon, et nos tui amantissimos dilige[29].

Romae XV. Calend, Iulii, M.D.XXXVII.[30]

Amantissimus[31] tui Ia. Sadoletus Cardinalis Carpentoractensis.

[Epist. epigr.]

Iacobus Sadoletus Philippo Melanchthon S. D.

[Epist. inscr.]

Doctissimo tanquam fratri, Plilippo Melanchthoni, sacrarum litterarum[32] Professori.

**B** LVIII. NICOLAVS CLENARDVS

**Ioachimo Politae**

[Eborae, 8.VII.1537]

Litteras[1] tuas, Ioachime doctissime, quas scripsisti sexto Calendas Maii, modo accepi, hoc ipso die octauo Iulii, sub horam quartam pomeridianam. Et qui eas reddidit: «Si quid», inquit, «rescribendum est, cura quamprimum; siquidem Damiani frater missurus est cras Ulyssiponem». Boni itaque consule tumultuariam responsionem, et de statu rerum mearum breuiter intellige. [...]

Redeo ad Salmanticenses. Omnibus gratias egi, detractata condicione[2], etsi gloriae plena: cupere enim me patriam, et ea illic typis mandare quae prouehendis studiis faciant. Rogas forte an Arabica uelim excudere. Omnino, Ioachime, stat animus, ubi primum rediero Louanium, parare characteres Arabicos, et tam iusta eius linguae fundamenta ponere, ut queat orbis deinceps tam facile lectitare

**B** LVIII. – **Ftt**: Clenar 90-93 Roersch 116-119 Mat 123-124, ls. 1-8, 23-41.

**B** LVII. – **25** Omnia quidem] quidem *om. MANL* **26** grata esse] esse *om. MANL* **27** colens] colere *MANL* **28** doctos uiros] uiros *om. MANL* **29** dilige] ama *MANL* **30** M.D.XXXVII] 1557 *MANL* **31** Amantissimus… Carpenctoratensis] *om. MANL* **32** literarum *omn.*

**B** LVIII. – **1** Literas *omn.* **2** conditione *omn.*

Afinal, assim como postulam antes de mais a natureza do meu ofício, e a minha amizade já assumida para convosco e o meu contínuo devotamento para com os varões cultos.

Adeus, meu doutíssimo Melanchthon, e guardai-nos na vossa amizade como a quem muito vos quer.

Em Roma, a 17 de Junho de 1537.

De vós afectuosíssimo, Tiago Sadoleto, cardeal, de Carpentras.

[Epígrafe da Carta]

Tiago Sadoleto saúda Filipe Melanchthon.

[Endereço]

Ao doutíssimo como-irmão Filipe Melanchthon, Professor de Sagradas Letras.

**B** LVIII. NICOLAU CLENARDO
**a Joaquim Polites**

[Évora, 8.VII.1537]

A tua carta, Joaquim doutíssimo[1], que escreveste a 26 de Abril, recebi-a há pouco, neste mesmo dia 8 de Julho às quatro horas da tarde. E quem ma entregou observou-me que, se quisesse responder, o fizesse sem demora, porquanto amanhã vai mandá-la para Lisboa o irmão do Damião. Perdoa, pois, a atabalhoada resposta e atende a um breve relato da minha situação. […]

Quanto aos salmanticenses, agradeci a todos e declinei o convite, não obstante honroso em cheio: é que pretendia voltar à minha terra e ali lançar dos prelos obras que aos estudos sejam de fomento. Perguntas-me acaso se penso imprimir algo em árabe. O meu firme propósito, Joaquim, é, uma vez retornado a Lovaina[2], aprestar-me de caracteres arábicos e expor bases tão sólidas dessa língua que daí em diante o orbe inteiro possa manusear os médicos árabes com tanta facilidade como agora lê os gregos. Claro que nisto o meu intuito não foi a medicina. Mas principiei, de início, assim nesta extravagância por causa dos livros sagrados cuja escassez me incomodava; e a tal ponto me seduziu a doçura da língua que optei por ler os médicos em vez de nenhuns.

medicos Arabes, quam nunc legat Graecos. Quamquam ego hic medicinam non spectaui, sed sacrorum codicum gratia sic desipere primum coepi; quorum dum laboro inopia, et linguae dulcedine titillatus fui, potius medicos legi quam nullos.

Egi non semel apud D. Damianum de bibliotheca Episcopi Nebiensis, qui libris Arabicis pulchre instructus erat. Oro ut et tu quoque memineris, ut sciamus uiuat an mortuus sit. Nescio an Damiano spatium dabitur scribendi. Nullam unquam omisi occasionem, quin et te et illum loquacissime salutarem. [...]

De Damiani nostri uertigine quod scripsisti, gratissimum est. Faxit Deus ne, quorundam exemplo, doleat se tantum tribuisse medicis. Mihi magis placet δίαιτα quam sexcenti medici.

Ad Resendium misi litteras[3], sed domi non erat. Quod de ingenio eius scripsisti poetico, uere iudicasti. Necdum uidisti carmen de morte Erasmi, quod nuper misit ad Damianum. Damianum resaluto; et tamen ipse paucis, si potero, cum eo agam.

Vale, mi Ioachime, et me, ut facis, ama.

Eborae, VII. die Iulii, anno XXXVII.

Ignosce[4] nobis barbariem; uix mihi licet esse Latino.

[Epist. epigr.]

Nicolaus Clenardus litterato[5] uiro Ioachimo Politae iurisconsulto S.P.D.

**B** LIX. SPLINTERVS AB HARGEN

**Hadriano Mario**

S.P.

[Patauii, 1.XI.1537]

Gratissima mihi fuit, humamiss. D. Hadriane, et memoria tua nostrae coniunctionis, quam non obscuram ex litteris[1] tuis perspexi, et amicitiae etiam augendae uoluntas, quae iam pridem non mediocri me uoluptate ex consuetudine nostra, utilitate ex consilio atque opera tua offecit. [...]

Ex quo a uobis discessi, fortunam pro temporis difficultate expertus commodissimam, bonis auspiciis coeptum iter, melioribus confeci, ac tandem

**B** LIX. – **Ftt**: Burm 222-224 Mat 130, ls. 7-26

**B** LVIII. – **3** litteras *MAT* literas *cet.* **4** Ignosce… Latino *om.* MAT **5** literato *omn.*

**B** LIX. – **1** literis *omn.*

Já mais que uma vez falei com o senhor Damião na biblioteca do bispo de Nebbio[3], admiravelmente apetrechada de livros árabes. Peço-te também a ti que outrossim recordes o facto, para sabermos se ele vive ou se morreu. Ignoro se Damião achará ensejo de me escrever. Eu é que jamais perdi ocasião de, sem poupar palavras, te saudar a ti e a ele. […]

Muito grato me foi o que me disseste acerca da vertigem do nosso Damião. Queira Deus que, a exemplo de outros, não se arrependa de tamanha confiança nos físicos. Por mim, agrada-me mais uma dieta do que seiscentos médicos.

Mandei carta ao Resende, mas não estava em casa. Quanto ao que escreveste sobre o seu talento poético, reputo-o um juízo acertado. E ainda não viste um poema a propósito da morte de Erasmo, que ele enviou ao Damião, a quem endereço muitas saudações e, se puder, contactarei com breve missiva.

Adeus, 7 de Julho do ano de 1537.

P.S. Desculpa-nos a barbárie, mal se me dá tempo de ser latino.

[Epígrafe da Carta]

Nicolau Clenardo deseja muita saúde ao ilustrado varão Joaquim Polites, jurisconsulto.

## **B** LIX. SPLINTER VAN HARGEN **a Adriano Marius**

[Pádua, 1.XI.1537]

Foi-me gratíssimo[1], humaníssimo senhor Adriano, não somente a vossa memória da nossa relacionação que, pela carta vossa, percebi não ser dissimulada, mas outrossim a vontade de ainda aumentar a amizade que há muito me suscitou não pequeno prazer por mor da nossa convivência, e utilidade graças ao conselho e apoio vossos. […]

Depois que me apartei de vós, veio-me ao encontro, mau grado a dificuldade do tempo, uma sorte muito a calhar: iniciei a viagem com bons auspícios e terminei-a com melhores, chegando são e salvo finalmente a Pádua; no caminho, a um dia de jornada juntaram-se aos nossos companheiros o português senhor Damião de Góis com João Diogo Fugger[2] e alguns alemães. Após mútuos abraços e saudações, com satisfação suma e regozijo transbordante, lá fui conduzido à

saluus et incolumis Patauim ueni; uenienti D. Damianus a Goes Lusitanus, cum D. Ioanne Iacobo Fuggero et Germanis aliquot commilitonibus nostris, diei unius itinere occurrit. Post mutuos amplexus et gratulationes, summa alacritate et quasi publica laetitia, tot amicis comitatus in urbem deductus sum, ut non iam peregrinum et hospitem in Italiam me redire, sed patriae post uarios casus et mille pericula rerum restitui crederem. Huius gaudii mei, quod ex amicorum erga me studio ac beneuolentia concepi, expertem te nolui, quem mei studiosissimum et amantissimum cognorim. […]

Prolixiorem me non loquacitas, sed meus erga te amor facit, quem mutuo esse percupio.

Patauii, ipsis Kal. Nouembris A.º M.D.XXXVII.

[Epist. epigr.]

Splinterus ab Hargen Hadriano Mario S. P.

**B** LX. IACOBVS SADOLETVS
**Damiano a Goes**

[Romae, 30.XII.1537]

Posteaque ad te litteras[1] dedi uicissimque accepi priores illas tuas, paucis illis diebus incidi in morbum grauem, quo cum quatuor paene[2] mensibus conflictatus, aliquotiens uitae periculum adii; ea re factum est ut nihil scriberem ad te, cum maxime cuperem.

Etenim scito magnas mihi sollicitudines accessisse ex ea epistola quae ad amicum tuum missa est. Illa enim inter Germanos uulgata, non parum in me infamiae et suspicionis concitauit, quasi ego pristina causa desciscere, et cum Luteranis commercium habere uelim, a quo ego sensu longissime abhorreo. Sed ego qui meo animo conscius sum, et me memini agere Dei causam, forti animo fero euiusmodi hominum calumnias.

Scribuntur autem ad me de Melanchthone uaria, alii probiorem et modestiorem multo quam reliqui nostri aduersarii sint, alii fraudulentum et fallacem insimulant, quod sane nollem. Ita enim eum diligo si bonus, si simplex, si ingenuus sit, quod in illo ingenio illaque doctrina aptius mihi uidetur conuenire.

**B** LX. – **Ftt**: Gop $e^v_2$-$e^v_3$ Vasc 28-29 Mat 135-137

**B** LX. – **1** litteras *MAT* literas *cet.* **2** pene *omn.*

cidade acompanhado de tantos amigos que me acreditava já não retornado a Itália como peregrino e hóspede, mas restituído à pátria após casos vários e perigos mil. Deste júbilo, que por dedicação e benevolência dos amigos experimentei, não vos quis desconhecedor, pois vos fiquei conhecendo como pessoa muito afectuosa e muito dedicada. […]

Não é a loquacidade que me torna mais prolixo, mas a minha amizade para convosco, a qual muito anelo exista em reciprocidade.

Pádua, 1 de Novembro do ano de 1537.

[Epígrafe da Carta]

Splinter van Hargen a Adriano Mário muitas saudações.

**B** LX. TIAGO SADOLETO
**a Damião de Góis**

[Roma, 30.XII.1537]

Nesses poucos dias que mediaram entre a carta que vos enderecei e a aquela primeira que a revezes me chegou de vós, sucumbi a grave enfermidade, que me afligiu durante quase quatro meses e várias ocasiões reteve às portas da morte. Do que resultou eu nada haver respondido, posto muitíssimo o ambicionasse.

Com efeito, sabei que grandes inquietações me advieram da missiva há tempos enviada ao vosso amigo[1], porquanto, divulgada que foi entre os alemães, infâmia não pequena e suspeita concitou contra mim, qual se eu quisera abandonar a antiga causa e conluiar-me com os luteranos, do que por meu juízo estou imensamente afastado. Como, no entanto, conheço bem o que fiz e não esqueço tratar dos interesses de Deus, vou sofridamente suportando as calúnias de homens desta estofa.

Acerca de Melanchthon, entrementes, escrevem-me coisas diversas; uns dizem-no mais probo e modesto que os restantes adversários nossos; outros acusam-no de fraudulento e falaz, o que eu na verdade não quereria, pois tal estima lhe dedico na suposição de que seja bom, simples, sincero, – predicados que àquela inteligência e saber se me afiguram convir melhor. Uma coisa vos afirmo: é que, a concordância vir a ser possível entre mim e ele, e nisso de há muito me empenho, sem dificuldade alcançaremos ambos a glória de haver a concórdia restabelecida e a Religião Católica pacificada.

Hoc tibi affirmo, si congruere inter me ipsumque licebit, id quod ego iamdudum molior, non difficiliter nos gloriam constituae concordiae et pacatae Christianae religionis ambos adepturos. Proinde a te peto ut mihi de his omnibus quid tu sentias, et quam spem habeas in manibus, indicare plane tuis litteris[3] uelis. Nihil mihi gratius es facturus, quam si me certiorem tui et iudicii et illius consilii reddideris.

Cetera[4] que ad causam huiusmodi pertinebunt, litteris[5] inter nos, ut occasio affuerit, agentur, atque explicabuntur. Confido enim te, cui et in uirtute et in doctrina et in amore erga me permultum tribuo, affiduum mihi et beneuolum[6] adiutorem affuturum.

Ego quanquam Dei benificio iam e periculo emersus sum, nondum tamen mente et corpore ita consisto, ut accuratis scriptionibus idoneus sim; quare te uolo aequi boni consulere, si haec tibi epistola negligentius esse scripta uidebitur.

Quod Patauium redieris, gratum mihi est, praesertim cum reuersus sis ualentior; propinquiorisbus enim locis crebrius inter nos commeabunt litterae.

Tu ut ualeas, nosque quod facis diligas magnopere a te peto. Vale.

Ex. Vrbe, 3. Cal. Ianuarias, Anno 1538.

[Epist. epigr.]

Iacobus Cardinalis Sadoletus Damiano a Goes S.P.D.

**B** LXI.

PETRVS BEMBVS
**Damiano a Goes**

[Venetiis, 5.IV.1539]

Delectauerunt[1] me magnopere litterae[2] tuae quae[3] tui cupidissimum de omni statu tuo erudierunt. Itaque gratulor te uxorem duxisse, atque ita consulere posteritati uoluisse. Quam tibi[4] rem Deum Opt. Max. fortunare uolo.

De me quod scire optas, nihil tibi possum dicere, praeter hoc unum: me in Cardinalium collegium a Paulo Tertio Pont. Maximo, non modo non petentem, sed

---

**B** LXI. – **Ftt**: Gop f$^{r-v}$ Be 377 Bem 726-727 Bemb 170 Bembi 342-343 Vasc 29 Mat 133

---

**B** LX. – **3** litteris *MAT* literis *cet.* **4** Caetera *omn.* **5** literis *omn.* **6** beneuolum] beniuolum *GOP* **7** litterae *MAT* literae *cet.*

**B** LXI. – **1** Delectauerunt… tuae *GOP VASC MAT* Delectatus magnopere sum literis tui *cet.* **2** litterae *MAT* literae *cet.* **3** quae tui cupidissimum *GOP VASC* quae me tui cupidissimum *cet.* **4** Quam tibi rem] tibi *om. BE BEM BEMBI*

Suplico-vos, portanto, me queirais sem rebuços indicar em vossas letras o que pensais de tudo isto e que esperança tendes à mão. Com nada vireis a dar-me tanto prazer qual com me informardes da vossa opinião e do desígnio dele. O mais que pertencer a este assunto, será abordado epistolarmente entre nós, surgida oportunidade, já que confio em que me haveis de ser adjutor assíduo e benévolo, vós a quem sobremaneira considero pela virtude, doutrina e afeição para comigo.

Eu, se bem que, graças a Deus, me encontre já livre de perigo, ainda não estou contudo tão forte de corpo e espírito, que possa entregar-me a aturadas escrituras; pelo que desejo não leves a mal, caso esta epístola se vos antolhe alinhavada um pouco negligentemente.

Dá-me alegria o vosso regresso a Pádua, em especial por terdes vindo mais robusto; e porque, uma vez em mor proximidade, com menos espaço nos cartearemos os dois.

Faço muitos votos pela vossa saúde e continuação da amizade que nos dispensais. Adeus.

De Roma, em 30 de Dezembro de 1537.

[Epígrafe da Carta]

Tiago Sadoleto, cardeal, a Damião de Góis deseja muita saúde.

**B** LXI. PEDRO BEMBO

**a Damião, português**

[Veneza, 5.IV.1539]

Deleitou-me grandemente a carta vossa, a qual me instruiu sobre toda a situação de alguém a quem muitíssimo quero. As minhas congratulações, pois, por haverdes celebrado matrimónio e de tal guisa querido atender à vossa posteridade. O bom Deus omnipotente vos torne feliz esta aliança!

Quanto ao que em referência a mim[1] desejais saber, nada dizer-vos posso além de que, sem o pedir nem algo imaginar a esse respeito, fui nomeado pelo Sumo Pontífice Paulo III para o colégio dos Cardeais. Estou-me agora aprestando para ir até junto dele, que quer constituir-me tal o mais depressa possível.

ne cogitantem quidem ea de re quicquam fuisse cooptatum. Nunc me comparo ut ad illum proficiscar. Id enim me quamprimum facere uult. Te amantissimum mei esse, ut scribis, ualde gaudeo. Idem de me tu ut cogites, exploratumque habeas, a te peto. Resendii litterae[5] si uenerint, erunt mihi gratissimae[6]. Vale.

Nonis Aprilibus 1539. Venetiis.

[Epist. epigr.]

Petrus Bembus Damiano Lusitano S.P.D.

**B** LXII. LAZARVS BONAMICVS

**Damiano a Goes**

[Patauii, 17.IV.1539]

Quae antea de matrimonio audieram, quaeque iucundissima fuerant, eadem multo iucundiora extiterunt lectis tuis litteris[1], quas heri accepi. Non enim solum certiora existimabam quae a te afferebantur, sed etiam humanitas tua[2] ad me scribens sustulit paene[3] subrusticam uerecundiam meam.

Nam cum ad te uellem scribere gratulationem[4], quas meas partes esse putabam, impediebar tamen eo timore, ne uiderer scribendo exigere, quod mihi non debebas, sed liberalitas, ut solet, tua obtulerat. De globo loquor, de arcu, de chartis, quae omnia tantae curae tibi[5] esse uideo, ut magis admirer tuam in omni genere officii et laudis diligentiam, quam hanc in his rebus sollicitudinem probem. Omnia tamen ex magnitudine animi ac probitate profecta esse intelligo, cum tam parua in re errorem pertimescas; quod ingenium, quae disciplina tua uiuendi[6] fecit, mi Damiane, ut me ualde matrimonium tuum delectaret.

Si enim in arboribus propagatio laudatur, quanto magis in uiris bonis. Fortes[7] gignuntur fortibus, et alter senior poeta ἐοικότατα τέκνα γονεῦσιν γίγνεται uere cecinit. Quocirca tibi gratulor et eo quidem magis, quod uxorem (ut audio) duxisti, nobilem, liberaliter educatam, formosam, dignam denique, quae uni tibi in matrimonio collocaretur, praeterea nemini.

---

**B** LXII. – **Ftt**: Gop f$^{v}$-f2$^{v}$ Epicl 251-253 Epicla 106$^{r-v}$ Epiclar 189-190 Bona 105 Vasc 30-31 Mat 134-135

---

**B** LXI. – **5** literae *omn.* **6** gratissimae] gratae *BE BEMB BEMBI*

**B** LXII. – **1** litteris *MAT* literis *cet.* **2** tua ad me scribens *GOP VASC MAT* tua, dum ad me scribis *cet.* **3** pene *omn.* **4** gratulationem] gratulatione *VASC* **5** tibi esse uideo *GOP VASC MAT* esse tibi uideo *EPICL EPICLA BONA* **6** tua uiuendi *GOP VASC MAT* uiuendi tua *EPICL EPICLA BONA* **7** Fortes gignuntur *GOP VASC* Fortes enim gignuntur *cet.*

Muito rejubilo com a afirmação da vossa epístola sobre a amizade profunda que me votais; rogo-vos outro tanto penseis e tenhais como certo de meu lado. E carta do Resende, se vier, aprazimento me fará altíssimo.

Adeus.

Veneza 5 de Abril de 1539.

[Epígrafe da Carta]

Pedro Bembo ao Damião português envia muito saudar.

**B** LXII. LÁZARO BUONAMICI

**a Damião de Góis**

[Pádua, 17.IV.1539]

O que anteriormente ouvira[1] sobre o teu matrimónio e me fora agradabilíssimo, tornou-se muitíssimo mais agradável com a leitura da carta recebida ontem, porquanto não só atribuo mor objectividade às novas de ti vindas, como outrossim o obséquio de escreveres desfez quase o meu acanhamento, – já que, apetecendo embora, conforme julgava ser minha obrigação, mandar-te meus parabéns, não obstante me retraía disso o receio de que tal acto parecesse exigência do que me não devias mas apenas a tua habitual liberalidade me tinha prometido: refiro-me ao globo, arco e mapas, assunto de que vejo cuidares tanto, que mais admiro tua diligência em qualquer género de favor ou honra, do que aprovo nestas coisas uma solicitude assim. Reconheço, no entanto, tudo haver partido da magnanimidade e honradez tuas, visto como temos falta em coisa tão somemos, sendo este teu carácter e sistema de vida, meu Damião, que fazem com que grande alegria me dêem as tuas núpcias.

De facto, se se louva a propagação nas árvores, quanto mais nos varões probos! Os fortes geram-se dos fortes, e, como rectamente cantou aqueloutro velho poeta, «os filhos saem aos pais»[2]. Por isso te congratulo, e designadamente pelo facto de (ao que ouço) haverdes escolhido uma esposa nobre, bem educada, formosa, digna enfim só de ti e de mais ninguém.

Praza a Deus que os que nasçam se te assemelhem: ornamento da sua idade pela formação recebida, para cujo encargo deves agora preparar-te, sejam eles a tua máxima ventura e dos teus. Este o múnus do casamento; isto o que, ao contraí-lo, precisam todos ter diante dos olhos.

Vtinam ex te[8] nascantur tui similes, qui tua cura instituti aetati suae ornamento, tibi tuisque maximae sint uoluptati, ad quam rem te pares nunc oportet; hoc est connubii munus, hoc omnibus in ducenda uxore propositum esse debet.

Sed quid ego[9] haec ad te, quem et optimum et prudentissimum esse non ignoro? Quod factum esse a me non tui admonendi, sed testificandi potius[10] summi mei erga te amoris gratia uelim interpreteris.

Patrem meum, ceterosque[11] (ut iubes) tuo nomine salutabo. Possum autem tibi confirmare, ab omnibus te amari, et suscipi[12]. Vale.

Patauii, 15. Cal. Maias. 1539.

[Epist. epigr.]

Lazarus Bonamicus Damiano suo[13] S. P. D.

**B** LXIII. PETRVS NANNIVS

**Nicolao Olaho**

[«Louanii», 6.V.«1539»]

Qui tibi meas litteras[1] perfert Damianus a Goes, est eques Lusitanus non minus claritudine generis quam humanitate morum, et litteris[2] et litteratorum[3] moribus insignis.

Si patientur tuae occupationes, uelim illum in colloquium admittas. Senties illum morum sinceritate, candore, fide, humanitate, modestia tibi simillimum. Saepius de te mecum loquitur. Tuae consuetudinis cupidissimus est.

Bene uale, optime patrone.

Pridie Nonas Maias, raptim

[Epist. epigr.]

Petrus Nannius domino Nicolao Olaho S. D. P.

---

**B** LXIII. – **Ftt**: Mikl 616 Carv 377 Mat 136

---

**B** LXII. – **8** ex te *GOP EPICLAR VASC MAT om. cet.* **9** ego haec *GOP EPICLAR VASC MAT* haec ego *cet.* **10** summi mei potius *EPICL EPICLA BONA* **11** caeterosque *omn.* **12** suscipi] suspici *GOP EPICL EPICLA BONA VASC* **13** Damiano suo] Damiano Goae Lusitano *EPICL EPICLA BONA*

**B** LXIII. – **1** litteras *MIKL CARV MAT* **2** literis *omn.* 3 literatorum *omn.*

Mas para quê ditames a quem conheço ser óptimo e prudentíssimo cavalheiro? Pelo que desejava estas palavras interpretasses não como admonição e sim como testemunho da minha afeição suma.

Apresentarei teus recados a meu pai e aos outros (consoante pedes). E posso assegurar-te que és benquisto e considerado de todos.

Adeus.

Pádua, 17 de Abril de 1539.

[Epígrafe da Carta]

Lázaro Buonamici ao seu amigo Damião envia muito saudar.

**B** LXIII. PEDRO NANNINCK
**a Nicolau Olah**

[«Lovaina», 6.V.«1539»]

O portador da minha carta[1], Damião de Góis, é um cavaleiro português não menos insigne pelo nascimento que pela honestidade de costumes, bem como pelas letras e hábitos das pessoas ilustradas.

Se o permitirem as vossas ocupações desejaria que com ele conversásseis. Senti-lo-eis muito semelhante a vós na lhaneza do trato, franqueza, lealdade, cortesia, modéstia. Muitas vezes de vós me fala. Está deveras interessado na familiaridade convosco.

Passai bem, meu óptimo protector!

6 de Maio, à pressa.

[Epígrafe da Carta]

Pedro Nanninck ao senhor Nicolau Olah deseja muita saúde.

**B** LXIV. PETRVS NANNIVS

**Nicolao Olaho**

[Louanii, 12.V.«1539»]

En rursus alteram epistolam. Cum enim in soluendo sim, hoc est, absoluerim meam tibi in Demosthene promissam translationem, abiit pudor, uel potius δυσωπία, successit audacia. Noui quem habeo patronum non solum litteratum, sed et clementem et indulgentem. [...]

Audio Caesarem huc uenturum cum fratre; quaeso te per omnia sacra Musarum, habeamus te tunc praesentem.

Vel per hunc uel Damianum mihi rescribe quid in Prologo mutatum uelis. Quia magnus habeor apud meum Olahum[1] maximum, multi mihi inuident, multi quoque a me petunt quod per te sperant confici posse. [...]

Louanii, quarto Idus Maias.

Litteris scriptis rediit Damianus a Goes, qui te Antuerpiae non inuenit; qua re[2] et litteras per illum ad te missas, eas per eundem monachum, uirum doctum et probum, de quo supra memini, ad te remitto.

Iterum uale, optime et eruditissime patrone.

[Epist. epigr.]

Deditissimus cliens Petrus Nannius Nicolao Olaho

**B** LXV. SIGISMVNDVS GELENIVS

**Damiano a Goes**

[Basileae, 23.VI.1539]

Mirifice me nuper exhilarauit Frobenius, patrone eximie. Non solum enim salute tuis uerbis mihi renuntiata[1], memorem te amiculi intellexi, sed etiam ex eiusdem sermone percepi te ueterem erga officinam hanc fauorem retinere, quandoquidem et Tertulianicum thesaurum benigne communicas, et insuper alia ultro polliceris omnibus rerum mirandarum studiosis, uel ambitiose expetenda.

---

**B** LXIV. – **Ftt**: Mikl 617-618 Carv 377-378 Mat 137, ls. 7-23.
**B** LXV. – **Ftt**: Gop $f_2^v$-$f_3^r$ Vasc 31-32 Mat 138-139

---

**B** LXIV. – **1** Holaum *omn.* **2** qua re] quare *omn.*

**B** LXV. – **1** renunciata *omn.*

**B** LXIV. PEDRO NANNINCK
**a Nicolau Olah**

[Lovaina, 12.V.«1539»]

Aqui vai outra carta. Estando eu a acabar, ou melhor, tendo acabado a minha tradução de Demóstenes[1] que vos prometi, foi-se-me o pudor, ou antes a *timidez*, e avançou a audácia. Conheço o protector que tenho, não apenas culto, mas outrossim clemente e compreensivo. […]

Ouço dizer que o Imperador virá cá com o irmão[2]; rogo-vos por todos os templos das Musas que possamos contar então com a vossa presença.

Ou por este correio ou por Damião respondei-me sobre o que quereis mudado no *Prólogo*. Visto como sou tido em grande conta junto do meu grandíssimo amigo Olah, muitos invejam-me, muitos outros demandam-me o que por vosso intermédio esperam poder realizar. […]

Lovaina, 12 de Maio.

P. S. Escrita esta, voltou Damião de Góis, que não nos encontrou em Antuérpia; por isso, a carta que lhe confiei remeto-vo-la pelo mesmo frade, varão douto e probo de quem acima vos falei.

Adeus, mais uma vez, óptimo e eruditíssimo protector!

[Epígrafe da Carta]

Pedro Nanninck, dedicadíssimo cliente, a Nicolau Olah.

**B** LXV. SEGISMUNDO GELÉNIO
**a Damião de Góis**

[Basileia, 23.VI.1539]

Froben alegrou-me[1] ultimamente de sorte extraordinária, excelente protector: é que não somente, pelos recados a mim em vosso nome expressos, vos reconheci lembrado de um amigo insignificante, senão também por igual jeito logrei, através de suas palavras, a verificação de que vos mantínheis em esta velha oficina considerar, por isso que assim o tesouro tertuliânico nos anunciais de bom grado, como ademais outras obras espontaneamente prometeis, em alto grau apetecidas por quantos se dão ao estudo de matérias dignas de admiração.

Eu, que não recordava da parte de quem, não vai há muito, soubera algo deste género vos estar no espírito, ardia de facto em ânsias de exortar-vos à edição. Ainda bem, que vos antecipastes.

Mihi certe, cum ex non memini quo non ita dudum cognouissem aliquid cius generis penes te esse, ardebat animus hortari ad editionem. Sed bene habet quod nos praeuenisti.

Porro cum quaeuis historia natura sui delectet, peregrina[2] uero admirationem etiam pro condimento habeat, tum recentissima quaeque maxime nos, si Homero credimus, afficiat, praecipue quae comperta narret quam festo applausu putas hanc tuam excipiendam, quae de alio paene[3] dixerim orbe, recens haud sine Diuina ope auspiciis inclitorum[4] Lusitaniae tuae regum, atque etiam bona ex parte inuictiss. huius Augusti et maiorum eius, lustrato, nos docet; non qualia olim Ctesias aut Iambulus de Oceano eiusque oris ac insulis ad uoluptatem confinxit, tanto licentius quod neminem coarguturum uerebatur, sed quae complurium oculato testimonio approbare facile est. Ceterum[5] huius expectationis uoluptatem breui cumulabis ipsius libri optatissimi repraesentatione.

Aliam praesentem dissimulare non libet, quod tibi gratulandi materia mihi oblata est, quandoquidem ad ceteras[6] quibus profecto dignissimus es felicitates, nouus hic quoque calculus accessit, uxor ex animi, ut scribis, sententia reperta, id quod utrique felix atque perpetuum faxit ille omnium bonorum dator et auctor[7].

Sunt mihi istic iam olim duo patroni cum primis candidi, Dilfus et Vtenhouius, uterque genere aeque ac eruditione clarus, ac proinde ut facile coniecto neuter tibi ignotus, quos si dabitur occasio, obsecro ut meo nomine salutare non graueris. Mihi uicissim quicquid libuerit, tuo iure imperato.

Vale quam optime una cum omnibus tibi caris[8].

Basileae, pridie natalis Io. Baptistae, An. 1539.

[Epist. epigr.]

Sigismundus Gelenius Damiano a Goes S. P. D.

**B** LXVI. LAZARVS BONAMICVS

**Damiano a Goes**

[Patauii, 9.VII.1539]

Non sine prouidentia factum esse arbitror, mi Damiane, ut cum tandem tua munera ad me perlata essent, membranas et globum, in quo est descriptio orbis

**B** LXVI. – **Ftt**: Gop $e^v_3$-$e^r_4$ Epicl 249-250 Epicla $105^{r-v}$ Epiclar 187-188 Bona 103-104 Vasc 32-33 Mat 140

**B** LXV. – **2** peregrina] perigrina *GOP* **3** pene *omn.* **4** inclytorum *omn.* **5** caeterum *omn.* **6** caeteras *omn.* **7** autor *omn.* **8** charis *omn.*

Na verdade, se, de um lado, toda a história deleita e a estrangeira tem até a surpresa por condimento, – de outro, a crermos em Homero, a mais recente é a que melhor impressão causa, sobretudo se relata acontecimentos averiguados, qual com festivo aplauso julgais reputanda a vossa, que é de nossos dias e nos traz informes de descoberta de quase diria outro mundo, levada a efeito, não sem divina ajuda, sob os auspícios dos ínclitos reis de Portugal e, em boa fracção, deste invictíssimo Augusto e seus maiores. Narrações diversas que são das excogitadas outrora, para recreio da fantasia, por Ctésias e Jâmbulo[2] a respeito do Oceano e suas praias e ilhas – com tanta mais desenvoltura quanto menos arreceavam que alguém viesse a desmenti-los –, estas é fácil comprová-las mediante a atestação ocular de muitos.

Mas completareis dentro em breve o regalo desta expectativa, com a presentação do livro em folha, imensamente desejado.

Não acho bem não prestar atenção à outra pessoa presente, visto que me foi dado motivo de congratulações em razão de, às restantes venturas de que mui merecedor sois por sem dúvida, acrescer esta nova soma, a esposa, a quem, como escreveis, o coração vosso encontrou. Que o dispensador e autor de todos os bens faça ditosa e longamente duradoira para ambos esta união.

Tenho aí, desde há muito, dois protectores, amigos como os que o são, Dilft e Utenhove[3], um e outro ilustres pelo sangue e pela ciência, o que me leva à fácil presunção de vos não serem desconhecidos. Peço-vos que, em calhando, não deixeis de em meu nome os saudar. E por vosso turno ficai também com o direito de mandar quanto vos aprouver.

A melhor saúde para vós e para todos os que vos são caros.

Basileia, vésperas da festa de S. João Baptista, do ano de 1539.

[Epígrafe da Carta]

Segismundo Gelénio a Damião de Góis envia muito saudar.

## **B** LXVI. LÁZARO BONAMICO **a Damião de Góis**

[Pádua, 9.VII.1539]

Temo[1], caro Damião, não sem providencial disposição ter acontecido, agora que tuas dádivas me chegaram, de receber íntegros as membranas e o globo com a descrição do orbe terrestre; porém partido e mutilado, o arco. De feito, que coisa havia menos digna do que eu, que nunca lancei injúria a ninguém, ferir e matar avezinhas absolutamente inocentes?

terrarum, integrum acciperem, arcum uero disiectum et mutilatum. Quid enim minus erat dignum, quam ut ego, qui nemini unquam fecissem iniuriam, auiculas ferirem aut conficerem, in quibus esset summa innocentia.

Omnia tamen pergrata fuerunt, tibi quidem uiro optimo ac liberalissimo, omniumque mihi amicissimo per hanc epistolam gratias agerem pluribus uerbis[1], ni uererer, ne id tibi molestum accideret, qui soles propter magnitudinem animi parua ducere, etiam ea quae magna esse uideantur.

Habebo certe quas debeo; et hanc non obscuram egregii tui erga me animi significationem non obliuiscar (mihi crede) dum uiuam, daboque operam, ut te pari, aut maiori etiam, si possim, aliquando remunerer munere.

Vale cum uxore, cum cognatis, cum amicis omnibus; et nos, quod facis, mutuo dilige.

Patauii, 7. Id. Quinti. 1539.

[Epist. epigr.]

Lazarus Bonamicus Damiano a Goes S. D.

**B** LXVII. LAZARVS BONAMICVS
**Damiano a Goes**

[Patauii, 29.X.1539]

Legi perlibenter historiam a te nuper editam[1], non modo quia delectari soleo hoc genere litterarum[2], et id uehementer existimare ad res et publicas et priuatas, nec minus ad philosophiam ipsam pertinere, sed[3] etiam quod et tui et tuae fortissimae nationis fama nominis capiebar.

Accedebat clades illa nobilis eius hostis, quem semper ipse maxime omnium odi, ut Christianis, ut litteris et bonis artibus, ut ipsi uirtuti inimicum, quem etsi nostrorum uel discordia, uel stultitia, uel socordia, uel caeca quaedam atque[6] insignis improbitas formidabilem effecit[7], spero tamen aut confido potius Deum Opt. Max. non permissurum, ut id imperium diuturnum sit, quod malis

---

**B** LXVII. – **Ftt**: Gop $e_4^{r-v}$ Epicl 250-251 Epicla 105$^v$-106$^r$ Epiclar 188-189 Bona 104-105 Vasc 33-34 Mat 144-145

---

**B** LXVI. – **1** pluribus uerbis *om. EPICL EPICLA EPICLAR BONA*

**B** LXVII. – **1** aeditum *omn.* **2** literarum omn. **3**. sed etiam quod] *om.* quod *GOP VASC* **4** semper *GOP VASC MAT om. cet.* **5** literis *omn.* **6** atque] ac *GOP VASC MAT* **7** effecit *GOP EPICLAR VASC MAT* fecit *cet.*

Tudo entretanto me foi de satisfação intensa; e em mais palavras expressaria nesta carta a minha gratidão a quem é realmente uma pessoa óptima e liberalíssima e o meu maior amigo, se acaso não temesse que isso te fora molesto, porquanto costumas, graças à magnanimidade da tua alma, apreciar em pouco as coisas mesmas que parecem grandes.

Confessarei sequer o reconhecimento que te devo, e não esquecerei (acredita-me), enquanto viver, este claro testemunho de teu egrégio espírito, esforçando-me por algum dia retribuir em cômpar moeda, ou maior até, se possível.

Tem saúde, bem como tua esposa, parentes e amigos todos; e persevera na mútua amizade nossa de até aqui.

Pádua, 9 de Julho de 1539.

[Epígrafe da Carta]

Lázaro Bonamico saúda Damião de Góis.

**B** LXVII. LÁZARO BONAMICO
**a Damião de Góis**

[Pádua, 29.X.1539]

Li de mui bom grado a história que recentemente deste à estampa[1]: e não só por costumar aprazer-me neste género literário, que estou convencido ser de interesse aos negócios públicos e particulares e não menos à própria filosofia, mas também porque era atraído pela fama do autor e de sua nação poderosíssima; acrescendo a isto essa nobre derrota do seu adversário, o qual em todo o tempo eu ao máximo odiei, como inimigo dos cristãos, da cultura, do bem, da virtude mesma, e cujo império, sem embaraço de nossa discórdia ou estultícia ou indolência ou certa cega e assinalada ousadia haver feito temível, espero, ou melhor, confio o bom Deus omnipotente não permitirá seja diuturno, já que parece ter nascido e aumentado à custa sempre de meios indignos.

Eis as causas de me ter sido aprazibilíssimo ler o teu volume.

Oxalá chegues, meu Damião, a cabo com as mais coisas que possues em notas; crê-me que serão de todos muito bem recebidas. Guarda-te, com efeito, de imaginar que algo atinja mor lustre conferir, à nossa ou às volvidas épocas, do que o sistema de imprimissão e o descobrimento do novo mundo, dois sucessos que invariavelmente entendo não só rivalizáveis com a antiguidade, senão até com a própria imortalidade.

artibus semper[8] et partum et auctum esse uideatur, qua re Historiae tuae lectio iucundissima fuit.

Vtinam, mi Damiane, reliqua persequaris quae habes in commentariis; erunt (mihi crede) omnibus gratissima. Caue enim putes quicquam nostra superioraue tempora magis posse illustrare quam imprimendi rationem et noui orbis inuentionem, quae duo non modo cum antiquitate conferenda, sed et cum immortalitate ipsa comparanda semper iudicaui. Historia enim talis est ut ipsa diligentissime contexta, unumquenque retinere in legendo possit.

De Iouio nihil habeo quod statuam; eius enim scripta nondum legi.

Perge, mi Damiane, et pertexe quae polliceris, ne cum aliorum praestantium uirorum[9], tum uirtutem tuorum in obscuro esse sinas. Vale et me mutuo dilige.

Patauii, 4. Cal. Nouemb.[10] 1539.

[Epist. epigr.]

Lazarus Bonamicus nobilissimo uiro[11] Damiano a Goes[13] S.P.D.

**B** LXVIII. CHRISTOPHORVS MADRVCHIVS

**Damiano a Goes**

[Tridenti, 5.XI.1539]

Fuerunt mihi his diebus elapsis litterae[1] tuae per ueredarium Regium oblatae, una cum *Commentariis* tuis rerum a Lusitanis in India citra Gangem gestarum, quas summa animi uoluptate perlegi. Et quanquam nihil quod a te proficiscitur mihi non potest esse non gratissimum, tamen[2] gratae fuerunt ex eo quod me certiorem reddiderint, ubi locorum uersareris, quippe qui cognitum non haberem, in qua mundi parte pedem fixeris.

Nunc uero posteaquam audio te Louaniis una cum uxore otio litterario[3] frui, opto ut ex animi tui sententia omnia feliciter cadant, illudque otium sit tibi perpetuum, ita ut fetum[4] in mente tua conceptum, tandem cum laude nunquam intermoritura parere possis.

---

**B** LXVIII. – **Ftt**: Gop $e^{v}_{4}$-$f^{r}$ Vasc 34-35 Mat 146-147

---

**B** LXVII. – **8** semper *GOP EPICLAR VASC MAT om. cet.* **9** uirorum] hominum *EPICL EPICLA*. **10** Nouemb. *MAT* Septemb *cet.* **11** Nobilissimo uiro *GOP VASC MAT om. cet.* **12** a Goes *GOP VASC MAT* Goae *cet.*

**B** LXVIII. – **1** litterae *MAT* literae *cet.* **2** tamen *om. VASC* **3** literario *omn.* **4** foetum *omn.*

Pois a história é tal que, diligentemente composta como está, pode na sua leitura cativar a qualquer.

A respeito de Giovio[2] nada tenho a apresentar, uma vez que ainda não li os seus escritos.

Eia avante, meu Damião, e põe em termos as mais obras que prometestes, a fim de já doutros varões prestantes, já outrossim dos teus, não deixares na obscuridade a virtude.

Adeus.

Pádua 29 de Outubro de 1539.

[Epígrafe da Carta]

Lázaro Bonamico ao nobilíssimo varão Damião de Góis envia muito saudar.

**B** LXVIII. CRISTÓVÃO MADRUZZI
**a Damião de Góis**

[Trento, 5.XI.1539]

Foi-me, estes dias transactos, entregue pelo postilhão real a tua carta, acompanhada dos *Comentários*[1] que escreveste sobre os feitos dos portugueses na Índia cisgangética.

Li-a com sumo prazer do espírito. E, conquanto nada do que de ti venha me possa deixar de ser gratíssimo, regalo ela me deu por isso mesmo que informes trouxe acerca de onde te encontravas: com efeito, era-me ignoto em que parte do mundo calcarias chão.

Agora porém, verificado estares, em companhia de tua esposa, usufruindo de descanso literário em Lovaina, faço votos por que tudo corra optimamente, de harmonia com os teus anelos, e essa tranquilidade te seja perpétua, de modo a que, para glória tua, jamais às produções concebidas em tua mente lhes aconteça virem à luz entre as coisas perecedouras.

De resto, quanto aos teus parabéns tão quentes, por motivo da minha elevação ao episcopado, e às advertências que formulas à volta do meu ministério, exprimes-te efectivamente com benquerença e sinceridade. Mas olha que, ao considerar a grandeza da responsabilidade imposta e a insignificância

Ceterum[5] quod mihi de adepta Episcopali dignitate tam amice congratularis, meque officii mei admones, facis tu quidem candide et sincere[6]. At dum ponderis mihi impositi magnitudinem considero, uiriumque mearum imbecillitatem, timeo aliquantulum ne sub mole deficiam. Quapropter Deus Opt. Max. assidue rogandus est a me, ut id quod propriis uiribus non potero, gratia sua suppleat.

Praeterea tibi persuasum esse uolo, hanc dignitatem, mihi de animo meo erga te, nihil penitus ademisse. Quod si aliquid potero in rem tuam, ubi interpellatus fuero, senties me nihil antiquius ducere, quam tibi in omnibus complacere.

Et his te cum uxore in Nestoreos annos ualere exopto.

Tridenti, die 5. Nouemb. Anno 1539.

[Epist. epigr.]

Christophorus Madruchius Princeps et Episcopus Tridentinus Damiano a Goes S.

**B** LXIX. GLAREANVS

**Damiano a Goes**

[Friburgi, 6.XI.1539]

Magno gaudio tuas accepi litteras[1], nobilissime D. Damiane, Eques magnifice, maxime quod nunc sciam quo terrarum degas, et quid uiuas, id enim antea non licuit. Ceterum[2] precor tibi uxorique tuae felix faustumque coniugium ad Nestorios annos, secus certe quam mihi acciderit.

Nam toto hoc triennio uxor mea Ictero. i. e.[3], regio morbo laborans V. Cal.[4] Septembreis ad superos concessit, ac me miserum in hac lacrimarum[5] mole reliquit, cui Deus sit propitius ac nobis omnibus. Certe mihi tantum maeroris[6] ingessit, cum aegritudine longa, tum morte maestissima[7], ut optarim saepius mori. Atque haec item causa fuit, cur ad tuas litteras[8] serius breuiusque quam uelles responderim hactenus.

Atque hoc scire debes, te mihi ex animo carum[9], idque tuo[10] merito. Neque unquam desituram memoriam tui apud me quoad uixero, etiam si litterae[11] meae rarius ad te ueniant. Non omnia sita sunt in litteris[12], multi splendide rhetoricantur frequentibus epistolis, qui animo sunt non admodum amico.

---

**B** LXIX. – Ftt: Gop $f_3^r$-$g^r$ Vasc 35-38 Mat 147-151

---

**B** LXVIII. – **5** Ceterum *MAT* Caeterum *cet.* **6** syncere *omn.*

**B** LXIX. – **1** literas *omn.* **2** Caeterum *omn.* **3** id est] i. *GOP* **4** V Calendas *GOP MAT* Calendas *VASC* **5** lachrymarum *omn.* **6** moeroris *omn.* **7** moestissima *omn.* **8** literis *omn.* **9** charum *omn.* **10** tuo merito] tuo *om. VASC* **11** literae *omn.* **12** literis *omn.*

das forças minhas, receio um pouco sucumbir sob esta mole. Necessito, pois, de constantemente rogar ao bom Deus todo poderoso se digne com sua graça suprir o que as energias próprias não lograrem.

Finalmente, quero-te na convicção de que a presente dignidade nem num ápice me abateu as disposições de ânimo para contigo. Pelo que, se em alguma coisa puder ser-te favorável, é só interpelar-me: experimentarás que nada tenho mais a peito do que o comprazer-te em tudo.

Sem mais, anelo-te, e a tua esposa, saúde por tantos anos como os de Nestor.

Trento, no dia 5 de Novembro do ano de 1539.

[Epígrafe da Carta]

Cristóvão Madruzzi, príncipe e bispo de Trento, saúda Damião de Góis.

**B** LXIX. GLAREANO

**a Damião de Góis**

[Friburgo, 6.XI.1539]

Com grande agrado, nobilíssimo senhor Damião de Góis, cavaleiro magnífico, recebi carta vossa especialmente porque agora já sei onde estais e como passais, o que realmente me fora vedado antes.

Pois apeteço-vos e a vossa esposa uma união feliz e venturosa por anos tantos como os de Nestor, bem diverso do que sucedeu à minha, que, doente de icterícia desde há três, faleceu em um de Setembro, deixando este infeliz debulhado em lágrimas. Deus lhe seja propício e a nós todos! Na verdade, a ponto me chocaram, quer a sua longa enfermidade, quer em especial a agonia aflitíssima, que muitas vezes preferi morrer.

Eis a causa de até hoje haver às epístolas vossas respondido mais tardia e abreviadamente do que queríeis. Uma coisa, porém, vos cumpre saber: que vos estimo deveras, e com razão; e que não esquecerei jamais vossa memória em toda a minha vida, mesmo no caso em que missivas quiçá vos cheguem com menor assiduidade. As cartas não são tudo, porquanto muitos fartam-se de escrevê-las cheias de palavras esplêndidas e todavia não se finam de amizades.

Eu tenho praticamente experimentado quanto sois leal, grato, delicado, humano, benigno, honesto e sem mancha[1], – para usar a expressão de Flaco. Mas vós, a revezes, também conheceis a Glareano: quão alheio ele é a toda a impostura, inclinado a obsequiar a todos, a não ser molesto a ninguém, a servir a quenquer se possível. Em consequência do que desejava vos convencêsseis de

Ego re expertus sum, quam sis ingenuus, quam gratus, quam animo ciuili, humano, benigno; quam integer uitae, scelerisque purus, ut inquit Flaccus. Vicissim tu Glareanum nosti, quam nihil fuci apud eum, quam uelit omnibus commodare, nemini molestus esse, de omnibus si possit, bene mereri. Itaque tu tibi persuadeas uelim etiam si rarius scribam, me tui nominis ac honoris perpetuum fore et praeconem et buccinatorem, idque re experieris Christo bene fauente.

Sed nunc ad epistolam tuam *In Liuium annotationes* nostrae Basileae excuduntur, sed Biblipolarum discordia hactenus, quo minus editae sint, in causa fuit. Heruagius typographus excuderat Liuium. Is cum audisset aliud nouum Liuii opus cum annotationibus nostris parari, ueritus ne ipsius editio exorbitaret nostra edita, adiit Senatum, ac ibi tantum potuit, ut meus bibliopola cogatur editionem nostram in annum differre, quo ille alter suos codices aliquot uendere queat, ne totus concidat.

Musica item absoluta est, sed quod nolim a quouis hoc opus edi, praeterea quod pauci notulas musicas tractare queant, domi adhuc feturam[13] contineo, donec idoneum nactus fuero typographum. Et nunc luctus ob coniugem amissam nonnihil remoratus est festinationem. Immensum certe opus est, in quo res tracto quas haud scio, num quis ab DCCC. annis (absit uerbo inuidia) ulla hominum memoria tentauerit. Deus Opt. Max. faxit ut ad eius gloriam quo animo certe conscripsi, in lucem ueniat. Id gaudeo quod tam commoda nominis tui celebrandi occasio in eo opere mihi data fuerit. Nam spero id mihi honori fore, tibi uero neutiquam dedecori.

Ad futuram aestatem in animo habeo Deo fauente, id in lucem dare, si aliqua honesta condicione[14] cum eximio quopiam librario conuenire quiuero, et ipse adesse operi. Nam omnia magnifice excudi uolo, nihil lucri inde sperans, sed publicum dumtaxat studiosorum, maxime uero Musicorum emolumentum ac commodum.

De Barone a Gebennis nihil certi habeo. Nondum annus elapsus est, quando frater eius minor natu D. Prosper, biennio mecum commoratus, hinc a me abierit, nec interea quicquam de utroque audiui. Dedicaueram eis *annotationes* meas *in Caesarem*, ante biennium editas, et nunc[15] a Gryphio Lugduni, item alibi impressas, sed operam et impensam perdidi, quod cuius iniquitate fiat, scio, uerum res non est tanti. Neque enim tam muneris piscandi gratia, quam publicae utilitatis causa eum laborem susceperam.

Pater eorum dicione[16] sua excidit, proxima post Ducem auctoritate[17] in Sabaudia. Verum ut eius regionis status sit, probe nosti, et habuerunt praeceptorem, de quo ego optime meritus, at is Dii boni, quomodo mecum egit, ut saepe recorder D. Erasmi, qui nullum genus hominum peius oderat. Sed nolo te diutius obtundere.

---

**B** LXIX. – **13** foeturam *omn.* **14** conditione *omn.* **15** nunc] num *VASC* **16** ditione *omn.* **17** authoritate *omn.*

que serei sempre, ainda quando escreva mais de longe em longe, o pregoeiro e trombeteiro de vosso nome e honra; o que se vos dará azo de verificar na realidade, com a ajuda de Cristo.

Mas vamos à vossa epístola. As nossas *Anotações ao Lívio* estão no prelo em Basileia, e só à desinteligência dos livreiros pertence a culpa de não terem já saído a lume. É que o tipógrafo Hervágio havia estampado o *Lívio*. Ora, como ouvisse dizer que outra nova edição do *Lívio* com tais comentos se preparava, receoso de que a sua tiragem ficasse preterida ao surgir esta, foi entender-se com o Senado; e tanto conseguiu aí, que o meu livreiro se vê obrigado a adiar por um ano a nossa edição, a fim de aquele poder vender alguns exemplares seus e deste modo safar-se de ruína.

A Música[2] está igualmente pronta. Todavia, porque me não atrevo a confiá-la a qualquer, máxime em virtude de raros entenderem de notação musical, conservo-a ainda em casa até deparar com tipógrafo idóneo. Demais, sentido pelo trânsito de minha esposa, algo me afrouxa a pressa.

É sem dúvida uma obra vasta, tratando de coisas que não sei se outrem, desde há oitocentos anos (seja-me permitido dizê-lo assim), haverá tentado nalguma história humana. O bom Deus todo poderoso conceda que a público venha para a sua glória, pois com esse intuito a elaborei; folgando de nela me ter sido dada tão bela oportunidade de celebrar vosso nome, o que espero há-de ser honra para mim, e nada desonroso para vós. No próximo verão, querendo Deus, guardo tenção de a lançar, se acaso conseguir fechar acordo honesto com algum livreiro perito que disso me cuide, já que ambicionava imprimi-la elegante e impecavelmente, não na expectativa de ganhos, mas tão-só por vantagem e cómodo geral dos estudiosos, designadamente dos Músicos.

A respeito do barão de Genebra[3], nada hei ao certo. Não fez ainda um ano que seu irmão mais novo, o senhor Próspero[4], que durante dois anos se manteve comigo, saiu daqui; e entrementes não tenho ouvido nada a propósito nem dum nem doutro. Dedicara-lhes as minhas anotações ao *César*[5], compostas há dois anos, – e agora impressas em Lião por Greyff, e outrossim noutra parte. Contudo, foi-se-me tempo e dinheiro. E não ignoro por culpa de quem seja; porém o caso não é de tanta monta. Nem eu me resolvera a esse trabalho, mais para buscar favores do que por utilidade de todos.

O pai destes caiu do seu mando, a primeira autoridade, depois do duque, na Sabóia. Vós, porém, conheceis bem qual o estado dessa região. E eles tiveram um preceptor, a quem mui relevantes serviços prestei, mas que, Deus de bondade, se houve comigo de jeito a eu bastas marés recordar o senhor Erasmo, que não aborreceu homem de pior espécie.

E não quero maçar-vos mais. O senhor João Brisgóico[6], enfermo há alguns meses, morreu em 31 de Outubro. Interessado em preparar esta, ainda não estive em Ber; não negligenciarei, no entanto, o vosso mandado.

Tomei nas mãos o opúsculo acerca dos descobrimentos portugueses, como sói dizer-se. Contudo, mal andei algumas folhas, porque o senhor João Werner

D. Ioannes Brisgoicus, pridie Calendas huius mensis Nouemb. extremum clausit diem, cum aegrotasset aliquot menseis. Berum[18] nondum uideram cum haec adornarem, sed non negligam iussum tuum.

De Lusitanis libellum obuiis, ut aiunt, ulnis accepi, sed uixdum aliquot folia percurreram, cum ecce D. Iohannes Wernherus a Rischach, antiquae nobilitatis uir domus Teutonicae, Friburgi hic Commendator, ut uocant, qui ad nobilitatem familiae multas animi dotes habet, eruditionem haud uulgarem, et iudicium acutissimum, ad me legentem uenit, ac libellum ipse per hoc triduum habuit, ita ut ego nondum legere potuerim; sed quae legi, summe placent.

Macte uirtute mi Damiane perge ita dignam rem tractare. Quid enim dignius, quam eam laudare gentem, quae plus laboris pro Christi sumit ampliando regno, quam tota cetera[19] dormiens Christianitas. Deus Opt. Maxi. bene prosperet et regem tuum et totum regnum.

Huic D. a Rischach de quo dixi, *Annotationes* meas *in Sallustium* dedicaui, est certe dignus omni laude uir.

Sed uide ut longus nunc sim, quem tu breuitatis accusasti. Ineptiis meis parce. Nam luctus adhuc me occupat, et lacrimae[20] ob coniugem ereptam multa interturbant, atque scio te omnia boni consulturum. Bene uale.

Friburgi Brisgoiae, anno a Christo nato 1539, postridie Nonas Nouemb.

[Epist. epigr.]

Nobilissimo uiro Damiano a Goes Lusitano Glareanus S.D.

**B** LXX. TIDEMANNVS GISIVS

**Damiano a Goes**

[Lubauii, 16.XI.1539]

Cum suauissimos mores tuos Gedani mihi tantum degustandos praebuisses, uir excelentissime, ita me rapuisti in desiderium tui, ut permolestum animo meo fuerit, inde a tot annis non potuisse certum de te quo loco consisteres cognoscere, quanquam ex opusculis, quae tuo nomine passim prodibant, ac ex Erasmi ad te datis epistolis satis constabat, quod mutato uitae instituto, ad fecundiores[1] Musas te contulisses.

---

**B** LXX. – **Ftt**: Gop $g_1^r$ -$g_2^r$ Vasc 38-40 Mat 151-153

---

**B** LXIX. – **18** Berum] Verum *VASC* **19** caetera *omn.* **20** lachrymae *omn.*

**B** LXX. – **1** foecundiores *omn.*

de Reischach[7], comendador aqui em Friburgo, como lhe chamam, e varão da velha nobreza da Casa teutónica, – ao qual, além dos pergaminhos de família, muitas qualidades exornam de envolta com erudição não vulgar e atiladíssimo juízo –, tendo-se feito até onde a mim e pescando-me a lê-lo, levou-o por estes três dias; de modo que ainda não logrei percorrê-lo, mas o que já li, enche-me as medidas.

Em frente pois, meu Damião. Continuai a versar tão digno assunto. Na verdade, que coisa existirá de mor justiça do que enaltecer esse povo que trabalha mais, pela dilatação do reino de Cristo, do que toda a restante Cristandade adormecida? O bom Deus todo poderoso faça prosperar vosso Rei e a nação inteira.

A este senhor de Reischach acima referido consagrei eu as minhas *Anotações ao Salústio*[8]. É realmente um homem que merece todo o louvor.

E agora vede como se alongou aquele a quem vós acusastes de ser breve.

Relevai as minhas inépcias. O luto acabrunha-me ainda, e as lágrimas pela perda de minha esposa perturbam-me assaz. Mas fico ciente de que tomareis tudo à melhor parte.

Adeus.

Friburgo de Brisgóvia, 6 de Novembro do ano de 1539, do nascimento de Cristo.

[Epígrafe da Carta]

Ao nobilíssimo varão português Damião de Góis, Glareano envia saudações.

**B** LXX. TIDEMANO GIESE
**a Damião de Góis**

[Löbau, 16.XI.1539]

Apesar de só de passagem me haverdes, em Danzig, permitido apreciar vossas encantadoras maneiras, excelentíssimo varão, de tal forma me atraístes à amizade por vós, que bem custoso me foi não ter podido, desde há tantos anos, saber com certeza onde vos acharíeis, embora, pelos opúsculos[1] que a cada passo surgiam com o vosso nome e pelas cartas que vos endereçava Erasmo, constasse que, mudado o plano de vida, vos dedicáreis a musas mais fecundas.

Tudo isto ateava em mor forma a minha ânsia de chegar a qualquer comércio epistolar com o meu caro Damião, já literato autêntico, e de por alguma forma revigorar a nossa amizade naturalmente enfraquecida, quando eis que às mãos me trazem o vosso opúsculo acerca dos cometimentos dos portugueses na Índia,

Qua re magis etiam accendebar, ut cuperem litterarum[2] commercium aliquod cum meo Damiano mihi contingere, iam probe litterato[3], ac nostram sensim obsolescentem amicitiam reuigescere occasione aliqua, quum ecce mihi affertur libellus, quem de rebus Lusitanorum in India gestis a te scriptum mihi reddi iusseras. Nuntiabatur[4] simul te iam maritum Louaniis sedem remque familiarem constituisse. Id quod ad integranda tuendaque pristinae amicitiae[1] nostrae iura rebar satis fore accommodum, fuitque mihi periucundum, quod te, cum uiciniorem conuenire non liceret, haberemus saltem litteris[6] adibiliorem, quam[7] si extremae illae Gades ciuem te recepissent, quod plane iam euenisse mihi persuaseram.

Ipse mox libellus a me lectus ingenii tui ad praeclariora semper contendentis, praesens mihi specimen exhibuit.

Potuisset et coram mihi loquentem te referre, si comite epistola aduenisset, gratior etiam hoc nomine mihi futurus. Oblectabat tamen me, quod cernebam te adhuc mei memoriam candide alere. Delectabar et ipso peregrinarum rerum argumento, ac rarae uirtutis historia, quae mihi inuexit cupiditatem legendi cetera[8] quoque, quae de rebus Indicis te nobis daturum polliceris.

Dabis autem et breui et copiosa. Nam ex coetu Musarum unam praecipue abs te coli uideo τὴν Κλείω[9]. In quo scripti genere materiam tibi suppeditat Lusitani tui ditissimam, ac cum ueterum gloria ita certantem, ut te quoque scriptorem celebritate nominis nobilitare queat. Id quo uberius assequare, puto non parum referre, ut historiae connectas topographiam, quae nescio an aliis perinde ac mihi ignotarum regionum gesta legenti desideratur. Extant uero, ut audio, Mathematicorum industria iam chartis globisque graphice excusa huius artificii exemplaria, ut multum in hoc opere sudare tibi opus non sit, modo lectori, ne qua haereat, consulas.

Ego te non solum familiariter iunctum mihi uerum etiam magnum omnium calculis haberi cupiens, haec scribo. Quaeris fortasse et tu, quo in statu ipse sim, et scio te secundis meis rebus fauere.

Alter iam annus est, quum me fortuna statuit (nolo enim euexit dicere) in fastigium mea quidem uirtute maius, sed in quo suscipiendo Principis mei auctoritas[10] et multorum bonorum iudicium meo ipsius erat anteferendum, ac cedendum Dei uocantis maiestati. Vtinam uere etiam sim ut uocor Episcopus.

Reliqua ipse coniicies. Sunt certe eiusmodi, ut maiora optasse impudentiae sit. Ego uero quaecunque cum hac dignitate mihi obuenere, non magis meis quam amicorum commodis destinata habeo. Tu utito, si quid penes me censes situm, quo tibi gratificari queam.

---

**B** LXX. – **2** literarum *omn.* **3** literato *omn.* **4** Nunciabatur *omn.* **5** amiciciae *omn.* **6** literis *omn.* **7** quam] quem *VASC* **8** caetera *omn.* **9** τὴν Κλείω] τῆς Κλειώ *VASC* **10** iunctum] iuncto *VASC* **11** authoritas *omn.*

o qual havíeis mandado entregar-me, e ao mesmo tempo se me anunciava que, casado já, vos tínheis domiciliado e disposto vossos negócios em Lovaina.

Aquilo que eu imaginava seria de conveniência bastante para refocilar e proteger os laços da nossa afeição, transformou-se em coisa sobremaneira agradável, porquanto, já que não é possível fruir-vos mais de perto, ter-vos-emos, epistolarmente ao menos, em maior proximidade do que se vos houvéreis tornado cidadão de Cádiz, lá no extremo, e que de verdade eu supusera até acontecido.

Pois a obra vossa[2], imediatamente lida, exibiu-me por si mesma uma prova manifesta da ascensão constante de vosso engenho para o mais e melhor. Teria logrado agradecê-la pessoalmente em certo modo, caso ela de carta se houvera feito acompanhar: mais grata até se me deveria por este título. Apesar disso, dá-me ventura o perceber que ainda guardais afectuosa memória de mim; e não menos me deleitam quer o próprio assunto de coisas estrangeiras, quer o raro mérito da narração, o que me suscitou a cobiça de outrossim ler o restante que prometeis dar-nos à volta das empresas da Índia, volumes que aliás não tardarão e recheados, atento que, no conjunto das Musas, como reparo, é Clio aquela a quem distinguis com particular homenagem.

Neste género de literatura, vossos compatriotas supeditam-vos matéria riquíssima e de tal forma rival da ancianidade, que pode bem imortalizar vosso nome de escritor; o que para melhor conseguirdes, julgo não somenos importar que à história associeis a topografia, matéria de ninguém quiçá apetecida tanto como de mim, quando os acontecimentos ilustres leio dessas regiões ignotas. Ora há (ao que ouço) exemplares desta indústria, esmeradamente tirados, com o esforço dos matemáticos, em cartas e globos; de modo que vos não faz mister muita canseira neste ponto, contanto que atendais ao leitor para que não ache dificuldade.

Porque anelo ver-vos considerado não só amigo deste vosso amigo, mas também grande na opinião de todos, é que eu escrevo assim desta feita.

Perguntais talvez, por vosso turno, em que situação me encontro, e sei que vos interessais na minha felicidade. Pois já lá vão dois anos que a sorte me colocou (na verdade não quero dizer elevou) a uma altura realmente superior às minhas forças. Aceitei, porquanto a autoridade de meu Príncipe e o juízo de muitas pessoas de bem deviam preferidos ser ao meu próprio; e além disso cumpria-me obtemperar à majestade de Deus, que me chamava. Praza a Ele eu seja de facto bispo, como o sou de nome.

O resto vós mesmo adivinhareis; mas é certamente de um quilate, que seria impudência haver desejado mais. Tudo, porém, que com esta dignidade me obveio, tenho-o eu destinado não em maior porção para meus cómodos do que dos amigos. E neste pé, a algo crerdes estar ao meu alcance, servi-vos de tudo em que eu possa favorecer-vos.

Dominus tuam excellentiam amplificet et seruet incolumem.
Ex Antiquo castro. Die 16. Nouemb. Anno 1539.

[Epist. epigr.]

Tidemannus Gisius Episcopus Culmensis Damiano a Goes S.D.

**B** LXXI. IACOBVS SADOLETVS
**Damiano a Goes**

[Carpentoracti, 24.XII.1539]

Accepi litteras[1] tuas Louanii pridie Idus Octobris datas, una cum libello *de moribus et religione Aethiopum*. Nam alterum librum inscriptum *de Carmanico bello*, neque nunc accepi neque cum priores tuae litterae[2] ad me delatae fuerunt, quibus ego tum respondi; mirorque meas ad te non peruenisse, neque tunc igitur liber Carmanicus tuus mihi fuit redditus. Sed quod ex utrisque litteris[3] tuis cognoscere potui, te scilicet recte ualere, meique memoriam cum fide conseruare, fuit mihi utrumque[4] gratissimum.

Satis enim iam diu est, ex quo ego te diligere coepi, et propter doctrinam et propter nobilitatem animi tui, etsi nulla unquam inter nos praesentes intercessit familiaritas, quam tamen uirtus requirere non semper solet.

Quod me admones, ne quid ad illos homines quos nosti amplius scribam, amice facis, habeoque gratiam tibi, optimi consilii quod mihi das, cui libenter equidem obtemperabo. Nam me antea quaedam meae naturae humanitas insita id facere cogebat, si qua molliri possent eiusmodi pectora, in quibus ut re ipsa nunc experior, non ratio, sed amentia et pertinax temeritas inhabitat.

Hac adductus ratione si quid forte profici posset, et scripsi prius ad eum quem tu scis, quas etiam meas litteras[5] tu illi reddentas curasti, et postea ad Sturmium[6], non tam mea sponte quidem, quam amplissimi[7] Cardinalis Parisiensis hortationibus inductus. Sed etsi ea res, ut scribis, honori mihi non est, tamen quod in causis Dei et religionis magis spectare debemus, conscientiae a me meae satis est factum.

In posterum ero cautior, non quin eadem mansuetudine et cupiditate illis subueniendi, affectus erga homines quantumuis alienos ab omni pietate sim, sed

**B** LXXI. – **Ftt**: Gop $g^{r}_{4}$-$h^{r}$ Vasc 40-41 Mat 179-180

**B** LXXI. – **1** literas *omn.* **2** literae *omn.* **3** literis *omn.* **4** utrunque *GOP* **5** literas *omn.* **6** Sturmium] Sturnium *GOP VASC* **7** amplissime *VASC*

O Senhor aumente vossa excelência e a conserve incólume.

Do velho Castelo, a 16 de Novembro do ano de 1539.

[Epígrafe da Carta]

Tidemano Giese, bispo de Culm, saúda Damião de Góis.

**B** LXXI. TIAGO SADOLETO
**a Damião de Góis**

[Carpentras, 24.XII.1539]

Acuso a recepção de vossa epístola escrita de Lovaina no dia quatorze de Outubro, e bem assim do opúsculo referente aos *costumes e religião dos Etíopes*[1]; porque o outro, intitulado *Da Guerra Carmânica*, nem me veio agora nem aquando da anterior missiva vossa, a que eu então respondi. Admira-me nada vos ter chegado à mão.

O livro, portanto, não me foi entregue nessa altura. Mas, mau grado isso, o que de ambas as cartas pude reconhecer, isto é, gozardes de boa saúde e conservardes sincera lembrança de mim, encheu-me de altíssima satisfação.

Já lá vai bastante tempo sobre a hora em que principiei a estimar-vos, e não só por causa da instrução, que sim também da nobreza de vosso espírito; sem embargo de nunca nos havermos encontrado pessoalmente, o que, de resto, nem sempre a amizade sói requerer.

É de varão afecto a advertência vossa para que não mais escreva àqueles homens que conheceis, e protesto-vos o meu reconhecimento pelo óptimo conselho dado, a que de boa vontade obtemperarei, sem dúvida. De facto, anteriormente, uma certa bondade ingénita me impelia a fazer tal, na suposição de que algo porventura fora capaz de quebrantar esses ânimos, nos quais, como agora na realidade assinalo, não demora razão mas sim loucura e temeridade pertinaz. Foi pelo móbil levado de que algo acaso se conseguiria lucrar, que eu escrevi, primeiramente àquele que sabeis, – tendo até sido vós quem cuidou de lhe a carta transmitir; e ao depois a Sturm, não tanto por minha iniciativa quanto mercê das exortações do cardeal de Paris.

Mas, posto que este negócio, qual escreveis, me não honre, meti-me nele no entanto com consciência assaz; e eis o que nas causas de Deus e da Religião nos importa ter mais em vista. De futuro, serei de mor cautela: não porque me sinta desprovido de igual mansuetude e anseio de caridade para com os homens, ainda quando alheios a toda a piedade; antes porque vejo todos os meus planos, em que, por tanto tempo esquecido de minha dignidade, eu trabalhava com

quia uideo consilia mea, quae meae tantisper oblitus dignitatis, ad Deum cuncta referebam, parum mihi prospere apud plane corruptas et tanquam oppressas pestilentia mentes procedere.

Ego cum solennes hi dies praeterierint in quibus Deo et Ecclesiae omnis opera tribuenda est (etenim has scribebam 9. Cal. Ianuarii ante lucem, eo ipso die, qui natalem Domini nostri diem antecedit) et perlegam tuum librum diligenter, cuius particulam iam legi, ualdeque probaui, et alterum etiam libellum expectabo, si forte alicunde ad me perferatur.

Tu interea ualebis, et in optimis studiis tempus omne dispones, quo quidem genere uitae nullum ne cogitari quidem beatius potest, nosque amabis, tibique persuadebis uicissim a nobis te amari. Vale.

Carpentoracti in nostra ecclesia, ix. Cal. Ian. 1540[8].

[Epist. epigr.]

Iacobus Cardinalis Sadoletus Damiano a Goes S. P. D

**B** LXXII. PETRVS BEMBVS

**Damiano a Goes**

[Romae, 31.XII.1539]

Historiolam de bello apud Dium Indiae oppidum a Thracibus gesto tuam, quam ad me amantissime scriptam misisti, legi summa cum uoluptate. Nam et Lusitanorum tuorum[1] uirtutem, qua magnopere delectatus sum, et Thracum perfidiam, quam quidem omnibus hominibus esse notam atque perspectam operae precium est, ac uarios rerum et impressionum euentus continet cum ilustri nostrae necessitudinis tuaeque in me singularis beneuolentiae[2] ostensione, qua nihil mihi potuit esse iucundius[3]. Itaque de eo ualde me hercule te amo.

Tibi uero, quod re familiari constituta te ad scribendum contuleris, ea praesertim bella et actiones, quae regis tui tuorumque ciuium gloriam sint propagaturae, multum sane gratulor. Te enim ipsum una cum illis illustrabis, capiesque studiorum tuorum eum fructum, qui esse maximus potest, hominum laudem beneuolentiamque omnium, qui Latinis[4] se litteris[5] dediderunt.

---

**B** LXXII. – **Ftt**: Gop h$^{r-v}$ Be 377-379 Bem 727-728 Bembi 343-344 Vasc 41-42 Mat 154-155

---

**B** LXXI. – **8** 1540 *GOP MAT* 1539 *VASC*

**B** LXXII. – **1** tuorum *GOP VASC MAT om. cet.* **2** beniuolentiae *GOP* **3** iocundius *GOP* **4** latinis *omn.* **5** literis *omn.*

os olhos em Deus, me resultarem pouco felizes, entre espíritos visceralmente corruptos e tão cheios de pestilência.

Uma vez decorridos estes dias solenes em que todo o cuidado deve de ser para Deus e para a Igreja (estou com efeito escrevendo na ante-manhã de vinte e quatro de Dezembro, exactamente no dia que precede o do nascimento de Nosso Senhor), hei-de com diligência percorrer vosso livro, de que já li um bocado e sobremodo gostei; não deixando, ao mesmo tempo, de aqueloutro opúsculo aguardar, dado o caso que de qualquer parte ele me seja enviado.

Entrementes havei saúde e o tempo todo ocupado em estudos magníficos, na realidade um género de vida em respeito do qual nem sequer imaginar se pode algum mais feliz. Honrar-nos-eis, além disso, com a vossa amizade, na persuasão de que, por nosso turno, de idêntica forma procedemos. Adeus.

Carpentras, nossa diocese, a 24 de Dezembro de 1539.

[Epígrafe da Carta]

Tiago Sadoleto, cardeal, a Damião de Góis envia muitas saudações.

**B** LXXII. PEDRO BEMBO

**a Damião de Góis**

[Roma, 31.XII.1539]

Li com aprazimento sumo o escorço histórico a respeito das hostilidades contra a fortaleza de Diu, na Índia, e que com tão amigas palavras me enviastes[1].

Na verdade, ali ressumbram o heroísmo de vossos compatriotas, o que grandemente me maravilhou; a perfídia dos turcos, a qual bem útil é toda a gente anote e pondere; e vários acontecimentos de coisas e pelejas, de envolta com a testificação clara da nossa amizade e da vossa singular benevolência para comigo, o que me foi de regalo quanto nada o granjearia ser. Aceitai, pois, em troca o testemunho insofismável da minha profunda estima.

E então felicitações muitas por, agora que constituístes família, vos entregardes a escrever sobretudo essas guerras e acções que hão-de promover a glória de vosso Rei e de vossos concidadãos. Desta guisa sem dúvida vos notabilizareis a vós mesmos e a eles, a um tempo que de vossos estudos uma recompensa colhereis que pode ser magnífica: o louvor e a benevolência de quantos às letras latinas se devotaram.

Com efeito, algo alcançará mor deleite ministrar-lhes do que a leitura suave e aprazível das façanhas dos nossos homens, em tão longínquas regiões e povos? Muitos, pois, se confessarão reconhecidos e grada honra acumulareis para vós,

Quibus omnino quid esse delectabilius potest quam earum rerum[6], quas in tam longinquis regionibus et populis nostri homines fortiter gesserint, conscriptarum suauis et iucunda[7] lectio. Quare et gratum plurimis feceris, et tibi certe perhonorificum, si reliqua etiam, quae uel gesta per Lusitanos illis in locis iam sunt, quae scio esse plurima atque maxima, uel posthac gerentur, sumes conscribenda, quemadmodum te facturum polliceris.

Nannio tuo debeo sane plurimum qui plus mihi suis in elegis tribuit, quam, qui non amoris abundantia ducatur, possit agnoscere. Itaque erit mihi et sua doctrina et tua commendatione plane carissimus[8].

Quod[9] scribis ut ei uacationem horas, ut appelant, sacras singulis diebus recitandi propter ualetudinis imbecillitatem et studiosorum quos ille bonas artes docet, utilitatem impetrem, scire te uolo nemini homini id eis de causis solere tribui.

Quod ab uxore tua me saluere iubes, est mihi sane iucundum[10], quam esse grauidam[11] ut scribis, laetor. Ei dices, ut se tibi sospitem seruet, et filiolum patri similem edat, cum pariendi tempus uenerit. Vale.

Pridie Cal. Ianuarias. 1540[12]. Romae.

[Epist. epigr.]

Petrus Bembus Cardinalis[13] Damiano Lusitano S. D.[14]

**B** LXXIII. IACOBVS SADOLETVS

**Georgio Coelio**

[Carpentoracti, 3.V.1540]

Litterae[1] tuae quas mense Septembri Vlisipone[2] datas, ego ad tertium Idus Apriles accepi, sumam quandam mihi atque incredibilem uoluptatem attulerunt.

Vidi enim illis et perspexi, non solum qui tu uir esses, quo ingenio, qua doctrina, qua etiam eloquentia praeditus, sed etiam quantopere me diligeres. Quo munere atque honore, a tali uiro praesertim, nihil quod uel optare possim praestantius; quanquam tu in me laudando aliquanto es effusior. Sed ut ego

**B** LXXIII. – **Ftt**: Horst 663-665

**B** LXXII. – **6** earum rerum] rerum *om. VASC* **7** iocunda *GOP* **8** charissimus *omn.* **9** Quod scribis… tribui *BE BEM BEMBI om. cet.* **10** iocundum *GOP* **11** grauidam] praegnantem *BE BEM BEMBI* **12** 1540] 1539 *MAT* **13** Cardinalis *add. GOP VASC* **14** S.D.] S.P.D. *BE BEM BEMBI*

**B** LXXIII. – **1** Literae *omn.* **2** Vlisipone]

se a capricho igualmente tomardes, qual vir a fazer prometeis, a descrição dos restantes empreendimentos portugueses naquelas paragens, ora realizados e que sei serem inúmeros e altíssimos, ora porventura a realizar.

Estou por certo em grande dívida com vosso amigo Nânio[2], que nas suas elegias viu mais em mim do que de descobrir é capaz quem não guiado ande por amizade transbordante. Confesso-lhe, por isso, o meu sinceríssimo apreço, de que é digno pelo seu saber e vossa recomendação.

No tocante aos cumprimentos que me fazeis de vossa esposa, mui agradado fico, e regozijo-me por me dizeres estar grávida. Dir-lhe-eis continue vossa protectora e que, em advindo o tempo de dar à luz, vos presenteie com um bebé que seja a cara do pai.

Adeus.

Roma, 31 de Dezembro de 1539.

[Epígrafe da Carta]

Pedro Bembo, cardeal, ao português Damião envia saudações.

**B** LXXIII. TIAGO SADOLETO
**a Jorge Coelho**

[Carpentras, 3.V.1540]

A vossa carta[1] que, datada do mês de Setembro em Lisboa, recebi a 11 de Abril, trouxe-me suma e incrível satisfação.

Com efeito, por ela vi e reconheci não só que homem vós éreis, de que engenho, cultura e até eloquência dotado, mas outrossim quanto me estimáveis. Um tal obséquio e honra, sobretudo por oriundos de um varão assim, constituem algo que eu não poderia acolher de mais penhorante, embora nos encómios sejais um tanto efusivo. Contudo, se por um lado me não reconheço com tais méritos, também por outro me dou conta, com muito afecto, da vossa benevolência para comigo e com igual dedicação de amizade e vontade vos distingo e retribuo.

O vosso poema (que necessário se torna lançar a público) todo ele elaborado e elegante, deleitou-me vivamente. De facto, nada vejo ter-vos escapado no concernente à pureza da língua latina e ao que nela diz respeito a todas as

eas in me laudes non agnosco, sic beneuolentiam tuam erga me amicissime conspector, parque in me amoris et uoluntatis studium refero tibi atque reddo.

Poema tuum (quod patere omnibus necesse est) omni ex parte elaboratum et elegans, magnopere me delectauit. Nihil enim uideo te subterfugisse in eo quod ad munditiem[3] Latinae linguae omnesque in ea lepores et uenustates pertineat, quas apud nos prope iam intermissae, et quasi obsolescentes, tu homo non in Latio natus, tam diligenter consectaris et exprimis, ut aut mutata hominum locorumque condicio[4], aut Latium hinc ad uos uideatur esse translatum.

Sed ut cetera[5] in tuo carmine digna approbatione, sic illud maxime laudandum extollendumque est, quod uerae atque incorruptae religionis patrocinium praestas. Quae religio in hoc tempore calamitoso, oppugnata undique atque uexata quo pauciores habet a quibus et legitime et fortiter defendatur, hoc magis ipsa suorum defensorum et nomen et memoriam tueri debet; et cum illis praemia apud Deum imortalia parata sint, humanos quoque honores impartire. Quorum quidem in numero te egregias tenere partes, praeclara illa Christiana patientia, quam carmine tuo accurate illustras, uel in primis ostendit. Sed haec hactenus.

Ego et beneuolentiam erga me tuam magnifacio, et meam tibi non minorem polliceor. Tibique hoc sic persuasum esse uolo, me in omnibus officiis quae fidelis amicitia requirat, nec studio nec uoluntate tibi unquam defuturum. Vale.

Carpentoracti, V Nonas Maii M.D.XL

[Epist. epigr.]

Iacobus Sadoletus Sacrae Romanae Ecclesiae Cardinalis Georgio Coelio[6] Lusitano S. P. D.

**B** LXXIV. IACOBVS SADOLETVS

**Damiano a Goes**

[Carpentoracti, 25.VIII.1540]

Accepi litteras[1] tuas Hagae Comitis datas, quibus suauiter repetis initia nostrae amicitiae, quae et apud me firma est, et nulla uetustate, ac ne disiunctione quidem locorum minuitur.

---

**B** LXXIV. – **Ftt**: Gop $h_3^r$-$h_4^r$ Vasc 43-44 Mat 156-157

---

**B** LXXIII. – Vlixipone *HORST* **3** munditiem] mundiciem *HORST* **4** conditio *omn.* **5** caetera *omn.* **6** Coelio] Caelio *HORST*

**B** LXXIV. – **1** literas *omn.*

louçainhas e ornamentos entre nós quase já postos de lado e como que fora de uso, mas que vós, não nascido no Lácio, tão diligentemente conseguis e expressais, a ponto de afigurar-se ou haverem mudado as circunstâncias de homens e lugares, ou o mesmo Lácio achar-se transferido daqui para a vossa terra.

Mas além do mais que é merecedor de aprovação no poema, outro aspecto deve sumamente louvar-se e pôr-se em destaque, qual o patrocínio que evidenciais da verdadeira e incorrupta religião. Atacada de todos os lados e vexada nesta calamitosa época, com quantos menos conta para legítima e corajosamente a defenderem, mais ela própria tem obrigação de acarinhar o nome e a memória dos seus defensores; e não obstante os prémios imortais junto de Deus, distingui-los outrossim com honras humanas. Nesse número toca-vos um lugar egrégio que a preclara Paciência cristã, acuradamente ilustrada no vosso poema, bem em primeira instância nos patenteia. Mas basta, neste assunto.

Apreciando altamente a vossa benignidade para comigo, prometo-vos a minha, não menor. Quero fiqueis convencido de que, em quaisquer serviços que uma fiel amizade requeira, não falharei nunca nem na dedicação nem na vontade. Adeus!

Carpentras, 3 de Maio de 1540.

[Epígrafe da Carta]

Tiago Sadoleto, cardeal da Santa Igreja Romana, a Jorge Coelho, português, envia muitas saudações.

**B** LXXIV. TIAGO SADOLETO
**a Damião de Góis**

[Carpentras, 25.VIII.1540]

Recebi vossa carta datada da Haia, a qual passa deleitosamente em revista os começos da nossa amizade, em mim não só firme mas também nada diminuída nem pelo tempo nem pela disjunção de lugares sequer. A outra, porém, que dizeis haver-me outrossim escrito ao partir de Itália, olhai que me não foi entregue.

Respondo decerto um pouco tarde a esta ultimamente chegada, o que é resultado não só das minhas ocupações, que até hoje o não permitiram, mas também e muito em especial do facto de não haver achado portador fidedigno. Que nem agora sei se a presente seguirá caminho de encontrar-vos.

Quod autem scribis te ex Italia proficiscentem etiam ad me scripsisse, scito illas litteras[2] ad me non fuisse perlatas. His uero quas postremo accepi, idcirco tardius respondeo, quod non solum occupationibus factum est meis, ut in hanc diem distulerim, sed multo etiam magis, quod non habui cui recte committerem, quin etiam nesciebam an hae certum iter ad te habiturae essent.

Consilium tuum ducendae uxoris ego uehementer probo, modo ut liberum tibi fuerit, nec sis religionis ullo uinculo illigatus, quod tamen ita esse tua adductus uirtute integritateque confido. Quod autem eiusmodi uita in hac tanta colluuione temporum uisa tibi fuerit et commodior et sanctior, minime nunc quidem est de ea re disceptandum. Ego enim statuo, quod saluis legibus fiat, suae unumquenque sibi uitae et auctorem et moderatorem esse oportere. Quicquid sit, Deum tibi fortunare tuum consilium uolo.

De me ipso, quod te credo inaudisse, sic accipito, me post diuturnam et grauem aegrotationem, cum Nicaeam summo cum Pontifice essem profectus, atque inibi ad extremos paene[3] conuentus dies perstitissem, uenisse deinde Carpentoractum[4], ut reuiserem ecclesiam meam, quam ego caelestem sponsam meam incredibili amore prosequor, ibidemque nunc manere, neque ulla uoluntate esse in Italiam redeundi. Quanquam[5] quid futurum sit, in incerto est.

Hic quidem interea in litteris[6] assidue uersor, curamque mihi illam praecipue assumo, ut in tanta sacerdotum inuidia, qua orbis prope terrae in odium nostri concitatus est, quantum per humanam imbecillitatem nobis licet, nihil ex me, neque ex meis sacerdotibus existat, quod non solum nostris, sed uicinis etiam populis et nationibus aut incitamento esse possit ad iracundiam contra nos, aut ad auaritiam et turpitudinem exemplo.

Vale, et nos, quod facis, dilige.

Carpentoracti, 8. Cal.[7] Septemb. An. 1540

[Epist. epigr.]

Iacobus Cardinalis Sadoletus Damiano a Goes S. D.

**B** LXXIV. – **2** literas *omn.* **3** pene *omn.* **4** Carpentoracte *GOP VASC MAT* **5** quanquam] quamquam *VASC* **6** literis *omn.* **7** Calendas] VIII Calendas *MAT*

Aprovo inteiramente a resolução vossa de contrair matrimónio, desde que a mesma tenha sido livre e não estejas sob qualquer vínculo de religião, como, por vossa virtude e honestidade, firmemente espero. E já que, nesta tamanha confusão dos tempos, tal estado vos pareceu mais acomodado e mais santo, evidentemente que nada agora há a discutir sobre o assunto, porquanto tenho para mim que, sem quebra das leis, cada um deve ser o autor e senhor do seu destino. Como quer que seja, que Deus vos afortune a vossa deliberação.

Em referência à minha pessoa, com certeza já ouvistes falar, sabei que, havendo abalado com o Sumo Pontífice para Nice, estivera, ali chegado, às portas da morte; e que finalmente, após diuturna e grave enfermidade, cá regressei a Carpentras, para tornar a ver a minha igreja, esta esposa celeste que eu amo com incrível afecto e junto da qual ora permaneço, sem desejo nenhum de voltar para Itália, embora o que venha a acontecer esteja no incerto.

Aqui, no entretanto, devoto-me assiduamente às cartas, assumindo este cuidado no intuito sobretudo de que, em tão grande pugna sacerdotal que nos concitou o ódio de quase toda a terra[1], nada exista por parte minha nem dos meus padres, tanto quanto a humana fragilidade o permite, que já ao nosso, já também aos vizinhos povos e nações, possa servir quer de incitamento à ira contra nós, quer de exemplo a ambição e torpeza.

Adeus. E distingui-nos com a vossa amizade, como fazeis.

Carpentras, 25 de Agosto do ano de 1540.

[Epígrafe da Carta]

Tiago Sadoleto, cardeal, saúda Damião de Góis.

**B** LXXV. GEORGIVS COELIVS

**Damiano a Goes**

[Olisipone, 26.VIII.1540]

Non rescripsi hactenus ad tuas nouissime ad me datas litteras[1], quod sperabam opusculum meum *De Patientia Christiana* cum aliis nonnullis propediem excusum iri, quem uidelicet ad te pro tuo pulcherrimo de uictoria Lusitanorum ad me libello misso inuicem mitterem, quae res cum longius multo expectatione mea dilata esset, factum est ut haec tibi iam ualde sera, et fortasse putida epistula possit uideri. Quod nisi libellus ipse quem tandem typis excusum nunc cum his litteris[2] ad te misi, ueniam mihi abs te impetrabit, equidem non satis rationem me habere fateor, qua huiusmodi culpam excusem, aut deprecer.

Vereor tamen ne longe opinione mea fallar, qui id operis mihi abs te gratiam conciliaturum esse sperem, quod magis, siue quod fortasse inuenustum est, siue quod aerea pro aureis infensum[3] te mihi reddere debeat. Id si acciderit non alio praesentiori remedio uti possum, quam illo uidelicet, te a nobis saepe per litteras[4] contendisse, ut simulatque editum[5] esset tecum uellem communicare.

Quod uero attinet ad tuam de rebus Lusitanorum historiam, equidem eam summa cum uoluptate perlegi, nihil mihi Damiane carissime[6] amor erga te meus imponit; eam certe luculenter scripsisti, idque omnes fatentur in quorum manus incidit. Rex etiam noster cum iudicium de eo opere meum quaereret, respondi quae tum maxime quadrare uisa sunt, nempe et praeclarum mihi uideri, et te eo nomine de patria optime meritum esse, aliaque multa id genus, quae longum esset epistola recensere.

De Principe uero Henrico quid memorem, qui totus tuus est? Mihi uero Damiane, ita me Deus bene amet, non semel lacrimas[7] hic tuus libellus prae gaudio excussit, quod uiderem cum in Lusitania nemo esset qui nostrorum gesta clarissima memoriae proderet, tamen extra patriam non deesse qui eadem summa cum grauitate atque facundia posteritati consecraret. Eum inquam non deesse[8] qui cum singulari sua probitate atque innumeris animi dotibus ab exteris nationibus fiat maximi, tamen extra patriam quae illum omnibus praemiis[9] allicere et retinere debuisset, uiuere optauit. Sed nolo hic immorari, ne rursus dolori meo manus afferam, et uulnus refricem.

Porro ut de opusculo meo quod ad te misi aliquid dicam, ego id ad te refero, tanquam ad amicorum optimum: quae enim carmina de Alfonsi Cardinalis

**B** LXXV. – **Ftt**: Gop h$^{v}$-h$^{v}_{3}$ Vasc 44-46 Mat 158-161

**B** LXXV. – **1** literas *omn.* **4** literis *omn.* **3** infensum] in sensum *VASC* **4** literas *omn.* **5** aeditum *omn.* **6** charissime *omn.* **7** lachrymas *omn.* **8** desse *omn.* **9** premiis *omn.*

**B** LXXV. JORGE COELHO
**a Damião de Góis**

[Lisboa, 26.VIII.1540]

Não respondi até hoje à carta em último vinda, porque aguardava o meu opúsculo – *De Patientia Christiana* – houvesse, com alguns outros, de ficar brevemente impresso, e desta forma pronto a seguir para ti, em retribuição do belíssimo que me mandaste sobre a vitória[1] dos portugueses. A demora, todavia, foi muito superior à minha expectativa; sendo, por isso, capaz esta epístola de te já parecer bem tardia e porventura enfadonha.

Confesso não possuir, em verdade, motivo bastante a me excusar ou inibir de culpa, porquanto apenas o livro, finalmente chegado da tipografia e remetido junto, te impetrará vénia para mim, que não pequeno engano receio nesta conjectura de esperar tal obra me concilie as tuas graças, por isto mesmo que, se acaso falha em beleza ou é cobre a fingir ouro, mais razão deve contar-se de teu lado. Se assim acontecer, não me resta outro subterfúgio senão o de que em diversas missivas instantemente rogaste não esquecesse de comunicar contigo imediatamente saísse o livro.

A respeito da tua história acerca das acções dos portugueses, a verdade é que a percorri toda, com a maior satisfação. E não é a amizade, Damião caríssimo, que isto me dita. Compuseste-la realmente com elegância, o que aliás a uma voz asseveram quantos a hão tido à mão. Ao nosso Rei, visto me pedisse opinião sobre o livro, respondi aquilo que nesse momento se me antolhou justo, isto é, que entendia ser obra notável, que com ela óptimos serviços prestaras à pátria; e ainda, neste género, outras muitas coisas cuja enumeração seria penoso em carta.

Do príncipe D. Henrique, que memorarei, se ele é todo teu? A mim, assim Deus me queira muito, este teu opúsculo provocou-me, mais uma vez, lágrimas de alegria, por verificar que, minguando embora em Portugal alguém com ensanchas para livrar do esquecimento as gestas mui célebres dos nossos, ainda assim no estrangeiro não faltava quem, com toda a seriedade e riqueza de linguagem, as consagrasse para a posteridade. Mais: quem, supremamente estimado, pela singular probidade e dotes inumeráveis de seu espírito, das outras nações, preferiu afinal viver longe da pátria, que devera tê-lo aliciado e retido à custa de todas as recompensas.

Mas passo adiante, não vá, colocada de novo a mão na minha ferida, avivar-se a dor.

E agora, para alguma coisa dizer do opúsculo que te envio, refiro-te, como ao melhor dos amigos, que os versos por mim redigidos sobre a consagração do cardeal Afonso[2] agradaram menos a alguns, fosse pela obscuridade das coisas

consecratione scripseram, uel rerum diuinarum obscuritate, uel festinata nimis editione, uel certe quod illa aetate non perinde in Poeticae stadio promoueram, minus nonnullis placuerunt; nunc uero haec *De Patientia Christiana* carmina diutino pertinacis limae labore, uel potius taedio quasi exasciata et multorum eruditorum iudicio dedolata, in manus hominum cum aliis quibusdam exeunt. Et Apollonius quidem ille qui tam praeclare *Argonautica* cecinit, primo quidem displicuit, postea opere suo retexto et diligentius emendato, usque adeo placuit, ut nominis immortalitatem sit adeptus.

Mihi certe ut taceam de praesentium gratulatione quae multa et constans est, quotidie diuersis ex locis multorum eruditorum litterae[10] afferuntur, laudum mearum, quae tamen intelligo quam sint tenues, et gratulationis plenissimae. Quare tuae partes fuerint, carissime[11] Damiane, pro tua singulari probitate nostraque necessitudine lucubrationem huiusmodi nunc primum peregre euntem, et auctorem[12] suum ausam relinquere in tuam fidem patrociniumque, si modo digna uidebitur, recipere, ipsiusque dignitatem in ista clarissima Louaniensi academia tueri.

Nosti enim nimiam huius aetatis in eos qui aliquid quamuis[13] cum laude scripserint, si modo nomem eorum celebre non est, licentiam et libertatem. Ceterum[14] illud fore confido, ut auctoritate[15] tua, quae magna ut esse debet, est omnibus in locis, septum et munitum opus non modo facile stet aduersus quoslibet obtrectatores, sed in famam quoque et laudem aliquam nominis exeat. Iuuabis in eo ciuem tuum, iuuabis tuorum omnium cupidissimum, iuuabis postremo hominem tui amantissimum. Simul etiam pergratum mihi feceris si primo quoque tempore tuum ad me de eo opere doctissimorumque uirorum iudicium qui istic agunt perscripseris.

Sed ne prolixitate litterarum[16] molestus tibi sim, finem faciam. Illud modo abs te peto ut mea opera, studio, diligentiaque omnibus in rebus uelis uti. Neminem enim, mi Damiani, tui me uno studiosiorem, aut amantiorem habes in Lusitania. Vale.

Datum Olyssippone, 7. Cal. Septembris. 1540

[Epist. epigr]

Georgius Coelius clarissimo uiro Damiano a Goes S. P. D.

**B** LXXV. – **10** literae *omn.* **11** charissime *omn.* **12** authorem *omn.* **13** quanuis *omn.* **14** Caeterum *omn.* **15** authoritate *omn.* **16** literarum *omn.*

divinas, ou pela demasiada pressa da sua feitura, ou naturalmente porque naquela idade não tinha adiantado tanto na carreira da Poesia; ao contrário destes sobre a resignação cristã, os quais, gastos quase do aturado trabalho de lima pertinaz, ou melhor, de tédio, e de arestas libertos pelo juízo de muitos eruditos, andam, com mais alguns, nas mãos dos homens. Que de igual feita Apolónio, o tão brilhante cantor dos *Argonautas*, de princípio caiu mal; mas ao depois, refundida e emendada com mor diligência a obra, a ponto agradou, que seu nome adquiriu a imortalidade.

Ao menos, não lembrando já o encómio dos presentes que é grande e constante, todos os dias se me aduzem, de diversos lugares e de muitos eruditos, missivas de louvor bem delicadas e repletas de congratulação. Seja pois, Damião mui caro, cuidado teu – que a tua probidade e a amizade comum garantem – receber, se entretanto se te afigurar digna, esta minha produção agora posta a correr mundo pela primeira vez, ao mesmo tempo que ao seu autor dar o ensejo da tua confiança e patrocínio, e bem assim defender até a sua dignidade nessa muito esclarecida Universidade de Lovaina.

Não ignoras o demasiado desconcerto e liberdade desta época, na maneira de apreciar a quantos que, suposto autores de algo de valia, não gozam contudo de nome notável. sob a tua autoridade, porém, que em toda a parte é grande como ser deve, confio que não só há-de facilmente achar-se protegida e defendida contra quaisquer detractores a minha obra, mas também contribuir para fama e algum louvor do meu nome. Ajudarás deste modo a um concidadão, a uma pessoa afeiçoadíssima a todos os teus, a um homem, enfim, que te vota amizade profunda.

Dar-me-ás item aprazimento grado se, logo que possível, concernentes a este volume me comunicares outrossim o teu parecer e o dos varões doutíssimos que aí se encontram.

Apresso-me a terminar, não adregue de a prolixidade da epístola te dar moléstia. E o que te rogo é que em tudo queiras de meus ofícios, dedicação e cuidado servir-te, pois não tens em Portugal ninguém mais dedicado nem mais afecto, meu Damião, do que eu mesmo.

Adeus.

Dada em Lisboa, a 26 de Agosto de 1540.

[Epístola da Carta]

Jorge Coelho ao ilustríssimo varão Damião de Góis deseja muita saúde.

**B** LXXVI. ADAMVS CAROLVS
**Damiano a Goes**

[In Ciuitate Noua Austriae, 28.X.1540]

Magnifice et clarissime uir, Domine[1] cum primis obseruande[2]: Commodum apud me aderat Claudius Cantiuncula, cum tuas accepi litteras[3] una cum libello de moribus religioneque Aethiopum[4] abs te conscripto.

Quem ubi Cantiunculae ipsi, rogatu nimirum suo adductus, legendum dedissem ea condicione[5], ut statim atque totum ueluti percurrendo euoluisset, reddendum mihi curaret, tantopere sibi placuisse asseueranter postridie confirmauit, facere ut non potuerit quin aliis etiam nostri ordinis hominibus a se lectum impartiret. Quo sane factum est, ut liber is tuus in manibus multorum haud indoctorum uirorum per hosce dies uersans nondum ad me redierit, cuius tamen legendi cupiditate mirabiliter teneor.

Quamuis tantis nunc obruar publicis negotiis[6] praesertim iis, quae nobis Hungarici tumultus in dies exhibent, uix ut hora uel una in die suppetat, qua legendis istiusmodi scriptis uacare queam. Sed non committam me hercule, quin a me et diligenter et attente legatur opusculum illud tuum, cum primum ab iis extorsero, in quorum manibus nunc circumuolitat, auideque teritur, praesertim cum audierim ab ipso Cantiuncula tam profundam in eo libro contineri Theologiam, idque tam succincta ac dilucida breuitate sententiarum, ut nos qui Christianismum profitemur pudere magnopere debeat, quod ab ipsa Aethiopum gente, religionis cultum obseruationemque superari quasi uidemur.

Interim tibi habeo et ago immortales gratias, uir clarissime, idemque studiosorum omnium patrone incomparabilis, non solum pro munere illo tuo, uerum etiam pro litteris[7] manu tua tam humaniter ad me scriptis, quas ego quidem sane instar maximi beneficii accepi; et pro mea summa in te pietate ac amore exosculatus sum manum tuam, crede mihi, mirabiliter sane triumphans, quod me in amicorum tuorum album adscribere dignatus es.

Equidem, quod ad me attinet, humanitatem, candorem, magnidecentiam, ceterasque[8] animi tui uirtutes mihi cum Louanii fui uel unico congressu perspectas, apud omneis ubique depraedicare[9] non cesso, sicque omnino iudico, te omnium ferme felicissimum esse, qui tot nationum moribus cognitis, illustrique peregrinatione perlustratis regionibus exantlatisque laboribus, tibi quietem

---

**B** LXXVI. – **Ftt**: Gop $h_4^r$-$i^v$ Vasc 47-48 Mat 176-178

---

**B** LXXVI. – **1** uir, Domine] Domine *om. VASC* **2** obseruande] *GOP MAT* obseruantibus *VASC* **3** literas *omn.* **4** Aethiopum *MAT* Aegyptiorum *GOP VASC* **5** conditione *omn.* **6** negociis *omn.* **7** literis *omn.* **8** caeterasque *omn.* **9** depredicare *omn.*

**B** LXXVI. ADÃO CAROLUS

**a Damião de Góis**

[Neustadt, Áustria, 28.X.1540]

Encontrava-se, magnífico e ilustríssimo varão, comigo Cláudio Cantiúncula[1], acompanhado dos primeiros observantes, na altura precisamente em que recebi vossa carta, e bem assim o opúsculo por vós composto a respeito dos costumes e religião dos Etíopes, do qual – como eu logo o tivesse cedido, para ler, ao mesmo Cantiúncula, movido que na verdade fui pelos seus rogos mas não sem a condição de que, tão depressa em vista rápida o passasse todo, curasse de entregar-mo – três dias entrementes volvidos, asseverantemente me afirmava haver gostado tanto que não pôde deixar de tornar compartilhantes do que lera, os outros membros da nossa Ordem. Donde com efeito resultou que, pervagando vosso livro, durante este tempo, entre as mãos de muitos doutos varões, me não tenha voltado ainda, apesar da viva ânsia em que estou de o percorrer.

De facto, conquanto ao presente me veja acabrunhado de negócios públicos, em especial daqueles que os tumultos da Hungria nos suscitam diariamente, a ponto de mal me restar uma única hora que empregar possa na leitura de escritos como este, juro todavia que, imediatamente o haja arrancado daqueles por cujas mãos ora anda e que o folheiam com avidez, não o emprestarei mais, sem que cuidadosa e atentamente o tenha saboreado. Isto maiormente depois que ouvi, ao próprio Chansonnete, conter o volume tão profunda Teologia e em tão sucinta e brilhante exposição de pensamento, que deve fazer-nos grande pejo a nós, que o Cristianismo professamos, o parecermos a modos que superados pelos Etíopes, no culto e observância da Religião.

Entretanto, ilustríssimo e incomparável patrono de todos os estudiosos, fico-vos eternamente obrigado, não só por este favor, senão também pela carta tão obsequiosamente escrita de vosso punho, o que para mim significou realmente uma graça sem nome. Acreditai que a minha simpatia e amizade sumas me fizeram em espírito beijar vossa mão, triunfante de júbilo por vos haverdes dignado adscrever-me no álbum dos amigos.

Efectivamente, pelo que me diz relação, não cesso de pregar, a todos e em toda a parte, a humanidade, lisura, nobreza, e restantes virtudes de vosso espírito, observadas aquando de meu único encontro convosco em Lovaina. Assim como estou plenamente convicto de que sois quase a pessoa mais feliz do mundo, vós que, depois de conhecer os costumes de tantas nações e percorrido ter, em distinta peregrinação, tantos lugares e suportado tantos trabalhos, julgastes dever escolher o sossego e vagar supremamente suaves, num sítio agradabilíssimo que é como que o domicílio de todas as Musas.

tandem otiumque[10] longe suauissimum in loco amoenissimo, omniumque quasi Musarum domicilio, constituendum putasti.

Quo sane uitae genere haud scio an quidquam beatius esse queat, praesertim tali uiro qui in maxima animi tranquillitate penes se quotidie habeat, quorum doctis sermonibus suam ipse doctrinam et ingenium oblectet, quique neque inglorius aetatem suam consumat, neque aulicis negotiis[11] immersus, dignitatis tamen suae ita retinens sit, ut apud omneis nominis sui fama clarus non secus ametur et obseruetur, ac si maximorum Regum totius orbis negotia solus obiret sustineretque. Sed de his alias aliquanto latius.

Nunc tantum te rogo ut ne graueris ex me doctissimos et humanissimos uiros Dominum Rescium, Petrum Nannium, Cornelium Graphaeum (quorum ego memoriam ueluti sacrosanctam constanter conseruo) quam acuratissime salutare.

Nos bellum gerimus cum sceleratissimis hominum monstris, quorum e manibus nisi Regnum Hungariae uel ui uel condicione[12] aliqua eripuerimus, magnum profecto detrimentum capiet Respub. Christiana. Quibus de rebus non dubito te plura ex aliorum litteris[13] cognoscere.

Vale, praesidium decusque meum.

Datae in Ciuitate[14] Noua Austriae, die 28. Mensis Octobris. Anno a Christo nato 1540.

[Epist. epigr.]

Adamus Carolus Damiano a Goes S. D.

**B** LXXVII. NICOLAVS CLENARDVS

**Christianis omnibus**

[Fezae, c. 1540-1541]

[...] Praeter ceteros[1] Lutetiae mihi cognitos, monachus etiam quidam Lusitanus ex instituto Franciscanorum, Rochus Almeida, mire mihi deditus erat, adeoque me docente captus erat amore litterarum[2] Hebraicorum, ut hac sola gratia paucis postea diebus se contulerit Louanium. Et cum ferme quotidie hebraicaster

**B** LXXVII. – **Ftt**: Clenar 229 ss Roersch 137 ss.

**B** LXXVI. – **10** otiumque *MAT* ociumque *GOP VASC* **11** negociis *omn.* **12** conditione *omn.* **13** literis *omn.* **14** Ciuitate Noua Austriae] ciuitate Nouae Austriae *MAT*

**B** LXXVII. – **1** caeteros *omn.* **2** literarum *omn.*

Com franqueza, não sei se poderá existir alguma coisa mais ditosa do que este género de vida, máxime para um homem que, na maior tranquilidade de espírito, possui habitualmente seu saber e engenho, com a douta expressão dos quais ele próprio se recreia; que não despende ingloriamente seus anos nem se acha imerso em assuntos da corte, mantendo contudo tal dignidade que, ilustre perante todos pela fama de seu nome, é querido e considerado não menos do que se tratasse e gerisse, sozinho, os negócios dos mais altos reis da terra.

Destas coisas, porém, mais a preceito noutra ocasião. Agora, por fim, só vos rogo não sofrais de má mente o apresentardes os meus mais respeitosos cumprimentos aos doutíssimos e humaníssimos varões senhor Réscio[2], Pedro Nanninck e Cornélio Grapheus (cuja memória, por assim dizer, eu permanentemente conservo).

Nós cá combatemos contra os mais perversos monstros humanos; e a não ser que subtraindo da garra destes homens, à força ou mediante qualquer condição, o reino da Hungria, por certo que a Cristandade detrimento grande padecerá. Mas não duvido de que, através de cartas de outros, muito saibais a este respeito.

Adeus, meu protector e ornamento!

Dada em Neustadt, Áustria, a 28 do mês de Outubro de 1540, do nascimento de Cristo.

[Epígrafe da Carta]

Adão Carolus saúda Damião de Góis.

**B** LXXVII. NICOLAU CLENARDO

**a todos os cristãos**

[Fez, c. 1540-1541]

[…] Além dos outros conhecidos meus de Paris, era-me especialmente dedicado um frade português da ordem franciscana, Roque de Almeida[1], que a tal ponto se entusiasmara com as minhas lições pelo estudo do hebraico que só por essa razão se meteu, poucos dias depois, a caminho de Lovaina. E como o aprendiz de hebreu frequentasse quase diariamente o nosso colégio, também muitas vezes conversava familiarmente comigo sobre outros assuntos, ora contando-me velhos costumes da Cantábria, ora exaltando até aos astros as cátedras da Universidade de Salamanca. […]

commearet ad nostrum Collegium, crebro etiam aliis de rebus mecum familiariter agebat, nunc commemoratis moribus Cantabriae, nunc attolendis in caelum cathedris Academiae Salmanticensis. [...]

Vixdum muneri inauguratus eram [Salmanticae], cum ecce nobis e Lusitania uenit Poeta Resendius, legatus nomine Regio et fratris Principis Henrici, prolatisque utriusque litteris[4] et adhibitis in concilium amicis, sic me incantauit suis carminibus ut cum bona Salmanticensium[5] uenia pertraheret in Lusitaniam. [...]

Quid dicam de amicis? Resendius primas partes obtinet, Poeta cum ueteribus comparandus, cui si iuge studium staret poeticum, non minus nobilitaret suam Eboram quam Lucanus Cordubam. Cum quo tametsi iampridem contracta fuisset familiaritas Louanii, magis tamen culta fuit in Lusitania, non solum propter diuturniorem usum, sed etiam quod amicitiae prioris fructum uberrimum protulit, delatus Salmanticam, ut me faceret Lusitanum. Nouas uero multorum ibi lucrifeci amicitias. In primis Georgii Coelii, uiri praeter Graecarum litterarum[6] peritiam, sic et prosa et carmine celebris, ut dubites utro magis polleat: mihi semper ob id probata est oratio eius soluta, quod nesciam an hodie sint qui tam prope accedant ad ueteram illam romanam eloquentiam. Sermo est purus, concinnus et eleganti munditie, nec quicquam tamen prae se fert affectatum. Videorque mihi non immerito Resendium inter Poetas, Coelium inter oratores collocasse, quod eo mihi res redacta iam iudicatur, ut in bello quod spiro contra Machometum, Coelius orare melius, Resendius canere possit sonorius. [...]

[Epist. epigr.]

Epistola Nicolai Clenardi ad Christianos, de professione arabica militiaque constituenda aduersus Machometum.

**B** LXXVIII. IVSTVS VELSIVS

**Damiano a Goes**

[«Antuerpiae», 1.I.1541]

Edituri nostram Hippocratis *De insomniis* uersionem, uir praestantissime, cuinam potissimum hoc dicaremus opusculum, non parum equidem solliciti fuimus, quod indigere uideremus huiusmodi argumentum uiro aliquo grauis iam apud omnes auctoritatis[1], quae taetricorum[2] ac superstitiosorum quorundam

---

**B** LXXVIII. – **Ftt**: Vels $A_2^r$ Velsi $E_1^{r-v}$ Vasc 129-130 Mat 181-182

---

**B** LXXVII. – **4** literis *omn.* **5** salmanticensium *omn.* **6** literarum *omn.*

**B** LXXVIII. – **1** authoritatis *omn.* **2** tetricorum *omn.*

Mal havia eu inaugurado as aulas, eis que chega de Portugal o poeta Resende com legação em nome do Rei e do infante D. Henrique, seu irmão. Inteirado das cartas de ambos e após reunião de amigos, encantou-me tanto com os seus versos que, concedida permissão dos salmanticenses, lá me trouxe para Portugal. […]

Que hei-de dizer dos amigos? Resende ocupa o primeiro lugar. É um poeta digno de comparar-se com os antigos e capaz, se mais assíduo fosse no cultivo da poesia, de nobilitar não menos a cidade de Évora do que Lucano a de Córdova. Embora anos atrás houvesse já contraído amizade com ele em Lovaina, mais se desenvolveu esta em Portugal, quer pelo trato mais frequente quer pelo fruto ubérrimo dessa primeira relacionação com que ele me presenteou ao ir buscar-me a Salamanca para me fazer português. […]

Cá entretanto granjeei muitas novas amizades. Antes de mais, de Jorge Coelho[2], celebrado de tal forma, além da perícia nas letras gregas, na prosa e no verso, que se duvidará em qual dos dois géneros é mais excelente. Por mim acho ser na prosa, pois não vejo quem hoje tanto se aproxime da velha eloquência romana. A linguagem é pura, côncina e de elegante nitidez, sem sombra de afectação. Julgo não haver sido sem motivo que coloquei Resende entre os poetas e Jorge Coelho entre os oradores. Por isso, até já tenho como solução a adoptar que imagino contra Mafamede Coelho possa preferivelmente pregar, Resende mais refinadamente compor versos. […]

[Epígrafe da Carta]

Carta de Nicolau Clenardo aos Cristãos, acerca do ensino do árabe e da milícia a organizar contra Mafoma.

**B** LXXVIII. JUSTO VELSIUS
**a Damião de Góis**

[«Antuérpia», 1.I.1541]

Em vias de editar[1] a nossa versão do *Acerca dos Sonhos* de Hipócrates, varão prestantíssimo, achámo-nos realmente em não poucos cuidados sobre a pessoa a quem de preferência dedicaríamos o opúsculo, pois víamos esta temática precisar perante o público de alguém já de autoridade capaz de opor-se às minudências dos odientos e de certos supersticiosos que nem duvido irem incriminar esta abordagem a respeito dos sonhos em parte como vã, em parte como piedosa.

Ora andando assim vagueante em incerteza de espírito e entendendo-me sobre o caso com Simão Sosiano, o mais adestrado e diligente entre os

opponeretur morositati, qui hanc de insomniis, nec dubito, tractactionem, partim quidem ut uanam partim uero ut parum piam, sunt criminaturi.

Atque quum sic incertus animo oberrarem, remque cum Simone Sosiano[3] pharmacopolarum omnium tum dexterrimo tum diligentissimo communicarem, tandem occurristi ut, qui prae ceteris[4] omnibus, ut huius libri patrocinium susciperes, maxime accommodus uidereris. Ea enim est tua ubique auctoritas[5], ut quod tu probes, haud temere aliquis damnare ausit, ea porro ingenii liberalitas, ut quae a ueteribus recte inuenta sunt, non solum non contemnas, sed maximo etiam fauore prosequaris, atque omni conatu promouere studeas.

Da igitur, uir ornatissime, hic te nobis, permittasque Hippocratem tui nominis splendore a calumniis tutum in publicum prodire, qui in exiguo hoc libello, nec parua nec contemnenda docet, quem qua fide uerterimus, alios id animaduertere, quam a me nunc recitari malo.

Vale, Lusitaniae decus, et nos inter amicos tuos aliquem obtinere locum sinito.

Cal. Ianuariis 1541.

[Epist. epigr.]

Nobilitate ac omnigena eruditione ornatissimo uiro D. Damiano a Goes Equiti[6] Lusitano Iustus Velsius, Medicus, S. P. D.

**B** LXXIX. PETRVS BEMBVS
**Damiano a Goes**

[Romae, 11.I.1541]

Quod librum, qui de Aethiopum moribus a te conscriptus est, legitimam tibi tam diuturnae cessationis causam dedisse dicis, equidem libenter accipio, cum tanto nobis faenore[1] officium in scribendo tuum repraesentas.

Verum quam ego tibi excusationem in eadem culpa afferam, eam[2] non reiicias: tuam uidelicet humanitatem, ne dicam occupationes meas, per quam mihi tecum negligentiorem interdum esse licet.

Sed ad librum reuertor, cuius ego exemplum una cum tuis litteris[3] Pontifici Maximo sicuti mandas, reddidi, quod illi fuit plane gratum. Perge igitur, et quando

---

**B** LXXIX. – **Ftt**: Gop $i^v$-$i_2^r$ Vasc 49 Mat 182-183

---

**B** LXXVIII. – **3** Sosiano pharmacopolarum] Soliano Pharmacopolarum *VASC* **4** caeteris] ceteris *MAT* **5** authoritas **6** Equiti] Equito *VASC*

**B** LXXIX. – **1** foenere *omn.* **2** eam] quam *omn.* **3** literis *omn.*

farmacêuticos, ocorrestes-me finalmente vós como quem acima dos demais parecia extraordinariamente acomodado a arcar com o patrocínio desta obra. É que sobe a tal grau a vossa autoridade em qualquer parte, que quanto de vós é aprovado ninguém ousará levianamente condenar, enfim uma liberalidade de engenho a ponto de não só acolher, mas outrossim acompanhar com a maior simpatia e procurar com todo o empenho promover o que correctamente foi adquirido pelos antigos.

Aceitai-nos, pois, aqui a nós e permiti que livre de malquerenças saia dos prelos, sob o esplendor do vosso nome, o *Hipócrate*s, um livrito que não ensina matéria de pouca valia nem negligenciável, e cujo rigor de tradução prefiro outros o assinalem, em vez de apontá-lo eu agora.

Adeus, ó glória lusa, e permiti-nos fruir de um lugar entre os amigos vossos.

Em 1 de Janeiro de 1541.

[Epígrafe da Carta]

Ao varão insigne pela nobreza e omnímoda erudição, senhor Damião de Góis, cavaleiro português, Justo Velsius, médico, envia muito saudar.

**B** LXXIX. PEDRO BEMBO
**a Damião de Góis**

[Roma, 11.I.1541]

Que haja sido, como dizeis, o livro que escreveste a respeito dos costumes Etíopes[1] a causa legítima de um assim diuturno silêncio, de bom grado o admito, sem dúvida, já que com tão elevados juros me apresentais o obséquio de vossas notícias. E entretanto, para falta idêntica de meu lado, aduzo-vos a revezes esta desculpa que não enjeitareis, isto é, a vossa humanidade; porque não diga as minhas ocupações, em razão das quais me é permitido às vezes um pouco de negligência para convosco.

Mas torno ao vosso livro (cujo exemplar, juntamente com a vossa carta, entreguei ao Sumo Pontífice, como ordenáveis, o que imensamente o comprazeu). Pois, sempre em frente! E visto como engenho e experiência vos assistem, acometei-vos a na letra de forma celebrizar as empresas do vosso povo. Em coisa alguma vos é possível maior e mais abundante fruto recolher, uma vez que nada ordinariamente há mais seguro para a memória de um nome, nem mais

ingenio ac usu uales, ad gentis tuae facta scriptis illustranda aggredere, nec enim est ubi maior atque uberior otii[4] fructus tibi constare possit, cum historia nihil fere sit aut ad nominis memoriam stabilius, aut ad posterorum[5] cognitionem aptius, aut ad omnium delectationem iucundius.

Vxorem tuam lectissimam atque optimam feminam[6], matrem esse factam, teque filiolo auctum, gaudeo et gratulor, atque illum quem nunquam uidi, quia tamen tuus est, et amabilem puto esse, et uehementer amo, ei tu suauium des uelim. Mater ut in suscipienda prole fuit, sic in nutrienda atque augenda felix ut sit, etiam atque etiam opto.

Valete ambo, a meque saluete.

3. Id. Ianuar. 1541. Romae.

[Epist. epigr.]

Petrus Bembus Cardinalis Damiano a Goes S.P.D.

**B** LXXX. IOANNES ROD

**Damiano a Goes**

[Portu Galliae, 13.I.1541]

Litteras[1] tuas simul et Carmanici belli, seu mauis Aracosici commentaria libens accepi, in quibus dilucide tu quidem et eleganter, Lusitanorum tuorum res gestas, et strenue nauata facinora conscribis, digna siquidem quae nunquam silentio opprimantur, nunquam obliuioni[2] mandentur, nunquam memoria excidant, quae tu quando otium[3] simul cum ingenio et rara ista eruditione tua nactus es, non sinas tenebris obscurari, et in illustranda patria, et amplianda, cui in primis obnoxii sumus, nullas uigilias, nullos labores subterfugias, nullam denique lassitudinem aegre feras.

Contigit nempe uerius illud nobis, quod Romanis suis Crispus contigisse conqueritur, quippe ut res nostras praeclare gestas, et maiorum nostrorum egregia facinora, nullum satis dignum sortirentur scriptorem. Meritae siquidem illae erant, quae a Liuiis, Tacitis, Salustiis scriberentur, et alterum nactae essent, qui eas caneret Maronem. Tu uero (ut inquam) cui hoc a superis concessum est, rem te dignam aggredere, et tuorum gesta a situ, et squalore uendica, et ea

---

**B** LXXX. – **Ftt:** Gop $g_2^v$-$g_4^r$ Vasc 50-51 Mat 184-186

---

**B** LXXIX. – **4** ocii *omn.* **5** posterorum] posteriorum *VASC* **6** foeminam *omn.*

**B** LXXX. – **1** Litteras *MAT* Literas *cet.* **2** obliuioni *GOP MAT* obliuione *VASC* **3** ocium *omn.*

apto para conhecimento dos vindouros, nem mais agradável para deleitação de todos do que a História.

Regozijo-me e dou-vos parabéns por a óptima senhora, que é vossa excelentíssima esposa, já ser mãe e vos haver prendado com um filhinho que, embora eu nunca tenha visto, – por isso mesmo que é vosso, não só estou certo de que é amável, como outrossim ardentemente lhe quero, desejando que um beijo lhe deis por mim. Oxalá a mãe, do mesmo modo que bem sucedida foi em dar à luz, por igual o seja em amamentar e criar o pequerrucho[2], eis os meus iterados votos.

Saúde e cumprimentos para ambos.

Roma, 11 de Janeiro de 1541.

[Epígrafe da Carta]

Pedro Bembo, Cardeal, a Damião de Góis envia muito saudar.

**B** LXXX. JOÃO ROD

**a Damião de Góis**

[Porto, 13.I.1541]

Com gosto recebi tua carta, ao mesmo tempo que os comentários da guerra Carmânica[1] ou, se preferes, Aracosiana, nos quais, dilúcida e elegantemente sem dúvida, narras as gestas e memoráveis rasgos devidos à galhardia de teus compatriotas, factos na verdade dignos de jamais ficar em silêncio, de sempre se eximirem ao olvido, de nunca perecerem na memória; e oxalá, visto de ocasião usufruíres, de engenho e erudição rara, salvos de se eclipsarem nas trevas, não te esquivando a nenhumas vigílias, a nenhuns trabalhos, suportando em suma todo o cansaço, a fim de ilustrar e engrandecer a pátria, a que antes de tudo estamos ligados.

Tem-nos, com efeito, acontecido, e com mor fundamento, o que Crispo lastima entre os Romanos[2], porquanto as gloriosas façanhas nossas e as acções egrégias de nossos maiores não encontravam historiador algum assaz à altura, merecedoras como na realidade eram das plumas dos Lívios, Tácitos e Salústios, e de achado haverem num segundo Marão o seu cantor. Mas ora tu – a quem, por assim dizer, Deus isto outorgou – abalançaste-te a um serviço que te honra, quais as grandiosas empresas de teus compatrícios, vingadoras do espaço e do tempo, e esses altos feitos inumados até hoje em cimméria obscuridade. De modo que parece não haveres, a par do solo, a lembrança trocado e o amor ao torrão natal.

illustra quae hucusque Cymmeriis obscuritatibus obruta iacent, ut uideare non cum solo patriae, memoriam eius et amorem pariter uertisse.

Quod uero operam mihi tuam benigne polliceris, et ultro offers, facis tu quidem amori erga te meo debitam, teque dignam, ut uirum te memorem ostendis, quique trans mare currens caelum quidem, sed non animum mutaueris. Dilexi enim te admodum puerum, et optimam indolem tuam, quae in frugem postea perfectam euasit, tunc temporis amplexus sum; postmodum uero nomen tuum et famam suspexi, amaui, et nunc etiam ueneror.

Taceo quod alias tibi significaui, et tu optime meministi, quo amore, quaue dilectione Fructum a Goes fratrem tuum hominem probum, et amicis ualde proficuum, semper fuerim prosecutus. Recte tu igitur iureque id facies, si me semper amabis, quando iam olim id a te promeritus sum, tuque etiam a me semper redamaberis. Sed de his hactenus, quando id satis mihi persuasum est, neque tu is es, in quo fucatum aliquid fictumque sit, aut sincerum[4] quicquam aut candidum desideretur.

Ceterum[5] cum nimium cupiam, totius plagae ad Septentrionem porro expositae notitiam[6] habere, meminerimque te apud Sarmatiae Regem oratorem egisse, ubi qua et[7] diligentia et dexteritate oportebat te isthaec omnia recte intellexisse, penitusque indagasse, rem mihi gratissimam feceris, et periucundam[8], si commentariolum quendam, perbreuem illum quidem, sed alioqui qui breuiter omnia complectatur, ad me mittas.

Peruenit siquidem ad nos de tribus Sarmatiis quidam liber, non solum absque ulla elegantia et orationis nitore descriptus (cum lectio absque delectatione, quaecunque illa sit, semper mihi frigeat, et si non sacra fuerit, omnino uilescat), sed quod peius multo est, confuse admodum et intricate compositus, et in quo nihil erat quod ad gustum faciat, nec quod possis ad eruditionem et doctrinam, et ad perfectam rerum cognitionem excerpere. Et ob id maior me exinde cupiditas coepit istius rei perscrutandae et pernoscendae, quod optime te effecturum confido.

Sed iam epistolae finem imponerem, nisi restaret a te, mi Damiane, petere ut si hic tibi mea opera in aliquo officio opus erit (nam alibi nihil est, ut scis quod praestare possim) me utaris amico obsequentissimo et beneuolo. Vale.

Ex Portu Galliae, Idibus Ianuarii 1541.

[Epist. epigr.]

Ioannes Rod nobili ac doctissimo uiro Damiano a Goes suo S. P. D.

---

**B** LXXX. – **4** syncerum *omn.* **5** Caeterum *omn.* **7** ubi qua et] ubi qua es *omn.* **8** periucundam] periocundam *GOP*

Quanto à benigna promessa e espontânea oblação que de teus ofícios me fazes, praticas decerto acção dignificante, de que a minha amizade para contigo é credora; e por tal guisa te demonstras um varão reconhecido e sem mudança de ânimo, não obstante com a travessia do mar se te haverem mudado aos céus.

Efectivamente, votei-te minha afeição eras tu muito criança ainda. Acariciei naquela época a tua índole óptima, a qual volvidos tempos atingia a perfeita maturidade; e admirei, pouco depois, teu nome e fama, e amei-os, e venero-os agora até. Calo o que noutra ocasião te significquei; e tu recordas perfeitamente com que amizade e afecto distingui sempre a teu irmão Fructos de Góis, homem probo e aos amigos mui profícuo. Obrarás, por consequência, em rectidão e justiça, se uma afeição perene me dedicares, já que desde há muito ta mereci eu, que nunca ficarei sem com igual moeda te retribuir.

Mas basta deste assunto, por isto mesmo que bem persuadido estou não seres pessoa em que algo exista de postiço ou fingido, nem a quem se deseje qualquer coisa em sinceridade e lhaneza.

E agora, como grandemente ansiava possuir notícia de toda a região setentrional e me lembro de que exerceste embaixada junto do rei da Sarmácia, onde é de esperar tenhas, com certa diligência e habilidade, rectamente conhecido e a preceito indagado estas coisas, far-me-ás atenção imensamente cativante e sobremodo agradável enviando-me algumas nótulas, não importa se mui breves, contanto que em poucas palavras tudo englobe.

É que chegou-nos lá das três Sarmácias[3] um livro não só completamente falho de elegância e brilho de linguagem (porque para mim leitura sem deleitação, qualquer que aquela seja, aborrece sempre e, a menos tratando-se de sagrada, até perde o valor todo); mas, o que é muito pior, composto deveras confusa e embrulhadamente, e nada contendo que dê gosto ou se possa colher para erudição, doutrina e conhecimento adequado das coisas. Isto me avoluma a cobiça de perscrutar e aprofundar o caso, o que confio levarás absolutamente a termo.

E daria já por terminada a carta, a não restar ainda, meu caro Damião, solicitar-te que, se nalguma conveniência tiveres aqui precisão de mim (alhures nada há que possa prestar-te, como sabes), te sirvas de teu obsequiosíssimo e benevolente amigo.

Adeus.

Do Porto, a 13 de Janeiro de 1541.

[Epígrafe da Carta]

João Rod ao nobre e doutíssimo varão Damião de Góis, seu amigo, envia muito saudar.

**B** LXXXI. REGINALDVS POLVS

**Damiano a Goes**

[«Romae, c. ine. 1541»]

Cum litteras[1] tuas libenter legi, tum uero librum libentissime. Ex illis enim tuum in me gratissimum amorem recognoui, ex hoc uero insignem tuam pietatem, et egregiam eruditionem facile perspexi, quae, etsi antea mihi satis nota essent iam inde ab eo tempore quo te Patauii cognoui, ut quae principium nostrae amicitiae dedere; tamen nec temporis aut locorum interuallo tuum in me amorem diminutum, pietatem uero cum doctrina maxime auctam, cum mihi eiusmodi testimoniis confirmaretur, non potui quidem non magnopere delectari. Quare hoc tibi persuadeas uelim, cum antea mihi carus esses, nunc multo esse carissimum: hoc uero si tibi de meo animo persuadeas, et cum occasio inciderit experiri uelis, ne unquam frustra id fecisse uidearis, reipsa perficiam.

De Morysono quod mihi scribis, merito quidem eius ingratum animum detestaris, in quo uitio nihil prorsus mali non inest; sed qui in Deum tam ingratus est, a quo omnia accepit, quid mirum si in me, uel in te, a quibus si quid accepit, ex muneribus Dei accepit, insultet?

Memini uero, quam non uulgarem tu erga eum humanitatem ostenderis, in quem etsi nihil scripsit, tamen qui pietatem oppugnat, omnes pios, quantum in se est, laesisse uideri potest.

Nosti uero quam causam oppugnandam suscepit. Equidem, quod ad me attinet, ego plus ex illius scriptis cepi commiserationis, quam indignationis, quae nihil praeter miseram seruitutem animi eius declarat. Scio enim, si sui iuris animus eius fuisset, aut aliqua ex parte ex miseria seruitutis liberatus, nunquam talia scripturum fuisse. Vincula uero animi singuli paene[2] uersus libri declarant, quibus si unquam Dei benignitate soluatur, qui solus eum liberare potest, tum[3] quidem alio uindice, quam se ipso, opus omnino non erit; quod Deus illi concedat.

De meis scriptis, quae ad te mitti postulas, nihil equidem hactenus edidi: nec uero scio quo pacto in illius manus, quae dicis, illa peruenerunt; cum edidero, ut tuum desiderium[4] satisfiat curabo.

Augurium tuum, quod in extremis litteris[5] adscribis, nescio unde ceperis; neque enim quicquam in hac arte noui. Tu uero, si eius aliquam partem habeas, hoc unum mihi significes cupio, quanta pro Patria uel potius pro Ecclesia Dei, quae est in Patria mea, sim passurus; hoc enim nihil mihi laetius[6] portendi potest. Nosti illud: Εἷς οἰωνὸς ἄριστος ἀμύνεσθαι περὶ πάτρης.

---

**B** LXXXI. – **Ftt :** V $_{236}$$^{r-v}$ cop. Pol 38-40 Mat 187-189 Bat 9-11

---

**B** LXXXI. – **1** litteras *MAT* literas *cet.* **2** pene *omn.* **3** tum] tunc *POL* hunc *BAT* **4** tuum desiderium] tu desiderio *POL MAT* **5** litteris *MAT* literis *cet.* **6** laetius] certius *POL*

**B** LXXXI. REGINALDO POLE
**a Damião de Góis**

[«Roma, c. inícios de 1541»]

Pois não só li[1] de boa mente a carta vossa, mas até com sumo agrado o livro: daquela reconheci a mui grata afeição que me votais, deste a vossa insigne piedade e egrégia erudição facilmente constatei, qualidades que, embora de anteriormente, já desde o tempo em que vos conheci em Pádua, me sejam notórias como aquilo que a esta amizade deu origem, não obstante, ao depará-las por testemunhos de tal estofa confirmadas como uma afeição nem pelo tempo nem pela distância diminuída e uma piedade imensamente aumentada com a ciência, não pude em verdade deixar de folgar muito.

De uma coisa por isso vos convençais desejo, e é de que se caro me éreis antes, agora me sois sem dúvida caríssimo. Em vos achando persuadido deste meu ânimo e, acontecida oportunidade, o querendo experimentar, trabalharei por factos para que jamais vos pareça que embalde a isto acedestes.

Em referência ao que me escreveis de Morison[2], com razão de facto a sua ingratidão detestais, um vício em que em suma todo o mal se encontra. Porém não é de espantar que quem para com Deus, de quem recebeu tudo, é tão ingrato, para comigo ou convosco, dos quais, se lhe adveio algo, dos dons de Deus lhe adveio, se levante em insultos. Lembro-me decerto da humanidade não vulgar que por ele mostráveis; no entanto, sem embargo de nada ter escrito contra vós, quem a piedade ataca, considerar-se pode como, quanto em si cabia, alvejado havendo todos os piedosos.

Conheceis entrementes a causa a cuja impugnação se deu. Pelo que me diz respeito, na realidade mais dos escritos seus consideração me veio do que indignação, que esta nada a claro lhe põe senão o ignóbil servilismo de espírito. Sei com efeito que, se senhor de si ao seu ânimo possuísse ou de algum modo estivesse desembaraçado da miséria da escravidão, nunca ao papel houvera tais coisas lançado. Quase todos os versos do livro patenteiam os vínculos do seu espírito. Mas se alguma vez por misericórdia de Deus, o único que libertá-lo pode, deles vier a desprender-se, nessa ocasião por certo lhe não fará mister outro vingador além de si próprio.

A respeito dos meus escritos, quanto ao que pedis vos remeta, sabereis que nada até hoje dei à estampa[3]; e nem descubro por que raça de maneira tenha, isso que dizes, chegado àqueloutras mãos. Quando no entanto editar, curarei de satisfazer-vos.

Ignoro de onde hajais captado o presságio do final da vossa epístola. Mas se é que alguma porção vos cabe nele, uma coisa única que me prenuncieis peço, e é o quanto de sofrer me aguarda por minha Pátria, ou melhor, pela Igreja de Deus na minha Pátria, pois que nada com maior segurança do que isto profetizar-se pode.

Conheceis o verso: «Um óptimo augúrio é o combater pela pátria»[4]. Na verdade, estou persuadido de que maior grau de felicidade alcanço quanto mais trabalhos e

Ego uero hoc me maiorem felicitatis gradum ascendere mihi persuadeo, quo plures labores, et afflictiones pro Patria et Ecclesia Dei diuina sorte pati datum fuerit. Quare, si quid mihi praedicere uelis, quod mihi sit futurum gratum, habes in quo genere tibi id faciendum sit, in quo tamen, quoniam magis me tuis orationibus, quam praedictionibus adiuuari posse, mihi persuadeo. Vt has ne mihi deesse patiaris te ualde rogo. Vale.

[Nom. inscr.]

Illustri Domino Damiano a Goes Equiti Lusitano tanquam fratri carissimo

**B** LXXXII. IOANNES MAGNVS GOTHVS

**Damiano a Goes**

[Romae, 1.IV.1541]

Magnifice et humanissime domine Damiane, amice ac frater carissime[1], salutem et aeternam felicitatem.

Litteras tuas Louanii 24. praeteriti Octobris scriptas proxime elapsis diebus Romae accepi, quae etsi ex solo nomine tuo in eis subscripto mihi gratissimae essent, tamen qui tam pias lucubrationes tuas de Religione et moribus Indorum annexas habebant, longe magis, quam scribere possum gratae fuerunt. Immo illam deplorationem meae Lapponicae gentis in ipsarum calce adiunctam tam grato animo excepi, ut nihil unquam gratius.

Ostendisti profecto in ea ipsa Lapponia te esse uerum Christi seruum, cum eius cultum tam pio studio promouere contendas. Deinde ueri fratis et amici officium in me tam cumulate declarasti, ut me ex integerrimo amico, deditissimum fratrem tibi obligaueris. Caue igitur, mi humanissime Damiane, ne unquam putes me tantam humanitatem et beneficentiam tuam, obliuioni traditurum, sed ut ipsam aliquando4 meis piis studiis superare uel aequare possim conaturum.

Ceterum[5] de meis historiis Gothicis ut cito impressae promulgentur, nihil adhuc polliceri possum, tum quia incertis sedibus erro, tum quia me tenuissimae fortunae meae ab illis et plerisque aliis grauioribus, piisque studiis plurimum impediunt. Quamuis enim ternis eisdemque urgentissimis litteris[6] a Pontifice Romam ex Venetiis uocatus fuerim, tamen adhuc toto trimestri hic expectans, nullum inopiae meae releuamen inuenio. Spero tamen breui nonnullam consolationem me assequuturum.

**B** LXXXII. – **Ftt**: Gop $i_2^r$-$i_3^r$ Vasc 52-53 Mat 189-191

**B** LXXXII. – **1** charissime *omn.* **2** Litteras *MAT* Literas *cet.* **3** Imo *omn.* **4** aliquando] aliquanto *VASC MAT* **5** Caeterum *omn.* **6** litteris *MAT* literis *cet.*

aflições por disposição divina me for dado padecer em prol da Pátria e da Igreja de Deus. Por isso, a algo a mim atinente prognosticar quererdes que venha a comprazer-me, género tendes em que devais fazê-lo: e porque nesse me convenço de que, mais que com prenúncios, ajudado eu posso ser com as orações vossas, vos suplico enfim, do coração, não permitais que destas mesmas careça. Adeus.

[Endereço da Carta]

Ao ilustre senhor Damião de Góis, cavaleiro português, como a um irmão caríssimo.

**B** LXXXII. JOÃO MAGNO GOTHUS
**a Damião de Góis**

[Roma, 1.IV.1541]

Magnífico e mui bondoso senhor Damião, amigo e irmão caríssimo, – saúde e eterna felicidade.

Recebi há poucos dias, em Roma, vossa carta remetida de Lovaina com a data de vinte e quatro de Outubro passado, a qual, embora só pelo nome que a subscreve me fosse agradabilíssima, porque todavia a acompanhavam as vossas tão pias elucubrações acerca da religião e costumes dos Etíopes, se me deveio imensamente mais querida do que posso descrevê-lo; tendo sido, além disso, tão comovente para o meu espírito aquela deploração do meu povo lapiano[1] inserta no final das mesmas, que nada algum dia me sensibilizou mais. Mostrastes-me de verdade que até na própria Lapónia seríeis um genuíno servo de Cristo, com tão santa diligência vos esforçais em seu culto promover; e outrossim, me assegurastes em tamanha cópia, da vossa dedicação de verdadeiro irmão e amigo, que, de amigo integérrimo que eu era, me compeliste a irmão afeiçoadíssimo.

Guardai-vos pois, meu Damião bondosíssimo, de alguma vez supordes venha ao esquecimento lançar tão grande humanidade e caridade vossas; mas antes que hei-de esforçar-me por com meus bons ofícios conseguir de certa maneira superá-los, ou igualá-los ao menos.

No tocante à impressão e publicação para breve da minha história da Suécia[2], nada presentemente me é lícito anunciar, atendendo a que por um lado ando sem moradia certa, e por outro os meus exiguíssimos recursos seriamente me estorvam esses e grande número de outros mais graves piedosos cuidados. É que, embora suposto mediante terna e mui urgente carta do Sumo Pontífice haja sido chamado de Veneza a Roma, vai já lá um trimestre inteiro que aqui estou de aguarda, sem lobrigar qualquer desafogo à minha inópia; esperando no entanto alguma consolação granjear dentro em pouco.

At noster Olaus ne librum suum de mirabilibus rebus et moribus Aquilonarium regionum imprimi faciat, fere eisdem impedimentis quibus ego laboro, retardatur. Is enim in charta Gothica imprimenda aes alienum ad trecentos ducatos contraxit, cuius medietatem adhuc persoluere nequierat.

Et felicissime ualeat tua humanissima M<agnitudo> et me ac eundem nostrum Olaum ut semper facit, diligat.

Ex urbe Roma, 1541, prima Aprilis.

[Epist. epigr.]

Ioannes Magnus Gothus Archiepiscopus Vpsalensis Damiano a Goes S.D.

**B** LXXXIII. PETRVS BEMBVS

**Georgio Coelio**

[Romae, 9.IV.1541]

Litterae tuae perhumaniter scriptae, quibus te amantem mei esse me certiorem facis, eo gratiores mihi fuerunt quo minus mihi antea notus fuisti; ut eodem tempore et nomen audirem tuum, et mihi te beneuolum atque amicum scirem esse.

Quam quidem meam uoluptatem ea tua scripta, quae mihi una cum epistola misisti, non unius scilicet generis carmina, et Luciani de Dea Syria historiola abs te latina facta, magnopere auxerunt. Cognoui enim ex iis te et ilustrem poetam et oratorem magnum esse; quibus de rebus tibi ex animo gratulor.

Clarae enim artes sunt, summisque dignae laudibus, quibus in utrisque doctorum hominum animi libentissime conquiescunt; et laborum suorum in illis addiscendis susceptorum maximum eum fructum capiunt: se confidere in futurorum hominum et saeculorum memoriam sua nomina, sua studia, suasque uirtutes peruenturas.

Reliquum est ut tu quoque me tui cupidum esse tibi persuadeas. Et si tibi esse usui poterit mea eiusmodi erga te uoluntas, ea tuis in rebus utare: promptam tibi et paratam esse senties. Vale.

Quinto Idus Aprilis. MDXLI. Roma.

[Epist. epigr.]

Petrus Bembus Georgio Coelio Lusitano S.P.D.

---

**B** LXXXIII. – **Ftt**: Be 381-382

Entrementes ao nosso Olavo impedem-no de dar lume a sua obra sobre as maravilhosas coisas e costumes das regiões aquilonares[3], dificuldades quase idênticas às que me afligem. Pois se, para estampar o mapa sueco, contraiu ele um empréstimo à roda de trezentos ducados, metade do qual ainda não logrou saldar!

Passe bem[4] vossa humaníssima Magnificência; e continue com a amizade de sempre, a mim e ao vosso Olavo.

Da cidade de Roma, em 1 de Abril de 1541.

[Epígrafe da Carta]

João Magnus Gothus, arcebispo de Upsala, saúda Damião de Góis.

**B** LXXXIII. PEDRO BEMBO
**a Jorge Coelho**

[Roma, 9.IV.1541]

A vossa carta[1] deveras obsequiosamente escrita, pela qual me informais da vossa estima por mim, foi-me tanto mais agradável quanto menos conhecimento de vós tinha, a ponto de, ao mesmo tempo que me soava o vosso nome, eu ir tomando consciência da benevolência vossa e amizade para comigo.

Tal aprazimento meu aumentaram-no muito estes vossos escritos[2] que enviastes conjuntamente com a carta, composições de género vário, inclusive a breve história, vertida para latim, da Deusa Síria de Luciano. Através delas fiquei a saber serdes um poeta ilustre e um grande orador, pelo que de coração vos felicito.

Brilhantes, na verdade, são tais artes e dignas de louvores sumos, em ambas as quais os espíritos dos homens doutos encontraram de muito bom grado satisfação e colhem esse fruto maior das canseiras suportadas em sua aprendizagem: confiar à memória dos homens e séculos vindouros os seus nomes, os seus estudos, as suas virtudes em foco no futuro.

Resta-me que igualmente vos convençais da minha afeição para convosco. E se vos puder ser de utilidade esta minha posição, servi-vos dela quando necessitardes: achá-la-eis pronta e preparada. Adeus!

Roma, 8 de Abril de 1541.

[Epígrafe da Carta]

Pedro Bembo ao português Jorge Coelho deseja muita saúde.

**B** LXXXIV. CHRISTOPHORVS MADRVCHIVS

**Damiano a Goes**

[Tridenti, 21.V.1541]

Litterae[1] tuae quarto Aprilis Louanii exaratae; pridie Calendas Maii per ueredarium Regium mihi fuerunt exhibitae. Nam in aula Regia, ut tu existimabas, non dego. Inde factum est ut Ligur ille, de quo scribis, easdem mihi praesentare haud potuerit, quem tamen tui causa si ad me peruenisset, cupidissime amplexatus fuissem.

Quod uero scribis te me amare non propter dignitatem Pontificiam, nec labentes diuitias sed propter me ipsum, id mihi obscurum non fuit qui uicissim te amare incepi, et magis magisque diligo, non propter generis tui claritatem, non propter stemma tuum antiquum, quod longa serie proauorum laudabiliter ducis. Sed aliud quiddam in te animaduerti, tibi magis proprium, quod me in tui amorem pellexit. Immo[2] ui quadam occulta traxit ut te amarem, exquisita scilicet et abstrusa[3] eruditio, genuina integritas, pectusque illud tuum omni uirtutum genere refertissimum.

Propterea[4] non est quod suspiceris Damiani nostri memoriam apud me esse tantillum diminutam ex eo quod ad multas tuas epistolas, quas scripsisse ad me asseris, nihil responderim, quod quasi aegre ferre uideris. Tu uide quot miseris et per quos. Ego me duas tantum accepisse affirmo, ad quas copiose rescripsi, ad primam per tabelliones publicos, qui in dies ad Flandriam litteras[5] ferunt, ad posteriorem uero per Splinterum nostrum, quem litteras[6] tibi dedisse non ambigo. Si plures scripseris, interceptae fuerunt.

Tu uero mi Damiane, tibi certo persuade me erga te illum ipsum esse foreque perpetuo, qui fui semper ab ea hora qua mihi notus esse coepisti. Nec credo[7] amicitiam nostram tam labilem fixisse pedem ut ex re tam minutula, intermissione scilicet litterarum[8], ad tempus labefactari queat, maxime quum originem sumpserit, non ex Fortunae blanditiis, sed ex morum et animi simitudine. Id quod fortissimum conglutinandae[9] et perpetuo conseruandae amicitiae uinculum existimo.

Ceterum quod secunda prole masculina, tam feliciter auctus sis, tibi ex animo congratulor, quemadmodum alias quoque per litteras[10] meas tibi amice sum congratulatus. Quae tamem prout ex tuis intelligo ad te nondum peruenere.

---

**B** LXXXIV. – **Ftt**: Gop $i_3^r$-$i_4^r$ Vasc 53-54 Mat 191-193

---

**B** LXXXIV. – **1** Litterae *MAT* Literae *cet.* **2** Imo *omn.* **3** abstrusa *GOP MAT* obscura *VASC* **4** Propterea *GOP MAT* Praeterea *VASC* **5** literas *omn.* **6** literas *omn.* **7** credo *GOP MAT* crede *VASC* **8** litterarum *MAT* literarum *cet.* **9** conglutinande *omn.* **10** literas *omn.*

**B** LXXXIV. CRISTÓVÃO MADRUZZI
**a Damião de Góis**

[Trento, 21.V.1541]

Foi-me[1] entregue pelo postilhão real, em trinta de Abril, a tua carta escrita em Lovaina no dia quatro. Não vivo porém na corte, qual imaginavas. Donde resultou esse lígure a que te referes ma não ter podido apresentar; mas a quem, caso vindo tivesse, em atenção a ti haveria com muita simpatia abraçado.

Quanto a escreveres ser, a amizade que me consagras, motivada não pela minha dignidade pontifícia nem pelas riquezas perecíveis, senão por mim próprio, nada disso quedou despercebido a quem a revezes começou a estimar-te, e cada vez mais o faz, não pelo lustre de teu nascimento, não pelos velhos pergaminhos teus que, através da série longa de antepassados, honrosamente manténs, mas sim por outra coisa mais pessoal que em ti deparei e me atraiu o afecto, ou antes, com misteriosa veemência me impeliu à amizade, isto é: a tua erudição requintada e discreta, a honradez perfeita; e esse teu espírito opulentamente cheio de toda a espécie de virtudes.

Posto isto, não há motivo para suspeitares de que a memória do nosso Damião esteja um pouquinho diminuída em mim, pelo facto, que parece quase tomaste a mal, de a muitas cartas que afirmas ter escrito, eu nada haver respondido. Tu repara quantas e por quem as mandas. Asseguro-te que unicamente duas recebi, às quais dei larga resposta: à primeira, pelos mensageiros públicos que todos os dias levam as cartas para a Flandres; à segunda pelo nosso Splinter, de quem, não duvido que ta haja entregado. Se escreveste mais, então foram interceptadas.

Mas, ó caro Damião, convence-te por uma vez de que sou e continuadamente serei, para contigo, esse mesmo que sempre fui desde a hora em que principiei a conhecer-te. E não creias haver-se nossa amizade firmado em base tão frágil que possa temporariamente abalada ser por fenómeno de minimez tal, como é a intermissão da correspondência, sobretudo quando aquela se originou não nos atractivos da fortuna, que sim na similitude de caracteres e espírito, o que eu reputo o mais forte vínculo de união e conservação perene da mesma.

Com tudo isto, felicito-te de coração pelo segundo rebento[2] masculino que acrescenta assim jubilosamente o teu lar; repetindo desta feita as amigas congratulações das outras cartas, que, consoante da tua depreendo, te não foram ainda às mãos. O bom Deus todo poderoso conceda que, robusto e incólume, vejas os filhos de teus filhos até à quarta geração, como a tua virtude merece.

Notícias não descubro nenhumas que por intermédio dos mercadores te não cheguem aí primeiro do que a nós. Deixo-as, pois, em branco, já que enfadonho te seria ler o que há muitos dias divulgado estivesse pelas encruzilhadas.

Deus Opt. Max. faciat te corpore uegeto et incolumi uidere filios filiorum tuorum in quartam generationem, id quod uirtus tua meretur.

Nouarum rerum hic nihil habemus, quod non prius per mercatores ad uos deferatur anteque huc deueniat. Ideo nihil scribo, quum molestum foret ea legere, quae iam multis diebus in compitis uulgata fuissent.

Splinterum sollicitabis, ut recuperata ualetudine ad me quam primum se recipiat. Cui propterea nihil scripsi, quod sciam uos ambos unum esse.

Tu feliciter uiue et uale amicorum candidissime. Ex Tridento, 21. Maii. Anno Domini 1541.

[Epist. epigr.]

Christophorus Madruchius Cardinalis et Episcopus Tridentinus Damiano a Goes S. P. D.

**B** LXXXV. IOANNES MAGNVS GOTHVS

**Petro Bembo**

[Romae, 7.VII.1541]

Reuerendissime Domine, benefactor et consolator humanissime, nihil omnino dubito quin Reuerendissima D. V. me paterno et optimo respectu iussuque Pontificis, ex Venetiis in Vrbem Romam suis humanissimis litteris[1] uocauerit, ut ipse Sanctissimus D. N. mihi pro fide Christiana et sancta Romana Ecclesia diu et grauiter afflicto ita prouideret, ut lacrimae[2] meae hic abstergerentur, et non augerentur. Nunc autem hic in septimum mensem expectans, nullam prorsus rationem audio, ob quam necesse fuerit, me hominem aegrotum in tam difficillimis anni temporibus per maria et terras huc aduolare, nec quicquam spei ex praeteritis ad futura mihi polliceri possum etc.

Praeterea tantum fastidii in hoc hospitali, tum ob corruptum aerem, tum ob alias graues molestias, de quibus uerecundum est scribere contraxeram, ut tolerabilius sit mihi in aliquod desertum commigrare, quam hic diutius detineri. Quocirca, Reuerendissime domine, rogo Reuerendissimam D. V. per uiscera Iesu Christi dignetur apud Sanctitatem Pontificiam, quantocius[3] efficere quod aut meam condicionem[4] tolerabiliorem honestioremque efficiat, aut me ad Venetias unde ueni per gratiosam licentiam redire permittat. Nec dubitet Sanctitas sua quin

**B** LXXXV. – **Ftt**: Magn 153-154 Magni 153-154

**B** LXXXV. – **1** literis *omn.* **2** lachrymae *omn.* **3** quamtotius *omn.* **4** conditionem *omn.*

A Splinter[3] solicitarás que, restabelecida a saúde, volte logo para junto de mim. Não lhe escrevo, porque sei que ele e tu sois um apenas.

Felicidades e adeus, ó amigo mais puro entre todos!

Trento, 21 de Maio do ano do Senhor de 1541.

[Epígrafe da Carta]

Cristóvão Madruzzi, cardeal e bispo de Trento, a Damião de Góis deseja muita saúde.

## **B** LXXXV. JOÃO MAGNUS GOTHUS **a Pedro Bembo**

[Roma, 7.VII.1541]

Reverendíssimo Senhor, benfeitor e consolador humaníssimo: Nada absolutamente duvido de que Vossa Senhoria Reverendíssima, com paterno e mui tocante respeito, e por ordem do Pontífice, me chamou de Veneza a Roma por uma atenciosíssima carta, a fim de que o Santíssimo Senhor Nosso providenciasse acerca de mim[1] longa e gravemente atribulado em prol da fé cristã e da Santa Igreja Romana, de forma a ver as minhas lágrimas finalmente enxugadas e não aumentadas. Agora, que por cá ando vai para sete meses, não ouço qualquer razão de haver sido necessário um homem da minha idade deslocar-se através de mares e terras para aqui em tão difíceis condições do ano, nem, a julgar pelo passado, posso prometer-me alguma esperança no futuro, etc.

Além disso, invadiu-me tamanho aborrecimento neste hospital, seja pelo ar corrupto seja por outras graves deficiências cuja citação envergonha, que se me antolha mais aceitável emigrar para um deserto do que estar internado aqui. Por isso rogo pelas chagas de Jesus Cristo a Vossa Senhoria Reverendíssima se digne conseguir o mais rápido possível ou tornar a minha condição mais tolerável e honesta, ou permitir-me regressar, com licença graciosa, a Veneza donde eu vim. Nem duvide Sua Santidade de que, assim como tem mil modos de poder facilmente socorrer-me, assim eu próprio, com a ajuda de Deus, por outras tantas vias que me esforçarei por procurá-los, no intuito de converter, uma vez surgida

sicut ipsa habet mille modos, quibus facile possit mihi succurrere, ita ego (duce deo) totidem uias exquirere contendam, ut eius paterna beneficia ad utilitatem decoremque S. Ro. Ecclesiae opportuno tempore conuertam.

Plura hic scribere lacrimis[5] prohibeor, quas si Reuerendissima D. V. una cum Reuerendissimis D. meis Theat. et Carpensi, Morono, ac Cardinale Sanctae Crucis non absterserit, nihil omnino reliquum erit, quo gaudere possim me unquam in hanc urbem reuocatum rediisse. His felicissime uiuat Reuerendissima D. V. Ro.

Ex Hospitali S. Spiritus, M.D.XLI., VII. die Iulii

Ope Olai Magni, eius fratris:

Allatus est praeterea quasi eodem tempore, quidam liber Louanii impressus, clarissimi uiri Damiani a Goes, equitis Lusitani de moribus Indorum Sanctissimo Pontifici Paulo III. inscriptus, in cuius fine fidele testimonium, per modum appendicis erat annexum, quomodo propter fidem Christi tuendam, ipse Archiepiscopus a patria trusus erat, in exilium, ad urbem Prussiae Gedanum (ubi praedictus Damianus eidem Archiepiscopo saepius de rebus clarissimis alias est locutus) et demum in Italia, in ciuitate Vicentina, Anno M.D.XXXVIII, ubi generale Concilium credebatur celebrandum. Hunc librum Archiepiscopus misit D. Cardinali S. Crucis, cum hac exigua supplicatione annexa.

[Epist. epigr.]

Ad D. Cardinalem Bembum

**B** LXXXVI. IOHANNES MAGNVS GOTHVS

**Cardinali Sanctae Cruci**

[Romae, 13.VII.«1541»]

Mitto Reuerendissimae Dominationi Vestrae librum de moribus Indiae, Santissimo Domino Nostro inscriptum, quem alias promisi.

Et quia in eius calce nonnihil de honestis et piis laboribus meis annexum exstat, dignetur eadem Reuerendissima Dominatio Vestra uel eo modo accepto, uel alio efficaciore, informare Sanctitatem Pontificiam ut meis grauissimis casibus citius efficaciusque consulat.

---

**B** LXXXVI. – **Ftt**: Magn 154 Magni 154 Hirsch 184 Mat 193-194

---

**B** LXXXV. – **5** lachrymis *omn.*

oportunidade, seus benefícios paternais em utilidade e decoro da Santa Igreja Romana.

Proíbem-me as lágrimas de aqui prolongar a escrita, as quais, se Vossa Senhoria Reverendíssima em conjunto com os Reverendíssimos Senhores meus Theatino e Carpense, Morone e o cardeal de Santa Cruz não enxugarem, nada me restará de que possa regozijar-me por, um dia chamado para cá, ter voltado a esta cidade.

Sem mais, uma saúde felicíssima para Vossa Reverendíssima Senhoria. Roma. Do Hospital do Espírito Santo, em 17 de Julho de 1541.

P.S. – *Por intermédio de seu irmão Olau Magno*: Chegou, sensivelmente ao mesmo tempo, um livro impresso em Lovaina, da autoria do ilustríssimo varão Damião de Góis, cavaleiro português *Acerca dos costumes dos Etíopes*[2] dedicado ao Sumo Pontífice Paulo III, em cujo fecho, a modos de apêndice, vinha anexo um testemunho fiel de como em defesa da Fé em Cristo o mesmo arcebispo expulso da pátria para o exílio na cidade prussiana de Danzig (onde então o citado Damião de Góis com ele várias vezes falou de assuntos bem importantes) e daí para Vicenza, em Itália, no ano de 1538, por aí se acreditar ir celebrar-se o Concílio Ecuménico. Este livro enviou-o o arcebispo ao senhor cardeal de Santa Cruz, juntamente com esta exígua súplica (v. a Carta seguinte, **B** LXXXVI).

[Epígrafe da Carta]

Ao senhor Cardeal Bembo.

**B** LXXXVI. JOÃO MAGNUS GOTHUS
**ao cardeal Santa Cruz**

[Roma, 13.VII.«1541»]

Envio a Vossa Reverendíssima Senhoria o livro sobre os costumes da Etiópia[1] dedicado ao Santíssimo Senhor Nosso, como aliás prometi.

E visto como, no fecho dele, algo se inclui anexo a respeito dos meus honrados e piedosos trabalhos, digne-se a mesma Senhoria Reverendíssima Vossa[2], seja do modo combinado seja de outro de mor sucesso, informar a Santidade Pontifícia a fim de que atenda mais rápida e eficazmente à minha gravíssima situação.

Et felicissime ualeat Reuerendissima Dominatio Vestra, unicum omnium calamitatum mearum refugium et releuamen.

Ex Hospitali Sancti Spiritus, XIII Iulii

[Epist. epigr.]

Iohannus Magnus Gothus Cardinali Sanctae Crucis.

**B** LXXXVII. IOANNES VASAEVS

**Damiano a Goes**

[Eborae, 18.X.1541]

Multae et graues causae hactenus me exhortatae sunt, doctiss. idemque clarissime Damiane, uti ad te litteras[1] darem, meae erga te obseruantiae testes.

Vt enim silentio praeteream tuam humanitatem, probitatem, eruditionem eximiam, editisque[2] iam libris celebrem, ceterasque[3] animi tui dotes in tam claro nobilique fastigio constitutas, quae uel ἀμουσότατον atque adamantinum plane ac ferreum possint hominem ad amorem tui pertrahere, certe beneficia tua, quibus aliquando usus sum, postulabant, ut si nihil aliud saltem gratias per litteras[4] tibi agerem, ne in crimen ingratitudinis incidisse uiderer.

Ceterum[5] uerecundia nescio quae, uiciosa sane et mihi alias frequenter inutilis obstitit, quo minus quod animo concipiebam, re ipsa praestarem. Pudebat me hominem tam tenui uel potius nulla doctrina, te uirum omnibus absolutae eruditionis numeris absolutissimum litteris[6] meis lacessere. Pudebat pro tuis olim in me beneficiis tam uili defungi munere orationis. Pudebat pro cumulatissima liberalitate inanem reponere epistolam. Atque hac quidem de causa nunquam officium meum hactenus pro eo ac debui, feci, tantisper dum Ioannes Paludanus iam olim ab ineunte studiorum nostrorum cursu mihi coniunctissimus continuis et maximis hortatibus hunc mihi pudorem discussit, et ad te ut scriberem perpulit.

Ego, mi Damiane, beneficia in me tua lubens agnosco, humanitatem tuam deosculor, uirtutes laudo, eruditionem prouecta iam aetate tot laboribus sudoribusque comparatam, admiror. Denique summa esse omnia in te et uideo et libenter confiteor. In me uero neque eruditionem, neque ingenium, neque fortunam, neque quicquam inuenio, quod tibi uenditem, quoque me tibi commendare possim. Omnia longe infra mediocritatem consistunt. At porro,

**B** LXXXVII. – **Ftt**: Gop $i_4^r$-$k^v$ Vasc 55-56 Mat 194-196

**B** LXXXVII. – **1** litteras *MAT* literis *cet.* **2** aeditisque *GOP* **3** caeterasque *omn.* **4** literas *omn.* **5** Caeterum *omn.* **6** literis *omn.*

E passe muito bem de saúde Vossa Senhoria Reverendíssima, único refúgio e conforto de todas as minhas desgraças.

Do Hospital do Espírito Santo, em 13 de Julho.

[Epígrafe da Carta]

João Magno Gothus ao cardeal de Santa Cruz.

**B** LXXXVII. JOÃO VASEU
**a Damião de Góis**

[Évora, 18.X.1541]

Muitas e ponderosas razões, doutíssimo e ilustríssimo Damião, me exortaram[1] até agora a mandar-vos carta em testemunho de meus respeitos para convosco. Não falando já na vossa bondade, probidade, erudição exímia e célebre pelos livros publicados, nem dos restantes dotes de vosso espírito em tão preclaro e nobre fastígio constituídos que são capazes de à amizade por vós constranger ainda o mais amuso homem e estruturalmente adamantino e férreo, – os benefícios de que algum dia usei, demandavam com certeza, quando não mais, ao menos uma prova epistolar de reconhecimento, não parecesse haver eu incorrido no crime de ingratidão.

De resto, não sei que timidez, viciosa por certo e a mim frequentemente inútil, me inibiu de pôr em prática aquilo que interiormente concebia. Causava-me pejo um homem de tão fraco, ou melhor, nenhum saber como eu, ir com suas cartas importunar a um varão absolutamente consumado em erudição perfeita; envergonha-me satisfazer, em tão corriqueira linguagem, por vossos favores de outrora; custava-me, enfim, à mesma liberalidade vossa corresponder com uma epístola desenxabida.

Estas realmente as causas de até hoje nunca ter cumprido, consoante o devia, a minha obrigação. No entretanto, porém, João Paludano[2], a mim afeiçoadíssimo desde o princípio, há muito já, do curso dos nossos estudos, lá sacudiu com suas admonições e gravíssimas este acanhamento meu, acabando por decidir-me a escrever-vos.

Eu, Damião, reconheço com prazer as vossas atenções, osculo a vossa bondade, louvo vossas virtudes, admiro vossa erudição em já adiantada idade conseguida a troco de tanta porfia e suor; numa palavra, não só vejo, como confesso que tudo em vós é sumo. Em mim, ao invés, não topo nem erudição nem engenho nem fortuna, nem nada que me adquira importância e valha para recomendar-me a vós: tudo anda muito aquém da mediocridade. Mas ao menos

amorem mutuum, studium, fidem, ingenue tibi profiteor. Quibus si tu contentus hunc homuncionem in gregem tuorum non dedignaberis adoptare, habebis Vasaeum, quemadmodum iam gratum et memorem, ita perpetuo tui nominis studiosissimum, et indefatigabilem laudum tuarum praeconem.

Opus tuum de Ioanne Pretioso[7] uidi, et illius lectione sum non mediocriter recreatus. Admiratus sum in eo doctam styli facilitatem, ordinis decorum, historiae fidem, argumenti illecebras. Neque hercle uideo, cui possit displicere opus tot nominibus commendabile.

Sed quid facias. Nihil unquam fuit tam ad unguem atque amussim factum, quod omnium stomacho satisfaceret. Immo[8] uero is est optimarum rerum genius, ut paucioribus placeant. At breui maiore tua gloria tandem emerget ueritas, quae premi quidem, sed opprimi nullo modo potest. Atque in eam rem sedulo incumbit Princeps noster tui et rerum tuarum, ut par est, studiosissimus.

Ceterum[9] quid ago? Iam non[10] oblitus mei ita me apud te gero, quasi aliquem inter familiares tuos locum obtineam. Ignosce quaeso, Damiane integerrime, si tua fretus humanitate ultra quam decuit, prouectus sum, et me inter clientes tibi deditissimos annumera. Vale.

Datum Eburae 15. Cal. Nouemb. Anno 1541.

[Epist. epigr.]

Clarissimo doctissimoque uiro D. Damiano a Goes Ioannes Vasaeus S.D.P.

**B** LXXXVIII. PETRVS NANNIVS
**Damiano a Goes**

[Louanii, «c. ine. XII.1541»]

Libellum tuum amplissime Damiane, eo animo accepi, ut si mihi ingens thesaurus oblatus fuisset, nec alacrior, nec hilarior esse potuissem. Sunt mihi a te alia praeclara munera, sed nequaquam pari honore[1] aestimanda, cum illa tantummodo pretii[2] magnitudine, dignitatem habeant, iste de ingenii tui praestantia uenerationem mereatur.

Admirabilis ibi ordo, singulaeque res in suas classes distributae sunt, quam rationem scribendi maxime uidetur Suetonius adamasse. Habent in tuo libro

**B** LXXXVIII. – **Ftt**: Ghisp $A^v$-$A_2^v$ Gop $T_2^r$-$T_3^r$ Angl 616-617 Bel 1236 Myl 2-4 Vasc 94-95 Mat 198-200

**B** LXXXVII. – **7** Precioso *omn.* **8** Imo *omn.* **9** Caeterum *omn.* **10** non *GOP VASC* enim *MAT*

**B** LXXXVIII. – **1** honore] ratione *M* **2** pretii] *VASC MAT*

protesto-vos sincero a minha mútua amizade, apreço e dedicação; e, se contente disso não desdenhardes de este homúnculo aceitar no grémio dos vossos, tereis Vaseu do mesmo modo que grato e penhorado, assim para sempre zelosíssimo de vosso nome e pregoeiro infatigável de vossos méritos.

Vi a obra vossa sobre o Preste João[3], com cuja leitura me recreei não pouco. Admiro nela a douta facilidade de estilo, beleza de exposição, fidelidade histórica e encantos do assunto; e não lobrigo, palavra de honra, a quem possa desprazer um livro a tantos títulos recomendável. Mas que lhe quereis? Nada jamais houve tão a gosto e propósito que se adequasse a todos os paladares; ao contrário, é sina dos belos acepipes agradar a muito poucos. Em breve porém, com vossa glória mais alta, a verdade surgirá, que decerto pode ser acabrunhada mas de forma alguma destruída. Nisso se empenha diligentemente o nosso Príncipe, interessadíssimo, como é justo, por vós e pelas vossas coisas.

Mas que faço eu que, ainda não de mim esquecido, trato convosco como supondo já um lugar no meio de vossos familiares? Perdoai por favor, integérrimo Damião, se, firmado na bondade vossa, me adiantei além do que era conveniente; e adnumerai-me entre os vossos mais dedicados amigos. Adeus.

Dada em Évora, a 18 de Outubro do ano de 1541.

[Epígrafe da Carta]

João Vaseu a Damião de Góis envia muito saudar.

**B** LXXXVIII. PEDRO NANNINCK
**a Damião de Góis**

[Lovaina, «c. inícios de Dezembro de 1541»]

O teu opúsculo, autorizadíssimo Damião, recebi-o[1] com tal disposição de espírito que, se grande tesouro ofertado se me houvera, não teria podido deixar-me de mor alegria e júbilo.

Devo-te já outros preclaros obséquios, mas de forma alguma merecedores de apreço igual: porque esses têm dignidade na grandeza tão-só de seu valor; este merece veneração, pela excelência do teu engenho.

É aí admirável a ordem, a distribuição de cada um dos assuntos por suas classes, modo de escrever que Suetónio parece haver sobremaneira amado. Vem, de facto, no teu livro, cada coisa em seu lugar próprio: aqui descrevem-se os recursos dos reinos, além as riquezas dos bispos e fidalgos; os santos da Hispânia têm o seu catálogo, e têm-no igualmente os varões eruditos; os chefes notáveis da guerra lá os puseste também em legítima evidência; lá têm as suas praças

singula suam peculiarem stationem, hic Regnorum uires, illic Episcoporum et Satraparum opes describuntur. Habent suum catalogum Sancti Hispani, habent uiri eruditi, Duces quoque bello clari in sua a te legitima acie constituti sunt. Habent merces sua fora, quas Hispania uel accipit, uel donat. Denique Antipodum munera, quae duplici ratione Hispanorum sunt, uel quod ipsi hunc orbem inuenerunt, uel quod soli inde omnia deportant, in suas apothecas a te digeruntur.

Quid multa? Nihil omittis quod ad laudem Hispaniae pertinet. Quamobrem quae olim de Hispania legebam, potius admiratione quam fide prosequebar, nunc tua auctoritate[3] efficis, ut me non amplius admirantem solum, sed et credentem habeant. Non mihi iam figmentum uidetur auro Tagum turbidum fluere, equas ex Fauonio[4] subuentaneum fetum[5] concipere, meritoque mihi fecisse uidetur Vespasianus, quod uniuersae Hispaniae ius Latii donarit, rectumque etiam iudicium Plinii existimo, qui Hispaniam censuit proximam esse Italiae laudibus. Enumerantur enim a te innumerabiles opum frugumque thesauri, ut Plutus et Ceres non alibi quam in Hispania, aut certe peculiariter sedes habere uideantur.

Obstrepunt hic quaedam uerba nouitia, sed fastidioso lectori; aequo enim aestimatori non uenia, sed laude dignus habeberis, quod res nouas uetustate incognitas nouis uocabulis, ut intelligi possint, explicueris. In apologia acrior es, sed stimulis[6] de amore patriae profectis; amabit tuum pectus quisquis pietatem amat, et patriae studium inter uirtutes adnumerat.

Librum igitur tantae utilitatis, quem tu aut Vulcano tradi, aut amicis tantummodo communicari iubebas, praelo subieci. Nefas enim putaui id intra paucorum manus contineri, quod tanto usui publice esse posset. Quod si singularum prouinciarum eodem modo uires et opes descriptae essent, magnum profecto instrumentum haberent docti ad historias condendas, quum nerui bellorum pecuniae sint, earumque inopia uel copia multiplices causas et cladium et uictoriarum adferat. Fieri non potest ut quis recte in historia uersetur, nisi utriusque partis opes et copias cognitas habeat, et lectori exponat. Qua in re utinam aliquot Latini scriptores diligentiores essent, eaque in parte Thucydidem imitarentur.

Tantum igitur mihi in rebus tuis, te inconsulto permisi, nec offensam timui ex hac mea audacia, qui quiduis in Nannio tuo et ferre et probare soles. Nec ut iniquior sis, ius habes expostulandi, si quod meum esse uoluisti, utar pro meo arbitrio.

Bene uale, ampliss. et eruditiss. Damiane.

Louanii.

[Epist. epigr.]

Clarissimo Equiti eruditione et humanitate insigni D. Damiano a Goes, Petrus Nannius S. P. D.

---

**B** LXXXVIII. – **3** authoritate *omn.* **4** fauonio *omn.* **5** foetum *omn.* **6** stimulis] stimuli *MYL*

as mercancias que a Hispânia importa e exporta; e lá finalmente se enumeram as dádivas dos antípodas, as quais por dupla razão pertencem aos hispanos: já porque descobriram esta parte do mundo, já porque só eles para os seus celeiros todas estas coisas transportaram. Em resumo: nada omites do que respeito diz à glória da Hispânia.

E por isso é que às coisas que outrora lia acerca destes reinos, e mais sublinhava com admiração do que admitia com fé, agora me obrigas, por tua autoridade, a de futuro não só as admirar, que sim também a lhes dar crédito. Já a fantasia me não soa o Tejo correr turvo de ouro, ou as éguas conceberem, de Favónio, um feto subventâneo; e parece-me, até, que com fundamento Vespasiano agiu ao conceder a toda a Hispânia o direito do Lácio, ao mesmo tempo que por recto avalio o juízo de Plínio, que entendeu ser ela muito próxima da Itália em merecimentos. Na verdade, apontas tão inumeráveis tesouros de riquezas e produtos, que se nos antoja que Pluto e Ceres não habitaram noutro lugar afora a Hispânia, ou ao menos ali de um modo particular.

Ferem aqui o ouvido algumas palavras novas, mas só a leitor enfastiado; que o observador imparcial, esse achar-te-á digno não de vénia, senão de louvor, por teres com vocábulos novos explicado, para se entender lograrem, coisas novas e desconhecidas da antiguidade. Na apologia és um tanto exaltado, mas por estímulos nascidos do teu amor à pátria. Compreenderá os teus sentimentos quem amar a piedade e entre as próprias virtudes contar com o afecto ao torrão natal.

E, nesta ordem de ideias, lá meti ao prelo o livro de tão subida utilidade, que tu mandavas deitar ao fogo ou mostrar apenas aos amigos. É que julguei realmente criminoso, reter-se entre as mãos de poucos o que de tamanha vantagem pode ser para todos. Que se de cada nação houvessem da mesma forma sido explanados os recursos e riquezas, grande instrumento decerto estaria à mão dos doutos para comporem a História, visto como os nervos das guerras são o dinheiro, e a sua carência ou abundância multíplices ensejos proporciona de derrotas e vitórias. É impossível alguém versar rectamente História, sem prévio conhecimento das riquezas e recursos de ambas as partes, o qual exponha ao leitor; e oxalá neste ponto fossem mais diligentes alguns escritores latinos, no que imitariam Tucídides.

Por tudo isto, tanto me permiti em propriedade tua, sem te consultar nem por outro lado temer desta minha audácia, porquanto costumas tudo aceitar e aprovar ao teu amigo Nânio. E nem te cabe, sem algo injusto seres, o direito de reclamar por, aquilo que quiseste fosse meu, eu o usar à minha vontade.

Adeus, mui autorizado e erudito Damião.

Lovaina, «cerca de inícios de Dezembro de 1541».

[Epígrafe da Carta]

Ao ilustríssimo cavaleiro, insigne em erudição e bondade, senhor Damião de Góis, Pedro Nanninck apresenta muitas saudações.

**B** LXXXIX. GEORGIVS COELIVS

**Damiano a Goes**

[Olisipone, 13.XII.1541]

Ex litteris[1] tuis quas proxime accepi, quibus ad meas superiores respondes, non mediocrem uoluptatem percepi, quod in iis opuscula mea nuper edita[2] suffragio tuo comprobasti.

Tantum enim tibi, atque isti clarissimae Louaniensi Academiae tribuo, ut etsi non paucae clarissimorum uirorum, atque in his Cardinalium Sadoleti et Bembi litterae[3] ad me perferantur gratulationis et laudis meae plenissimae, tamen in uestro iudicio maxime conquiescam. Enitar igitur quando ita admones, ut expectationi quam de me concitatam esse scribis, aliquando respondeam.

Quod uero certior esse cupis de Regis nostri in lucubrationes tuas iudicio, scito praeclarum extitisse, multaque honorifice cum forte adessem, de te narrata fuisse. Quae quanta cum mea uoluptate ipse audierim dicere uix possum.

Ego uero dabo operam ut commentarii rerum nostrarum qui de meliore nota in manus nostras peruenerint, ad te perferantur. Nam et ego idem saxum iamdiu uerso ut aliquid eiusmodi per me memoriae prodatur. Ceterum[4] improbe nonnulli faciunt, qui cum hinc inde eiusdem materiae numerosam supellectilem fuerint expiscati, tamen in abdito seruant, nec cum aliquo dignantur communicare.

Has litteras[5] instante Principis nostri profectione, celeriter scripsi; itaque ubi primum licuerit, longe uberiores expecta.

Vale, meque in tuis habe.

Datum Olysippone[6], Idib. Decembris. 1541

[Epist. epigr.]

Georgius Coelius clarissimo uiro Damiano a Goes S. P. D.

**B** XC. BEATVS RHENANVS

**Damiano a Goes**

[Selestadii, 21.III.1542]

Quod ad te non scripserim hactenus, potissima causa est quod Basilienses bibliopolae hac non transeunt Francofordiam adeuntes uecti Rheno secundo.

---

**B** LXXXIX. – **Ftt**: Gop $k^{v}$-$k_2^{r}$ Vasc 57 Mat 201-202
**B** XC. – **Ftt**: Gop $k_2^{r-v}$ Vasc 58 Mat 202-203

---

**B** LXXXIX. – **1** litteris *MAT* literis *cet.* **2** aedita GOP **3** literae *omn.* **4** Caeterum *omn.* **5** litteras *MAT* literas *cet.* **6** Olyssippone *omn.*

**B** LXXXIX. JORGE COELHO
**a Damião de Góis**

[Lisboa, 13.XII.1541]

Da tua carta, proximamente vinda em especial em resposta à minha última, recebi[1] não medíocre regozijo, em virtude do sufrágio com que nela honras meus opúsculos recentemente publicados. Na verdade tenho-te em tão subida nota e a esses mestres da preclara Universidade de Lovaina, que suposto não poucas missivas de mui ilustres varões se me hajam endereçado cheiíssimas de congratulações e louvor, entre elas as dos cardeais Sadoleto e Bembo, contudo é no juízo vosso que de modo especial descanso. Esforçar-me-ei, pois, visto assim me admonires, em finalmente corresponder à esperança que escreves ter sido em mim colocada.

No tocante à informação que desejas sobre o parecer do nosso Rei acerca das tuas elucubrações, fica inteirado de que foi magnífico, havendo-se, como por acaso me achasse presente, falado de muito de honroso a teu respeito. Com quanta satisfação tudo ouvi, dificilmente o posso expressar.

Cuidarei em que te sejam enviados os comentários das nossas coisas, tanto que nos cheguem felizmente às mãos; é que, na verdade, também eu desde há muito volvo o mesmo rochedo, no intuito de por minha intervenção algo deste género ser legado à posteridade. De resto, bem não agem uns quantos que, a despeito de por aqui e acolá haverem pervagado em cata de numerosos elementos sobre idêntico assunto, conservam tudo a sete chaves, sem se dignarem comunicar com ninguém.

Esta escrevi-a em aperto, eminente como está a partida de nosso Príncipe. Aguardai, pois, imediatamente se me faça ensejo, epístola com bem maior desenvolvimento.

Adeus e conta-me entre os teus amigos!

Dada em Lisboa, a 13 de Dezembro de 1541.

[Epígrafe da Carta]

Jorge Coelho ao varão ilustríssimo Damião de Góis envia muito saudar.

**B** XC. BEATO RHEINAUER
**a Damião de Góis**

[Sélestad, 21.III.1542]

Não vos escrevi[1] até hoje, e a razão número um foi que os livreiros de Basileia não passam por cá ao irem para Frankfort, embarcados como seguem Reno abaixo.

Os meus mais subidos agradecimentos por alguns opúsculos de Tertuliano, que me emprestastes, e pelos comentários sobre as façanhas dos vossos portugueses

Pro Tertulliani quibusdam opusculis commodatis[1], proque commentariis rerum in Indis per Lusitanos tuos gestarum, cum libello Pretiosi[2] Ioannis illius Aethiopum Imperatoris religionem institutaque continente, dono ad me missis maximas tibi habeo gratias. Rem dignam te suscepisti, tales historias Latine[3] uertendo, ne nos etiam ultimae gentis bella ac mores laterent.

Diu scire non potui ubinam cum uxore tua domicilium fixisses. Tandem intellexi te Louanii agere. Precor tibi tuisque omnia felicia. Vale, Damiane clarissime.

Dat. Selestadii 12. Cal. Apriles, Anno 1542.

[Epist. epigr.]

Beatus Rhenanus Damiano a Goes S. D.

**B** XCI. IOANNES IACOBVS FVGGERVS

**Damiano a Goes**

[Augustae, 8.V.1542]

Non opus erat apud me ulla excusatione, Damiane amicorum amicissime, quod parum amice te in Munsterum stomachatum esse scripseram. Id enim ex amicitia et uere sincero[1] animo, quo erga te semper hactenus fui affectus, factum esse credas uelim.

Ignorabam etenim ipsum Munsterum tam atrociter in Hispanos debacchatum esse, idque nunc etiam miror, cur ausus fuerit in illam tam uberem et praestantem occasus regionem, quam ipse nunquam uiderit, in qua nunquam peregrinatus sit, tam atrociter praeter ullam occasionem, ignorans omnium rerum, ita temere inuehi, ut interim taceam qua temeritate in euulgandis adulterinis fidei nostrae libris (ut scribis) usus est.

Vt ita re cognita te non solum excusatum, sed ipsum etiam ob insignem eius temeritatem plane odio habeam, et omnium doctissimorum uirorum acerrimo stylo perstringendum iudicem, qui non solum de iis quae non uiderit aut expertus sit ita audacter et temere in publicum proferat, sed etiam ea quae ad sacrosanctae fidei nostrae sustentationem et augmentum pertinent, adulterari non uereatur. Sed uides et ipse cognitum habes, quam peruersa aliquot annis fuerint saecula[2],

---

**B** XCI. – **Ftt**: Gop k3r-k4r Myl 51-52 Vasc 60-61 Mat 205-207

---

**B** XC. – **1** commodatis] commodato *GOP* 2 Preciosi *omn.* **3** latine *omn.*

**B** XCI. – **1** syncero *omn.* **2** secula *omn.*

na Índia, que me oferecestes simultaneamente com o livro acerca do Preste João e contendo a religião e propósitos desse ilustre imperador da Etiópia. A nobre missão vos entregastes, qual a de em latim apresentar tais histórias, para que a nós também, nos não fossem desconhecidas as lutas e costumes de longínquos povos.

Durante largo período não pude saber onde com vossa esposa haveríeis fixado morada; descobrindo, por fim, que estáveis em Lovaina.

Desejo-vos e aos vossos todas as felicidades.

Adeus, Damião ilustríssimo.

Dada em Sélestad, a 21 de Março do ano de 1542.

[Epígrafe da Carta]

Beato Rheinauer saúda Damião de Góis.

**B** XCI. JOÃO DIOGO FUGGER

**a Damião de Góis**

[Augsburgo, 8.V.1542]

Era-me desnecessária, Damião e o mais amigo dos amigos, qualquer justificação do agastamento pouco delicado que escrevi[1] haveres tido com Munster, porquanto desejo acredites que isso fiz eu pela amizade e perfeita lealdade que, até hoje, sempre me nortearam no trato contigo.

Ignorava, palavra de honra, o desconchavo com que tão rudemente achincalhou Münster aos Hispanos. Mas agora até me assombra como se atreveu, com tamanha dureza e nenhuma razão nem ciência das coisas, a investir contra essa tão fértil e prestante região ocidental, nunca vista nem jamais percorrida por ele, – e a modos temerariamente que já nem falo no arrojo que assumiu em publicar livros (ao que escreves) adulteradores da nossa Fé. De maneira que, aclarado assim o caso, não só te desculpo, senão também o odeio abertamente pelo seu insigne destempero e o reputo constringendo pela crítica severíssima de todos os varões doutos, por isso que não apenas traz a lume, com esta audácia e irreflexão, aquilo que não viu e de que não tem experiência, como outrossim não hesita em falsear o que respeita ao sustentáculo e aumento de nossa Fé sacrossanta.

Mas tu percebes e conheces quão às avessas se volveram os tempos em poucos anos, a ponto de alguns chegarem à ousadia de dizer e, mais ainda, imprensar tudo o que lhes dá na bolha. O bom Deus todo poderoso faça que em breve melhores dias surjam.

ut nedum dicere, sed et typis committere quaeuis[3] somnia nonnulli ausi sint. Deus Opt. Max. faxit ut propediem meliora sequantur.

Ceterum[4] quod ad librum Lusitanicum attinet, sedulo equidem egi cum Peutingero[5], ut mihi eius copiam faceret, idque tandem impetraui, ea tamen condicione[6] ne cuipiam ostenderem, neue rescribi quicquam curarem, quod sane pollicitus eram, eam solam ob causam ut quem tanti faciebat librum non intelectum uiderem. Vidi, et mox ut fidem dederam, ne quicquam suspicari possit, restitui.

Nosti opinor hominem, decrepitum, antiquitatis et raritatis studiosum, qui ob eam causam libro ut arbitror non intellecto delectatur, quod praeter se neminem habere credat. Agam tamen sedulo, ut si quidquam impetrandum est a sene, hunc librum eliciam, faciamque pro uiribus ut meam in hoc negotio diligentiam et sedulitatem non defuisse intelligas.

His te cum coniuge quam optime ualere cupio.

Ex Augusta, 8. Maii 1542.

[Epist. epigr.]

Ioannes Iacobus Fuggerus Damiano a Goes S. D.

**B** XCII. BEATVS RHENANVS

**Damiano a Goes**

[Selestadii, 21.V.1542]

Cui has commisi reddendas tibi, mercator est, ciuis meus, qui annis superioribus e Selestadio te ad uicum D. Nicolai in Lotharingis usque prosecutus est, uir certe bonus et iure sacrosancto mihi iunctus, quippe cuius filiam e sacro lauacro susceperim. Is quia aiebat se Louanii dies aliquot commoraturum negotiorum[1] causa, nolui eum absque litteris[2] meis istuc ire, quibus saltem me tibi commendarem, homini tam bene de me merito.

Arbitror te Louanii agere cum uxore et liberis, nisi falsa narrant qui istinc ueniunt. Precor autem tibi tuisque multam felicitatem.

Hic nunc omnia sunt in motu propter bellum Turcicum quod apparatur insolito Germanis sumptu. Deus Opt. Max. tueatur rempub. Christianam.

---

**B** XCIII. – **Ftt**: Gop $k_4^{r-v}$ Vasc 61-62 Mat 207-208

---

**B** XCI. – **3** quaeuis] quae uis *VASC* **5** Peutingero] Pentingero *GOP* **6** conditione *omn.*

**B** XCIII. – **1** negociorum *VASC MAT* **2** litteris *MAT* literis *cet.*

Agora quanto ao livro português, interessei-me em verdade junto de Peutinger[2], e com afã, para que me concedesse permissão dele, o que finalmente obtive, sob a condição porém de que a ninguém o mostraria nem cuidaria de algo transcrever. Como tal sem rodeios prometido houvesse, simplesmente com o fito de olhos pôr no livro não entendido que o homem tanto apreciava, lá o vi enfim; mas, dentro da palavra dada, logo o restitui, a fim de que nada pudesse suspeitar.

Sabes quem é o homem, suponho eu: decrépito, com gosto pelo que é antigo e raro, a causa de o deleitar um livro que não compreende, está, em minha opinião, no facto de crer que ninguém mais possui exemplar. Esforçar-me-ei contudo por, em algo havendo de se alcançar do velho, escolher este livro; não me poupando a esforços para que reconheças não me escassear diligência nem cuidado neste assunto.

Sem mais, desejo-te e a tua esposa a melhor saúde.

De Augsburgo, a 8 de Maio de 1542.

[Epígrafe da Carta]

João Diogo Fugger saúda Damião de Góis.

**B** XCII. BEATO RHEINAUER

**a Damião de Góis**

[Sélestad, 21.V.1542]

O portador desta é o mercador, meu concidadão, que anos atrás vos acompanhou desde Schlettstadt até à herdade do senhor Nicolau, na Lotaríngia; homem bom sem dúvida e a mim ligado por sagrado vínculo, porquanto sou padrinho de sua filha. Como me diz que demorará alguns dias em Lovaina por motivo de negócios, não o quero deixar partir sem uma carta que ao menos me recomende a vós, a quem tudo devo.

Julgo[1] residirdes em Lovaina com vossa esposa e filhos, a menos que sejam falsas as afirmações dos que daí vêm. Pois desejo-vos e aos vossos muita felicidade.

Aqui anda tudo em movimento por causa da guerra turca[2], que se aparelha com extraordinária despesa para os alemães. O bom Deus omnipotente defenda a Cristandade.

Estou na incerteza sobre se esta missiva vos chegará às mãos; por isso sou mais breve.

Incertus sum an hae litterae[3] ad te sint peruenturae, idcirco breuior sum. Vale, uir modis omnibus ornatissime.

Dat. Selestadii, die 21. Maii, Anno 1542.

[Epist. epigr.]

Beatus Rhenanus Damiano a Goes S.D.

**B** XCIII. GVILIELMVS ZENOCARVS AGRIPPA

**Damiano a Goes**

[Bruxellis, 12.VII.1542]

Magnifice et excellentissime D. Damiane: cum omnium excellentium et maximarum uirtutum admirationem in te conuerteris, mirari non debes me amicitiam beneuolentiamque uenerari tuam.

Ea est enim naturae uis, ea mens ratioque animi prudentis, ut quarum artium dignitatem adamamus in quibus uiris ea dignitas illustris est, eorum gratiam amoremque conciliemus. Vides etiam quanta gloria fruare, et quam omneis[1] qui in aliquo laudis ambitu uersamur, familiaritatem tuam non modo retinendam, uerum etiam acquirendam putemus, ut etsi huius mei facti rationem causamque tibi non probem, tamen ipsa satis pro se res loquatur, quamobrem ad te colendum atque amandum accesserim.

Quam meam uoluntatem illustrissimus dominus a Prato nostrorum temporum Pericles, ac D. Ioannes Stratius perpetua laudum tuarum praedicatione ita impulerunt et inflammarunt, ut in criminis loco ponerem te non salutasse. Quocirca et quoniam hoc primum deferendi studii mei tempus nactus sum, petam a te ut inter alios nominis dignitatisque tuae amatores admitti atque referri queam.

Ac ne plane hoc temere ac sine ullo militiae nostrae auctoramento facere me putes, si quid est quod in Angliam perferri uelis (quia illuc mihi ante octauum Calendas Sextileis[2] proficiscendum est) incumbam in eam curam et cogitationem ut gratissimam, et beneuolentia tua dignissimam uoluntatem meam experiaris. Vale.

Bruxellae, 4. Id. Quintileis[3]. 1542.

[Epist. epigr.]
Guilielmus Zenocarus Agrippa Damiano a Goes S.D.

---

**B** XCIII. – **Ftt**: Gop $k_4^v$-$l^r$ Vasc 62-63 Mat 310-311

---

**B** XCIII. – **3** literae *omn.*

**B** XCIII. – **1** omneis *GOP* **2** Sextileis *GOP* **3** Quintileis *GOP*

Adeus, varão distintíssimo a todos os títulos.

Dada em Schlettstadt, a 21 de Maio do ano de 1542.

[Epígrafe da Carta]

Beato Rheinauer saúda Damião de Góis.

**B** XCIII. GUILHERME ZENOCARO AGRIPA

**a Damião de Góis**

[Bruxelas, 12.VII.1542]

Magnífico e excelentíssimo senhor Damião: já que para vós converge a admiração das mais notáveis e altas qualidades, não tendes que surpreender-vos de eu[1] venerar vossa amizade e benevolência. É com efeito propriedade da natureza, sabedoria e bom senso de espírito avisado o atrair a si as graças e amizade daqueles varões nos quais é ilustre a dignidade das virtudes que amamos.

Vedes, além disso, quão grande é vossa glória e como todos os que andamos em certa roda da fama pensamos não só dever conservar-se a vossa familiaridade, senão também adquirir-se. De forma que, mau grado vos não apresente a razão e causa deste meu proceder, o próprio facto dirá por si do motivo que me conduziu ao respeito e estima por vós. E, de resto, impulsionaram tanto e entusiasmaram neste sentido a vontade minha, com a pregação contínua de vossos méritos, o esclarecidíssimo senhor de Praet[2], Péricles do nosso tempo, e bem assim o senhor João Stratius, que eu reputaria um crime não vos saudar.

Por isso e porque achei esta primeira oportunidade de vos declarar a minha afeição, suplico-vos possa eu ser admitido e contado entre outros íntimos admiradores de vosso nome e dignidade. E, pois não vades imaginar que isto fiz por absoluta temeridade e sem qualquer penhora de meu serviço, – se alguma coisa há que queirais leve para Inglaterra (porquanto no dia vinte e cinco de Julho tenho de para lá abalar), devotar-me-ei ao cuidado e pensamento de que por experiência verifiqueis da minha vontade reconhecidíssima e muito merecedora da benevolência vossa.

Adeus.

Bruxelas, 12 de Julho de 1542.

[Epígrafe da Carta]

Guilherme Zenocaro Agripa saúda Damião de Góis.

**B** XCIV. VIGLIVS ZVICHEMVS

**Georgio Hermanno**

[Bruxellis, 5.VIII.1542]

Quanquam sperabam meam istam migrationem in Inferiorem Germaniam nihil detracturam consuetudini scribendi, qua per multos annos usi fuimus, nescio tamen qui fiat, ut ab ipso statim initio diuersum experiar; nam et ego et paucissimas abs te hic litteras[1] accepi, et ipse, siue quotidianis occupationibus profectionibusque impeditus, siue quod in Germaniam Superiorem profecturum me putaram, meum quoque officium segnius me praestitisse agnosco.

Decreuerat autem Regina me Nurenbergam mittere ad Comitia quae nunc istinc[2] habentur ac iam ad iter eram paratus cum nobis hic difficillimum bellum incidit cum Rege Francorum. [...]

Ex Geldria[3] uero in Brabantiam irrupit Martinus a Rossem, Marescallus Ducatus Geldriae, cum peditibus 14.000, equitibus[4] 1.000, Regis Franciae stipendia profitentibus. Vnde huic Prouinciae grauissimus metus exortus est; ac principio Antuerpiae tanta erat[5] trepidatio ut nisi confestim Proceres aliquot[6] eo missi, equitesque ac pedites eo ingressi fuissent, de urbe omnium opulentissima in summum discrimen uenissemus. [...]

Verum hostes obuiaque quaque incendio consumentes Louanium abiere, atque ibi, cum nulla praesidia essent, quidam cum hostibus paciscendum putauere, sed restitit melior ciuium pars, scholarium adiuta auxiliis, hostilesque impetus fortiter sustinuit. Damianus tamen a Goes Portugallensis, cuius mihi olim de Dio historiam donasti, ibi captus est. Inde uero hostis castra ad Hannoniam uertit, quo in Franciam peruadens coniunctis copiis Belgicam hanc Prouinciam denuo adoriatur. Nobis autem non tam miles quam animus deficit, quanquam hactenus copias nostras[7] in unum colligere non licuit, quo grassantem incendiis rapinisque hostem cohiberemus. Nec dici sane queat quanta huic Prouinciae damna paruo tempore illata sint. [...]

Bene uale, amice carissime[8], ac me, ut soles, ama.

Bruxellae, V. Augusti MDXLII.

---

**B** XCIV. – **Ftt** : Gabb 554-557 Hoynck 152-153 Mat 211-212, ls. 15-32, 41-43

---

**B** XCIV. – **1** literas *omn.* **2** isthinc *omn.* **3** Ex Geldria uero] uero *om. HOYNCK* **4** equitibus 1.000 *GABB MAT* equitibus 7.000 *HOYNCK* **5** tanta erat trepidatio *GABB* tanta orta trepidatio *HOYNCK* **6** aliquot *HOYNCK* aliquo *GABB* **7** copias nostras in unum *GABB* copias nostras dispersas in unum *HOYNCK* **8** carissime *MAT* charissime *cet.*

**B** XCIV. VIGLIO VAN ZUICHEM
**a Jorge Hermann**

[Bruxelas, 5.VIII.1542]

Embora esperasse que essa minha[1] migração para o sul da Alemanha em nada prejudicaria os hábitos de escrita que durante muitos anos praticámos, não sei todavia como acontece que logo no início me haja sentido outro, pois não só recebi cá pouquíssimas cartas vossas, mas também eu próprio, seja porque impedido por ocupações quotidianas e saídas, seja porque julgara ir partir para o norte da Alemanha, reconheço que negligenciei igualmente o meu dever.

Devera entretanto a Rainha[2] enviar-me a Nuremberga, aos comícios que agora lá se realizam; e já estava preparado para a caminhada quando aqui nos sucedeu a dificílima guerra com o Rei de França. [...]

Da Guéldria, na verdade, irrompe sobre o Brabante Martim van Rossem, marechal do ducado gueldriano, com 14.000 peões e um milhar de cavaleiros a soldo do monarca francês. Daí se originou um medo tremendo nesta província; e em Antuérpia ao princípio a perturbação era tamanha que, se de imediato não houvessem sido enviados para lá alguns chefes e aí entrado cavaleiros e peões, teríamos chegado a um grandíssimo perigo quanto à mais rica cidade entre todas.

Mas os inimigos através de cada parte exposta consumindo Lovaina com um incêndio, afastaram-se. E então, como não houvesse quaisquer defesas, alguém foi de opinião dever estabelecer-se a paz com os atacantes; o melhor conjunto de cidadãos, porém, opôs resistência coadjuvado pelo contributo dos estudantes e susteve corajosamente os ímpetos hostis. No entanto o português Damião de Góis de quem uma vez me ofereceste a história de Diu[3], foi ali feito prisioneiro[4]. Dali o inimigo mudou o acampamento para Hanonia a fim de que, internando-se em França, reunisse tropas e de novo atacase esta província belga. A nós, porém, não nos faltam soldados, mas coragem, conquanto até agora não nos tenha sido possível agrupar as tropas e conter o ímpeto de um inimigo que se farta em incêndios e rapinas. Não se logrará realmente imaginar quão graves danos, em escasso tempo, se infligiram a esta província. [...]

Passai bem, amigo caríssimo, e mantende-me na vossa amizade, como de costume.

Bruxelas, 5 de Agosto de 1542.

**B** XCV. TIDEMANNVS GYSIVS

**Damiano a Goes**

[Lubauii, 22.X.1542]

Quum putarem iam obsoleuisse apud te mei memoriam, uir clarissime, afferuntur ecce nudius tertius litterae[1] tuae, uerum non sine faenore[2], nam significabant inter has moras patrem geminae prolis masculae te esse factum, et de rebus Aethiopicis atque Hispanicis libellus erat additus, quem iure poteras tertiam prolem appellare, non ignobilius referentem te patrem, quam[3] ad illos ex nuptiis natos liberos.

Vt uero maxime uellem post ruptum silentium faenus faenori[4] reponere, una in parte non possum, in caelibatu[5] consenescens. In altera cum non desit quo tibi respondeam, accipe libellum qui nuper mihi aliud agenti excidit, uel potius extortus est. Valebit ipse ut Damianum meum olim soporatum expergefaciat, post emittentur alia elaboratiora.

Equidem gaudeo te et familia et litterarum[6] opibus fieri in dies beatiorem. Quibus tuis commodis si accedere quicquam ex mea cura et opera potest, senties me nulla in re alia liberaliorem.

Felicem tuam amplitudiem esse et optime ualere opto.

Ex Castro meo Lubauiensi, die 22. Octo. An. 1542.

[Epist epigr.]

Tidemannus Gysius Episcopus Culmensis Damiano a Goes S.D.

**B** XCVI. SPLINTERVS AB HARGEN

**Christophoro Madruchio**

[Hagae Comitis, 3.III.1543]

Reuerendissime ac illustrissime Princeps.

Ea fuit hactenus fortunae meae iniquitas, uariorumque casuum acerbitas, ut huc redeuntem me eadem illa quartana, quae istinc inuitum abegerat, totum a reditu annum excruciarit, nihil aut minimum, uel itineris labore uel patrii soli

**B** XCV. – **Ftt**: Gop I$^{r-v}$ Vasc 63-64 Mat 212-213
**B** XCVI. – **Ftt**: M 77-78 aut. Hirsh 182-183 Mat 213-215

**B** XCV. – **1** litterae *MAT* literae *cet.* **2** foenere *omn.* **3** quam ad illos ex nuptiis natos liberos] quam illi ex nuptiis nati liberi *GOP* quam illos ex nuptiis natos liberos *MAT* **4** foenus foenori *omn.* **5** coelibatu *omn.* **6** literarum *omn.*

**B** XCV. TIDEMANO GYSIUS
**a Damião de Góis**

[Löbau, 22.X.1542]

Quando eu supunha[1], ilustríssimo varão, haver já tombado em descaso a minha memória junto de vós, eis que uma epístola me chega anteontem; e até não sem juros, porquanto anuncia que durante estas demoras vos tornaras pai de dois filhinhos varões e bem assim lançaras a obra a respeito das coisas da Etiópia e da Hispânia, à qual de direito podeis chamar terceira prole considerando-vos progenitor não mais obscuramente do que em relação aos filhos do matrimónio.

Ora, bem que quisesse, rompido que está o silêncio, retribuir juro com juro, por um lado não posso, pois sou velho e celibatário; mas como, por outro, não falta com que vos corresponder, aí vai o opúsculo que há pouco me saiu distraidamente, ou melhor, tirado à força. Ele conseguirá que o meu Damião, há muito adormecido, desperte. Depois enviarei outros, mais cuidados.

Alegro-me sinceramente por a família e os trabalhos literários vos propinarem, cada dia, mais felicidade. E, se a esses vossos cómodos é possível, de meu cuidado e interferência, algo acrescentar, sabereis que em nenhuma outra coisa estou mais à disposição.

Desejo feliz vossa distinta pessoa e de óptima saúde.

Do meu castelo de Löbau, no dia 22 de Outubro do ano de 1542.

[Epígrafe da Carta]

Tidemano Gysius, bispo de Culm, saúda Damião de Góis.

**B** XCVI. SPLINTER VAN HARGEN
**a Cristóvão Madruzzi**

[Haia, 3.III.1543]

Reverendíssimo e ilustríssimo Príncipe:

Foram tais até agora as contrariedades da minha sorte e a agrura de vários acontecimentos que aquela mesma febre quartã que contra vontade me afastara daí, me torturou desde a volta para cá, durante um ano inteiro, quer devido ao cansaço da viagem, quer à atmosfera do solo pátrio, quer à deficiente intervenção dos médicos, sem quaisquer melhoras ou mínimas apenas, até que finalmente venci a doença invencível quando já tinha consumido completamente as energias do corpo e do espírito, se é que algumas restavam.

Mais em forma após a recuperação da saúde e estando tudo preparado para eu me pôr a caminho, eis que outro súbito infortúnio[1] interfere no projecto.

aere, uel ulla medicorum ope diminuta, ferendo tandem inuictum morbum uici, cum iam corporis uires ingeniique, si quae reliquae essent, penitus absumpsisset.

Valetudine recuperata firmior, omnibus iam ad iter compositis, alio subito infortunio ab incepto reuocor.

Nam rex Galliae, solito quo bello inire solet, astu, foederum oblitus, ducis Iuliacensis opera conscriptum clam exercitum de repente in Brabantiam immisit duce Martino Rossio, Geldro[1] nobile, is agros ferro ignique depopulatus, magna abacta praeda[2], etiam urbibus nil hostile cogitantibus terrori esse coepit[3].

Inter ceteras Louanium adortus, illam sibi dedi poposcit, Louanienses rei nouitate moti, cum nec militum praesidia[4] intus haberent, nec facile urbem amplam magis quam munitam soli ciues tueri possent nec aliunde auxilia expectarent, ultro citroque fide data ad colloquium Martini Pretorem et Damianum emittunt ut pecunia ab illo paciscantur, ne exercitum urbi inferat. Dum mandata utrumque perferuntur Rossiani milites sensim muro succedunt, hunc occupaturi, inde pactis conueniant, ciues fraude animaduersa tormentis bellicis illos repellunt. Hanc repulsam aegre ferens Martinus Damianum cum Pretore secum captiuos in Galliam abduxit.

Habes, reuerendissime atque illustrissime domine, calamitatis nostrae seriem quae mihi hactenus impedimento fuit quo minus ad obsequia reuerendissimae dominationis uestrae in tempore redierim; cum solus essem qui in hac infelicitate sororem solarer, cui unicum ad me perfugium supererat, quam ita afflictam destituere impium mihi esse credebam, nihil haesitans[5] quin excusatio haec cessationis meae dominationi uestrae reuerendissimae nimis iusta ac legitima uideretur.

Ceterum[6] regis Lusitaniae intercessione, Damianum libertate restituit rex Galliae, summa aduersariorum contentione, qui iniquissimum illi redemptionis pretium[7], nempe nouem millium ducatorum, constituerant, obtiuit tamen rex Lusitaniae ut si causa cognita iure belli captus esse dicatur, mille ducatos soluat, sin minus, in integrum restituatur: quamobrem propediem illud adfuturum spero.

Ego uero deprecata prius diutinae morae uenia, rebus omissis omnibus, sub finem proximi mensis, ad reuerendissimam dominationem uestram recurram, ut diligentia, fide ac officiorum[8] sedulitate, prioris temporis iacturam compensem.

Reuerendissimam ac illustrissimam dominationem uestram Deus in prosperitate diu seruet incolumem. In Haga comitis Hollandiae, 3 martii 1543.

Reuerendissimae ac illustrissimae dominationis uestrae humillimus seruitor
Splinterus ab Hargen

[Nom. inscr.]

Reuerendissimo ac illustrissimo
Principi Episcopo Tridentino

---

**B** XCVI. – **1** geldro *omn.* **2** preda *omn.* **3** cepit *omn.* **4** presidia *omn.* **5** hesitans *omn.* **6** Caeterum *omn.* **7** precium *omn.* **8** offitiorum *omn.*

Com efeito, o Rei de França por astúcia e desprezo dos tratados, lançou de repente um exército, organizado em segredo por obra do duque de Juliers, contra o Brabante sob o comando do general Martim van Rossem, nobre da Guéldria, que despovoou a ferro e fogo os campos e levou a efeito grande pilhagem, começando também a aterrorizar cidades alheias a qualquer hostilidade.

Entre as demais, havendo atacado Lovaina, exigiu a sua rendição. Os lovanienses, perturbados com o inesperado acontecimento, não possuindo dentro guarnições de soldados nem podendo facilmente só por eles salvaguardar uma cidade mais ampla que munida; nem, por outro lado, mantendo esperança em meios de socorro, dadas as garantias de parte a parte enviam o Pretor e Damião de Góis a entenderem-se com Martinho a fim de obterem dele monetariamente o compromisso de não atacar a cidade com o exército. Enquanto decorrem as missões de ambos, soldados de Rossem sobem pela calada a muralha para a ocuparem e assim aproveitarem nos pactos. Os cidadãos, reconhecida a fraude, repelem-nos com projécteis bélicos. Martim suportando a mal esta escaramuça, levou consigo cativos para França a Damião e ao Pretor.

Aqui tendes, Reverendíssimo e Ilustríssimo Senhor, a narrativa da nossa desgraça que para mim constituiu até agora o obstáculo para retornar atempadamente aos serviços de Vossa Senhoria Reverendíssima, tanto mais que nesta infelicidade era eu só o reconforto da minha irmã, que junto de mim encontrava o único refúgio e a cuja aflição seria impiedade suma não se atender. Confio sem hesitação que esta desculpa do meu atraso vai parecer mais que justa e legítima a Vossa Senhoria Ilustríssima.

De resto, por intervenção do rei de Portugal, o monarca francês pôs Damião em liberdade, com suma contestação dos adversários que lhe marcaram um iniquíssimo preço de resgate, o de nove mil ducados, concedendo-se contudo ao Rei português que, reconhecida a causa se concluir que a captura se fez sob direito de guerra pague mil ducados, caso contrário restitua-se na íntegra a quantia, pelo que espero tal venha a acontecer em breve.

Eu, porém, solicitada antes vénia da prolongada demora, pondo de lado tudo o mais retornarei nos finais do mês próximo para junto de Vossa Senhoria Reverendíssima, esperando compensar com a fidelidade e aplicação no serviço a perda de tempo anterior.

Deus conserve em prosperidade por longos anos incólume a Vossa Reverendíssima e Ilustríssima Senhoria.

Em Haia da Holanda, a 3 de Março de 1543.

De Vossa Reverendíssima e Ilustríssima Senhoria humílimo servidor, Splinter van Hargen.

[Endereço]
Ao Rev.$^{mo}$ e Ilustr.$^{mo}$ Príncipe Bispo de Trento.

**B** XCVII. IOANNES MAGNVS GOTHVS
**Damiano a Goes**

[Romae, 21.V.1543]

Generose et magnifice Domine Damiane, frater et amice carissime[1]: iam quartus agitur annus postquam summus Pontifex me ex itinere Germanico, quod ex Venetiis[2] institueram, ad urbem Romam uocauit, praefatus se magna aliqua negotia mecum agere uelle, antequam Germaniam descenderem. Interea tamen hic nimis otiosus[3] uixeram, nec mihi, nec populo Christiano meae curae commisso utilis.

Iam enim octauum annum ago postquam ex Gedano ad Concilium Mantuanum uocatus exiui, quibus annis per Italiam iactatus, multos graues et fere intolerabiles casus sustinueram, ut fidei Christiniae ubique uacillanti, aliqua mea opera consulere possem. Et hae turbationes in causa fuerunt cur ad V. M. aut alios amicos nihil litterarum[4] dederim. Nec minus interea dolueram de aduersis casibus Mag. V. quam intellexi ad grauem captiuitatem in Franciam abductam et non pauco aere inde absolutam.

In patria mea Catholici tentauerant aliquoties Lutheranam seueritatem a suis ceruicibus excutere. Sed abdito Dei iudicio adhuc durum illud iugum sufferre coguntur. Hic uero Romae nullam aut paruam spem pacis habemus, fluxa est fere ubique Principum fides, ideo nihil boni nobis polliceri ualemus. Negliguntur diuina mandata, immo[5] contemnuntur, et blasphemantur, et non raro ab illis qui tenerentur uitam et sanguinem pro diuina lege exponere.

Ceterum[6] dignetur M. V. me suis litteris[7] instruere de rebus et bellis Aquilonaribus, ut sciam si forte in regnis illis aliqua spes emergere possit, circa restituendam Christianam religionem.

Felicissime ualeat M. V. quam et ego, Olaus Gothus qui has scripsi, sincerissime saluto, nomine etiam nostro salutetur clarissimus uir D. Splinterus, cuius litterae[8] si quamdoquidem de nouis Aquilonaribus ad dominum meum allatae fuerint, gratissimae erunt.

Romae, 21[9]. Maii, Anno 1543.

[Epist. epigr.]

Ioannes Magnus Gothus, Archiepiscopus Vpsalensis, Damiano a Goes S.D.

---

**B** XCVII. – **Ftt**: Gop $l^v$-$l_2^v$ Vasc 64-65 Mat 216-217

---

**B** XCVII. – **1** charissime *omn.* **2** Venectiis *omn.* **3** ociosus *omn.* **4** literarum *omn.* **5** imo *omn.* **6** Caeterum *omn.* **7** literis *omn.* **8** literae *omn.* **9** XXI Maii anno 1543 *MAT*

**B** XCVII. JOÃO MAGNO GOTHUS
**a Damião de Góis**

[Roma, 21.III.1543]

Generoso e magnífico senhor Damião, irmão e amigo caríssimo: anda já em quatro anos que, do itinerário germânico que havia encetado desde Veneza, me[1] chamou à cidade de Roma o Sumo Pontífice, com a afirmação prévia de que alguns grandes assuntos queria tratar comigo antes de eu ir para a Alemanha. Neste entretanto, porém, tenho aqui vivido desocupado bastante e sem utilidade nem para mim nem para o povo cristão a mim confiado.

De facto, vai para oito anos que saí de Danzig, convocado para o concílio Mantuano; durante o qual tempo, atirado através da Itália, muitos graves e quase intoleráveis acontecimentos hei suportado, para com algo do meu esforço alcançar à Cristandade atender, vacilante em toda a parte. E é nestas perturbações que a causa reside de nenhuma epístola ter mandado a Vossa Magnificência ou aos outros amigos; no entretanto, nem por isso me penalizaram menos as adversidades de V. Magnificência, que soube haver sido conduzida para grave cativeiro em França e daí libertado a troco de não pouco dinheiro[2].

No meu país, os católicos tentaram algumas vezes sacudir de seus ombros a severidade luterana; mas, por ábdito juízo de Deus, ainda forçoso lhes é sopesar esse cruel jugo. Quanto aqui a Roma, esperança nenhuma ou pouca havemos de paz. Enlanguesceu em quase todo o lado a fé dos Príncipes; e por isso nada de bom nos podemos prometer. Negligenceiam-se os mandamentos divinos, desprezam-se e blasfema-se deles até, e não raro por parte daqueles que seriam obrigados a expor o sangue e a vida pela divina Lei.

Com tudo isto, digne-se V.M. em suas cartas elucidar-me sobre as coisas e guerras lá do Aquilão, porque saiba se acaso logrará enxergar-se algum indício acerca de nesses reinos se poder restaurar a Religião Católica.

Passe optimamente V. Magnificência, a quem outrossim eu, Olau Gothus, que esta escrevo, saúdo sinceríssimo. Recados nossos também para o mui ilustre varão senhor Splinter, cujas letras, se às vezes ao meu senhor lhe chegarem com notícias do Norte, serão agradabilíssimas[3].

Roma, 21 de Maio de 1543.

[Epígrafe da Carta]
João Magno Gothus, arcebispo de Upsala, saúda Damião de Góis.

**B** XCVIII. IOANNES IACOBVS FVGERVS
**Damiano a Goes**

[Augustae, 4.XII.1543]

Quas ad me dedisti litteras[1] una cum Petri Nannii libello accepi, nec sine magna recreatione perlegi, quod ex uariorum et multorum diuersis sermonibus tandem ueritatem elicere potuerim, nec minori uoluptate tuae captiuitatis libellum lecturus sum. Immo[2] eo maiori multo desiderio, quo grauiora timui. Quare ut ad me quamprimum excusa fuerint transmittas, te magnopere rogo.

Ego uicissim quoad fieri poterit, omnem lapidem mouebo, ut Peutingeri librum acquiram, quem sane etiam non intellectum magni facit, et aestimat, quod si precibus impetrare nequiuero, conabor quouis modo emungere senem. Si denique omnis spes me fallit, unicum restabit remedium, ut differatur negotium ad mortem senis, qui iam alterum pedem in sepulcro[3] habet. Vtinam tam facile possem impetrare, quam maxime tua causa id cupio, et omnem diligentiam adhibebo.

His bene uale.

Ex Augusta, 4. Decem. 1543.

[Epist. epigr.]

Ioannes Iacobus Fugerus Damiano a Goes S.D.

**B** XCIX. GVILIELMVS BERNARTIVS TILETANVS
**Damiano a Goes**

[Louanii, 8.VIII.1544]

Quum discipulis meis, quos D. Ioannes Maeuius moderator Collegii Castrensis, uir cui liberales disciplinas prouehere unice studio est, mihi erudiendos in Dialecticis tradiderat, Rhetoricem praelegere statuissem, nobilissime et eruditissime Damiane, neque temporis breuitas in hanc artem longas institutiones pateretur, quod ex more collegiorum philosophiam profitentium tantisper unius

---

**B** XCVIII. – **Ftt**: Gop $l_2^v$ Vasc 65-66 Mat 217
**B** XCIX. – **Ftt** : Ercom A-$A_2^v$ Vasc 114-117 Allenga 398-399 Mat 219-221

---

**B** XCVIII. – **1** literas *omn.* **2** Imo *omn.* **3** sepulchro *omn.*

**B** XCVIII. JOÃO DIOGO FUGGER
**a Damião de Góis**

[Augsburgo, 4.XII.1543]

Recebi a carta que me enviaste juntamente com o opúsculo de Pedro Nanninck[1], o qual eu li de fio a pavio, e não sem grande folgança por haver ao cabo, através das diferentes palavras de muitos e diversos, logrado apreender a verdade. E com menor satisfação estou para ler o opúsculo de teu cativeiro, ou antes, com assim maior desejo quanto arreceei mais graves coisas; pelo que muito encarecidamente rogo mo endereces, logo que dado à estampa[2].

Eu, por meu turno, envidarei, dentro das possibilidades, todos os meus esforços para adquirir o livro que Peutinger na verdade tanto estima e aprecia, mau grado aquém de o compreender. Se entrementes o não alcançar com rogos, tratarei de por qualquer forma chupar o velhote; no caso, enfim, de toda a esperança me falhar, o único remédio será delongar o assunto até à morte do homem, que já está com um dos pés na cova.

Oxalá tão facilmente o consiga obter, quanto, em atenção a ti, imensamente o desejo. E não me pouparei a trabalho.

Sem mais, passa bem!

De Augsburgo, a 4 de Dezembro de 1543.

[Epígrafe da Carta]

João Diogo Fugger saúda Damião de Góis.

**B** XCIX. GUILHERME BERNARTIUS TILETANUS
**a Damião de Góis**

[Lovaina, 8.VIII.1544]

Como tivesse resolvido ensinar Retórica aos meus alunos que D. João Mévio, director do Colégio Castrense, varão cuja preocupação está, de forma excepcional, em fazer avançar as disciplinas liberais, me confiara para os instruir nas Dialécticas, nobilíssimo e eruditíssimo Damião, e a brevidade do tempo não suportaria longas complementações a esta arte porquanto, segundo o costume dos colégios que ensinam filosofia à juventude que se destina aos estudos filosóficos é entregue durante o tempo todo aos cuidados de um único mestre, reflecti[1] diligentemente, tanto mais que ela é tida como apropriada aos rudimentos da Dialéctica sob o critério daquele colocados junto da nunca assaz louvada doutrina de Aristóteles na filosofia, o qual entre todos os autores cujas preceptivas de Retórica existem poderia convir a este nosso plano.

curae magistri tantum[1] committatur iuuentus, quae philosophico studio destinata est, quoad Dialectices rudimentis sub eo depositis ad Aristotelis nunquam satis laudatam in philosophia doctrinam idonea esse iudicatur, circumspexi diligenter, quis ex omnibus scriptoribus, quorum de Rhetorica praeceptiones extant, potissimum huic nostro instituto accommodus esse posset.

Occurrebant Cicero, Fabius Quintilianus, et his ipsis Aristoteles antiquior, Hermogenes, Trapezuntius, et item alii, qui ut erudite de Rhetorica, ita difficilius et prolixius scripserunt, quam ut rudibus proponi debeant. Nec ignorabam hoc nostro felicissimo saeculo[2] eximiae et celebris eruditionis uiros, libellos edidisse, quibus hanc artem dilucide neque id tamen prolixe complexi sunt. Et certe (quod ingenue fatendum est) tales sunt horum libri, ut non alii, quod ad liberales artes pertinet, scholis, in quibus tenera aetas eruditur, essent accommodatiores, ni parum commodis exemplis omnia scripta sua, quibus artes bonas optime tradunt, refersissent. Quo studio quantam rei litterariae iacturam intulerint, multorum studiosorum querelae abunde testantur.

Cum itaque nec hi ob exemplo nostro proposito, alioqui haud pessime seruituri, neque illi, quod grauius prolixiusque quam pro rudimentis scripsissent, satis idonei uisi sunt ad id quod institueramus, animus enim erat[3] discipulis nostris quam potuit fieri breuissime, si non aliud, gustum saltem Rhetorices dare, commodi alicuius libelli penuria in totum iam a Rhetorica lectione animum meum auerterat, et sic perspiciebam, quam ex re nostrae iuuentutis esset hanc artem cum Dialecticis coniungere, donec Rutgerus Rescius, praeter singularem in tanta eruditione modestiam et ingenii dexteritatem uir humanissimus, in Museum[4] suum inductis nobis post multas doctorum et illustrium uirorum ad te nondum typis excusas epistolas, quas mihi benigne spectandas exhibuit, tandem magni illius[5] Erasmi manu descriptum librum protulisset, in quo praeter uarias ipsius ad te litteras[6], tabulae quoque in artem Rhetoricam inerant, in tuum unius usum olim ab eodem conscriptae. Quarum capitibus obiter perlectis, cum eam uiderem[7] breuitatem, cui miram adderet lucem tractationis ordo, tanquam thesauro reperto gestiens, incipio protinus ad editionem Rescium hortari, ac indignum esse dicere, tam utilem et tanti auctoris[8] libellum cum maximo studiosorum incommodo, hoc praesertim tempore, quo nulla Rhetorices methodus scholis apta satis extat, quae tuto praelegi possit, diutius premi.

Quare moneo det operam, nisi τῶν ἐπιστημῶν ἐλευθερίων candidatis iniquior uideri uelit, id abs te impetret, ut libellus cum bona tua gratia in communem studiosorum utilitatem excudatur, inquit ille haud aegre abs te id impetrari posse, si satis animi tui propensionem ad honesta studia iuuanda et propaganda nouit, ut, qui eruditissimus ipse, hoc tuum erga bonas disciplinas studium editis tot libris abunde declarasti. Ceterum[9] Erasmi quandam epistolam obstare, qua huiusmodi schaedas suas edi uetuit. Scribit enim non posse, nisi

---

**B** XCIX. – **1** tantum] tamen *VASC* **2** seculo *omn.* **3** erat *om. VASC* **4** musaeum **5** illius *om. VASC* **6** literas *omn.* **7** uiderem] uideram *VASC* **8** authoris *omn.* **9** Caeterum *omn.*

Ocorriam-me Cícero, Fábio Quintiliano, o anterior a estes Aristóteles, Hermógenes, Trebizonda[2] e outros do género que, assim como eruditamente escreveram sobre a Retórica, de igual modo o fizeram com maior dificuldade e prolixidade do que a suportável para os estudantes. E não ignorava neste nosso felicíssimo século varões de exímia e renovada erudição haverem editado obras em que explicaram esta arte dilucidamente e nem por isso foram prolixos. São, na verdade (o que sinceramente deve confessar-se), os livros destes para não citar outros, quanto às artes liberais respeita, que seriam mais acomodados às escolas em que se instrui a tenra idade, se não atulhassem de mui pouco apropriados exemplos todos os escritos em que nos transmitem as boas artes. Quanto prejuízo advém desta prática para a arte literária, com suficiência o atestam as queixas de muitos estudiosos.

Como afinal nem estes, em virtude do exemplo nosso proposto, aliás capazes de servirem não muito mal, nem aqueles por haverem escrito mais pesada e profusamente do que na proporção da aprendizagem, pareceram bastante idóneos para aquilo que planeáramos, a nossa intenção de facto era dar aos nossos alunos com a maior brevidade possível, se não outro, pelo menos o gosto da Retórica, pois a falta de alguma obra acomodada havia já arredado totalmente o meu espírito de tal ensino; e assim me apercebia de quanto efectivamente interessava à nossa juventude relacionar esta arte com a Dialéctica, até ao momento em que Rogério Réscio, varão humaníssimo que a tão grande erudição alia singular modéstia e agilidade de engenho, conduzindo-nos à sua biblioteca, depois de muitas cartas para vós de doutos e ilustres varões ainda não publicadas que ali condescendentemente me mostrou aguardando os prelos, por fim me pôs diante dos olhos um manuscrito desse grande Erasmo, no qual além de vária correspondência a vós endereçada, se continham também umas tábuas sobre a arte retórica, tempos atrás redigidas pelo mesmo para vosso uso particular. Percorridos por alto os seus capítulos, ao presenciar aquela brevidade a que a ordem de abordagem acrescentava uma clareza admirável, começo logo, empunhando como que um tesouro encontrado, a exortar Réscio à edição; e é vergonhoso dizê-lo, um escrito tão útil e de um autor de tal monta achar-se «enterrado» mais tempo, com altíssimo dano para os estudiosos, sobretudo nos nossos dias em que nenhum método de Retórica que possa em segurança leccionar-se se encontra suficientemente apto para as escolas.

Em consequência aconselho-o a pôr isso por obra, a não ser que queira parecer um tanto iníquo aos candidatos *às artes liberais*; e a conseguir de vós que o escrito seja impresso, com as vossas boas graças, em prol da utilidade geral dos estudiosos. Diz ele não ser difícil poderdes autorizar, se é que conhece a vossa acentuada propensão para ajudar e propagar os honestos estudos como, eruditíssimo que sois, o mostra a dedicação que votais às humanidades que, através de tantos livros publicados, muita vez declarastes. É certo que uma carta de Erasmo faz obstáculo, ao proibir a publicação de tais folhas. Aí se lê que tão-só com grande desonra do seu nome escritos daquele género podiam ser divulgados, de sorte que se alguém fora seu capital inimigo não lograria agir mais inamigavelmente.

cum magno nominis sui dedecore id genus scripta euulgari, adeo ut si quis[10] inimicus sit capitalis non possit facere inimicius.

Ego uero, clarissime uir, sic sentio, tantum cuique gloriae[11] dedecorisque ex libris in uulgus edendis comparari, quanta utilitas illa fuerit, quae hinc paritur honestarum artium studiosis atque adeo omnem nominis splendorem in euulgandis lucubrationibus τῇ κοινῇ ὠφελείᾳ metiendum. Non uideo proinde quo Erasmici nominis dedecore hae tabulae in lucem exirent[12] cum πᾶσι τῆς ῥητοριχῆς σπουδαίοις ex aequo sint profutura. Nam rudibus fidelis diligen-tisque praeceptoris opera adiutis quantam utilitatem afferent, non dicam. Reliquis certe, qui utcumque iam ex longis et prolixis praeceptionibus hanc artem didicere, nullus opinor non fatebitur esse utiles, nisi fortasse non intelligit quanti referat artis alicuius summa capita ex immensa praeceptionum multitudine tanquam in tabula descripta esse ei, qui prompte studeret eam memoria complecti. At quod uere liceat dicere ridiculum foret[13] existimare uulgo studiosorum id utile non esse, quod tantus uir tibi iam tum humanioribus litteras[14] ita perpolito, ut accepimus, profuturum iudicabat.

Ne igitur id commodi quicquid est (est enim non exiguum), publice diutius desideretur, curauimus Rescio benigne adiuuante, quod magni illius Erasmi pace tuoque permissu fiat, has tabulas in communem omnium utilitatem formulis excudi, ut quae priuatis tuis studiis hactenus fuerant dedicatae, nunc omnium studiis publice consecrentur[15]. Quod cum omnibus bono commodoque futurum sit hoc tam ingenti beneficio quicunque Rhetorices cognitionem expetunt meritissimo in perpetumm tibi astrictos habebis. Vale.

Louanii, ex Collegio Castrensi, Anno 1544, sexto id. August.

[Epist. epigr.]

Clarissimo eruditissimoque uiro Damiano a Goes Equiti Lusitano Guilielmus Bernartius Tiletanus S. P. D.

**B** C. PETRVS BEMBVS

**Damiano a Goes**

[Romae, 3.X.1546]

Te a Rege tuo e Gallia reuocatum cum uxore liberisque Olysipponem reuertisse plane gaudeo, tuaque ista post tot annos domum reditione nihil puto tibi fuisse

---

**B** C. – **Ftt**: Be 395-396 Bem 741-742 Bembi 57-59 Vasc 66-67 Mat 226-228

---

**B** XCIX. – **10** quis] quid *omn.* **11** gloriae] gloria *VASC* **12** exirent] exiret *VASC* **13** foret] fore *VASC* **14** literas *omn.* **15** consecrentur *ERCOM ALLENGA MAT* consecremus *VASC*

Eu, porém, varão ilustríssimo, o que sinto é que tanta glória ou desonra em dar livros à estampa advém para cada um consoante a utilidade que deles surge para os estudiosos das honestas artes e, o que é mais, que todo o lustre do nome na divulgação dos trabalhos deve medir-se pelo interesse comum. Não vejo, portanto, com que desconsideração da aura de Erasmo estas tábuas sairiam à luz, atendendo a que vão aproveitar em igualdade de circunstâncias a todos os interessados pela Retórica. Com efeito, imagino quão notório proveito trarão aos jovens adestrados pela obra de um preceptor fiel e diligente. Para os restantes, que de qualquer forma aprenderam esta arte a partir de longas e prolixas preceptivas, todos decerto confessarão, opino eu, serem também úteis, excepto se porventura não entenderam quanto importa os capítulos maiores de alguma arte, entre a imensa multidão de doutrinações, serem resumidos numa tábua para aquele que se prontificasse a memorizá-la. Mas o que será bem oportuno dizer é que deviria ridículo avaliar como ridículo para o geral dos estudioso aquilo que tão conceituado varão julgava, segundo ouvimos contar, ir aproveitar-vos, homem que já éreis então tão adentrado nas letras clássicas.

Para que por conseguinte, este contributo, qualquer que ele seja (e não é pequeno) não falte publicamente por mais tempo, procurámos com benigna intervenção de Réscio, sem ofensa do ilustre Erasmo e mediante permissão vossa, dar à imprensa estas tábuas para geral utilidade, a fim de prover assim os estudos de todos daquilo que até agora fora apenas destinado aos vossos. Acabando de constituir para todos uma ocasião de benefício e de comodidade, por mor de tão urgente presentificação quaisquer que da Retórica aspiram ao conhecimento, tê-los-eis para sempre reconhecidos, com justíssima razão. Adeus!

Lovaina, do Colégio Castrense, no ano de 1544, a 6 de Agosto.

[Epígrafe da «Carta»]

Ao ilustríssimo e eruditíssimo varão Damião de Góis, cavaleiro português, Guilherme Bernartius Tiletanus apresenta muitas saudações.

## **B** C. PEDRO BEMBO **a Damião de Góis**

[Roma, 3.X.1546]

Deveras folgo[1] por, a chamamento de vosso Rei, terdes da Bélgica regressado a Lisboa com a esposa e filhos; e julgo que coisa alguma vos houvera causado mor aprazimento do que este retorno aos pátrios lares, dobrados tantos anos. Com efeito, nada absolutamente de mais louvável era possível acontecer.

iucundius. Laudabilius quidem fieri profecto nihil potuit. Quid enim potest homo prudens qui multa uiderit, multum terrarum obierit, multas fortunae uarietates temporumque uicissitudines sit expertus agere melius quam domesticis rebus et familia constituta sua in patria una cum suis ciuibus pacate atque honeste uitam ducere, praesertim optimarum artium studiis et doctrina praeditus et scribendis rerum pulcherrimarum commentariis assuetus non sine dignitate? Vnus quippe dies ita confectus anno tibi erit aliter peracto dulcior.

Itaque pergratum mihi fecisti, quod ea ut scirem uolueris. Nam te quas scribis dedisse antea plures ad me litteras[1], earum unae tantum meas ad manus peruenerunt plenae tuarum molestiarum quibus quidem mederi non poteram, tam longo abs te locorum diuisus spatio, tam incertus qui essent qui te captiuum fecerant. Sed acta ne agamus: ego, mehercule, de tuo reditu ad tuos tibi quidem ualde gratulor optoque ut et Regis tui, optimi et religiosissimi omnium hominum principis, liberalitas et tua excellens uirtus breui tuos tibi labores et aerumnas resarciant.

Resendii tui poetae illustris hexametri quos accepi una cum suis litteris[2] maiorem in modum me delectauerunt: sunt enim et probi et perelegantes et mirifica cum ipsius in me beneuolentiae commemoratione suauitateque conscripti. Ei tu magnas ages gratias meis uerbis meque illi omnia debere significabis qui tam profuse cum me amet, tum de me tam honorifice et loquatur et sentiat. Eum carminibus remunerari non sum ausus. Quis est enim hoc tempore a musis me uno alienior? Et quidem haec dies aliam uitam alios mores postulat, ut te non fugit. Retinebo autem eorum carminum uerba singula meo in animo inscripta uel insculpta potius, quoad mihi uita suppeditauit.

Quod mihi eum commendas qui mihi tuas litteras[3] reddidit, est omnino gratum[4]: uisus est enim mihi aspectu ipso et facie eiusmodi esse ut scribis, homo scilicet amabilis et ingenio perliberali. Dixi illi si quid possem mea opera uteretur, ei me tua causa non defuturum: utque uteretur ambitiose etiam ab eo petii.

Iacobus Sadoletus Cardinalis legit tuas ad me litteras[5] tibique gratulatur et multam salutem dicit. Vale.

V. Non. Octobris, 1546. Romae.

[Epist. epigr.]

Petrus Bembus Damiano a Goes Lusitano S. P. D.

---

**B** CI. – **Ftt**: Mod 161-164, aut. Mat 228-229 And 159-164

---

**B** C. – **1**. Literas *omn.* **2** literis *omn.* **3** literas *omn.* **4** gratum] gratus *VASC* omino gratum *MAT* **5** literas *omn.*

Pois que de melhor pode obrar um homem prudente que bastas coisas viu, por numerosas terras peregrinou, muitas variedades da fortuna experimentou e vicissitudes dos tempos, do que, com seus haveres e seu lar constituído, viver na sua pátria, junto dos cidadãos, uma vida pacata e honesta, máxime quando é dotado de ciência, e zelo das virtudes, e acostumado a escrever, não sem dignidade, comentários sobre belíssimas matérias? Sem dúvida, um único dia passado desta maneira ser-vos-á mais doce do que um ano gasto doutra forma.

Destes-me, por conseguinte, muita alegria em quererdes-me disto sabedor, ainda porque, das cartas várias que escreveis ter mandado anteriormente, apenas uma me chegou às mãos, repleta de vossos embaraços, aos quais em verdade eu não podia acudir, separado como era por tão longa distância e tão incerto sobre quem teriam sido os que vos haviam feito cativo.

Mas não falemos do passado. Com toda a franqueza: os meus mui sinceros parabéns pelo regresso, mais os desejos de que a liberalidade de vosso Rei, príncipe da maior bondade e religiosidade entre todos os homens, e bem assim a vossa excelente virtude vos ressarçam em breve dos trabalhos e revezes.

Recebi os hexâmetros do vosso Resende, poeta esclarecido, acompanhados de uma carta sua e que me deliciaram sobremaneira: são realmente de bom quilate, muito elegantes, e elaborados de envolta com a mirífica memoração e suavidade da sua benevolência para comigo. Apresentar-lhe-eis, em meu nome, rendidos agradecimentos; exprimindo-lhe outrossim que tudo lhe fico devendo, a ele que não só me dedica tão generosa amizade, mas além disso fala e sente de mim com tal honorificência.

Não me atrevi a mandar-lhe poesia em retribuição. De facto, quem neste tempo andará mais alheio a musas do que eu mesmo? E depois, não o ignoro, estes dias exigem outra vida e outros cuidados. Guardarei, no entanto, inscrita ou melhor, insculpida em meu coração cada palavra destes versos, durante toda a minha existência.

Quanto à recomendação que, do portador[2] de vossa carta para mim, me fazeis, – é-me ele simplesmente agradável. Pareceu-me, com efeito, pelo próprio exterior e fisionomia, tal qual escrevestes, isto é, uma pessoa amável e de espírito muito distinto. Disse-lhe que, a alguma coisa eu poder, dos meus préstimos usasse, porquanto em atenção a vós lhe não faltaria. Mais lhe até roguei se deles servisse com empenho.

O cardeal Sadoleto, que leu vossa carta, felicita-vos e deseja-vos muita saúde.

Adeus.

Roma, 3 de Outubro de 1546.

[Epígrafe da Carta]

Pedro Bembo ao português Damião de Góis envia muito saudar.

**B** CI. DIDACVS PYRRHVS

**Paulo Iouio**

[Ferrariae, mense Martio, 1547]

Perlegi[1], Ioui doctissime, ea elogia quae in insignium superioris aetatis uirorum imaginibus non minus scite quam apposite inscripsisti, nec dici potest maiore id uoluptate an admiratione fecerim. [...]

Venio ad elogia tua, opus sane quantum ego iudico tibi nominis immortalitatem pariturum, in quo cum omnia mihi placeant, sunt tamen nonnulla in quibus iudicium, doctrinam et modestiam tuam subrequirere mihi uideor. [...]

Sed haec quoquo modo ferri possunt. Illud uero uix tolerabile quod nullae in tuo ad Larium[2] Museo[3] Lusitanorum imagines conspiciantur, cum tamen ea regio fortissimorum uirorum altrix nunquam tamen ingeniorum laude caruerit, uel patrum aetate qua Hermicus, Teixira, Pacchiecus uiri apprime eruditi floruere, supersuntque hodie uiri laude ingenti digni quorum olim memoriam celebrabit posteritas.

In iis sunt Rhesendius poeta, historicus clarissimus Pinarius Portodemaeus, Coelius, Cardosius, Antonius Aloisius, omnes litterarum[4] monumentis illustres. Nam Damianus a Goes, quamuis nec ipse a musis abhorreat, magis tamen si per foedifragos Gallos licuisset, inter nostri temporis Maecenates reponendus erat. Et nunc uir ille, ut audio, Belgis relictis, quo se e Gallica custodia liberatus contulerat, ad Lusitanos suos se recepit, animo opinor in Indiam nauigandi, certissimum apud nos et speciosissimum miserorum refugium.

Sed quam Lusitanis in litteris[5] laudem denegare uideris obsecro ut in armis exercendis accu[6] meo latissime assignes. Nec enim dubito quin historiam mundi dicere aggressus, magnam Lusitanorum rationem sis habiturus. [...]

Sed[7] ego ineptus qui uerbosissima ineptaque epistola litterarii[8] otii tui horas interrumpo. Dabis autem ueniam quae tua erit humanitas, simulque, si per otium licebit, rescribe. Vale.

Ferrariae, Martii[9] mense, 1547

[Epist. epigr.]

Didacus Pyrrhus Paulo Iouio S.

---

**B** CI. – **1** Venio… uideor *om. MAT* **2** Larium *MOD MAT om. AND* **3** musaeo *omn.* **4** literarum *omn.* **5** literis *omn.* **6** accu meo] acerrimis *AND* **7** Sed… rescribe *om. MAT* **8** literarii *omn.* **9** Martii] Iunii *MAT* Februarii *AND*

**B** CI. DIOGO PIRES
**a Paulo Giovio**

[Ferrara, Março de 1547]

Percorri, Giovio[1] doutíssimo, esses elogios que nos retratos de varões insignes dos tempos passados não menos sábia que apropriadamente inscrevestes, e não pode dizer-se se o fiz com maior prazer ou admiração. […]

Regresso aos vossos elogios, obra que sem dúvida, quanto julgo, vos granjeará imortalidade do nome, na qual, embora tudo me agrade, há todavia algo em que me parece que o critério, a cultura e a moderação baixaram na pesquisa. […]

Isto, porém, de qualquer modo suporta-se. Mas dificilmente tolerável é o facto de, na vossa biblioteca, em Lário, nenhumas figuras se vejam de portugueses, quando afinal esse país, criador de varões de alta estirpe, jamais careceu do lustre de pessoas de talento, mesmo na época dos meus pais, em que Henrique[2], Teixeira e Pacheco, homens finamente eruditos floresceram; e não faltam hoje varões dignos do maior louvor cuja memória a posteridade um dia celebrará. Entre eles, contam-se o poeta Resende, o mui notável historiador Pinheiro, de Porto de Mós; Coelho, Cardoso, António Luís, todos notáveis por obras literárias. Quanto a Damião de Góis, se bem que as musas lhe não desagradem, todavia se lho tivessem permitido os franceses violadores de alianças, antes devera ser colocado entre os mecenas da nossa época. E agora esse varão, conforme ouço dizer, deixada a Bélgica para onde se dirigia após a libertação do cativeiro em França, retornou para junto dos seus compatrícios portugueses, com intenção, opino eu, de pôr-se de barco para a Índia, entre nós o mais certo e efectivo refúgio dos desventurados.

Não obstante, o encómio que pareceis denegar aos portugueses, suplico-vos que, sob minha responsabilidade o assinaleis com o mais destacado acento no exercício das armas. Efectivamente, nem duvido de que, ao empreenderdes escrever a história do mundo, ireis prestar aos portugueses especial atenção. […]

Mas não passo aqui de um inepto que, com carta acentuadamente palavrosa e enfadonha, interrompe as horas do vosso ócio literário. Perdoareis, no entanto, por vossa bondade; e se o tal ócio o permitir, respondei-me também. Adeus!

Ferrara, Março de 1547.

[Epígrafe da Carta]

Diogo Pires saúda Paulo Giovio.

**B** CII. SEBASTIANVS MVNSTERVS

**Carolo V.º Imperatori**

[Basileae, 25.III.1550]

Tametsi[1] a multis Historiarum amatoribus, inuictissime Imperator, hoc opus nostrum expectatur, [...] reuocarunt tamen ab instituto multa, potissimum autem quod uiuentium res non satis tute publicantur. Nam si gloriae aliquid dederis, adulationis nota est; si contra, uitio uerteris reprehendenda. [...]

Nec moueor si a Damiano aut alio rigido et iniquo censore mihi obiiciatur exprobreturque rem me peruetustissimam et a multis auctoribus[2] antea pertractatam, etiam non aliis quam eorum uerbis, nunc pro meo proque nouo aliquo attulisse, aut quod multa scripserim de externis regnis remotissimisque terris et de repertis in eis, quae ipse non uiderim aut peruestigauerim. «Edat (inquit Goianus) Munsterus, dum mores gentium scribere conatur, ea tantum quae ipse uiderit et certissima habuerit. Mutantur quotidie ciuitates oppida, mores uiuendique hominum rationes, nec iam Germania Galliaque tales sunt quales nobis a Caesare describuntur, nec tam barbarae sunt».

Haec Damianus putat me ignorasse, qui etiam longe antequam admonitionem eius legissem, de ueterum et recentium nationum moribus, post multos alios scriptores nonnihil euulgaui. Quanto rectius faceret Damianus si posita simultate nostrum potius iuuaret institutum suppeditaretque quae certa habet de regno Lusitaniae et de nauigationibus Indicis, potissimum quae his posterioribus temporibus fiunt in Oriente[3].

Fieri non potest ut unus omnia terreni orbis peragret et uideat loca, nec hominis aetas hodie ut olim ad mille extenditur annos, ut aliquis suo ingenio describere queat et priscorum hominum atque iam existentium mores, facta et uitam. Iuuamur ergo ueterum relictis monumentis, iuuamur et illorum beneficiis qui nostro aeuo diuersas adierunt terras experientiaque dedicerunt quae mihi et multis aliis uidere non contigit. Credimus quoque Damiano in hiis quae de moribus Indianorum sub Preto Iohanne agentium scripsit, in quorum tamen regionem nunquam uenit nec aliquando uenturus est. Plinius, Strabo, Ptolomaeus, Diodorus Siculus, Quintus Curtius, Aeneas Syluius, Iohannes Bohemus etc[4]. multa scripserunt quae non uiderunt, sed a uiris fide dignis receperunt. [...]

Sic ego multa describo quae ipse non uidi, sed aliorum refero experientias, etiamsi me non lateat difficilimum esse prouincias externas describere quando

---

**B** CII. – **Ftt**: Munst a $_{2}^{r}$-$_{6}^{r}$ Munst b $_{2}^{r}$-$_{6}^{r}$ Munster c $_{2}^{r}$-$_{6}^{r}$ Munst d $_{2}^{r}$-$_{6}^{r}$ Mat 233-235

---

**B** CII. – **1** Tametsi… reprehendenda *om. MAT* **2** autoribus *omn.* **3** in Oriente] in Orientem *MUN MUNS* **4** etc. *MU MUN MUNS MUNST MAT*

**B** CII. SEBASTIÃO MÜNSTER
**ao Imperador Carlo V**

[Basileia, 25.III.1550]

Embora por numerosos apaixonados da História, invictíssimo Imperador, esta nossa obra seja aguardada […] muitos óbices, no entanto, me[1] afastaram da meta, sobretudo porque a publicação de factos em vida das pessoas não é bastante segura. É que se alguma glória se atribui, toma-se como adulação; se algo se condena, como má vontade. […]

E não me importa se Damião[2] ou outro rígido e injusto censor me acusa e repreende por haver eu tratado, agora através de palavras minhas e de algumas novas palavras, matérias vetustíssimas que anteriormente muitos autores referenciaram, nem sequer por outras mas por palavras daqueles; ou por eu haver escrito acerca de reinos exóticos e terras remotíssimas, assim como do que nelas fora achado, coisas que em pessoa não vi nem investiguei.

«Publique Münster (diz Góis), quando se lança a escrever os costumes dos povos, apenas aquilo que tenha visto e de que possua notória certeza. Mudam-se todos os dias as cidades, as fortalezas, os hábitos e modos de vida dos homens; e a própria Alemanha e França já não são aquelas que César descreveu nem tão bárbaras».

Damião julga que ignora isso quem, mesmo muito antes de ter lido a sua admonição, algo deu já à estampa acerca dos costumes de velhas e recentes nações depois de muitos outros escritores. Quanto mais correctamente Damião procederia se, posta de lado a contestação, antes ajudasse o nosso empreendimento e fornecesse dados que tem como certos a respeito do reino português e das navegações índicas, mormente aquilo que, nestes volvidos anos, acontece no Oriente.

Não é possível uma só pessoa percorrer e observar todas as regiões do mundo, nem a idade humana se estende, como antigamente, por um milhar de anos, de modo a que alguém alcance, com seus talentos, descrever os costumes, os factos e a vida dos povos primitivos e dos já passados. Servem-nos de auxílio os velhos monumentos abandonados e bem assim os contributos daqueles que na nossa época chegaram a diversas paragens e aprenderam por experiência quanto a mim e a inúmeros outros não sucedeu presenciar. Nós também acreditamos em Damião quanto ao que escreveu sobre os costumes dos etíopes que sob o Preste João vivem, mas a cuja região ele nunca foi nem alguma vez irá. Plínio, Estrabão, Ptolomeu, Diodoro Sículo, Quinto Cúrcio, Eneias Sílvio, João Boemo, etc., escreveram sobre muita coisa que não viram mas receberam de varões fidedignos. […]

Assim eu registo muitos elementos não vistos, no entanto referindo as experiências alheias, conquanto não me escape a grande dificuldade em descrever

et auctores[5] ipsi, quos imitari opportet, non solum uarii, uerum etiam inter se contrarii ac magnopere dissentientes inueniuntur. [...]

His me commendo tuae Caesareae Maiestati.

Basileae, ab incarnato Filio Dei, MDL, mense Martio.

[Epist. epigr.]

Inuictissimo Imperatori Caesareae Carolo huius nominis Quinto, Pio, Felici, Augusto ac rerum gestarum magnitudine Incomparabili, Sebastianus Munsterus S.D.

**B** CIII. SEBASTIANVS MVNSTERVS

**ad Lectorem**

[Basileae, mense Martio, 1550]

Descripsimus tibi hactenus, amice lector, totius orbis gentes, et nationes, earum studia, sectas, mores, consuetudines, leges, religiones, ritus, regna, principatus, mercimonia, antiquitates, terras, terrae nascentia, animalia, montes, fluuios, maria, stagna, locus et alia huiusmodi quae ab Historiographis et Cosmographis passim sunt celebrata, et potissimum quae potuerunt aliqua sui excellentia et dignitate ad cognitionem nostram peruenire. [...]

Fateor permultas adhuc esse in latissimo orbe res, quae a me aut praetergressae sunt aut parcius attrectatae, quum de illis scribere plura non potuerim quam quae scriptores in manum tradiderunt. Damiano tamen Lusitano prohibente, neque ista fuerant promulganda, quantum libet a magnis uiris prodita, nisi ipse inuisissem prouincias et terras.

At cum ipse descripserit Indorum mores, caeremonias[1] et consuetudines ut a Legatis Praeti[2] Iohannis qui ex Aethiopia in Lusitaniam missi fuerant ad illius regni Sereniss. Regem, accepit easque in mundum sparsit, permittat et mihi cum Strabone, Pomponio, Plinio, Curtio, Iustino etc.[3], et cum multis recentioribus scriptoribus referre quae ego non uidi, sed a uiris illis fide dignis desumpsi. [...]

[*Cosmographiae* conclusio]
Munsterus ad Lectorem

---

**B** CIII. – **Ftt**: Mu Mun Muns Munst 1163 Mat 236-237

---

**B** CII. – **5** autores *omn.*

**B** CIII. – **1** caeremonias *MAT* ceremonias *cet.* **2** Praeti] Preto *MU MUN MUNS MUNST* Preti *MAT* Ioannis *MAT* **3** etc. *MU MUN MUNS MUNST* et ceteris *MAT*

províncias exóticas quando outrossim os próprios autores que é forçoso imitar não só se nos manifestam diversos, mas também contrários entre si e fortemente divergentes. [...]

Com isto me recomendo a Vossa Cesárea Majestade.

Basileia, no mês de Março do ano do Filho de Deus Incarnado de 1550.

[Epígrafe da Carta]

Ao Invictíssimo César Imperador Carlos, Quinto deste nome, Pio, Feliz, Augusto e Incomparável na magnitude de seus feitos, Sebastião Münster saúda.

**B** CIII. SEBASTIÃO MÜNSTER

**ao Leitor**

[Basileia, Março de 1550]

Descrevemos-te até aqui, amigo leitor, os povos e nações do orbe inteiro, os seus estudos, seitas, costumes, comportamentos, leis, religiões, ritos, reinos, principados, mercadorias, antiguidades, terras, regiões novas, animais, montes, rios, mares, lagos, lugar e outras matérias deste género que a cada passo são mencionadas pelos historiadores e cosmógrafos, e sobretudo as que conseguiram, mercê da alguma excelência e dignidade, chegar ao nosso conhecimento. [...]

Confesso que há ainda muitíssimas coisas no orbe vastíssimo que por mim foram passadas adiante ou deficientemente abordadas, em virtude de não ter podido escrever mais sobre elas do que quanto os autores desses escritos me puseram nas mãos. Perante a cláusula, todavia, de Damião[1], nem isso devia ser publicado, apesar de dentro do possível registado por ilustrados varões, excepto se eu houvesse visitado tais províncias e terras.

No entanto, como ele próprio descreveu os costumes, cerimónias e procedimentos dos etíopes quais os ouviu contar aos legados do Preste João que da Abissínia tinham sido enviados a Portugal, ao Rei Sereníssimo dessa nação, e assim os divulgou pelo mundo[2], permita também a mim, com Estrabão, Pompónio, Plínio, Cúrcio, Justino, etc., e na companhia de muitos escritores mais recentes, relatar o que não vi mas tirei desses varões dignos de crédito. [...]

[Conclusão da *Cosmographia Uniuersalis libri VI*]
Münster ao Leitor.

**B** CIV. HIERONYMVS CARDOSVS

**Emmanueli a Goes**

[Olisipone, 4.V.1551]

Vbi enim in perenniora[1] Musarum sacraria irrepseris, et relictis crepundiis ad altiora euolaueris, tunc clarissimi patris tui monumenta et castigatissimas uigilias quae magna cum laude circunferuntur, diligentius euolues: ex quibus Latinam[2] orationem purumque et genuinum dicendi ornatum, nihil a ueteribus dissidentem, facilime[3] cognosces.

Nam ea eruditione, ea denique dicendi ubertate (absit promerendi fauoris gratia dixisse uidear) pollet pater, ut cum ipsa antiquitate sine controuersia sit conferendus. Humanitate uero ita excellit ut utro magis luceat, non facile fuerit iudicare.

Scio me nimis inconsulto et confidenter agere, qui de eo uiro testimonium ferre et iudicium interponere audeam: qui per[4] Galliam, Germaniam, Italiam prope uniuersam splendore nominis sui, et exteris nationibus notior paene[5] quam patriae suae fuerit.

Olisipone, quarto nonas Maii, anno millessimo D.LI.

[Epist. epigr.]

Clarissimo pueri Emmanueli a Goes, Damiani a Goes monumentorum Lusitaniae Regni praefecti filio.

**B** CV. HIERONYMVS CARDOSVS

**Damiano a Goes**

[«Olisipone, c.Nou.1554»]

Misisti ad me, uir litteratissime[1], libellum quendam a te nuper editum de urbis Olisiponensis descriptione, qui tametsi doctissimo cuique possit admirationem parere propter recondita quaedam antiquitatis monumenta, mihi certe nullam

---

**B** CIV. – **Ftt**: Fer 563-564 Ferr 498-499 Mat 239-240

**B** CV. – **Ftt**: Card $I_2^v$-$_3^r$ Vasc 117-118 Mat 241-242

---

**B** CIV. – **1** perenniora] periniora *FER FERR* peritiora *MAT* **2** latinam *omn.* **3** facillime *omn.* **4** <per> *MAT* **5** pene *FER FERR*

**B** CV. – **1** literatissime *omn.*

**B** CIV. JERÓNIMO CARDOSO
**a Manuel de Góis**

[Lisboa, 4.V.1551]

Quando tiveres penetrado em mais perene santuário das Musas e, postos de lado os jogos infantis, voado para mais alto, então manusearás com superior diligência os monumentos escritos de teu pai e as magníficas vigílias que com grande louvor lhes andam à volta; delas conhecerás com muita facilidade a frase latina, assim como o puro e genuíno ornato da expressão, nada diverso do dos velhos escritores.

Na verdade, é dotado teu pai de tal erudição, enfim de tal riqueza expressiva (longe de mim parecer havê-lo dito para granjeio de algum favor), que sem discussão deve ser comparado à própria antiguidade. Em vivência humana, porém, é tão excelente que não será fácil julgar qual de entre ambas nele se destaca mais.

Sei que ajo com bastante imprudência e atrevimento ao trazer para aqui um testemunho e interpor com juízo desse varão que através da França, Alemanha e quase a Itália inteira foi, a bem dizer, mais conhecido, pelo brilho do seu nome, para as nações estrangeiras do que para a própria pátria[1].

Lisboa, 4 de Maio do ano de 1551.

[Epígrafe da «Carta»]

Ao ilustríssimo jovem Manuel de Góis[2], filho de Damião de Góis, guarda-mor dos monumentos escritos do Reino de Portugal.

**B** CV. JERÓNIMO CARDOSO
**a Damião de Góis**

[«Lisboa, c. Nov.1554»]

Mandastes-me, varão ilustríssimo, um livro há pouco editado acerca da *Descrição da cidade Lisboa*[1], o qual, embora a qualquer pessoas muito douta, por causa de certos escondidos monumentos da antiguidade, possa suscitar admiração, a mim não faz realmente nenhuma, como a quem de outras numerosas obras vossas que com o maior aplauso já desde há muito destes a lume, percebeu que nada pode partir de vós que até a mesma antiguidade não possa admirar. Na verdade, assim como são muito admirados a girafa, o rinoceronte, o elefante ou outras ignotíssimas feras deste género que ainda não tinham sido observadas

ut qui ex plurimis aliis lucubrationibus tuis, quas summa cum laude iam diu edidisti, facile intellexerim nihil abs te proficisci posse, quod uel ipsa antiquitas admirari non possit. Nam quemadmodum camelopardalem, rhinocerontem, elephantum, aut ignotissimas alias huiusmodi feras, qui nondum aspexere magnopere admirantur; et uiso ipso paene obstupescunt (ubi uero uiderint, et satis contemplati fuerint, uidendi assiduitate admirari ac terreri desinunt), sic nos legendis tuis iampridem assuefacti admiratione careamus necesse est.

Quod uero ad libelli tui laudem attinet scias me abs te senem factum: cum ea mihi prodidisses, quae antehac nec legisse, nec audiuisse meminerim. Senescimus enim noua addiscendo quotidie, ut Solon ille Salaminius illo uersiculo testatus est Γηράσκω δ'ἀεὶ πολλὰ διδασκόμενος et ut satis intelligas quantum me libelli tui iuuerit lectio, uel ex hoc ipso cognoueris quod non solum semel, et iterum lectitare contentus sum, sed etiam auditoribus meis publice interpretari. Quamobrem te oro, et hortor, et liberius etiam obtestor, ut quantum tibi per regis negotia, quibus identidem intentus es, quantum per obeundae rei familiaris curam licuerit, ne desinas ex isto pectoris tui penu in dies maiora et meliora depromere, ut nostri saeculi[2] studiosos homines, et rerum nouarum amatores iuues, atque[3] de posteris bene merearis. Vale.

[Epist. epigr.]

Hieronymus Cardosus doctissimo atque clarissimo uiro Damiano a Goes Lusitaniae regni monumentorum praefecto S. P. D.

**B** CVI. [GEDANENSIS CIVITAS
**Damiano a Goes**]

[Gedani, 27.III.1566]

Generose domine, amice carissime[1]:

Commendata est nobis ex multis argumentis G. D. V.[2] satis beneuola in nos, nostrosque mercatores et nautas Vlissabonae conuersantes, apud S. R.[3] Maiestatem Portugalliae dominum nostrum clementissimum, promouendo propensio.

Posteaquam uero libertates et iura nostra elapsis hisce duobus annis ut plurimum in inclito[4] Regno Portugalliae praeter spem labefactata essent, itaque

**B** CVI. – **Ftt**: D – Missivae 300, 27-30, fols. 23v-24r / Rgd 300R-Dd$_3$, fol. 8v Marq 24

**B** CV. – **2** seculi *omn.* **3** atque] ac *VASC*

**B** CVI. – **1** charissime *omn.* **2** G. D. V. [Generosa Dominatio Vestra] Generosus Dominus Verus *MARQ* **3** S. R. [Suam Regiam] Sua Regia *MARQ* **4** inclito] inclijto *D/Rgd*

e, uma vez realizada a observação, quase nos deixam paralisados (logo, porém, que se viram e contemplaram suficientemente, a repetição destes actos dilui-nos a admiração e o temor), assim nós, acostumados desde há muito a ler os vossos trabalhos, forçosamente vamos diminuindo na admiração.

No respeitante ao louvor da obra, sabereis que me fazeis velho, visto como oferecestes matérias que não me recorda de anteriormente ter lido ou ouvido. Efectivamente envelhecemos aprendendo dia a dia novidades, como o mestre Sólon de Salamina atestou com o versículo – «Envelheço aprendendo sempre muitas coisas»[2]. E para que entendais assaz quanto a leitura do livro vosso me ajudou, até por este facto mesmo o conhecereis: é que não me contentei em o ler e reler uma e mais vezes, mas também o interpretei em público aos meus alunos.

Por isso vos rogo e exorto e com um tanto de atrevimento até vos conjuro a que, na medida do possível, seja durante os negócios régios em que sem cessar andais absorvido, seja durante os encargos ligados à vida familiar, não deixeis de extrair, das reservas da vossa inteligência, cada vez maiores e melhores cometimentos, a fim de ajudar os homens cultos do nosso tempo e os apaixonados por coisas novas; e assim bem merecerdes dos vindouros. Adeus!

[Epígrafe da Carta]

Jerónimo Cardoso ao doutíssimo e ilustríssimo varão Damião de Góis, guarda-mor dos monumentos escritos do reino de Portugal, envia muito saudar.

## **B** CVI. A CIDADE DE DANZIG **a Damião de Góis**

[Gdansk, 27.III.1566]

Magnânimo Senhor, Amigo caríssimo:

Foi-nos recomendada por muitas razões Vossa Magnânima Senhoria, assaz benevolente para connosco e nossos mercadores residentes em Lisboa, junto de Sua Real Majestade de Portugal, senhor nosso clementíssimo, no intuito de resolver uma pendência.

É que, após as liberdades e direitos nossos no decurso, mais ou menos, destes últimos anos haverem sido cerceados, no ínclito reino de Portugal para além do que esperávamos, confiámos ao nobre João von Pelken[1] o encargo de, na restauração da nossa anterior liberdade, recorresse à intervenção de Vossa Magnânima Senhoria cuja autoridade e consideração muitos nos asseguraram ter valor máximo no reino de Portugal, a fim de se obter uma carta de intercessão de Sua Real Majestade, senhor nosso clementíssimo.

dedimus in mandatis nobili Ioanni a Pelken, ut in restituenda pristina libertate nostra opera et auxilio G. D. V. cuius auctoritatem et existimationem in regno Portugalliae maximopere ualere multi nobis praedicarunt, uteretur, adhibitis litteris[5] intercessionis S. R.[6] Maiestatis domini nostri clementissimi.

Quapropter Gen. D. Vram etiam atque etiam summo studio rogamus, uelit hanc nostram causam iustissimam, quam praedictus Ioannes a Pelken eidem latius explicabit, summo studio, apud S. R. Maiestatem Portugalliae atque proceres eiusdem Regni fouere, promouereque. Faciet G. D. V. sane[7] rem nobis gratissimam, uicissimque erga eandem[8] pro debito promerendam. Quam diutissime, etc.

[Epist. epigr.]

Ad Damianum de Gois, Admiralium Regiae Maiestatis Portugaliae.

**B** CVII. [IOANNES A PELKEN
**Ad Coloniam Ciuitatem**]

[Olisipone, c. VII.1566/IV.1567]

Angannde des briues hebbe ehnn noch nicht. dem konig auer antwort. vrsach hir js enn castell bennenn Lyssebonna darinne js ein tumbe das js einn camer oder einn sall darinne aller vorrigenn keningenn des gleichenn dysses jssygenn kennings bucher liggenn darinne alle jnlendische vnnd baussenn lenndische priuelegienn vnnde Rechtenn liggenn vnnde mid dem selbigenn der dy bucher blivarret vnnde jnn handen hat bin jch serre woll darahnn vnnde serre woll mit jm bekant denn ehr js denn deutschenn serre zu gethann vnnde js mit einer deutschenn frauenn getrauet aus dem haggenn geborrenn vnnde ehr hat jnn deutschlannt fill schtete vnnde lennder besocht ehr js zu lipke zu dannzig auch zu kensberch gewess wy woll ehr einn portegysser geborrenn vnnd hoch vom adell met Namenn Domianus gossenn denn selbigenn oder seinem sonne Ambrosius gossenn de sin oficium bedinnen oder besizenn sall uach seinem tode gebedenn vnnde ehm ock to gesecht vnnd gelouet 100 ducatenn tho schennckenn wenn so my de oder sollche pryuelegy vonn der osterschenn Nacionn gefundenn hebbenn denn bet op dato hebben se noch nicht gefundenn vrsach dar seint fyll bicher zu besuchenn hete jch oder enich auis vonn denn herrenn dy denn

**B** CVII. – **Ftt**: St. Arch. Köln, A-LXXVIII, 5-Abschrift Marq 25

**B** CVI. – **5** literis *omn.* **6** S. R. [Suae Regiae] Sua Regia *MARQ* **7** sane] sani *D/Rgd* **8** eandem] easdem *D/Rgd MARQ*

Por este motivo rogamos insistentemente e com sumo empenho se digne favorecer e fazer avançar esta nossa justíssima causa, que o dito João von Pelken a vós próprio explicará mais em pormenor, repetimos, com sumo empenho junto de Sua Real Majestade de Portugal e dos notáveis do mesmo reino. Far-nos-á Vossa Magnânima Senhoria um favor sem dúvida gratíssimo e bem merecedor de recompensa. Passe bem de saúde, pelo mais longo tempo possível, etc.

[Epígrafe da Carta]

Para Damião de Góis, «almirante» da Régia Majestade de Portugal[2].

**B** CVII. JOHANN VON PELKEN
**para Colónia**

[Lisboa[1], c. Julho de 1566/Abril de 1567]

Ainda não fiz a entrega da carta – a nossa resposta ao rei[2]. A razão é um castelo de nome Lisboa, no qual existe uma «tumba» com uma câmara ou um espaço em que estão depositados, do mesmo modo que de todos os reis precedentes, os livros do rei actual, e nos quais se encontram escritos todos os privilégios e direitos nacionais e estrangeiros. Tenho familiaridade com a pessoa que conserva e manuseia os livros e sou bem conhecido dele, pois ele é muito afeiçoado aos Alemães e é casado com uma alemã nascida em Haia. Ele visitou muitas cidades e regiões da Alemanha, esteve em Lübeck, em Danzig e também em Königsberg, apesar de ser português, de alta nobreza, e chama-se Damião de Góis.

A ele próprio ou ao seu filho Ambrósio de Góis[3], que há-de administrar ou possuir o seu cargo, dado a ele após a sua morte e a ele prometido e a quem foram prometidos também 100 ducados, se tais privilégios forem achados por mim ou pelos «austríacos», pois até ao presente ainda não se conseguiu. Por isso, há que consultar muitos livros.

Se eu tivesse uma instrução da parte dos senhores que escreveram ou mandaram escrever a carta ou uma cópia da carta e que rei ou como se chamava quem deu os privilégios[4] dos «austríacos», em breve os poderíamos encontrar aqui. Teria sido bom que eu tivesse uma cópia da carta. Recorri aqui a um ou dois homens a pedir orientação nestes assuntos. Eles aconselharam-me a não

bryff geschrebenn habbenn oder habbenn schreybenn lassen oder copia vonn dem briue vnnde welcher koninck oder wy seinn Namenn js gewessenn der dy priuelegy der osterchenn nacionn gegebben. So wurdenn wir allhir sollches ballt kennenn finndenn es warre gut gewessenn das ich dy copia vonn dem briue gehat hete jch habe alhir einenn gutenn mahn oder 2 jnn sollche dingenn zu rat genomenn. Sy Ratenn mir das ich denn bryff noch nicht vbber antwortenn soll jch habbe dann beschet auff was maniere dy priuelegy inn des konig bicher schtet vnnde auch meglich E. L.[1] wordenn wir mid dem erschtem post dy copia vonn dem briue senndenn berichtenn mich auch das der Cardinall jn solchenn oder annderrenn sachenn jn keiner maniere nicht wyll vorchstaenn vnnde weysset dy leute ab vnnd schpricht ehr sey nicht mehr dann guuernador oder des koenings vormunt vnnd sollche oder annder sache auff sich nicht nemenn wyll denn wenn der konig kumpt to regirrenn so mach he duenn wat em darinne tho duenn schtat wet allso v. l. hir auff nicht sounderlich mehr beschets zu schreybbenn denn wills got mit dem Erschtenn post auiser jch euch wy es lauffen wirt.[2]

**B** CVIII. [GEDANENSIS CIVITAS
**Damiano a Goes**]

[Gedani, 23.IV.1567]

Generose domine:

Etsi superiori anno litteris[1] nostris G. D. V. pro egregia sua satis[2] prompta in nostrates homines uoluntate, qua eos complecti et prosequi dignata fuit, gratias egerimus, neque uero tunc propter angustiam temporis re ipsa nostram gratitudinem declarare potuerimus. Tamen cum iterum mercatores et nautae, qui celeberrimum Lusitaniae Regnum frequentant, nobis G. D. V. beneuolum animum et gratificandi studium in promouendis ciuium et nautarum nostrorum negotiis[3] praedicarunt, facere non potuimus, quin gratitudinis nostrae aliquod specimen ederemus.

Itaque mittimus Gen. D. V. deauratum poculum, quod eidem Venerabilis dominus Ioannes a Pelken Canonicus, gentilis noster, uerbis nostris exhibebit, non ut eo munusculo pares referremus[4] gratias, sed ut tantum animi nostri grati G. D. V. documentum extaret: Eandem maiorem in modum rogantes, exiguum

**B** CVIII. – **Ftt**: D-Missivae 300, 27-30, fols. 187$^{v}$-188 / Rgd 300 R Nn 18, fols. 29$^{v}$-30$^{r}$ Marq 26-27

**B** CVII. – **1** E. L.: Euer Liebten. **2** ver tradução nas Notas e Comentários, Carta **B** CVII.

**B** CVIII. – **1** literis *omn.* **2** satis] st *D/Rgd MARQ* **3** negociis *omn.* **4** refferremus *omn.*

responder à carta. Eu insisti em saber que tipo de privilégios estão nos livros do rei e também, se possível, que E.L. (os vossos amigos) me enviassem a cópia da carta, com a primeira remessa do correio.

Eles também me relatam que o cardeal não quer superintender, de maneira nenhuma, em tais assuntos e que repele as pessoas, dizendo que já não é governador ou tutor do rei e que não quer encarregar-se dessas e doutras coisas. Pois, logo que o rei for empossado, ele fará o que está (escrito). Daqui não há mais nada de especial a escrever (relatar). Se Deus quiser, informá-lo-ei, com o primeiro correio, como as coisas vão decorrer.

«João von Pelken»[5]

**B** CVIII. A CIDADE DE DANZIG
**a Damião de Góis**

[Gdansk, 23.IV.1567]

Magnânimo Senhor:

Embora no ano transacto, através da nossa carta, tenhamos agradecido a Vossa Magnânima Senhoria a tão manifesta, superior e assaz pronta disposição em relação aos nossos compatriotas a quem se dignou atender e ajudar, todavia não pudemos então demonstrar de facto, por escassez de tempo, a nossa gratidão. Entretanto, proclamando-nos de novo os mercadores e marinheiros que frequentam o mui notável reino de Portugal a benevolência de Vossa Magnânima Senhoria e a disposição em ser agradável na promoção dos negócios dos nossos concidadãos e nautas, não pudemos deixar de o fazer mediante alguma prova do nosso reconhecimento.

Neste sentido mandamos a Vossa Magnânima Senhoria um copo dourado[1] que a vós mesmo o venerável cónego senhor João von Pelken, nosso parente, entregará com palavras nossas, não para com esta pequena oferta darmos as devidas graças, mas tão-só a fim de valer como testemunho do nosso grato espírito para com Vossa Magnânima Senhoria, a quem encarecidamente pedimos que de bom ânimo acolha e com a mesma benevolência e favor se digne acompanhar e proteger nossos concidadãos e marítimos como dantes.

hoc munusculum aequi bonique consulere nostrosque ciues et mercatores nautasque quemadmodum coepit[5], pristina beneuolentia et fauore suo prosequi eosque prouehere uelit.

Daturi sumus uicissim operam, ut officia nostra G. D. V. constent. Quam Deo Optimo Maximo diutissime saluam et florentem commendamus.

[Eivsdem alia versio]

Etsi superioribus litteris[6] nostris pro Tua egregia in nostrates homines uoluntate et beneuolentia gratias egimus, neque uero tunc re ipsa propter temporis angustiam gratam animi memoriam testari potuimus; semper tamen interim id nobis curae fuit, ut perpetuum tibi gratificandi studium nostrum ubicunque res ferret, conseruaremus. Ac nunc etiam cum iterum Mercatores et Nautae nostri, qui Regnum Lusitaniae Commerciorum causa inuisere solent, studium tuum in iuuandis ipsorum negotiis[7] summopere nobis praedicarent, facere non potuimus quin aliquod beneuolentiae erga Te nostrae specimem ederemus.

Itaque mittimus poculum deauratum memoria ergo, quod Ioannis Pellicanus gentilis noster nostris tibi uerbis exhibebit, non eo quidem animo, ut tantillo munusculo paria Tuae[8] beneuolentiae referre uelimus aut possimus, sed ut animi saltem memoris documentum extaret, quod nos aliquando non ingratos fore demonstret, et pristinam Tuae uoluntatis propensionem erga nos confirmet.

Quare maiorem in modum petimus, ut boni et aequi id consulas, et ut soles ciues et mercatores nostros omnibus in rebus tibi commendatos habeas. Dabimus operam ut officia et studia nostra uicissim tibi perpetuo constent.

Mense Aprili Anno LXVII

[Epist. epigr.]

Ad Damianum de Gois / Damiano de Goies Equiti Lusitano.

**B** CVIII. – **5** cepit *omn.* **6** literis *omn.* **7** negociis *omn.* **8** Tuae] Tua *D/Rgd MARQ*

Esforçar-nos-emos por nossa parte para que nossos bons ofícios constem perante Vossa Magnânima Senhoria, que a Deus todo poderoso recomendamos com saúde e bem-estar por largos anos.

[Outra versão da mesma]

Embora na nossa última carta tenhamos agradecido a vossa superior disposição e benevolência para com os nossos compatriotas, todavia não pudemos então de facto, por escassez de tempo, testificar a nossa memória grata; não obstante, cuidamos sempre, entretanto, de conservar de contínuo a nossa vontade de agradecer, qualquer que fosse o lugar onde o negócio corresse.

E então agora, como os nossos mercadores e marinheiros que costumam, por mor do comércio, visitar o reino de Portugal nos proclamassem o vosso empenho em ajudar os seus negócios, não pudemos deixar de o fazer através de uma prova da nossa benevolência para convosco.

Neste sentido mandamos, em memória, um copo dourado que João von Pelken, nosso parente, por palavras nossas vos entregará, não com a finalidade de querermos ou lograrmos, por meio de tão insignificante oferta, retribuir em grau de igualdade as vossas atenções, mas pelo menos para que valha na lembrança como testemunho de que algum dia não seríamos ingratos e confirme a propensão da vossa vontade para connosco.

Por isso, mais encarecidamente vos rogamos que de bom ânimo aceiteis tal oferta e, como de costume, protejais, em todas as circunstâncias, os nossos concidadãos e mercadores. Esforçar-nos-emos, por nossa parte, para que bons ofícios e atenções nossas constem continuadamente perante vós.

Mês de Abril do ano de 1567.

[Epígrafe das Cartas]

A Damião de Góis / A Damião de Góis, cavaleiro português[2].

**B** CIX. [CIVITAS GEDANENSIS
**Damiano a Goes]**

[Gedani, 8.I.1570]

Salutem et rerum omnium felicitatem ex animo reuerenter optamus.

Magnifice et Generose Domine plurimum colende: Grauiter nobis conquesti sunt, ciues nostri, qui mercaturam Vlixbonae exercent, quod proxima aestate maximis et iniuriis et damnis ab Vlixbonensibus[1] affecti fuerint, quemadmodum[2] ex illorum supplici libello praesentibus adiuncto. Mag. D. Vra. planius et latius intelligere dignabitur. Addiderunt etiam illud, quod propter antiquam consuetudinem[3] et libertatem, uariis et exactionibus nimium onerentur. Quod factum cum non solum a ueteri coniunctione, amicitia, et libertate utrinque, hactenus usurpata alienum, sed plane etiam inhumanum sit.

Postularunt a nobis praememorati Ciues nostri, ut ad M. D. Vram litteras[4] intercessorias ipsis daremus ut eo facilius iniuriarum et damnorum suorum recompensationem impetrare possent. Eam etiam M. D. Vra spem conceperunt, ut illam omnibus modis incolumitatis[5] suae et iam antea consuluisse et nunc consulere maxime existimant. Quapropter[6] quam possumus diligentissimis uerbis reuerenter rogamus, dignetur M. D. Vra. suam auctoritatem[7] interponere, et suo consilio ipsos iuuare ut[8] iniuriae et damna illata ab Vlixbonensibus[9] resarciantur, et in posterum libertati et securitati commerciorum rectius prospiciatur.

Factura est M. D. Vra rem non solum nostris Mercatoribus gratam, sed ipsis etiam Vlixbonensibus[10] utilem, nobis autem uicissim omnibus officiorum generibus diligenter promerendam. Quam diu bene et feliciter ualere percupimus.

[Epist. epigr.]

Ad Damianum de Goes[11]. Salutem.

---

**B** CIX. – **Ftt**: D-Missivae 300, 27-32, fols. $9^v$-$10^r$ / Rgd 300 R-$Dd_3$, fol. $23^v$ Marq 31

---

**B** CIX. – **1** Vlixbonensibus] Ulixabonensibus *D/Rgd* **2** quemadmodum] quem admodum *D/Rgd* **3** consuetudinem] cosuetudinem *D/Rgd* **4** literas *omn.* **5** incolumitatis] incolumitat *D/Rgd* **6** quapropter] qua propter *D/Rgd* **7** authoritate *omn.* **8** ut] et *D/Rgd MARQ* **11** Goes] Goies *D/Rgd MARQ*

**B** CIX. A CIDADE DE DANZIG
**a Damião de Góis**

[Gdansk, 8.I.1570]

Saúde e todo o género de venturas é o que de coração respeitosamente desejamos.

Magnífico e Magnânimo Senhor, superiormente respeitável: Queixaram-se[1] gravemente os nossos concidadãos, que exercem comércio em Lisboa, de que no último verão foram objecto de sumas injustiças e danos da parte dos lisboetas tal como, constando do libelo súplice deles, Vossa Magnânima Senhoria se dignará aperceber-se mais clara e largamente. Acrescentaram ainda serem em demasia onerados também de várias exacções por causa de antigo costume e liberdade, facto que não só é alheio ao velho entendimento, amizade e liberdade recíprocas até agora praticadas, mas ainda mesmo francamente desumano.

Pediram-nos os ditos concidadãos nossos que lhe concedêssemos uma carta intercessória para Vossa Magnânima Senhoria, a fim de por tal meio lograrem alcançar recompensa das injustiças e danos. Por Vossa Magnânima Senhoria conceberam a esperança de, assim como pensam que já antes providenciou por todos os modos pela sua segurança, igualmente com o maior empenho o fará agora. Por isso, nos mais impressivos termos respeitosamente vos rogamos se digne Vossa Magnânima Senhoria interpor a sua autoridade e ajudá-los com o seu conselho para que sejam reparadas as injustiças e danos infligidos pelos lisboetas e de futuro se olhe mais correctamente pela liberdade e segurança do comércio.

Irá prestar Vossa Magnânima Senhoria não só um atendimento grato aos nossos mercadores, senão também útil aos próprios lisboetas; e a nós, por seu turno, altamente merecedora de toda a espécie de bons ofícios. Desejamos-lhe ardentemente largos anos de boa saúde e bem-estar[2].

[Epígrafe da Carta]

A Damião de Góis, saúde.

**B** CX. HIERONYMVS OSORIVS

**D. Henrico Cardinali**

[Siluis, ante IX.1571]

Etsi ea[1] mente sum, ut uix quidquam arbitrer esse historia uel ad prudentiam comparandam utilius, uel ad uirtutem excitandam uehementius, uel ad sananda reip. uulnera salutarius, uel ad oblectamentum uitae iucundius, et ab amicis meis saepius admonerer ut res nostrorum hominum litteris[2] Latinis illustrarem, ab eo tamen studio uehementer abhorrebam.

Nam, cum alia multa me ab eo deducerent, tum duo praecipue deterrebant: unum erat fidei faciendae difficultas, alterum offensionis concitandae periculum. Si enim fidem non facerem, erat mihi uanitatis infamia subeunda; si uero quorundam ambitioni minime satisfacerem, odium in me acerbum et immane concitandum. At, ut est captus hominum, id plerumque euenire cernimus ut tantum quisque credat quantum se uiribus aut ingenio praestare posse confidit. Quidquid communem usitatae uirtutis et industriae modum superat, id nullo modo prorsus admittit. Contra uero qui nullum modum ambitioni statuunt, aegerrime patiuntur si eorum gentiles minime fuerint[3] immodicis laudibus illustrati. Quod cum apud alias nationes fieri solitum sit, tum apud Lusitanos tantam plerumque offensionem historiae scribendae munus affert[4], ut omnium tela in eum qui tantum facinus audet adhaerescant.

Id quidem non ita pridem satis experti sumus in historia qua Damianus Goesius res uirtute et auspicio et incredibili felicitate Emmanuelis Regis, inuictissimi Patris tui, gestas patrio sermone complexus est. Res, inquit ille, maiorum meorum non perinde atque illorum merita postulabant, exornauit.

Alius uero labem generi nostro et antiquo splendori nobilitatis aspersit; alius postremo hoc aut illud quod erat ad laudem nostri nominis insigne, praetermisit. Quod si hominis prudentis est alienis periculis admoneri, hoc uno certe exemplo potuissem ancipitem scribendi euentum perhorrescere. Aliud etiam incommodum accedebat, quod eram ipse, ut officium meum me facere admonebat, rebus diuinis pro mea parte tractandis et explicandis intentus; neque conuenire arbitrabar ut a caelo deductus, terras nimis intuerer, hoc est, ut diuina, dum res humanas illustrare conor, intermitterem.

Sed quo plura me impediebant ne scribendae historiae munus attingerem, eo clarius cerni poterit animus meus studio ardentissimo tui nominis et amplitudinis

**B** CX. – **Ftt**: Osori $A_2^r$-$A_3^r$ Osorius $A^r$-$A_2^v$: huic editioni caeterae símiles circa decem. Mat 245-246 [paruum excerptum]

**B** CX. – **1** ea mente sum, ut *OSORI MAT* ] ea mente sum, Sanctissime Princeps, ut *cet* **2** literis *omn.* **3** fuerint *OSORI MAT* ] fuerant *cet* **4** munus affert *OSORI MAT* ] munus offert *cet*

**B** CX. JERÓNIMO OSÓRIO
**ao Cardeal D. Henrique**

[Silves, antes de Setembro de 1571]

Se bem que eu seja inclinado[1] a achar que, face à História, algo dificilmente haverá ou mais útil para adquirir prudência, ou mais poderoso para despertar a virtude, ou mais salutar para a cura das feridas, ou mais aprazível para deleitamento da vida; e, por outro lado, os amigos amiúde me admoestassem a dar lustre na língua latina às façanhas dos portugueses, contudo mantinha-me afastado desse objectivo[2].

E havia duas motivações principais, entre muitas outras: uma era a dificuldade em tornar-me credível, outra o perigo de ofender alguém. No primeiro caso, arrostava com o labéu de ligeireza; no segundo, ao de nenhum modo satisfazer a ambição de uns tantos, concitava contra mim ódio vesgo e cruel. De resto, conforme a capacidade individual nós reconhecemos que geralmente acontece acreditar cada um tão somente na medida em que confia poder isso alcançar-se pelas próprias forças ou engenho, nada absolutamente admitindo quanto supera e cercea o comum esforço e actividade. Além disso, aqueles que não põem limites à sua ambição levam muito a mal se aos seus maiores nunca os exaltam desmesurados elogios. Apesar de vulgarmente isto se detectar nos outros povos, o certo é que em Portugal o múnus de historiador traz no geral tamanho descontentamento que as setas de todos se cravam naquele que ousa tão grande proeza.

Foi o que, não ainda há muito tempo, assaz verificamos quanto à história em que Damião de Góis com coragem, boa estrela e incrível felicidade reuniu em português os feitos do Rei D. Manuel, vosso invictíssimo pai. Diz um: «Não realçou os méritos dos meus antepassados no grau que se requeria»; diz outro: «Salpicou de manchas a nossa família e o antigo esplendor da nobreza»; enfim, um terceiro: «Passou adiante isto ou aquilo, insigne para glória do nosso nome». E se é de homem prudente tirar lição dos perigos alheios, certamente esta única exemplificação teria sido de molde a suscitar-me grave horror a um resultado duplo da escrita. Outro obstáculo acrescia ainda, que era eu próprio: aplicado, como o estado de vida me advertia, a tratar e explicar, quanto em mim cabe, divinas matérias, supunha um desconcerto desviar os olhos do céu para os estender em demasia pela terra, quer dizer, interromper o divino enquanto porfio em ilustrar o humano.

Sem embargo, quantos mais empecilhos me estorvavam a entrega ao cargo de historiador, tanto mais claramente poderia ver-se o meu espírito inflamado no zelo ardentíssimo do vosso nome e prestígio. Com efeito, como por simples carta me obrigásseis e não por mando expresso (o que teria estado ao vosso alcance

inflamatus. Nam cum tu me per litteras[5], non quidem imperio, cogeres (quod facere pro iure tuo potuisses) sed quae tua excellens atque plane diuina benignitas est, amice rogares et moneres ut Regis patris tui historiam scriberem, illiusque nomen apud exteras nationes Latinis litteris[6] ab obliuione uindicarem, me continere non potui quin id munus continuo susciperem.

Vt autem id facerem, multa me simul inuitabant. Primum enim uoluntatem tuam nullo modo poteram sine crimine impietatis aspernari. Deinde, indignissimum arbitrabar Emmanuelis nomen apud Lusitanos tantum, et non per omnes reip. Christianae nationes cum omnium admiratione uagari. Tum etiam id mihi acres stimulos admouebat, quod in hoc opere non tam res humanas quam diuinas explicandas suscipiebam. Vt enim Emmanuel diuino consilio ad regiam amplitudinem euectus fuit, ita quae designauit, quae molitus est, quae imperio illius gesta sunt, ad Dei benignitatem referenda sunt, multaeque res admirabiles praesentis numinis uiribus administratae, ita ut ei qui fidem illis habere noluerit perfidiae et impietatis suspicio recipienda sit.

Vt autem id facilius exequi possem, Damianus Goes praestitit. Is enim magno labore, uigilantia et industria ea ex quamplurimis epistolis et commentariis eruit, et monumentis suis memoriae commendauit, quae ego minime potuissem sine summo otio perscrutari. Multa etiam ex aliorum scriptis et sermonibus acepta memoria continebam, quae minime silentio praetereunda iudicaui. [...]

Illud quod est praesentis operis, hortor et admoneo omnes qui hos libros euoluerint, ut animis secum reputent quam uariae res et uehementer admirandae sint a nostris hominibus intra sex et uiginti annos (tot enim aut paulo plus haec historia continet) effectae: quae maria, quae litora, quae regiones exploratae, quae bella contra Reges potentissimos inuicta uirtute gesta, qui terrores neglecti et contempti, ut intelligant non esse tantarum rerum laudem hominibus, sed Deo, qui praesentiam suam nostris saepenumero[7] declarabat, summa ratione tribuendam.

Quod tum multo clarius apparebat cum interdum sic eueniebat ut ipsi Lusitani nimium praefidentes ab hostibus eisdem uincerentur, ut intelligerent inanes[8] et irritos hominum conatus fore qui non fuerint caelesti praesidio suffulti.

[Epist. epigr.]

Clarissimo et sanctissimo Principi Henrico, Sanctae Romanae Ecclesiae Cardinali, Hieronymus Osorius Episcopus S.D.

---

**B** CX. – **5** literas *omn.* **6** literis *omn.* **7** saepenumero] saepe *cet* **8** inanes et irritos] et irritos *om. cet*

fazê-lo), mas, em consonância com a própria e mui religiosa benignidade, amigavelmente rogásseis e admoestásseis a que escrevesse a história do Rei, vosso pai, e na língua latina lhe vingasse o esquecimento em face das nações estrangeiras, não pude conter-me em aceitar, de imediato, tal encargo.

A uma resolução destas, muitas razões me convidavam. Primeiro, é que sem crime de impiedade não me era lícito a vossa vontade menosprezar; e depois, achava indigníssimo que o nome de D. Manuel pervagasse, com admiração geral, apenas entre os portugueses e não entre todas as nações da Cristandade. Além disso, igualmente me provocava agudos estímulos o facto de me incumbir, nesta obra, de explicar não tanto acções humanas quanto divinas. Na verdade, assim como por desígnio celeste foi D. Manuel alçado à régia grandeza, assim também o que estabeleceu, o que levou a cabo, o que sob as suas ordens se cumpriu à benignidade de Deus se tem de referir, bem como muitas coisas admiráveis administradas sob a presença do auxílio divino, de tal forma que arrostará com a suspeita de perfídia e impiedade quem não queira aceitar tal crença.

Entretanto, para maior facilidade obviar à execução, valeu-me Damião de Góis que com grande trabalho, pesquisa e canseira tais factos recolheu de numerosas cartas e comentos, trazendo-nos à memória, através dos seus livros aquilo que eu de modo algum haveria logrado, sem vagar sumo, descobrir. Possuo também muitos elementos que fui agendando a partir de escritos e conversas que julguei não deverem de forma alguma manter-se silenciados.

[…] Como é do interesse da presente obra, exorto e aconselho, a todos os que estes livros manusearem, a reflectirem sobre quão diversas façanhas, extraordinariamente admiráveis, os nossos compatriotas no espaço de 26 anos (tantos ou poucos mais esta história abarca) realizaram; que mares, que litorais, que regiões descobertas, que guerras travadas com invencível denodo contra reis poderosíssimos, que terrores negligenciados e desprezados, a fim de perceberem que com motivo sumo deve atribuir-se o louvor de tamanhos empreendimentos não aos homens mas a Deus, cuja presença muita vezes era patente aos nossos.

Tal situação muito mais claramente se notava quando em certas regiões acontecia os portugueses, assaz confiados em si próprios, eram vencidos pelos inimigos, para acabarem por entender serem vãos e inconsistentes os esforços humanos se desapoiados de celeste auxílio[3].

[Epígrafe da «Carta»]

Ao ilustríssimo e santíssimo Príncipe Henrique, Cardeal da Santa Igreja Romana, o bispo D. Jerónimo Osório saúda.[4]

(Página deixada propositadamente em branco)

# NOTAS E COMENTÁRIOS

(Página deixada propositadamente em branco)

# NOTAS E COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA ACTIVA

Carta **A** I

[1] João Magno Gothus, o prelado e historiador Jöns Mansson, nasceu em Linköping em 19.III.l488, numa família esclarecidamente católica: os outros dois irmãos foram sacerdotes, um dos quais o erudito Olau Magno, e entre três irmãs uma religiosa. Estudou no Colégio Trilingue de Lovaina, sendo aluno de Adriano de Utreque, o futuro papa Adriano VI, e depois em Colónia. Em 1523 o dito pontífice nomea-o seu legado para a Suécia e Polónia. Proposto por Gustavo Vasa para arcebispo de Upsala, Adriano VI contrapõe-lhe João Trolle. Magno, que ao princípio recusou a proposta, após muita e variada instância acabou por aceitar sob a condição dupla de a Santa Sé concordar e o rei restituir os bens usurpados à Igreja.

Os luteranos entretanto levantam calúnias contra Magno, que em 1526 se exila em Danzig, depois de cumprida uma missão à Polónia, mal sucedida porque Segismundo I exigia, como arras de casamento de Heduiges, sua filha única, com o monarca sueco, que a Suécia não caísse nas mãos dos luteranos. Em 1527, o rei rompe definitivamente com Roma. Em 1532, Magno troca Danzig por Bolonha ao encontro de Clemente VII, que em Julho de 1533 o sagra arcebispo de Upsala e lhe dá o pálio por mãos do cardeal Alexandre de Cesarinis. Regressa a Danzig, onde demora até 1537, ano em que parte para o concílio de Mântua, a abrir em 23 de Maio, marcado depois para Maio de 1538 em Vicenza, adiado para o ano seguinte e finalmente não realizado, por motivo sobretudo da instabilidade político-social.

Em Outubro de 1537 o prelado expõe em Roma o seu caso e o da Igreja na Suécia aos cardeais Contarini, Teatino e Pole, que adiam a solução para Vicenza. Não efectuado o concílio, Magno, chegado a Vicenza em fins de Abril de 1538 e mais uma vez doente, parte em Setembro para Veneza, com o irmão Olau, em companhia do patriarca desta cidade a quem tinha pedido guarida por algum tempo, enquanto se não resolvia algo do concílio. Nada resolvido e sem esperança de voltar à Suécia, insta no sentido de regressar a Danzig, mas Paulo III, por cartas de Bembo e Pole, quer que volte a Roma, onde de facto chega em Janeiro de 1541. Caindo doente, vive quatro anos hospitalizado, recebendo um subsídio de Paulo III. Morre em 22.III.1544. É autor de *Metropolis Ecclesiae Upsalensis* (Roma, 1557) e *Gothorum Sueonumque historia* (Roma, 1554). Vd. Cartas **B** LXXXII, LXXXV e XCVII.

Olau Magno ou Olof Mansson foi nomeado sucessor em Outubro de 1544, sendo o 27.º arcebispo de Upsala. Tomou parte no Concílio de Trento e morreu em Roma em 1557, sem nunca ver a sua arquidiocese. Deixou a *Historia de gentibus septentrionalibus… libri XXII* (Roma, 1555) e *Carta marina et descriptio septentrionalium terrarum* (Veneza, 1539), tendo sido aquela vertida logo em francês, italiano, holandês e alemão. Nascido em Skänninge em 1490, Gustavo Vasa confiou-lhe várias missões diplomáticas antes de, em 1530, o despojar de todos os bens. Foi o editor das obras do irmão (cf. *Metropolis Ecclesiae Upsalensis… diligentia Iohannis Magni Gothi… M.D.XXXVI Gedani obiter collecta*, Roma, 1557; A. Bertolotti, *Ollao Magno arcivescovo d'Upsala*, in «Archivio Storico Italiano», 5.ª série, VII (1891), pp. 117-128); Jean Aubin, «Damião de Góis et l'archevêque d'Upsal»,

in *Damião de Góis, humaniste européen*, Paris, Centro Cultural Português, 1982, pp. 245-330. Vd. também Carta **A** XXIV, nota 14.

[2] Joaquim de Vasconcelos, e com base nele Albin Eduard Beau (cf. *As relações germânicas do humanismo de Damião de Góis*, Coimbra, 1941, pp. 113 e 135), data esta carta, que serve de prólogo à *Legatio*, de 1532, baseado quer na Carta **B** VI de Cornélio Grapheus ao irmão impressor (13.VIII.1532) quer no cólofon informativo da impressão em Setembro do mesmo ano (cf. cap. I). Por sua vez Luís de Matos (cf. *Correspondance latine*, p. 238) data-a de l.XII.1531, isto é, do mesmo dia da Carta **A** II da nossa colectânea, que é o fecho do opúsculo antes das poesias de Grapheus dedicadas a Góis, acrescentando que até pode ser-lhe anterior Na nossa opinião é-lhe anterior, talvez de Novembro ou Outubro. Góis chegara da missão diplomática e comercial com a rogativa de João Magno Gothus, que acabava de conhecer em Danzig, para lhe remeter, vertidos para latim, os relatos de Mateus, enviado do négus etíope à corte de D. Manuel.

Não se sabe a ocasião do regresso desta longa viagem a Schleswig, à Prússia e à Polónia; contudo, atendendo a que no nordeste europeu os meses mais convidativos vão de Março a Setembro, deve ter acontecido por inícios do mês outonal, dado que em 11 de Setembro, Paulo Sperato, ao recebê-lo em Marienwerder, o achou todo apressado no regresso. Ora em 3 de Abril jantou ele com Lutero e Melanchthon em Wittenberg, vindo já da corte dinamarquesa e de Lübeck (Jean Aubin, *l.c.*, pp. 263-264).

Chegado à Bélgica talvez cerca de Outubro, nas horas vagas do seu consulado em Antuérpia Góis empenha-se na tarefa da versão, organizando posteriormente o fascículo e antepondo-lhe uma carta sem qualquer data, pela razão de que era só uma introdução e apresentação, e porque após os relatos insertos terminaria com outra, esta realmente datada de l.XII.1531, portadora das saudações finais para Gothus e seu irmão Olau. Na *Crónica de D. Manuel*, III, cap. LX, escreveria mais tarde acerca do conteúdo da *Legatio*: «estes artigos que eu no ano do señor de M.D.XXXI pus em lingoa latina cõ ho treslado da carta da Rainha Helena». (Vd. nota 9, na I parte de *Noese e crise*, I).

Segundo Elisabeth Feist Hirsch, na sequência de H. de Vocht e Bataillon, e em face de Maximiano Lemos, que só admite o encontro em 1531, Góis contactou com Magno em 1529. Jean Aubin, em excelente trabalho de investigação recente, coloca-se, com boas razões, do lado de Lemos (cf. Hirsch, *The life and thought*, pp. 28-29; H. de Vocht, *John Dantiscus and his Netherlandish friends as revealed by their correspondence 1522-1546 published from the original documents*, Louvain, Lib. Universitaire, 1961, p. 265; Marcel Bataillon, «Le cosmopolitisme de Damião de Góis», in *Études sur le Portugal au temps de l'humanisme*, Paris, Centro Cultural Português, 1974, p. 137; M. Lemos, «Damião de Góis, in *Revista de História*, Lisboa, IX (1920), pp. 217-221; Jean Aubin, *l.c.*, pp. 275-278).

[3] A tratar de negócios da nação, Góis estivera em Danzig em 1529 e 1531. Da primeira vez, através do Mar do Norte e Báltico, a sua missão terá sido dupla: contactar naquela cidade hanseática com mercadores de longa rota, pois era «grande centro exportador de produtos florestais e de trigo», mantendo «abundante correspondência, quer directamente com Lisboa, quer com a feitoria portuguesa de Antuérpia» (cf. A. H. de Oliveira Marques, «Damião de Góis e os mercadores de Danzig» in *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, IV (15-16), Atlântida, 1958, p. 141); ir «dahi à corte del-Rei da Polónia, Sigismundo primeiro do nome, que neste tempo estava em Vilno… donde tomei à cidade de Dansique em Prussia a tomar conclusam nas cousas» (cf. *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel* composta por Damião de Góis, nova edição conforme à primeira de 1556, parte III, Coimbra, 1949, cap. CI, pp. 250-1). Daí desceu até Poznam e Cracóvia, capital. Em Cracóvia terá ventilado a hipótese do casamento de D. Luís, irmão de D. João III, com Heduiges, princesa real; em Poznam assuntos comerciais; em Vilna talvez as dificuldades com que o tráfico das mercadorias deparava na Polónia, devido ao estado de guerra, porque «era através de Danzig que se fazia a expedição das especiarias e outros géneros para os mercados da Polónia, da Hungria e da Rússia (…). Ora as garantias concedidas pelo rei de Portugal aos hanseáticos exigiam, como contra-partida, uma facilitação no tráfico das especiarias» (cf. A. H. Oliveira Marques, *ibid*.).

Jean Aubin opina que esta viagem se fez por terra e estava terminada na decorrer de Junho; o objectivo fora sobretudo comercial, especialmente uma encomenda de mastros, e a proposta de casamento veio da Polónia (cf. *l.c.*, pp. 257-260).

Da segunda vez que de Antuérpia partiu para Leste, por mar ou mais provavelmente por terra, em Schleswig recebeu-o Frederico I, protestante, em desavença com Carlos V que protegia o

destronado rei Cristiano II. Góis terá assegurado ao novo monarca dinamarquês, segundo Elisabeth Feist Hirsch, a neutralidade do rei de Portugal (cf. *The life and thought*, p. 20). De Schleswig desceu a Lübeck, Lüneburg, Ulzen, Wittenberg, Magdeburg, Berlim, Frankfurt/Oder, Poznam, Danzig, de acordo com Oliveira Marques (cf. *o.c.*, pp. 143-5). Este caminho é mais naturalmente admissível do que o aventado por Maximiano Lemos: Wittenberg, Danzig, Poznam (cf. id., *ibid.*). Foi em Wittenberg que Góis encontrou Lutero e Melanchthon (cf. Guilherme Henriques, *Inéditos Goesianos*, II, Lisboa, 1898, pp. 32, 49-51; e Hirsch, *o.c.*, pp. 33-5). A questão do casamento também foi tratada nesta visita à Polónia, mas sem surtir efeito por causa de Segismundo I (G. Henriques, *ibid.*, p. 32; Hirsch, *ibid.*, p. 20). Quanto à rota seguida por Góis, Jean Aubin, sublinhando que Oliveira Marques esqueceu Cracóvia, corta de Wittenberg para Breslau, Cracóvia, Poznam, Danzig, e lembra que o objectivo primordial da viagem fora a solução possível do contencioso surgido por causa da caravela *Michel*, de Danzig, fretada por conta de D. João III e aprisionada pelos dinamarqueses (cf. *l.c.*, pp. 260-264).

**4** A Índia Menor era a parte da Etiópia confinante com o Mar Vermelho, a Líbia e o Egipto (cf. *Mores, Leges et Ritus omnium gentium* per Ioannem Boëmum. Lugduni, apud Ioan. Tornaesium et G. Gaseium, 1561, p. 26: «Aethiopia duplex regio est Asiae et Africae: altera, quae hodie India dicitur, ad orientem solem rubro et barbarico mari alluitur, ad septentrionem Libyae et Aegipto contigua; ad occasum interiorem habet Libyam; ac reliqua parte, quae austro iacet obversa, alteri iungitur Aethiopiae, quae maior est et australior»). A Índia Maior era a gangética. Note-se a localização imprecisa da Etiópia, no texto de Boehm, parte na África, parte na Ásia.

**5** Escreveu o Conde de Ficalho: «Devemos desde já notar que desta expressão *Presbyter Joannes* ou *Johannes* se derivou muito naturalmente o *Preste Jehan* dos velhos escriptores francezes e o nosso Preste João. Os eruditos dos séculos seguintes, como Scaliger e Damião de Goes, procuraram etymologias complicadas: em uma supposta palavra persiana *Prestegiani* ou *Firishtajan*, que se dizia significar *apostolico*; em uma suposta expressão ethiopica *Joannes Bellul* ou *Joannes Encoe* [aliás indicadas por Zagazabo], que se traduzia por *Preciosus Joannes*, e outras. São todas de phantasia erudita; e Preste João parece significar simplesmente uma personagem que se suppunha ser *padre* e chamar-se *João*» (cf. *Viagens de Pero da Covilhan*, Lisboa, A. M. Pereira, 1898, p. 3, nota 1; *Fides* M$^{v}$, in *Opuscula* de 1544). Vd. também Carta **A** XXXIII, nota 5.

Quanto a Zaga za-Ab, ou Zagazabo na grafia de Quinhentos, trata-se de um dignitário religioso etíope, embaixador do négus Lebna Dengel, chegado a Lisboa na companhia do Padre Francisco Álvares, em Julho de 1527. Acerca das contrariedades que suportou, entre as querelas dos teólogos e uma atmosfera política bem diversa da albuquerqueana, e além disso a respeito de quem representavam o P. Álvares, e Mateus treze anos antes (uma minoria não judaizante na linha do négus Eskender e do bispo Marqos), e Zaga za-Ab (a maioria cristã judaizante), cf. Jean Aubin, «Le Prêtre Jean devant la censure portugaise», in *Bulletin des études portugaises et brésiliennes*, Paris, 41 (1980), pp. 33-57. Vd. também Carta **A** XXIII, nota 5.

**6** Cf. Conde de Ficalho, *o.c.*, pp. 192-3: «É difícil ou antes impossivel saber hoje qual seria a forma primitiva daquela carta, dictada primeiro na língua geez pela rainha Helena, com a assistencia dos seus conselheiros, e provavelmente de Pero da Covilhan; vertida alli mesmo na Ethiopia em arabico e persiano, segundo indica Damião de Goes, trasladada depois na Europa para portuguez, e de portuguez para latim e outras linguas».

**7** Com razão emendou Luís de Matos a data no texto latino. Na *Crónica de D. Manuel*, III, c. LIX, Góis dá a data certa quando escreve que «ahos XIX dias de Fevereiro, deste anno de M.D.XIIII, quomo havia novas de serem chegadas duas naos da India às Ilhas, de que erāo capitães Bernaldim freire e Frãcisco pereira pestana; nas quaes vinha hũ ẽmbaixador do Preste Ioão, quomo se vulgarmente entre nós nomea»… Na *Fides, religio moresque Aethiopum* ainda vem 1513 (Bii$^{v}$), data que por isso é vulgar nas transcrições deste texto ou alusões ao seu conteúdo. Ora a nau *Santo António o Grande*, em que Bernardim Freire conduzia a embaixada etíope, entrou no Tejo em 24.II.l514.

O atraso de um ano pode, entretanto, dever-se a um lapso de Góis ou ao *mos gallicus* de datação, que começava o ano na Páscoa. A Carta que fecha a *Legatio* não esclarece a forma de contagem escolhida, o mesmo sucedendo com as três cartas de Grapheus a Góis, então seu discípulo, escritas desde 1529 a 1531 e com a de Grapheus a seu irmão João, acompanhada do manuscrito goisiano para a imprensa (vd., nota 2 supra e, quanto a bibliografia, a 22 da I parte de *Noese e crise*). A ter

porém acontecido, compreende-se que na *Fides*, composta também em Flandres, ao desenvolver a matéria tratada na *Legatio* o nosso humanista haja mantido o ano de 1513, de acordo com tal costume de datar.

**8** A rainha Helena não era mãe do moço imperador Lebna Dengel Dawit, conhecido entre nós por David, nem avó como lhe chama o mesmo Góis na *Fides* (Bii$^{v}$) e na *Crónica de D. Manuel*, logo no título do cap. LVIII: «Da embaixada que ha rainha Helena avó de David e Emperador da Ethiopia Rei do Abexi, mandou a elrei dom Emanuel». Segundo o Conde de Ficalho (cf. *o.c.*, p. 183, nota 2), era viúva de Zara Ya'eqob (1434-1468), isto é, do bisavô de Lebna Dengel e não teve filhos. Era, portanto, a sua madrasta-bisavó.

David reinou desde 1508 a 1540, mas quem governou em sua menoridade foi a rainha Helena, que em 1508 teria à volta de 60 anos. Dotada de singulares qualidades, sabedora dos negócios do Estado, ilustrada e piedosa, gozou de grande prestígio durante três reinados. Góis cita dois livros religiosos dela, por informação de Zagazabo, bispo e embaixador etíope com quem várias vezes contactou em Lisboa por 1533 (cf. *Fides* Mii$^{v}$ e *Crónica de D. Manuel*, III, c. LX).

Ficalho é de opinião que a rainha Helena morreu por 1524-5. Parece-me que terá sido três ou quatro anos antes, porque o imperador David, na sua carta para D. Manuel em 1521, vertida para latim por Paulo Gióvio (cf. *Fides* Ciiii$^{r}$) sublinha que a estimava como mãe e governava o reino em seu nome: «quam loco matris colebam, et regnum pro me gubernabat». O mesmo imperfeito do indicativo é usado ao referir-se imediatamente a Mateus, que já tinha morrido em 1520, no caminho do regresso quase terminado (cf. *Fides*, C$^{v}$).

As andanças de Mateus, mercador internacional conhecedor das línguas árabe e persiana, até chegar a Lisboa conta-as Góis quase na parte final da *Legatio*, em cerca de 11 págs. B7-C4$^{r}$), na *Fides*, Bii$^{v}$-C$^{v}$ e na *Crónica de D. Manuel*, III, cc. LVIII e LIX, por as ter ouvido da boca de Jorge Lopo de Andrade, seu colega na feitoria de Antuérpia.

Mateus, conselheiro da rainha Helena e com carta desta datada de 1509, contendo a dupla proposta de aliança militar contra os infiéis e matrimonial entre príncipes de ambas as nações, partiu da Etiópia para o Oriente em direcção a Goa; disfarçado de mercador. Afonso de Albuquerque, inteirado da sua missão, faculta-lhe o embarque, em Janeiro de 1513, na nau capitaneada por Bernardim Freire, chegando ao Tejo em Fevereiro de 1514. Ficalho escreve que a viagem de Mateus «foi uma verdadeira via dolorosa e faz bem pouca honra a alguns portugueses que encontrou no caminho», entre eles o capitão do barco, que acabou por ser preso ao aportar a Lisboa (cf. *o.c.*, p. 19 e *Crónica de D. Manuel*, III, c. LIX).

Mateus trazia um pequeno séquito, cuja recomposição na Índia por Albuquerque suscitou uma cabala contra este e desgostos a Mateus. «Levava em sua companhia duas moças bonitas, - de bom parecer, segundo afirma Gaspar Correia uma das quais passava por ser sua legítima mulher; um rapaz abexim de nobre linhagem, chamado Jácome; dois frades, Marcos e Mateus; e mais cinco servidores, Pedro, António, Manuel, Paulo e João», além de um pagem chamado Francisco, alguns agregados à comitiva na Índia (cf. Ficalho, *o.c.*, pp. 191-195; Jean Aubin, «L'ambassade du Prêtre Jean à D. Manuel», in *Mare Luso-Indicum*, Paris, III (1976), pp. 1-56 a respeito da personalidade do embaixador Mateus, dos seus infortúnios e do atraso na partida da armada).

**9** Não estiveram cá um triénio, mas cerca de 14 meses, tendo embarcado em Abril de 1515 para a Índia (cf. Matos, *o.c.*, p. 245). A sua pousada não foi na corte, mas em casa de Gonçalo Lopes, almoxarife dos escravos (cf. *Crónica de D. Manuel*, III, c. LIX). Sobre as pequenas divergências na narrativa dos contactos de Mateus com a corte, deparáveis entre a *Legatio* e a *Crónica de D. Manuel*, cf. Jean Aubin, *l.c.*, p. 48, nota 232).

O regresso de Mateus e comitiva fez-se na armada saída do Tejo em 7 de Abril de 1516, sob o comando de Lopo Soares de Albergaria, acompanhando-o por sua vez a embaixada portuguesa à corte da Etiópia chefiada por Duarte Galvão (c. 1445-1517), que já septuagenário não aceitou a superintendência de três naus que lhe reservavam e morreria na ilha de Comorão sem realizar o seu sonho. Partidário dos intérpretes providencialistas da gesta das Descobertas, entusiasta da aliança com o Preste João e amigo de Afonso de Albuquerque, acabou por amargurar-se com Albergaria, do partido dos negócios e comércio. Por outro lado, as desinteligências entre Mateus e Galvão reacenderam-se na viagem e só na Índia se operou a reconciliação, no Natal de 1516, nas vésperas da partida para o Mar Vermelho, mesmo assim cada um em nau diferente e o P. Francisco Álvares

com Mateus, a fim de o conservar nas melhores disposições (cf. Jean Aubin, «Duarte Galvão», in *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, IX (1975), pp. 43-85). Vd. também Carta **A** XXIII, nota 42.

Quanto ao jovem aristocrata companheiro de Mateus, morreu nos mares da Índia em frente a Baticala e foi inumado em Cananor, num terreno de palmeiras comprado por Mateus (cf. id., *ibid*., p. 78).

**10** Consoante o mesmo Damião de Góis, «à segunda feira logo seguinte mandou elRei o Bispo da Guarda dom Pero Vaz, e dõ Martinho de Castello brãco (…) pera com outros muitos fidalgos e suas valias acompanharem hos embaixadores, em cuja companhia se foram a Sanctos onde hos elRei recebeo em pé fora do estrado, fazendo-lhes muita honra e gasalhado, e logo alli deu Mattheus a elRei ha carta que trazia de crença, scripta em lingoa Arabia e Persiana. Ho que feito se tornaram perá pousada, e aho outro dia vieram visitar a Rainha, Principe e Infantes, acompanhados de dom Ioão sotil Bispo de Çafim e dahi a três dias elRei lhes deu audiençia, em que Mattheus, quomo homem sabio e prudente dixe mui apõtadamente e mui seguro a elRei as cousas que trazia a cargo pera com elle trattar, dando-lhe uma carta da rainha Helena e cinquo medalhas douro (…) Depois (…) lhe deu outra scripta nas mesmas lingoas Arabia e Persiana metida em hum canudo douro» (*Crónica de D. Manuel*, III, c. LIX).

**11** Damião de Góis, nascido em Alenquer em 1502, entrou para a corte, onde o irmão Fructos já exercia o ofício de guarda-roupa do Rei Venturoso, em 1511, como informa no prólogo da *Crónica de D. Manuel*. O monarca destinou-lhe mais tarde a feitoria de Antuérpia, mas, falecido em 1521, foi já no reinado de D. João III, em 1523, que chegou como «escrivão» do secretário ao empório da Flandres (cf. Maximiano Lemos, *ibid*., pp. 5-19 e 208-226).

**12** Rui Fernandes de Almada, de nobre família lisboeta, em 1483 era feitor na cidade de Oran e depois em Safim, onde esteve até 1495 e cerca de 1503-1504. Em 1512 já era tesoureiro da feitoria de Antuérpia, ascendendo a feitor em 1526 como sucessor de João Brandão. Em 1534 troca a feitoria pela corte de França, nomeado embaixador nesta nação, onde exerceu o mecenatismo em favor de estudantes portugueses. Regressou à pátria cerca de 1540 e foi nomeado para o Conselho do rei em 1545, falecendo dali a dois ou três anos (cf. Luís de Matos, *Les portugais à l'Université de Paris entre 1500 et 1550*, Coimbra, 1950; Maria do Rosário Themudo Barata, *Rui Fernandes de Almada, diplomata português do século XVI*, Lisboa, 1967; Charles Verlinden, in *Dicionário de História de Portugal*, s.v. *Antuérpia*; A. Braancamp Freire, *Notícias da Feitoria da Flandres*, Lisboa, 1920, pp. VI e 113).

A respeito da «embaixada» ou missão de Rui Fernandes junto de Maximiliano e de Alberto da Baviera em 1515, ano da recepção dos artigos enviados por António Carneiro, Jean Aubin opina que deve tratar-se da que chefiou Tomé Lopes a Augsburgo (cf. *Mare Luso-Indicum*, *l.c.*, pp. 47-8, nota 231).

Das cartas portuguesas enviadas de Antuérpia para D. João III, a de 6.I.1527 está assinada por Rui Fernandes e seguidamente por Damião de Góis; a de 2.X.1528 assinam-na Jorge de Barros, Rui Fernandes e o mesmo Góis; a de 14.X.1528 os mesmos três cônsules; as de 22 e 28.VIII.1530 e a de 2.VII.1544 assina-as apenas Damião de Góis (cf. ANTT, *Corpo Cronológico*, parte I, m. 35, doc. 64; m. 18, doc. 111; m. 19, doc. 12; m. 45, doc. 107; m. 45, doc. 113; m. 75, doc. 18).

**13** António Carneiro (1460-1545) foi escrivão da câmara de D. João II e, mais tarde, de D. Manuel. Em 1509 é nomeado secretário de Estado, cargo que manteve até à morte do soberano, pedindo então dispensa dele sob o pretexto de idade avançada (cf. A. Braancamp Freire, «O camareiro», in *Crítica e História – Estudos*, I, Lisboa, 1910). Sucedeu-lhe Pero de Alcáçova Carneiro.

Escreve Góis: «Depois de ho embaixador do Emperador da Ethiopia, Rei do Abexi ter dadas suas cartas, embaixada e presentes que trazia, elRei lhe assinou hum dia pera perante elle e dos Prelados do regno que então andavão na corte, e Doctores em Theologia respõder a algũas perguntas açerqua das cousas da Fé e religião que hos Christãos do Abexi tem e usam, no qual cõsistorio respondeo particularmente aho que lhe foi perguntado, perante ho gentil homẽ Abexi que com elle vinha, ho que Antonio carneiro Secretairo delRei screvia, hos quaes artigos mãdou ho mesmo Antonio carneiro no ano de M.D.XV, a Rui fernãdez dalmada, residente na çidade Danvers, no Ducado de Brabãte, que depois ahi foi feitor delRei dom Ioão terceiro. Ho qual estãdo eu na mesma çidade de Anvers

servindo elRei ẽ sua cõpanhia me mostrou estes artigos que eu no ãno do señor de M.D.XXXI pus em lingoa latina, cõ ho treslado da carta da Rainha Helena» (*Crónica de D. Manuel*, III, c. LX).

Perdeu-se o original desta carta. Da tradução portuguesa, feita em Março de 1514 foi enviado um exemplar em 15.III.l514 ao feitor Silvestre Nunes, em Antuérpia; da versão latina, também um exemplar a Henrique VIII. O manuscrito daquela conserva-se na Biblioteca Nacional e na da Ajuda (cf. Jean Aubin, *Mare Luso-Indicum*, pp. 9-10, nota 30). Sobre outras versões, cf. Francis M. Rogers, *The Quest for Eastern christians*, Minneapolis, 1962, pp. 190-193 e Elisabeth Feist Hirsch, *o.c.*, pp. 225-227).

Carta **A** II

1 Integrada no final da *Legatio* (Antuérpia, J. Grapheus, 1532) e seu remate, seguindo-se o apêndice com as poesias de Grapheus dedicadas a Góis, esta carta tem por epígrafe «De Pilapiis», isto é, *acerca dos lapões* (quanto ao voc. *Pilapiis* vd. Hirsch, *The life and thought*, p. 145, n. 81). Vd. também *Crónica do Príncipe D. João* de Damião de Góis, ed. crítica e comentada de Graça Almeida Rodrigues, Lisboa, 1977, p. 31.

Quanto a Cornelis de Schrijver (1482-1558), cujo apelido transcrito para grego dava *Grapheus* e para latim *Scribonius*, do que resultou a assinatura *Cornelius Scribonius Grapheus*, foi um notável erudito e poeta latino, membro do Conselho Privado de Antuérpia, amigo de Dürer e de Erasmo (vd. Carta **A** V, nota 2), preceptor de Góis desde 1529 (vd. Carta **B** I, nota 1), ano em que lhe dedica duas obras, e seu primeiro editor de parceria com o irmão João Grapheus, impressor. Condenado por luteranismo em 1522, abjurou publicamente tal doutrina. Entre outros trabalhos de gramática, história, literatura, moral e teologia, é autor de um resumo da *Historia de gentibus septentrionalibus* de Olau Magno Gothus (vd. Carta **A** I, nota 1), publicada em Antuérpia em 1558 e com 2.ª ed. em 1562 (cf. BB, s.v. *Grapheus*). Vd. também II vol. de *Noese e crise*, 1, 3 e Carta **A** I, notas 1 e 3.

2 «Scythia, regio septentrionalis, a Scytha, Herculis filio, ut tradidit Herodotus, dicta» (cf. *Mores*, *Leges et Ritus omnium gentium*, per Ioannem Boemum, p. 113).

3 Na *Lappiae Descriptio* (cf. *Fides*, Niii$^{v}$-Niiii$^{v}$), Góis diz que «Lapónia» significa região árida e frígida cujos habitantes, de pequena estatura e vestidos de peles, dados à caça e à pesca, cultuam o fogo e esculturas de pedra.

Esta descrição, epigrafada diversamente em edições anteriores à dos *Opuscula* de 1544, é subsidiária da *Carta marina* de Olau Magno (vd. Carta **A** I) e da *Schondia* de Ziegler, que aliás Góis mostra conhecer (vd. Carta **A** IV, ls. 45-7 e nota 9). Vd. também Jean Aubin, «Damião de Góis et l'archevêque d'Upsal», in *Damião de Góis*, *humaniste européen*, pp. 307-313).

4 Tributários dos Birkarl, mercadores concessionários do rei da Suécia, os lapões pagavam-lhes anualmente certa quantidade de salmões e peles de esquilo. Após o convénio de Upsala entre Gustavo I e os Birkarl, em l.IV.1528, estes reservavam para o rei uma parte dos tributos arrecadados, que mais tarde são recebidos directamente, afastados os intermediários (cf. Matos, *Correspondance latine*, p. 243).

Góis confunde os Birkal, mercadores suecos ou talvez finlandeses, com os nobres, como se estes possuíssem grandes domínios na Lapónia (cf. Jean Aubin, *l.c.*, pp. 2-3).

5 Poucos dias depois de terminada esta carta, a 21 de Dezembro de 1531, Góis assistia em Bruxelas, na casa do nosso embaixador junto de Carlos V, D. Pedro Mascarenhas, e como um dos quatro fidalgos encarregados do serviço da mesa de sua Majestade Cesárea, aos festejos comemorativos do nascimento do príncipe D. Manuel, filho de D. João III, que se prolongaram por três dias, tendo sido um dos números do programa a representação da tragicomédia vicentina *Jubileu de Amores*. Entre a assistência contavam-se André de Resende, que compôs um poema latino sobre a festa, e o célebre Jerónimo Aleandro, nesse tempo bispo e núncio apostólico, que ficou escandalizado com a crítica que na peça se processava à Igreja e às indulgências (cf. Marcel Bataillon, *Erasmo y España – Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI*, trad. de Antonio Alatorre, 2.ª ed. em esp. corrigida e aumentada, Fondo de Cultura Económica, México-Buenos Aires, 1966, pp. 415-416; José V. de Pina Martins, *Au Portugal dans le sillage d'Erasme*, Exposition bibliographique en l'honneur de Marcel Bataillon, Paris, Centre Culturel Portugais, Fondation Gulbenkian, 1977, pp. 168-170; Jean Aubin, *l.c.*, p. 265).

Em 1532, entrando no círculo de erasmianos do Colégio Buslidiano ou Trilingue, estabelece-se uns meses em Lovaina, donde Resende, cortando alguns anos de convívio, se afastava após a proibição dos livros de Erasmo pelos dominicanos e a publicação, em Setembro de 1531, nas oficinas de Froben em Basileia, do *Erasmi encomium*, sem prévia consulta do autor que foi posto inesperadamente em cheque perante os confrades religiosos. Damião de Góis hospeda-se em casa de Rogério Réscio, professor de Grego, e granjeia logo a amizade de Conrado Goclénio, grande ciceroniano. Mas cerca de l.VII.l533 regressa a Portugal, convidado pelo rei para tesoureiro da Casa da Índia, cargo que acabará por recusar (cf. Cartas **A** IV-V e respectivas notas; Odette Sauvage, *L'Itinéraire érasmien d'André de Resende*, Paris, 1971, p. 38; Hirsch, *The life and thought*, p. 64; Pastor, IV e V, *passim*).

**6** Cf. Carta **A** I, nota 1 no final.

**7** A *Legatio*, dada ali à estampa em 1532 e não em 1533 como escreveu Albin Eduard Beau (*o.c.*, p. 138), foi traduzida para inglês por John More, filho de Tomás More, e editada em 1533 em Londres (cf. Henry de Vocht, *Monumenta Humanistica Lovaniensia - Texts and Studies about Louvain Humanists in the first half of the XVI$^{th}$ century: Erasmus, Vives, Dorpius, Clenardus, Goes, Moringus*, Louvain, 1934, p. 613, citado *Monumenta*; Hirsch, *The life and thought*, p. 226, nota 11).

Carta **A** III

**1** Bonifácio Amerbach (1495-1562), nascido em Basileia, era o último dos cinco filhos de João Amerbach (1434-1513), impressor aí estabelecido em 1480 e natural de Amerbach, na região de Odenwald, Würzburg: Bruno (1484-1519), Margarethe (1486-1488), Basílio (1488-1535), Margarethe (1490-1541). Licenciado em artes em 1513 na cidade natal, cursou Direito em Friburgo de Brisgóvia e doutorou-se em Avinhão no tempo em que André Alciato (1492-1550) aí exercia a cátedra (1514-1527). Regressado a Basileia em 1525, sucedeu a Cláudio Chansonnette ou Cantiuncula (1488-1560) na Faculdade de Direito, que reitorou cinco vezes. Discípulo de Ulrico Zasi ou Zazius (1461-2.1535) em Friburgo (1506-1535) e amigo de Alciato, dois ilustres remodeladores dos estudos jurídicos com base na crítica textual, perito em latim e em grego, familiar de celebrados humanistas, foi o executor testamentário de Erasmo e seu herdeiro universal. A amizade com o príncipe dos humanistas data da edição das obras de S. Jerónimo, em que trabalhou juntamente com Froben, outro célebre impressor e livreiro de Basileia. É de Amerbach o epitáfio de Erasmo na catedral desta cidade (cf. Hartmann, *Amerbachkorrespondenz*, I, 1942, Basel, pp. X-XXII; Heinrich Schreiber, *Gesch. d. Albert-Ludwigs-Universität zu Freiburg im Breisgau*, II, Freiburg, 1857, p. 323; HBLS, s.v. *Amerbach* e Cartas **B** XII, XXII, XXVI, XXVII, XLI, LII e LIII).

**2** Escolar lovaniense desde inícios do Outono de 1532 até princípios de Junho de 1533 ou então finais de Maio (cf. Henry de Vocht, *Monumenta*, p. 614, nota 7, em que um excerto do prefácio-dedicatória a D. João III do *De ecclesiasticis Scripturis et Dogmatibus* (1533), de João Driedoens, de Tornhout, o dá já partido de Lovaina em 9 de Junho; Marcel Bataillon [cit. por Vocht], «Erasme et la Cour de Portugal» in *Arquivo de História* e *Bibliografia*, Coimbra, II (1927), artigo inserto em id., *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme*, Coimbra, 1952 e Paris, 1974, p. 64, nota 59) e hóspede de Rogério Réscio ou Reeger Ressen, culto helenista que fora discípulo de Jerónimo Aleandro e mestre de Clenardo no Colégio Trilingue Buslidiano, além de impressor-livreiro desde 1529, Damião de Góis, após oito ou nove meses de aturado estudo, segundo dirá mais tarde no tribunal inquisitorial, ou só cerca de sete como se lê na carta-dedicatória da *Urbis Lovaniensis obsidio* (vd. Carta **A** XXXII), e contraída uma doença nos olhos, é aconselhado por físicos a espairecer um pouco. Com carta comendatória do seu hospedeiro, parte em direcção a Friburgo, aonde chegou por fins de Abril de 1533, levando consigo a *Legatio* para ofertar a Erasmo que o convidou para jantar e mais tarde lhe pede desculpa de ter consigo durante uma só ceia e colóquio um hóspede tão amigo, honesto e bom. Isaías da Rosa Pereira (cf. *O Processo de Damião de Góis na Inquisição de Lisboa (4 de Abril de 1571 - 16 de Dezembro de 1572*, Lisboa, 1975, p. 129, situa esta visita em 1532, o que ou é gralha ou a repetição do lapso de Albin E. Beau (cf. *o.c.*, p. 88).

Passando por Basileia, onde pouco terá demorado, encontra-se com Sebastião Münster (1498-1552), franciscano aderente à Reforma, sábio orientalista e cosmógrafo, professor em Heidelberg e Basileia; com Simão Grineu (1493-1541), reformador alemão e professor, continuador religioso

de Ecolampádio (1482-1531); e com Bonifácio Amerbach, para quem levou uma carta de Erasmo, embora sem menção do nome do portador com receio de molestar aquele, consoante o próprio Erasmo explicaria ao mesmo Amerbach em carta de 5 de Maio de 1533.

Regressado a Lovaina, terá possivelmente, atendendo à sua sociabilidade e ainda às relações do próprio hospedeiro, assistido ao doutoramento em Teologia, a 27 de Maio, do compatriota hieronimita Diogo de Murça, escolar de Salamanca, de Paris e finalmente de Lovaina, retornado a Portugal com uma carta de Rogério Réscio, escrita no dia de S. Miguel, para Clenardo, a quem a entrega a 17 de Dezembro. Constitui, talvez, uma pura distracção o asserto de que nesta data última o futuro Prior do Convento de Penha Longa ainda estava em Lovaina (cf. A. Moreira de Sá, *Livros de uso de Frei Diogo de Murça*, sep. do «Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra», XXXIII (1977), p. 10), porque baseado em texto genuíno citado em rodapé, havendo apenas a precisar ser a carta em que este vem, não de Clenardo a Polites, mas a Vaseu (24.XII.l534), nesse tempo em Salamanca. O modo, embora correcto, como tal excerto foi transcrito e citado por M. Gonçalves Cerejeira, em *O Renascimento em Portugal*. I - *Clenardo e a sociedade portuguesa*, 4.ª ed., Coimbra Editora, 1974, p. 393, é que originou este pequeno lapso, por míngua de especial atenção.

Ou então não constitui distracção nenhuma, se A. Moreira de Sá interpreta o 17 de Dezembro como de 1534 e não de 1533, contra o parecer comum. É que na obra saída há dias, reafirma a volta de Frei Diogo de Murça «em fins de Dezembro de 1533» (cf. *A Universidade de Guimarães no século XVI (1537-1550)*, Paris, Centro Cultural Português, 1982, p. 24).

Pela minha parte, em face do contexto da carta de Clenardo e da estupefação deste pela demora da de Réscio «Vê quão infelizes somos nestas paragens!», inclino-me a que o 17 de Dezembro seja de 1534. Deve então culpar-se Diogo de Murça por um retardamento de quase 15 meses? Não. Clenardo só diz que este lha entregou, sem esclarecer se o portador último terá sido também o primeiro.

Quanto à matrícula de Góis na Universidade de Lovaina, vd. Carta **A** XXXII, nota 9.

Elisabeth Feist Hirsch (*The lite and thought*, pp. 66-67), depois de escrever que não está definitivamente estabelecida a data da visita de Góis a Estrasburgo, se em 1533 ou 1534, acrescenta em nota que é possível tenha sido por esta ocasião da primeira visita a Friburgo. Ora não me parece tal, por duas razões: a primeira, a informação do próprio Góis, na citada sessão inquisitorial, de que passou por Argentina (Estrasburgo), em 1534, quando da casa de Erasmo em Friburgo deu um giro até à Flandres a tratar das suas coisas e retornou à mesma casa, o que aconteceu talvez de fins de Maio a 4 de Julho, porque em 4 de Junho Gilberto Cognato ou Cousin (vd. Carta **A** VI) escreve a Amerbach que Góis está de viagem, e um mês depois é o próprio Góis que sem tirar as grevas responde apressado a Amerbach; a segunda razão apoia-se no facto de, desde 12 de Abril de 1533 até cerca de meados de Maio, Martim Butzer ou Bucero ter estado ausente de Estrasburgo, em passeio por Basileia, Constança, Zurique e Berna (cf. Hartmann, *Amerbachkorrespondenz*, IV, p. 195). Sabido que Góis declara ter-se encontrado em Estrasburgo com Butzer (1491-1551), dominicano aderente à Reforma e mais tarde professor em Cambridge, e ao mesmo tempo com Wolfgang Koepfel ou Capito (1478-1541) e com Gaspar Heid ou Hédio (1494-1552), três teólogos de tendências zuinglianas e erasmianas (cf. R. Bornert, *La réforme protestante du culte à Strasbourg au XVI*e *siécle* (*1523-1598*). *Approche sociologique et interprétation théologique*, E. J. Brill, Leida, 1981) é de concluir não haver sido tal demora de um dia e meio na cidade alsaciana em 1533, mas um ano após (cf. Guilherme Henriques, *Inéditos Goesianos*, II, p. 59).

Aubrey Bell, por sua vez, aceitou que tal encontro se dera em 1534, como de facto, mas quando Góis partia «para Itália, passando por Estrasburgo, onde visitou Bucer» (cf. *Um humanista português, Damião de Góis*, trad. do inglês por A. Álvaro Dória, 1942, pp. 24-25).

**3** Em missiva de 1 de Setembro (Carta **B** XII), Bonifácio Amerbach responde que o tal espanhol se chamava Cristóvão, ignorando-lhe o apelido. Fora proscrito por duas vezes da cidade, mas regressara de novo; pela terceira vez encarcerado, contraíra uma espécie de demência, de que fora curado a expensas do erário (cf. texto em Joaquim de Vasconcelos, *Epistolae*, pp. 14-15, e Luís de Matos, *Correspondance latine*, pp. 33-34).

Trata-se do padre espanhol Cristóbal de la Torre, que se meteu em discussões com a igreja reformada. Solto em 9 de Abril e expulso da cidade, voltou e foi de novo encarcerado; liberto a 18 de Abril e expulso, retomou a Basileia, para ser preso pela terceira vez e posto em liberdade a 16 de Maio. Ameaçado de morte, respondeu que não temia dar a vida pela Fé. Amerbach foi seu amigo

e, em carta de 9 de Abril, recomendava-o ao reitor da Universidade de Friburgo, Jorge Amelius, acentuando que se lhe afigurava tratar-se de uma pessoa piedosa, honesta e erudita. Ao escrever por sua vez a Cristóbal, Amerbach envia-lhe dinheiro e cartas comendatícias para Jorge Amelius e Glareano, bons católicos friburgenses (cf. Hartmann, *o.c.*, IV, pp. 202, 203, 237).

Estes dados, com datação nítida, serviram-me para temporalmente situar, creio que em definitivo e ao arrepio das opiniões vigentes, a primeira ida de Góis a Friburgo (cf. Carta **A** IV).

**4** Joaquim Zäzi ou Zasius, filho do primeiro matrimónio de Ulrico Zasius, matriculou-se em Friburgo em 18.IV.l506; em 1518 era secretário de Carlos III, duque da Sabóia, ascendendo depois a chanceler (cf. Hartmann, *o.c.*, II, p. 216, IV, pp. 368-9; Riegger, *Udalrici Zasi epistolae*, Ulmae, 1774, pp. 79 ss.; Matos, *Correspondance latine*, p. 248).

Quanto à estalagem da Cegonha, vd. Carta **A** V.

**5** Escreveu Maximiano Lemos (cf. «Damião de Goes», in *Revista de História*, IX (1920), p. 225): «Duas cartas, uma de Erasmo a Damião de Goes, datada de Friburgo a 25 de Julho (**B** X) e outra de Bonifácio Amerbach com a [data] de 1 de Setembro (**B** XII) levam a acreditar que o nosso compatriota não partiu de Antuerpia para Portugal antes desta ultima data».

A tal carta de l.IX.1533 é a resposta (vd. nota 3) a esta de Góis, mandada de Lovaina a 18 de Maio. As razões, porém, em que Lemos se escuda são por si mesmas falhas de valor argumentativo. Na missiva de 20 de Junho para Erasmo, o nosso compatriota dizia claramente que partiria dali a 10 dias (vd. Carta **B** IV) e nenhuma prova séria existe em desabono, antes muito ao contrário (vd. Carta **A** XI, quanto ao testemunho de Goclénio). O não ter avisado Amerbach pode explicar-se pela azáfama dos preparativos de uma partida inesperada, ou pela esperança de que o viesse a saber por Erasmo, ou até pela eventual decisão de lhe escrever após o facto consumado.

Carta **A** IV

**1** Não carece de apresentação o príncipe dos humanistas, cujo nome de baptismo foi *Erasmo*, vindo o prenome talvez dum *Desiderius* lido em S. Jerónimo.

Nascido em Roterdão em 1466 ou 1469 e falecido em Basileia na noite de 11 de Julho de 1536, Hércules da pena no retrato de Holbein e na realidade, deixou uma bibliografia vasta e polimorfa, desde os *Adagia*, vindos a lume em Paris em 1500, até ao *Ecclesiastes*, saído em 1535 em Basileia, ou ao comentário a Orígenes em que trabalhava já perto da morte. Experimentou o favor de príncipes e de reis, de prelados e de papas, e foi disputado por cinco universidades, entre as quais a portuguesa; já com anos e languescente, teve de Paulo III a oferta do chapéu cardinalício, que recusou. Apesar das perplexidades e arriscadas flutuações no campo da ortodoxia, nunca abandonou a Igreja Católica (cf. BibEr.; Menéndez y Pelayo, *Historia de los Heterodoxos españoles*, IV, 2.ª ed., Madrid, 1928); Marcel Bataillon, *Erasmo y Espana*, cit., *passim*; Artur Moreira de Sá, *De re erasmiana. Aspectos do erasmismo na cultura portuguesa do século XVI*, Braga, Faculdade de Filosofia, 1977.

Foram muitas as andanças de Erasmo e grande parte relaciona-se com elementos ou personagens inclusos neste trabalho. Escolar em Deventer até aos 18 anos, religioso nos Cónegos Regrantes perto de Gouda até aos 26; em 1493, secretário latino do bispo de Cambrai; dois anos depois aluno da Universidade de Paris, mal aboletado no Colégio de Montaigu. Por sugestão de William Blount, Lord Mountjoy, seu discípulo particular em Paris, vai a Inglaterra (1499), onde conhece John Colet e Thomas More. Em 1500 está em Paris, voltando a Inglaterra em 1505; em 1506 doutora-se em Teologia por Turim; de 1511 a 1514, professa Teologia e Grego em Cambridge; em 1516 edita em Basileia, com Froben, o *Novum Instrumentum* em grego e latim e *Divi Hieronymi Opera Omnia*; de 1517 a 1521 reside em Lovaina, onde ajuda à criação do Colégio Trilingue; de 1521 a 1529, em Basileia; desta data até 1531, em Friburgo na casa «zum Walfisch» de Jacob Villinger de Schoenenberg; de 1531 a 1535, ainda em Friburgo, mas agora em casa própria; desde fins de Maio de 1535 a Julho de 1536, em Basileia, na casa *zum Luft* de Jer. Froben, em quarto expressamente acomodado.

Às vezes lê-se que Erasmo viveu em Friburgo desde 1531 a 1535, havendo portanto um lapso de dois anos. Em carta já de 7.II.1956 esclarecia-me o Dr. Zwölfer, conservador do Stadtarchiv de Freiburg im Breisgau: «Es sind in Freiburg nur zwei Hauser bekannt, in denen Erasmus in den wenigen Jahren seines hiesigen Aufenthalts gewohnt hat. Das zweite Haus, das Erasmus bewohnt hat, kommt aus folgenden Gründen nicht in Frage: 1) wohnt er im Jahr 1534 noch darin; 2) ist er selbst Hauseigentümer, da er dies Haus (Schiffstrasse N.^r 7) im Jahr 1531 gekauft hat. Wen aber Erasmus im

Jahr 1534 von einem Haus schreibt in dem er früher gewohnt hat, kann sich das nur auf das Haus «zum Walfisch» in des Franziskanerstrasse N.r 3 (heute städtische Sparkasse) beziehen, wo er 1529 bis 1531 gelebt hat. Dieses Haus ist nun in den Jahren 1514-1516 von dem kaiserlichen Rat Jakob Villinger erbaut und von Villinger im Jahr 1529 an Erasmus zum Wohnen überlassen worden».

Hartmann (cf. *Amerbachkorrespondenz*, IV, p. 381), mandando consultar Allen, escreve estas duas linhas: «Im Haus *zum Walfish*, wo Erasmus seit April 1529 gewohnt hatte, bis er im Sept. 1531 ins Haus *zum Kind Jesu* umzog». Em 27 de Maio de 1535 terá Erasmo deixado esta Casa do Menino Jesus, que, segundo Góis, vendeu com felicidade, mudando-se para Basileia (cf. Hartmann, *o.c.*, pp. 350 e 367; vd. também Carta **A** XI, nota 1, Carta **A** XIII).

Quando Damião de Góis, abandonado o cargo régio, se decide a ser hóspede de Erasmo, este em carta de 11 de Abril para Basileia (vd. Carta **A** V e notas respectivas) oferece-lhe liberalmente a *zum Kind Jesu* em que habita e onde se aboletará Góis, acrescentando, porém, que se acaso lhe não agradar, poderá ocupar a parte da *zum Walfish* em que ele vivera anteriormente e acabava de ser desocupada pelos condes de Rennenburg, de regresso a Leida (vd. Carta **B** XIX).

**2** Desconhece-se a missiva anterior a que Góis *se* reporta. Quanto a Erasmo Scheto ou Schets, ilustrado homem de negócios e banqueiro antuerpiano, casado com Ida van Rechtergem, filha de outro grande mercador que primeiro contactou com a nossa Feitoria, trata-se do mesmo que em carta de 17 de Março de 1526 sugeria a Erasmo, em apuros financeiros, a oferta duma obra a D. João III provida de elogiosa dedicatória, acção que naturalmente viria a ser regiamente recompensada. Instado segunda e terceira vez, Erasmo responde, a 2 de Outubro, ir pensar nisso quando tiver vagar. Em Março de 1527 saía em Basileia, nas oficinas de João Froben, o volume *Chrysostomi Lucubrationes*, com carta-dedicatória de 24 de Março, cujo título original da 1.ª edição, encontrada por Moreira de Sá na Gemeentebibliotheek de Rotterdam, é *Diui Ioannis Chrysostomi Archiepiscopi Constantinopolitani et diui Athanasii Alexandrini Archiepiscopi Lucubrationes aliquot non minus elegantes quam utiles, nunc primum uersae et in lucem aeditae per Des. Erasmum Roterod*. Basileae, apud Ioan. Frobenium, MDXXVII. Cum gratia et priuilegio Caesareo. A carta-dedicatória desaparece já na edição de 1530.

Segundo Moreira de Sá, Schets visaria «dois objectivos: conseguir uma vultuosa pensão para Erasmo e alcançar as boas graças do Rei português a fim de melhorar as condições contratuais da especiaria com os alemães, principais clientes de Schets» (cf. *De re erasmiana*, p. 153). Mas quer este, quer Erasmo, já em 1529 se lamentavam de nada chegar de Portugal; e o que é verdade é que a oferta não surtiu efeito, certamente por motivo da sua alusão ao monopólio das especiarias e da forte corrente antierasmista peninsular centrada na Assembleia de Valladolid em Junho-Julho de 1527, na qual intervieram três portugueses nada erasmianos: D. Estêvão de Almeida, Pedro Margalho e sobretudo Diogo de Gouveia (cf. *De re erasmiana*, pp. 14, 144-188; Luís de Matos, «Das relações entre Erasmo e os Portugueses», in *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, Lisboa, IV (1963), pp. 241-2; José Sebastião da Silva Dias, *A política cultural da época de D. João III*, I, Coimbra, 1969, pp. 106-126).

A propósito, carece de dupla correcção este lapso de Hernâni Cidade no artigo «Damião de Góis» inserto na miscelânea comemorativa *A Damião de Góis no IV centenário da sua morte, 1574-1974* (ed. do jornal «Nova Verdade», Alenquer), p. 19: «Tinha sido o humanista português que, visitando o célebre Mestre de todos os humanistas em Lovaina, tinha trazido ao rei seu soberano como oferta do Autor que lho dedicara, o livro sobre *S. Crisóstomo*». É que à data da publicação do livro, 1527, já Erasmo contava seis anos de habitação em Basileia; além disso, sabe-se que foi Schets quem não só conseguiu a dedicatória, mas também, por sua vez enviou o volume «ao próprio Rei», como declara na carta de 12 de Julho de 1527 para Erasmo: «ac ipso regi missus est» (cf. P. S. Allen, *Opus epistolarum Des. Erasmi Roterodami*, VII, Oxford, pp. 111-112).

As relações entre Góis e Schets datam evidentemente da Feitoria; mas o convívio com os filhos deste em Lovaina, Baltasar, Gaspar e Melchior, alunos no Colégio Trilingue de Busleiden a partir de 1530-31, certamente as acentuou.

Em 1545, ano do regresso definitivo de Góis, Erasmo Schets era investido, por carta patente de Carlos V, da senhoria de Grobbendonck, que havia adquirido a Philibert de Mastaing; em 1559, o filho Melchior, por Filipe I, das de Rumpst, Heyndonck e Boom. Erasmo caracterizou o seu amigo Erasmo Schets com esta frase expressiva: «homo non optime Latinus, sed tamen optimae fidei» (cf. *Briefe an Desiderius Erasmus von Rotterdam*. Herausgegeben von Joseph Foerstemann und Otto Günther, in *Beiheft zum Zentralblatt für Bibliothekswesen*, XXIV-XXVII (1900-1904), p. 418; Henry de Vocht,

*History of the foundation and the rise of the Collegium Trilingue Lovaniense*, *1517-1550*, Louvain, 1951; J. A. Goris, *Étude sur les colonies marchandes méridionales (Portugais*, *Espagnols*, *Italiens), à Anvers de 1488 à 1567*, Louvain, 1925, p. 235 ss.; L. Guicciardini, *Description de toutz les Païs-Bas*, trad. de Belleforest, Anvers, Plantin, 1582; e BNB, s.v. *Grobbendonck*).

**3** O criado de que fala Góis é o amanuense de Erasmo, de nome Quirino, de Haia, o segundo Quirino, que começou a servir Erasmo em 1532. O primeiro, Quirino Talésio, de Haarlem, escrevia Erasmo em 15.III.l531, atacado de «suor inglês» (hidronose ou hiperdropiritrose), havia, a instâncias do pai, regressado à sua terra; em 1534, qual noutra carta de 19 de Fevereiro se lê, já servia outro amo em Friburgo, Ulrico Zásio. Quirino Hagius, por sua vez, só serviu Erasmo até Novembro de 1533.

Luís de Matos é de opinião (cf. *Correspondance latine*, p. 255) que Góis fora a Friburgo no mês de Março de 1533. Sete anos antes escrevera Marcel Bataillon (cf. *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme*, Coimbra, 1952, p. 82) que «il semble bien établi que Damião se présenta pour la première fois à Érasme à la fin de 1532 ou au commencement de 1533», embora na p. 150 acrescente que «c'est en 1533 qu'il [Damião] fait son premier voyage à Fribourg». J. S. da Silva Dias, seguindo Bataillon, acredita também (cf. *A política cultural da época de D. João III*, I, Coimbra, 1969, p. 382) que tal aconteceu «em fins de 1532 ou princípios de 1533». Por sua vez, Artur Moreira de Sá (cf. *De re erasmiana*, p. 162) mantém, em 1977, o ponto de vista de Luís de Matos e dos demais, aceitando que Góis «esteve em Friburgo em princípios de 1533». Bataillon repete-se em 1974, pp. 58 e 122. Jean Aubin, erudito amigo (cf. «Damião de Góis dans une Europe évangélique», in *Humanitas*, Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, XXXI-XXXII (1979-80), p. 203) aceita idêntico ponto de vista.

Creio que as dúvidas podem agora acabar. De facto, sabe-se que Góis, após o encontro rápido com Erasmo, fora portador, para Amerbaoh, de uma carta deste e que Amerbach lhe falara de Cristóbal de la Torre que, apesar de já encarcerado por duas vezes, teimara em retornar a Basileia arriscando-se ao pior. Ora a segunda prisão terminou em 18 de Abril de 1533 e a terceira em 16 de Maio. Góis deve ter-se encontrado com Erasmo depois de 18 de Abril, talvez pelos fins deste mês, atendendo também à carta de Erasmo a Amerbach, datada de 5 Maio, a pedir-lhe desculpa se acaso o português o incomodou, acrescentando que, para não vir a acontecer, não ousara recomendá-lo (vd. Carta **A** III, notas 2 e 3). Na carta de 25 Julho de 1533 para Góis pede-lhe também desculpa de na missiva para Amerbach, de que Góis fora portador, não haver menção dele por já estar escrita e selada anteriormente à sua passagem por Friburgo.

**4** Vd. Carta **A** I, nota 2 e 4. J. Boehm identifica Sarmácia com Polónia: «Polonia Europae regio, uasta et plana, unde et hoc nomen accipit. Significat enim, Sclauonica lingua, qua et ipse utitur, Pole planum: Sarmatia alio nomine uocata» (cf. *Mores*, *Leges et Ritus omnium gentium*, per Ioannem Boëmum… Cum indice locupletissimo, Ludguni, apud Ioan. Tornaesium et G. Gazeium, 1561, p. 206). Sebastião Munster, na sua *Geographia Universalis*, «Tabula Europae VIII», prolonga a Germânia até ao Vístula, colocando a Sarmácia para além deste rio (cf. *Geographia universalis*, *vetus et nova*, *complectens Claudii Ptolomaei Alexandrini Enarrationes libros VIII (…) Succedunt tabulae Ptolomaicae*, *opera Sebastiani Munsteri novo paratae modo* (…), Basileae, apud Henricum Petrum. Mense Martio. Anno M.D.XL).

Quanto a Dácia, na «Tabula Europae IV», da citada obra de Munster, vem a informação de que Ptolomeu a colocava na Suécia. Por sua vez Albrecht Krantz em *Regnorum aquilonarium chronica*, depois de breve alusão à Suécia e Noruega, escreve reportando-se à região mais a sul: «meridionalia Datae ct Dantiones, hoc est Dani tenent» (cf. Alberti Krantzii (…) *Regnorum aquilonarium: Daniae, Sueciae, Norwegiae, chronica (…) Item Jacobi Ziegleri Schondia, id est regionum et populorum septentrionalium ad Krantzianam historiam perutilis descriptio* (…) Francofurti ad Moenum, apud A. Wechelum, 1575, p. 1).

A região, portanto, dos povos *datas* ou *daneses* é a *Datia*, assim citada por Ziegler na sua *Schondia* (vd. Carta **A** IV, nota 9) ou Dinamarca, a qual Góis grafa com *c* como outros; não é a Dácia agregada por Trajano ao império de Roma, o qual por isso mesmo usou o sobrenome de *Dácio*.

**5** Segundo Goris os grandes navios venciam em 15 dias o trajecto de Antuérpia a Lisboa, salvo sem vento de feição (cf. *o.c.*, p. 135). Góis, porém, sempre desejoso de contactar com povos e costumes, vem por terra, visitando em Paris, no convento de S. Francisco, a Frei Roque de Almeida, cunhado

do seu grande amigo João de Barros, a quem, muito instado, passa uma carta de recomendação para Melanchthon, como por três vezes declara aos inquisidores. Chegado a Portugal cerca de Agosto, se não já por meados desse mês, dada a sua ânsia de conhecer mundo e a necessidade de descanso às cavalgaduras, em breve curou certamente de desculpar perante o Rei o prefácio de Erasmo nas *Chrysostomi Lucubrationes*, como este lhe rogava em carta de 25 Julho de 1533. A pergunta feita a Góis «per algũas vezes» por D. João III sobre se ele poderia fazer vir Erasmo ao reino para leccionar em Coimbra foi resultado do entusiasmo e perícia com que Góis falou de Erasmo ou um disfarce do Rei para delongar a questão da retribuição pecuniária pela dedicatória do livro? Não se sabe a intenção, mas apenas o facto (cf. ANTT, *Inquisição de Lisboa*, Processo n.º 17.170, fls. 98 e 99; A. P. Lopes de Mendonça, *Damião de Góis e a Inquisição de Portugal*, Lisboa, 1859, p. 89; Guilherme J. C. Henriques, *o.c.*, II, p. 74; Raul Rego, *O processo de Damião de Góis na Inquisição*, Lisboa, 1971, p. 139; Isaías da Rosa Pereira, *o.c.*, p. 127). Vd. também Cartas **A** XVII e XVIII).

**6** Henrique VIII estava então na baila, desde que em Maio de 1527 começara a planear o seu divórcio com D. Catarina de Aragão, legítima esposa havia 18 anos, e sobretudo desde que em 1531 se constituira chefe da igreja inglesa. Neste ano de 1533, anulado por Cranmer o primeiro matrimónio, casava com Ana Bolena, a quem, cerca de cinco meses após, proclamava rainha de Inglaterra.

Erasmo, ao responder a Góis em 25 de Julho de 1533, protesta com veemência contra as suspeições a seu respeito. Nunca emitira uma sílaba sequer nem pró nem contra o divórcio. É amigo do monarca, a quem deve atenções e favores, mas também é conselheiro de Carlos V. Se dedicou um opúsculo ao novo sogro do rei, Thomas Boleyn (1477-1539), também quando Carlos V e Francisco I andaram em luta, a ambos dedicou obras sem ninguém clamar que ele estava por este ou aquele.

O opúsculo é a *Enarratio triplex in Psalmum XXII*, dedicado ao pai de Ana Boleyn em 1530, «unus prope inter nobiles eruditus, animoque plane philosophico», como Erasmo escreve na dita carta a Góis, e tal gesto fora ao encontro de um pedido do mesmo Boleyn e de Gérard Phrysius. Em 1534 dedica-lhe ainda o seu *De praeparatione ad mortem* (cf. Allen, *Opus Epistolarum Des. Erasmi Roterodami*, VIII, pp. 349-350; DNB, s.v. *Boleyn*).

**7** Cartas **A** I, nota 2, II, nota 1 e III, nota 2. O opúsculo é a *Legatio Magni Indorum Imperatoris Presbyteri Ioannis, ad Emanuelem Lusitaniae Regem*, vindo a lume em Antuérpia em 1532, com este cólofon: «Ioan. Grapheus typis excudebat Anno M. D. XXXII. mense Septemb. Cum Privilegio Caesareo, ad Triennium».

**8** Vd. Carta **A** II, notas 2 e 3.

**9** Saíra no ano precedente a obra citada aqui por Góis: *Quae intus continentur. Syria, ad Ptolomaici operis rationem. Praeterea Strabone, Plinio, et Antonio auctoribus locupletata. Palestina, iisdem auctoribus. Praeterea Historia sacra, et Iosepho, et diuo Hieronymo locupletata. Arabia Petraea, siue itinera Filiorum Israel per desertum iisdem auctoribus. Aegyptus, iisdem auctoribus. Praeterea Ioanne Leone arabe grammatico, secundum recentiorum locorum sitũ, illustrata. Schondia, tradita ab auctoribus qui in eius operis prologo memorantur. Holmiae, civitatis regiae Suetiae, deplorabilis excidii per Christiernum Datiae cimbricae regem, historia. Regionum superiorum, singulae tabulae Geographicae*. Argentoracti apud Petrum Opilionem M.D.XXXII.

João Magno Gothus, na sua *Historia (...) de omnibus Gothorum Sueonumque regibus qui unquam ab initio nationis extitere, eorumque memorabilibus bellis late uarieque per orbem gestis*, editada pelo irmão Olau em 1558 em Roma, em vez de *Schondia* escreve «Scandia siue Schandinauia» (p. 5) e *Lappia* em vez de *Pilapia* (p. 14). Sebastião Münster, na sua *Geographia*, já citada, escreve *Laponia* e *Schonlandia* (vd. «Schonlandia XIII, Noua Tabula» e Carta **A** II, nota 1).

**10** Entenda-se: entre os dinamarqueses, prussianos e polacos. A Livónia é colocada por Sebastião Münster a seguir a Danzig, na região de Vilna (vd. «Europae Prima Noua Tabula»), a Lituânia a sudeste de Danzig e da Prússia.

**11** Albin Eduard Beau não conheceu esta carta de Góis e pensou que ela já não existia, conforme escreve a p. 114 de *As relações germânicas do humanismo de Damião de Góis:* «Respondendo a uma Carta não conservada de Góis em que este deve ter falado da situação lamentável dos Lapónios e da indiferença dos príncipes cristãos perante a sua miséria (...) Erasmo diz: 'Venio nunc ad eum epistolae tuae locum, quo pio affectu deploras Pilapianae gentis exitium'». A carta em que Erasmo comenta

e sublinha a desgraça do povo da Lapónia é de 25 de Julho de 1533 (Carta **B** X) e endereçada ao «ilustríssimo senhor Damião de Góis, tesoureiro-mor do invictíssimo Rei de Portugal», nela prometendo escrever qualquer coisa em defesa desse povo, logo que possa. Oito meses depois, no pós-escrito da que lhe enviou em 11.III.l534 (Carta **B** XV), diz a Góis que ia compor qualquer coisa sobre os lapões, mas o tipógrafo faltou à palavra; no entanto cuidou de verter para alemão a carta a João Magno Gothus, a acrescentar ao opúsculo vertido na mesma língua, no qual se narra a obediência do rei etíope prestada ao papa. Trata-se da *Legatio Dauid Aethiopiae Regis ad Sanctissimum D. N. Clementem Papam VII una cum Obedientia Eidem Sanctis. D. N. Praestita: ejusdem Dauid Legatio ad Emmanuelem, Portugalliae: item ad Joannem, Portugalliae regem. De regno Aethiopiae ac populo, deque moribus ejusdem populi Nonnula* (Bolonha. 1533). Foi Francisco Álvares que, em Janeiro de 1533, em Bolonha entregou ao Santo Padre, na presença de Carlos V e do nosso embaixador D. Martinho de Portugal as cartas expressivas dessa obediência vertidas para latim por Paulo Gióvio (vd. Carta **A** XXIII, n.º 1). Por sua vez, na carta de Paulo III inserta na parte final da *Fides, religio moresque Aethiopum* (cf. Carta **A** XXIV) Góis esclarece que Erasmo prometera compor sobre o caso um volume apropriado, no que fora impedido pela morte, havendo até reunido já material; não obstante, no seu *Eclesiastes* publicado em 1535, fizera já alusão à infeliz sorte dos lapões.

O tema versado por Damião de Góis neste ponto da sua missiva é o mesmo da Carta **A** II e da maior parte da **A** XXIV.

**12** Goclénio, em carta de 26.VII.l533 (Carta **B** XL) a Erasmo, informa-o de que Góis partiu para Portugal e prometeu enviar-lhe uma lembrança para Friburgo. Por sua vez, Erasmo em carta breve de 11.IV.l534 (Carta **B** XIX) para Góis, que acabava de chegar a Basileia oferece-lhe gostosamente hospedagem e termina com esta frase após a data: «Bibemus de poculo tuo quod perendie aduehetur». No inventário levado a efeito por Gilberto Cognato ou Cousin, secretário de Erasmo, em 10.IV.1534, pode ler-se: «Aliud [poculum] cum operculo totum inauratum, donum clarissimi uiri D. Damitani a Choes, Lusitani». Erasmo vendeu-o depois a Amerbach (cf. Henry de Vocht, *Monumenta*, p. 615, nota 2; Luís de Matos, *Correspondance latine*, p. 256; Hirsch, *The life and thought*, p. 68).

**13** Desta carta de Góis publicou J. F. Burscher um resumo em *Index et argumentum epistolarum ad D. Erasmum Roterodamum autographarum*, Leipsig, W. Gottlob Sommer, 1784 (cf. Francisco Leite de Faria, *Estudos bibliográficos sobre Damião de Góis e a sua época*, p. 97). Em 1981 saiu uma versão francesa da mesma em Aloïs Gerlo, *La correspondance d'Érasme*, X, pp. 327-9.

Carta **A** V

**1** Vd. Carta **A** III, no pós-escrito e notas 1 e 4. A estalagem da Cegonha era o hotel dos embaixadores.

**2** Volvido a Portugal talvez por Agosto de 1533 (vd. Carta **A** IV, nota 5), Damião de Góis, chamado para tesoureiro da Casa da Índia, não chegou a aquecer o lugar. Dali a pouco, ei-lo peregrino de Compostela e viajeiro em direcção a Friburgo de Brisgóvia, com chegada a Basileia por 9 de Abril de 1534. A principal fonte destes factos são os seus depoimentos perante os inquisidores, de que se cita um excerto: «Depois de eu vir a este Regno no anno de 1533, quomo já tenho dicto por melrei que sancta gloria haja não querer escusar do officio de thesoureiro da Casa da india, de que ha Rainha nossa senhora, e o cardeal são boas testemunhas, eu me fui desta cidade de lisboa em Romaria a santiago de Galiza, donde escrevi hũa carta hao dicto senhor, que sua alteza tomou bem, e com ferventissimo deseio dos estudos me fui dahi caminho dalemanha, onde fui hospode de Erasmo Roterodamo quatro ou cinco meses, o qual entam morava na Vniversidade de friburgo de brisgoia, vniversidade e cidade catholica do senhorio da casa daustria (cf. ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo n.º 17170, fls. 99v.; Artur Moreira de Sá, *De re erasmiana*, p. 167; e outros que transcrevem o texto com menor fidelidade: A. P. Lopes de Mendonça, *Damião de Góis e a Inquisição de Portugal*, Lisboa, 1859, p. 51; Guilherme J. C. Henriques, *Inéditos Goesianos*, II, p. 19; Raul Rego, *O processo de Damião de Góis na Inquisição*, p. 81).

Como se vê, os elementos cronológicos são vagos. Na carta-dedicatória ao conde de Vimioso do seu *Livro de Marco Tullio Ciceram, chamado Catam maior*, Veneza, 1538, apresenta como desculpa ou atenuante para «todo erro que na policia e ornamento de nossa linguagem portuguesa nelle cometer» o facto de nos 16 anos de vida proximamente decorridos só ter demorado no reino quatro

meses. No *Nobiliário de Portugal*, atribuído em parte a Góis, este ao dar a sua genealogia escreve que, a chamamento de El-Rei, «veio a estes regnos a lhe bejar por isso a mão, e sem querer acceitar o officio, se tornou loguo para Alemanha, a se ver com Erasmo Roterodamo» (cf. fls. 269$^{v}$-272), o que vai contra o pensar de Maximiano Lemos (cf. «Damião de Goes», in *Revista de História*, Lisboa, X (1921), p. 44), Henry de Vocht (cf. *Monumenta Humanistica Lovaniensia*, p. 617), Luís de Matos, talvez Silva Dias (cf. infra, nesta nota), Elisabeth Feist Hirsch (cf. *o.c.*, p. 70) e Donald F. Lach (cf. *Asia in the making of Europe*, II/l, Chicago-Londres, 1977, p. 20).

Luís de Matos (cf. *Correspondance latine*, pp. 250-251) é de opinião que Góis partiu em Dezembro de 1533 para a sua peregrinação a Compostela, passados cá os quatro meses de Agosto a Novembro; daí pôs-se a caminho de Antuérpia, onde provavelmente chegou em Fevereiro, escrevendo então a Erasmo que lhe responde (**B** XV) em 11 de Março de 1534. Ora não creio que esta carta de Erasmo responda a qualquer de Góis mandada de Antuérpia. Eis as razões: Erasmo regozija-se pelo facto de os negócios áulicos serem do gosto de Damião, dá-lhe notícias de Grapheus doente e da dádiva monetária que lhe enviou para Antuérpia; pede notícias pormenorizadas de Resende; no endereço, após o nome, lê-se «tesoureiro do Rei sereníssimo na Corte portuguesa»; não se nota a surpresa que tal carta, a ser enviada de Antuérpia, causaria a Erasmo. Quanto aos quatro meses em contagem matemática, Góis não era muito seguro nestes cálculos: pelo menos é o que mais tarde acontece quando o seu cômputo dos meses que habitou em Friburgo vai de três a cinco e os da frequência da Universidade de Lovaina de oito ou nove, nas declarações aos inquisidores, a sete na carta-dedicatória da *Urbis Louaniensis obsidio* a Carlos V (vd. Carta **A** XXXII). Além disso, também não parece que tenha tomado o caminho de Antuérpia para tornar a descer até Basileia, passando para além de Friburgo a anunciar-se primeiro a Amerbach sem mandar carta nenhuma da Flandres para este ou para Erasmo, a quem escreve da estalagem de Basileia. De resto, Damião de Góis nunca diz, em seus depoimentos, que voltou daqui à Flandres; três vezes, pelo contrário, afirma que se partiu de Compostela para junto de Erasmo em Friburgo de Brisgóvia.

Salvo melhor opinião, Góis terá chegado mais tarde a Portugal, talvez por meados de Agosto se é que agora também demorava, como é o mais provável, «dois, três ou quatro dias em alguns lugares (…) para repouso de suas cavalgaduras», como diz aos inquisidores a respeito das suas viagens pela Alemanha; dá boas notícias a Erasmo, pois então ainda o satisfazia o honrosíssimo cargo régio que ele terá exercido até finais de 1533, passando provavelmente as festas natalícias na corte; partindo em Janeiro para Compostela, em princípios de 1534, segundo Silva Dias (cf. *o.c.*, p. 383), em fins de 1533, segundo Elisabeth Feist Hirsch (cf. *o.c.*, p. 70), de lá escreve a D. João III, aguardando, naturalmente algumas semanas, a boa-nova de o monarca haver tomado o caso a bem, como se não esquece de sublinhar; terá nessa ocasião endereçado nova carta para Friburgo, contando a Erasmo a mudança de propósitos, se é que não o havia feito antes da saída da capital, porque Erasmo, que em 11 de Março (Carta **B** XV) lhe responde à primeira missiva regozijando-se por o ver satisfeito com o ofício de tesoureiro da Casa da Índia, ao cartear-se dois dias depois com Cornélio Grapheus, informa-o de que «Damianus uidetur, recusato officio quod Rex offert, ad nos reuersurus. Spero illum pmdenti usurum consilio»; em fins de Fevereiro ou princípios de Março ter-se-á posto a caminho da Alemanha, chegando a 9 de Abril à estalagem da Cegonha, em Basileia, donde manda um bilhete a Amerbach e terceira carta a Erasmo que, agora sim, recebe uma grande surpresa, embora não absoluta, e responde em missiva plena de acatamento e calor humano (Carta **B** XIX).

J. S. da Silva Dias (cf. *A política cultural da época de D. João III*), depois de admitir que «é certo, pelas suas declarações no Santo Ofício, que [Góis] se encaminhou directamente para a Suíça», acrescenta, linhas abaixo, que «aparentemente, contudo, já devia ter chegado a Antuérpia nos começos de Abril, pois o humanista [Erasmo], dirigindo-se em 11 ao nosso compatriota, dá em seu poder as duas cartas [duas?] que este lhe mandara e põe a casa à disposição dele». Com a devida vénia, parece este texto um tanto obscuro, além de cair na posição de Luís de Matos à qual se objecta acima.

Retorquirão todos que na citada carta de Erasmo a Grapheus de 13 de Março (Carta **B** XVI) vem esta frase: «Damianus exhilarat me, nuntians te et animum et corpore melius habere atque etiam fortunam esse commodiorem», o que levará a concluir pela presença de Góis de novo em Antuérpia. O argumento, todavia, não é apodíctico. As novas de Antuérpia chegavam com relativa rapidez a Lisboa e tratando-se, como era o caso, de um dedicadíssimo mestre e óptimo amigo, Góis manter-se-ia por certo a par de tudo o que lhe dizia respeito, fosse por via directa fosse através

dos seus ex-colegas na Feitoria, alegrando-se com o que de bom acontecia àquele e fazendo disso compartícipe a Erasmo. Demais, se por um lado em tal frase a semântica é um tanto favorável à hipótece da presença, por outro, a que se lhe segue na mesma carta e se citou acima, tem o sabor de uma notícia ainda não completamente definida, porque introduzida com «uidetur», não obstante a certeza da recusa do cargo, notícia que soa como uma novidade da parte de Erasmo para Grapheus. Em face disto, reputo inconsistente esta observação de Maximiano Lemos (cf. *l.c.*): «Cremos que Damião voltara directamente a Antuérpia, porquanto Erasmo se refere às noticias da saude de Grapheus que recebera por intermedio do nosso compatriota».

Embora sem aventar novas hipóteses quanto aos meses de estadia de Damião de Góis em Portugal e ao seu retorno, Jean Aubin concorda com a minha opinião quando escreve: «Ses biographes font revenir Góis à Anvers ou à Louvain. L'affirmation ne repose sur rien» (cf. p. 205 do artigo citado na Carta IV, nota 3, da rev. *Humanitas* de 1979-80, mas saída dos prelos em Junho de 1981; e a págs. 207, nota 53, acrescenta: «Il est vraisemblable que Góis, se rendant d'Espagne à Fribourg, ait en mars 1534 traversé les provinces de Languedoc, Dauphiné et Savoie que le *Tratado dos Descobrimentos* d'António Galvão fait figurer dans la liste des pays qu'il a visités».

Quanto à motivação real que impeliu Góis a abandonar o cargo régio, porquanto a oficial e divulgada foi a sua paixão pelas letras, considero arguto achado a interpretação de Jean Aubin a respeito do controvertido excerto da carta (**B** XXIV) de Goclénio (10.VI.1534) àquele: os crocodilos, as hienas, as áspides que lhe tornaram inaceitável a permanência em Friburgo não terão sido as autoridades da catolicíssima cidade, como aventou Hirsch (cf. *o.c.*, p. 75), mas as calúnias chegadas aos ouvidos dos seus protectores e amigos portugueses (cf. *l.c.*, pp. 203-210).

Pela Carta (**B** XXV) de Erasmo (11.VI.1534) a Schets que, por lapso, Jean Aubin diz *a Goclénio* (cf. *l.c.*, p. 210) vê-se que Damião de Góis declinou o cargo contra a vontade *dos seus*, expressão esta que deverá incluir, entre outras personagens, o Rei, o Conde de Vimioso e, permito-me adiantar, os familiares, assim indirectamente lesados no seu legítimo orgulho e expectativa, e decerto o próprio João de Barros, um dos maiores amigos que teve, como declarará aos inquisidores, ao qual ofertará mais tarde, com especial dedicatória, a *Fides* e convidará para padrinho do filho Fructos, aquele Barros que fora pagem com ele na Corte, que desde 1525 era tesoureiro da Casa da Índia e, neste ano de 1533, ascendia a feitor em 23 de Dezembro, deixando-lhe vago um lugar de tantos cobiçado (cf. António Alberto Banha de Andrade, *João de Barros*, *historiador do pensamento humanista português de Quinhentos*, Academia Portuguesa da História, 1980, pp. 53-78). As intrigas da facção contrária terão acabado, segundo Jean Aubin, por desencorajar Góis da aceitação de um ofício que anteriormente o entusiasmara sobremaneira, persistindo viperina nesse trabalho de sapa mesmo após a sua renúncia e retirada.

Quer dizer, anos volvidos, concretiza-se já bastante o pressentimento de Maximiano Lemos expresso na frase com que comenta um excerto, que grafematicamente corrijo em pequenas infidelidades, da dedicatória do *Catão maior ou da velhice*, a conhecida versão de Góis: «…em dezaseis annos (da força e frol da minha idade) quatro meses soomentes quis minha sorte estar nestes Reinos e corte, logar da minha honra e criaçam, o que m'en veiando a fortuna logo me dahy rechaçou'. Estas ultimas palavras parecem traduzir alguma contrariedade» (cf. «Damião de Goes», in *Revista de História*, X (1921), p. 42).

**3** Hartmann, baseado na carta de Bonifácio Amerbach (vd. **B** XVII) ao irmão Basílio, de 10.IV.1534, a quem pede desculpa de não lhe enviar então o *De praeparatione ad mortem* de Erasmo por causa de Damião de Góis que o deteve o dia inteiro, coloca este bilhete goisiano no mesmo dia 10, como data com visos de maior probabilidade. É certo que acrescenta, sob a sugestão de P. S. Allen, «möglich wäre auch 1533», o que na verdade não parece de admitir, quer pelas razões que acima se expenderam (vd. Cartas **A** III, nota 3 e **B** IV), segundo as quais Damião de Góis não esteve em Friburgo e Basileia antes de 18 de Abril de 1533, quer pelo tom familiar que este bilhete manifesta, o que seria incompreensível num primeiro encontro, para mais sem qualquer recomendação ou carta de apresentação, como atrás ficou sublinhado (cf. Hartmann, *Amerbachkorrespondenz*, IV, p. 264; e Carta **A** IV, nota 12). A quem se admirar duma familiaridade já apreciável, apesar de anteriormente só haver acontecido um encontro entre ambos, chama-se a atenção para a tonalidade da Carta **A** III, em que transparece um espírito extraordinariamente receptivo e convivente, e bem assim para o que se escreve um parágrafo abaixo, na segunda alínea.

Joaquim de Vasconcelos (cf. *Damiani a Goes Epistolae*, pp. 128-129) propõe, com interrogação, a data de 1537 para este bilhete, o que é absolutamente inadmissível. Nessa ocasião a amizade entre ambos já havia esfriado (vd. a restante correspondência de Góis para Amerhach e respectivas notas). Jean Aubin (cf. p. 206, nota 48 do artigo citado na Carta **A** IV, nota 3 e supra, nota 2) aduz novo argumento convincente em favor do ano de 1534: na carta a Basílio, já lembrada no início desta nota, Amerbach refere Damião de Góis como «regis Lusitaniae thesaurarius», qualificação que evidentemente não existia em 1533.

Sob perdão de Alfred Hartmann, permito-me aventar outra hipótese: Damião de Góis terá chegado a Basileia em 9 de Abril, uma quinta-feira da semana da Páscoa, pela tarde avançada, e não no dia 10, o que indico na nova datação do bilhete (vd. Carta **A** V). Apoio esta conjectura nas seguintes premissas: a) o citado bilhete patenteia uma grande ânsia, por parte de Góis, de rever o amigo, uma vez certificado de ele estar em casa, ocupando o outro membro da alternativa uma posição secundária; b) igual ânsia seria decerto partilhada por Amerbach que, segundo Erasmo (vd. Carta **B** X para Góis, de 25.VII.1533) ficou encantado com o primeiro encontro goisiano e seguidamente (vd. Carta **B** XV para Góis, de 11.III.1534) pede ao humanista de Friburgo cumprimente em seu nome, com empenho e afecto (*diligenter et amanter*), o nosso compatriota; c) Amerbach desculpa-se perante o irmão Basílio (vd. Carta **B** XVII de 10.IV.1534) de não lhe remeter o livro esperado, em virtude de Damião o haver detido a ele em pessoa durante o dia inteiro (*me hodie per totum diem detinuit*), quase insinuando esta expressão que Amerbach, recebido o cartão, partiu logo em busca de Góis, sem mais delongas, gesto muito natural em face do exposto na alínea anterior; d) Amerbach, ao fim da tarde, ainda escreve à pressa a Basílio, a fim de aproveitar um carteiro estugado (*nunc properante*), pormenor que se harmoniza facilmente com um dia longo de conversa e troca mútua de notícias rematado, ou não, com o tal jantar que, neste caso e por isso mesmo, escusara certamente de prolongar-se em demasia e possibilitara ainda a rápida missiva acima aludida; e) a chegada de Góis pelo início da tarde do dia 10, embora não seja de pôr absolutamente de lado, talvez envolva não somente pressas demasiadas na acomodação pessoal e das cavalgaduras, na redacção do bilhete e seu envio pelo criado, mas também é menos congraçável quer com o *adest in diuersorio* (*está* e não *acaba de chegar agora*), quer com os elementos apresentados nas demais alíneas, sem embargo do que se diz na primeira.

Estas as razões que me levaram a mudar a data de 10 de Abril, conjecturada por Hartmann e aceite na generalidade até agora, para o dia precedente.

Carta **A** VI

**1** Gilbert Cousin, o doméstico e secretário de Erasmo, Gilberto Cognato, nasceu em Nozeroy, no Franco-Condado, em 1506, numa família pequeno-burguesa. Os seis irmãos seguiram os exércitos de Carlos V. Fez os primeiros estudos em Dôle e aos 15 anos partiu para Friburgo, onde Erasmo, deixada Basileia em 1529 por causa da Reforma, o encontrou, tomando-o ao seu serviço em fins de 1530 ou inícios de 1531. No ano de 1535, nomeado cónego de Nozeroy, deixa Erasmo em Outubro, não sem antes ter tratado da venda da casa deste em Friburgo (vd. Cartas **A** XII e **B** XII, XXIII, XXVI e XXVII).

**2** Sobre o valor dos ducados, vd. Carta **A** VIII, nota 2.

Carta **A** VII

**1** Vd. Carta **A** VI, nota 1. Quanto ao dia de Santa Margarida, a 17 de Julho, vd. nota 11, na I parte de *Noese e crise*, I.

Amerbach responde-lhe de Basileia, cerca de 17 de Julho, segundo Hartmann, ou 19, segundo Luís de Matos, informando que há dois dias mandara outra carta a dizer necessitar de 16 ducados, que pagaria em ouro ou moeda; lhe indicasse o câmbio para ele lhe levar o dinheiro de contado, ao visitar Erasmo em breve, a não ser que ele, Damião, passasse entrementes por lá de partida para Itália (cf. Cartas **B** XXVI e XXVII).

**2** Da Carta **B** XXIV de Goclénio a Góis, escrita de Lovaina em 10.VI.1534, ressalta que a ida para Pádua era uma resolução que desde há mês e meio ou dois meses tomara, aliás sob conselho de Erasmo. Pedira a Goclénio (1455-1539), professor de latim no Colégio Trilingue que frequentara cerca de oito meses em 1532, o favor de o recomendar em Pádua. Conrado Goclénio responde não ter lá

ninguém a quem possa recomendá-lo, mas estar à mão de Góis o «Lívio do nosso século», sem dúvida Erasmo, o seu hospedeiro e pedagogo amigo. Damião gravou a informação, pois partirá para Pádua com carta comendatícia (**B** XXX) de Erasmo para Bembo, datada de 16.VIII.1534: tratava-se de um jovem nobre que passara parte da radiosa juventude em negócios reais, fora chamado a Portugal para ser tesoureiro-mor, mas preferira o superior tesouro da cultura, a que já se vinha dedicando nas horas livres das ocupações oficiais; rogava-lhe aconselhasse a Góis uma casa e convívio convenientes, de preferência onde pudesse fazer vida comum com alguns nobres franceses ou alemães. Em Carta (**B** XXXV) de 11.XI.1534 Bembo conta a Erasmo a óptima impressão que lhe causara o fidalgo português a quem ofertou os seus préstimos das duas vezes que se encontraram; não os tinha ainda usado, por cortês retraimento, mas alugara já uma casa muito boa.

**3** O contacto de Góis com os protestantes durante a sua estada em Friburgo, por exemplo Melanchthon, Grineu e Farel (vd. infra, nota 5, Cartas **A** III, nota 1, **A** XVII e **A** XVIII) e sobretudo o eco de contactos anteriores bem conhecidos deram nas vistas ao perto e ao longe (vd. Carta **A** V, nota 2, para o final), forçando-o a mudar de pousada. Os seus amigos portugueses, ao escreverem-lhe *ser a Alemanha uma terra suspeita*, quando muito só implicitamente, ao que parece, incluiriam Erasmo, porque este não só de boa mente facilita a Góis a inesperada alternativa, mas ainda o aconselha a obedecer às orientações daqueles e a não se cartear tão repetidamente com os corifeus das novas religiões (vd. também a Carta **B** XXXII de Erasmo a Góis de 25.VIII.1534).

**4** Amerbach promete-lhe um mapa com indicação do percurso, informa-o de que já falou com Bebel e outros, aconselhando todos que é melhor uma pequena mala ou, vá lá, duas. O próprio Bebel parte dentro de 5 ou 6 dias para Kempten e faz gosto em tê-lo como companheiro em parte da viagem (cf. Carta (**B** XIII) de Amerbach (c.17.VII.1534) a Góis).

Trata-se de João Bebel, impressor em Basileia desde 1524 a 1550, e não de Henrique Bebel, professor de Humanidades em Tubinga e poeta coroado por Maximiliano em 1501 (cf. Charles William Heckethorn, *The printers of Basle in the XV and XVI centuries. Their biographies, printed books and devices*, London, Unwin Brothers, 1897; HBLS, s.v. *Bebel*; Allen, *Opus Epist. Des. Erasmi Rot.*, X, p. 28; Hartmann, *o.c.*, pp. 283-286; Luís de Matos, *Correspondance latine*, p. 280). Vd. também Carta **A** VIII.

**5** Pelo que aqui se lê e pela alusão a Bebel, na nota anterior, como companheiro até Kempten, a caminho da passagem do Brenner, o que Góis não aproveita (vd. Carta **A** VIII, notas 3 e 4), assim como pela informação de Hartmann ao escrever que «Goes reiste über den Gotthard, während die Basler für die Fahrt nach Venedig den Brenner vevorzugten» (cf. *l.c.*, nota 1 da carta 1847), não deve estar certa esta frase de Marcel Bataillon em *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme*, p. 122: «par Strasbourg et Genève [Góis] prend la route d'Italie». O caminho seria por Basileia, Constança, Kempten e Brenner, se na companhia de João Bebel, de Basileia; mas, pelo que indica Hartmann e pela Carta **A** VIII do próprio Góis, terá sido mais a direito, com o possível desvio por Constança para saudar Tomás Blarer da parte de Erasmo a quem aquele enviara as duas cartas que lhe remetia, uma de Melanchthon, outra de Frei Roque de Almeida (cf. texto da carta (**B** XXXII) de Erasmo (25.III.1534) a Góis. A edição de Bataillon acima citada é a última, de Paris, 1974; na de 1952 a mesma frase está na p. 150. Opinião semelhante à de Bataillon emitira-a já Aubrey Bell (vd. Carta **A** III, nota 2).

É verdade que Góis pousou numa estalagem em Genebra, no ano de 1534, na qual praticou com Guilherme Farel, reformador francês que auxiliara Ecolampádio na Reforma em Basileia e lá estava aboletado, como declarou na 2.ª audiência perante os inquisidores. Não é verosímil, porém, que isso haja acontecido durante esta viagem. Jean Aubin (cf. *l.c.*, p. 207, nota 53) situa esta passagem de Góis por Genebra aquando em princípios de Abril de 1534 se encaminhava para Basileia, retornado de Portugal.

A respeito desta, deve emendar-se o que escreveu Guido Batelli e se indica em sublinhado: «A Friburgo de Brisgovia (1533) convisse *cinque mesi* con Erasmo di Rotterdam, e *nell'autunno* dello stesso anno, munito di una commendatizia di lui, venne a Padova» (cf. *Un grande umanista portoghese - Damiano di Goes e la sua corrispondenza col Sadoleto e col Bembo*, in «Estratto de *La Bibliofilia*», Anno XIII, Dispensa 11-12, Florença, 1940, p. 367).

Passou também este lapso a Borges de Macedo: «En fait, au cours de son voyage de Fribourg à Padoue, Damião de Góis s'arrêta pour discuter avec des hommes en vue du mouvement réformateur

– Faber, Goclenius, etc.» (cf. *Damião de Góis et l'historiographie portugaise*, Paris, Centro Cultural Português, 1982, p. 24).

Quanto a Tomás Blarer ou Blaurer, de que se fala acima, estudou Direito em Friburgo (1514-1519) onde foi aluno de Zasius, e Teologia em Vitemberga, tendo acompanhado Lutero à Dieta de Worms (1521). Em 1523 regressou a Constança, sua terra natal, onde como vereador e mais tarde burgomestre (1536) ajudou o irmão Ambrósio, mais velho (n. 1492), a estabelecer a Reforma. Quando em 1548 Constança cai sob o poder austríaco, muda-se para a Suíça, falecendo em 1567 (cf. Hartmann, *Armerbachkorrespondenz*, II, p. 40).

É um dos correspondentes de Amerbach que tanto o trata por *Amorbachius* como *Amerbachius*, inclusive na mesma carta (vd. Hartmann, *o.c.*, IV, pp. 74 e 94-95). Góis escreve com *o* nos endereços das Cartas **A** III e VIII e no texto da Carta **A** XII; com *e* nas restantes.

Carta **A** VIII

**1** A carta de Amerbach, de cerca de 17 ou 19 de Julho (vd. Cartas **B** XXVI e XXVII).

**2** Sobre os duplos ducados, vd. Carta **A** VI, nota 2. Os «coroados» foram vários: moeda provençal cunhada a primeira vez em fins do século XII por Afonso de Aragão, marquês da Provença, cujos condes prosseguiram na sua cunhagem até ao século XV. Em 1458, Fernando I de Nápoles mandou cunhar moedas que se chamaram *coronatos*. Também se chamou, ao *coronat* provençal, *real marselhês* ou só *real* (cf. Espasa. s.v. *coronado*).

O texto refere-se aos «coronatos solares» de que fala Amerbach em carta a Amelius de c.15.VII.1534, isto é, à coroa de sol francesa, a que Góis, na sua genealogia inserta no *Nobiliário de Portugal* (cf. G. Henriques, I, p. 9) chama «escudos douro do sol». O ouro coronácio ou coronário, conforme o câmbio citado na carta de Amerbach a Amelius, valia mais do que o do florim do Reno, porque três coroados solares davam quatro renenses (cf. a citada carta em Hartmann, *Amerbachkorrespondenz*, p. 284).

Quanto aos florins, moeda originária de Florença, em documentos antigos germanos «florenzer Gulden», «degeneraram» nos florins renenses, cunhados pelos príncipes eleitores de Mogúncia, Trier, Colónia e do Palatinado, e por outros mais tarde, mas de início um tanto inferiores aos primeiros. Vieram depois os florins e ducados de prata, ao princípio iguais aos renenses e posteriormente muito inferiores. No século XVI a moeda corrente na Hungria, Boémia, Polónia, Dinamarca, Suécia, Inglaterra, Espanha e Império era o ducado (cf. AEWK, s.v. *Dukaten*, nota 29, em citação da obra de Marquard Freher, *Directorium in omnes fere chronologos romanogermanici imperii*, ed. de Köhler, Hanau, 1729).

Os *Batzen*, que Góis latiniza em *bacones* e Amelius, numa carta para Amerbach de 3.8.1534, em *bazios*, eram uma pequena moeda de prata derivada de outra cunhada em Berna com as armas da cidade, um urso, em alemão dialectal *Bätz* e *Petz* (cf. NH, s.v. *Batzen*). O duplo ducado valia, como nota Góis, 45 Batzen; a coroa solar francesa cerca de 22.

Curioso que Erasmo latiniza esta moeda em *batzones*, como pode ler-se num cartão de 27.XII.1532. Agradecendo uma atenção de Amerbach, gratifica o moço-portador com três *Batzen:* «Puero, qui attulit, dedi tres batzones» (cf. Hartmann, *o.c.*, pp. 174-175).

Para um cálculo aproximado do valor actual destas moedas quanto ao seu poder de compra, porque o valor intrínseco em metais preciosos interessa menos e fornece uma noção muito imprecisa, é bastante esclarecedora a obra de A. Hanauer, *Études économiques sur l'Alsace ancienne et moderne*, 2 vols., Paris-Strasbourg, 1878: a alimentação diária de um operário, pela segunda metade do século XVI, custava cerca de 2 Batzen, quase metade do seu salário; uma família burguesa em 1580 gastava anualmente cerca de 24 duplos ducados.

**3** A partida de Góis foi em 18 de Agosto, como se lê na missiva de Erasmo (**B** XXXII) a Góis de 25.VIII.1534, munido de carta comendatória de Erasmo para Bembo, com data de 16 de Agosto de 1534 (vd. Carta **A** VII, notas 3, 4 e 5) e de mais duas para Alciato, uma de Amerbach datada de 19 de Agosto e uma de Erasmo (vd. Carta **A** IX, nota 2).

**4** Vd. Carta **A** VII, notas 4 e 5, a respeito de Bebel e do itinerário de Góis em direcção a Pádua.

Carta **A** IX

[1] Vd. Carta **A** III, nota 1. André Alciati nasceu provavelmente em Alzate, no Milanês, em 1492. Frequentou as universidades de Pavia e Bolonha, doutorando-se nesta aos 22 anos. Desde 1513 a 1527 foi professor em Avinhão; no espaço de 1527-1533 em Bourges; no de 1533-1550 em Pavia, com intermitências em Bolonha e Ferrara. Jurisconsulto de fama, conde do Palácio de Latrão e protonotário apostólico. A carta de que Góis foi portador é de 19 de Agosto de 1534.

Clemente VII, eleito papa em 19.XI.1523, morreu em 25.IX.1534 (cf. Pastor, IV e *Noese e crise*, I, p. 269).

Carta **A** X

[1] Vd. Cartas **A** IX e **B** XXXVI e LXV.

[2] Segismundo Gelénio ou Gelensky, nascido em Praga em 1498. Filólogo e poliglota, estudou na Itália e fixou-se em Basileia trabalhando com Froben, de cujas oficinas saíram várias obras com prefácios seus. Comentou os livros de Plínio o Antigo e Tito Lívio, traduziu S. João Crisóstomo e Flávio Josefo entre outros; mas o que de mais importante nos legou foi o «Lexicon symphonum quatuor linguarum graecae scilicet, latinae, germanicae et slavonicae» (1537). Morreu em Basileia em 1554 (cf. HBLS, s.v. *Gelensky* e Henry de Vocht, *Monumenta*, p. 619). Quanto às relações de Segismundo Gelénio com Góis, vd. *Noese e crise*, I, p. 271.

Carta **A** XI

[1] Vendida a casa em Friburgo, negócio em que interveio Gilberto, Erasmo mudou para Basileia em 27 de Maio de 1535, aboletando-se na casa *zum Luft* de Jer. Froben, onde morreu em 11 de Julho de 1536 (vd. Carta **A** VI e *Noese e crise*, I, pp. 250 e 273, bem como as Cartas **B** LII e LIII).

Carta **A** XII

[1] Não a carta de 14 de Julho, decerto perdida, à qual Erasmo se reporta ao responder-lhe em 18 de Agosto, informando-o ainda de que recebeu a confiada a Luís Bär, mas não a endereçada de Roma. Aqui Góis deve referir-se à que escreveu por 28 de Setembro, juntamente com a de Amerbach e as outras quatro citadas abaixo.

[2] Lucas Rem ou Rehm foi agente comercial dos Welser de Augsburgo em Lisboa.

[3] Tomás More, chanceler de Henrique VIII em 1529, após o cardeal Wolsey ter caído em desgraça, pediu a demissão do cargo em 1532 e, por fidelidade a Roma, foi mandado decapitar em 6.VII.1535.

[4] Vd. Cartas **A** III, VI e X quanto a Amerbach, Gilberto e Gelénio. João Herwagen, impressor de Estrasburgo, mudou em 1530 para as célebres oficinas de Jer. Froben, de quem passou a padrasto.

[5] Alude-se aqui à tomada de Tunes por Carlos V, ao desbarato dos turcos, com quem Francisco I se aliou por ódio a Carlos V que no cerco a Viena os desbaratou.

[6] O Rofense é João Fisher, arcebispo de Rochester e cardeal, que teve o mesmo destino de More, cerca de 15 dias antes.

[7] Do *Concionator* (Basileia, Froben, 1535) lê-se no frontispício: *Des. Erasmi Rot. Ecclesiastae siue de ratione concionandi libri quatuor, opus recens nec antehac a quoquam excusum*, logo com 2.ª ed. em Março de 1536.

[8] De família capitalista e mecenática, João Jorge formou-se em Direito na Universidade de Pádua. Mais pormenores sobre estas notas em *Noese e crise*, I, pp. 275-278; vd. também Carta **B** XLIV.

Carta **A** XIII

[1] O bilhete a que alude Góis mandou-o Erasmo com a carta de 15 de Dezembro de 1535. Nele dá notícias sobre o agravamento da gota, acompanhada de dolorosos sofrimentos, e se declara conformado com a vontade de Deus, aceitando a cruz espiritualmente purificadora.

A respeito de *scheda*, aqui significando «folha solta», «bilhete», e do seu variado sentido desde os latinos aos humanistas, cf. Silvia Rizzo, *Il lessico filologico degli umanisti*, Edizioni di Storia e Letteratura, Roma, 1973, pp. 5-6.

[2] Erasmo rogara a Góis o desculpasse do seu silêncio epistolar perante os «ilustres heróis das letras» Bembo, Buonamici e Célio, para o que seria motivo assaz o bilhete apenso.

Pedro Bembo, um dos grandes humanistas italianos, nasceu em Veneza em 20.V.1470 e morreu em Roma a 18.I.1547. Secretário de Leão X nomeado em 1513 ao mesmo tempo que Sadoleto, poeta latino e historiador da república de Veneza, manejava a língua do Lácio com destreza e brilho ciceronianos. Cardeal reservado *in petto* na promoção de 20.XII.1538, viu seu nome proclamado em 24.IV.1539. Um dos distinguidos com a sua amizade era Góis, desde a sua entrada em Pádua; em 1539 este honraria, por sua vez, o purpurado italiano com a dedicatória dos *Commentarii rerum gestarum in India citra Gangem* e em 1540 com a oferta da *Fides, religio moresque Aethiopum* (cf. Remigio Abbadini, *Storia dell ciceronianismo e di altre questioni letterarie nell'età della Rinascenza*, Turim, 1886; EI, s.v. *Bembo;* e Cartas **A** VII, XXI e XXVI).

Lázaro Buonamici, humanista italiano nascido em Bassano em 1479, compôs eruditas poesias latinas e professou retórica em Roma, Bolonha e Pádua. Aqui o encontrou Damião de Góis, que chegou a pensar em tê-lo particularmente como mestre, do que o dissuadiu Erasmo por carta (**B** XXXVII) de 11.I.1535, baseando-se na idade avançada e na autoridade de que aquele gozava, aconselhando-o a escolher antes um jovem que lhe ministrasse lições em casa e corrigisse os pontos: «Nescio an expediat Lazarum grandaeuum. Magis conueniret tibi juuenis qui te domi exerceret tuaque scripta corrigeret». Não obstante, em breve a amizade surgia entre os dois, com o que Erasmo se regozijava em carta (**B** XLIII) de 18.VIII.1535. Existem três cartas de Bonamico para Góis, respectivamente de 17 de Abril, 9 de Julho e 29 de Outubro de 1539, na primeira das quais lhe dá os parabéns pelo seu casamento, na outra lhe agradece uma dádiva e na última a oferta dos *Commentarii rerum gestarum in India citra Gangem*. Henry de Vocht (cf. *Monumenta*, p. 618) escreve, por lapso, *1536* em vez de 1539 e *29 de Agosto* em vez de Outubro; Joaquim de Vasconcelos (cf. *Damiani a Goes Epistolae et aliorum virorum illustrium*, pp. 30-34), *18 de Abril* por lapso evidente e *29 de Agosto*, mas esta última data corrigiu-a inteligentemente Luís de Matos (cf. *Correspondance latine*, pp. 144 e 357). Vd. Cartas **B** LXII, LXVI e LXVII.

Acerca de Buonamici escreve Angelo Gambaro, citando outra fonte (cf. Desiderio Erasmo da Rotterdam, *Il Ciceroniano o dello stile migliore*, Brescia, La Scuola Editrice, 1965, p. XXIV) que, quando aquele estava ainda em Bolonha, fora, como ciceroniano convicto, «um Aristarco para não dizer um flagelador de Erasmo». A atitude de Lázaro Bonamico e dos demais fanáticos por Cícero levará depois o mesmo Erasmo, por sugestão de Froben, a compor o *Ciceronianus*, dado à estampa nas oficinas deste em Março de 1528. A reserva, porém, não parece ter sido grande porque, na carta para Góis de 18 de Agosto de 1535, Erasmo diz-lhe que a de Lázaro Bonamico lhe foi gratíssima e, se antes o estimava pela exímia erudição, agora muito mais pela amizade que a Góis consagrava.

Entretanto, no concernente à motivação do *Ciceronianus*, não se confunda causa remota e causa próxima, ou ainda causa e ocasião, uma radicando na formação religiosa erasmiana, de cunho eminentemente cristológico, outra na conjuntura literária exacerbada pelos sequazes de Marco Túlio (cf. II vol. de *Noese e crise na epistolografia latina goisiana*, pp. 115-116).

[3] Filósofo, astrónomo e poeta italiano (1471-1540), Célio Calgagnini professou na Universidade de Ferrara, tendo escrito diversas obras, entre elas *Quomodo caelum stet, terra moueatur*, *uel de perenni motu terrae commentatio*, na esteira de Copérnico (cf. Espasa e EI, s.v. *Calcagnini*).

[4] Cf. Carta **A** XII, nota 7.

[5] Góis refere-se ao opúsculo *Des. Erasmi Rot. responsio ad Petri Cursii defensionem nullo aduersario bellacem*, vindo a lume por Agosto de 1535 com dedicatória a João Choler (cf. *Op. Er. Cler.*, X, col. 1749), doutor em Direito e cónego de S. Moritz em Augsburgo.

A questão, de lana caprina, provocou-a indirectamente o provérbio *Myconius caluus*, inserto nos *Adagia* (cf. *Op. Er. Cler.*, II, 408 F), comentado por Erasmo, entre outras com a frase: «ueluti si quis Scytham dicat eruditum Italum bellacem, negociatorem integrum, militem pium, aut Poenum fidum», citada em parte na carta deste (**B** XL) a Góis de 21 de Maio de 1535, em que acentua não tratar-se de vitupério aos italianos mas de elogio, dado o caso de o sufixo *acem* significar exagero e não moderação; directamente foi provocada pelo *Ciceronianus* ao visar o cenáculo dos literatos de Roma, zombar do título de «civis romanus» e chamar aos italianos pacíficos. Entre os ofendidos, Pedro Cúrsio ou na sua língua Pietro Corsi da Carpi, curial da corte de Paulo III e sócio da Academia

romana «elegantemente fustigada», como escreve Angelo Gambaro (cf. *o.c.*, p. XCV), por Erasmo no *Ciceronianus* (pp. 262-4), interviera com o opúsculo *Petri Cursii ciuis Ro. Defensio pro ltalia aduersus Erasmum*, dedicado a Paulo III e saído em Roma, «apud Antonium Bladum de Asula a. 1535», motivando a réplica já citada de Erasmo, na qual, além do mais, este sublinha que os literatos de Itália inclusos no seu diálogo *Ciceronianus* são aí citados geralmente com juízo honroso; e escrever que os italianos são pacíficos (p. 262 do *Ciceronianus*) não equivale a afirmá-los desprovidos de coragem ou valor militar.

Estas bagatelas não escaparam a César Cantu (cf. *História Universal*, trad. portug., IX, Lisboa, 1878, p. 239): «Os homens de letras andam em guerra; Pedro Cúrcio (sic!) combate contra Erasmo, por causa da palavra *bellax*, para decidir se ela é tomada à má parte na linguagem relativa à guerra ou não é mais que *uerbum merum*. Todos os dias pululam novos livros e invectivas a este respeito; há uns que respondem em nome de Erasmo a este Cúrcio, o qual fica furioso» (cf. também Roberto Valentini, *Erasmo da Rotterdam e Pietro Corsi a proposito di una polemica fraintesa*, Roma, Giov. Bardi, 1937, sep. de *Rendiconti della Reale Academia dei Lincei*, *classe di scienze morali*, *storiche e filologiche*, serie VI, vol. XII (1937) 11-12; com retoques e acréscimo o mesmo artigo em *Cooperazione intellettuale*, VII-VIII (1937, Jan.-Dezembro), pp. 111-136).

**6** Ao escrever em 15 de Dezembro (**B** XLV) para Góis, Erasmo declara que o mancebo por ele recomendado, por certo na carta de cerca de 28 de Setembro (vd. Carta **A** XII, nota 1), não fora ainda ter consigo; curará, porém, de mandar-lhe a carta que lhe pertence (cf. Carta **B** XLV).

**7** Na carta citada de 15 de Dezembro de 1535, Erasmo informara Góis de que a venda não lhe dera grande lucro, mas não correra mal: «Aedes uendidi ac supellectilem distraxi, non magno lucro meo, nec tamen prorsus infeliciter» (cf. *l.c.* na nota anterior e Carta **A** IV, nota 1).

**8** Deve ser a *Expositio fidelis de morte D. Thomae Mori*, publicada por Erasmo em Outubro de 1535 e por este enviada a Góis com a carta de 15 de Dezembro (vd.Carta **A** XII, notas 3 e 6).

**9** No prólogo de *Ecclesiastes* ou *Concionator* (vd. Carta **A** XII, nota 7), dedicado ao bispo de Augsburgo, menciona de facto João Fisher e Tomás More, esclarecendo que ao primeiro devia a inspiração da obra e por isso pensava dedicar-lha; mas é, como diz Góis, uma dupla menção sem desenvolvimento condigno de tão altas figuras do Humanismo e da Igreja, e de tão velhos amigos. É possível que a causa estivesse sobretudo na sua doença, por essa data já muito agravada (cf. *Erasmi Opera omnia*, Hildesheim, V, cols. 767-770). Sobre Tomás More (cf. cols. 769-770), escreveu Erasmo: «[Morus] qui fuit ejus Regni supremus Judex, cui pectus erat omni nive candidius, ingenium quale Anglia nec habuit umquam, nec habitura est, alioqui nequaquam infelicium ingeniorum parens».

**10** A parte mais importante desta carta, do ponto de vista do seu autor, descobre-nos o ambicioso projecto, motivado a um tempo pela generosidade para com o mestre de Friburgo e pelo desejo da própria glória, como declara com toda a franqueza dos 34 anos, na plenitude entusiasta da juventude e do talento em floração. A morte inesperada de Erasmo, que já não recebeu a sua última carta (vd. Carta **A** XIV), gorou os seus planos. Esperançado, ainda pergunta a Amerbach se Erasmo deixara o catálogo prometido das suas obras (vd. Cartas **A** XV e XVII), mas Amerbach desengana-o em carta (**B** LIII) de 12 de Novembro de 1536 (cf. Hartmann, *Amerbachkorrespondenz*, pp. 458-9): não havia no espólio de Erasmo qualquer vestígio de catálogo para Góis. Entretanto Amerbach publicava dali a poucos meses, em 1537, *Catalogi Duo Operum Des. Erasmi Roterodami ab ipso conscripti et digesti: Cum praefatione D. Bonifacii Amerbachii*. Hirsch (cf. *The life and thought*, p. 87, n. 122) diz que na verdade estes catálogos não eram para Góis. Seja como for, parece que Góis não foi informado da sua existência, o que terá sido a causa, uma vez publicados, do corte de relações. A correspondência entre os dois interrompe-se em meados de Dezembro de 1536, havendo quem atribua a culpa maior a Góis, do que discordo (vd. Carta **A** XVII, nota 3).

Quanto ao «curriculum uitae» de Erasmo que Góis também desejava, Allen e Garrod sugerem que talvez Góis tivesse visto, antecedentemente ao pedido na Carta **A** XIV, o *Compendium uitae Erasmi* que Goclénio tinha em seu poder desde 1524 (cf. *Opus Epistolarum Des. Erasmi Roteradami*, X, p. 271 e Hirsch, *o.c.*, p. 84). O *varão douto* ou *doutíssimo* que iria ajudar Góis era, segundo Luís de Matos (cf. *Correspondance latine*, p. 322), Lázaro Bonamico. A hipótese é mais que provável, tratando-se de um amigo dos dois e notável ciceroniano, professor da Universidade que Góis então frequentava, o qual, como se diz acima (vd. nota 9), já não andava de candeias às avessas com o roterdamês.

[11] Vd. Carta **A** VI, nota 1.

[12] Segundo Hartmann (cf. *o.c.*, pp. 307 e 465) trata-se da carta geográfica traçada por Gilg Tschudi von Glarus (1505-1572), aluno de Glareano em 1516-17 em Basileia, historiador, cartógrafo e antiquário, publicada em 1538 por Sebastião Münster (cf. HBLS, s.v. *Tschudi*).

Carta **A** XIV

[1] Quando Góis escrevia esta carta, já Erasmo não pertencia ao número dos vivos, pois falecera na noite de 11 para 12 de Julho. Vd. Carta **A** XV.

[2] Vd. Carta **A** XIII.

[3] Vd. Carta **A** XII, nota 4. Desde o início da Reforma em Zurique por intermédio de Zuínglio em 1519, as polémicas religiosas e a instabilidade social acentuam-se na confederação helvética. Em 1528 já Berna, protestante, se aliara à França, contra Carlos de Sabóia que apoiava os Habsburgos. Em 1529, cinco cantões ainda adversos aos reformadores estabelecem uma aliança com Fernando de Áustria. O exército de Zuínglio é obrigado a assinar a paz de Kappele. Em 1531 Zuínglio planeia o bloqueio económico dos católicos, que declaram guerra a Zurique, mas morre em Kappele, na batalha. Dali a algumas semanas morre João Hussgen ou Oecolampadius, o erudito reformador de Basileia. Em 1535 Calvino publica em Basileia a sua *Instituição da Religião Cristã*, catecismo latino dedicado a Francisco I; ao pretender recolher-se a Estrasburgo encontra no caminho os exércitos de Francisco I e Carlos V, e desvia-se para Genebra, onde só se estabelece em 1541. Bullinger, sucessor de Zuínglio proclama em 1536 a Primeira Confissão de Fé Helvética; em 1566, a segunda une o zuinglianismo e o calvinismo (cf. J. V. Pollet, *Huldrych Zuingle et la Réforme em Suisse*, Paris, 1963).

[4] Decerto Nicolau de Russ, bailio de Büren, cidade comarcã de Westfalia desde 1531.

[5] Quer dizer, Erasmo estava disposto a atender a Góis, mas o fim da vida apressou-se (vd. Carta **A** XIII, nota 10).

[6] Erasmo era filho ilegítimo.

[7] Entre esses doutores, Allen sugere João Eck, humanista e adversário de Lutero.

[8] Vd. Carta **A** XIII.

Carta **A** XV

[1] A amizade e veneração para com Erasmo por parte de Damião de Góis começaram pelos fins de Abril de 1533, para se tornarem em breve profundas e sinceras (vd. Cartas **A** III e IV). Não admiram, portanto, as expressões de dor e saudade que espontaneamente lhe brotam.

Pela tarde do último dia que Erasmo viveu, escrevia Froben um bilhete para Amerbach prevenindo-o do desenlace possivelmente naquela noite, a fim de poder estar presente a tempo. Realmente morreu na noite de 11 para 12 de Julho, como Froben previra ao vê-lo quase sem fala. As suas últimas palavras, segundo Amerbach escrevera a Schets, foram a invocação do nome de Jesus (cf. Hartmann, *o.c.*, IV, pp. 416, 427). Jaz sepultado na catedral de Basileia e o epitáfio é de Bonifácio Amerbach, seu herdeiro universal.

[2] Vd. Carta **A** XIV.

[3] Luís Ber (vd. Cartas **A** XII e XIII), amigo a quem Erasmo legara um relógio de ouro, em post--escrito à sua carta remetida de Friburgo em 21 de Julho de 1536 pede a Amerbach confirmação para pormenores que ouvira a propósito dos últimos dias de Erasmo, a fim de poder responder oportunamente a quaisquer detractores: não só viveu sempre catolicamente, como por outro lado não quis ouvir nem ver, nem de qualquer modo admitir junto de si quaisquer ministros evangélicos. Assistiram ao desenlace, que Erasmo previra, Amerbach e Lamberto Coomans van Turnhout, já sacerdote e ainda seu doméstico (vd. Cartas **B** LII e LIII, e *Noese e crise*, I, p. 291).

Carta **A** XVI

[1] A respeito de Froben e Rem, vd. Carta **A** XII. Henrique Glareano ou Loriti nasceu no cantão de Glarus, Suíça, em 1488. Músico, humanista, poeta laureado e geógrafo, foi professor particular em

Basileia, donde mudou para Friburgo após a reforma de Ecolampádio naquela cidade. É o autor do célebre *Dodecachordon* (1547), onde figura uma composição musical de Góis. Morreu em 1563.

2 Clement Marot (1496-1544), poeta da corte de Francisco I, o mais notável da primeira metade do século XVI em França e admirador de outro não menos importante, François Villon (1431-1464). Precedeu os da Pléiade. Amerbach não prestou a atenção pedida por Góis, porque Marot não passou afinal por Basileia (vd. Carta **B** LIII).

3 Vd. Cartas **A** X e XII.

Carta **A** XVII

1 As duas cartas de Amerbach não são, como opina Luís de Matos (cf. *Correspondance latine*, p. 333), as de 19 de Agosto e 12 de Novembro, mas a de 29 de Agosto e outra que Amerbach enviou por estudantes alemães talvez por fins de Setembro, antes de receber as de Góis datadas de 31 de Agosto e de 24 de Setembro. Por um lado, Góis não respondeu nem àquela nem a esta em razão de estar à espera de resposta à de 31 de Agosto mandada através de Lucas Rem (vd. Carta **A** XII, nota 2); por outro, Amerbach estava intrigado com o que lhe parecia um silêncio insólito da parte do amigo, e afinal verificaria resultar apenas de um desencontro nas cartas trocadas entre ambos.

A carta de Amerbach de 12 de Novembro é pelo menos a terceira que o jurista de Basileia escreve a Damião após a morte de Erasmo. Nela responde às de Góis de 31 de Agosto e 14 de Setembro, o que faz com que este, ao recebê-la, se resolva finalmente a escrever àquele a sua de 14 de Dezembro. Só a primeira e terceira cartas de Amerbach se conhecem; contudo, sem pelo menos uma intermédia, nem se compreenderia o factor motivante da carta de Góis de 14 de Dezembro, nem a alusão de Amerbach, na sua de 12 de Novembro, aos estudantes que foram portadores da última imediatamente anterior, não encontrada (cf. as cartas de Amerbach em Hartmann, *o.c.*, IV, pp. 436 e 458).

A respeito das circunstâncias da morte de Erasmo, vd. Carta **A** XV.

2 Sobre a vertigem, vd. Carta **A** XII.

3 Amerbach, lida a carta de Góis a Erasmo de 15 de Julho de 1536 que já não o encontrou vivo e lhe chegou à mão em 29 de Agosto (vd. Carta **A** XIV), sugere ao amigo, sem se referir a quaisquer catálogos deixados por Erasmo, a participação monetária na edição das obras do Mestre de Friburgo, o que será um gesto agradável para com as oficinas de Froben, a quem o aconselha a escrever directamente, e ao mesmo tempo lhe granjeará fama e glória, pois ficará a ser o editor para sempre ligado a tão célebre personagem (cf. Hartmann, *o.c.*, pp. 436-7). Vd. Cartas **B** LII e LIII.

Na carta para Froben, não encontrada, Góis terá dito em pormenor o que resume para Amerbach no parágrafo seguinte desta de 14 de Dezembro. E apesar do desejo de prosseguir as relações epistolares, estas vão interromper-se sobretudo a partir da publicação em 1537, por Amerbach, de dois catálogos das obras de Erasmo (vd. Carta **A** XIII).

Sobre Lucas Rem, Froben ou Bebel, vd. Cartas **A** VIII e XII.

4 Simão Grineu (1493-1541), continuador religioso de Ecolampádio e professor, autor do *Nouus orbis* (Basileia, 1532), que exalta os descobrimentos e incluiu o *Itinerarium Portugallensium*.

**A** XVIII

1 Humanista italiano (1477-1547), Jacob ou Tiago Sadoleto estudou Filosofia e Direito em Ferrara, secretariou com Pedro Bembo a Leão X, foi bispo de Carpentras (1517) e cardeal (1536). Pertenceu à comissão preparatória do Concílio e correspondeu-se com grandes vultos da época. Há quatro cartas entre Sadoleto e Góis, sendo três daquele (vd., pois, Cartas **B** LVI, LX e LXXI, bem como as XLVII (Melanchthon a Góis) e LVII (Sadoleto a Melanchthon).

2 Pedro Boemo, como lhe chama Sadoleto na carta para Góis (17.VI.1537) que acompanhou a destinada a Melanchton (a **B** LVII), ou Pedro de Bechim, terra onde nascera, foi colega do humanista português em Pádua e gentil-homem como este.

3 Segundo Luís de Matos e Braancamp Freire, *Notícias da Feitoria de Flandres*, Lisboa, 1920. Pedro Caroldo do Rego ali se ocupava de negócios de Portugal e terá sido nomeado cônsul em 1531. Faleceu em 1547.

[4] Luís de Matos, ao contrário de Hirsch, cita os dois discursos: o de Sadoleto *De Rom. Curiae, et cleri moribus reformandis oratio* (1536) e o da Liga de Esmalcalda contra a proposta do núncio Pietro Paulo Vergério acerca da realização de um concílio. Quem remeteu a Góis a da Liga terá sido Grineu (vd. Carta **A** XVII).

Carta **A** XIX

[1] Nicolau Clenardo, em flamengo Kleynaerts, nasceu em Diest em 1493 ou 1494. Licenciado em teologia na Universidade de Lovaina (1519), professa grego e hebreu no colégio de Houterlé desde 1520, publicando em 1529 uma *Gramática Hebraica*; no ano seguinte as *Institutiones in Linguam Graecam* e em 1531 as *Meditationes Graecanicae*, dois compêndios que ficaram clássicos. Após breve estada por fins de 1530 em Paris, onde deu lições e teve por ouvinte Frei Roque de Almeida, de regresso a Lovaina parte, em Outubro de 1531, com D. Fernando Colombo e Vaseu para Espanha, acabando por ficar em Salamanca, de início, como mestre de D. Luís de Toledo, em 1533 abrindo também escola particular (29 de Abril) e em 5 de Novembro começando a ensinar grego e latim na Universidade. Aí o foi convidar (17.XI.1533) André de Resende, em nome de D. João III, para mestre do infante D. Henrique. Em 31 de Dezembro já se encontrava em Évora, onde durante dois anos foi comensal do arcediago da Sé, o doutor de Paris João Petit, e depois pôs casa à parte com o seu criado Guilherme e três moços escravos.

Em 1537, a 30 de Julho, parte para Braga, aonde chega a 12 de Agosto. Saindo para Compostela a 22, está de volta a 6 de Setembro, indo depois a Salamanca convidar Vaseu para reger a nova escola de latim de Braga criada pelo Infante-Arcebispo. Enquanto João Vaseu não chega, rege Clenardo as aulas e publica em Braga a sua *Gramática Latina* (1538). Em Novembro deste ano dá realização, finalmente, ao sonho de regressar à pátria, depois de bem apetrechado para em Lovaina criar uma cadeira de árabe, que pratica em Granada. Passa de seguida a Marrocos (1540), donde volta vítima de intrigas; retorna até Arzila, mas recolhe a Granada (1542), donde escreve a Carlos V a pedir lhe fossem entregues os livros muçulmanos que a Inquisição costumava queimar, e morre paupérrimo em Setembro desse ano quando se dispunha a passar de novo à África.

[2] Clenardo começou as lições, uma hora diária, cinco dias após a chegada a Évora: latim, grego, hebraico e talvez teologia. «As relações do mestre e do aluno eram as mais amistosas. Sempre a pena de Clenardo se negou a escrever menos afectuosamente de D. Henrique» (vd. M. G. Cerejeira, *o.c.*).

[3] O boato da conezia avaliada em 300 ducados não passou disso. Houve, sim, a oferta de um benefício de cura de almas que Clenardo declinou por desconhecimento da língua (vd. M. G. Cerejeira, *ibid.*).

[4] O *De Senectude*, traduzido por Góis em *Catam maior ou da Velhice* saiu em Veneza, Estev. Sabio, 1538).

[5] Catão era nesse tempo questor e não pretor, como Góis julga (vd. aparato crítico em *Noese e crise*, I, p. 140).

[6] Muito se discutiu onde estaria o *não*. Para mim está em f. $16^v$-$17^r$ do Mss. Cícero *De Senetute*, do B. M. do Porto: «Porque os grãdes feitos nã soomentes se fazem com forças e destreza do corpo, mas ainda com conselho, e autoridade, e juizo, das quais cousas a velhice *nõ* tam soomentes nunqua he privada, mas antes muim abondosamẽnte acompanhada, e ornada» (Góis até acrescenta um *nunqua*, para mais ênfase). Vd. também *Orator*, III, 9; e *Noese e crise*, I, p. 310.

[7] A respeito da vertigem, vd. Cartas **A** XII, XVII e XVIII.

[8] Cf. Ovídio, *Tristia*, II, 531-2.

[9] Polites ou Burgher, poeta e músico holandês, estudou em Lovaina e Paris, e medicina em Pádua, acabando por formar-se em Direito na Universidade de Lovaina. Rica de informações sobre as *exéquias poéticas* de Évora em honra de Erasmo e as lições de Clenardo aos três miúdos negros é a missiva de Clenardo a Polites (vd. Carta **B** LV de 27.XII.1536).

Carta **A** XX

[1] Em 1957, trabalhando para o Prof. Luís Reis-Santos, formulei a hipótese de que se, tratava de Jorge Coelho, ilustre latinista que «mereceu a primazia na elegância da Poética, e na eloquência da Oratória», segundo o autor da *Bibliotheca Lusitana*, mas que naquela altura, como em carta posterior, de 26 de

Agosto de 1540 (**B** LXXV), confessa a Damião de Góis, «devido quer à obscuridade das coisas divinas, quer à pressa demasiada da edição, quer ao domínio ainda imperfeito da arte, agradaram menos a alguns» (versão nossa do texto).

Luís de Matos (*Correspondance latine*, 1959) sem conhecer a minha opinião optou no mesmo sentido contra Joaquim de Vasconcelos que afronta, sem razão convincente, para o laureado poeta Glareano. Jean Aubin, em 1982, ainda não optava por Coelho (vd. *Noese e crise*, I, pp. 313-314). Acerca de Jorge Coelho, vd. Cartas **B** LXXIII, LXXV e LXXXIII. Escolar talvez de Salamanca e cónego da Sé de Évora, secretariou o infante D. Henrique e aprendeu hebraico com Clenardo. Um dos nossos ciceronianos na prosa, mas ultrapassado por André de Resende na poesia.

**2** Em várias cartas alude à vertigem; a comparação como os grous já vem na Carta **A** XII a Erasmo. Cf. Cartas **A** XII, XVII, XVIII e XIX; e quanto a outras notas, *Noese e crise*, I, pp. 315-316.

Carta **A** XXI

**1** Vd. Carta **A** XII, nota 4. A carta-dedicatória dos *Commentarii rerum gestarum in India citra Gangem a Lusitanis anno 1538, autore Damiano a Goes Equite Lusitano* (Louanii, ex officina Rutgeri Rescii, An. M. D. XXXIX. Men. Sep.), que na edição dos *Opuscula* de 1544 vieram a lume sob o título de *Diensis Nobilissimae Carmaniae seu Cambaiae urbis oppugnatio*, *Damiano a Goes autore*, datou-a Luís de Matos de «c. de Maio de 1539» entrando no cálculo certamente o tempo que gastaria o nosso humanista a elaborar as suas 38 páginas de texto, concluído, qual se lê no fecho antes da poesia de Pedro Nânio dedicada a Bembo, a 5 de Setembro desse ano.

Ora do teor desta carta introdutória parece dever concluir-se que foi escrita cerca de Setembro, quando Góis passou a limpo o rascunho do opúsculo. Outra ilação não se afigura muito provável, dada a expressão «Nunc uero mitto», quase no início e referente ao opúsculo. Um *agora* com três ou quatro meses de antecedência destoaria do contexto e não menos um *mitto* no presente, se se reportasse a uma obra que nem sequer começara; e repare-se que tal *presente* se encontra neste sintagma em forma reduplicada, quando, no caso de a carta haver sido redigida antes do restante texto, talvez quadrasse melhor escrever «Nunc uero mittam», *agora mandar-vos-ei* ou *vou mandar-vos*, ou então omitir-se o situador temporal que é «nunc», Por outro lado, a alusão goisiana, no penúltimo parágrafo da carta, a certos cristãos discordantes supõe muito provavelmente elaborada a sua resposta às críticas de Paulo Gióvio inserta nas últimas 6 páginas do texto. Em terceiro lugar, não estará na redacção recente desta carta explicação bastante para a de 13 de Setembro de 1539 que acompanha a oferta dos *Commentarii*, a qual só fala neles nas primeiras quatro linhas (vd. Carta **A** XXII) e unicamente para sublinhar a dedicatória e pedir desculpa das imperfeições do latim?

**2** Dedicando o opúsculo ao cardeal Bembo, Damião de Góis credita-o como responsável da sugestão desta versão latina da história da guerra de Cambaia (cf. Hirsch, *o.c.*, pp. 101-2). Ao acusar a recepção, em carta de 31.XII.1539 (vd. Carta **B** LXXII), Bembo agradece a gentileza da dedicatória, confessa o sumo prazer com que o leu e incita Góis a prosseguir, porquanto deste modo se ilustrará, colherá o fruto dos seus estudos que poderá ser extraordinário, e além disso captará o louvor e a benevolência dos cultores das letras latinas. O mesmo incitamento, não sem palavras de elogio, lhe havia significado Lázaro Bonamico em 29 de Outubro (Carta **B** LXVII), depois de ler com muito agrado o exemplar que lhe remetera.

Góis alude à obra histórica que Bembo tinha entre mãos, encomendada em 1530 pela Senhoria de Veneza e concluída em 1543 – *Historiae Venetae libri XII* (cf. *Cardinalis Petri Bembi… Omnia quaecumque usquam in lucem prodierunt opera*, *in unum corpus collecta… His accesserunt nouissima haec…corollaria siue glossae breues…*Argentorati, sumptibus haeredum L. Zetzneri, 1652; são 3 tomos em 8°, contendo o primeiro a *Historiae Venetae libri XII*). Bembo cita elogiosamente Góis no livro V desta obra, exaltando ao mesmo tempo as gestas lusitanas dos Descobrimentos.

A edição *princeps* de *Historiae Venetae libri XII* é póstuma, saída em Veneza, nas oficinas de Aldo (filhos), em 1551.

**3** Entre os cristãos não espectadores neutros conta-se Paulo Gióvio (1483-1552), médico, historiador e bispo de Nocera. Foi professor na Sapienza em Roma. Em *De legatione Moschouitarum* (1525), inserto no *Nouus orbis* de Grineu (1532), criticou o mercantilismo dos portugueses e o monopólio das especiarias, que ainda acusou de serem vendidas por boas e a bom preço, mesmo quando deterioradas, o que era falso (vd. *Noese e crise*, I, pp. 319-320).

Carta **A** XXII

[1] Vd. Cartas **A** XIII, nota 1 e XXI, notas 1 e 2. Esta carta acompanhou a oferta dos *Commentarii*. Quanto ao seu laconismo a respeito do tema do opúsculo, vd. Carta **A** XXI, nota 1. Os gedrósios, segundo a *Geographia uniuersalis*, *uetus et noua* editada por Sebastião Münster em 1540, habitavam a região do curso inferior no Indo, na margem direita. A Gedrósia confina com a Carmânia e ambas ficam ao sul da Pártia e Aracósia (cf. *o.c.*, Tabula V).

[2] Respondendo outrossim à carta de Bembo de 5 de Abril, vinda de Veneza e às suas felicitações pelo casamento, Góis retribui em seu nome e no de Joana van Hargen, sua esposa, com quem casou nos fins de 1538 ou princípios de 1539 (cf. Carta **B** LXI; Hirsch, *o.c.*, p. 115). Joana van Hargen, irmã de Splinter van Hargen com quem Góis terá convivido na casa alugada em Pádua, descendia dos condes de Haramberg, Hoorn e Monfoort e era filha de André van Hargen, senhor de Oosterwijck, do conselho de Carlos V e de Matilde van der Duin. De 1538 a 1545, salvo o tempo da prisão de Góis em 1542 na França após o cerco de Lovaina (vd. Carta **A** XXXI) e durante parte do qual a esposa voltou para a sua cidade de Haia, o casal viveu em Lovaina, na rua de Namur, junto da igreja de S. Quintino (cf. Joaquim de Vasconcelos, *Renascença Portuguesa. VIII - Goesiana*, *Novos Estudos*, Porto, 1897, pp. 135-137; Hirsch, *o.c.*, pp. 113, 123-8).

[3] Pedro Nanninck, ou Nânio à latina, nasceu em Alkmaar em 1500. Erudito comentador e editor de clássicos latinos e sucessor de Conrado Goclénio (1455-1539) no Colégio Buslidiano (vd. Cartas **A** II e IV), deixou vários trabalhos, sendo o de maior vulto os quatro vols. de *Athanasii Magni opera latine* (Basileia, 1560). Morreu em Lovaina em 1557.

As relações de amizade entre Góis e o humanista holandês enraizaram-se através de delicadezas mútuas: ao nascer-lhe o filho Manuel em 1540, Nânio dedica-lhe o poema *In Clarissimi et Ornatissimi Equitis Damiani a Goes filium Emanuelem Petri Nannii Genethliacum* (*Opuscula* de 1544, miii$^{v}$-n$^{v}$); por sua vez. Góis dedica a Nânio a sua *Hispania* em 1541 (vd. Carta **A** XXVIII); este, dois anos após, clamava por justiça para com seu amigo português que, na defesa de Lovaina, sofrera o cativeiro sem qualquer indemnização por parte da cidade, no opúsculo *Petri Nannii Alcmariani oratio de obsidione Louaniensi. Adiunctus est dialogus de milite peregrino, eodem autore*. Excudebat Seruatius Zassenus. Louanii Anno M. D. XLIII. Mense Septembri (vd. Cartas **A** XXXI e XXXII).

[4] A poesia em questão, inserta no final dos *Commentarii*, é uma elegia de Nanninck em louvor do opúsculo e de Bembo, a quem chama outro Cícero. Quanto à dispensa do Breviário, não surtiu efeito, dados os motivos apontados (vd. Carta **B** LXXII). Góis conforma-se, mas ainda tenta perante Bembo um benefício eclesiástico para Nanninck (vd. Carta **A** XXVI).

Carta **A** XXIII

[1] Esta carta é a abertura e a dedicatória da *Fides*, *religio maresque Aethiopum* (vd. título completo na I parte deste vol.), saída das oficinas de Rogério Réscio em Setembro de 1540. Sobre a sua oferta a Paulo III, vd. Carta **A** XXVI. Nas cerca de 100 páginas de texto contém um escorço histórico sobre os Descobrimentos e os primeiros contactos mútuos entre Portugal e a Etiópia; a carta da rainha Helena escrita em 1509 e cá entregue a D. Manuel por Mateus em 1514, na versão já inserta na *Legatio*, salvo algumas pequenas variantes morfológicas e na ordenação dos parágrafos (vd. Carta **A** I e notas respectivas); quatro cartas do imperador David, uma de 1521 a D. Manuel. outra de 1524 a D. João III, duas de 1524 ao Santo Padre, vertidas por Paulo Gióvio e com correcções diminutas introduzidas por Góis (cf. *Aliquot opuscula*, Gi$^{v}$); descrição da fé, religião e costumes dos abexins; deploração do povo lapão e descrição da Lapónia.

As cartas do imperador David foram entregues pelo P. Francisco Álvares, estando presente o nosso embaixador em Roma D. Martinho, em Bolonha, no mês de Janeiro de 1533, a Clemente VII e sob os olhares de Carlos V. Haviam chegado a Portugal em 1527, na embaixada de Zagazabo e Francisco Álvares (cf. *Fides*, Cii$^{r}$; cita-se a *Fides* na edição definitiva dos *Opuscula* (1544).

J. H. de Oliveira Marques supôs, embora declarando antes não lhe haver sido possível a colação dos textos, que o conteúdo da *Legatio Magni Indorum Imperatoris Presbyteri Ioannis* (Antuérpia, 1532), da *Legatio Dauid Aethiopiae Regis* (cuja primeira edição é de Bolonha, 1533) e da *Fides*, *religio moresque Aethiopum* (Lovaina, 1540) seria o mesmo (cf. *Damião de Góis e os mercadores de Danzig*, in *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, IV (1958), 15-16, Coimbra, p. 133), Ora entre a primeira *Legatio*

e a segunda não há semelhança digna de nota, nem o autor desta é Damião de Góis como pensam eruditos, mas decerto D. Martinho de Portugal; entre a segunda e a *Fides* há de comum as quatro cartas citadas atrás; entre a *Fides* e a primeira a carta da rainha Helena, com divergências mínimas (vd. Carta **A** IV, nota 11).

Quando se diz, porém, que Paulo Gióvio foi o tradutor da *Legatio Dauid Aethiopiae regis* (Bolonha, Kemolen de Alost, Fev. de 1533) não se diz a verdade total. É que, de facto, o opúsculo contém quatro cartas do Imperador etíope, duas para os Reis de Portugal e duas para o Papa, todas vertidas de português para latim por Gióvio; e uma de D. João III, esta, segundo se lê na 2.ª versão italiana da *Legatio* (s.l.n.a., 1533?), por D. Martinho de Portugal, nosso embaixador junto da Santa Sé, que terá sido o responsável da edição de Kemolen de Alost, segundo me parece, e ainda, de acordo com o mesmo frontispício, o tradutor latino da parte concernente ao reino, povo e costumes da Etiópia.

Quanto às quase 50 edições, quer traduções quer originais, deste opúsculo, integrais ou não, algumas delas encimadas com o nome de Damião de Góis, o que induziu diversos investigadores em erro, cf. Francisco Leite de Faria, *Estudos bibliográficos sobre Damião de Góis e a sua época*, Lisboa, 1977, pp. 397-413; e nas pp. 6-7 as razões aí expendidas contra a autoria goisiana da *Legatio David*.

**2** Alexandre Farnésio (1469-1549), cardeal em 1492 e papa em 13.X.1534 com o nome de Paulo III, foi um dos grandes Pontífices: anunciou a reforma da Igreja, nomeando para esse fim uma comissão de homens insignes, e convocou um concílio para Mântua e Vicenza, que veio a abrir, superadas muitas dificuldades, em Trento, após a paz de Crépy, em 1545, não em 13 de Março como estava fixado mas em 13 de Dezembro, com a presença dos legados papais e cardeais Del Monte, futuro Júlio III, Cervini, futuro Marcelo II e Reginaldo Pole. Na 1.ª fase (1545-1548) houve 12 sessões; na 2.ª (1551-1552), sob convocação de Júlio III, realizaram-se a 13.ª e 14.ª, interrompendo-se por causa das lutas entre Maurício de Saxónia, apoiado por Henrique II de França, e Carlos V; na última (1562-1563), convocado por Pio IV, o Concílio elevou o número de sessões a 25, tendo sido legados papais os cardeais Gonzaga, Seripando, Hosius e Simonetta (cf. Pastor, V; Hefele-Leclerq, X; VELBC, s.v. *Trento*; vd. também Cartas **A** I e XVIII).

**3** S. João 10, 16.

**4** *Eclesiástico* 24, 45 e 47. Também se chama *Sabedoria de Jesus, filho de Sirach* e *Sabedoria de Sirácides*. Desde os tempos de S. Cipriano que a Igreja latina lhe deu o nome de *Eclesiástico* por ser livro frequentemente lido na assembleia cristã para instrução dos catecúmenos.

**5** O monge Zagazabo manteve-se cá, por vontade de D. João III, até 1539 (cf. *Fides*, Cii$^{r}$), mas a presença amiga de abexins em Portugal já não provocava o alvoroço de décadas atrás; e às petições exaradas nas cartas do seu Imperador delongava-se a resposta. O cristianismo etíope, zebrado de judaísmo, e a facção cortesã anti-Albuquerque estão na raiz da viragem. Segundo Jean Aubin (cf. «Le Prêtre Jean devant la censure portugaise», in *Bulletin des études portugaises et brésiliennes*, Paris, 41 (1980), p. 54), o interesse por uma colaboração com a Etiópia só ressurge após a celebrada vitória contra o Islão (1538), em Diu.

Góis, que no inverno de 1533 contactara com Zagazabo e lhe solicitava um relato acerca da fé e costumes dos abexins, o qual este enviou em 1534 para Pádua e constitui a segunda parte da *Fides*, parece tocado deste novo entusiasmo. Simplesmente o caso não era tão fácil como Góis talvez julgasse. Eram cristãos os etíopes, mas com muitas excrescências judaicas; além disso, pelo seu monofisismo, hoje julgado mais nominal que real ou nem isso, estavam e estão separados quer das igrejas bizantinas, que são nestorianas, quer da católica. Era preciso enviar missionários, o que de resto o imperador também rogava e os portugueses começaram a praticar no tempo do Rei Piedoso, até que Júlio III confia oficialmente à Companhia de Jesus a evangelização da Etiópia, sendo o seu primeiro bispo católico o jesuíta André de Oviedo, espanhol e tendo conseguido o jesuíta Pedro Dias a conversão do próprio imperador Négus Sagâd. Entretanto o P. Afonso Mendes, eleito patriarca em 1622, é expulso em 1636. A união com a Igreja Católica nunca se consumou. No século XVIII e XIX missionaram na Etiópia os lazaristas, mas a jerarquia católica só foi estabelecida regularmente já no nosso século com um arcebispo em Adis-Abeba (1961) e dois bispos sufragâneos para os cristãos de rito etiópico ou alexandrino, e com três vicariatos e duas prefeituras para os de rito latino (desde 1937 a 1959).

Quanto às relações luso-etiópicas iniciadas por D. João II com Pero da Covilhã, de cá saído em 1486, e pela legação de Mateus cá chegada em 1514, correspondeu D. Manuel com o faustosa embaixada presidida por Duarte Galvão, gorada com a sua morte no Mar Vermelho, e depois, em 1520, com a bem sucedida sob a chefia de D. Rodrigo de Lima e organização do governador Diogo Lopes de Sequeira, demorando-se então os portugueses cinco anos nas terras do imperador David, até que regressaram em companhia de Zagaza-Ab, embaixador extraordinário à Corte portuguesa, aonde chegaram em 1527 (vd. Carta **A** I, nota 9).

Precisamente no ano em que Góis publicava a *Fides*, morria David em combate, sucedendo-lhe o filho Cláudio que apela para os portugueses: D. Cristóvão da Gama e seus 400 voluntários salvam o imperador do assalto dos muçulmanos e são cumulados de honras. Fechadas as costas pelos turcos, não puderam regressar e constituiram uma pujante comunidade linguística e católica até à expulsão dos jesuítas em 1635 (cf. Damião de Góis, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, III, caps. 60-61; P. Manoel d'Almeida e P. Halthazar Tellez, *Historia de Ethiopia a alta*, Coimbra, 1660; Elaine Sanceau, *Em demanda do Preste João*, Lisboa, 1943; id., *Os portugueses na Etiópia*, Lisboa, 1961; Abba Jalou Socquar, *La Chiesa etiopica è monofisita*, in *L'Oriente cristiano e l'Unità della Chiesa*, IV (1939), 97-99, Roma; Francisco Álvares, *Verdadeira informaçam das terras do Preste Joam das Indias*, Lisboa, 1889; vd. também Carta **A** I, nota 8).

**[6]** Na sua carta a D. João III, escrita em 1524. O imperador Lebna Dengel Dawit exclama: «Ego mi Rex nequaquam laetari possum de Christianis Europaeis Regibus, cum eos audiam in uno corde minime consentire, uigereque inter eos bella. Estote simul omnes in una concordia unanimes. Deberetis enim inter uos certo foedere esse contenti» (cf. *Fides* E).

Numa das cartas ao Santo Padre, a primeira na ordem da paginação da *Fides*, aconselha-o a efectivar uma aliança entre os príncipes cristãos contra os muçulmanos (vd. *Fides* Fii$^{r}$), o que Paulo III traduzirá na prática com a Liga de 1538.

**[7]** Segundo a tradição, a rainha de Sabá veio da Etiópia de visita a Salomão. A casa real etíope pretende descender do filho que lhes nasceu.

**[8]** Este período verteu-o deste modo Dias de Carvalho: «Realizam-se as profecias de Cristo, alargando-se pouco a pouco o número dos seus eleitos, indo os seus mandamentos e promessas aos pagãos ignorantes de Cristo» (cf. *Opúsculos Históricos*, p. 129). Ora o original, sobretudo a meio da frase, diz algo bastante diferente.

**[9]** Vd. nota 5. Na citada carta a D. João Ill, Lebna Denge1 especifica o seu pedido de varões doutos: «Nam hoc uno uerbo a uobis postulo, ut uiri docti, atque etiam artifices mihi mittantur, qui imagines et libros impressos, enses et omnis generis arma militaria fabricare sciant. Itemque architecti, fabri lignarii et medici, qui pharmaca componere et uulnera curare didicerint». E o texto continua, enumerando outros artífices e operários, renovando assim o pedido já feito no final da sua carta de 1521 a D. Manuel e repetido ao Sumo Pontífice ao solicitar-lhe, antes de mais, imagens de santos e de Nossa Senhora, assim como varões eruditos nas letras sagradas (cf. *Fides* D$^{v}$ e F$^{v}$).

**[10]** Bem recebida entre os humanistas, a *Fides, religio moresque Aethiopum* só o foi condicionalmente noutros grupos militantemente ortodoxos. Em carta de 28 de Julho de 1541 o cardeal D. Henrique informa Góis de que assentou de sobreestar na venda do livro em virtude de, no parecer de um oficial da Inquisição que o examinou, Diogo Ortiz de Vilhegas e Pedro Margalho, na discussão doutrinária com Zaga za-Ab, estarem ali em situação inferior comparadamente com as razões apresentadas por este (cf. *Fides* Kiii$^{v}$-Liii$^{r}$). Desapontado, Góis escreve duas cartas queixando-se do agravo e alegando razões contrárias. O cardeal responde-lhe, em 13 de Dezembro de 1541, admirado do tom emocional dessas cartas, reitera-lhe a sua estima e amizade, repete-lhe que no livro há muitas coisas boas na primeira parte, mas acentua outros aspectos negativos na restante, como certas razões falsas do bispo Zagazabo e os queixumes de o haverem tratado mal. Sem embargo, D. João III não terá desgostado da oportunidade da publicação, no mesmo ano em que «por ordem do Rei» saía dos prelos, a 22 de Outubro, embora truncada por interesses políticos (cf. sobre este pormenor o excelente estudo de Jean Aubin, citado na nota 5), a *Verdadeira informaçam das terras do Preste Joham* do P. Francisco Álvares.

Em contraste com a posição da Inquisição que acabava de estabelecer-se em Portugal, a Faculdade de Teologia de Lovaina concedera à *Fides* o «nihil obstat», datado de 12 de Julho de 1541

e em termos até simpáticos, ao finalizar: «iterum testamur eundem ipsum librum talem esse, qui sine aliqua oppositione passim per totum orbem legi et deportari possit» (Ai$^{v}$). João Vaseu, por sua vez, em carta de Évora datada de 18 de Outubro de 1541, não cala o seu desapontamento perante a censura e incute a Góis esperança de que finalmente justiça lhe seja feita (cf. Joaquim de Vasconcelos, *Damiani a Goes Epistolae*, p. 56; Hirsch, *o.c.*, pp. 146-158; Raul Rego, *O Processo de Damião de Góis na Inquisição*, pp. 98-101; Luís de Matos, *Correspondance latine*, p. 196, quanto a alguns textos aludidos ou citados, quer em latim. quer em português).

Quanto a substar, no motivo da sua proibição em Portugal, também o temor da heresia judaizante, como pensa Jean Aubin (cf. *o.c.*, pp. 52-55), acho de assinalar tal hipótese, dadas as observâncias judaicas que, além do mais, afloram no texto.

Carta **A** XXIV

**1** Vd. Cartas **A** I, notas 1, 2 e 3; e II, texto e notas.

**2** Vd. Cartas **A** VI e VII, nota 2, a respeito dos ducados e seu valor aproximativo; e *Noese e crise*, I, pp. 261 e 267.

Dias de Carvalho traduziu *aureus* por *moeda*, «quarenta mil moedas» (cf. *Opúsculos Históricos*, p. 207), o que deixa o caso indefinido. O ducado de ouro era a moeda mais corrente na Europa de então.

Damião de Góis na sua *Hispania* indica os proventos das dioceses castelhanas e portuguesas, podendo servir-nos de tais dados para comparação com Upsala. Assim, o arcebispado de Toledo percebia anualmente 150.000 ducados de ouro; o de Sevilha, 24.000; o bispado de Burgos, 20.000; o de Málaga, 10.000; o de Lugo, 1.500. Em Portugal, o arcebispado de Braga, 24.000; o de Lisboa, 16.000; o bispado de Évora, 20.000; o de Coimbra, 12.000; o do Porto, 4.000; o de Ceuta, 2.000 (cf. *Opuscula* de 1544, Tiiij$^{v}$-Vi$^{v}$).

Outros dados comparativos: Clenardo, e depois dele João Vaseu, ganhavam cá, por ano, 100.000 reais, isto é, 250 cruzados, o mesmo que 300 ducados. A propósito, uma citação curiosa do mestre flamengo do arcebispo D. Henrique: «Um *ducado português* vale quatro tostões (…) Um tostão contém cinco *vinténs* (…) é a esta vigésima parte dum vintém que cá dão o nome de real. (…) O real português contém seis *ceitis*. Em suma, *ducado*, *tostão*, *vintém*, *real*, *ceitil*» (cf. M. G. Cerejeira, I, p. 252). Claro que, quando Clenardo escreve *ducado português*, quer dizer simplesmente *cruzado*, equivalente a quatro tostões, a vinte vinténs, a 400 reais e 2.400 ceitis; o ducado, por sua vez, no sentido autêntico em que o toma ao elucidar o seu mestre e amigo Jacques Masson ou Látomo em 26.III.1535, equivalia a 333,3 reais aproximadamente, pois só assim é que se obtém, multiplicados por 300 ducados, os ditos 100.000 reais de salário, ou 100.000 réis.

**3** Dias de Carvalho verteu *Gedani*, em alemão Danzig, em polaco Gdansk, por *Gedau*, o que etimologicamente não é justificável (cf. *Opúsculos Históricos*, p. 207). Albrecht Krantz em *Regnorum aquilonarium chronica*, 1575, p. 12, escreveu: «in Prussia uero Gedanum seu Dantiscum». Salvo melhor opinião, creio que *Gedani* deu origem a *Gdynia* e *Dantisci* a *Danzig*, cidades próximas uma da outra e situadas na mesma baía, mas a primeira num paralelo superior e mais a ocidente. Os humanistas usavam os dois nomes indiferentemente ao designar Danzig, como aliás Góis (vd. Cartas **A** I e XXIV).

**4** Vd. Carta **A** I, nota 1 no final.

**5** Vd. Cartas **A** I, nota 1, XVIII, nota 1 e XXIII, nota 2.

**6** Em *Metropolis Ecclesiae Upsalensis* de João Magno Gothus editado pelo irmão Olau em 1557 na cidade de Roma, escreve este ao traçar-lhe minuciosa biografia: «Interea a patrilarcha Veneto Hieronymo Quirino tunc Vicentiae praesente per Secretarium suum impetrauit ut eius hospitio per aliquod tempus colligeretur, donec de uniuersali concilio aliquíd efficacius statueretur. Itaque partiarcham confestim Venetias redeuntem comitatus, omni genere humanitatis ab ipso exceptus est, nam illi et de honesta mansione, et de magna expensarum parte, in patriarchatu usque ad tertium annum liberaliter prouidet, cum ínterim optimus episcopus Veron. (…) in reliquis omnibus necessariis ipsum abunde releuaret» (p. 145). Vd. Carta **A** I, nota 1.

A família Querini é uma das mais antigas e nobres de Veneza. Girolamo Querini (1468-1554), dominicano em 1490 e anteriormente mercador em Constantinopla, ascendeu a patriarca de Veneza

em 1524, governando espiritualmente o arcebispado durante anos (EI, s.v. *Querini*; *Cardinalis Petri Bembi… Omnia… Opera* (3 vols.), I - *Historiae Venetae*, Estrasburgo, 1652). Vd. também Carta **A** XXI, nota 2.

7 Extensão considerável é agora dedicada ao tema já tratado na Carta **A** II e também na **A** IV, segunda parte.

8 A letra seria: «medicar esta chaga lapiana». De três homónimos latinos, Góis faz trocadilho com dois: *plaga*, vocábulo pirríquio, que significa *região*; e *plaga*, prosodicamente trocaico, *chaga*. A Jean Aubin não escapou esta agudeza (cf. «Damião de Góis et l'archevêque d'Upsal», p. 301, nota 20).

9 Dias de Carvalho (cf. *o.c.*, p. 209) não reparou no lapso «durante cinco anos». Vd. Cartas V, 2 e VIII, 14. Foram cinco meses civis, cerca de quatro em cômputo de dias, mas efectivamente só cerca de três, dada a ausência de Góis no mês de Junho (vd. Cartas VI e VII).

10 Vd. Cartas **A** IV e XIII.

11 Gustavo Vasa (1496-1560), cavaleiro sueco que combateu contra os dinamarqueses e a sua hegemonia, subiu a regente do reino após as lutas da independência em 1521 e foi proclamado rei com o nome de Gustavo I em 1523, inaugurando a dinastia Wasa. Neste ano começam as desinteligências com Roma que em 1527 se transformam em rompimento definitivo, tornando-se chefe da igreja luterana sueca (vd. Carta **A** I; NH, s.v. *Gustav*).

12 Gótia é a Suécia central, hoje abrangendo as províncias de Öster Gotland, onde se situam Linköping e Skänninge, locais respectivamente do nascimento de João Magno e de seu irmão Olau (Olavo), que por esta razão usavam o epíteto de *Gothus*, e Väster Gotland, ou Gótia Ocidental, cuja cidade maior é Gotemburgo.

13 Por mero lapso, passou esta versão a Jean Aubin: «Il y a aujourd'hui avec Gustave, roi de Suède et de Gothie, quelques grands personnages retranchés de l'Église Romaine. Il est aussi dans ces royaumes des hommes qui sont à elle diamétralement opposés» (cf. *o.c.*, p. 301).

14 Na *Gothorum Sueonumque historia* editada em Roma em 1554 pelo irmão Olau Magno, João Magno Gothus insere, na p. 14, uma carta geográfica da Escandinávia, esclarecendo na p. 8: «Habet Sueonia a Septentrione (…) Biarmiam suppolarem regionem, quae in Vlteriorem et Citeriorem diuiditur (…) Ad cuius Orientale latus est uastissima Scricfinnia (…) Deinde uersus Austrum utraque Lappia coniungitur. Post quas duae Bothniae, Occidentalis et Orientalis». A *Finmarchia* é colocada, no dito mapa, a oeste da Escricfínia, na Noruega, prolongando-se em direcção ao limite norte, onde os mapas modernos a indicam ainda, com o nome de Finnmark. A Lapónia oriental situa-se hoje ao norte da Finlândia, a ocidental ao norte da Suécia, ambas de junto do Círculo Polar Arctico para cima. Ao sul ficava, como hoje, a Gótia ocidental voltada para a Dinamarca, a oriental para o Báltico.

15 Cf. Salmos 99, 1 e 97, 1.

16 Esta carta, colocada quase no fecho da *Fides* (vd. Carta **A** XXIII, nota 1) tem por epígrafe «Deploratio Lappianae Gentis, Damiano a Goes autore», semelhante ao da Carta **A** II, que é «De Pilapiis», apenas no tema, tratado na *Fides* mais em pormenor.

Quanto à prioridade desta carta em relação à anterior, opinião de Luís de Matos (cf. *Correspondance latine*, pp. 161-166), acho mais provável o contrário: Góis verteu os textos introdutórios ou explicativos e doutrinários, juntou-lhes as cartas já vertidas e começou a cerzir tudo, à maneira de um cronista autêntico, cerca de Agosto, terminando em 1 de Setembro.

A minha divergência apoia-se em dois factos: um é o final da Carta **A** XXIII - «reportar-me-ei ao exórdio da história que um tanto de mais longe retomarei»; o outro é uma informação de Góis na Inquisição: ao encontrar-se em 1534 com Gaspar Heid, Butzer e Koepfel à mesa, lhes «veio a dizer que começava a trasladar um livro da língua portuguesa em latim, dos costumes e religião do imperador do abexim» (cf. Raul Rego, *o.c.*, p. 82, quanto ao texto citado; e Carta **A** III, nota 2).

Deste modo, Luís de Matos data a Carta XXIII de 1 de Setembro e a XXIV aventa-a escrita no decurso deste mês; permitindo-me divergir, dataram-se nesta colectânea a XXIII de *cerca de Agosto* e a XXIV de *1 de Setembro*, pelos motivos apontados.

Sobre qual o livro que ocupava então as atenções de Góis tradutor, concordo com Jean Aubin (cf. «Le Prêtre Jean devant la censure portugaise», pp. 40-41), contra a opinião de Albin Beau (cf. *o.c.*, p. 81) e Hirsch (cf. *o.c.*, pp. 66-67 e nota 16) aos quais também cita, quando afirma tratar-se, não da *Legatio*, aliás já publicada em 1532, o que obrigaria a recuar muito o encontro de Estrasburgo, mas da obra do P. Francisco Álvares, de que terá conseguido cópia no outono-inverno de 1533, porquanto o relato de Zagazabo, de 24.IV.1534, só o recebeu Góis em Pádua, como diz na *Crónica de D. Manuel*, III, cap. LX, e não ocupa na *Fides* o primeiro lugar (vd. Cartas **A** I, IV e XXIII).

Carta **A** XXV

**1** Vd. Cartas **A** XII, nota 3; XVIII, nota 1; XXIII, nota 2. Filho de Sir Richard Pole e de Margareth, condessa de Salisbury, neta de Eduardo IV e futura mártir (1541), Reginaldo Pole (1500-1558), após os seus estudos em Oxford, cursou a Universidade de Pádua (1521-1527). Auxiliou Henrique VIII, na questão do divórcio, junto da Universidade de Paris, mas opôs-se a suceder a Wolsey como arcebispo de Iorque (vd. Cartas **A** IV e XII), assim como a concordar com o divórcio do rei, a quem recusa o seu regresso a Inglaterra depois do retorno a Pádua em 1532. Em Maio de 1536 envia a Henrique VIII, através de Thomas Starkey, o manuscrito em que trabalhava há dois anos, contendo os seus pontos de vista sobre o caso e intitulado *Pro ecclesiasticae unitatis defensione libri quatuor*, cuja cópia enviada ao Papa sai pouco depois em Roma, sem seu conhecimento, sob o título *De Unitate*, o que indignou Starkey que lhe pedira para não publicar o livro. Pole realmente não tivera culpa desta edição de Blado (1539) e só em 1553 se ocupou da sua publicação.

Em 22.XII.1536 é feito cardeal juntamente com Caraffa e Sadoleto, exercendo várias missões diplomáticas. Pertenceu à comissão preparatória do Concílio (vd. Carta **A** I) e foi, com os cardeais Del Monte e Cervini, um dos três legados da Santa Sé quando da sua abertura em Trento (1545-1546). Defendeu a reforma interna da Igreja, discordando da prática inquisitorial. Em 1554 é nomeado legado pontifício na Inglaterra, tornando-se conselheiro e colaborador de Maria I no esforço da Contra-Reforma e sucedendo a Cranmer como arcebispo de Cantuária (1556-1558). Deixou outras obras, como *Orazione della pace a Carlo V* (Roma, 1555), *De Concilio* (Roma, 1562), *De Summi Pontificis officio et potestate* (Lovaina, 1569), *Tractatus de justificatione* (Lovaina, 1569). Teve a cabeça ao prémio de 50.000 ducados, por sanha de Henrique VIII. Humanista, além de homem da Igreja, conviveu com Bembo, Sadoleto, Bonamico, Erasmo, Longólio. Góis conheceu-o em Pádua na casa de Bonamico (cf. W. Schenck, *Reginald Pole*, *Cardinal of England*, London, 1950; Marcel Bataillon, *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme*, pp. 141-145, na ed. de 1952; pp. 115-119 na de 1974; Hirsch, *o.c.*, p. 107).

**2** Richard Morison estudou em Oxford até 1528 e depois formou-se em Direito em Pádua. Segundo João Campense em carta para Starkey em 16.VI.1535, andava sempre em dificuldades monetárias. Em Agosto de 1535 ainda elogiava Pole, que o salvou da fome e o aboletou em sua casa em Veneza, como o próprio Morison contou em carta a Starkey. Apesar disso, em 1539 injuriava Pole no opúsculo *An invective ayenste the great detestable vice*, *Treason*, saído em Londres. Calvinista, era grande o seu ascendente na corte inglesa, o que mais leva Góis a lamentar o seu estranho procedimento (cf. DNB, s.v. *Morison*; Marcel Bataillon, *o.c.*, 1952, p. 145; 1974, p. 118; Hirsch, *o.c.*, p. 107).

Pole, ao responder a Góis em fins de 1540 ou princípio de 1541 (cf. Carolus Angelus Quirinus, *Epistolarum Reginaldi Poli S. R. E. Cardinalis et aliorum ad ipsum*, Pars III, Brixiae, 1748, pp. 37-38) sublinha a ingratidão de Morison, que lhe causa mais pena que indignação, pois só demonstra o servilismo do seu espírito. Pelas expressões que Pole emprega ao citar a bondade invulgar de Góis para com Morison, também se pode concluir que Góis o ajudou e não só Pole.

**3** Ao agradecer a oferta da *Fides*, na citada resposta, Pole acentua o testemunho de grande amizade que a carta revela, e a «insigne piedade e egrégia erudição» que o seu livro patenteia.

**4** Pole esclarece Góis de que nada editou até então, nem sabe como é que tais escritos foram parar a essas mãos. Vê-se bem que se trata de *Pro Ecclesiasticae unitatis defensione libri quatuor*, manuscrito enviado por Pole a Henrique VIII em 1536 e publicado em Roma sem seu consentimento (vd. nota 1).

Uma edição recente desta obra ocupa o n.º 12 da colecção «De Petrarque à Descartes», dirigida por Pierre Mesnard: Reginald Pole, *Défense de l'unité de l'Église*, en quatre livres, texte traduit, présenté et annoté par Noëlle-Marie Egretier, Paris, J. Vrin, 1967. Aqui se podem também ler os trâmites do processo e execução de Tomás More, em páginas vibrantes de emoção e simpatia.

5 Não era de admirar demasiado se um bisneto de Eduardo IV ascendesse a rei de Inglaterra. A predição de Góis não se realizou, porém. No entanto, algo semelhante aconteceu em 1555 quando, por morte de Júlio III, é eleito papa por aclamação, não tendo contudo aceitado.

Na sua carta Pole brinca com a arte divinatória de Góis e lembra que «o mais excelente de todos os augúrios é combater pela pátria» (*Ilíada*, XII, 243), por quem, assim como pela Igreja, terá talvez muito que trabalhar e sofrer. Por essa razão valer-lhe-ão mais as orações do que as predições (cf. *Epistolarum Reginaldi Poli*, *l.c.*).

Carta **A** XXVI

1 A respeito de Bembo, vd. Cartas **A** XIII, nota 2; e outrossim VII, 1, IX, 2 e XXI, 1. À última carta de Góis para Bembo (13.IX.1539), junta com a sua oferta dos *Commentarii*, respondeu Bembo com a de 31.XII.1539 (Carta **B** LXXII), cuja data Luís de Matos afirma estar errada nos *Opuscula* de 1544 e em Vasconcelos, o que não é verdade (cf. *Correspondance latine*, p. 364; Joaquim de Vasconcelos, *Damiani a Goes Epistolae*, p. 42). Tendo Góis acusado só agora a recepção dessa carta com resposta em atraso de quase dez meses, encontra um subterfúgio mais que suficiente para Bembo, em 11 de Janeiro de 1541 (cf. Joaquim de Vasconcelos, *o.c.*, p. 49), lhe desculpar de boamente «tão diuturno silêncio» pago com «tamanho juro», segundo as expressões do afamado cardeal (vd. também o texto em Luís de Matos, *o.c.*, pp. 182-3).

Quanto à correcção da carta por parte de Luís de Matos, talvez a mesma seja supérflua em virtude da explicação apresentada pelo ilustre Mestre ao escrever que «embora nos *Opuscula* e em Vasconcelos esteja 1540, deve ser de 1539» (cf. *Correspondance latine*, *l.c.*). É de facto de 1539; mas não se segue necessariamente que a datação à latina esteja trocada, bastando atender às diversas praxes seguidas no tempo em questão, segundo o que já se aventou na nota 22 da I parte de *Noese e crise*, I, p. 17.

2 Vd. Carta **A** XXIII, dedicatória da *Fides, religio moresque Aethiopum*.

3 Vd. Carta **A** XXIII, notas 5 e 10.

4 Bembo, ao inteirar Góis de que entregou a encomenda ao Sumo Pontífice, tendo este expresso a sua muita gratidão por tal gesto, incita-o de novo a prosseguir nos seus trabalhos históricos.

5 Vd. Carta **A** XXII, nota 3.

6 Nascido em 1540, Manuel de Góis, é matriculado na Universidade de Lovaina em 19 de Novembro do mesmo ano, prestando o pai, em nome daquele, o juramento de obediência à instituição, em que, depois do regresso da Universidade de Pádua, se havia por sua vez matriculado em 4 de Junho de 1539. Este gesto para com o recém-nascido guarda dupla significação: em relação à criança traduz-se na independência das autoridades, excepto da do reitor; em relação ao pai manifesta a sua especial afeição pela *Alma Mater*. Em 11 de Maio de 1555 Manuel de Góis e seu irmão Ambrósio matricular-se-ão a sério, vindos de Portugal (cf. Henry de Vocht, *o.c.*, pp. 697-8, n. 56) em 1554 para casa do cunhado Splinter van Hargen (vd. Carta **A** XXXVI). Manuel de Góis fez-se «frade da ordem dos Azuis de S. João e depois professou na de S. Bernardo», lê-se na autobiografia de Damião de Góis inserta no *Livro das Linhagens novas*, tomando ao entrar na ordem joanina o nome de Manoel de Syon, como consta do registo da ordenação, dado a conhecer por M. G. Cerejeira em *O Renascimento em Portugal – Clenardo*, II, p. 176. Note-se, porém, que não é esse Manuel, que formado em Lovaina casou com Francisca Duval e não regressou a Lisboa, dando origem a uma descendência onde há barões e condes e até um cardeal (cf. a vida de Damião de Góis na *Introdução*). O Manuel de Góis de quem acima se fala é um bastardo da família.

Carta **A** XXVII

1 Bild Rheinauer, ou Beato Renano entre os humanistas, nasceu em Schlettstadt, hoje Sélestat, na Alsácia, em 1485, num fim de século em que desapareciam vultos notáveis como Teodoro Gaza (1478), Jorge de Trebizonda (1484), Hermolau Bárbaro (1493), João Pico de Mirândola e Ângelo Policiano (1494), Jerónimo Savonarola (1498), Marsílio Ficino (1499).

Em Paris foi aluno de Lefèvre d'Étaples e de Clichtove, numa época em que os estudos humanísticos já ali floresciam e onde Erasmo publicava a primeira edição dos *Adagia* (1500). Perito

em artes e nas línguas clássicas, volta à Alsácia, passando alguns anos em Estrasburgo e depois em Basileia onde conviveu com João Amerbach e filhos, com os Froben, com Henrique Glareano, Luís Ber, Cláudio Chansonnette ou Cantiuncula e começou a corresponder-se com Erasmo (1515). Em 1520 regressa a Sélestat definitivamente. Morreu em 1547.

Humanista, historiador e comentador erudito, é autor de notável bibliografia, sobressaindo *Rerum Germanicarum libri tres* (1531), as *Opera* de Tertuliano e Orígenes, além de textos de muitos outros autores. Foi o supervisor da edição frobeniana das obras completas de Erasmo (Basileia, 1540) e o autor da biografia aí inserta do mestre de Friburgo.

**2** Hirsch diz que Góis manda a Beato Renano, com esta carta, a *Fides* e o *Catão maior:* «In 1540 he wrote Rhenanus and enclosed an inscribed copy of *Faith of the Ethiopians* and his Portuguese translation of Cicero's *On Old Age*» (cf. *The life and thought*, p. 88). O lapso é evidente. Em vez de *Catão maior* leia-se *Cerco de Diu*, pois foi um exemplar dos *Commentarii* que ele remeteu em segunda via. A 21 de Março de 1542 Renano acusa a recepção das duas cartas e remessas, pedindo desculpa da demora na resposta, motivada pela raridade dos correios.

Não está até hoje deslindado o caso do *Tertuliano*. É opinião geral tratar-se de uma obra desse autor cristão de Cartago comentada por Góis e por este anunciada a Froben, como parece depreender-se da carta de Segismundo Gelénio, de 23.VI.1539 (vd. Carta **B** LXV), para o mesmo Góis (vd. Carta **A** X, nota 3). Os autores que mais recentemente estudaram Góis, Luís de Matos (*o.c.*, pp. 354-5) e Elisabeth Feist Hirsch (*o.c.*, p. 88) ficam-se por aqui, adiantando Hirsch que a obra foi enviada por Froben a Beato Renano aparentemente para correcção.

A uma rápida análise, poderia talvez avançar-se com esta hipótese de certa plausibilidade. Góis teria de facto preparado um volume com alguns pequenos tratados de Tertuliano, enviando-os depois a Froben que, conhecedor da *Opera Q. Septimii Florentis Tertulliani (…) per Beatum Rhenanum Seletstadiensem e tenebris eruta atque a situ pro uirili uindicata*, *adiectis singulorum librorum argumentis et alicubi coniecturis*, *quibus uetustissimus autor nonnihil illustratur* (Bibliot. de Freiburg e Heidelberg), dada à estampa nas suas oficinas em 1531, 1538 e 1539, em vez de curar da impressão, convencido de que não havia pressas por parte de Góis e de resto era chover no molhado ou caso de possível melindre para um ilustre e comum amigo, não respondeu a Góis, contentando-se com remeter o volume, como este pedia, a Renano para correcção. Mais tarde Góis soube porventura das edições eruditas de Renano e desistiu de fazer sair dos prelos a sua.

Acho, porém, mais plausível uma segunda hipótese. Homem de saber, viajado e de pendor bibliófilo notório (vd. Cartas **A** XIII, XIV, XVII e XXIX) como Góis era, ter-lhe-á chegado às mãos um manuscrito ou colectânea impressa de Tertuliano. Gelénio, na carta supracitada, chama-lhe «Tertullianicum thesaurum» e Renano mostra-se grato pelos «Tertuliani quibusdam opusculis commodatis» (Carta B XC), o que prova estarem em causa vários tratados. No século XV pulularam os manuscritos de Tertuliano, muitos deles guardados hoje em Florença. Em Sélestat conservam-se os códices *Montispessulanus 30* e *Paterniacensis 439* do século XI, de grande autoridade conquanto inferior à do *Parisinus 1622* do século IX. Mas quer haja sido um códice quer uma obra em letra de forma, não creio todavia estarem em causa quaisquer comentários da lavra de Góis e subsequente tentativa editorial.

Eis as razões em que me firmo: a) Góis nunca abordou trabalho deste género, não obstante pela missiva a Clenardo (vd. Carta **A** XIX) se veja que sabia discutir com garra um ponto obscuro, uma frase ambígua; b) o sintagma «fauorem retinere» por parte de Góis para com a tipografia frobeniana, na expressão de Gelénio (Carta **B** LXV) em 23.VI.1539, não significa ir Góis imprimir qualquer obra, uma vez que nunca lá imprimira nenhuma até então: «retinere» é *manter*, *prosseguir em ter*, *conservar*, neste caso a simpatia ou consideração vinda já de anos atrás; c) Gelénio escreve «communicas» ao referir-se ao «Tertullianicum thesaurum» e a outras obras de Góis em gestação ou publicação próxima que não eram para imprimir em Basileia, nem foram, como aconteceu com os *Comentarii* saídos dali a meses em Antuérpia e certamente anunciados a Froben com o *Tertuliano* enviado; d) Renano fala em opúsculos «commodatis», isto é, *emprestados*, agradecendo-os e portanto dando a entender que o interesse era dele próprio e não de Góis; e) nem Froben nem Renano responderam a Góis antes de cerca de dois anos e meio volvidos, sinal de que não se tratava de qualquer edição de responsabilidade goisiana, mas decerto renaniana; f) a estima de Góis pela velha oficina de Froben traduzia-se agora no facto de Góis remeter um livro que, através da supervisão de Renano, viria a ser

útil a qualquer nova edição de Tertuliano que fizesse gemer os mesmos prelos donde haviam saído as três anteriores de 1531, 1538 e 1539); g) Góis em l.VI.1542 (vd. Carta **A** XXX) pede a Renano que não demore a revisão, pois muitos doutos esperam o livro e ele não deve desiludi-los, ele-Renano e não ele-Góis; h) Góis não ignoraria essas edições frobenianas de Tertuliano levadas a cabo pelo seu erudito amigo, antes, sabedor disso, lhe emprestara o livro para facilidade de colação com tais edições e possibilidade de uma nova, revista, aperfeiçoada e talvez aumentada; i) se estivesse em causa uma edição sua de Tertuliano cujo original houvesse remetido para Renano através de Froben, Góis exteriorizaria especial preocupação pela falta de notícias acerca deste volume e do seu paradeiro, o que não sucede: a ansiedade manifestada nesta carta de 24 de Outubro de 1540 só diz respeito ao possível extravio do *Cerco de Diu* e não ao outro que acompanhou a remessa deste; j) finalmente em 1550, três anos após o falecimento de Beato Renano, Froben publica a quarta edição de Tertuliano melhorada em número de escritos inclusos e em perfeição textual e anotacional, fruto da colação de novos códices e da ajuda de alguns eruditos: *Q. Septimii Florentis Tertulliani Carthaginensis Presbyteri, autoris antiquissimi ac doctissimi scripta et plura quam ante, et diligentius per industriam bene literatorum aliquot, ad complures ueteres e Gallicanis Germanicisque bibliothecis conquisitos recognita codices, in quibus praecipuus fuit unus longe incorruptissimus in ultimam usque petitus Britanniam: non omissis accuratis Beati Rhenani Annotationibus* (Bibliot. de Heidelberg).

Em conclusão: creio ser tempo de acabar com a tradição de um Damião de Góis comentador de Tertuliano que Joaquim de Vasconcelos transforma em «trabalho de Góis sobre Quintiliano, que seus amigos tanto gabaram» (cf. *Renascença Portuguesa. VIII - Goesiana. Novos Estudos*, p. 87), dando ainda como «certo que o ms. estava nas mãos de Segismundo Gelenius, sábio revisor da imprensa frobeniana em 1539» (*ibid.*), certeza esta só aparente porque nem conjectura é, vista a falta de probabilidades de apoio. Góis foi, isso sim, segundo tudo leva a crer, um dos «bene literatorum» citados na edição frobeniana de Tertuliano em 1550, que pela sua intervenção activa indirecta, pelo seu trabalho e zelo em facilitar uma nova fonte a um amigo, numa palavra «per industriam», como se declara na dita edição, ajudou Beato Renano e não menos a oficina de Froben em relação à qual Gelénio escrevia que o mesmo Góis, com seu gesto, mostrava «fauorem retinere».

Jean Aubin (cf. «Damião de Góis dans une Europe évangélique», in *Humanitas*, Revista da Univesidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, XXXI-XXXII (1979-1980), p. 220 e nota 127, revista vinda a lume em Junho de 1981, dois anos após a entrega desta tese, em policópia, na Universidade de Lisboa), vem ao encontro da minha opinião, baseando-se em que Hirsch traduziu mal, devendo-se o erro à sua incompreensão do latim. É possível. Mas as dúvidas já são mais antigas, como deixo referido acima e parece-me que deslindado de uma vez através de razões sérias não anteriormente ponderadas por parte de outros investigadores; e por isso, segundo creio, aqui apresentadas em primeira mão.

**3** Vd. Carta **A** XXII, nota 1.

Carta **A** XXVII

**1** A respeito de Pedro Nanninck, ou Nânio na forma alatinada, vd. Carta **A** XXII, nota 3 e Carta **B** LXXXVIII).

**2** A presente carta-dedicatória acompanhou o manuscrito *Hispaniae, cuius nomina uarii uariis nominibus amplectuntur, haec sequens est amplitudo, potentia, ubertasque*, datado de 12 das calendas de Dezembro (20 de Novembro) de 1541 e saído a lume no ano seguinte na tipografia de Rogério Réscio, em Lovaina, com o título de *Hispania Damiani a Goes, Equitis Lusitani* e formato in-4º. Inclui, após a dedicatória, a carta-resposta de Nânio felicitando Damião de Góis e informando que mandou para os prelos o opúsculo por o achar de grande utilidade geral não compatível com o confinamento a um grupo de amigos e muito menos com a sua destruição no fogo.

Quanto à data da publicação deste opúsculo, vd. nota 25 de *Noese e crise*, I, pp. 18-19.

Sobre a razão de ser da *Hispania*, se é certo que secundariamente ela se descobre na curiosidade de Nanninck pelas coisas peninsulares, primordialmente situa-se na descrição em alguns aspectos inobjectiva destas terras e gentes, da pena de Sebastião Münster (vd. Carta **A** XXIX, n. 2), inserida em *Appendix geographica* da sua *Geographia uniuersalis uetus et noua complectens Claudii Ptolomaei Alexandrini Enarrationis libros VIII*, dada à estampa em Basileia no mês de Março de 1540. O próprio Góis, na reedição deste escrito nos *Opuscula* de 1544, encimou-lhe as últimas 16 páginas

desta epígrafe esclarecedora – *Pro Hispania aduersus Munsterum defensio*. Os defeitos apontados por Münster, a pp. 160-163, eram a infecundidade do solo e das mentes, a verbosidade sofística a esconder a ignorância, a ostentação externa em contraste com a frugalidade familiar logo mudada em avidez e gula nos banquetes de convite, a rudeza e primitivismo hospitaleiros, a hipocrisia taciturna à míngua de sociabilidade, certa rudeza ou barbárie de costumes e a subalternização comercial em relação à França. Góis, sem recriminar Münster propriamente mas admoestando-o a fim de no futuro escrever com mais cuidado, refuta-lhe as asserções imponderadas, aceites, sem atitude crítica, da *Geographia uniuersalis uetus et noua* na precedente edição de Miguel Servet em 1535. A refutação adopta uma dupla via: a indirecta através da enumeração das riquezas naturais e outros produtos, e bem assim das personalidades marcantes nos campos militar, social, político, religioso e cultural; a directa, quando contrapõe às afirmações munsterianas, bebidas em segunda mão, as suas próprias hauridas em fontes por si reputadas seguras e na experiência pessoal.

Sebastião Münster acusou o toque na reedição da *Geographia uniuersalis uetus et noua* em 1545 e sobretudo da *Cosmographiae uniuersalis libri VI* em 1550, quer na de texto latino quer na de texto alemão, que apareceu a primeira vez em 1544 (cf. Albin E. Beau, *o.c.*, pp. 150-174; Hirsch, *o.c.*, pp. 130-138; Damião de Góis, *Crónica de D. Manuel*, IV, c. X e XI, em que os costumes peninsulares não são descritos tão benevolamente como na *Hispania*). A propósito, carece de correcção este passo de Albin E. Beau: Góis, depois de saber que Münster na reedição da *Geographia uniuersalis uetus et noua* de 1545 se desculpa com o que conheceu através de um espanhol acerca da Ibéria, «passa a especificar, em publicação ulterior da sua *Hispania*, a dependência de Münster (…) Chama ao cosmógrafo de Basileia 'egregius Michaelis Villanouani imitator', e a Villanouanus seu 'praeceptor' a quem 'em tudo segue'» (cf. *o.c.*, pp. 163-4). É que não existe edição da *Hispania*, posterior à dos *Opuscula* de 1544, em que Góis interviesse.

**3** Da carta-dedicatória da *Hispania* e da carta-resposta de Nanninck há versão portuguesa de Dias de Carvalho (cf. *Opúsculos Históricos*, pp. 91-94), estruturalmente livre e tematicamente «ad sensum».

Carta **A** XXIX

**1** João Diogo (ou Jacob) Fugger (1516-1575), filho de Raimundo Fugger e trineto de João Fugger, o continuador desta família de ricos mercadores alemães de Augsburgo, potentados e mecenas, muitos dos quais ascenderam a condes e príncipes. João Diogo estudou na Universidade de Bolonha e, um ano após a morte do pai, o tio António Fugger associou-o (1536) à firma comercial cuja gerência lhe coube, não com muito êxito, à morte deste (1560). Foi membro do Conselho imperial (1542) e apaixonado coleccionador. Eram católicos e mui devotados a Carlos V, para cuja eleição concorreu Jacob Fugger com o empréstimo de 540.000 florins renanos.

As relações desta e doutras duas firmas de Augsburgo, os Welser e os Hochstetter, com Portugal datam de 1503-4 quando todas fecharam um contrato garantindo-lhes o direito de comerciar «directamente para a Índia em navios próprios», «sob a protecção da frota portuguesa» (cf. Joaquim de Vasconcelos, *Albrecht Dürer e a sua influência na Península*, 2.ª ed., Coimbra, 1929, p. 12).

O último contrato da feitoria lisboeta dos Fugger com Portugal data de 1585. O declínio desta família de banqueiros internacionais, que atingiu o apogeu com Jacob Fugger, o Rico (1459-1525) e chegou a cunhar moeda (1534), agrava-se com a crise económica da Península Ibérica (1557-1559), dos Habsburgos e do rei de França (1557), dando-se a falência em 1607, embora a actividade comercial não se extinguisse então. «No s. XVII possuía a família 2 condados, 6 senhorios, 57 outras povoações e um grande número de casas em Augsburgo. Os Fugger não foram meros negociantes; muitos se distinguiram nas letras, nas sciêndas e nas armas, e protegeram as artes na Alemanha, como o fizeram os Medicis na Itália. A fortuna actual [1887], ainda razoável, das duas linhas (condado e principado) existentes, não é sequer a sombra do que foi a da casa nos séculos XVI e XVII» escreveu Joaquim de Vasconcelos (cf. R. Ehrenberg, *Die Zeitalter der Fugger*, Iena, 1926; L. Schick, *Un grand homme d'affaires au début du XVI<sup>e</sup> siècle*, *Jacob Fugger*, Paris, 1957, *passim*; Joaquim de Vasconcelos, *o.c.*, Porto, 1877, p. 121 ou 2.ª ed., pp. 136-138. Vd. também Cartas **B** XCI e XCVIII.

**2** Sobre o primeiro encontro de Góis com Münster, vd. Carta **A** III, nota 1. Sebastião Münster nasceu em Ingelheim, no Palatinado, em 1489 e morreu em Basileia em 1552, em cuja Universidade foi muitos anos professor de hebraico. Coleccionador e compilador erudito e enciclopédico, foi cosmógrafo e cartógrafo, historiador, matemático, astrónomo, filólogo e teólogo. As obras principais

foram a *Geographia uniuersalis* (1540) e a *Cosmographia uniuersalis* (1544), esta com 471 gravuras em madeira e 26 mapas (vd. Carta **A** XXVIII, nota 2), além de uma Bíblia hebraica (1534-1535) em dois vols. (cf. Albin E. Beau, *o.c.*, p. 150, nota 2; Karl Heinz Burmeister, *Sebastian Münster. Versuch eines biographisches Gesamtbildes*, Bâle-Stuttgart, 1963; id., *Briefe Sebastian Münsters lateinisch und deutsch*, Frankfurt/Main, Inselverlag, 1964; ADB e VELBC, s.v. *Munster*).

**3** Vd. Carta **A** XXVIII, nota 2. Os termos empregados aqui por Góis só se encontram em Münster equivalentemente, nenhum rigorosamente à letra.

**4** Dias de Carvalho verteu «contra os servos e estalajadeiros» (cf. *Opúsculos Históricos*, p. 120). Ora Góis, quando quer significar estalajadeiros, escreve *caupones;* para dizer *hospedeiros* ou *albergueiros* emprega o termo, transliterado do grego, *pandochei* (cf. *Hispania*, in *Opuscula* de 1544, aiii$^{v}$). Aqui, na carta, usou o termo *gnathones*, plural de *Gnatho*, o conhecido parasita do *Eunuco* de Terêncio.

Quanto aos servos de toda a espécie, Góis de facto sublinha que são descaradamente interesseiros, só pensam nas gorgetas: estendem a mão para não serem esquecidos e até já as calculam ou repartem entre si antes de as receberem. Quanto aos parasitas, nem as moscas no mel: intrometem-se espontaneamente, não raro em grande número, sem qualquer amizade ou conhecimento prévio, desde que descubram uma boa mesa que lhes sacie o estômago de borla (*ibid.*, aiiii$^{v}$-b). São os papa-jantares, os *pique-assiettes* na língua de Balzac. Joaquim de Vasconcelos traduziu bem: «fâmulos e parasitas» (cf. *Albrecht Dürer e a sua influência na Península*, pp. 131-135).

**5** Sebastião Münster ripostou *ad hominem*, na dedicatória da sua *Cosmographia* a Carlos V (1550) e na conclusão, duas vezes perorando sobre se Damião de Góis também teria a experiência das terras e costumes dos etíopes. A expressão goisiana acha-se aqui atenuada, mas na *Hispania* (b$^{v}$) a sua posição é radical em demasia: «Demum si Munsterus nouos nostri temporis hominum mores describere uelit, inuisat prouincias ut ipsi fecimus, ac tunc ea quae experientia uiderit, scribat» (vd. Cartas **B** CII e CIII).

Em todo o caso soa-me a exagero rotular a intervenção de Góis de «attaque fielleuse et opportuniste», como faz Jean Aubin (cf. «Damião de Góis dans une Europe évangélique», in *Humanitas*, XXXI-XXXII (1979-80), p. 217). O primeiro adjectivo substitui-lo-ia eu por *nerveuse*, o segundo por *opportune*, com a devida vénia (vd. também a Carta **A** XXX e *infra*, nota 8).

**6** O *Ptolomeu* é a *Geographia uniuersalis uetus et noua* (vd. Carta **A** XXVIII, nota 2).

**7** Frade franciscano aderente depois à Reforma, não obstante a sua atitude moderada, evidentemente que como teólogo apresentava nos seus escritos divergências em relação à fé católica. Fugger, na resposta de 8.V.1542 (Carta **B** XCI), lamenta que Münster caia nessas adulterações, quer no plano religioso quer no científico, e dá por desculpado Góis do que escrevera na *Hispania* contra o cosmógrafo de Basileia (cf. Carta **B** XCVIII).

**8** Perante os inquisidores Góis mantém a mesma atitude: «Quero bem a todos os estrangeiros porque fui peregrino em muitas terras e achei sempre neles muito boa companhia. E de dizer que as cidades de Alemanha, assim católicas como luteranas, têm melhor polícia do que as nossas, assim o disse muitas vezes e digo. E se for necessário dar disso as razões as darei» (cf. Guilherme Henriques, *o.c.*, II, pp. 74-75; Raul Rego, *o.c.*, p. 140).

**9** Segundo Joaquim de Vasconcelos (cf. *Albrecht Dürer e a sua influência na Península*, p. 133), trata-se do volumoso *Cod. hisp. N.º 27*, de 350 fólios, da Biblioteca de Munique, contendo relatos de viagens de navegadores portugueses do século XV, coligidos por Valentim Fernandes Aleman, um dos quais em latim de pouca qualidade. Foi publicado em 1940, a expensas da Academia Portuguesa da História, por António Baião sob o título de *O Manuscrito de Valentim Fernandes*.

Notável impressor lisboeta, de origem alemã, além de geógrafo e historiador, exerceu a arte tipográfica na capital desde 1495 a 1516, sendo composto na sua oficina um célebre incunábulo português, o infólio da *Vita Christi* de Ludolfo de Saxónia. Através de Valentim Fernandes é que Peutinger terá entrado na posse do manuscrito.

Realmente é curioso e talvez esclarecedor neste particular o final duma carta de Valentim Fernandes, datada de Lisboa a 26 de Junho de 1510 e endereçada a seu compadre e negociante em Nuremberga Estêvão Gabler: «ponde-me talvez em contacto com uma pessoa erudita que saiba da

astronomia e cosmografia, visto que perdi o meu bom doutor Jerónimo, e assim quero mandar-vos a costa da Índia até Malaca» (cf. António Brásio, *Uma carta inédita de Valentim Fernandes*, Coimbra, 1959, p. 25, sep. do «Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra», vol. XXIV). Falecido Jerónimo Münzer (1437-1508) que tanto se interessou pelas navegações portuguesas, a ponto de por carta de 1493 trazida por Martim Behaim para D. João II e pessoalmente em 1494 ter aconselhado ao rei a descoberta da Índia pelo Ocidente, Valentim Fernandes, privado do cientista, de Nuremberga e conselheiro amigo, sentia-se na necessidade de encontrar outro à altura. Terá sido por bons ofícios do seu compadre Gabler, mercador culto e de tomo, qual se depreende da carta citada repleta de pormenores das conquistas e comércio lusos, e por isso conhecedor de terras e gentes, que Valentim Fernandes entrou em contacto com Peutinger (vd. nota 10), o criador, na Alemanha, da ciência das antiguidades romanas e germânicas ao publicar em Augsburgo, cinco anos antes, *Romanae uetustatis fragmenta in Augusta Vindelicorum et eius dioecesi*. Ou então foi através dos Welser e seus agentes em Lisboa, um dos quais Lucas Rem (vd. Cartas **A** IV e XII), que Conrado Peutinger, genro de António Welser, veio ao encontro do desejo de Valentim Fernandes que «a 21.II.1503 era nomeado corretor do mercado de Lisboa para as transacções de especiarias destinadas à Alemanha e notário ou tabelião para os contactos de alemães entre si», consoante escreve J. V. de Pina Martins (cf. VELBC, s.v. *Fernandes*; e E. A. Strasen e Alfredo Gândara, *Oito séculos de história luso-alemã*, Lisboa, 1944, pp. 111-118). A segunda via, entretanto, não elimina a primeira, antes cumulativamente se terão conjugado para o início das relações epistolares e de amizade que vieram a estabelecer-se entre os dois.

A respeito do conteúdo e redacção do *Manuscrito* em causa, veja-se também Luís de Matos, *L'expansion portugaise dans la littérature latine de la Renaissance*, Lisboa, Gulbenkian, 1991, pp. 124-153. Quanto a Münzer, cf. também Basílio de Vasconcelos, *Itinerário do Dr. Jerónimo Münzer (Excertos)*, Coimbra, Impr. da Universidade, 1932; A. Costa Ramalho, *Estudos sobre a época do Renascimento*, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1969.

**10** Arqueólogo, antiquário e humanista, Conrado Peutinger (Dias de Carvalho em *Opúsculos Históricos*, p. 120, escreveu *Pertingero*) nasceu em Augsburgo em 1465 e aí se finou em 1547. Doutor em ambos os Direitos, cursou as universidades de Pádua, Florença, Bolonha e Roma até 1490. Íntimo de Maximiliano, exerceu em favor deste e, depois, de Carlos V missões diplomáticas. Deixou valiosa bibliografia relacionada com a arqueologia, a história e a geografia, pois, além do mais, foi o achador, no espólio duma biblioteca adquirida, da única cópia conservada da carta geográfica do conjunto das vias militares do império romano do Ocidente, a qual ficou conhecida pelo nome de *Tabula Peutingeriana*. Em 1506 já mostrava interesse pelas navegações portuguesas, cujo elogio tecia; em 1507 a sua paixão de grande coleccionador de manuscritos, medalhas e outros objectos, era enriquecida com papagaios, flechas e conchas enviados pelos agentes dos Welser (cf. Joaquim de Vasconcelos, *o.c.*, pp. 133-8; E. Koenig, *Konrad Peutingers Briefwechsel*, Beck, München, 1923; J. G. Lotter, *Historia uitae atque meritorum Conradi Peutingeri ic.^ti^ Augustani*, Stage, Augsburgo, 1783; Matos, *Correspondance latine*, p. 391; NH, s.v. *Peutinger*, e Cartas **B** XCI e XCIII).

**11** Em carta de 8 de Maio de 1542 João Diogo Fugger diz a Góis que conseguiu o livro em empréstimo sob a condição de o não mostrar a ninguém nem transcrever nada, mas não o demorou muito consigo, não fosse o velhote desconfiar, pois guarda-o como uma preciosidade rara e única no género, embora sem o entender por causa da língua. Usará, porém, de toda a diligência para, na primeira ocasião em que em algo o antiquário se lhe torne devedor, pôr este livro como a melhor recompensa. Volvido ano e meio, a 4 de Dezembro de 1543 (Carta **B** XCVIII), Fugger confessa o mesmo interesse em ser agradável, observando no entanto que, se os esforços se baldarem, só restará aguardar a morte de Peutinger, «que já está com um pé na cova».

Da carta de Fugger de 8 de Maio de 1542 há tradução portuguesa de Dias de Carvalho (cf. *Opúsculos Históricos*, p. 121-2) e já havia outra de Joaquim de Vasconcelos (cf. *Albrecht Dürer e a sua influência na Península*, pp. 134-5 e na 1.ª edição, Porto, 1877, pp. 118-9) que Dias de Carvalho não terá conhecido. Joaquim de Vasconcelos traduziu deste modo o período respeitante ao livro de Peutinger: «De resto enquanto ao livro lusitânico tratei diligentemente com Peutinger para que *me arranjasse uma cópia*, que alcancei, afinal, mas sob condição de *a* não mostrar a ninguém nem dar lugar a que *alguém a recopie*, o que prometi sem rodeios, só para ver aquele livro, que ele não entende, mas de que faz tanto caso: vi-o e logo o restituí *para dar fé que ninguém suspeitou* (*da sua*

*existência*)». O sublinhado é nosso e indica erros de interpretação de que Luís de Matos certamente não suspeitou ao citar o local onde esta versão se encontra (cf. *Correspondance latine*, p. 392). Já em 1944, E. A. Strasen e Alfredo Gândara (cf. *Oito séculos de história luso-alemã*, p. 137) também não suspeitaram ao escrever que «Fugger parece ter conseguido a cópia desejada pelo amigo português», do que Luís de Matos discorda neste particular.

Joaquim de Vasconcelos raciocina então sobre o texto por ele vertido: «Colige-se destas três passagens [a outra é quase do final da carta e condiz com o original latino] que Fugger obteve o *ms.* original (2.ª pass.) para tirar uma cópia (1.ª pass.), e que promete fazer as diligências para haver o original, talvez para o dar a Góis, visto Peutinger lhe não ter dado licença para mostrar sequer a cópia que tirou. A falta de clareza na carta provém de Fugger não ter posto a 2.ª passagem antes da 1.ª, porque se ele tinha já a cópia, dada por Peutinger, que lhe importava ver ou não ver o original? Logo, obteve primeiro este (2.ª pass.) e depois tirou a cópia (1.ª pass.) e restituiu o ms.». O desapontamento de Joaquim de Vasconcelos é notório, incapacitando-o para ver que a confusão flagrante não resulta de antecipações ou transposições sintagmáticas de Fugger, mas apenas da sua própria versão mal feita.

Na verdade, Fugger não tirou cópia nenhuma. Pediu a Peutinger, isso sim, que lhe emprestasse o manuscrito, de que pela calada gostaria naturalmente de tirar uma cópia (*exemplar*, qual se lê na carta de Damião) se não foram a recomendação instante do antiquário e o receio de que algo de mal suspeitasse quanto à sua seriedade, o que o levou a apressar a entrega do códice sem nada dele transcrever. A causa da confusão no texto português está em Joaquim de Vasconcelos ter traduzido *facere copiam* por «arranjar uma cópia», em vez de por «conceder permissão», «dar licença», «facultar». Lourenço Valla (1407-1457), nas suas *Elegantiae* escreve que «copia est facultas atque potestas, petiitque [nesta acepção] uerbum facio apud oratores, apud poetas etiam do» (cf. *Elegantiarum linguae latinae libri sex*, f. LXIX$^{v}$, c. LXV, in *Opera Omnia* (Basileia, 1540, Turim, 1962). É certo que humanistas como Coluccio Salutati (1331-1406) e Poggio Bracciolini (1380-1459) empregaram *copia* por *exemplar* ou *exemplum* e o primeiro até não desdenhou do verbo medieval *copio* (cf. Silvia Rizzo, *Il lessico filologico degli Umanisti*, Roma, 1973, pp. 183-194); mas não é o caso da carta de Góis, em que se mantém a acepção ciceroniana recomendada por Valla e aliás já empregada pelo mesmo Góis quase no final da Carta **A** I: «continuo illorum mihi copiam fieri flagito», em contraste com *exemplar*, «cópia», que se vê até na linha precedente.

Erasmo por sua vez, escreve: «*Copia* significat primo facultatem vel potestatem; et iungitur plerumque cum hoc verbo *facio* vel *do*». Seguidamente exemplifica e fala das outras acepções em que *copia* se emprega (cf. *Epitome Des. Erasmi Rot. in elegantiarum libros Laurentii Vallae*, in *Opera omnia*, I, col. 1081 D). Um pouco mais à frente, porém (cf. col. 1089 B), insere uma frase em que o sentido de «emprestar» aparece nítido como nos textos epistolares em questão: «Facio tibi copiam mearum rerum, id est, praesto».

Quanto a Góis ter obtido cópia do manuscrito, acredito que não. Peutinger morreu em 1547, já Góis se encontrava há dois anos em Portugal e a quatro da última carta de Fugger sobre o caso. Góis ter-se-á distraído do assunto, ocupado com as sequelas da sua prisão em Agosto de 1542 (vd. Carta **A** XXXII) e depois com os preparativos do regresso à pátria. O manuscrito lá ficou, sendo doado pelos herdeiros ao colégio dos Jesuítas de Augsburgo e daí indo parar à Staatsbibliothek de Munique, que o comprou em 1807 e onde Joaquim de Vasconcelos o descobriu.

**12** Doze anos mais tarde, no prólogo-dedicatória da *Urbis Olisiponis descriptio* (1554) confirmará que durante muito tempo instaram com ele eruditos para que escrevesse a história dos feitos da Índia, havendo disso desistido por lhe faltarem tempo livre, sossego de espírito, ausência de cargos públicos e o favor dos príncipes (vd. Carta **A** XXXIV). Em 1558, porém, a pedido do cardeal D. Henrique, entrega-se à redacção da história do reinado do Venturoso cuja primeira parte sairá a lume em 1556 com o título de *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*. O facto de Góis haver aceitado esta incumbência quando das quatro condições por ele enumeradas acima só se verificava a última, leva a concluir que a sua desistência do trabalho anteriormente programado radica numa atitude da mais lúcida autocrítica: é que Góis sabia perfeitamente estar João de Barros, «hum dos mores amigos que eu tive nestes Reynos» (cf. Processo 17.170, fl. 147), em circunstâncias extraordinárias e dificilmente igualáveis, como feitor da Casa da Índia desde 23 de Dezembro de 1533, posição privilegiadíssima porquanto, e seguindo agora J. Veríssimo Serrão, era a ele que em primeira mão

chegavam as narrativas dos nautas e mercadores, os relatórios dos funcionários, o movimento das feitorias e o seu comércio, «o comportamento dos governadores e outros oficiais da Coroa» (cf. *A Historiografia Portuguesa*, ed. Verbo, Lisboa, 1972, p. 216). Demais, ao compor este prefácio em 1554, já duas *Décadas* de Barros figuravam nos escaparates dos livreiros, a primeira saída em 1552 e a outra em 1553, com a agravante de, no prólogo daquela, João de Barros asseverar que, por meio da *Crónica do Imperador Clarimundo* (1522), «quis aparar o estilo de minha possibilidade para esta vossa Ásia», embora seja «de crer que só começou a redigir a sua obra magna depois de 1531 quando da morte de Lourenço de Cáceres, que fora incumbido de erguer uma crónica, em língua latina, da expansão portuguesa» (cf. J. Veríssimo Serrão, *o.c.*, pp. 216-17). Recorde-se ainda que da *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, de Fernão Lopes de Castanheda, também já existiam três volumes, o primeiro de 1551, os outros dois do ano imediato (cf. António Joaquim Anselmo, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa, 1926, pp. 35-48). De qualquer modo e não obstante a sua vasta cultura e diversos opúsculos publicados respeitantes às coisas da Índia, Góis não podia competir neste campo, como intimamente se terá apercebido, com João de Barros, nem com Castanheda que andara pelo Oriente, e vai citá-los várias vezes na *Crónica de D. Manuel.*

Quanto aos incitamentos recebidos no sentido de compor a história das Índias de que conscientemente desistira, tudo isso é verdade. Basta percorrer-lhe a correspondência passiva para constatar que desde Bembo a Tidemano Giese, bispo de Culm, desde Lázaro Buonamici a Gelénio e Glareano, desde João Rodrigues de Sá de Meneses a Cristóvão Madruzzi ou Pedro Nanninck, dos quatro cantos da Europa culta lhe advieram palavras de louvor e entusiasmo estimulantes.

A respeito de uma das cartas de Giese, a de 16.XI.1539 (Carta **B** LXX) a agradecer a oferta dos *Commentarii*, escreve Jean Aubin (cf. *Damião de Góis dans une Europe évangélique*, cit.) que Góis mandou o opúsculo «sans apparemment l'accompagner d'une lettre» (p. 218); e logo adiante, em nota, precisando melhor: «Du contenu de la première lettre [16.XI.1539], il ressort que Giese ne répond pas à une lettre de Góis» (p. 219, nota 122). Esta frase última traduz nova reflexão e interpretação mais correcta, que aconselham a suprimir-se o *apparemment* da proposição anterior. Na verdade Giese diz que a oferta do tal opúsculo ser-lhe-ia ainda mais agradável «si comite epistola advenisset», isto é, se lhe houvesse feito companhia uma carta. Não se antolha, pois, lugar para qualquer dúvida, crendo eu que o aludido advérbio escapou por simples lapso, na correcção das provas.

**13** António Fugger (1493-1560), tio de João Diogo Fugger (vd. nota 1) foi conde de Weissenhorn e esteve à testa da firma desde, a morte de Raimundo Fugger, pai de João Diogo, em 1535.

Carta **A** XXX

**1** Vd. Cartas **A** XXVII, nota 1 e **B** XC e XCII. Estas duas cartas são de 21 de Março e 21 de Maio de 1542: a primeira já comentada na Carta **A** XXVII, nota 2; a segunda, sem relevância especial, desejando-lhe felicidades e ao seu lar em Lovaina.

**2** Vd., a propósito do *Tertuliano*, a opinião já largamente expendida na Carta **A** XXVII, nota 2.

**3** Na carta de 21 de Março de 1542 (**B** XC) Renano felicita a Damião de Góis pelos *Commentarii* e pela *Fides*, *religio moresque Aethiopum* que lhe enviara, acusando antes de mais a recepção dos opúsculos de Tertuliano emprestados. Vd. também Carta **A** XXVII.

**4** Vd. Cartas **A** XXVIII, nota 2 e XXIX.

**5** Vd. Carta **A** XXIX, notas 4 e 7.

**6** A intervenção de Góis na defesa de Lovaina cercada por tropas francesas e o conjunto de circunstâncias e factos daí originados conseguiram modificar esta resolução que parecia definitiva. Três anos após, Damião de Góis estava com a família, de regresso a Portugal e as saudades de Lovaina eram já bastante menores do que no momento em que assinou esta missiva para Beato Renano (vd. Cartas **A** XXXI e XXXII).

Carta **A** XXXI

**1** Cristóvão Madruzzi, descendente dos barões de Madruzzi e notável protector das artes e da erudição, nasceu em 1512 e finou-se em Tivoli em 1578. Estudou em Bolonha. Foi cónego e deão da sé tridentina, bispo da mesma desde de Agosto de 1539, sucedendo a Bernardo von Cles

falecido por então, e de Bréscia desde 1542, ano em que, a 3 de Julho, ascende a cardeal. Esteve ao lado de Carlos V contra a Reforma, tendo desempenhado papel de relevo no Concílio de Trento (vd. Carta **A** XXIII, nota 2) por cuja realização grandemente trabalhou. Após a clausura do Concílio resignou a primeira mitra em seu sobrinho Luís Madruzzi, conservando a de Bréscia até à morte. Chegou a ser camerlengo do Sacro Colégio (cf. Hefele-Leclerq, IX; Pastor, XI; Henry de Vocht, *o.c.*, p. 622, nota 7; EI, s.v. *Madruzzi*).

Data certamente de Pádua a relacionação com Góis e provavelmente através de Splinter, mas pouca correspondência resta da trocada entre ambos: duas cartas de Góis (vd. Carta **A** XXXVI) e duas de Madruzzi, uma agradecendo a Góis (5.XI.1539) a oferta dos *Commentarii* e as felicitações pela elevação ao episcopado, outra (21.V.41) assegurando-lhe a permanência da sua amizade não obstante a raridade das cartas ou o seu sumiço pelo caminho (cf. Cartas **B** LXVIII e LXXXIV).

**2** Vd. Carta **A** XXIX, nota 1.

**3** Em 21 de Maio de 1541 (Carta **B** LXXXIV), quase no final da carta, Madruzzi pede a Góis o favor de dizer a Splinter que, tão logo esteja recuperado da saúde, volte para junto de si. Além dos ideais humanistas e do desejo de um catolicismo renovado dentro da ortodoxia, uniam-nos aos três o gosto pela música (cf. Hirsch, *o.c.*, p. 106).

Splinter van Hargen não voltou logo para Trento. A doença, uma debilitante febre quartã incomodou-o todo o ano desde a sua vinda de Itália; no ano seguinte de 1542 a prisão do cunhado e a necessidade de confortar a irmã Joana consumiram-lhe o resto do tempo. Mas esperava regressar no final de Abril. Isto escrevia Splinter a Madruzzi em 3 de Março de 1543 (Carta **B** XCVI), quatro meses antes da presente carta de Góis de 5 de Julho, que Hirsch por lapso diz ser também de Março (cf. *o.c.*, p. 124). De facto, Splinter só regressou dois meses mais tarde, como se conclui da carta de Góis (sobre o texto de Splinter, cf. Elisabeth Feist Hirsch, *The Friendship of the «Reform» Cardinals in Italy with Damião de Goes*, in «Proceedings of the American Philosophical Society», vol. 97, 2 (1953), p. 183). Vd. também as Cartas **A** XXII e XXVI.

**5** Em Julho de 1542 a caminho da Holanda com os seus de visita à família da esposa, recebe Damião de Góis em Antuérpia a notícia, do assédio iminente de Lovaina por parte de tropas francesas comandadas por Martim van Rossem, senhor de Poederoyen e Nicolau de Boussu, senhor de Longueval. Retornados à cidade é-lhe confiado pela *Alma Mater* o comando da massa estudantil. Tentadas negociações e sendo um dos quatro membros indigitados para encetá-las com os adversários, sucede o episódio insólito de um grupo de sitiados abrir fogo sobre tropas inimigas aproximadas das muralhas, enquanto o *maire* Adriano de Blehen se achava de novo intra-muros a expor as últimas condições e Góis permanecera em conversa delongadora e possivelmente atenuadora com Longueval, não fosse este agravar, na derradeira meia hora de tréguas, as condições estipuladas. Suspeitando de traição, Blehen e Góis, feitos prisioneiros, são conduzidos por Longueval e seu genro Jacques de Monchy para o cárcere de Laon, cidade hoje sede do departamento do Aisne, na Picardia (não *Normandia*, como por lapso vem em Isaías da Rosa Pereira, *O Processo de Damião de Góis na Inquisição de Lisboa*, sep. dos «Anais da Academia Portuguesa da História», série II, vol. 23, t. I, Lisboa, 1975, p. 135; nem na *Lombardia*, «até que foi resgatado por 2.000 escudos oiro», como escreveu Ferreira Deusdado em *A Filosofia tomista em Portugal*, trad., pref., notas e actualização por Pinharanda Gomes, Porto, Lello & Irmão, 1978, p. 46, nota *d*).

O presidente municipal lovaniense é resgatado por 2.000 coroados de ouro cerca do fim do ano; Góis dois meses depois. De facto, na citada carta de Splinter a Madruzzi, datada de 3 de Março de 1543, a nova principal é a recente libertação do cunhado por intervenção de D. João III, aguardando-se para breve o seu regresso. O cativeiro em Laon, não em Fontainebleau como vem nalguma História da Literatura, durou, portanto, sete meses, isto é, desde a retenção frente aos muros de Lovaina em 2 de Agosto de 1542 até cerca de Março de 1543, e não nove, como o próprio Góis escreveu na sua autobiografia inserida no *Livro das Linhagens Novas* (cf. Joaquim de Vasconcelos, *Renascença Portuguesa. VIII – Goesiana. Novos Estudos*, p. 99).

No concernente ao preço do resgate, de início orçado em 70.000 coroas de ouro do sol para os dois cativos, desceu para 20.000 quanto a Góis e finalmente para 9.000, este último cômputo apresentado na sua exposição em forma de libelo súplice lida pelo interessado em 25 de Outubro de 1543 perante a, Universidade *Ad Amplissimum almae Uniuersitatis Louaniensis Collegium*

(cf. Henry de Vocht, *o.c.*, pp. 646-663) e do mesmo modo na reivindicação, sensivelmente idêntica no conteúdo, que em forma de carta dirigiu a Carlos V três anos depois *Damiani Gois Equitis Lusitani Urbis Louaniensis obsidio* (vd. Carta **A** XXXII, nota 1). Splinter na carta (**B** XCVI) de 3 de Março de 1543 também escreverá que o resgate era de 9.000 ducados, ajuntando que «obtinuit tamen rex Lusitaniae ut si causa cognita iure belli captus esse dicatur, mille ducatos soluat, sin minus, in integrum restituatur». Damião de Góis na aludida autobiografia, diverge aparentemente no cálculo, indicando que «foi em resgate de·seis mil e trezentos escudos douro de sol, *afora outras despezas que fez, que todo montaria mais de tres contos de reis*». Disse *aparentemente*, porque 6.300 coroados de ouro equivalem praticamente a outros tantos ducados (vd. Carta **A** VIII, nota 5); três contos de réis são 7.500 cruzados ou 9.000 ducados (vd. Carta **A** XXIV, nota 10). Acerca da resposta de Lovaina e da sua Universidade, vd. Carta **A** XXXII.

O caso, porém, não fica completamente deslindado. Henry de Vocht contenta-se em apontar o mencionado quantitativo de 9.000 como preço do resgate, sem referir a intervenção do rei de Portugal que apressou o termo do cativeiro; por sua vez Elisabeth Feist Hirsch, sem omitir esta circunstância relevante, provoca confusão ao traduzir mal a segunda hipótese contida no excerto, acima transcrito, da carta de Splinter: «*believed*, under this law, only one thousand ducats could be asked, *or perhaps even less, and that the rest should be restored to Gois*» (cf. *o.c.*, p. 125). O texto diz apenas isto: «[D. João III] acordou [com Francisco I] que [Góis] pague mil ducados se, examinada a questão, se concluir tratar-se de prisioneiro de guerra, no caso contrário seja simplesmente posto em liberdade». Recorde-se que o monarca francês casara, em 1530, com D. Leonor de Áustria, viúva de D. Manuel, o Venturoso e irmã de Carlos V.

A intercessão do nosso rei tirou Góis das masmorras de Laon e trouxe-o, sob escolta, à presença do rei francês em Fontainebleau, não sem grandes protestos de Longueval e Monchy, segundo Splinter; e aí a soma foi abaixada para 6.300 coroados, a crer-se na autobiografia goisiana. Cabe então perguntar qual a quantia realmente saldada por Góis em dinheiro de contado. Em citação sublinhada dois parágrafos atrás Góis indica a quantia, *afora outras despesas que fez* e que a elevariam a 9.000 ducados ou coroados; na exposição de 25 de Outubro de 1543 perante a Universidade lovaniense declara que o *dano sofrido* «equivale a 9.000 coroados ou *até os supera*». O que por nossa conta se sublinha parece dar entender aquilo que até hoje não foi examinado em concreto: o cômputo apresentado por Góis em Lovaina e a Carlos V engloba a totalidade dos danos emergentes e não somente o quantitativo do resgate.

Nesta ordem de ideias ou neste labirinto talvez se possua agora o fio de Ariadne. D. João III não terá alcançado êxito no acordo com Francisco I acerca do quantitativo a saldar, devido à oposição de Longueval. Qualquer coisa como o que sucedeu a Carlos V e à rainha Maria de Hungria aquando da paz de Crépy, em Setembro de 1544: ao reclamarem os prisioneiros da invasão de 1542, o rei francês retorquiu que isso era com Longueval; replicando-lhe aquela que o rei era ele, Francisco I respondeu que seriam libertos mediante o pagamento do resgate. Em Julho de 1545, segundo Henry de Vocht (cf. *o.c.*, p. 684), Maria de Hungria discorda dos quantitativos estabelecidos e recusa-se a pagar mais de 20 coroados por pessoa. Nada adiantou, por que os cativos só foram postos em liberdade cerca do final de 1545 e depois da entrega de pesadas quantias. Paralelamente, D. João III, para além das portas do cárcere cuja abertura forçou, nada mais terá conseguido do que uma redução na quantia a desembolsar: talvez de 2.700 coroados, a crer-se nos 6.300 que na autobiografia diz ter pago; talvez de 1.000 apenas, de acordo com o que afirma, na presente carta de 5 de Julho de 1543, a Madruzzi.

A haver-se efectivamente dado qualquer destas reduções em Fontainebleau, pois pela carta de Splinter sabe-se que Longueval exigia anteriormente 9.000 coroados de ouro, cabia a Góis, dentro da mais estrita justiça, o direito de à quantia efectivamente paga pela sua alforria, juntar *outras despesas*, isto é, o *dano sofrido* em consequência dos lucros cessantes e prejuízos emergentes. Não resulta suficientemente claro que o haja feito; mas também, a aceitar-se a atitude contrária, choca-se de encontro a três quantitativos de resgate que não terão explicação cabal, pelo menos todos, em falhas de memória ou cálculos aproximativos. A quem nos retorquir com o engano de sete para nove meses a respeito da sua prisão, observa-se que Góis escrevia a sua autobiografia cerca de um quartel de século após, já publicada a *Crónica de D. Manuel* cuja última parte saiu em 1567; por outro lado, talvez Góis englobe, embora no texto não pareça, o tempo que permaneceu em Fontainebleau na espectativa do estipulado definitivo e da quantia a saldar. Se se adiantar que apenas regressou em Abril, têm-se os nove meses civis, o que concorda com o hábito goisiano de calcular o tempo.

Carta **A** XXXII

[1] Esta carta dedicatória-impetratória abre o *Damiani Gois· Equitis Lusitani*, *Urbis Louaniensis Obsidio*. Olisipone, apud Lodouicum· Rhotorigium typographum. M. D. XLVI.

A construção frásica diverge da adaptada na *Oratio* dirigida em Outubro de 1543 à *Alma Mater* lovaniense, mas o conteúdo é praticamente o mesmo, exceptuados pormenores. A anterior, em vez da carta, inicia-a um pequeno exórdio; a diferença nos detalhes relaciona-se, como bem nota Henry de Vocht (cf. *o.c.*, p. 685), com a diversa finalidade das composições: a de Lovaina destinava-se a obter uma compensação monetária; esta à defesa da honra. Em carta a D. João III acentuava este objectivo: «Por o emperadar per algũs respeitos deseiar m.[to] saber a verdade do çerquo de louuain, onde fuj preso, do q eu fuj a mjlhor testemunha por a tudo o que se entam passou ser presente, detreminey lhe fazer hũa oraçam em que recitase assy o caso do çerquo como de mjnha prisaõ, a qual oraçam mandey aguora nouamente jmprimir em Lixboa, e a mando a vossa alteza» (cf. CC, p.[te] I, maço 78, doc. 37).

[2] Damião de Góis queixa-se amargamente e com razão. A Universidade de Lovaina comportou-se vergonhosamente, já o sublinhou Henry de Vocht, para com aquele a quem, na atestação epistolar do próprio Longueval, a cidade ficou a dever o levantamento do assédio, recusando-lhe até o público testemunho da sua gratidão. Por ele se ter mantido fora das muralhas ao tempo em que o *maire* regressou para consulta, houve quem o julgasse traidor, quando afinal permanecera em colóquio com o comandante inimigo no intuito de ser mais útil aos sitiados, como realmente foi, ainda que à custa da sua liberdade e dos seus bens. Acabando por convencer o senhor de Longueval de que a inesperada quebra de tréguas por parte dos sitiados talvez se devesse à chegada de reforços enviados pela rainha Maria de Hungria, apodado de traidor agora pelos sitiantes, paga com a prisão própria a libertação da urbe (vd. Carta **A** XXXI, nota 4).

Contudo as queixas de Góis quanto ao comportamento ingrato do senado universitário agravava-as o modo como trataram sua esposa, durante o cativeiro, no episódio de Gabriel Garchie. Joana de Hargen concebera um plano que o seu amor e a sua dor pelo marido desculpam: com a ajuda de Garchie, amigo de Góis, foi encarcerado o estudante francês Jean de la Rive, no objectivo de forçar a permuta. A Universidade desaprovou a acção e obrigou-a a pagar as despesas do processo, havendo já anteriormente privado Joana de Hargen dos direitos e isenções de que gozava como súbdita da instituição; e quando ela, vexada e injustamente tratada, resolveu regressar à Holanda, só o conseguiu por intervenção da rainha, indo então para a sua cidade nativa, Haia, onde Splinter, o irmão mais velho numa família cujos pais morreram cedo, procurou suavizar-lhe o luto e a solidão (vd. Carta **A** XXXI, nota 3).

O conselho da cidade de Lovaina portou-se mais humanamente, expressando a Góis *amplissimis uerbis* os seus agradecimentos. Alguns poemas celebraram o comportamento nobre do nosso humanista e escolar lovaniense; em prosa, exaltou-o Pedro Nanninck na sua *Oratio de obsidione Louaniensi* (vd. Carta **A** XXII, nota 3) publicada já findo o cativeiro do seu amigo e composta em defesa da sua galhardia e isenção de cavaleiro contra os detractores e caluniadores, a pedido dos estudantes, que reconheciam Damião de Góis como o salvador da cidade (cf. Henry de Vocht, *o.c.*, pp. 632-643; Hirsch, *o.c.*, p. 124). Mas foi clamor no deserto perante uma *Alma Mater* que tratava um dos seus filhos benquistos como descaroável madrasta. Dali a poucos meses, a 2 de Julho de 1544, Góis já estava em Antuérpia com a família, pronto a embarcar para Portugal, não o fazendo senão no ano seguinte devido a indisposição grave de sua esposa (cf. CC, p.[te] I, m. 78, d. 57), como escrevia a D. João III, carecendo portanto de correcção esta frase de Odette Sauvage, *o.c.*, nota 1: «Il quite Louvain et retourne définitivement au Portugal en 1544».

De facto, em meados do mês de Agosto de 1545 chegava Góis à cidade de Évora, qual ele próprio o declarará mais tarde perante os inquisidores (cf. Guilherme Henriques, *Inéditos Goesianos*, II, p. 70), a apresentar-se a D. João III que o chamava de tão longe para «mestre e guarda-roupa» do príncipe herdeiro D. João, no que foi estorvado pelo primeiro depoimento de Simão Rodrigues, em Setembro do mesmo ano, perante a Inquisição eborense, sendo o cargo entregue a António Pinheiro, doutor em Teologia pela Sorbona e ex-regente do Colégio de Santa Bárbara, pouco depois nomeado pregador e capelão régio e, em hora infeliz, cronista-mor (cf., a propósito, Francisco Marques de Sousa Viterbo, «Damião de Goes e D. António Pinheiro. Apontamentos para a biografia do Chronista de D. Manuel», sep. de *O Instituto*, Coimbra, XIII (1895), pp. 431-49). Nada prova, porém, ter sido uma denúncia; antes um meio de obter informação sobre a ortodoxia do presuntivo preceptor.

Não se sabe quando é que Damião de Góis terá partido de Antuérpia «vindo eu pela posta e minha mulher por jornadas e minha casa e filhos por mar, no que despendi mais de mil e quinhentos cruzados», conforme palavras suas aos inquisidores (cf. *Processo*, fol. 100r, publicado por Guilherme Henriques, *o.c.*, II, p. 75 e Raul Rego, *o.c.*, pp. 141-2; vd. também Cartas **A** VIII, n. 2, XXIV, 2 e XXXI, 2). Provavelmente tudo aconteceu cerca dos fins de Julho, sendo lícito conjecturar que Joana de Hargen se haja posto a caminho primeiro, em marcha mais vagarosa, talvez por se encontrar ainda algo adoentada ou convalescente; Góis terá assistido ao desferrar da âncora do navio em que vinham os dois filhos, Manuel e Ambrósio e a sua casa (vd. Carta **A** IV, n. 6), sendo o último a deixar Antuérpia e o primeiro a chegar, porque em marcha mais rápida e certa. Não retornaria à sua querida Lovaina, mas as obras que lá editou continuavam presentes ali e em toda a Europa culta. Algumas delas surgiram meses antes nos escaparates e ainda se mostravam frescas de tinta. É o caso do folheto *Des. Eras. Roterod. Compendium Rhetorices*, dado à estampa em Agosto de 1544 por Rogério Réscio sob a sugestão de Guilherme Bernaerts van Thielt, que assina a carta-prefácio para o seu amigo Damião de Góis em 10 daquele mês; é o caso dos *Opuscula*, compilação e parcial refundição de trabalhos anteriores, que o mesmo Réscio imprimiu meses depois, em Dezembro. Note-se que o folheto de retórica, composto ou adaptado expressamente para Góis por Erasmo e que este não queria viesse a lume alguma vez (cf. cartas de 11.I. e 21.V.1535 que são as **B** XXXVII e XL).

Na verdade, Erasmo premunira Góis, nove anos antes: «Si mihi capitalis esses iniminus, non poteras quicquam facere inimicius quam si scedas, *quas uni tibi notaui*, *patiaris excudi*»; e na outra carta, quatro meses depois, instava encarecidamente: «de schedis supprimendis habeo gratum, et ut pertendas rogo». Quanto ao sentido do sintagma que atrás sublinho e ao conteúdo do folheto, vd. *Noese e crise na epistolografia latina goisiana*, II vol., II parte, A, 1. 3.

Por lapso e na peugada de Allen, Jacques Chomarat (*o.c.*, p. 847, nota 1) escreve que o *Compendium rhetorices* foi «envoyé par Érasme à son jeune ami Damian de Goes en 1535», o que não me parece verdade. A entrega de tal folheto datará de 1534, ano em que Góis, de Abril a Agosto, fora hóspede e aluno de Erasmo. Em 11 de Janeiro de 1535 é que este lhe manda um primeiro aviso para não publicar essas folhas, o que supõe qualquer sugestão goisiana anterior nesse sentido. Vd. também Cartas **A** IV, nota 1, V, 3 e VIII, 3.

3 Vd. Carta **A** I.

4 Vd. Cartas **A** III, nota 1 e VII, nota 4.

5 Vd. Cartas **A** IV, nota 6 e V, nota 2.

6 Vd. Cartas **A** VII, nota 2, XII, XVII, 2, XVIII e XIX, 7. Cidadão do mundo, empático e convivente, Góis adoptara para si o lema, hoje em voga, de que «viajar é viver». Por outro lado, conforme expressão sua, a vertigem que o afligia, só se acalmava com a equitação. Por isso, as viagens e passeios não acabaram com o términus das funções em Antuérpia (vd. Cartas **A** I e II e respectivas notas). Pela Carta **A** XII, 1, se vê que em 1535 esteve em Roma. Pela *Ficção de Polites*, elegia assinada em Pádua a dois de Abril de 1538 e inclusa no final dos *Opuscula*, depreende-se que por essa ocasião andou por Roma e Nápoles, fazendo os seus amigos Joaquim Polites, Splinter van Hargen, João Paludano de Calais (citado por Vaseu em carta (**B** LXXXVII) a Góis de 18.X.1541), Villinger de Schoenenberg (vd. Carta **A** IV, nota 1) e Cristóvão von Stadion (cf. Hirsch, *o.c.*, p. 94, n. 29; e Carta **A** XII, nota 7) ardentes votos pelas felicidades do peregrino e venturoso regresso. Vd. ainda Cartas **A** XI, nota 1 e XVII, nota 4.

7 Vd. Carta **A** XXII, nota 2.

8 Góis distinguiu bem entre a Universidade como instituição e os membros que a serviam, amigos num tempo, ingratos desmemoriados noutro. Por isso é que em 1556 virão dois filhos seus matricular-se em Lovaina (vd. Carta **A** XXVI, nota 6).

9 Góis matriculou-se a primeira vez na Universidade de Lovaina em 4 de Junho de 1539, sob o n.º 77: «Damianus a Goes, Lusitanus, nobilis» (cf. A. Schillings, *Matricule de l'Université de Louvain, IV, février 1528-février 1569*, Bruxelles, Comission royale d'Histoire, 1961, p. 192). No ano de 1532-3, em que estudou com Rogério Réscio e Goclénio, professores no Colégio Trilingue (vd. Carta **A** III, nota 2) não oficializou a sua aprendizagem.

**10** O testemunho público não lhe faltou por parte do imperador: não só lhe escreveu uma carta, assinada pelo próprio punho, na qual condenava a acção de Longueval e seu cunhado Monchy, como declara na *Urbis Louaniensis obsidio*, mas também lhe concede um brasão: «o emperador alem das merces q me fez e cartas de represarias q me deu contra francezes pellos serviços q lhe fyz em lhe cõ mjnha prisão saluar a vylla de louvain me tem dadas hũas armas pela mynha honra e dos q de mj vyerẽ das quaes mando o blasom e pintura a meu jrmão frujtos de goes/beyjarey as mãos de vossa alteza me querer fazer a mercé de mas confirmar/q seja ocasyam de mjnha molher tomar mor anjmo de sse jr a esses reynos e a seus parentes de a deyxarẽ jr» (cf. CC, p.[te] I, m. 75, d. 18, citado por Guilherme Henriques, *o.c.*, I, p. 93; e António Álvaro Dória, em Aubrey F. G. Bell, *Um humanista português Damião de Góis*, ed. Império, Lisboa, 1942, pp. 64-65: carta de Antuérpia, de 2 de Julho de 1544).

O desenho e a descrição do brasão de Damião de Góis, modificado após a concessão de Carlos V, e do de D. Joana de Hargen podem ver-se em Guilherme Henriques, *Inéditos Goesianos*, I, Lisboa, 1896, pp. 151-3, com erros, e bem assim em Ernst Hartmann, *Geschichte der Grafen Goes* (1.100-1873), Viena, 1873, pp. 20-26, igualmente com erros aceites por Guilherme Henriques; a sua correcção em face dos escudos existentes na igreja da Várzea, Alenquer, e desde a trasladação das supostas ossadas de Góis e sua mulher para a igreja-matriz da vila em 29 de Agosto de 1941, colocados neste mesmo templo, foi feita por Joaquim de Vasconcelos, que cita ainda outras fontes quinhentistas, em *Damião de Goes – Novíssima série*, sep. de «Archeologo Português», IV (1898) 1-6, pp. 4-9.

É ainda de Vasconcelos este esclarecimento: «Em face da lápide da egreja da Várzea, do lado do Evangelho, estão as armas de Damião e de sua mulher (…); as de Goes são as que ele modificou nas da sua geração, com licença de D. João III, quando o imperador Carlos V o quiz distinguir pela sua brilhante conducta no cêrco do Lovania (1542). Essas armas foram confirmadas pelo cardeal-regente em nome de D. Sebastião a 15 de Agosto de 1567 para as poder usar como chefe dellas em todos os lugares costumados e em sua própria sepultura» (cf. *Renascença Portuguesa. VIII – Goesiana*, pp. 42 e 127).

**11** Da *Urbis Louaniensis obsidio* há uma tradução abreviada em flamengo – *Die waerachtige gheschiednisse welcke Damiano a Goes* [ …], Lovaina, 1760 (cf. Francisco Leite de Faria, *o.c.*, pp. 96-97, que aí descreve o exemplar raríssimo, da B. N. de Paris).

Carta **A** XXXIII

**1** Carta-dedicatória do *Damiani Goes Equitis Lusitani, de bello Cambaico ultimo commentarii tres*. Louanii, Apud Seruatium Sassenum Diestensem. Anno M. D. XLIX. Mense Ianuario. Cum gratia et priuilegio.

Na página A[v] a concessão do privilégio cesáreo por quatro anos a este tipógrafo-livreiro da Universidade de Lovaina vem datada e assinada de Bruxelas a 26 de Novembro anterior. Eis o motivo de se datar esta carta-dedicatória de cerca de Novembro de 1548, plausivelmente. Luís de Matos (cf. *o.c.*, p. 230) data-a de «avant Novembre 1548». Está traduzida por Dias de Carvalho (cf. *o.c.*, p. 215), segundo o seu jeito um tanto apressado. Há ainda uma tradução-adaptação de Simon Goulart na sua *Histoire de Portugal*, [Genève], François Estienne, 1581; [Genève], Samuel Crespin, 1610 (cf. Georges Bonnant, «Les éditions genevoises de Damien de Góis», in *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, ano V (1959) 19-20, pp. 180-181).

O destinatário, infante D. Luís (1506-1555) é o quarto filho de D. Manuel e de D. Maria de Castela, filha dos Reis Católicos. Discípulo de Pedro Nunes, que lhe dedicou o seu *Tratado da Esfera*, e de Lourenço de Cáceres, amigo de D. João de Castro, de Damião de Góis e de D. Jerónimo Osório, seu secretário, foi devotado cultor das letras, duque de Beja, condestável do reino e grão-prior do Crato. Teve sucessivamente sete noivas presumíveis e morreu solteiro: Maria de Escócia; uma filha de Francisco I, casando por sua vez o Delfim com a nossa infanta D. Maria; Cristina da Dinamarca, viúva de Francisco Sforza e sobrinha de Carlos V; Maria, filha de Henrique VIII de Inglaterra; a infanta D. Maria, sua sobrinha e depois mulher de Filipe II; Heduiges, filha única de Segismundo I da Polónia; a infanta D. Maria, depois princesa de Parma. Entretanto intrigas várias dificultaram a concretização de qualquer casamento, como pode ver-se em António Caetano de Sousa, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, III, Atlântida, Coimbra, 1947, pp. 209-215 (cf. também Damião de Góis, *Crónica de D. Manuel*, I, cap. CI, p. 252; Alfredo Pimenta, *D. João III*, Porto, 1936, pp. 43 ss.; Carta **A** I, nota 1).

[2] Já o notou Joaquim de Vasconcelos (cf. *O Instituto*, Coimbra, XLVII (1901), p. 60, n. 2): vinte e três anos antes do aparecimento d'*Os Lusíadas* (1572), Damião de Góis, perfeitamente cônscio da epopeia lusa, profetizava-os. O próprio Camões disse interpretativamente o mesmo ao escrever acerca das façanhas dos Descobrimentos:

> «*As verdadeiras vossas são tamanhas*
> *que excedem as sonhadas, fabulosas*» (I, 11).

Contra a opinião de Vasconcelos, não parece que se hajam relacionado estes dois vultos das letras, de interesses diversificados. Mas talvez se tenham conhecido, num decurso de cerca de nove anos, quantos vão desde 1545 (chegada de Góis) até 1553 (embarque de Camões para a Índia), e de 1570 (regresso de Camões) a 4 de Abril de 1571 (arrestação de Góis até 16 de Dezembro de 1572), para não falar nos dois últimos anos de vida do cronista avelhentado e de saúde precária.

[3] Vd. Carta **A** XXIX, nota 12.

[4] D. João de Mascarenhas (c.1512-1580), filho de D. Nuno de Mascarenhas, governador de Safim, serviu na Índia sob as ordens de quatro vice-reis, desde D. Garcia de Noronha até D. João de Castro. Em 1545 foi nomeado governador de Diu e em 1546 enfrentou e venceu as forças esmagadoras do rei de Cambaia, no 2.º cerco da praça. Perdeu o título de vice-rei, que ia ser, no regresso ao reino em 1548. Foi um dos cinco governadores nos finais da segunda dinastia e partidário de Filipe II (cf. M. António Ferreira, *Epopeia de Dio*, Lisboa, 1951; Lopo de Sousa Coutinho, *História do Cerco de Dio*, Lisboa, 1890).

[5] Vd. Cartas **A** XXIII, notas 1 e 5; XXIV, notas 14 e 16. Cf. Damião de Góis, *Crónica de D. Manuel*, III, c. LIX: «Preste Joam. como se vulgarmente entre nós nomeia»; «precioso Joam» (c. LXI e LXII, *passim*). Após a advertência de Zagazabo, posta em latim na *Fides*, *religio moresque Aethiopum* e mais tarde reproduzida substancialmente na susodita Crónica: «O nosso Emperador nam se chama Preste Joam, como erradamente lhe cá na Europa chamam, senão Joam precioso, e na lingoa Caldea lhe chamam Joam encone, que quer dizer João precioso ou alto» (III, cap. LXI).

Em face disto, não devem sobejar a Menéndez y Pelayo (cf. *Historia de los Heterodoxos Españoles*, IV, 2.ª ed., Madrid, 1928, p. 177) motivos para o seu reparo de haver Góis latinizado o nome do Preste João de «extravagante manera, llamandole *pretiosus Joannes*», porque a extravagância não estará tanto na latinização do nome quanto na busca de etimologias eruditas para ele (cf. Carta **A** I, nota 5); nem a Dias de Carvalho (cf. *Opúsculos Históricos* p. 183) para o que a respeito de tais apelidos deixou neste trecho da sua versão da *Fides*: «Se alguém quiser indagar da razão do sobrenome do nosso Imperador, saiba que ele se há-de chamar sempre Preste João e não Presbítero João, como falsamente aqui se diz a cada passo. Escreve-se na nossa língua com caracteres que soam João Bellul, isto é, João Preste ou Alto; e em caldaico, João Encoe, cuja significação é ainda João Preste ou Alto».

Na verdade, Dias de Carvalho descurou o esclarecimento de Zagazabo, acima citado, e traduziu sempre por *Preste* o termo *Preciosus*, que neste excerto (cf. *Fides* $M^v$) aparece três vezes; e Menéndez y Pelayo ignorou-o simplesmente.

Quanto à versão que Dias de Carvalho fez desta Carta (cf. *Opúsculos Históricos*, pp. 215-17). O seu modo de traduzir nem sempre é muito fiel, em pormenores. Acerca de Paulo Gióvio, cf. Carta **A** XXI, nota 3.

[6] Vd. Carta **A** XXVIII, nota 2.

[7] A respeito da conquista de Tunes (1535) por Carlos V e da colaboração do infante D. Luís, vd. Carta **A** XII, nota 5; e António Cruz, «A contribuição de Portugal para a empresa de Tunes, em 1535», in *Presença de Portugal no mundo*, Actas do Colóquio, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1982, pp. 121-143.

[8] Vd. Carta **A** XII. Sendo Carlos V filho de Joana a Louca (1479-1555), casada com Filipe o Belo, arquiduque de Áustria, e o infante D. Luís da irmã desta, D. Maria, casada em 2.as núpcias com D. Manuel, o imperador e o infante eram primos carnais; para não falar em duplo parentesco mais remoto, com tronco comum em D. Duarte e em D. João I (cf. Damião de Góis, *Crónica de D. Manuel*, IV, c. XXXIII). Além disso, a imperatriz D. Isabel (1503-1539), mulher de Carlos V, era irmã do infante

D. Luís. Vd. também J. Lynch, *Spain under the Habsburgs. I - Empire and absolutism, 1516-1598*, Leida, E. J. Brill, 1981.

9 Vd. Cartas **A** XIX, notas 1 e 2; XXIII, nota 10 e XXXIV, nota 1.

Carta **A** XXXIV

1 Carta-dedicatória da *Urbis Olisiponis descriptio per Damianum Goem Equitem Lusitanum, in qua obiter tractantur nonnulla de Indica nauigatione, per Graecos, et Poenos et Lusitanos, diuersis temporibus inculcata*. 1554. [Cólofon] Eborae, apud Andream Burgensem typographum […] Mense octobri 1554.

Acerca de elementos biográficos já inclusos nos textos anteriores a respeito de D. Henrique, vd. Cartas **A** XIX, nota 1 e 2; XXIII, nota 10; XXIX, nota 12 e XXXIII, nota 9.

Sétimo filho de D. Manuel e D. Maria de Castela (1512-1580), recebeu ordens menores aos 14 anos, aos 22 foi proposto para arcebispo de Braga e em 1539 nomeado inquisidor-mor por Paulo III. Em 1540, renunciada a mitra de Braga, entra em Évora como arcebispo; em 1545 é criado cardeal, a 16 de Dezembro; em 1553, legado apostólico em Portugal; em 1564, arcebispo de Lisboa, a que renunciou em 1574, retornando à sé de Évora. Por diligências de D. João III foi três vezes proposto para a tiara nos conclaves de 1549, 1555 e 1559, chegando a obter no segundo 15 votos.

Foi regente do reino após a renúncia deste cargo por parte de D. Catarina, desde 23.XII.1562 a 20.IV.1568, dia em que o governo passou a D. Sebastião (1554-1578); algum tempo regente de novo em 1578 e rei em 28 de Agosto desse ano.

Como arcebispo foi activo, piedoso e apostólico. Dos sínodos que reuniu ficaram as *Constituições do arcebispado de Braga* (1538) e as *Constituições do arcebispado de Évora* (1558). Como legado e regente, mandou traduzir a legislação tridentina, que saiu a lume em *Decretos e determinações do sagrado concílio tridentimo* (Lisboa, 1564) e pôs em execução em todo o reino (cf. J. M. de Queirós Veloso, *O reinado do cardeal D. Henrique*, Lisboa, 1946; José de Castro, *D. Sebastião e D. Henrique*, Lisboa, 1942; VELBC, s.v. *Henrique*, *cardeal-rei*; vd. também; no II vol. de *Noese e crise*, o cap. «Damião de Góis e o erasmismo»).

2 Vd. Carta **A** XXIX, nota 12.

3 Hirsch (cf. *The life and thought*, p. 193) pensou que este opúsculo de Góis inaugurava o género descritivo em Portugal. A. da Costa Ramalho (cf. *Humanitas*, XIX-XX (1967-1968), Coimbra, p. 402), corrige: «Já existia a descrição e louvor de Santarém, feitos por Cataldo para a entrada solene da rainha D. Maria, mulher de D. Manuel, talvez não pronunciados, mas publicados no vo1. 2.º das *Epistolae* do humanista siciliano». Vd. também, id., *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Coimbra, 1969, pp. 73-7.

4 É possível que, ao redigir estas linhas finais, Góis tivesse em mente as polémicas havidas com Paulo Gióvio (vd. Carta **A** XXI) e com Sebastião Münster (vd. Cartas **A** XXVIII, nota 2 e XXIX, notas 2 e 5); os entraves postos no reino à divulgação da *Fides, religio mores que Aethiopum* (vd. Carta **A** XXIII), através do parecer do censor inquisitorial ao Cardeal-infante que em consequência achou bem impedir a venda do livro; e até, em visão subjectivada, os dois depoimentos de Simão Rodrigues em 5 e 7 de Setembro de 1545, e o de 24 de Setembro de 1550, os quais então, felizmente para Damião de Góis, não originaram procedimento judicial por intervenção do mesmo Cardeal-infante, inquisidor-mor, que livrou de possível prisão o nosso humanista sustendo a causa com o despacho «supersedendum nunc esse» no requerimento do promotor da justiça apenso às primeiras folhas do Processo n.º 17.170 do ANTT (G. Henriques transcreve «supersedendus nunc esser» e Raul Rego «supersedendus nunc esse), com razão emendado convenientemente em Isaías da Rosa Pereira, *O Processo de Damião de Góis na Inquisição de Lisboa*, sep. dos «Anais da Academia Portuguesa da História», II série, vol. 23, t. I, Lisboa, 1975, p. 135, n. 27).

5 Esta carta e o respectivo opúsculo encontram-se traduzidos para português por Raul Machado, em texto bastante perfeito embora nem sempre absolutamente fie1ao original (cf. *Lisboa de Quinhentos. Descrição de Lisboa*, Liv. Avelar Machado, Lisboa, 1937, pp. 15-16).

A título meramente exemplificativo dá-se aqui um excerto da aludida versão: «Ao ínclito Príncipe, Dom Henrique, Infante de Portugal, Eminentíssimo Cardeal da Santa Igreja Romana, do título dos Quatro Santos Coroados.

«Tendo sido muito instado, há longo tempo, por cartas de homens doutos, para dar a lume a História das Índias, *comecei a copiar documentos, a coligi-los e a ordená-los*, porque o repouso literário de que nessa altura dispunha amplamente sem preocupações dos negócios públicos, permitia-me levar a cabo o meu intento.

«Mas, pensando bem, vi que me faltava aquilo que sobretudo se requer para escrever história, e por isso desisti do propósito. Com efeito, quem deseja escrever uma história imparcial e completa precisa, em primeiro lugar, de tempo livre e *longo*; em seguida, carece de paz de espírito e de isenção de todos os empregos; deve ter, por fim, o favor e auxílio dos Príncipes que fomentem e remunerem a diligência e o trabalho das investigações.

«Ora como eu, neste momento, não podia abandonar outros cuidados e ocupações, resolvi dar e dedicar a este trabalho apenas as horas disponíveis e intercaladas do dia, quando na verdade devia dar-lhe tempo longo e seguido, *e, sem desviar o curso dos trabalhos, que tenho entre mãos*, determinei fazer *agora*, e só *agora*, a descrição da cidade de Lisboa». O sublinhado é nosso.

É esta a versão que adopta Borges de Macedo, citando duas vezes «tempo livre e longo» (cf. *Damião de Góis et l'historiographie portugaise*, Paris, Centro Cultural Português, 1982, pp. 51 e 118, nota 39).

Tradução exemplar desta carta nuncupatória encontra-se em Aires A. Nascimento, *Elogio da Cidade de Lisboa* de Damião de Góis, Lisboa, Guimarães Editores, 2002.

Carta **A** XXXV

**1** Acerca da data desta carta em resposta à que Jerónimo Cardoso enviou a Góis a agradecer-lhe a oferta da *Urbis Olisiponis descriptio*, vd. a I parte de *Noese e crise*, I, p. 9 nota 10, e a Carta **A** XXXIV, nota 1.

Jerónimo Cardoso, nascido em Lamego em data incerta e falecido em Lisboa em 1569 foi um dos maiores pedagogos do seu tempo no campo das Humanidades; gramático, escritor latino em prosa e verso e cronologicamente o primeiro lexicógrafo português, embora não fosse professor universitário proferiu a última oração de sapiência na Universidade antes da sua mudança definitiva para Coimbra - *De disciplinarum omnium laudibus oratio* (1536), editada em 1550. Entre outras obras são de salientar: *Epistolarum· familiarium libellus*, Lisboa, 1556, livro raríssimo de que existe uma cópia manuscrita na Biblioteca Pública de Évora, talvez tirada, no século XVIII, pelo exemplar impresso e hoje existente na Biblioteca Nacional de Madrid (Raros, 22.818) ou por aquele que Leitão Ferreira afirma ter visto em 1729; *Institutiones in linguam Latinam breuiores et lucidiores*, Lisboa, 1557; *Dictionarium Latino-Lusitanicum et uice uersa Lusitanico-Latinum*, Lisboa, 1570; *De obitu Serenissimí Principis D. Ludouici Portugalliae Infantis dialogus cum allis epigrammatibus*, Lisboa, 1556; *Elegiarum liber II*, Lisboa, 1563.

Dos três dicionários latinos de Jerónimo Cardoso o primeiro, segundo Leitão Ferreira, é o *Dictionarium iuuentuti studiosae*, *admodum frugiferum*, saído em 1551 com dedicatória (Carta **B** CIV) a Manuel de Góis, filho de Damião de Góis e seu aluno, nessa ocasião com 11 anos (vd. Carta **A** XXVI, nota 6). O *Epístolarum familiarium libellus* contém 71 cartas, quase todas datadas de Lisboa e endereçadas a humanistas eborenses. Em 1901 já Joaquim de Vasconcelos não conseguiu ver nenhum exemplar da única edição de 1556, salvo a cópia de Évora já citada. Hoje conhecem-se, além do exemplar de Madrid, outro da Biblioteca Valliceliana de Roma, de acordo com informação de Luís de Matos (cf. *Correspondance latine*, p. LXIII).

Humanista dos mais devotados, prosseguiu em Lisboa o magistério que Clenardo dignificara em Évora e este e Vaseu em Braga, tendo contado entre os seus alunos o futuro D. Jerónimo Osório, o nosso maior ciceroniano (cf. Francisco Leitão Ferreira, *Notícias Chronologicas da Universidade de Coimbra*, I, Lisboa, 1729, pp. 563-564; Joaquim de Vasconcelos, *As Cartas latinas de Damião de Góis*, sep. de *O Instituto*, XLVIII (1901), Coimbra, pp. 9-10; Justino Mendes de Almeida, «O primeiro lexicógrafo português da língua latina – Jerónimo Cardoso», in *Euphrosyne*, II (1959), Lisboa, pp. 139-152; Paul Teyssier, «Jerónimo Cardoso et les origines de la lexicographie portugaise», in *Bulletin des études portugaises et brésiliennes*, Paris, 41 (1980), pp. 7-32).

**2** Vd. Carta **A** IV, nota 1.

**3** Albrecht Dürer (Nuremberga, 1471-1528), célebre pintor, gravador, desenhador e teorizador de arte, usufruiu da protecção dos imperadores Maximiliano e Carlos V, assistindo à coroação deste

em Aix-la-Chapelle (1520) e demorando-se nos Países-Baixos desde a morte de Maximiliano (1519) até 1521, ano em que regressou definitivamente a Nuremberga. Durante o tempo que passou por Antuérpia pintou para Rui Fernandes de Almada, então tesoureiro e depois feitor, o retrato deste e o famoso S. Jerónimo (1521), hoje no Museu Nacional de Arte Antiga. A mais notável colecção dos seus desenhos e gravuras encontra-se na Galeria Albertina, de Viena (cf. M. Brion, *Dürer, l'homme et son oeuvre*, Paris, 1960; Joaquim de Vasconcelos, *Albrecht Dürer e a sua influência na Península*, 2.ª ed., Coimbra, 1929).

Se o desenho a carvão, original de Dürer guardado na Galeria Albertina vienense, retrata Damião de Góis, como afirmou Joaquim de Vasconcelos (cf. *Renascença Portuguesa. VIII - Goesiana*, pp. 65-77) ou outro personagem da época, é questão ainda não dirimida. Elisabeth Feist Hirsch, apesar de conhecedora da controvérsia, coloca-o no início da sua obra sobre a vida e o pensamento do nosso humanista, acompanhando-o da legenda – «Damião de Góis, by Albrecht Dürer»; José V. de Pina Martins (cf. *L'Utopie*. Catalogue de l'Exposition Bibliographique au Centre Culturel Portugais, Paris, 24.XI-9.XII.1977, Fondation Calouste Gulbenkian, V$^{e}$ centenaire de la naissance de Thomas More, pp. 36[4]) apresentou-o ultimamente com este indicativo: «Portrait de Damião de Góis. Gravure de Philippe Galle qui s'est inspiré dans un dessein de Dürer».

**4** Vd. Cartas **A** V, nota 2 e VIII, nota 3.

**5** Jerónimo Cardoso elogia o opúsculo de Góis que o tornou mais velho pelas coisas novas aprendidas; a sua admiração seria grande se não estivesse habituado, em face de obras anteriores, ao alto nível da produção goisiana; não só o leu mais que uma vez, mas o deu também aos alunos para exercício de tradução; quanto possível, portanto, não deve repousar a sua pena para gáudio da cultura e da posteridade (cf. Carta **B** CV).

**6** A metáfora da orquestra do teatro usara-a já como símile na Carta **A** XX.

**7** Há, já desde há anos, no nosso meio outra versão portuguesa desta carta a Jerónimo Cardoso, da autoria de Justino Mendes de Almeida (cf. Jerónimo Cardoso, *Oração de sapiência proferida em louvor de todas as disciplinas*, trad. de Miguel Pinto de Meneses; introd. de J. Mendes de Almeida, Lisboa, 1965, p. 35).

Carta **A** XXXVI

**1** Vd. Carta **A** XXXI, notas 1 e 3.

**2** Trata-se da *Urbis Olisiponis descriptio*, saída em Outubro de 1554 (vd. Carta **A** XXXIV, nota 1).

**3** Os sete filhos a que Góis se refere são: dois nascidos em Lovaina, Manuel de Góis, cujo nome chegou a confundir-se com o de um bastardo homónimo que se fez frade da ordem dos Azuis de S. João, professando depois na de S. Bernardo, e Ambrósio, ambos enviados em 1555 a estudar na cidade natal, qual se lê acima (cf. Carta **A** XXVI, nota 6); António de Góis, que professou na mesma de S. Bernardo de Alcobaça; Rui, André, Fructos e Catarina. Após esta data, teve ainda António e Isabel (vd. a autobiografia in *Livro das Linhagem novas*, cod. Castello Robrigo, fls. 269v. a 272, transc. por Joaquim de Vasconcelos, *Renascença Portuguesa. VIII - Goesiana*, pp. 97-103); ou apenas Isabel, segundo João Nogueira Ramos, *Nos caminhos de Góis*, Lisboa, 2001. Os três bastardos terão sido Manuel, António e Maria.

**4** Rei da Lídia (560-547 a.C.), proverbial pelas suas riquezas, foi conquistador dos Cários e de Éfeso, acabando por dominar a Ásia Menor até ao Hális, exceptuadas a Lícia e a Cilícia. Na campanha contra os Persas (547-546) é derrotado e feito prisioneiro por Ciro (cf. VELBC, s.v. *Creso*).

**5** Vd. Cartas **A** XXII, nota 2 e XXXI, notas 1 e 4. Ao terminar a carta (**B** XCVI) de 3 de Março de 1543, endereçada de Haia para Madruzzi (vd. Carta **A** XXXI), Splinter van Hargen promete regressar em breve a Trento e compensar o tempo despendido na cidade natal, por causa da sua febre quartã e das canseiras com a irmã desolada pela prisão do marido, redobrando de diligência, fidelidade e cuidado no cumprimento dos seus deveres.

Splinter van Hargen era de família nobre (vd. Carta **A** XXII, nota 2), e não burguesa como outros pensam (cf. António José Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, 3.ª ed., Porto Editora, s/d, p. 242). Madruzzi, a quem Ticiano (c. 1489-1576), pintor de Carlos V e conde palatino desde 1533, imortalizou num dos seus retratos, era nobre também e frequentava a corte imperial.

A origem da relacionação de Splinter com Madruzzi é que ainda ninguém até hoje abordou em concreto. Hirsch dá a entender que começou em Pádua, exercendo a música, de que ambos eram apaixonados, o papel primordial; mas não diz nada sobre o que fazia Splinter como hóspede do arcebispo de Trento, nesse tempo já cardeal (cf. *The Friendship of the «Reform» Cardinals in Italy with Damião de Góis*, in «Proceedings of the American Philosophical Society», 97 (1953) 2, pp. 180-181). Parece-me que, além da música em que era exímio Madruzzi, a quem Glareano dedicará em 1547 o seu *Dodecachordon* (vd. Carta **A** XVI, nota 1) contendo uma bela canção de Góis, e das suas simpatias germânicas, os aproximou o catolicismo convicto de ambos. Splinter ter-se-á exercitado com Madruzzi nas ciências sagradas e na convivência com as altas esferas eclesiásticas, ele que mais tarde viria a ser «paymaster general» da abadia de Rynsburg (cf. Hirsch, *ibid.*).

Carta **A** XXXVII

**1** Em 27 de Março de 1566 o senado de Danzig dirigira, através de Johann von Pelken, cónego e feitor hanseático em Lisboa, uma carta a Damião de Góis rogando a sua intercessão perante o Rei no sentido de aos mercadores e navegantes de Danzig serem restituídas as «liberdades e direitos antigos, que havia dois anos lhes eram negados».

Meses depois, o feitor comunicava à cidade de Colónia que se encontrara com Góis, de quem era amigo, aliás pessoa muito amável para com os alemães e casado com uma senhora alemã, prometendo-lhe e ao filho Ambrósio, seu provável sucessor na Torre do Tombo, 100 ducados, se conseguissem dar com os documentos comprovativos dos privilégios anteriormente concedidos; razão por que não entregara ainda ao Rei, quer dizer ao Cardeal Regente (vd. Carta **A** XXXIV, nota 1), a outra carta que da Hansa lhe mandaram e queria acompanhada de tais documentos.

Em 23 de Abril de 1567 o Senado de Danzig já agradecia a Góis a sua valiosa intercessão junto do Rei e anunciava a oferta de uma taça ou copo de prata dourada a ser-lhe entregue por Johann von Pelken (cf. A. H. de Oliveira Marques, *Damião de Góis e os mercadores de Danzig*, in «Arquivo de Bibliografia Portuguesa», IV (1958) 15-16, Coimbra, pp. 150-163). Vd. Cartas **B** CVI-CIX.

**2** Entende A. H. de Oliveira Marques haver sido a oferta «uma taça ou copo de ouro», traduzindo deste modo o sintagma «deauratum poculum» da carta (**B** CVIII) de 23 de Abril (*ibid.*, pp. 151 e 158). Salvo melhor opinião, deve sempre distinguir-se entre «deauratum poculum» e «poculum aureum», este sim que seria de ouro. Anunciando similar oferta a Erasmo escreveu Góis «argenteum inauratum» em termos, é certo, que não permitem dúvidas. Mas Cousin, ao inventariar os pertences de Erasmo em 1534, anotava: «aliud [poculum] cum operculo totum inauratum» (vd. Carta **A** IV), referindo-se ao mesmo e sem mencionar «argenteum». De resto, quer o termo «inauratum», ciceroniano, quer «deauratum» pós-clássico significam «dourado».

Objectar-se-á que neste caso a oferta baixa muito de valor. Atente-se porém, que o Senado de Danzig chama-lhe «exiguum hoc munusculum» e pede a Góis o aceite pelo que significa e não pelo que vale. Demais, recorde-se que Pelken havia já comunicado à Hansa a promessa de 100 ducados pela busca documental, coroada de êxito.

A propósito e sem desconsideração para com o criterioso trabalho citado de Oliveira Marques, chama-se a atenção para dois lapsos: as maiúsculas G. D. V. não dizem «Generosus Dominus Veres» (*ibid.*, p. 156), mas «Generosa Dominatio Vestra», isto é, «Vossa Senhoria Ilustríssima»; o outro lapso vai emendado no aparato crítico do texto latino da carta de Damião de Góis e consistiu em interpretar como consoante nasal a presença do minúsculo sinal habitualmente usado por Góis para assinalar a vogal velar de abertura mínima, isto é, o *u*.

**3** Em 8 de Janeiro de 1570 «de novo o Senado de Danzig apelou para Damião de Góis, queixando-se dos agravos de que tinham sido vítimas os seus mercadores, por parte dos habitantes de Lisboa, no verão de 1569, e pedindo a sua intercessão junto do rei, a fim de lhes ser dada reparação e remédio para o futuro» (cf. A. H. de Oliveira Marques, *o.c.*, p. 152). Ignora-se, acentua este autor, se a intervenção goisiana se deu, visto a influência do nosso humanista estar muito abalada desde a publicação da *Crónica de D. Manuel* (1566-67); mas não é de excluir, porque D. Sebastião, por carta régia de Dezembro de 1570, confirmava os privilégios dos mercadores hanseáticos e, por outro lado, Góis só foi preso em 4 de Abril de 1571.

**4** A existência desta carta registaram-na entre nós E. A. Strasen e Alfredo Gândara em *Oito Séculos de História Luso-Alemã* (Lisboa, 1944), inserindo a sua versão portuguesa a p. 161 e localizando o

texto original. Esta versão está longe de primar pela perfeição. Um dos senões apontou-o Oliveira Marques, a troca de «dádiva» por «cargo», como pode ver-se na transcrição abaixo. Há, porém, outros: o advérbio «Reconhecidamente», que está a mais logo no início; a omissão de cinco expressões que decerto o tradutor achou supérfluas, mas cujo contributo indicial em relação ao seu autor não deve omitir-se. A primeira obrigação do tradutor é a fidelidade ao texto.

Quanto ao original latino publicou-o a primeira vez A. H. de Oliveira Marques no citado estudo.

Eis a versão a que acima se alude: «Reconhecidamente recebi de João Pelken o cargo do vosso Senado, que ascretastes [*sic*] atribuir-me; sendo verdade que, para tal, somente tem influência a vossa vontade, sem quaisquer méritos da minha parte. Obrigo-me, enquanto puder e em todas as ocasiões a que, quer junto do Rei quer perante o Senado desta cidade, tenhais em mim egrégio protector dos vossos assuntos; entretanto, varões ilustres, envio-vos saudações e peço-vos me estimeis como vosso concidadão.

Lisboa, 24 de Junho do ano do Senhor de 1567.

Por minha mão.

Vosso,

Damião de Góis» (cf. E. A. Strasen e A. Gândara, *l.c.*).

## NOTAS E COMENTÁRIOS À CORRESPONDÊNCIA PASSIVA

Carta **B** I

[1] O livro a que esta carta serve de prefácio intitula-se *Ex P. Terentii Comoediis [...] colloquendi formulae* (Antuérpia, 1529) e teve várias edições. Cornelis de Schrijver (1482-1558), notário e membro do Conselho Privado de Antuérpia, pedagogo humanista e poeta, usou às vezes o prenome de Cipriano. Ao traduzir para latim e para grego o apelido, obteve os de *Scribonius* e *Grapheus*, chegando também a assinar *Cornelius Scribonius Grapheus*. Foi o primeiro mestre de Góis no estrangeiro, que lhe aperfeiçoou o latim iniciado na Corte. Vd. também Carta **A** II, nota 1.

Carta **B** II

[1] Trata-se de *Pictura Illustris Damiani de Goes*, em estrofe única de 48 dísticos que, com outras composições de vários autores, saiu no final da *Legatio* goisiana (Antuérpia, João Grapheus, 1532 e dos *Opuscula*, Lovaina, Rog. Réscio, 1544).

[2] Sacerdote interventor nas Saturnais, de que fala Luciano. Estas, de início só a 17, foram alargadas para uma semana (17-23) por Domiciano.

[3] Quanto à datação desta carta, vd. *Noese e crise*, I, p. 11, nota 13.

Carta **B** III

[1] O verdadeiro título da obra é *De Amoris insania Dialogus*.

[2] Adriano Herbouts ou Herbertsen, doutor *in utroque*, pensionário ou conselheiro jurídico de Antuérpia, grande amigo de Jerónimo Busleyden, fundador do lovaniense Colégio Trilingue (1517), onde entre outros ensinaram Erasmo, Réscio, Goclénio, Nânio; e Góis estudou, bem como alguns dos seus filhos.

Carta **B** IV

[1] Quirino Talésio, de Harlém, que não deixou saudades a Erasmo, partido alguns meses antes (vd. Carta **A** IV e notas quanto a Erasmo). Acerca de Resende, cf. Carta **A** II, nota 5 e a erudita exposição de M. Cadafaz de Matos, *Algumas obras de André de Resende*, I (1531-1551), Lisboa, Ed. Távola Redonda, 2000, pp. XI-XCVI.

[2] Nome com que Erasmo qualificou Eustáquio de Sichem, frade dominicano, ao ler o *Erasmi encomium* de Resende enviado por Goclénio, seu mestre e amigo no Colégio Trilingue. Em 1531 Sichem publicou uma *Apologia* contra o *Enchiridion* erasmiano, fazendo coro com vários teólogos de Lovaina. Erasmo achou graça ao ridículo retrato que dele fez Resende.

Carta **B** V

[1] Paulo Spreter (1484-1551), bispo evangélico da Pomerânia, com sede em Marienwerder (Kwidzin). Das duas deslocações a Leste (1529 e 1531) só a segunda lhe deu ensejo, a Góis, de contactar Speratus, bispo desde 1530 e pregador do duque Alberto da Prússia, em Königsberg, desde 1525 (cf. Vocht, *Monumenta*, p. 612).

Carta **B** VI

[1] *Legatio Magni Indorum Imperatoris Presbyteri Ioannis*, publicada por João Grapheus em Setembro de 1532. As deslocações a Leste, por incumbência real, foram em 1529 e 1531. João Magno Gothus, Jöns Mansson, nasceu em Lincöping (1488), exilou-se em Danzig ao estabelecer-se o protestantismo na Suécia, estacionando depois em Vicenza, Veneza e Roma, onde faleceu em 1544. Historiador, como o irmão Olau Magno, Olof Mansson, que lhe sucedeu no arcebispado de Upsala sem nunca poder ir à sua arquidiocese, tomou parte no Concílio de Trento, a que João Magno já não pôde assistir (vd. Cartas **A** II e **B** LXXXV e XCVII).

Carta **B** VII

[1] João Herwagen (1482-1558), impressor vindo de Estrasburgo em 1528 para Basileia, onde se associou a Jerónimo Froben (1501-1563) e a Nicolau Episcopius (1501-1563).

[2] Vd. *Adelph*. 641.

[3] Segundo Allen, trata-se talvez de Luís Kiel Carinus, luterano que em 1520 era secretário de Capito (Koepfel) e nos finais de 1521 foi conviva de Erasmos em Basileia.

[4] Segundo Herminjard, citado por Allen, o navarrense será Estêvão Loret, agradado do criticismo de Franz Titelmans, de Hasselt.

[5] Bonifácio Amerbach (1495-1562), professor de Direito em Basileia, executor do testamento de Erasmo de quem compôs o epitáfio (vd. Carta **A** IV, nota 1).

Carta **B** VIII

[1] **A** obra intitula-se *De ecclesiasticis Scripturis et Dogmatibus*. Muitos outros autores honraram D. João III, como Erasmo, Vives, Fernel, Afonso de Castro, Francisco de Ossuna, etc.
João Nys nasceu na aldeia de Darisdonck, Turnhout, donde se derivou o apelido *Driedoens*, latinizado para *Driedo*. Em 1491 matriculou-se em Artes na culta Lovaina, onde em 1512 se doutorou em Teologia, chegando a decano desta Faculdade e a reitor da Universidade. Aí morreu em 1535 (vd. Vocht, *Monumenta*).

[2] Escolar em Salamanca, Paris e Lovaina, onde se doutorou em Teologia a 27 de Maio de 1533, este hieronimita regressou a Portugal nos finais de 1534. Além do mais, foi prior do Convento de Penha Longa e professor no da Penha vimaranense (vd. Carta **A** III, nota 2).

Carta **B** IX

[1] Luís Vives (1492-1540) sofria de cólicas desde 1529 e morreu de um ataque de gota. Notável pedagogo nascido em Valência, foi professor em Oxford e gozou da protecção do Rei e da Rainha D. Catarina de Aragão.

[2] Em retribuição pelo *De tradendis disciplinis* (1531), D. João III presenteou-o com 200 ducados, como diz Clenardo, um gomil de prata com inscrustações de pedras preciosas e uma mesa de ébano, segundo Sousa Viterbo e Luís de Matos (cf. M. Gonçalves Cerejeira, *o.c.,* I, p. 158).

[3] D. Miguel da Silva (1480-1556), embaixador da Santa Sé, aí Secretário de Estado (1525), bispo de Viseu em 1526, cardeal em 1542. Marcel Bataillon aventa ter sido condiscípulo de Vives em Paris (vd. *Noese e crise*, II, p. 197, nota 32).

[4] Gaspar Heid (1494-1552), teólogo da Reforma, que Góis conheceu em Estrasburgo (1534), bem como a Koepfel e a Butzer (*Capito* e *Bucero*, entre os humanistas). Vd. Carta **A** III, nota 2.

[5] Além das lições de Grapheus, ao regressar em inícios de Julho de 1533, já tinha também as de Réscio e Goclénio em Lovaina, durante cerca de oito meses em 1532.

Carta **B** X

[1] Vd. Carta **A** VII, nota 1. Quanto ao fámulo acima aludido, trata-se de Quirino de Haia, que sucedeu a Quirino Talésio, de Harlém, em 1532. Note-se que esta carta de Erasmo responde a uma de Góis (vd. Carta **A** IV).

[2] Mercador e banqueiro de Antuérpia, Erasmo Scheto, investido em 1545 por Carlos V na senhoria de Grobbendonck, foi quem sugeriu a Erasmo a oferta de uma obra a D. João III (vd. Carta **A** IV,

nota 2). **A** oferta deixada a Scheto para Erasmo era um copo de prata dourada, que adiante vai aparecer citado.

**3** Vd. Salmo 56, 5.

**4** Em Lovaina atacavam Erasmo em escritos, entre outros os dominicanos Eustáquio de Sichem (vd. Carta **A** IV, *ibid*.), Vicente Diercks e o carmelita Nicolau Baechem.

**5** Campeggio (1472-1539), cardeal em 1518, foi legado do Papa na Inglaterra e na Alemanha. Erasmo dedicou-lhe uma das suas obras, como aliás fez a Henrique VIII, que desde 1528 esqueceu a pensão que lhe dava (vd. Carta **A** IV e notas).

**6** Vd. *Adagia*, col. 1068.

**7** Tomás Boleyn, a quem dedicou a *Enarratio triplex in Psalmum XXII* (1530) e o *De praeparatione ad mortem* (1534); em 1533, a *Dilucida et pia explanatio Symboli*.

**8** Segundo Luís de Matos, a Carlos V dedicara a *Paraphrasis in Evangelium Mathaei* (1522), a Francisco I a *In Euangelium Marci paraphrasis* (1524). Mas já havia feito o mesmo a Fernando com a paráfrase a João, e a Henrique VIII com outra a Lucas.

**9** Vd. *Adagia*, col. 537.

**10** Henrique Loriti ou Glareanus (1488-1562). Erudito humanista, poeta laureado e musicólogo, autor do célebre *Dodecachordon* (1547), onde a canção a três vozes *Ne laeteris*, de Góis, vem publicada (vd. Carta **A** XVI).

**11** Vd. Cartas **B** VI, nota 5 e **A** III.

**12** Basileia é a antiga capital dos Rauracos (*Augusta Rauracorum*).

**13** O *Chrysostomi Lucubrationes* (1527) não surtiu efeito, por alusão, porventura, ao monopólio das especiarias. Segundo Luís de Matos, quem informou defeituosamente terá sido ou Pedro Fernandes ou Jerónimo da Pederneira, médicos portugueses em Antuérpia.

Carta **B** XI

**1** D. Maria, irmã de Carlos V.

**2** Notável humanista húngaro, Nicolau Olah que em 1538 entrou na amizade de Góis, através de Nannius (Nanninck). Vd. Carta **B** LXIII, nota 1.

**3** Levino Algoet Panagathus serviu Erasmo de 1519 até c. 1527; Quirino Talésio (vd. Carta IV, nota 1), de 1524 a 1531; Nicolas Canne, de 1524 a 1530. Três amanuenses, que chegaram a ser simultâneos. Deslocara-se aquele a Friburgo na tentativa de trazer Erasmo até ao Brabante, a convite da Regente, exarado em carta de Olah de 21.VI.1533, mas a saúde precária não o permitiu.

**4** Na Universidade de Paris a Faculdade de Teologia andava de candeias às avessas com Erasmo por parte de alguns mestres, entre eles Noel Bedier, a quem Erasmo chamava «Natalis Beta». Francisco I proibiu as suas *Anotações antierasmianas* e Erasmo não o poupou em *Supputatio errorum in censuris Beddae* (1526) e no *Synodus grammaticorum* (1529). A facção dos humanistas venceu nesta querela (vd. *Noese e crise*, II, pp. 59 ss.).

**5** Goclénio (*Conrad Wackers*, 1455-1539), da Westphalia, grande ciceroniano, professor no Trilingue, amigo de Erasmo, Tomás More, Amerbach, Busleyden, etc. (vd. Carta **A** VII e notas).

Carta **B** XII

**1** Segundo Hartmann, era o padre espanhol Cristóbal de la Torre. Disputas com a igreja reformada levaram-no por vezes à prisão. Amerbach ajudou-o monetariamente e recomendou-o a Jorge Amelius, reitor da Universidade de Friburgo e a Glareano (vd. *Noese e crise*, I, pp. 246-247). *Christophorus Hispanus* quererão dizer as duas últimas siglas, mas ignora-se o significado das três anteriores (vd. Carta **A** III). Talvez possa aventar-se estar em jogo o sinal do carácter autógrafo das cartas, nestes termos: «Scripsit Manu Sua Christophorus Hispanus». Como afirma Amerbach, assim subscreveu a cada uma das que lhe enviou.

Carta **B** XIII

[1] Vd. Carta **B** X, nota 2.

[2] Vd. Carta **B** VI, nota 4.

[3] Refere-se ao copo de prata dourada deixado em oferta por Góis e a peças familiares de linho, como parece a Allen (X, 346).

[4] Jerónimo de Pavia, isto é, o frade franciscano Frei Roque de Almeida, que estudou no Colégio Trilingue de Lovaina e a quem Góis irá conceder carta de apresentação para Melanchthon (vd. adiante). Quanto ao carteiro de Colónia, vd. Carta **B** XIV, nota 1.

[5] Vd. Carta **B** X, nota 1.

Carta **B** XIV

[1] Melanchthon (1497-1560), numa carta, chama-lhe Tilemannus Fossanus, Tilmann von Graben, secretário do cabido da Catedral de Colónia.

[2] Vd. Carta **B** I e II.

[3] Viglius Aytta de Zwichem, mestre do Direito com formatura em Pádua (vd. Carta **B** XCIV).

[4] Vd. Carta **B** VII e X, nota 1.

Carta **B** XV

[1] Jorge Coelho, cónego de Évora, grande ciceroniano, poeta e prosador, foi secretário do infante D. Henrique, irmão de D. João III e futuro cardeal (1545).

[2] Vd. Carta **B** IV, nota 2.

[3] Organizados por D. Pedro de Mascarenhas, nosso embaixador junto de Carlos V, aquando do nascimento do príncipe D. Manuel, filho de D. João III, em 21-24 de Dezembro de 1531. Representou-se o *Jubileu de Amores*, tragicomédia vicentina que não agradou muito a Jerónimo Aleandro, por causa da crítica às indulgências. Resende celebrou a data no poema *Genethliacon*, em que Erasmo destaca o pinturesco descritivo.

[4] Vd. Cartas **B** I e II.

[5] Vd. Carta **B** VI, nota 5.

[6] Vd. Carta **B** X, nota 7.

[7] Vd. Carta **B** VII, nota 1. Observe-se, porém, que o opúsculo a que aqui se alude não é a *Legatio*, mas o que em Janeiro de 1533, em Bolonha, Francisco Álvares entregou ao Santo Padre, traduzido por Paulo Giovio para latim: *Legatio David Aethiopiae Regis* […] *cum Obedientia Eidem Sanctis. D. N. Praestita*. […]. Vd. *Noese e crise*, I, p. 254, nota 73. Cf. Também Cartas **A** III e IV.

Carta **B** XVI

[1] A nomeação para membro do Conselho Privado de Antuérpia (vd. Cartas **A** I e II).

[2] Vd. *Adagia*, 1048.

[3] Luís de Matos e Allen acham que o fâmulo aqui em questão é João Clauthus, holandês.

[4] Vd. Carta **B** X, nota 2.

Carta **B** XVII

[1] Basílio Amerbach (1488-1535), com estudos em Basileia e Paris, impressor nas oficinas da família.

[2] *Berichte aus der heiligen Geschrift* (1534), de Martim Butzer (*Bucero*), arauto evangélico em Estrasburgo (vd. Carta **B** IX, nota 4).

[3] A obra erasmiana *De praeparatione ad mortem* (1534).

[4] Segundo Hartmann, recadeiro de Amerbach e alfaiate em Basileia, que também cuidou do transporte entre Basileia e Neuenburg (IV, 261).

[5] Da família do mais célebre impressor de Basileia (vd. Noese e crise, I, pp. 250, 273 e 277).

Carta **B** XVIII

[1] Damião de Góis, havendo recusado o cargo régio, retornava a Basileia e a Friburgo (vd. Carta **A** V e notas).

Carta **B** XIX

[1] Os condes Gaspard e Hermann frequentavam em 1533 a Universidade de Friburgo, assim como a casa de Erasmo. Aqui, este refere-se à casa *Zum Walfish*, desocupada agora pelos ditos condes após o seu regresso a Leida (vd. *Noese e crise*, I, p. 250, Allen X e Luís de Matos).

[2] Vd. Cartas **B** X, nota 2 e **A** IV.

Carta **B** XX

[1] Vd. Cartas **B** XIX e XI.

Carta **B** XXI

[1] Quer às cartas de Colónia, quer às de Paris, não estariam alheias as escaramuças doutrinais. E na Universidade de Paris havia aquele que Erasmo crismou de «Natalis Beta». A carta para Góis, vinda das margens do Sena, essa terá sido de Frei Roque de Almeida, ainda ali no seu convento de S. Francisco programando a ida até Wittenberg com recomendação goisiana.

Carta **B** XXII

[1] Vd. *Noese e crise*, I, pp. 260-261.

[2] A moeda de Basileia era o *bázio*, como escreve Amelius, reitor da Universidade de Friburgo. Os Batzen latinizou-os Góis em *bacones* e Erasmo em *batzones* (vd. *Noese e crise*, I, p. 267, e Cartas **A** VI, VII e VIII).

Carta **B** XXIII

[1] Gilberto Cognato (*Cousin*) nasceu em Nozeroy, Franco-Condado, em 1506. Estudou Direito em Friburgo, onde Erasmo o encontrou, chamando-o ao seu serviço em 1530 ou inícios de 1531. Em 1535, é nomeado cónego de Nozeroy e deixa Erasmo em Outubro (vd. *Noese e crise*, I, pp. 260-261).

[2] Refere-se a *De diuersis regulis antiqui tituli XVII. digestorum libri L., una cum interpretationibus Francisci Jametii Textoris*, Paris, Mich. Vascosanus, 1533 (vd. Hartmann, IV).

[3] Simão Grynaeus (1494-1541), notável humanista amigo de Erasmo, Budé, More, Melanchthon, Gelénio, Góis, etc., é o autor do *Nouus Orbis*, que já muito contém dos Descobrimentos.

Carta **B** XXIV

[1] Pedro Bembo, notável humanista (Veneza, 1470 – Roma, 1547). Foi secretário de Leão X, cardeal (1539), exímio ciceroniano, poeta e historiador. Góis vai para Pádua com carta comendatória de Erasmo, que surtiu óptimo efeito. Quanto a Goclénio, vd. Carta **B** XI, nota 5. Cf. também Cartas **A** XXI, XXII e XXVI.

Carta **B** XXV

[1] Damião de Góis retorna, após recusar as honrosas funções na Corte. Quanto a Scheto, vd. Cartas **B** XIII e XIV. Acerca da ida de Erasmo até ao Brabante, vd. Cartas **B** XI e XX.

Carta **B** XXVI

[1] Vd. *Noese e crise*, I, p. 260; e também as Cartas **B** XII e XXII e **A** V, VI e VII.

Carta **B** XXVII

[1] Jerónimo Froben (1501-1563), o mais célebre impressor de Basileia (vd. Carta **B** XVIII, nota 5), em cuja casa *zum Luft* morreu Erasmo em 11 de Julho de 1536.

[2] Vd. Carta **B** XXIII, nota 1.

[3] Vd. Cartas **B** XXII e XXVI.

[4] João Bebel, impressor em Basileia desde 1524 a 1550. Vd. Carta **A** VII.

[5] Povoação a caminho da passagem do Brenner. Vd. Carta **A** VII e notas.

Carta **B** XXVIII

1 Refere-se a Damião de Góis. Zásio (1461-1535), professor de Direito em Friburgo.

Carta **B** XXIX

1 Para Luís de Matos trata-se de um mercador de Estrasburgo, relacionado com Schets. O mesmo diz Allen (XI, 18).

Carta **B** XXX

1 Vd. Cartas **B** XXIV, nota 1 e **A** IV e VI, com respectivas notas.

Carta **B** XXXI

1 Jerónimo Aleandro (1480-1542) foi professor de grego na Universidade de Paris (1508-1513), bibliotecário do Vaticano (1519), bispo (1524), cardeal (1536). Luís Bär (1479-1554) tê-lo-á conhecido em Paris e era professor na Universidade de Basileia desde 1513, mudado para a de Friburgo em 1529, nas quais se distinguiu como teólogo.

2 Vd. Cartas **B** XIV, nota 3 e XCIV.

3 É a única alusão a uma possível intenção de frequentar tal curso, o que não se concretizou, pois a decisão inclinou-se para as letras clássicas, a que desde há anos se dedicava.

4 Vd. Carta **B** XL, nota 10.

Carta **B** XXXII

1 Estudou Direito em Friburgo; e em 1520 conheceu os dois corifeus da Reforma alemã, ao estudar em Vitemberga Hebraico e Teologia, aos quais aderiu.

2 Segundo Luís de Matos e Allen, mestre em Artes na Universidade de Cracóvia, doutorou-se em Medicina (Pádua) em 1534.

3 Falecido em 1527, fora secretário do Papa Clemente VII. As saudações já não chegaram a tempo.

4 Vd. Cartas **B** XXIII, nota 2 e **A** VIII, IX e X.

Carta **B** XXXIII

1 Vd. Carta **B** XI, nota 4.

2 Vd. Carta **B** IX, nota 1. A Juan de Vergara, Afonso de Valdés e Alonso Ruiz de Virués chamou Bataillon o estado maior erasmiano em Espanha (vd. *Noese e crise*, II, pp. 52-53).

3 André Alciati (1492-1550), jurista e ciceroniano, doutorado em Bolonha, professor em Avinhão, Bourges, Pavia, Bolonha e Ferrara, é o conhecido autor da obra famosa intitulada *Emblemas*. Quanto a Filipe Montano, trata-se de um impressor parisiense.

4 Vd. Carta **B** XXIII, nota 2. Acerca de Gilberto, vd. Cartas **B** XXIII, nota 1 e **A** VI. Cf. também *Noese e crise*, I, pp. 260-261.

Carta **B** XXXIV

1 Segundo Luís de Matos, o criado doente é Mateus (vd. Carta **B** XXXII).

Carta **B** XXXV

1 Vd. Carta **B** XXVII, nota 1.

2 Vd. Cartas **B** XXX e XXIV, nota 1.

3 Célebre família de impressores de Veneza. Cf., a propósito, Antoine Renouard, *Annales de l'Imprimerie des Aldes ou Histoire des trois Manuce et de leurs éditions* (1834), 3.ª ed., New Castle Delaware, Oak Knoll Books, 1991.

Carta **B** XXXVI

1 Hermolau Barbaro (1454-1493), professor da Universidade de Pádua. A sua obra mais notável são as *Castigationes Plinianae* (1492), de que aqui se escreve. Segismundo Gelensky (1497-1554), de Praga, fixou-se em Basileia e trabalhou com Froben. Peritíssimo em grego e latim, arguto na

busca codicial, nem sempre foi capaz de evitar reparos de entendidos, como Erasmo e Rhenanus. Nesta edição de Plínio de 1535, com dedicatória ao bispo de Basileia, só as «Annotationes» são dedicadas a Góis, como já observara Luís de Matos. Vd. Segismundus Gelenius, *C. Plinii Secundi Historia Mundi* [...], Apud inclytam Basileam, 1535; incluso no vol.: Segismundus Gelenius, *Castigationes Plinii*, com esta carta dedicatória a Góis – «Haud facile erat, Damiane optime».

Carta **B** XXXVII

1 Mercador, agente dos Welser, famosos banqueiros de Augsburgo.

2 João Botzheim (1480-1535), doutor em Direito Canónico por Bolonha, morreu de visita a Erasmo.

3 Primo dei Conti (1498-1593), grande erudito milanês adversário dos reformadores evangélicos.

4 Vd. Carta **B** XXX, nota 3 (vd. *Noese e crise*, I, pp. 267-268).

5 Lázaro Buonamici (Bassano, 1479), erudito poeta latino e cotado ciceroniano, professou em Roma, Bolonha e Pádua. Aqui o encontrou Góis (vd. *Noese e crise*, I, pp. 281-282).

6 *Erasmi Roterod. Compendium Rhetorices* (vd. Carta **B** XCIX).

7 Vd. Carta **B** XXX.

Carta **B** XXXVIII

1 João Clautho, holandês. O fâmulo a que se alude mais adiante é Gilberto Cognato, que deixou Erasmo para «cantar missa», como este diz noutra carta, em Outubro de 1535.

2 Segundo Luís de Matos é o mesmo que Reginaldo Wolfe, de Estrasburgo, falecido em 1575. Quanto a Grineu, vd. Cartas **B** XXIII, nota 4.

3 Vd. Cartas **B** I e II.

4 Vd. Cartas **B** XXII, nota 2 e **A** VIII com suas notas.

5 Tomás More (1477/78-1535), chanceler de Henrique VIII e grande amigo de Erasmo, canonizado por Pio XI em 1935. O Rofense é João Fisher (1456-1535), arcebispo de Rochester, preceptor do rei seu carrasco e antigo chanceler da Universidade de Cambridge, canonizado em igual data (vd. Carta **A** XII e *Noese e crise*, I, pp. 276-278).

Carta **B** XXXIX

1 Luís de Matos alude a quatro *Stratius*: dois belgas, um flamengo e um polaco, inclinando-se um tanto para este; e assim mudou, na epígrafe da carta, para «Stratio Polono», o sintagma «amico cuidam».

Acho que o Stratius destinatário da carta de Melanchthon é o flamengo, meio soldado, meio humanista, cursado em Direito, João van den Straeten, membro do Conselho imperial e muito viajado por França, Itália, Polónia e Hungria (cf. Hirsch, *Damião de Góis. The Life and Thought*, pp. 52 e notas; vd. também Carta **B** XCIII).

Repare-se que alguns códices das cartas de Melanchthon adoptam «ad Stratium Polonum»; outros, apenas, «ad Stratium»; na edição de Manlius (Basileia, 1565) lê-se «Amico cuidam».

2 Frei Roque de Almeida, cunhado de João de Barros (vd. Carta **A** XIII, nota 4).

3 Vd. *Adagia*, col. 376.

Carta **B** XL

1 Vd. Carta **B** XXXVII, nota 1.

2 Vd. Carta **B** X; nota 2. Trata-se de Carlos van Uutenhove, estudante em Basileia (1528) e Pádua (1529-1531), donde regressou a Gand, terra natal. No ano de Basileia foi hóspede de Erasmo.

3 A dádiva pela dedicatória do *Chrysostomi Lucubrationes* (1527). Vd. Carta **B** X, nota 11.

4 Melchior Mathei, de Vianden, a quem Erasmo prendou com dedicatória. Ensinou em Tournay.

5 Martinho Davidts, cónego da catedral de Bruxelas.

6 Pedro Gillis (1488-1585), de Antuérpia, grande humanista. Francisco van der Delft, amigo de Erasmo e embaixador de Carlos V na Inglaterra, nos últimos cinco anos de vida até 1550. Não morreu, pois, na data apontada por Erasmo.

[7] Vd. carta **B** XXXVII, nota 2.

[8] Vd. Carta **B** XXXVI e nota 1.

[9] Idem, *ibid*.

[10] Des. Erasmi Rot. *Ecclesiastae siue de ratione concionandi libri quatuor*, in-fólio que Froben e Episcópio lançaram em Agosto de 1535 (vd. *Noese e crise*, II, p. 85, nota 83).

[11] Petri Cursii *Defensio pro Italia ad Erasmum Roterodamum*, Roma, 1535.

[12] Vd. *Adagia*, col. 408, F.

[13] De Ortensio Lando, Lyon, Seb. Greyff, 1534. O opúsculo a seguir aludido é de Gaudenzio Merula (vd. Allen-Garrod, XI, ep. 3127, p. 334, nota 43).

[14] Estêvão Dolet, apaixonado ciceroniano, na linha de Paulo Cortesi e autor do fogozo *Erasmianus siue ciceronianus* (Lyon, Seb. Greyff, 1535).

[15] Vd. Iulii Caesaris Scaligeri *Oratio pro M. Tullio Cicerone contra Des. Erasmum Roterodamum*, Paris, 1531. Quando saiu a *Oratio secunda* (1537), já Erasmo tinha falecido.

[16] Agostinho Eugubino ou Guido Steuco (1496-1549), nascido em Gubbio. Foi bispo de Chissamo e bibliotecário do Vaticano. A respeito de Bero (Bär), vd. Carta **B** XXXI, nota 1.

[17] Allen e Luís de Matos, na dúvida, inclinam-se para João-Jorge Paungartner ou, mais provavelmente Daniel Bomberghen, aquele estudante de Pádua, este, natural de Antuérpia, impressor em Veneza. Quanto à polémica a que esta carta se reporta, vd. *Noese e crise*, II, pp. 117-170.

Carta **B** XLI

[1] Vd. Carta **B** XXIII, nota 1.

[2] O mesmo que *Ecclesiastes* ou *Ecclesiastae* (vd. Carta **B** XL, nota 10). Froben fê-lo sair em Agosto.

Carta **B** XLII

[1] Vd. Carta **B** XXXVIII, nota 5, acerca de Fisher e T. More.

[2] Vd. Carta **B** X, nota 6; para Schets o sogro do Rei português não existia, o que era verdade, mas Erasmo referia-se a Tomás Boleyn.

Carta **B** XLIII

[1] Vd. Carta **B** XXXVII, nota 1.

[2] Vd. Cartas **B** XXIV, nota 1 e XXXVII, nota 5. Sobre Diomedes, vd. Homero, *Ilíada*, 6, 234.

[3] Vd. Cartas **B** XL, nota 10 e XLI, nota 2.

[4] Vd. Cartas **B** XL e XLII.

[5] Vd. Carta **B** XXXVI e nota respectiva.

[6] Cristóvão Longueil (1490-1522), de Malines, apaixonado ciceroniano e grande amigo de Reginaldo Pole, que lhe escreveu a biografia. Não se esqueça que o tema básico desta carta foi provocado por Góis, ao observar em Erasmo um certo afastamento da frase ciceroniana. Ele não levou a mal o atrevimento e procura explicar-se, não sem retorquir que lhe deseja venha um dia a abraçar essa tal elegância estilística tuliana.

[7] Vd. *Adagia*, col. 187.

[8] Vd. Carta **B** XXXI, nota 1. Acerca de Luís Bär ou Ber, ou Bero na forma alatinada, vd. Carta **B** XXXI.

[9] Vd. Carta **B** XXXVIII, nota 5, para Fisher e More, e Carta **B** XLIV.

[10] Prof. na Universidade de Ferrara, filósofo, astrónomo e poeta latino (1471-1540).

Carta **B** XLIV

[1] Vd. Carta **B** XLIII, nota 8.

[2] Luís de Matos, citando o *Dict. Nat. Biogr.*, diz tratar-se de Th. Cromwell; outros (vd. Allen, X, p. 260) apontam para Thomas Audley.

Carta **B** XLV

[1] Vd. Cartas **B** XXIV, nota 1; **B** XXXVII, nota 5 e **B** XLV, nota 9, respectivamente.

[2] Vd. Carta **B** XXXVII, nota 1.

[3] Vd. Carta **B** XLIII, nota 4.

[4] Tiago ou Jacob Sadoleto (1477-1547), ciceroniano como Bembo, secretário de Leão X, bispo de Carpentras e membro da comissão preparatória do Concílio de Trento, amigo e correspondente de muitos vultos da época. A obra aqui citada é o volume «Iacobi Sadoleti Episcopi Carpentoractis *in Pauli Epistolam ad Romanos commentariorum libri tres*» (Lyon, Seb. Greyff, 1535), obra dedicada a Francisco I. Vd. *Noese e crise*, I, p. 301 e Carta **B** LVI.

[5] Vd. Carta **B** XXXVI, e nota.

[6] Vd. Carta **B** XXIII, nota 1. Foi Gilberto quem tratou da venda da casa de Erasmo em Friburgo, antes de partir em Outubro.

[7] Na opinião de Allen, X, pp. 256-260 e de Luís de Matos, em causa está um texto sobre a morte de Fisher e Tomás More traduzido do inglês para italiano por Pole.

Carta **B** XLVI

[1] Vd. Cartas **A** XII e XIII.

Carta **B** XLVII

[1] Quando de regresso a Portugal, chamado por D. João III, Góis encontrou, em Julho de 1533, Roque de Almeida na cidade de Paris; este, querendo ir estudar dois ou três anos para Vitemberga, pede-lhe carta de recomendação para Melanchthon, o início desta relacionação (vd. *Noese e crise*, I, pp. 256 e 298; e Carta **B** XIII, nota 4.).

[2] Vd. *Odisseia*, 8, 388.

Carta **B** XLVIII

[1] Vd. Carta **B** LXV, nota 6. Gilberto Cognato, ou Gilbert Cousin no seu idioma, não retornou. Nomeado cónego de Nozeroy, sua terra natal, aos 29 anos (1535), ainda tentou, mas entretanto Erasmo desaparece (11.VII-1536). Teólogo, pedagogo, católico erasmiano, foi perseguido e chegou a estar preso, morrendo em 1572.

[2] O último fâmulo do roterdamês, que voltaria a ter como amigo Gilberto Cognato, se entretanto não falecesse Erasmo, já que o novo cónego de Nozeroy depressa se encheu da atmosfera «conservadora» do meio em que se ordenou sacerdote (vd. *Noese e crise*, I, pp. 260-161).

Carta **B** XLIX

[1] Vindo da Flandres (Diest) para Salamanca, aí o foi convidar, por carta régia, André de Resende (1533) para preceptor do infante D. Henrique, que acompanhou como arcebispo de Braga e foi por seu turno buscar para aqui a João Vaseu à cidade do Tormes (1537). Vd. também Carta **A** XIX e *Noese e crise*, I, pp. 307 ss.

Joaquim Polites (*Burgher*), de Ter-Goes, estudou na vizinha Lovaina e em Paris, professou em Bordeus onde conheceu André de Gouveia e outros. Deixado o Colégio de Guyenne, estudou Direito em Pádua, viajou pela Itália e foi secretário da cidade de Antuérpia. Dedicou em 1538 uma bela elegia a Damião de Góis (2 de Abril), então em passeio por Nápoles e Roma.

[2] Marco Vigério de Rovere, bispo de Sinigaglia, núncio apostólico.

[3] Vd. *Eneida*, IX, 774-6

[4] Vd. *Sátiras*, I, 5, 41-2.

[5] Francisco de Houwers, de Houwer, Malines. Estudou com Clenardo em Lovaina, reitorou a Escola de Malines e, nesta data, acompanhou Polites a Pádua.

[6] João van Campen, onde nasceu por 1490. Ensinou hebreu no Colégio Trilingue de Lovaina, em Cracóvia e em Veneza.

Carta **B** L

[1] Acerca de Goclénio, vd. Carta **B** XI, nota 5; e de Hovério, Carta **B** XLIX, nota 4.

[2] Conrado Goclénio, Adriano Barlando e Rogério Réscio foram professores no Colégio Trilingue lovaniense. Este último, famoso editor de Góis (vd. Carta **B** XCIX); Barlando, além de humanista, é lembrado também como historiador: *Rerum gestarum a Brabantiae Ducibus historia*, Antuérpia, 1526.

[3] Splinter van Hargen, futuro cunhado de Góis (vd. Cartas **B** LIX e **B** XCVI). Sobre Polites, vd. Carta antecedente.

[4] Vd. *Odisseia*, 17, 218.

Carta **B** LI

[1] Quanto a Segismundo Gelénio e Amerbach, vd. Cartas **B** XXXVI, nota 1 e VI, nota 5. Beato Rhenano ou Bild Rheinauer nasceu em Schlettstadt na Alsácia, hoje Sélestad, em 1485. Humanista e historiador, amigo dos maiores humanistas, sem esquecer Damião de Góis (vd. Cartas **A** XXVII e XXX e suas notas).

Carta **B** LII

[1] Erasmo faleceu na noite de 11 de Julho de 1536. A missiva de Góis, de 15 de Julho, trazida por Beato Rhenano, já não chegou a tempo; e o catálogo para a edição da *Opera Omnia* do roterdamês falhou (vd. a tal Carta **A** XIV, bem como as **A** XV-XVII).

Carta **B** LIII

[1] Poeta da corte (1496-1544) de Francisco I, ensaiou a carreira jurídica. Acusado de simpatia pelos protestantes, foge para Ferrara, em 1536 passa a Veneza e em 1537 já se encontrava em Paris. Morreu exilado em Turim (vd. Carta **A** XVI e notas).

[2] Vd. Carta **B** XXIII, nota 3.

Carta **B** LIV

[1] A respeito de Clenardo, Hovério, Polites e Campense, vd. Carta **B** XLIX.

[2] Professor de Lovaina, amigo de Moro, Vives, Dorp, Erasmo e tantos mais, Francisco de Cranevelt gozou de alto prestígio na cátedra.

Carta **B** LV

[1] Vd. Carta **B** XLIX.

[2] Sobre Resende e Goclénio, vd. Cartas **B** IV, XI, nota 5 e XLIX, nota 1.

[3] Plauto, *Rudens*, 1306.

[4] *Adagia*, col. 353.

Carta **B** LVI

[1] Vd. Carta **A** XVIII e notas; e Carta **B** XLVII. Pedro Beheim ou Pedro de Bechím, na Boémia, colega de Góis nos estudos de Pádua. Tiago ou Jacob Sadoleto (1477-1547), humanista nascido em Modena, ciceroniano, fez Direito e Filosofia em Ferrara, secretariou Leão X, ascendeu a bispo de Carpentras (1517) e a cardeal (1536).

[2] A Carta **B** LVII, com a mesma data de 17 de Junho, é a que Góis cuidou de que chegasse a Melanchthon, como diz na de 1 de Julho a Sadoleto (Carta **A** XVIII).

Carta **B** LVII

[1] Vd. Cartas **B** LVI e **A** XVIII; e bem assim as **B** XXXIV e XXXIX.

Carta **B** LVIIII

[1] Vd. Carta **B** XLIX.

[2] Não retornou. Clenardo (1493-1542) morreu em Granada, onde jaz no Convento de S. Francisco, sem realizar o grande sonho de uma via racional de conversão do Islão e de uma cátedra de árabe em Lovaina. Assim findaram as suas andanças por Marrocos.

[3] Agostinho Giustiniani, bispo de Nébbio (Córsega). Foi capelão de Francisco I e ensinou línguas orientais em Paris (cf. M. Gonçalves Cerejeira, *o.c.*, p. 299, nota 1).

Carta **B** LIX

[1] Splinter van Hargen, descendente dos condes de Haramberg, Hoorn e Monfoort, colega de Góis, e futuro cunhado, em Pádua; foi secretário de Cristóvão Madruzzi, deão da Sé de Trento, bispo desde 1539 e cardeal em 1542 (vd. Cartas **A** XXXI e **B** XCVI).

[2] João Diogo Fugger ou João Jacob Fugger (1516-1575), trineto de João Fugger e continuador da riquíssima família de mercadores que, assim como os Welser e os Hochstetter, tiveram feitoria em Lisboa. Estudou em Bolonha e foi membro do Conselho Imperial (vd. Cartas **A** XXIX e **B** XCI e XCVIII). Adriano Nicolai Marius ou Adriano Everaerts, filho de Nicolas Everaerts, presidente do Conselho de Malines (1505) e do Conselho da Holanda, Zelândia e Frísia (1509); estudou em Lovaina, Bourges e Milão, do Conselho de Utrecht em 1540 e chanceler do Conselho de Guéldria. Morreu em 1568 (vd. Vocht, *Monumenta*).

Carta **B** LX

[1] Filipe Melanchthon (vd. Cartas **B** LVI e **A** XVIII).

Carta **B** LXI

[1] Pedro Bembo (1470-1547), ciceroniano, poeta latino e historiador de Veneza, secretário de Leão X, cardeal em 1539 (vd. Cartas **A** XXI, XXII, XXVI e XXX; e **B** XXXV, LXI, LXXII, LXXIX; XC e C). Damião de Góis casou com a irmã de Splinter, Joana van Hargen, em fins de 1538 ou princípios de 1539.

Carta **B** LXII

[1] Nasceu em Bassano (1479), poeta e professor de Retórica em Roma, Bolonha e Pádua. Notável ciceroniano. Góis foi dissuadido por Erasmo de o ter por mestre particular, devido à idade um tanto avançada (vd. Cartas **B** LXVI e LXVII). Cf. *Noese e crise*, I, pp. 281-282.

[2] Cf. Hesíodo, Os *trabalhos e os dias*, v. 235.

Carta **B** LXIII

[1] Pedro Nanninck, ou Nânio à latina (Alkmaar, 1500-Lovaina, 1557). Dedicou um poema ao nascimento do primeiro filho de Góis, Manuel, em 1540; é a Nânio que Damião dedica a sua *Hispânia*. Foi um dos que clamou por justiça em favor de Góis, aquando da sua prisão após o cerco lovaniense pelas tropas de Francisco I (vd. Carta **A** XXVIII). Nicolau Olah ou Olahus é um humanista húngaro (1493-1568), na roda dos mestres e eruditos da época. Historiador e poeta, secretariou Luís XII da Hungria. Quando Carlos V nomeou a irmã governadora ou regente dos Países-Baixos, acompanhou-a como conselheiro e permaneceu em Bruxelas até 1539. Regressado às origens, foi chanceler do reino (1543), arcebispo primaz em 1553, assim como lugar-tenente do rei (vd. Roersch, *L'Humanisme Belge*, II).

Carta **B** LXIV

[1] Segundo Luís de Matos, que cita A. Polet, a obra em questão é *Demosthenis de immunitate aduersus Leptinem oratio* Petro Nannio Alcmariano interprete, Lovaina e Paris, 1542, com dedicatória a Olah.

[2] Rei da Hungria e da Boémia, Fernando I, também rei dos Romanos desde 1531 e futuro sucessor de Carlos V como imperador da Alemanha.

Carta **B** LXV

[1] Segismundo Gelensky (Praga, 1498-Basileia, 1554), que em 1535 dedicou a Góis as *Annotationes in Plinium* (vd. Carta **B** XXXVI). Célebre comentador e editor, trabalhou com Froben, renomadíssimo impressor de Basileia (vd. Carta **A** X).

[2] Historiador grego (de Cnido) e médico de Artaxerxes II, Clésias viveu também na corte de Susa e escreveu as *Pérsicas* e as *Índicas*, textos acríticos de que Fócio (século IX d.C.) elaborou resumos. Viajante grego, Jâmbulo, regressado da Índia, terá congeminado uma descrição da mesma (vd. Wissowa).

**3** Francisco van Dilft e Carlos van Uutenhove, amigos de Erasmo e seus hóspedes, várias vezes. Francisco Delfo, que foi cónego de Antuérpia, desde 1544 a 1550, ano da sua morte, exerceu a função de embaixador junto de Henrique VIII. Carlos Utenhove ou Utenhóvio, aluno de Basileia e Pádua, chegou a presidente do Conselho provincial da Flandres.

Carta **B** LXVI

**1** Vd. carta **B** LXII.

Carta **B** LXVII

**1** Vd. Cartas **B** LXII e LXVI. O livro de Góis é o dos *Commentarii rerum gestarum in India citra Gangem* […], Lovaina, Rog. Réscio, 1539, no mês de Setembro.

**2** Quanto a Giovio, cf. Carta **B** CI.

Carta **B** LXVIII

**1** Vd. Carta **B** LXVII; e sobre Madruzzi a LIX. Descendente dos barões de Madruzzi, foi eleito bispo de Trento em 5 de Agosto de 1539; a 3 de Julho de 1542 ascenderá a cardeal.

Carta **B** LXIX

**1** Vd. *Odes*, I, 22: «Integer uitae scelerisque purus». Este amigo de Góis, Henrique Loriti, originário do cantão suíço de Glaris, estudou em Berna e Colónia, poeta laureado em 1512, deixou a Basileia protestante e fixou-se em Friburgo onde ensinou história e literatura até se finar em 1566. Editou muitos autores antigos. O *In T. Liuii […] decadas Annotationes* saiu em 1540. O opúsculo que aqui agradece a Góis é o dos *Commentarii*.

**2** O *Dodecachordon*, em termos de Albin Beau, é «o mais importante tratado de música no início da época moderna». Contém a composição musical de Góis intitulada *Ne laeteris inimica mea*.

**3** Guido de Genève, filho de Aymon de Genève, conselheiro do duque de Sabóia.

**4** Francisco Próspero, terceiro filho de Aymon, como escreve Luís de Matos citando um nobiliário saboiano.

**5** *In Caii Iulii Caesaris […] Commentarios de bello Gallico ac ciuili […] Annotationes* (Friburgo, Emmeus, 1538). Com o mesmo título a obra saiu em Lyon, em igual data e com a mesma dedicatória.

**6** Humanista do círculo de Luís Ber (vd. Carta **B** XXXI), Erasmo, Zásio, Amerbach e cónego de Basileia. J. Calceatoris nasceu em Brisgau, junto a Friburgo; daí o *Brisgoicus*. Foi professor de teologia nesta Universidade.

**7** Dos Hohenrollern-Sigmarigen.

**8** Esta obra veio a lume em Basileia (1538).

Carta **B** LXX

**1** Até àquela data havia Góis publicado a *Legatio* (1532), o *Catão maior ou da velhice* (1538) e os *Commentarii* (1539), além do *Ecclesiastes* (1538), desaparecido, do qual Thomas Earle encontrou um exemplar em Oxford, em 2000.

**2** O vol. *Commentarii rerum gestarum* (1539). Tidemano Giese (1480-1549) de família patrícia de Danzig, estudou em Leipzig, foi secretário de Segismundo da Polónia e cónego de Frauenburg, onde estreitou amizade com Copérnico, seu primo, cuja teoria defendeu contra Osiandro. Sucedeu a João Dantisco no bispado de Culm em 1538. Em 1548 era bispo de Ermeland. É autor do *Antilogicon* (1525) contra Lutero e escreveu outras obras com objectivo de conciliar as igrejas desavindas, na esteira de Erasmo e alguns mais. Góis conheceu-o nas suas viagens à cidade hanseática e à corte polaca (cf. Vocht, *Monumenta*, p. 612; e Cartas **A** I-II e notas.

Carta **B** LXXI

**1** Sadoleto refere-se à *Legatio* (Antuérpia, Grapheus, 1532) e ao *Commentarii rerum gestarum in India citra Gangem* (Lovaina, Rog. Réscio, 1539). Vd. também Cartas **A** XVIII e **B** LVI, LVII e LX). Note-se que o título do segundo opúsculo só será parecido com o que Sadoleto escreve, quando sair nos *Opuscula* (1544): *Diensis Nobilissimae Carmaniae seu Cambaiae urbis oppugnatio*.

Carta **B** LXXII

[1] O vol. *Commentarii* (1539).

[2] Vd. carta **B** LXIII.

Carta **B** LXXIII

[1] Cónego da Sé de Évora, notável ciceroniano, secretário do infante D. Henrique, de «estilo puro, elegante, castiço» como escreve Clenardo que, como poeta o pospõe a Resende (vd. Carta **B** LXXVII). A oferta é o *De Patientia Christiana* (1540), que adiante (Carta **B** LXXXIII) aparece enviada ao cardeal Bembo; e na **B** LXXV a Damião de Góis.

Carta **B** LXXIV

[1] Vd. Cartas anteriores: **A** XVIII e **B** LVI; LVII e LX.

Carta **B** LXXV

[1] O vol. *Commentarii* (1539), já citado amiúde.

[2] Trata-se de *Serenissimi et Illustrissimi Principis D. Alphonsi S. R. E. Cardinalis ac Portugalliae infantis consecratio* (Coimbra, Santa Cruz, 1536). Vd. também Carta **B** LXXXIII.

Carta **B** LXXVI

[1] Adam Karolyi, húngaro, conheceu Damião em Lovaina, onde estudou no Trilingue e granjeou altas amizades, como se vê no findar desta missiva. Secretariou o rei dos Romanos Fernando I, de quem também foi conselheiro (vd. Vocht, *Monumenta*). A oferta goisiana do *Fides* recebe, ao mesmo tempo, elogios de Cantiúncula ou Cláudio Chansonette, que estava com Karolyi em Neustadt. Chansonette (1488-1560) foi antecessor de Bonifácio Amerbach na Universidade de Basileia, como reitor e bem assim, na cátedra de Direito.

[2] Rogério Réscio e Pedro Nanninck ensinaram no Trilingue; Grapheus foi o primeiro mestre de latim para Góis, quando escrivão da Feitoria de Antuérpia (vd. Cartas **B** I-II, **A** XXVIII, **B** LXIII, XXIV, LXXXVIII e XCIX).

Carta **B** LXXVII

[1] Vd. Carta **B** XLVII, nota 1.

[2] Vd. Carta **B** LXXIII, nota 1.

Carta **B** LXXVIII

[1] Justo Velsius, nome alatinado de Josse Welsens (1502-1582), nasceu em Haia e estudou medicina em Bolonha, mas era também adestrado em matemática, filosofia e línguas antigas. Suspeito de protestantismo, mudou de Antuérpia e de Lovaina para Estrasburgo e depois para Colónia, onde ensinou filosofia e grego. O vol. citado é Hippocratis Coi *De insomniis liber* (Antuérpia, 1541), dedicado a Góis.

Carta **B** LXXIX

[1] O livro *Fides, religio, moresque Aethiopum* (Lovaina, 1540; Paris, 1541); o dos *Commentarii* já havia sido oferecido anteriormente e a Bembo foi dedicado (vd. Cartas **A** XXI e XXII e **B** LXXII).

[2] Manuel de Góis, nascido em 1540, a quem Nanninck dedicou, um belo poema (vd. *Opuscula* de 1544). O pai matriculou-o em 19 de Novembro do mesmo ano na Universidade de Lovaina, onde ele mesmo fez matrícula, ao vir de Pádua, em 4 de Julho de 1539. Em 11 de Maio de 1555, Manuel de Góis oficializa tal matrícula de 15 anos antes, agora acompanhado do irmão Ambrósio, um ano mais novo.

Carta **B** LXXX

[1] Trata-se do vol. dos *Commentarii* (1532). João Rodrigues de Sá de Meneses (1465-1576), aluno de Policiano, notável poeta do *Cancioneiro Geral*, cultivou o latim e o grego, tendo sido tradutor de Homero, Píndaro, Anacreonte e Ovídio. Combateu em Azamor e Arzila, e foi embaixador de

D. Manuel e D. João III. Amigo de Sá de Miranda, de quem era parente, de Damião de Góis e de Diogo Bernardes.

[2] Cf. *De coniuratione Catilinae*, VIII (vd. Luís de Matos, *L'expansion portugaise dans la littérature latine de la Renaissance*, pp. 56-62; e ainda a Carta **A** XXXIII, acerca da necessidade de um canto épico, manifestado por Góis em 1548).

[3] Vulgarmente eram duas, correspondendo à Polónia e à Rússia. As três seriam, segundo uma opinião, as regiões polaca, moscovita e caucásica.

Carta **B** LXXXI

[1] Pole (1500-1558) estudou em Oxford e Pádua. Opôs-se ao divórcio de Henrique VIII e não quis suceder a Wolsey como arcebispo de Iorque. Depois de partir para Pádua em 1532, recusou regressar a Inglaterra. Elevado a cardeal, com Caraffa e Sadoleto em 1536, pertenceu à comissão preparatória do Concílio. O livro que aqui agradece a Góis é a *Fides, religio moresque Aethiopum* (1540).

[2] Ricardo Morison foi de Oxford para Pádua, formando-se ali em Direito. Chegou a elogiar Pole, que lhe matava a fome e o recebia na sua casa em Veneza. Depois, esquecido disto e calvinista retinto, injuriou-o num opúsculo. Tinha grande ascendente na corte inglesa (vd. Carta **A** XXV e *Noese e crise*, I, pp. 337-338).

[3] Cf. Carta **A** XXV e notas respectivas

[4] Vd. *Ilíada*, XII, 243.

Carta **B** LXXXII

[1] Jöns Mansson nasceu em Linköping (1488), donde o apelido de *Gothus* que adoptou. Estudou no Trilingue de Lovaina e em Colónia. Por causa dos luteranos, exila-se, em 1526, em Dantzig, vindo da Suécia onde era legado de Adriano VI, de quem fora aluno. Elevado a arcebispo de Upsala em 1533, troca Dantzig por Vicenza, Mântua, Roma, onde faleceu em 1544. O livro aqui referido é a *Fides*, onde se encontra a «Lappiae descriptio» ou «Descrição da Lapónia».

[2] Saíram póstumas duas obras, a cuidado do seu irmão Olavo ou Olau: *Metropolis Ecclesiae Upsalensis* (Roma, 1557) e *Gothorum Sueonumque historia* (Roma, 1554). Vd. Cartas **A** I-II.

[3] Olof Mansson, ou Olaus Magnus em latim, sucedeu ao irmão como 27.º arcebispo de Upsala (1544). Tomou parte no Concílio de Trento. Deixou a *Historia de gentibus septentrionalibus… libri XXII* (Roma, 1555) e *Carta marina et descriptio septentrionalium terrarum* (Veneza, 1539).

[4] A existência desta Carta (cf. Brita Larsson, *Johanne's Magnus' Latin Letters*. A *Critical Edition with Introd. and Commentary*, Lund, 1992) escapou neste trabalho sobre a epistolografia de Gothus.

Carta **B** LXXXIII

[1] Vd. Cartas **B** LXXIII, LXXV e LXXVII, bem como **A** XXI, XXII e XXVI.

[2] De facto, o *De Patientia Christana liber unus* (1540), contém, além de outro texto aqui citado, mais três poemetos (cf. Sebastião Tavares de Pinho, *Humanismo em Portugal* (2 vols.), Lisboa, INCM, 2006).

Carta **B** LXXXIV

[1] Acerca de Madruzzi, vd. Cartas **B** LIX, nota 1, e **A** XXXI e XXXVI. Recorde-se que foi a Madruzzi que Glareano dedicou o *Dodecachordon* (Basileia, H. Petri, 1547).

[2] Ambrósio de Góis, que com o irmão Manuel foram estudar para a Universidade de Lovaina, com matrícula em 11 de Maio de 1555, mas vivendo em casa do tio Splinter van Hargen desde 1554.

[3] Vd. Carta **B** LIX, nota 1.

Carta **B** LXXXV

[1] Vd. Carta **B** LXXXII e notas.

[2] A *Fides, religio moresque Aethiopum*, em cujo remate vem a *Lappiae descriptio*, a descrição da Lapónia. Vd. também Cartas **A** I-II.

[3] Vd. Carta **B** LXXXVI.

Carta **B** LXXXVI

[1] Trata-se da *Fides* (1540). Vd. Cartas **B** LXXXII e LXXXV.

[2] O cardeal de Santa Cruz (1540) é Marcelo Cervini, com variada bibliografia e prefeito da Biblioteca Vaticana; ascendeu a Papa em 1555, com o nome de Marcelo II, mas faleceu três semanas após (vd. Pastor). João Magno Gothus morreu no hospital citado em 1544, onde esteve internado quatro anos e com subsídio de Paulo III.

Carta **B** LXXXVII

[1] João Was, de Bruges, matriculou-se na Universidade de Lovaina em 1527; seguiu depois para Espanha ao serviço de Fernando Colombo (1531); casou em Salamanca, de cuja tutoria na Universidade o chamou Clenardo para Braga em 1537, indo para Évora em 1541. De 1550 a 1561, data da morte, foi professor na cidade do Tormes.

[2] João Paludano matriculou-se em 1525 na Universidade de Lovaina, em Leis, e aí conheceu o autor desta carta de Évora e certamente Góis.

[3] A *Fides* que teve o «nihil obstat» da Universidade de Lovaina (12.VI.1541) encontrou cá dificuldades censórias, o que desaponta Vaseu.

Carta **B** LXXXVIII

[1] Trata-se da *Hispania* (Lovaina, Rog. Réscio, 1542), que Góis lhe dedicou como oferta manuscrita e Nanninck lançou aos prelos, com este honroso elogio (vd. Cartas **A** XXVIII e **B** LXIII-LXIV).

Carta **B** LXXXIX

[1] Não são conhecidas cartas de Góis a Jorge Coelho (vd. Cartas **B** LXXIII, LXXXIII e LXXV). A respeito da opinião sobre a *Fides*, cf. Carta **B** LXXXVII de Vaseu a Góis:

Carta **B** XC

[1] Bild Rheinauer (Schlettstadt, 1485-1547), alsaciano da cidade cujo nome se afrancesou para Sélestad. Humanista, historiador e comentador erudito, perito em línguas clássicas. Deixou notável bibliografia: *Rerum germanicarum libri três* (1531), *Opera omnia* de Tertuliano e Orígenes, além de textos de outros autores. Foi o supervisor das obras completas de Erasmo, na edição frobeniana de 1540. As ofertas de Góis aqui aludidas são a dos *Commentarii* e a da *Fides* (vd. Cartas **A** XXVII e XXX). Nas notas desta última discute-se o que seriam os tais opúsculos de Tertuliano.

Carta **B** XCI

[1] João Jakob Fugger (1516-1575) estudou em Bolonha. Membro de uma família de potentados e mecenas, o tio António Fugger associou-o (1536) à célebre firma de mercadores, muitos dos quais ascenderam a condes e príncipes. Os Fugger tiveram feitoria em Lisboa. Sobre Sebastião Münster e a sua crítica às observações que Góis lhe fez em *Hispania* (1542), vd. Cartas **A** XXVIII e XXIX; e **B** CII-CIII, coligidas no início e no fecho do *Ptolemeu* (1545), que é a *Geographia uniuersalis uetus et noua*, cuja primeira edição data de 1540. Fez o mesmo na *Cosmographiae uniuersalis libri VI*, quer no texto latino quer na de texto alemão.

[2] Conrado Peutinger (Augsburgo, 1465-1547), antiquário, arqueólogo e humanista; doutor *in utroqu*e, cursou as universidades de Pádua, Florença, Bolonha e Roma. Foi diplomata com Maximiliano e com Carlos V. O mss. em questão é o *Cod. hisp. n.º 27*, hoje na Biblioteca de Munique. Trata-se do *Manuscrito Valentim Fernandes*, editado por A. Baião em 1940, a expensas da Academia Portuguesa da História.

Carta **B** XCII

[1] Vd. cartas **A** XXVII e XXX e **B** XC.

[2] Ocupação da Hungria pelos turcos e ataque das tropas de Fernando I, rei dos Romanos, mas sem êxito (vd. Carta **B** LXXVI) imediato.

Carta **B** XCIII

[1] Wilhelm Snoeckart Agrippa, humanista e diplomata de Carlos V e autor da obra panegírica *De Republica, uita et gestis Caroli V* (Gand, 1560). Vd. *Bibliogr. Nat. de Belgique*.

[2] Luís de Praet ou Luís de Flandres, misto de político e mecenas da cultura, embaixador de Carlos V na Inglaterra e na França, membro do Conselho Imperial; assim como João van den Straeten ou Stratius. Este último, de nobre família da Flandres, Góis conheceu-o em Itália. Serviu os reis da Polónia e da Hungria (vd. Carta **B** XXXIX), mas não será o mesmo que Luís de Matos identificou como o «Stratio Polono» e colocou na epígrafe da carta de Melanchthon, em vez de «a certo amigo» (em 21.III.1535).

Carta **B** XCIV

[1] Viglio Aytta van Zwichem (1507-1577), povoação da Frísia; jurista de prestígio, publicou em 1533 (Basileia, Froben), as *Institutiones iuris ciuilis* de Theophylo, foi conselheiro imperial, grande amigo de Amerbach e de Erasmo, que chegou a convidá-lo para sua casa com promessas da herança se lá permanecesse até ao seu decesso, e ensinou em várias universidades. João Georges Hermann, de Augsburgo e parente dos Fugger, estudou em Avinhão, Bourges e Pádua, onde conheceu Góis. Em Bourges e Avinhão foi aluno de Aytta.

[2] Maria de Hungria, regente, irmã de Carlos V.

[3] *Commentarii rerum gestarum* (1539).

[4] Acerca da prisão de Góis e do *maire* de Lovaina Adriano de Blehen, vd. Cartas **A** XXXI, **B** XCVI e *Noese e crise*, I, pp. 357-360.

Carta **B** XCV

[1] Acerca de Giese e género de escritos, cf. Carta **B** LXX. O vol. goisiano aqui oferecido é a *Fides* (1540); os dois filhos são Manuel e Ambrósio. Espírito grandemente conciliador, tentou, como Sadoleto, demover Melanchthon, como ressalta de seus trabalhos, um dos quais terá sido este que oferece a Góis.

Carta **B** XCVI

[1] A respeito de Splinter e do assunto desta missiva, vd. Cartas **B** LIX e XCIV.

Carta **B** XCVII

[1] Vd. Cartas **A** I-II, XXIII, XIV e XXXI e **B** LXXXII, LXXXV e XCIV. Olau ou Olavo (*Olof*) Magno Gothus é o irmão que sucedeu a João Magno no arcebispado de Upsala, arquidiocese de que jamais pôde tomar posse.

[2] Sobre o cativeiro de Góis, vd. Carta **B** XCIV e *Noese e crise*, I, pp. 358-360.

[3] Como aconteceu com a Carta **B** LXXXII, Brita Larsson, na sua edição crítica da epistolografia de Gothus (1992) não suspeitou da existência desta, que os *Opuscula* goisianos (1544) resguardaram até hoje e cuja primeira versão em português, de Miguel Pinto de Meneses, M. Cadafaz de Matos inseriu no II vol. das *Obras de Damião de Góis*, Lisboa, Távola Redonda, 2006.

Carta **B** XCVIII

[1] Vd. Cartas **B** XCI e **A** XXIX; e *Noese e crise*, I, pp. 349-353. O opúsculo de Nanninck em defesa de Góis intitula-se Petri Nannii Alcmariani *Oratio de obsidione Louaniensi* […], Lovaina, S. Zasseno, 1453.

[2] Em Outubro de 1543, Góis dirigiu-se à sua Universidade: «Ad amplissimum almae Universitatis louaniensis Collegium» (vd. Vocht, *Monumenta*, pp. 646-663). Em 1546 publica em Lisboa (Luís Rodrigues) a *Urbis Louaniensis obsidio*, cujo conteúdo é essencialmente o mesmo, divergências apenas na construção frásica.

Carta **B** XCXIX

[1] Guilherme Bernaerts van Thiett (1520-1572) formou-se em medicina, depois de completar artes. Exerceu o magistério no Colégio do Castelo, em Lovaina. O folheto de que fala, perto do final

da carta é o *Erasmi Roterod. Compendium Rhetorices*, escrito propositadamente para Góis pelo roterdamês no verão de 1534, com Damião na sua companhia desde Abril a Agosto, antes de partir para a Universidade de Pádua.

[2] Hermógenes de Tarso (século II d.C.), cuja *Arte retórica* foi muito lida e estudada. Jorge de Trebizonda (1396-1484), que com Teodoro Gaza e outros vindos de Constantinopla, impulsionaram o Renascimento em Itália.

Carta **B** C

[1] Vd. Cartas **A** XXII E XXVI e **B** LXI e LXXII. A poesia panegírica a Bembo não aparece no catálogo geral das obras resendianas organizado por Francisco Leitão Ferreira e incluso por Cadafaz de Matos em *Algumas obras de André de Resende*, II (1529-1551), Lisboa, Távola Redonda, 2008, pp. 19-41; também não se encontra no I, saído na mesma editora em 2000. Barbosa Machado igualmente ignora tal composição.

[2] Na opinião de Luís de Matos, a personagem em causa é Gaspar Barreiros, falecido em 1574, enviado pelo cardeal D. Henrique a Roma, em 1546, para agradecer ao Sacro Colégio o cardinalato.

Carta **B** CI

[1] O não andamento da proposta de Giovio a D. João III para historiador da gesta portuguesa terá originado estes azedumes. O primeiro aconteceu no *De legatione Moscouitarum* (1525) a propósito do monopólio luso das especiarias e da sua conservação, crítica a que Góis respondeu no final dos *Commentarii*; agora é o tratamento omisso a portugueses nos *Elogia doctorum uirorum* (Basileia, 1542 e 1545; Ferrara, 1546, entre outras edições que se seguiram). Paulo Giovio (1483-1552) foi médico, historiador, bispo de Nocera e professor na Sapienza, em Roma, mas com casa em Lário, às margens do Como. Diogo Pires (1517-1607) nasceu em Évora, de origem judaica; estudou em Lovaina e Paris, foi poeta distinto e médico. Saiu de Portugal em 1535 e morreu na Jugoslávia, em Duvrovnik (vd. Carlos A. André, *Diogo Pires e a memória de Portugal*, Coimbra, 1992).

[2] Henrique Caiado, Luís Teixeira, Diogo Pacheco, este o orador das embaixadas a Júlio II (1505) e a Leão X (1514), são bem conhecidos, assim como os que a seguir Diogo Pires nomeia (cf. Virgínia Rau, «Studenti ed eruditi porthogesi in Italia», in *Estudos italianos em Portugal*, 36 (Lisboa, 1973); e Luís de Matos, *Itinerarium Portugallensium* (Lisboa, 1992), no estudo introdutório.

Carta **B** CII

[1] Sebastião Münster (1498-1552), franciscano aderente à Reforma, orientalista e cosmógrafo, professor em Basileia e Heidelberg.

[2] Em *Appendix geographica* do Ptolomeu, *Geographia universalis uetus et noua* (Basileia, 1540), Münster critica a rudeza e primitivismo hospitaleiros peninsulares, a avidez e gula nos banquetes, a verbosidade sofística, etc.; ao que Góis responde em *Hispania* (1542) e Münster faz réplica em 1545 e 1550. Esta carta prefacial e a posfacial seguinte encontram-se em *Cosmographiae uniuersalis lib. VI* [...] *Autore Sebast. Munstero*, Basileae, Henricus Petri. M.D.L.

Carta **B** CIII

[1] Vd. Carta anterior.

[2] A juntar a esta réplica que repisa o prefácio, Th. Earle, citando Jeremy Lawrence, observa que Münster escarnecia de Góis por não saber hebraico (cf. *O Livro do Eclesiastes*, Lisboa, Gulbenkian, 2002, p. 25).

Carta **B** CIV

[1] Carta nuncupatória do *Dictionarium iuuentuti studiosae*, que Jerónimo Cardoso publicou em 1551 (Coimbra, João da Barreira e João Álvares), com reimpressão em 1562 (João Álvares) e em 1587 (João da Barreira).

[2] Filho primogénito de Damião de Góis e Joana van Hargen, irmã de Splinter (vd. Cartas **B** LIX e XCVI), nasceu em Lovaina em 1540 e lá foi universitário, na companhia do irmão Ambrósio, a partir de 1555. Jerónimo Cardoso, lamecense, humanista e pedagogo, o primeiro dicionarista nosso

mais antigo e poeta, terá nascido à volta de 1508 e morreu entre 1564 e 1569. Sem ser lente da Universidade, proferiu aí a última oração de sapiência (1.X.1536) antes da transferência daquela para Coimbra (vd. também Carta **A** XXXV).

Carta **B** CV

[1] *Vrbis Olisiponis descriptio* (Évora, André de Burgos, 1554) (vd. Carta **B** CIV).

[2] Vd. Platão, *Laques*, 188b e frg 22, v. 7 Diehl.

Carta **B** CVI

[1] Importantes relações comerciais com as cidades da Hansa desde os inícios do século XVI contaram com a primeira carta de privilégio em 1503 e originaram muitas mais. Durante os reinados de D. Manuel e D. João III, houve ao todo dezasseis, situação que começou a anuviar-se nos últimos anos do Piedoso, falecido em 1557, na regência de D. Catarina (1557-1562), de D. Henrique (1562-1568) e de D. Sebastião. Hans Pelke, como Góis lhe chama no *Processo*, era agente de Danzig em Lisboa (vd. Oliveira Marques, *Damião de Góis e os mercadores de Danzig*, 1959).

[2] À epígrafe, Danzig apôs esta observação: «Ex̃t 27 Martii Anno 1566», isto é, «saída em 27 de Março do ano de 1566».

Carta **B** CVII

[1] Segundo Oliveira Marques, esta carta é do João von Pelken, enviada para Colónia neste provável intervalo de tempo.

[2] D. Henrique era apenas regente, então. Nas primeiras linhas refere-se, como se adivinha, a velha Torre do Tombo.

[3] Segundo filho de Góis, nascido na Holanda em 1541 e ex-escolar da Universidade de Lovaina.

[4] Por «austríacos» entenda-se *hanseáticos*, gente de Leste.

[5] [EIVSDEM GERMANICHE HODIERNA INTERPRETATIO] Eingang des Briefes habe ich noch nicht – dem König unsere Antwort. Der Grund dafür ist ein Kastell benannt Lissabon, in dem ein Gewölbe ist mit einer Kammer oder einem Raum, darinnen aller vorigen Könige desgleichen, des jetzigen Königs Bücher liegen, in denen alle inländischen und ausländischen Privilegien und Rechte niedergeschrieben sind. Demselben, der die Bücher bewahrt und in Händen hat, stehe ich nahe und bin wohl bekannt, denn er ist den Deutschen sehr zugetan und ist mit einer Deutschen, in Hagen geboren, verheiratet. Er hat in Deutschland viele Städte und Länder besucht, er ist in Lübeck, in Danzig, auch in Königsberg gewesen, obwohl er Portugiese, von hochem Adel ist und Damian von Goes genannt wird.

Denselbigen oder seinem Sohn Ambrosius von Goes, der sein Amt verwalten oder besitzen soll, nach seinem Tode ihm gegeben und ihm auch zugesagt und ihm 100 Dukaten zu schenken versprochen, wenn so von mir oder solche Privilegien von den Österreichern gefunden wurden, denn bis zur Zeit wurden sie noch nicht gefunden. Deshalb sind viele Bücher zu konsultieren.

Hätte ich oder irgendeine Anordnung von den Herren, die den Brief geschrieben haben oder haben schreiben lassen oder eine Kopie von dem Brief und welcher König oder sein Name gewesen ist, der die Privilegien der Österreicher gegeben hat, so würden wir hier solches bald finden können. Es wäre gut gewesen, dass ich die Kopie des Briefes gehabt hätte. lch habe hier einen Mann oder zwei in solchen Dingen zu Rat genommen. Sie raten mir, dass ich den Brief nicht beantworten soll. lch habe dann darauf bestanden, welche Art von Privilegien in des Königs Büchern steht und wenn auch möglich, E. L. würden mir mit der ersten Post die Kopie des Briefes senden.

Sie berichten mir auch, dass der Kardinal in solchen und anderen Sachen in keiner Weise verstehen will und die Leute abweist und sagt, er sei nicht mehr als der Governeur oder des Königs Vormund und solche oder andere Sachen nicht auf sich nehmen will. Denn sobald der König zum Regieren kommt, so macht er dann, was darin steht. Weshalb es also v. l. von hier nichts Besonderes mehr zu schreiben gîbt, denn möge Gott, gebe ich euch mit der ersten Post Nachricht, wie es laufen wird.

Carta **B** CVIII

[1] A oferta é agradecida por Góis em missiva de 24 de Junho de 1567 (vd. Carta **A** XXXVII), com protestos de prosseguir na defesa dos justos direitos dos mercadores de Danzig. Segundo Oliveira

Marques, em Julho de 1567 D. Henrique concede a desejada carta de privilégio, a confirmar e renovar a de 1517, como decerto os peticionários já aguardavam há alguns meses.

[2] A esta epígrafe dupla Danzig apôs a observação: «Ext 27 Aprilis Anno 67», isto é, «Saída em 23 de Abril do ano de 1567».

Carta **B** CIX

[1] Três anos volvidos sobre a concessão da carta renovadora dos privilégios, os mercadores clamavam de novo. O próprio João von Pelken chegou a estar preso, acusado de vender farinha estragada. As queixas durante o reinado de D. Sebastião suscitaram nova carta em 1578 (vd. Oliveira Marques, *o.c.*).

[2] À epígrafe Danzig acrescentou: «Ext 8 Janu. Anno 70», quer dizer, «Saída em 8 de Janeiro do ano de 1570».

Carta **B** CX

[1] D. Jerónimo Osório (1514-1580), teólogo, humanista, historiador. Estudante em Salamanca, Paris e Bolonha, professor em Coimbra, arcediago de Évora, bispo de Silves, é o maior ciceroniano português, admirado em Cambridge e noutros centros culturais. O seu *De rebus Emmanuelis* […] *gestis* teve muitas edições, quer em latim quer em línguas vernaculares.

[2] D. Henrique (1512-1580) ouviu aulas de Clenardo, que o acompanhou quando arcebispo de Braga; foi depois (1540) arcebispo de Évora, cardeal (1545), arcebispo de Lisboa (1564), inquisidor-mor desde 1539, regente do reino (1562-1568) e rei (1578-1580), após Alcácer Quibir.

[3] A versão portuguesa desta obra de Jerónimo Osório e da referida carta nuncupatória devem-se a Filinto Elísio (Lisboa, 1804), com 2.ª edição por Joaquim Ferreira (Porto, 1944). Fernando Moreira, o mais recente e erudito editor de Filinto, deu-nos há pouco a terceira, no vol. XII das *Obras Completas* (Braga, APPACDM, 2006). Vd. também Sebastião Tavares de Pinho, *Humanismo em Portugal* (2 vols.), Lisboa, INCM, 2006.

(Página deixada propositadamente em branco)

# ÍNDICE ONOMÁSTICO

**B**

**C**

**H**

**M**

**Q**



**R**



**S**

**T**



**U**

# ÍNDICE GERAL

Cólofon


I
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U


U
C